Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia

TOMO I

**ARQUEOLOGIA E SEMIÓTICA DO ESPAÇO
DOS TEMPLOS DE JUDÁ EM SEU CONTEXTO LEVANTINO**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu
de Arqueologia e Etnologia da Universi-
dade de São Paulo, para a obtenção do
título de Doutor em Arqueologia

Imagem: Acervo do autor. Produzido por Rodrigo Araújo de Lima, 2018

Jorge Luiz Fabbro da Silva

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari

São Paulo - 2018

labeca

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

JORGE LUIZ FABBRO DA SILVA

Arqueologia e Semiótica do Espaço
dos Templos de Judá em seu Contexto Levantino
(versão corrigida)

São Paulo

2018

JORGE LUIZ FABBRO DA SILVA

Arqueologia e Semiótica do Espaço
dos Templos de Judá em seu Contexto Levantino

Tese apresentada ao Museu de
Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Doutor em
Arqueologia

Linha de Pesquisa: Arqueologia e
Identidade

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina
Nicolau Kormikiari Passos

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

S586 Silva, Jorge Luiz Fabbro da
Arqueologia e semiótica do espaço dos templos de Judá em seu contexto levantino / Jorge Luiz Fabbro da Silva ; orientadora Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos. -- São Paulo, 2018.

Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2018.

1. Arqueologia. 2. Semiótica do espaço. 3. Levante. 4. Idade do Ferro. 5. Templos. 6. Judá. I. Passos, Maria Cristina Nicolau Kormikiari. II. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. III. Título.

Nome: FABBRO DA SILVA, Jorge Luiz

Título: Arqueologia e Semiótica do Espaço dos Templos de Judá em seu Contexto Levantino

Tese apresentada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em Arqueologia

Aprovado em: 7 de junho de 2018.

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos

Instituição: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata

Instituição: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Lilian De Angelo Laky

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Tamar Hodos

Instituição: School of Arts, University of Bristol

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. William Barbosa Gomes

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Às gerações que ainda me inspiram:

minha mãe Lucia;

minha filha Julie.

AGRADECIMENTOS

O resultado mais gratificante deste trabalho foi, para mim, ter propiciado a estimulante interação e, em vários casos, o desenvolvimento de amizade com pessoas realmente excepcionais, o que só me alegra e honra. Dentre elas, de modo muito especial, agradeço:

À Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, por ter tão solícitamente se disposto a atuar como orientadora e por ter, desse modo, auspiciosamente aberto a um orientalista as portas de uma instituição tradicionalmente voltada para Arqueologia Brasileira e para a Arqueologia Clássica; pela minuciosa leitura dos capítulos que a ela submeti; e por suas sempre pertinentes, cordiais e inestimáveis críticas e recomendações;

Aos Professores Doutores Eduardo Góes Neves, Elaine Farias Veloso Hirata e Vagner Carvalheiro Porto por terem cuidadosamente lido o extenso projeto inicial e oferecido tantas e tão úteis ideias e recomendações, às quais devo a depuração, em vários detalhes, dos objetivos, método, conteúdo, conclusões e formato aqui apresentados;

A toda a equipe do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (Labeca-MAE-USP), sob a entusiástica liderança da Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano, pelo acolhimento fraterno e ambiente estimulante, tão necessários ao desenvolvimento saudável de um longo processo de pesquisa que, de outro modo, teria sido extenuante;

À Profa. Dra. Elizabeth Bloch-Smith, do Princeton Theological Seminary, especialista na arqueologia do culto do antigo Israel, sob cuja supervisão tive minha primeira experiência de campo nas escavações da fenícia Tel Dor, por ter generosamente disponibilizado vários de seus escritos, alguns ainda não publicados; por ter vindo ao Brasil em 2015, a meu convite, ministrar elucidativas palestras sobre questões diretamente relacionadas ao tema deste trabalho; e pelas conversas pessoais que se seguiram, sempre agradáveis e estimulantes;

Ao Prof. Dr. Yosef Garfinkel, do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, sob cuja direção participei das escavações da judaíta Khirbet Qeiyafa, por ter tão gentilmente me presenteado com exemplares dos relatórios finais das escavações desse sítio; por ter disponibilizado cópias de praticamente todos os artigos científicos até então publicados, seus e de outros autores, sobre a arqueologia de Qeiyafa, inclusive sobre os templos-modelos nele encontrados; e, sobretudo, por ter aceito meu convite para vir ao Brasil ministrar diversas e muito instrutivas palestras sobre esses achados;

Ao Prof. Dr. Mark Stratton Smith, pelas densas e provocantes palestras sobre os paralelos entre o culto de Ugarit e o culto do antigo Israel que realizou no Brasil, a meu convite, ao tempo em que ocupava a Cadeira Skirball de Estudos da Bíblia e do Antigo Oriente Próximo no Departamento de Estudos Hebraicos e Judaicos da University of New York; pelos vários livros e artigos de sua autoria com que gentilmente me agraciou; e, mui especialmente, pelos esclarecedores *insights* com que animou nossas conversas pessoais;

Ao Prof. Dr. Ze'ev Herzog, Professor Emérito do Departamento de Arqueologia e Culturas do Oriente Próximo da Universidade de Tel Aviv, por tão gentilmente ter-me enviado cópia de seu importante artigo, de 2002, em que, para remediar o fato de o relatório final das escavações da judaíta Tel Arad, realizadas na década de 1960, não ter sido ainda publicado, apresenta o mais recente relatório provisório e reavalia os dados e as interpretações anteriormente propostas;

Ao Prof. Dr. Aren Maeir, da Bar-Ilan University, por tão prontamente ter disponibilizado cópia de grande número de artigos científicos, seus e de outros autores, sobre as escavações da filisteia Tell es-Safi/Gath, especialmente sobre os artefatos e instalações de culto ali encontrados;

Ao Prof. Dr. William Barbosa Gomes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que, na quase arqueológica década de 1970, apresentou-me à fenomenologia e suas implicações epistemológicas, ainda hoje fundamentais na teoria da ciência em geral e da arqueologia em particular, por ter compartilhado comigo parte de sua mais recente e iluminadora produção científica no campo da fenomenologia, inclusive textos ainda não publicados, e por ter atentamente lido uma versão condensada deste trabalho, em parte com olhos do semioticista

e, receio, na maior parte, com olhos do amigo, o que talvez explique ter visto nela tantos méritos; e

A Evelyn Thais de Almeida e Hillel Silberklang, por terem, de modo sempre atencioso, responsável e eficiente, prestado inestimável ajuda como assistentes de pesquisa bibliográfica, sacrificando tempo considerável de seus estudos de pós-graduação, respectivamente, na Andrews University (USA) e na Universidade Hebraica de Jerusalém (Israel).

כָּכֹל אֲשֶׁר צִוָּה יְהוָה

conforme tudo o que YHWH ordenou

Ex 39:42

RESUMO

FABBRO DA SILVA, J. L. **Arqueologia e Semiótica do Espaço dos Templos de Judá em seu Contexto Levantino**. 2018. 471 f. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2018.

Recentemente e quase simultaneamente, quatro novas instalações de culto da Idade do Ferro (1200-586 a.C.) foram trazidas à luz por escavações arqueológicas em Israel, todas presumivelmente no território do antigo Reino de Judá, apresentando sinais de estarem de alguma forma conectadas ao governo: três são santuários em Khirbet Qeiyafa e uma é um templo em Tel Moza. Juntamente com o templo de Tel Arad, descoberto na década de 1960 dentro de uma fortaleza judaíta, e os dois únicos edifícios de culto legitimados e descritos pelas fontes bíblicas, a saber, o Tabernáculo de Moisés e o Templo de Salomão, essas mais recentes descobertas formam um novo e consideravelmente ampliado corpo de evidências arqueológicas de um culto hipoteticamente endossado ou patrocinado pelo Reino de Judá, e uma valiosa oportunidade para esclarecer questões que têm sido levantadas quanto à história e religião dos antigos israelitas. Nesta tese, os templos judaítas são comparados a praticamente todos os templos da Idade do Ferro do Levante de que se tem conhecimento até a presente data, por meio de um aqui proposto tipo de análise semiótica da forma de disposição do espaço. O estudo encontrou evidências de que, conquanto os templos judaítas compartilhem uma série de traços individuais com muitos templos do Levante, como já tem sido amplamente notado, eles consistentemente adotam um conjunto desses traços de maneira única e em oposição direta aos traços que caracterizam os templos filisteus. As implicações desses achados para a compreensão dos processos de diferenciação cultural e formação da identidade de Judá são consideradas e uma proposta de explicação é oferecida.

Palavras-chave: arqueologia e semiótica do espaço; Levante; Idade do Ferro; templos; Judá

ABSTRACT

FABBRO DA SILVA, J. L. **Archaeology and Semiotics of Space of Judah's Temples in their Levantine Context**. 2018. 471 p. Doctoral Thesis. University of Sao Paulo's Museum of Archaeology and Ethnology, São Paulo, Brazil, 2018.

Recently and almost simultaneously four new Iron Age (1200-586 BCE) cultic installations were brought to light by archaeological digs in Israel, all presumably in the territory of the ancient Kingdom of Judah, presenting signs of being somehow connected to the government: three are shrines in Khirbet Qeiyafa and one is a temple in Tel Moza. Together with the Tel Arad temple, uncovered in the 1960's inside a Judahite fortress, and the only two cultic buildings legitimized and described by the biblical sources, namely the Tabernacle of Moses and the Temple of Solomon, those most recent discoveries form a new and considerably enlarged body of archaeological evidence of an hypothetical cult endorsed or sponsored by the Kingdom of Judah and a valuable opportunity to clarify issues that have been raised regarding ancient Israelite history and religion. In this thesis, the Judahite temples are compared to nearly all Iron Age temples from the Levant known to date by means of a here-proposed type of semiotic analysis of their layout. The study has found evidence that while the Judahite temples share a number of individual traits with many Levantine temples, as it has already been widely noticed, they consistently adopt a set of those traits in a unique way and in direct opposition to the traits that characterize the Philistine temples. The implications of those finds for the understanding of Judah's cultural differentiation and identity formation processes and outcome are considered and a tentative explanation is offered.

Keywords: archaeology and semiotics of space; Levant; Iron Age; temples; Judah

SUMÁRIO

TOMO I

ÍNDICE DE FIGURAS	i
ÍNDICE DE TABELAS	xi
INTRODUÇÃO	1
Delimitação Geográfica	7
Delimitação Cronológica	8
Conceituação de <i>Templo</i>	10
Critério da Peculiaridade	11
Critério da Distinção	11
Critério da Continuidade	12
Critério do Testemunho Escrito	12
Delimitação do Universo de Templos	13
Delimitação do Conjunto de Traços Arquitetônicos	14
Definição dos Termos Étnicos	14
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	17
CAPÍTULO 2 – GÊNESE DO CULTO DE JUDÁ	32
2.1 As Fontes Literárias	32
2.2 A Crítica das Fontes Literárias	35
2.3 As Fontes Arqueológicas	38
2.3.1 A Estela de Merneptah	39
2.3.2 <i>Surveys</i> da Região Montanhosa Central	40
2.3.3 A Emergência dos Filisteus	42
2.3.4 Dados Zooarqueológicos	46
2.3.5 Dados Iconográficos	50
2.4 Hipótese de Trabalho	66

TOMO II

CAPÍTULO 3 – CATÁLOGO ANALÍTICO DOS TEMPLOS	69
3.1 INTRODUÇÃO AO CATÁLOGO	69
3.2 ORGANIZAÇÃO DO CATÁLOGO	70

3.2.1 Tabela	71
3.2.1.1 Células Azuis	71
3.2.1.2 Células Cinzas	73
3.2.1.3 Células Pretas	75
3.2.2 Sinopse	76
3.2.3 Resumo Analítico	76
3.3 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E SEUS TEMPLOS	76
3.3.1 Abu Havam	77
Abu Havam 50	79
Abu Havam 30	81
3.3.2 Ain Dara	84
Ain Dara 1	86
Ain Dara 2	89
Ain Dara 3	91
3.3.3 Alepo	94
Alepo 2	96
Alepo 3	98
Alepo 4	100
3.3.4 Arad	103
Arad XI	106
Arad X	108
Arad IX	111
Arad VIII	114
3.3.5 Asdode	116
Asdode XII	118
Asdode VIII	122
3.3.6 Beth Shean	125
Beth Shean R-2	128
Beth Shean VII	131
Beth Shean VI	134
Beth Shean V-Sul	137
Beth Shean V-Norte	141
3.3.7 Carquemis	144
Carquemis	146
3.3.8 Dan	151

Dan A	155
Dan B	157
Dan C	159
3.3.9 Halaf	164
Halaf	167
3.3.10 Jerusalém	171
Jerusalém	176
3.3.11 Kition	181
Kition 1A	185
Kition 1B	190
Kition 1C	194
Kition 1D	196
3.3.12 Laquis	198
Laquis VI	200
3.3.13 Mazar	206
Mazar	208
3.3.14 Megido	212
Megido 2048-X	216
Megido 2048-IX	218
Megido 2048-VIII	220
Megido 2048-VIIB	222
Megido 2048-VIIA	224
Megido 2072	227
Megido 338	232
3.3.15 Migne	239
Migne 352	243
Migne 351	245
Migne 350-1	248
Migne 350-2	253
Migne 650	255
3.3.16 Moza	261
Moza 1	263
Moza 2	271
3.3.17 Mudayna	275
Mudayna 149	277

3.3.18 Pella	284
Pella 1	287
Pella 2	289
Pella 3	291
Pella 4	294
Pella 5	297
Pella 6	302
3.3.19 Qasile	305
Qasile 319	307
Qasile 200	310
Qasile 300	312
Qasile 131	315
3.3.20 Qitmit	318
Qitmit A1	321
Qitmit A2	324
3.3.21 Sarepta	326
Sarepta 1	330
Sarepta 2	337
3.3.22 Safi	339
Safi A	341
3.3.23 Siló	345
Tabernáculo	348
3.3.24 Tayinat	353
Tayinat II	358
Tayinat XVI	364

TOMO III

RESUMO ANALÍTICO	372
-------------------------------	------------

TOMO I - (CONTINUAÇÃO)

CAPÍTULO 4 – A PAISAGEM DOS TEMPLOS DE JUDÁ	381
4.1 A Disposição do Espaço nos Templos Judaítas	382
4.1.1 Quanto aos Compartimentos	382

4.1.2 Quanto ao Formato	383
4.1.3 Quanto à Entrada	384
4.1.4 Quanto ao Pátio	384
4.1.5 Quanto às Colunas	385
4.1.6 Quanto à Simetria	385
4.1.7 Quanto ao Acesso	385
4.1.8 Quanto à Altitude	386
4.1.9 Quanto à Elevação	386
4.1.10 Quanto à Segregação	388
4.1.11 Quanto ao Contexto	388
4.2 Os Templos Judaítas no Contexto do Levante	390
4.3 Semiótica do Espaço nos Templos Judaítas	396
SÍNTESE E CONCLUSÕES	412
BIBLIOGRAFIA	415

ÍNDICE DE FIGURAS

1	Mapa de Localização	xiv
2	Templo de Tel Moza, Fase 1	4
3	Templo de Tel Arad, Stratum X	4
4	Tabernáculo de Moisés	4
5	Templo de Jerusalém	4
2.1	Mapa dos Reinos de Israel e Judá	34
2.2	Cerâmica Proto-Israelita	43
2.3	Cerâmica Bicrômica Filisteia	43
2.4	Asdoda	51
2.5	Estatueta Grega	51
2.6	Estatueta Tipo IIIb	53
2.7	Plaqueta Tipo IIIa	53
2.8	Estatueta de Touro	55
2.9	Estatueta de <i>EI</i>	55
2.10	Estatueta-Pilar Judaíta	57
2.11	Estatueta-Pilar Judaíta	57
2.12	Inscrição de Kuntillet 'Ajrud, Pito A	59
2.13	Inscrição de Kuntillet 'Ajrud, Pito A	59
2.14	Inscrição de Khirbet el-Qôm	60
2.15	Inscrição de Khirbet el-Qôm	60
2.16	Plaqueta	64
2.17	Plaqueta	64
2.18	Fragmento de Estela Egípcia	64
2.19	Estatueta	64
2.20	Estatueta	64
2.21	Estatueta	64
2.22	Estatueta	65
2.23	Estatueta	65
2.24	Estatueta	65
2.25	Estatueta	65
2.26	Estatueta	65
2.27	Estatueta	65

3.1	Tell Abu Havam	77
3.2	Tell Abu Havam, Planta	78
3.3	Templos 30 e 50 Sobrepostos	79
3.4	Planta do Templo 50	80
3.5	Vaso Cerâmico Zoomórfico	81
3.6	Planta do Templo 30	82
3.7	Ain Dara	84
3.8	Ain Dara, Planta	85
3.9	Templo de Ain Dara	86
3.10	Planta do Templo de Ain Dara, Fase 1	87
3.11	Escultura de Leão	88
3.12	Ortóstato	88
3.13	Pegadas Gigantes	89
3.14	Planta do Templo de Ain Dara, Fase 2	90
3.15	Ortóstatos	91
3.16	Planta do Templo de Ain Dara, Fase 3	92
3.17	Cidadela de Alepo, Foto Aérea	94
3.18	Templo de Alepo, Ortóstatos da Parede Norte	95
3.19	Planta do Templo de Alepo, Fase 2	96
3.20	Ortóstato de <i>Teshub</i>	97
3.21	Ortóstato de Homem-Touro	97
3.22	Planta do Templo de Alepo, Fase 3	98
3.23	Ortóstatos	99
3.24	Planta do Templo de Alepo, Fase 4	100
3.25	Ortóstatos de <i>Teshub</i> e <i>Taita</i>	101
3.26	Ortóstatos de <i>Teshub</i> e <i>Taita</i>	102
3.27	Fortaleza de Tel Arad	103
3.28	Templo de Tel Arad	104
3.29	Planta do Templo de Tel Arad, Stratum XI	106
3.30	Planta do Templo de Tel Arad, Stratum X	108
3.31	Templo de Tel Arad	109
3.32	Planta do Templo de Tel Arad, Stratum IX	111
3.33	Estatueta de Leão em Bronze	112
3.34	Prato Cerâmico	112

3.35	Planta do Templo de Tel Arad, Stratum VIII	114
3.36	Tel Asdode, Foto Aérea	116
3.37	Cerâmica Monocrômica	117
3.38	Cerâmica Bicrômica	117
3.39	Planta do Templo de Asdode, Stratum XII	118
3.40	Prédio 5233, Stratum XII	119
3.41	Suporte com Conjunto Musical	120
3.42	Disco de Ouro	120
3.43	Planta do Templo de Asdode, Stratum VIII	122
3.44	Templo de Asdode, Stratum VIII	123
3.45	Cerâmica Asdode	124
3.46	Cerâmica Asdode	124
3.47	Beth Shean	125
3.48	Beth Shean, Planta	126
3.49	Planta do Templo de Beth Shean, Stratum R-2	128
3.50	Templo de Beth Shean, Stratum R-2	129
3.51	Planta do Templo de Beth Shean, Stratum VII	131
3.52	Plaqueta Antropomórfica	132
3.53	Plaqueta Antropomórfica	132
3.54	Bastão de Marfim	133
3.55	Estela Votiva	133
3.56	Planta do Templo de Beth Shean, Stratum VI	134
3.57	Jarro Cerâmico	135
3.58	Falcão em Pedra	135
3.59	Planta do Templo de Beth Shean, Stratum V Sul	137
3.60	Planta do Contexto dos Templos Norte e Sul, Stratum V	138
3.61	Suporte de Oferendas	139
3.62	Suporte de Oferendas	139
3.63	Planta do Templo de Beth Shean, Stratum V Norte	141
3.64	Estela Dedicada a <i>Anat</i>	142
3.65	Acrópole de Carquemis	144
3.66	Planta do Templo de Carquemis	146
3.67	Planta da Área do Templo	147
3.68	Pátio Interno Visto do Interior do Templo	148

3.69	Parelha de Touros em Basalto	149
3.70	Ortóstato de Grifo	150
3.71	Tel Dan	151
3.72	Planta de Tel Dan	152
3.73	Templo de Tel Dan	153
3.74	Templo de Tel Dan, Fase A	155
3.75	Templo de Tel Dan, Fase B	157
3.76	Templo de Tel Dan, Fase C	159
3.77	Cabeça de Cetro	160
3.78	Espátula	160
3.79	Altar de Beer Sheva	161
3.80	Altar de Megido	161
3.81	Ponta do Altar de Tel Dan	162
3.82	Prato com Incisão	163
3.83	Altar de Quatro Pontas	163
3.84	Estatueta de <i>Bes</i>	163
3.85	Plaqueta do Dançarino	163
3.86	Tell Halaf, Face Norte	164
3.87	Planta da Cidadela de Guzana, Tell Halaf	165
3.88	Ortóstato	166
3.89	Ortóstato	166
3.90	Planta do Templo-Palácio de Tell Halaf	167
3.91	Estátua Zoo-Antropomórfica	168
3.92	Estátua de Ave de Rapina	168
3.93	Cariátides	169
3.94	Monte do Templo, Jerusalém	171
3.95	Planta da Suposta Localização do Templo de Jerusalém	173
3.96	Templo-Modelo em Cerâmica	174
3.97	Templo-Modelo em Pedra	174
3.98	Planta do Templo de Jerusalém	176
3.99	Kition	181
3.100	Planta dos Templos 2 e 3, Stratum IV, Área II	183
3.101	Planta dos Templos 1, 2, 4 e 5, Floor III, Área II	184
3.102	Planta do Templo de Kition, Fase 1A	185

3.103	Altar e “Chifre de Consagração”, Têmeno A, Área II	186
3.104	Planta do Templo de Kition, Fase 1B	190
3.105	Planta do Templo 1B	191
3.106	Vaso Dedicado a <i>Astarte</i>	193
3.107	Planta Presumida do Templo 1C	194
3.108	Cerâmica Samaria	195
3.109	Tigela Dupla	195
3.110	Planta Presumida do Templo 1D	196
3.111	Tel Laquis	198
3.112	Templo de Laquis	199
3.113	Planta do Templo de Laquis	200
3.114	Escada da Sala Principal	201
3.115	Coluna Octogonal	202
3.116	Plaqueta de Ouro	203
3.117	Reconstrução Artística	203
3.118	Grafite, Laje II	204
3.119	Grafite, Laje II	205
3.120	Tell el-Mazar	206
3.121	Templo de Tell el-Mazar, Montículo A	208
3.122	Cálice, <i>Locus</i> 101	209
3.123	Cálice, <i>Locus</i> 101	209
3.124	Vaso Cilíndrico Fenestrado	210
3.125	Vaso Cilíndrico Fenestrado	210
3.126	Tel Megido, Áreas AA e BB	212
3.127	Planta dos Templos do Stratum XV, Área BB	213
3.128	Templo 2048	214
3.129	Planta do Prédio 2048-X	216
3.130	Planta do Prédio 2048-IX	218
3.131	Planta do Prédio 2048-VIII	220
3.132	Planta do Prédio 2048-VIIB	222
3.133	Nave do Templo 2048, Área BB	223
3.134	Planta do Prédio 2048-VIIA	224
3.135	Abside do Templo 2048-VIIA	225
3.136	Baal, Templo 2048-VII/VI	226

3.137	Espelho, Templo 2048-VII	226
3.138	Planta do Prédio 2072	227
3.139	Pesos de Tear, Sala 2069, Prédio 2072	228
3.140	Suporte de Oferenda Tipo S1	230
3.141	Jarro Orfeu	230
3.142	Planta do Prédio 338	232
3.143	Prédio 338, Stratum VA-IVB	233
3.144	Sala 340, Prédio 338, Tel Megido	234
3.145	Capitel Proto-Jônico, Stratum VA-IVB	235
3.146	Templo-Modelo, Stratum VIA-IVB	236
3.147	Altar de Quatro Pontas	238
3.148	Altar de Quatro Pontas	238
3.149	Tel Mique	239
3.150	Planta de Tel Mique	240
3.151	Tel Mique, Field IV, Strata V-VII	241
3.152	Cerâmica Filisteia Monocrômica	242
3.153	Cerâmica Filisteia Monocrômica	242
3.154	Planta do Prédio 352	243
3.155	Planta do Prédio 351	245
3.156	Cerâmica Filisteia Bicrômica	246
3.157	Cerâmica Filisteia Bicrômica	246
3.158	Planta do Prédio 350-1	248
3.159	Templo 350, Stratum V, Campo IV	249
3.160	Pesos de Tear	250
3.161	Faca	250
3.162	Rodas	251
3.163	Cavilha	251
3.164	Planta do Prédio 350-2	253
3.165	Planta do Prédio 650	255
3.166	Planta Isométrica do Templo Complexo 650	256
3.167	Inscrição Real Filisteia	257
3.168	Estatueta de <i>Ptah-Patecus</i>	258
3.169	Marfim com Figura de Mulher	258
3.170	Serpente de Ouro	259

3.171	Inscrição <i>Baal e Padi</i>	259
3.172	Tel Moza	261
3.173	Áreas de Escavação de Tel Moza	262
3.174	Planta do Prédio 500, Fase 1	263
3.175	Templo de Tel Moza, Foto Aérea	264
3.176	Altar do Pátio	265
3.177	Estatuetas Antropomórficas	266
3.178	Cavalo e Cavaleiro	266
3.179	Cavalo e Cavaleiro	267
3.180	Cavalo e Cavaleiro	267
3.181	Silos	269
3.182	Planta do Prédio 500, Fase 2	271
3.183	Cabeça de Cetro	273
3.184	Inscrição	273
3.185	Khirbat al-Mudayna, Foto Aérea	275
3.186	Planta do Santuário 149	277
3.187	Planta da Área do Prédio 149	278
3.188	Planta da Área do Prédio 149	279
3.189	Templo 149	280
3.190	Altar de Libação	281
3.191	Altar de Incenso	281
3.192	Pella	284
3.193	Templos Sobrepostos de Pella	285
3.194	Planta de Localização do Templo de Pella	286
3.195	Planta do Templo de Pella, Templo 1	287
3.196	Planta do Templo de Pella, Templo 2	289
3.197	Planta do Templo de Pella, Templo 3	291
3.198	Tigela para Oferendas	292
3.199	Planta do Templo de Pella, Templo 4	294
3.200	Planta do Templo de Pella, Templo 5	297
3.201	Depósitos Fundacionais	298
3.202	Suporte para Oferenda	299
3.203	Suporte para Oferenda	299
3.204	Divindade em Ataque	300

3.205	Divindade em Ataque	300
3.206	Planta do Templo de Pella, Templo 6	302
3.207	Templo Modelo e Xícaras para Incenso	304
3.208	Tell Qasile	305
3.209	Planta dos Prédios Sobrepostos 319, 200 e 121	306
3.210	Planta do Prédio 319	307
3.211	Facas Sacrificiais Filisteias	309
3.212	Planta do Prédio 200	310
3.213	Planta do Prédio 300	312
3.214	Suportes para Oferenda, Templo 300	313
3.215	Planta do Prédio 131	315
3.216	Templo 131	316
3.217	Horvat Qitmit, Foto Aérea da Região	318
3.218	Planta da Instalação de Culto de Horvat Qitmit	319
3.219	Planta do Templo Qitmit A1	321
3.220	Templo de Horvat Qitmit	322
3.221	Estatueta Antropomórfica	323
3.222	Estatueta Antropomórfica	323
3.223	Planta do Templo Qitmit A2	324
3.224	Inscrição com o Nome de Qos	325
3.225	Sarepta	326
3.226	Sarepta	327
3.227	Planta de Localização do Templo	328
3.228	Jarro Borda de Cogumelo	329
3.229	Jarro Borda de Cogumelo	329
3.230	Jarro Borda de Cogumelo	329
3.231	Jarro Borda de Cogumelo	329
3.232	Planta do Templo de Sarepta, Fase 1	330
3.233	Templo de Sarepta	331
3.234	Altar Interno do Templo	331
3.235	Olho de <i>Hórus</i>	332
3.236	Estatueta Feminina	332
3.237	Amuletos: <i>Bastet</i> e <i>Hórus</i>	333
3.238	Fragmento de Trono	333

3.239	Croquis do Templo de Sarepta e Salas Contíguas	334
3.240	Signo de Tanit em Estela	336
3.241	Signo de Tanit em Vidro	336
3.242	Planta Presumida do Templo de Sarepta, Fase 2	337
3.243	Estatueta de Mulher Grávida	338
3.244	Tell es-Safi, Áreas de Escavação A, E, F e P	339
3.245	Mapa de Tell es-Safi, Área A em Destaque	340
3.246	Planta do Templo de Tell es-Safi, Área A	341
3.247	Templo de Tell es-Safi, Área A, Stratum A4	342
3.248	Cálices Rituais, Tell es-Safi, Área A, Stratum A4	343
3.249	Tel Shiloh	345
3.250	Altar de Quatro Pontas	346
3.251	Altar de Quatro Pontas	346
3.252	Planta do Tabernáculo	348
3.253	Entalhe em Marfim	349
3.254	Escultura de <i>Lamassu</i>	349
3.255	Tell Tayinat	353
3.256	Localização dos Templos II e XVI	354
3.257	Planta da Área dos Templos	354
3.258	Estátua de Leão	355
3.259	Estátua de Figura Humana	355
3.260	Planta do Templo de Alalakh, Nível IV	356
3.261	Planta do Templo Tayinat II	358
3.262	Templo Tayinat II	359
3.263	Base de Coluna	360
3.264	Base de Coluna	360
3.265	Base de Coluna	361
3.266	Base de Coluna	361
3.267	Ombreiras da Porta	362
3.268	Ombreiras de Portal	362
3.269	Templo Modelo de Qeiyafa	362
3.270	Templo de Jerusalém	362
3.271	Planta do Templo Tayinat XVI	364
3.272	Templo Tayinat XVI	365

3.273	Templo Tayinat XVI	366
3.274	Base de Coluna	367
3.275	Base de Coluna	367
3.276	Artefatos do Templo Tayinat XVI	368
3.277	Base de Ortóstatos	369
3.278	Tratado de Sucessão de Esarhaddon, T-1801	370
4.1	Mapa e Perfil Topográfico	387

ÍNDICE DE TABELAS

1	Cronologia	xii
2	Fontes Bíblicas e Suas Abreviaturas	xiii
2.1	Ocorrência de Ossos de Porco	44
4.1	Ocorrência de Traços Espaciais	389

TABELA 1 – CRONOLOGIA

(MAZAR, 1990, p. 30)

PERÍODO	DATA
Neolítico Pré-Cerâmico A	ca. 8500 – 7500 a.C.
Neolítico Pré-Cerâmico B	ca. 7500 – 6000 a.C.
Neolítico Cerâmico A	ca. 6000 – 5000 a.C.
Neolítico Cerâmico B	ca. 5000 – 4300 a.C.
Calcolítico	ca. 4300 – 3300 a.C.
Bronze Antigo I	ca. 3300 – 3050 a.C.
Bronze Antigo II-III	ca. 3050 – 2300 a.C.
Bronze Antigo IV / Bronze Médio I	ca. 2300 – 2000 a.C.
Bronze Médio IIA	ca. 2000 – 1800/1750 a.C.
Bronze Médio IIB-C	ca. 1800/1750 – 1550 a.C.
Bronze Recente I	ca. 1550 – 1400 a.C.
Bronze Recente IIA-B	ca. 1400 – 1200 a.C.
Ferro IA	ca. 1200 – 1150 a.C.
Ferro IB	ca. 1150 – 1000 a.C.
Ferro IIA	ca. 1000 – 925 a.C.
Ferro II B	ca. 925 – 720 a.C.
Ferro IIC	ca. 720 – 586 a.C.

TABELA 2 – FONTES BÍBLICAS E SUAS ABREVIATURAS

Gênesis	Gn
Êxodo	Ex
Levítico	Lv
Números	Nm
Deuteronômio	Dt
Josué	Js
Juízes	Jz
Rute	Rt
1 Samuel	1Sm
2 Samuel	2Sm
1 Reis	1Rs
2 Reis	2Rs
1 Crônicas	1Cr
2 Crônicas	2Cr
Esdras	Es
Neemias	Ne
Ester	Et
Jó	Jó
Salmos	Sl
Provérbios	Pv
Eclesiastes	Ec
Cantares	Ct
Isaías	Is
Jeremias	Jr
Lamentações	Lm
Ezequiel	Ez
Daniel	Dn
Oséias	Os
Joel	Jl
Amós	Am
Obadias	Ob
Jonas	Jn
Miquéias	Mq
Naum	Na
Habacuque	Hc
Sofonias	Sf
Ageu	Ag
Zacarias	Zc
Malaquias	Ml

Figura 1 – Mapa de Localização

- Sítios Arqueológicos da Idade do Ferro com Templos Analisados neste Trabalho
- Outros Importantes Sítios Arqueológicos Referidos neste Trabalho

Mapa Base: Harvard WorldMap, 2018

1. Abu Havam	13. Mazar	25. Alalakh
2. Ain Dara	14. Megido	26. Khirbet el-Qôm
3. Alepo	15. Mique	27. Kuntilet Ajrud
4. Arad	16. Moza	28. Khirbet Qeiyafa
5. Asdode	17. Mudayna	29. Sidon
6. Beth Shean	18. Pella	
7. Carquemis	19. Qasile	
8. Dan	20. Qitmit	
9. Halaf	21. Sarepta	
10. Jerusalém	22. Safi	
11. Kition	23. Siló	
12. Laquis	24. Tayinat	

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado investigou o culto promovido pelo Reino de Judá por meio da análise arqueológico-semiótica da forma de disposição do espaço nos templos de Tel Moza e Tel Arad – que são arqueologicamente conhecidos – e nos Tabernáculo de Moisés e Templo de Salomão – dos quais só se têm concepções literárias, no contexto da arquitetura sacra do Levante na Idade do Ferro.

A razão para o interesse de pesquisadores ocidentais em temas aparentemente tão remotos quanto os da Arqueologia de Israel provavelmente possa ser explicada pela tese proposta por Jeffrey Hart, em seu livro *Smiling Through the Cultural Catastrophe* (HART, 2001). Segundo ele, o Ocidente teria nascido de uma relação dialética entre Atenas e Jerusalém, a primeira tendo contribuído com os fundamentos da filosofia e da ciência e, a segunda, com os da religião e da moral. Apesar do fato de que esses elementos frequentemente se opõem uns aos outros, Hart argumenta que se combinaram de um modo único e orgânico, embora tenso e contraditório, para formar a civilização ocidental. Em suas palavras, “o espírito do Ocidente nasceu em meio a tensão e contradição e deriva sua força da recusa de ser isso-ou-aquilo mas sim isso-e-aquilo, tanto grego quanto judaico” (HART, 2001, p. 121, tradução nossa).¹ Se assim foi, o interesse ocidental em estudos clássicos e orientais parece compreensível e justificável porque não seria impulsionado pela simples curiosidade que busca compreender o que é alheio, mas sim pela motivação pessoal que busca compreender o que é percebido pelo pesquisador como sendo seu próprio. Portanto, parece ser natural que novas descobertas arqueológicas, e a oportunidade que elas oferecem de depurar nosso conhecimento sobre a antiguidade oriental, suscitem interesse e motivem pesquisas também aqui no Ocidente.

No caso deste estudo, as novidades que o motivaram são as recentemente descobertas instalações de culto de Khirbet Qeiyafa (GARFINKEL; GANOR, 2009; GARFINKEL; GANOR; HASEL, 2014), e os templos de Tel Moza (GREENHUT; DE GROOT, 2009; KISILEVITZ, 2015, 2016; KISILEVITZ *et al.*, 2014), Tell es-Safi (MAEIR, 2010a, 2010b, 2012a, 2012b) e Sidon (DOUMET-SERHAL, 2017), que não apenas ampliam o volume de dados sobre a arquitetura sacra praticada em geral no Levante da Idade do Ferro – o que, *per si*, já seria motivo suficiente para revisar o

¹ Todas as traduções, inclusive as das fontes bíblicas, são nossas, exceto quando especificamente notado.

tema – mas também ilustram as pouco conhecidas práticas particulares dos judaítas, filisteus e fenícios – três dos grupos que compunham o contexto social e o sistema simbólico do Levante na Idade do Ferro –, propiciando a identificação e a análise de eventuais semelhanças e diferenças entre eles e, por conseguinte, oferecendo elementos que permitem inferir o processo de formação de identidade desses povos.

O templo escavado em Tell es-Safi, Área A (MAEIR, 2012, p. 27, 29-30, Figs. 1.15 e 1.16), embora precariamente preservado, é especialmente importante por ampliar o minguado conjunto, que até então havia, de templos encontrados no território dos filisteus, um povo com quem os judaítas teriam mantido, segundo os relatos bíblicos, uma relação intensa e frequentemente hostil.

O templo descoberto na fenícia Sidon (DOUMET-SERHAL, 2017), de cujas escavações não se tem ainda o relatório detalhado ou sequer um esboço de sua planta baixa – razão pela qual não foi incluído no catálogo de templos aqui apresentado –, é ainda mais interessante pois, embora os fenícios fossem afamados construtores e artífices, especialmente no campo da arquitetura sacra, ao ponto de, segundo a tradição bíblica, terem sido comissionados para construir o Templo de Jerusalém (1Rs 5:2-6; 7:13-45; 1Cr 14:1; 2Cr 4:11), nenhum templo propriamente dito, da Idade do Ferro, havia sido encontrado até agora em seu território pátrio.

Em Khirbet Qeiyafa, foi escavada uma cidade-fortaleza, datada entre o final do séc. XI e o começo do séc. X a.C., com indícios de ter sido planejada e construída pelo Estado, provavelmente judaíta (GARFINKEL, 2017). Integradas ao muro da cidade, em contexto doméstico, foram achadas três instalações de culto, duas delas contíguas e provavelmente associadas aos pátios internos que cada um dos dois portais da cidade possuía, o que sugere sua função pública, prevista já no plano urbanístico. Dentro de uma dessas instalações (Prédio C10), foram encontrados dois templos-modelo, com detalhes que se assemelham às descrições bíblicas do Templo de Jerusalém (GARFINKEL; GANOR; HASEL, 2014, p. 158, 168-169, 176-82, 285-288, 306; GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 24-60, 111-117). Caso a caracterização e cronologia propostas pelos arqueólogos que a escavaram estejam corretas, Qeiyafa passa a ser o mais antigo conjunto de evidências arqueológicas acerca do culto patrocinado pelo Reino de Judá.

Ao mesmo tempo em que os achados de Khirbet Qeiyafa estavam sendo trazidos à luz, as escavações de Tel Moza, a apenas 7 Km de Jerusalém, expuseram um prédio, datado do séc. X a VI a.C., que, em razão de sua configuração e artefatos associados, foi interpretado como sendo, pelo menos em sua primeira fase, um templo. Considerando o grande número de silos ao seu redor, cuja capacidade estimada para armazenamento de grãos seria suficiente para suprir uma população muito maior que a local de então, bem como a proximidade com a capital do reino, os arqueólogos responsáveis pelo projeto propuseram que se tratava de um centro estatal de estocagem e distribuição de grãos “controlado por uma autoridade única de natureza tanto religiosa quanto militar” (GREENHUT; DE GROOT, 2009b, p. 225).²

Antes de Qeiyafa e Moza, o único conjunto de dados arqueológicos relevantes para o estudo do culto patrocinado pelo reino de Judá provinha da fortaleza de Tel Arad, localizada a cerca de 57 Km ao sul de Jerusalém. Escavada na década de 1960, o sítio revelou um templo construído “como parte integrante da primeira fortaleza israelita erigida no local” para proteger a fronteira sul do Reino de Judá (AHARONI, 1973, p. 3), o que sugere sua direta associação com o governo central. Ao relatar suas escavações, Yohanan Aharoni o datou entre os séc. X e VII a.C. (AHARONI, 1967, p. 244-249; 1968, p. 9, 18-19; 1969, p. 26). Ze’ev Herzog, que fez parte da equipe que escavou o sítio, datou seu início do séc. IX a.C. (HERZOG *et al.*, 1984, p.12) e, em reavaliações posteriores, do séc. VIII a.C. (HERZOG, 2001, p. 169-170; 2002; 2013).

Com os achados recentes de Qeiyafa e Moza, somados aos que já havia de Arad, formou-se um corpo de evidências arqueológicas que cobrem grande parte do período de existência do Reino de Judá e que oferecem oportunidade inédita de estudar a forma e a dinâmica da relação que o governo de Judá mantinha com a religião e fazer inferências a respeito de sua história.

Já à primeira vista, é evidente que os templos de Tel Moza (Fig. 2) e Tel Arad (Fig. 3) assemelham-se entre si e às duas únicas instalações de culto consideradas legítimas pelos textos bíblicos, preservados em Judá, a saber, o Tabernáculo de Moisés (Fig. 4) e o Templo de Jerusalém (Fig. 5), das quais não há evidências arqueológicas, mas apenas descrições literárias (Ex 25-31; 35-40; 1Rs 6; 7:15-51; 2Cr 3).

² Cf. FINKELSTEIN; GADOT, 2015; KISILEVITZ, 2015; KISILEVITZ *et al.*, 2014.

Figura 2 – Templo de Tel Moza, Fase 1
(a partir de: KISILEVITZ, 2015, p. 152, Fig. 1)

Figura 3 – Templo de Tel Arad, Stratum X
(a partir de: AHARONI, 1968, p. 23, Fig. 15)

Figura 4 – Tabernáculo de Moisés
(a partir de: Ex 25–31, 35–40)

Figura 5 – Templo de Jerusalém
(a partir de: GARFINKEL e MUMCUOGLU, 2016, p. 182)

Em linhas gerais, como será arguido neste trabalho, a área de culto dessas quatro estruturas parece ser segmentada em três subáreas – um pátio aberto e um prédio com dois compartimentos (indicados pelos números em vermelho nas Figs. 2, 3, 4 e 5) – organizadas simétrica e sucessivamente ao longo de um eixo longitudinal, ascendente³, no sentido leste-oeste, com uma única entrada voltada para leste, duas

³ Exceto no caso do Tabernáculo.

colunas flanqueando a entrada⁴, um altar de base quadrada centralizado no pátio à frente da porta e referências ou indícios de sacrifício de animais.

À semelhança dos templos de Moza e Arad, tanto o Tabernáculo quanto o Templo de Jerusalém podem ser tidos como representações do que se pretendia ser oficial, uma vez que, segundo as fontes bíblicas, teriam sido erigidos pela autoridade máxima da nação – respectivamente, Moisés e Salomão – e, também por isso, são geralmente interpretados como expressões da ideologia do Estado (BLOCH-SMITH, 2002; CROSS, 1984; HUNDLEY, 2013; HUROWITZ, 2015; KAPELRUD, 1963; LUNDQUIST, 1983). Tais semelhanças sugerem ter havido, da parte da elite governante ou, pelo menos, de grupos que pretendiam influir nos rumos da nação, preferência por um determinado padrão arquitetônico e, por conseguinte, também pelo tipo de culto expresso nesse padrão.

Tal padrão não ocorre em Khirbet Qeiyafa. Embora suas instalações de culto também apresentem indícios de associação com o Estado, a forma de uso do espaço é totalmente diferente da de Moza e Arad. Uma vez que Qeiyafa é anterior a Moza e Arad, essa aparente mudança do padrão patrocinado pelo Estado pode indicar um desenvolvimento linear, significativo para a reconstrução da história do culto de Judá.

Em suma, o conjunto de dados arqueológicos dos templos de Tel Moza e Tel Arad, combinados com as descrições literárias do Tabernáculo e do Templo de Salomão – instalações de culto, todas as quatro, de algum modo associadas à liderança de Judá e representativas de praticamente todo o tempo de existência desse reino –, revelam um padrão tipológico, especialmente no que diz respeito ao modo como o espaço é nelas disposto, iniciado aparentemente no séc. IX a.C., depois da fase representada por Khirbet Qeiyafa, e consistentemente mantido ao longo dos séculos seguintes, até a dissolução do Reino de Judá, no séc. VI a.C.

A regularidade e constância com que esse padrão se manifesta em Judá evidentemente sugerem não um fenômeno fortuito, mas sim a existência de intenção, valor simbólico e interesse de Estado em promovê-lo. Os elementos que o compõem, talvez em razão de sua natureza essencialmente semiótica, não têm sido objeto de estudo de arqueólogos. Por outro lado, provavelmente porque os dados são

⁴ Idem.

essencialmente arqueológicos, também não têm sido tratados por semioticistas. Como resultado, tanto quanto pôde ser apurado, não existem estudos dos templos do Levante, menos ainda dos de Israel ou Judá, que busquem interpretar dados arqueológicos a partir de uma perspectiva semiótica.

Esforços de reconstrução da história da religião do antigo Israel avançaram de uma fase em que se baseavam, quase exclusivamente, na análise crítica dos textos bíblicos (e.g. BRIGHT, 1959; KAUFMANN, 1960; GOTTWALD, 1985; RENDTORFF, 1983; WELLHAUSEN, 1885) para uma fase em que, aos poucos, os dados arqueológicos foram ganhando proeminência, até se tornarem, em alguns casos, dominantes (e.g. ALBERTZ, 1994; DEVER, 1987, 1990, 2002, 2003, 2005; MILLER, 2000; MILLER; HAYES, 1986; NAKHAI, 2001; NIDITCH, 1997; FINKELSTEIN, 1988a, 2007a, 2007b; MAZAR, 2007a, 2007b; SOGGIN, 1985; ZEVIT, 2001). No caso dos templos do Levante, os estudos têm geralmente se limitado, seguindo a proposta de H. R. M. Wright (1971), a uma análise morfológica-genealógica, que utiliza as características arquitetônicas como critério para determinar a função religiosa da estrutura, classificá-la tipologicamente, fazer inferências quanto a sua vinculação étnica e especular quanto à procedência de seus traços (e.g. BEN-TOR, 1973; DAVEY, 1980; DEVER, 1987, 1990, p. 110-117; FAUST, 2010; FRITZ, 1987; GERATY, 1989; HOLLADAY, 1987; LONG, 1999; LUNDQUIST, 1983; MAZAR, 1992; MIERSE, 2012; OTTOSSON, 1980; YADIN, 1975, p. 118). Em nenhum caso, porém, os traços arquitetônicos arqueologicamente documentados foram estudados como linguagem.

Assim, estimulado pelo recentemente renovado e significativamente ampliado corpo de evidências acima referido, este trabalho foi empreendido com o propósito de preencher, embora de modo extremamente parcial e experimental, essa percebida lacuna no estudo da religião do antigo Israel, especialmente do Reino de Judá, considerado pelos textos bíblicos como legítimo descendente, herdeiro e continuador de Israel. Seu escopo, com base em dados arqueológicos e literários, a partir de uma perspectiva arqueológica e semiótica, é o estudo da forma de disposição do espaço nos templos judaítas – especificamente, o templo de Tel Moza, o templo de Tel Arad, o Tabernáculo de Moisés e o Templo de Jerusalém – no contexto cultural e arquitetônico do antigo Levante.

Considerando-se o papel proeminente que a religião e o culto sempre exerceram no antigo Israel, espera-se ainda que este estudo contribua para a compreensão das características e função social da religião patrocinada pelo Estado em Judá e, conseqüentemente, de sua função como agente no processo de diferenciação cultural e formação da identidade judaíta.

O método semiótico aqui empregado, a ser discutido no Capítulo 1, pressupõe que *significados* são formados por meio da diferenciação entre *significantes* de *um mesmo sistema*. Assim, embora reconhecendo que sistemas culturais não são rigidamente fechados mas apresentam fronteiras difusas e dinâmicas, é necessário que se tenha pelo menos uma noção geral de qual seja o sistema do qual os templos de Judá faziam parte. Dessa delimitação ocupam-se os próximos parágrafos.

Delimitação Geográfica

A região em que a nação de Israel se estabeleceu e viveu seus muitos séculos de história é frequentemente designada, em textos do Egito antigo, nas Cartas de Tell el-Amarna e de Mari e nos textos de Alalakh, Ugarit, Assur e Hattusa, por alguma variável do topônimo *Canaã*. Exemplos são encontrados em fontes hititas (PRITCHARD, 1969, p. 352), fenícias (ibid., p. 484), sírias (ibid., p. 557), egípcias (ibid., p. 254, 260-262, 264, 378, 478) e bíblicas, (e.g. Ex 6:4; Js 14:1; Sl 105:11) (*ver também* DE VAUX, 1968; NA`AMAN, 2005, p. 111-123). Em todos esses casos, o termo *Canaã* é usado com o sentido de uma unidade geopolítica distinta, ora se referindo à faixa de terra que vai da costa oriental do Mar Mediterrâneo, incluindo suas ilhas, até o vale do Rio Jordão, e que se estende para o norte até o Líbano e a Síria e, para o sul, até o deserto do Negev e o Sinai; ora se referindo apenas à planície da costa oriental do Mediterrâneo, habitada por filisteus e fenícios (*cf.* Nm 13:21; 34:2-12; Js 13:2-6; Ez 47:13-21; 48:1; AHARONI, 1979, p. 61-70; HASEL, 2011, p. 67-70; MAZAR, 1990, p. 1-9; NADAV, 2005, p. 110-111, 397; NAKHAI, 2001, p. 6).

Quanto ao relevo, a terra de Canaã é dividida, *grosso modo*, em três grandes regiões: (1) o complexo das Montanhas Centrais que corta o território de norte a sul; (2) a Planície Costeira do Mediterrâneo, a oeste das Montanhas Centrais; e (3) o Vale

do Jordão, a leste das Montanhas Centrais, dominado pelo Rio Jordão, pelo Lago de Tiberíades e pelo Mar Morto.

A Estela de Merneptah, o primeiro documento fora da Bíblia a fazer referência a *Israel*, situa-o entre os povos habitantes de Canaã (ver Capítulo 2).

A cultura material geralmente associada a Israel também é, em geral, tipicamente canaanita e dá testemunho, se não da própria origem desse grupo social, certamente de seu estreito vínculo com Canaã (DEVER 2003, p. 101-128; FINKELSTEIN, 2007b, p. 77-79; MAZAR, 1990, p. 338-348; 2007, p. 87-90).

O dado mais remoto que tem sido geralmente interpretado como evidência da presença de Israel em Canaã são as centenas de pequenas vilas que surgiram na região montanhosa central no começo da Idade do Ferro, cerca de 1200 a.C. (ver Capítulo 2), quase todas em locais anteriormente não ocupados, muitos dos quais, nos séculos seguintes, com sobejos sinais de continuidade, se tornaram as áreas e cidades inequivocamente israelitas (DEVER 2003, p. 91-100; 1999; FINKELSTEIN, 1988; 2007b, p. 74; FINKELSTEIN e LEDERMAN, 1997; GAL, 1992; MAZAR, 1990, p. 334-338; STAGER, 1998).

Pode-se, portanto, presumir que o sistema dentro do qual ocorriam as mais diretas e intensas interações sociais do Reino de Judá, necessárias para a produção de oposições culturais significativas, seja aquele delimitado geograficamente pelas fronteiras difusas de Canaã ou, como também é vagamente chamada, do Levante. Por essa razão, este estudo restringiu-se aos templos do Levante (*ver mapa*, Fig. 1, p. xiv), isto é, a região delimitada, sem muito rigor, a oeste, pelo Mar Mediterrâneo; a sul, pelo Deserto do Sinai e o Mar Vermelho; a sudeste e leste, pelo Deserto da Arábia; a nordeste, pela fronteira com a Mesopotâmia; e, a norte, pela cadeia montanhosa do Tauro. Em tempos antigos, essa região incluía territórios de Judá, Israel, Filístia, Fenícia, Síria, Amon, Moabe e Edom; e, hoje, inclui parte dos territórios de Israel, Palestina, Síria, Líbano, Turquia, Jordânia e Iraque.

Delimitação Cronológica

Cronologicamente, o estudo limitou-se ao período que se inicia com as primeiras evidências históricas e arqueológicas da presença de Israel em Canaã, por

volta de 1200 a.C. – especificamente, com a Estela de Merneptah e os assentamentos na região montanhosa central, acima referidos – e que termina com a dissolução do Reino de Judá pelo Império Neobabilônico, em 586 a.C. A cronologia do antigo Levante é tema intensamente debatido, sobre o qual não há consenso. Quanto ao período a que este estudo se restringe, as mais importantes divergências dizem respeito à data de transição entre a Idade do Ferro I e a Idade do Ferro II. As diferentes cronologias propostas, contudo, não têm implicações diretas para o escopo deste trabalho. Assim sendo, apenas para efeito de referência, exceto quanto especificamente notado, será aqui adotada a chamada “cronologia tradicional”, que data a Idade do Ferro I de 1200 a 1000 a.C. e a Idade do Ferro II de 1000 a 587/586 a.C. (ver Tabela 1, p. xii). Esse recorte, que corresponde aproximadamente à inteira duração da Idade do Ferro, tem sido adotado, com pequenas diferenças, pela maioria dos pesquisadores (e.g. AHARONI, 1982; AHARONI; AMIRAN, 1958; BARKAY, 1992; BEN-TOR, 1992; DEVER, 2005, p. xvi; HERR, 1997; HERZOG, 1997; FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p. 20; MAZAR, 1990, p. 30, 287-291, 295-296; 2005; MIERSE, 2012, p. 58-142; NIGRO, 2014; STERN, 2008, p. 2126; 1993; THIELE, 1983, p. 10; WRIGHT, G.E., 1961a) pelas razões abaixo apontadas.

Por volta do ano 1200 a.C., uma crise de enorme intensidade e amplitude, com causas ainda não claramente identificadas, eventualmente levou ao colapso muitos dos grandes centros urbanos e sistemas políticos que ocupavam as terras ao redor do Mediterrâneo central e oriental, marcando o final da Idade do Bronze. No Levante, suas consequências também foram drásticas. Produtos importados, como a cerâmica micênica e a cipriota, comuns até então, desapareceram, o que sugere brusca interrupção no comércio internacional que caracterizava o período anterior. Importantes centros urbanos como Ugarit, Hazor, Megido, Beth Shean, Laquis e Asdode foram totalmente destruídos; e alguns, como Ugarit, Hazor e Laquis, permaneceram desabitados por longo período. Em todo o sul do Levante, a cultura urbana sofreu forte declínio. Nesse período limiar da Idade do Ferro, entre o começo e meados dos séc. XII a.C., os filisteus, um povo provavelmente oriundo, pelo menos em parte, da região do Egeu – pois sua cultura material inclui estilos semelhantes ao da cerâmica do Heládico Recente IIIC (Micênico IIIC) – estabeleceu-se e construiu impressionantes cidades ao longo da costa mediterrânea, no sul de Canaã. Grupos sociais que, no período anterior, não existiam ou eram inexpressivos e ignorados, agora

ganham proeminência, começam a ser frequentemente mencionados em textos contemporâneos e posteriores e aparecem marcadamente no registro arqueológico. Esse é o caso, por exemplo, dos “Povos do Mar” – dentre os quais os filisteus são os mais proeminentes – bem como dos israelitas, arameus e fenícios. Bem mais tarde, a partir do começo do séc. VIII a.C., surgem no cenário os amonitas, os moabitas e os edomitas (DEVER, 2017, p. 97-102). Embora haja, em vários locais e em diversos aspectos, significativa evidência de continuidade cultural, como por exemplo em alguns sítios fenícios, o início da Idade do Ferro é marcado pela formação ou consolidação de novas identidades étnicas, e pelo surgimento de culturas materiais um tanto novas e de um contexto geopolítico inteiramente novos (AKKERMANS; SCHWARTZ, 2003, p. 358-359; CLINE, 2014; FAUST, 2015; FAUST; LEV-TOV, 2011; KILLEBREW; LEHMANN, 2013; MAZAR 1990, p. 287-288, 300-319).

As crônicas dos reis de Babilônia, registradas numa série de tablets cuneiformes, hoje tutelados pelo Museu Britânico, documentam uma sucessão de eventos que, cronometricamente ancorados no registro de dois eclipses, em conjunto com outras evidências arqueológicas e em paralelo com relatos bíblicos (Jr 25:9-12; 2Rs 24:10-17, 17-18; 25:27), permitem datar o primeiro ataque de Nabucodonosor a Jerusalém ao ano 605 a.C.; um segundo ataque, ao ano 598-597 a.C.; e o último, quando Jerusalém foi destruída e o Reino de Judá extinto, ao ano 587-586 a.C. (WISEMAN, 1956, p. 67, 69, 73; PRITCHARD, 1969, p. 563-564; THIELE, 1978, p. 68-71; ALBRIGHT, 1942).

Pelas razões acima expostas, limitou-se a busca de relações e significados aqui proposta aos *templos* e ao conjunto de fatores presentes no lapso de tempo que vai do início da Idade do Ferro ao fim do Reino de Judá, isto é, aproximadamente, de 1200 a 586 a.C. Excepcionalmente, quando um determinado *templo* da Idade do Ferro manifesta-se em camadas arqueológicas mais profundas, essas suas fases mais antigas, da Idade do Bronze, são também consideradas em razão da importância que potencialmente têm para revelar quais traços arquitetônicos – em razão de sua eventual manutenção, modificação ou extinção ao longo das diversas fases – são mais ou menos significativos.

Conceituação de *Templo*

A função religiosa de uma edificação e, por conseguinte, sua classificação como *templo*, é aqui presumida, como o faz – com variações – a maioria dos estudos, quando a edificação sob análise atende a um ou mais dos critérios abaixo elencados (e.g. COOGAN, 1987; DAVIAU, 2012, p. 435-437; MIERSE, 2012, p. 6; RENFREW, 1985; ZEVIT, 2001, p. 267-349).

Critério da Peculiaridade

O primeiro critério é o da peculiaridade dos artefatos associados à edificação. Presume-se que um determinado prédio abrigava algum tipo de atividade religiosa quando contém um conjunto de artefatos ou instalações que, por serem diferentes – em seu material, forma ou decoração – dos demais artefatos evidenciados nas outras edificações do mesmo sítio, ou por não possuírem evidente função econômica, são geralmente interpretados como sendo objetos-diagnóstico de culto (e.g. MAZAR, 1993, p. 613-614). Tais objetos-diagnóstico incluem estatuetas ou outras representações antropomórficas e zoomórficas, incensários, altares, suportes para oferendas, templos-modelo, frascos para libação e cernos. Outros artefatos, embora geralmente encontrados em contextos tipicamente domésticos – tais como cálices, tigelas, vasos miniaturas, pás para braseiro – quando associados a algum dos objetos-diagnóstico de culto anteriormente mencionados, têm também sido interpretados como utensílios desse culto e, portanto, indicativos acessórios da função religiosa daquela edificação.

Critério da Distinção

O segundo critério é o da distinção da edificação. Presume-se – com base na premissa amplamente demonstrada pela pesquisa etnográfica e antropológica de que a separação entre *santo* e *profano* é característica essencial, embora talvez não rígida e universal, do fenômeno religioso, e de que se manifesta em todas suas expressões fundamentais (ELIADE, 1959; DOUGLAS, 1966; DURKHEIM, 2009, p. 18-26), a despeito de opiniões contrárias (EVANS-PRITCHARD, 1965; GOODY, 1961; STANNER, 1967) – que *templos* são edificações com traços arquitetônicos que as diferenciam marcadamente das demais. Tais traços incluem a segregação física do edifício, sua posição proeminente no relevo ou no núcleo urbano, a monumentalidade de sua estrutura ou componentes, seu formato incomum, presença de colunas sem

função estrutural, a maior preciosidade relativa dos materiais empregados na edificação e a maior complexidade relativa das técnicas construtivas e da decoração.

Critério da Continuidade

O terceiro critério é o da continuidade. Com base na observação de que templos são muitas vezes construídos em locais anteriormente considerados sagrados, em geral se presume que uma estrutura seja um templo, ainda que não contenha instalações ou artefatos diagnósticos, quando se encontra no mesmo ponto de outro templo – localizado em camada estratigráfica acima ou abaixo e já identificado como templo por outro critério – e não apresente indícios de que tivesse outra função (e.g. MAZAR, 1997, p. 152; MULLINS, 2012, p. 130).

Critério do Testemunho Escrito

O quarto critério é o do testemunho escrito. Inscrições encontradas na edificação ou referências históricas podem informar ou permitir a inferência de que determinado edifício foi um *templo*.

As características requeridas pelos três primeiros critérios, porém, ainda que muito sugestivas, não são conclusivas, uma vez que outras interpretações, igualmente plausíveis, são possíveis. Edificações incomuns e monumentais podem, por exemplo, ter sido palácios ou prédios administrativos onde eram realizadas cerimônias que, quer presumissem ou não o concurso de forças sobrenaturais, exigiam o uso de uma parafernália diferenciada (AL TOUNSI, 2012; 2013). Além disso, sempre existe a possibilidade de que novas populações que vieram a ocupar o sítio tenham aproveitado fundações e paredes de templos parcialmente destruídos para construir edifícios com finalidade não religiosa. Assim, a menos que uma inscrição encontrada *in situ* ou uma fonte literária expressamente identifiquem determinado prédio como sendo um *templo*, não se pode ter absoluta certeza de sua função. Por outro lado, a análise cruzada de dados arqueológicos, epigráficos e literários, fornecidos por fontes e sítios diversos, tem permitido identificar padrões geralmente associados a templos. Comparando-se uma determinada estrutura a esses padrões, pode-se identificá-la como sendo um *templo*, com maior ou menor probabilidade, dependendo do grau de semelhança que houver entre ela e qualquer dos padrões.

Com base nessas considerações, a palavra *templo* designa, neste estudo, a estrutura cujas características arquitetônicas e artefatos a ela associados apresentam alguma semelhança com algum padrão (a) característico de edificações públicas dedicadas a alguma forma de expressão religiosa, (b) emanado do conjunto de dados literários, epigráficos e arqueológicos, e (c) geralmente aceito como hipótese de trabalho por pesquisadores diversos. *Templo*, portanto, é aqui entendido como uma espécie do gênero *instalação de culto*, constituído por um prédio dedicado a atividades religiosas e de uso público, ficando excluídas dessa definição as instalações de culto encontradas em contexto doméstico, supostamente de uso privado, bem como aquelas constituídas por espaços abertos e descobertos, ainda que de uso público (*cf.* KAMLAH, 2012, p. 507).

Delimitação do Universo de Templos

Dentro dos limites geográficos e cronológicos acima apontados, e flexibilizando o campo de significado da palavra *templo*, este trabalho incluiu na análise todas as estruturas arqueologicamente documentadas que já foram identificadas como *templo* pelos pesquisadores que as escavaram e estudaram, quaisquer que tenham sido os critérios por eles usados para essa classificação. Esse compreensivo conjunto é constituído por 64 *templos* e *fases construtivas de templos* da Idade do Ferro e do Bronze, em 22 sítios arqueológicos do Levante, já publicados, descritos, analisados ou catalogados, com maior ou menor grau de abrangência, em fontes diversas (*e.g.* BIRAN, 1981; BUSINK, 1970; DIÉS CUSÍ, 2001; GERATY, 1989; HUNDLEY, 2013; KAMLAH, 2012a; MAZAR, 1992; MIERSE, 2012; WRIGHT, G. R. H., 1971; 1985).

Considera-se como *fase construtiva* cada uma das ocorrências de um mesmo templo em camadas arqueológicas diferentes e sucessivas, ainda que com modificações parciais em sua planta, desde que erigidas no mesmo ponto e com algum indício de continuidade entre elas. Presumindo-se que cada uma dessas fases resulta de uma escolha, feita pelos construtores, dos traços arquitetônicos da edificação, e que esse é um ato culturalmente condicionado, pode-se avançar a hipótese de que a preservação, modificação e remoção de traços, em cada uma das diversas fases, expressam a importância relativa de cada um deles para o culto ali praticado e, portanto, de que são indícios das características desse culto.

Assim, se não exaustivo, o presente catálogo de templos é pelo menos bastante abrangente e representativo dos diversos tipos de templos usados no Levante da Idade do Ferro – o contexto com o qual os templos de Judá dialogavam.

Delimitação do Conjunto de Traços Arquitetônicos

A comparação entre os templos levantinos da Idade do Ferro é restringida, necessariamente, pela própria natureza parcial e fragmentária do registro arqueológico. A evidência material disponível constitui apenas uma amostra dos templos que presumivelmente existiram e, além disso, preserva apenas uma fração de cada edificação – em geral, partes das fundações e paredes. Assim, a análise limitou-se a elementos passíveis de comparação, isto é, àqueles cuja presença ou ausência são constatadas, ou podem ser razoavelmente presumidas, em praticamente todas as ruínas, a saber, as características do modo como o espaço é disposto em sua planta baixa: altitude e elevação relativa; formato do prédio e de seus compartimentos; quantidade e disposição dos compartimentos; orientação; posição da entrada; tipo do eixo, da progressão e do plano de acesso; relação com as demais edificações e seu contexto (*ver* Capítulo 3).

Outros importantes elementos, que poderiam indicar focos de interesse e, portanto, algo da dinâmica do culto, ocorrem em alguns templos mas não em outros. Não há, porém, como saber se essa ausência representa uma característica do culto ou se decorre da fragmentariedade do registro arqueológico. Por essa razão, embora considerados subsidiariamente quando presentes, esses elementos não são aqui usados para determinação de oposições significativas.

Definição dos Termos Étnicos

Os termos aqui empregados para designar cada um dos diversos *grupos étnicos* são apenas reduções que seguem o uso comum, adotados por mera praticidade, sem nenhuma conotação étnica essencialista ou primordialista. O rol abaixo inclui apenas os mais recorrentes (*e.g.* DEVER, 2017, p. 97-102).

O termo *canaanitas* será usado como referência genérica a todos os habitantes de Canaã ou, dependendo do contexto, ao conjunto heterogêneo desses povos em oposição a grupos canaanitas específicos, como os filisteus, fenícios, proto-israelitas, israelitas e judaítas (cf. Gn 10:19).

Os termos *Israel* e *israelitas* serão usados em três sentidos, indicados pelo contexto: (a) a nação que traça sua origem às doze tribos descendentes de Jacó/Israel, em qualquer fase de sua história; (b) o Reino de Israel durante o período da monarquia unida, presumivelmente entre final do séc. XI e 925 a.C.; e (c) o Reino de Israel, ao norte, que teria resultado da divisão da monarquia, c. 925 a.C.

O Reino de Judá, ao sul, resultante daquele mesmo evento divisor, e a sociedade a ele associada serão referidos pelos termos *Judá* e *judaítas*. Evitar-se-á o termo *judeu* por se entender que é apropriado para designar apenas o povo que se desenvolveu a partir do Exílio Babilônico, no séc. VI a.C., e que depois viria a identificar-se com a província romana da Judeia, fundada no séc. I d.C. (cf. STERN, 1976, p. 246-247).

Os termos *Proto-Israel* e *proto-israelitas* serão preferidos para designar Israel em seu período formativo, portanto, anterior à constituição da monarquia unida.

O termo *filisteus* será usado genericamente como referência ao grupo de estrangeiros que, segundo fontes egípcias, como indicado pelo súbito surgimento no registro arqueológico de novos tipos cerâmicos, assentou-se na costa sul de Canaã no começo da Idade do Ferro, o qual provavelmente incluía indivíduos de diversas origens, dos diversos grupos que compunham os chamados *Povos do Mar*, e mesmo outros indivíduos que a eles se agregaram.

O termo *fenícios* será empregado para se referir às populações, também provavelmente heterogêneas, que ocuparam a costa norte de Canaã, em cidades como Tiro, Sidon, Biblos e Sarepta, pelo menos a partir do séc. XIII a.C., do qual datam suas mais remotas evidências arqueológicas, e que, na Idade do Ferro, tornaram-se famosos navegadores, comerciantes internacionais, artífices e arquitetos.

O termo *arameus* referir-se-á ao grupo nômade e pastoril que, em meados do segundo milênio a.C., surgiu nas estepes entre o rio Eufrates e seu tributário Khabur

e que, eventualmente, espalhou-se pelo norte do Fértil Crescente e, na Idade do Ferro I, fundou cidades-estado como Carquemis, Alepo e Damasco.

O termo *norte fértil crescente* referir-se-á ao conjunto heterogêneo de populações que habitaram o vértice do Fértil Crescente, compreendendo áreas a leste e oeste do norte do rio Eufrates.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Os debates que dominam a literatura arqueológica mais recente claramente indicam que a Arqueologia contemporânea, embora nova em muitos aspectos, é produto direto do longo processo de transformações que vem sofrendo desde seus primórdios. Porém, a diversidade de compreensões e propostas, por vezes antagônicas, do que sejam ou devam ser seus fundamentos epistemológicos, seus objetivos, seus métodos, sua posição no cenário das disciplinas científicas, enfim, sua própria natureza e identidade, também deixam claro que longe está de ser um produto acabado.

Se há hoje algum consenso, ele diz respeito às causas que transformaram a disciplina e que a trouxeram a seu estado atual: a disponibilização, após a Segunda Guerra Mundial, de uma ampla variedade de recursos tecnológicos, principalmente o computador e as técnicas de datação radiométricas, que permitiram, com muito maior rapidez e precisão, coletar, sistematizar, analisar e situar na linha do tempo enorme quantidade de dados arqueológicos, reavaliar e constatar os acertos e erros de muitas das conclusões anteriormente oferecidas e, por conseguinte, questionar os pressupostos e os métodos que sustentaram aquelas conclusões (BINFORD, 1983, p. 67; CLARKE, 1973, p. 8-12; TRIGGER, 1978, p. 19).

O consenso termina aí. Não inclui nem mesmo a caracterização da relação existente entre a Arqueologia do pós-guerra e a Arqueologia anterior. Para Bruce Trigger, as transformações sofridas pela disciplina não romperam a continuidade epistemológica e metodológica. Segundo ele, a ênfase na reconstrução histórica particularista, típica da *escola histórico-culturalista* das primeiras décadas, e a ênfase na formulação de leis gerais que passou a caracterizar a assim chamada *Nova Arqueologia* do pós-guerra, principalmente nos Estados Unidos, “são como dois lados de uma moeda – complementares, ao invés de antitéticos” (TRIGGER, 1978, p. 27). Paul Courbin, embora apontando importantes diferenças, também ressalta uma significativa continuidade e minimiza a pretensão inovadora da *Nova Arqueologia* ao afirmar, com evidente ironia, que ela se comporta como se estivesse “de um jeito pomposo, descobrindo a Lua” (COURBIN, 1988, p. 114). Semelhantemente, numa jocosa parábola, Kent Flannery sugere que o que foi apresentado como inovação já

era conhecido e, de certo modo, praticado por arqueólogos das gerações anteriores. Fazendo referência ao pioneiro da Arqueologia, ele ironiza: “acho que Schliemann já sabia disso quando estava escavando Troia” (FLANNERY, 1982, p. 270). Por outro lado, para Lewis Binford, o movimento havia sido de total ruptura. “A nova arqueologia, como originalmente a concebi” – disse ele – “foi uma reação contra o que eu então via como limitações que estavam incapacitando a arqueologia tradicional” (BINFORD, 1983, p. 3). Para os proponentes da *Nova Arqueologia*, as realizações da velha escola passaram a ser vistas, nas palavras de David Clark, como “armadilhas semânticas e miragens metafísicas” (CLARKE, 1973, p. 11).

No cerne da percepção de descontinuidade e irreconciliáveis divergências está a questão do objetivo da Arqueologia. Aqueles que aderiram à tradição tipicamente norte-americana, que vê a Arqueologia como disciplina antropológica, entenderam, por isso mesmo, que ela deve ter os mesmos objetivos da Antropologia, isto é, “expor e explicar a abrangência total das diferenças e similaridades físicas e culturais características do inteiro lapso espacial-temporal da existência do homem” (BINFORD, 1962, p. 217). No entender de Binford, a Arqueologia tradicional teria falhado justamente nesse ponto essencial. Embora reconhecendo que ela tenha dado “grandes contribuições no que diz respeito à *exposição*”, ele foi implacável em sua crítica de que ela não deu, “essencialmente, nenhuma contribuição no âmbito da *explicação*”, o que, segundo ele, justificaria a necessidade de uma nova Arqueologia (BINFORD, 1962, p. 217).

Com o propósito de corrigir essa deficiência, a *Nova Arqueologia* passou a se dedicar à tarefa primordial de “formular leis que explicarão os processos socioculturais e o comportamento humano a eles associados” (TRIGGER, 1978, p. 20), e o fez assumindo, dentre outros, os pressupostos básicos da Teoria dos Sistemas (TRIGGER, 1978, p. 217), segundo os quais as mudanças em um sistema são causadas por alterações em uma ou mais das variáveis que o compõem. A importância dada pela *Nova Arqueologia* às variáveis ambientais – ou, na caracterização sarcástica que Flannery, às “variáveis tecno-eco-demo-ambientais” (FLANNERY, 1982, p. 268) – foi percebida por muitos como sendo uma equivocada tendência a lhes atribuir função praticamente determinante nos processos culturais, relegando a segundo plano, ignorando ou explicitamente negando a tese de que o homem possa inovar criativamente, independentemente das condições em que vive.

Binford, porém, ciente dessa crítica, expressamente repudiou a ideia de que a Nova Arqueologia advogasse o “determinismo do ambiente” (BINFORD, 1962, p. 218).

Voltada para a identificação, análise e compreensão de processos socioculturais, bem como para a formulação de “um conjunto de leis abrangentes, verdadeiramente universais” (FLANNERY, 1982, p. 269), a *Nova Arqueologia*, capitaneada por Binford, assume seu caráter *processualista* e, na avaliação de Trigger, “rejeita a ideia de que ‘reconstrução do passado’ possa ser o objetivo da arqueologia” (TRIGGER, 1978, p. 21). Como consequência, a Arqueologia tradicional passou a ser menosprezada “como sendo descritiva e destituída de conteúdo teórico” (ibidem).

Fora do círculo de arqueólogos da *escola processualista*, entretanto, a redução da Arqueologia aos objetivos da Antropologia nunca foi amplamente aceita. Principalmente na Europa, continuou entendendo-se que a Arqueologia compartilha objetivos com a História, não com a Antropologia (COURBIN, 1988, p. 110; FLANNERY, 1982, p. 269). Para Courbin, o objetivo da Arqueologia é, fundamentalmente, “o ‘estabelecimento’ de fatos” (COURBIN, 1988, p. 112). Se assim for, resgata-se a legitimidade de abordagens que podem ser caracterizadas como tipicamente *histórico-culturalistas*, mas não implica em negar os avanços do *processualismo* ou em dizer que a Arqueologia deva ter caráter meramente descritivo, sem qualquer preocupação com a formulação de teorias e explicações, como bem ressaltou Trigger,

o fato de que historiadores estabelecem como seu alvo a exposição detalhada de eventos históricos não significa que não percebem regularidades que ocorrem repetidamente em seus dados ou não tentem formular regras gerais para explicar essas regularidades (TRIGGER, 1978, p. 27).

O ambiente na Arqueologia do pós-guerra, justamente em razão da tendência à crítica epistemológica, gerou em seu âmago o fermento de uma dinâmica volátil que conferiu não apenas força às propostas da *Nova Arqueologia*, como também, paradoxalmente, efemeridade. Como predito por Clarke, o processualismo seria transitório (CLARKE, 1973, p. 17). O assim chamado *pós-processualismo*, em sua vigorosa rejeição à possibilidade de se estabelecer leis gerais absolutas, é a presente realização dessa predição. Ian Hodder, um de seus mais proeminentes proponentes,

advoga, por exemplo, a tese de que não existem fatos brutos, mas sim apenas percepções do que sejam esses fatos, isto é, apenas interpretações dos fatos. Segundo ele, não é possível, portanto, averiguar a validade de uma teoria confrontando-a com os fatos, já que tanto estes quanto aquela são constructos do observador:

os “fatos” são interpretações feitas pelos arqueólogos de campo no curso de seu trabalho... qualquer processo de observação envolve dar sentido ao mundo (neste caso, artefatos no solo e sua relação de um para com o outro). Assim, é uma experiência interpretativa. Não pode haver confrontação porque teoria e dados são, todos, partes de uma única formulação e argumento. De igual modo, a separação entre dados e teoria levanta o problema de como avaliar a adequação da predição às observações. Conquanto arqueólogos possam sustentar teorias por argumentos analógicos, usando proximidade de adequação e regularidades transculturais, a relevância da teoria para os dados depende fundamentalmente da compreensão do processo social que é culturalmente contextual... Conhecimento arqueológico do passado é baseado no significado dado ao registro arqueológico dentro dos paradigmas culturais correntes (HODDER, 1985, p. 12).

Todas as principais tendências e ênfases típicas do *histórico-culturalismo*, do *processualismo* e do *pós-processualismo* estão representadas na Arqueologia atualmente praticada no sul do Levante. As limitações epistemológicas apontadas pelo *pós-processualismo* são em geral reconhecidas, como por exemplo o faz Amihai Mazar, ao ressaltar que o trabalho do arqueólogo pode “em muitos casos, ser questão de julgamento subjetivo, já que é frequentemente inspirado pelos valores, crenças ideologias e atitude do pesquisador para com o texto ou um artefato (MAZAR, 2007a, p. 31). Os mais típicos avanços da *escola processualista* também são largamente adotados por arqueólogos que trabalham na área, como por exemplo o faz Israel Finkelstein ao enaltecer, em seu discurso e prática, “a compreensão da importância da arqueologia ambiental”, “a aceitação do valor das comparações antropológicas e etnográficas” e o uso de “estudos das ciências exatas” (FINKELSTEIN, 2007a, p. 12). A pressuposição, tipicamente *histórico-culturalista*, de que é possível reconstruir a história do antigo Israel a partir do estudo de seus remanescentes materiais continua sendo, porém, predominante entre os arqueólogos que atuam nessa região. William Dever, por exemplo, refere-se aos dados arqueológicos como a “fontes primárias” por excelência para acessar os fatos *como realmente eram*, e não ideologicamente distorcidos como são apresentados nas fontes literárias (DEVER, 2005, p. 74-75). Finkelstein, por sua vez, embora defensor do escopo e métodos processualistas,

parece também reconhecer como legítima a mais saliente característica da *escola histórico-culturalista*, isto é, o esforço de reconstrução histórica particularista, quando diz que a “Arqueologia é hoje a mais importante ferramenta à nossa disposição para reconstruir a evolução da antiga sociedade de Israel” (FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2006, p. 21) e “a única testemunha em tempo real de muitos dos eventos descritos no texto bíblico, principalmente dos períodos formativos anteriores ao Séc. IX a.C.” (FINKELSTEIN, 2007a, p. 19). Amihai Mazar, semelhantemente, embora ciente das questões epistemológicas e metodológicas levantadas pelo *processualismo* e pelo *pós-processualismo*, também reconhece a validade da abordagem histórico-culturalista ao sustentar a tese de que “os métodos de pesquisa analítica e de dedução” da Arqueologia

proveem o único caminho para reconstruir um esboço dos períodos históricos e das culturas perdidas para os quais não há registros escritos, ao mesmo tempo em que, para períodos para os quais temos fontes escritas, a arqueologia ganha significativa importância como ferramenta acessória para a reconstrução histórica, mesmo contrabalanceando textos que podem ser tendenciosos ou sobrecarregados com propaganda e ideologia (MAZAR, 2007a, p. 27).

Pode-se, portanto, dizer que, a despeito das ressalvas do *pós-processualismo*, a Arqueologia atualmente praticada no sul do Levante continua sendo, em seus pressupostos teóricos e em sua prática, claramente adepta do positivismo lógico, pois mantém a distinção entre os fatos observados e as teorias que buscam explicá-los, e emprega o método hipotético-dedutivo, com predominância do raciocínio analógico. Desse modo, continua a tradição tanto da *escola histórico-culturalista* quanto da *escola processualista*.

O presente trabalho transita entre os paradoxos expostos pelo confronto entre as diversas tendências teóricas da Arqueologia. Por um lado, presume ser possível – empregando-se o método semiótico que será apresentado neste capítulo – conhecer algo acerca do passado com base no estudo de seus remanescentes materiais, e, por outro, admite que o conhecimento assim produzido é apenas hipotético, tentativo e provisional. Funda-se, pois, no pressuposto habilmente expresso por Patricia Urban e Edward Schortman, de que

não podemos ter certeza de que a hipótese que propomos para explicar os comportamentos que produziram os padrões materiais que

observamos seja ‘verdade’. Quando muito, podemos ser capazes de dizer que uma hipótese em particular explica os dados em mãos melhor do que outras hipóteses que conhecemos (URBAN; SCHORTMAN, 2012, p. 37).

A força dessa explicação provisória emana não de uma *prova*, no sentido estrito do método científico, mas é, como proposto por Alison Wylie, diretamente proporcional à quantidade de evidências independentes que a suportam (WYLIE, 2002; ver também CHAPMAN; WYLIE, 2016; HODDER, 1987, p. 10).

Cabe ainda lembrar que, desde a publicação dos trabalhos seminais de Émile Durkheim (1912) e Max Weber (1922), tem sido geralmente reconhecido que uma das mais importantes funções da religião é revestir as normas sociais de legítima autoridade, de modo que as pessoas sintam-se motivadas a se submeter a regras que, de outro modo, não o fariam. Religião e seu culto seriam, então, como bem resumizou Clifford Geertz,

(1) um sistema de símbolos (2) que atua no sentido de estabelecer nos homens disposições e motivações poderosas, pervasivas e duradouras, (3) formulando conceitos de uma ordem geral de existência e (4) revestindo esses conceitos com uma tal aura de facticidade que (5) as disposições e motivações pareçam singularmente realistas (GEERTZ, 1973, p. 90).

De acordo com essa compreensão, muito mais do que apenas oferecer “conforto e bem-estar” para os indivíduos (PALS, 2006, p. 13), religião nasce e se transforma com a sociedade, permeando-a de modo a prover a imprescindível justificativa e legitimação da ordem social existente ou pretendida. Assim, deve ser entendida como parte integrante de um sistema adaptativo em que, nas palavras de Lewis Binford, “vários componentes reagem um ao outro em sua contínua operação” e no qual “os elementos ou componentes básicos do sistema são unidade de organização ao invés de elementos à parte” (BINFORD, 1983, p. 182; ver também LUHMANN, 1984; 2013).

Assim sendo, pode-se presumir que religião, culto e rituais, dos quais os templos são expressão material, exercem função primordial no tornar voluntária a submissão dos interesses individuais aos interesses sociais. Tal pressuposição permite aventar a hipótese de ter havido, no Reino de Judá, um culto patrocinado pelo Estado, com características, arqueologicamente detectáveis, favoráveis à promoção de sua ideologia.

A auspiciosa oportunidade de se conhecer quais tenham sido algumas das características essenciais do culto *oficial* do Reino de Judá, oferecida pelo recentemente renovado e consideravelmente ampliado corpo de dados, é, porém, confrontada pelas mesmas questões epistemológicas e metodológicas que sempre desafiaram a Arqueologia, isto é, nas palavras pioneiras de Lewis R. Binford, aquelas impostas pelo propósito de “conhecer o passado por meio da investigação de fenômenos presentes” (BINFORD, 1983, p. 51), afinal, como repetidamente ressaltou:

O registro arqueológico é um fenômeno contemporâneo. Acima de tudo, é um fenômeno estático. É o que restou, em forma estática, da dinâmica que ocorreu no passado, bem como da dinâmica em ação até o momento em que as observações presentes são feitas. As únicas afirmações significativas que podemos fazer acerca do passado são afirmações dinâmicas. As únicas afirmações que podemos fazer diretamente a partir do registro arqueológico são alguma forma de estática descritiva. Chegar ao passado é, então, um processo pelo qual o arqueólogo atribui significado a fenômenos estáticos em termos dinâmicos. Esse é um processo cultural, a atribuição de significado à experiência na qual o arqueólogo está engajado. Ressaltar constantemente que os dados não falam por si mesmos e que os significados atribuídos às observações arqueológicas podem estar errados não deveria surpreender ninguém (BINFORD, 1983, p. 23).

Para transpor esse abismo epistemológico, Binford enfaticamente propôs que, à semelhança do que se fazia nas ciências naturais, a Arqueologia também passasse a submeter suas hipóteses ao rigor científico dos testes. Com isso, ele rechaçou a ideia, até então bastante comum, de que o máximo que as ciências sociais poderiam produzir seriam teorias intelectualmente “satisfatórias”, portanto essencialmente subjetivas, uma ideia que se baseava na “crença de que o homem é muito complexo e de que os fenômenos socioculturais humanos são por natureza incompatíveis com o estudo pelo método científico” (BINFORD, 1983, p. 55).

Embora atrativa na teoria, essa pretensão positivista nunca conseguiu convincentemente demonstrar sua viabilidade, isto é, a possibilidade de produzir conhecimento arqueológico com mais objetividade do que aquele produzido pelo *histórico-culturalismo*. Ecoando o desencanto que as tentativas infrutíferas do *processualismo* geraram em muitos arqueólogos, Ian Hodder rendeu-se à convicção de que “não podemos mais acreditar no surgimento de instrumentos de medição independentes e universais para o teste de teorias” (HODDER, 1987, p. 10).

No entender de Claude Lévi-Strauss, entretanto, o ideal positivista já estava sendo realizado, embora por outras vias, no campo das ciências sociais pela Linguística. Segundo ele, dentre todas as ciências sociais, a Linguística seria “a única, sem dúvida, que pode reivindicar o nome de ciência e que chegou, ao mesmo tempo, a formular um método positivo e a conhecer a natureza dos fatos submetidos à sua análise” (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 45).

Essa “natureza dos fatos” a que Lévi-Strauss faz referência parece ser, fundamentalmente, aquela proposta por Ferdinand de Saussure (1959) e convincentemente demonstrada, quanto à fonologia, por Nicolai Trubetzkoy (2001) e, quanto à morfologia e sintaxe, por Roman Jakobson (JAKOBSON; HALLE, 2002), segundo a qual os “elementos de significação”, sejam eles os da linguagem verbal ou de qualquer outro sistema de signos¹, só adquirem seu significado por meio da construção de distinções entre os elementos integrantes de um mesmo sistema (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 45-50). Central na teoria de Saussure é a ideia de que o signo é arbitrário e socialmente criado (SAUSSURE, 1959, p. 67-70, 113), isto é, não possui em si nada que necessariamente remeta à coisa que significa². Em outras palavras, o significado de um signo – ou unicamente do “símbolo”, caso se use a classificação triádica de Charles Sanders Peirce³ – resulta não de suas qualidades intrínsecas mas sim da relação que mantém com outros signos (SEBEOK, 2001, p. 50-59; CHANDLER, 2002, p. 29-44; SANTAELLA, 2007, p. 13-15). Nesse sentido, referindo-se ao sistema verbal, mas que também seria aplicável a qualquer outro sistema de signos, Saussure afirma que a linguagem é “um sistema de termos interdependentes no qual o valor de cada termo resulta unicamente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 1959, p. 114). Para ele, esse é um princípio “tão básico” que explica não apenas o modo pelo qual as menores unidades sonoras do sistema fonológico de uma língua, os fonemas, se distinguem uns dos outros e encontram sua identidade

¹ O termo *signo* tem aqui o sentido com que geralmente é empregado na Linguística, isto é, a “correlação entre um significante e um significado (ou entre expressão e conteúdo)” (ECO, 1986, p. 1).

² Roman Jakobson, em geral, concorda com Saussure quanto ao caráter arbitrário do signo, mas ressalva que há muitos signos que são motivados (JAKOBSON, 1969, p. 98-117).

³ C. S. Peirce entendia haver três categorias de *signos* – os *ícones*, os *índices* e os *símbolos* – e que só esses últimos seriam produzidos arbitrariamente, por convenção social. Em suas palavras, um *símbolo* seria “um signo convencional ou dependente do hábito” (PEIRCE, 1932, Vol. II, p. 297), mas apenas “na maioria das vezes” (PEIRCE, 1932, Vol. III, p. 360).

própria e inconfundível (SAUSSURE, 1959, p. 119), mas também explica como se dá o processo de significação das próprias ideias que os signos expressam:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, entende-se que os conceitos são puramente diferenciais e definidos não por seu conteúdo positivo mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais precisa é ser o que os outros não são [...] é muito claro que, inicialmente, o conceito não é nada, que é apenas um valor determinado por suas relações com outros valores similares, e que, sem eles, a significação não existiria (SAUSSURE, 1959, p. 117).

Para Saussure, portanto, o *signo* significa o que significa unicamente porque é diferente, dentro de seu sistema, de todos os demais signos com seus respectivos significados.

Esse fundamento teórico sugeriu a Lévi-Strauss ser possível aplicar o método linguístico ao estudo de praticamente todos os fenômenos culturais, pois a compreensão de qualquer coisa que possua um significado poderia ser buscada por meio da análise das relações dessa coisa com as demais e, em decorrência, do delineamento da estrutura do sistema de diferenciação e significação a que pertencem. De fato, a ideia de que o processo de formação de significado dos signos, por meio de diferenciação, é arbitrário, social, relacional e sistêmico, e que rege não apenas o sistema de signos verbais mas também todos os outros sistemas de signos, levou Lévi-Strauss a ver nisso uma oportunidade, mesmo a obrigação, de “verificar imediatamente suas consequências e sua aplicação” nas “disciplinas vizinhas”, o que ele próprio coerentemente fez ao estudar sistemas de parentesco, totemismo, organização social, magia, religião e arte (LÉVI-STRAUSS, 1969):

No estudo dos problemas de parentesco (e sem dúvida também no estudo de outros problemas), o sociólogo se vê numa situação formalmente semelhante à do linguista fonólogo: como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação; como eles, só adquirem esta significação sob a condição de se integrarem em sistemas; os ‘sistemas de parentesco’, como os ‘sistemas fonológicos’, são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente; enfim a recorrência, em regiões afastadas do mundo e em sociedades profundamente diferentes, de formas de parentesco, regras de casamento, atitudes identicamente prescritas entre certos tipos de parentes, etc., faz crer que, em ambos os casos, os fenômenos observáveis resultam do jogo de leis gerais, mas ocultas. O problema pode então se formular da seguinte maneira: numa outra ordem de realidade, os fenômenos de parentesco são fenômenos do mesmo tipo que os fenômenos linguísticos (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 48-49).

O potencial heurístico e ampla aplicabilidade do método proposto por Saussure, potencializados pelos resultados que seu emprego produziu no campo da Antropologia pelos trabalhos pioneiros de Lévi-Strauss, motivaram um fabuloso caudal de estudos de sistemas culturais diversos, com variados graus de sucesso, que veio a se constituir nessa corrente de pensamento, multidisciplinar e pervasiva da primeira metade do Séc. XX conhecida como *estruturalismo* (e.g. ASSISTER, 1984; BARTHES, 1999; BOURDIEU, 1996, 2002; KEARNEY, 1994, p. 240-342; LACAN, 2006; PIAGET, 2015; STURROCK, 2003).

A partir de meados do séc. XX, o *estruturalismo* passou a ser objeto de severa crítica por parte de vários pesquisadores, geralmente chamados de *pós-estruturalistas*, cujo foco era o pressuposto de que a *semiose*, isto é, o processo de produção de significado por meio de oposições binárias, acabava resultando em sistemas semiológicos ou semióticos⁴ todo-abrangentes que, por sua vez, definiam estruturas sociais e estruturas mentais e, por essa via, a própria forma de pensar e viver em sociedade. O objeto principal da crítica, portanto, foi a tese de que, além da realidade e da imaginação, existiria uma “terceira ordem”, como a chamou Gilles Deleuze (2004, p. 171), aquela dos sistemas simbólicos, que media e condiciona a relação entre realidade e imaginação, mas que, no entender de Henri Lefebvre, apenas mascara a tendência à sistematização absoluta e à indesejável manipulação arbitrária dos signos em benefício de uma suposta ideologia tecnocrata e elitista (LEFEBVRE, 1967).

A crítica pós-estruturalista, porém, conquanto possa ter demonstrado a insuficiência do *estruturalismo* como único e totalizante modelo explicativo dos fenômenos culturais (e.g. HODDER; HUTSON, 2003, p. 45-74), não afastou a proposição de que identidade se forma mormente por oposição a outra identidade e que, portanto, o significado de um elemento cultural, ainda que dinâmico e efêmero,

⁴ Os termos “semiologia” e “semiótica”, e seus respectivos derivados, têm sido por vezes usados como sinônimos. Ferdinand de Saussure cunhou o termo “semiologia” (SAUSSURE, 1959) e, para falar aproximadamente do mesmo objeto, Charles Sanders Peirce preferiu o termo “semiótica” (PEIRCE, 1932). Neste trabalho, usar-se-á o termo “semiótica” para indicar a “ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significado e sentido” (SANTAELLA, 2007, p. 2).

deve ser buscado contextualmente, sincronicamente, emicamente, nas relações de oposição entre signos.

Vários estudos já demonstraram a utilidade da análise estrutural para a compreensão da religião e do culto do antigo Israel, porém, na maioria dos casos, limitaram-se aos textos sagrados (e.g. ANDRIOLO, 1973; CULLEY, 1976; DOUGLAS, 1966, 1999, p. 262-271; KUNIN, 1998, 2004; LEACH, 1966, 1973; LONGACRE, 1979; YELLE, 2013, p. 137-156). Remanescentes arqueológicos raramente têm sido submetidos a esse tipo de análise, notadamente na Arqueologia de Israel e, ainda menos, no que diz respeito à forma de disposição do espaço de culto. Pesquisadores de campos diversos, contudo, têm reconhecido o valor heurístico do método e o têm empregado, explícita ou implicitamente, em situações pontuais (e.g. DAVIS, 2013; GHEORGHIU, 2001; GRAESSER, 1969, p. 180-181; LEFEBVRE, 1991, p. 170-175, 180-188; MAZOW, 2014; MEIJER, 1989; NEGBI, 1988; PARKER PEARSON; RICHARDS, 2003; SMITH, 1987; WIGHTMAN, 2007). Este estudo, embora de forma apenas incipiente e experimental, pretende contribuir para suprir essa lacuna. Afinal, como ressalta William G. Dever, “é evidente que os artefatos, assim como os textos, são ‘signos’ e possuem significado simbólico”, portanto, “se há uma ‘estrutura subjacente’ discernível nos textos, então é razoável supor que algo de tal estrutura exista também nos remanescentes materiais” (DEVER, 2002, p. 84). Essa lógica é corroborada por Lúcia Santaella que, embora provavelmente não tivesse em mente as instalações de culto do antigo Israel, certamente as incluiu conceitualmente:

Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido (SANTAELLA, 2007, p. 2).

Com algumas importantes exceções que ressaltam as *diferenças* (e.g. DEVER, 2003, p. 101-128; ZEVIT, 2001, p. 90-121), a maioria dos estudos históricos e arqueológicos da religião e do culto do antigo Israel tem se concentrado nas *semelhanças* entre Israel e os demais grupos sociais de Canaã, inequivocamente atestadas pelo imenso volume de dados hoje disponíveis, particularmente aqueles que evidenciam suas respectivas concepções cosmogônicas, configurações de seu panteão, práticas religiosas, formas de assentamento, tipos das edificações

domésticas e de culto, e estilos dos artefatos (e.g. DEVER, 1987; FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002, p. 118; HERZOG, 1980; SMITH, M., 1952). Em razão disso, a convicção de que a religião de Israel era uma variedade local da religião canaanita, predominante na região, tem sido até hoje compartilhada pela maioria dos especialistas (e.g. AHLSTRÖM, 1991; BLOCH-SMITH; NAKHAI, 1999; COOGAN, 1987a, p. 115; CROSS, 1973; DEVER, 2005, p. 257-264; HALPERN, 2009, p. 17-31; NOLL, 2007; 2003, p. 3; SMITH, M., 1971; SMITH, M.S., 2001; WEIPPERT, 1990, p. 156-157; WRIGHT, D.P., 2004, p. 178; WRIGHT, G.R.H., 1971, p. 17; WYATT, 2010).

Estudos centrados nessas *semelhanças* têm por mérito a desconstrução da imagem, presumida por séculos, de um Israel exógeno desde sua origem e essencialmente diferente dos demais povos canaanitas. Por outro lado, possuem a deficiência de não terem contribuído para o entendimento de algo que é igualmente, se não mais, significativo e importante: o fato de que Judá eventualmente desenvolveu sua própria identidade. A análise das *semelhanças* permite, quando muito, apenas a conclusão de que “ambiente e cultura idênticos resultam em experiências e comportamentos religiosos muito similares” (NOLL, 2007, p. 66), mas não explica por que grupos sociais com tanto em comum acabaram se distinguindo uns dos outros e, eventualmente, se tornando uma etnia à parte. A compreensão da origem do povo de Israel precisa, portanto, ser buscada não nas *semelhanças*, mas sim no processo de diferenciação e formação de sua identidade. Para isso, há necessidade de mudança de foco, das *semelhanças* para as *diferenças*, e de um método capaz de identificar e analisar essas diferenças e determinar seu significado. O método da Linguística, acima introduzido, considerando-se que já demonstrou capacidade de explicar a formação de significado a partir da análise de oposições binárias entre elementos de um mesmo sistema, desenvolvido com sucesso também no campo da Semiótica, parece ser o mais adequado para esse propósito.

A crítica de Pierre-Ives Balut ao emprego na Arqueologia desse método que ele chama de “semiológico” (BALUT, 1998) precisa, contudo, ser levada em consideração. Em sua argumentação, Balut evidentemente presume o axioma de que *signos* são arbitrários, isto é, não possuem, em si mesmos, nada que necessariamente indique seu significado. Assim, segundo ele, na ausência de outras fontes, seria impossível e, por isso mesmo, fútil tentar derivar sentido de dados exclusivamente arqueológicos. A única maneira de saber o significado de um símbolo

– seja ele uma imagem, uma escrita, uma instalação funerária ou, no presente caso, um templo – seria obtendo informação das pessoas que, arbitrariamente, lhe atribuíram significado. Essa impossibilidade de apreender *significados* apenas com base nos *significantes* é agravada, segundo ele, pelo fato de que geralmente mediamos nossas representações pela linguagem que é, ela própria e *a priori*, uma representação particularista que limita a percepção da realidade e o campo de possibilidades de representá-la. Isso leva à conclusão, em suas palavras, de que “sem testemunho explícito do significado, não há como reconstruí-lo a partir de seus sinais” (BALUT, 1998, p. 287). Daí sua tese de que, para a compreensão do passado remoto, os testemunhos escritos, quando existentes, são imprescindíveis.

Tal obstáculo epistemológico, contudo, é minorado pela existência de abundantes testemunhos escritos, consolidados na Bíblia Hebraica, acerca dos templos de Judá. É verdade que a crítica tem minimizado ou, em alguns casos, totalmente negado o valor histórico das fontes bíblicas por terem sido alegadamente produzidas séculos depois de muitos dos eventos que pretendem retratar (DEVER, 2002, 2017; FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2002; GRABBE, 1997; SCHMIDT, 2007; SILBERMAN; SMALL, 1997). Mas, ainda que seja necessário presumir que a literatura produzida pelo antigo Israel seja tardia e esteja eivada por motivações teológicas, políticas e ideológicas, no caso dos templos do antigo Israel ela representa, na pior das hipóteses, a interpretação de pessoas que viveram na época ou muito próximo da época em que esses templos ainda estavam funcionando, pessoas do mesmo lugar e da mesma cultura, portanto, *testemunhas*.

Em face das considerações acima exaradas, este trabalho analisou, pelo método semiótico e com assistência das fontes bíblicas, a forma de disposição do espaço nos templos do Reino de Judá, presumindo que seus componentes são *significantes* de uma *linguagem arquitetônica* (cf. HODDER, 1987, p. 2), desenvolvida dialeticamente com os signos e linguagens dos outros povos que integravam o sistema sociocultural em que Judá estava imediatamente inserido, buscando desse modo contribuir para a compreensão, primariamente, das características e função do culto *oficial* do Reino de Judá e, secundariamente, do modo como esse culto teria eventualmente atuado no processo de diferenciação, formação e consolidação da identidade do antigo Israel.

Discussões sobre o conceito de *etnicidade* são numerosas e frequentemente divergentes (e.g. BARTH, 1996; BANTON, 1996; BERGHE, 1996; COHEN, 1969, p. 1-28; 1996; BRASS, 1996; CONNOR, 1994, p. 101-102; 1996; EADE, 1996; ELLER, 1999; ELLER; COUGHLAN, 1996; ERIKSEN, 1993; FEARON; FISHMAN, 1996; GEERTZ, 1996; GIL-WHITE, 1999, 2001; GROSBY, 1996; HALE, 2004; HECHTER, 1996; HOROWITZ, 1985, p. 53, n. 164.; LAITIN, 2000, p. 6-12; SMITH, A.D. 1986, p. 21-46, 1991, p. 204; VAN EVERA, 2001; WALLERSTEIN, 1987; WEBER, 1996; YOUNG, 1976). Contudo, nos últimos anos, parece ter surgido uma crescente convergência no entendimento dessa *identidade coletiva* como sendo o senso constructo – complexo, multifacetado e dinâmico – de inalienável pertencimento a um grupo social, maior que uma família, em razão da crença de que os indivíduos que o compõem têm uma origem comum e, portanto, compartilham uma mesma história e um mesmo destino. Pode-se dizer que *etnicidade* é aquilo que um grupo diz ser, para si mesmo e para os outros; ou aquilo que outros entendem ou dizem que esse grupo é. Portanto, em essência, *etnicidade* é *mensagem* e, como tal, sujeita-se às leis que regem todos os tipos de linguagem. Sua transmissão se dá por canais e códigos diversos, tais como a aparência física dos indivíduos que compõem o grupo; o uso de uma língua comum; a localização geográfica desse grupo; e todos os traços peculiares, reais ou imaginados, de sua cultura. Grupos étnicos diferentes podem ter a mesma aparência física, falar a mesma língua, ocupar o mesmo espaço e compartilhar o grosso do complexo cultural, mas não se confundem, porque *etnicidade*, como mensagem eficiente que é, faz uso de oposições binárias significativas que, embora sutis, ressaltam peculiaridades e, desse modo, estabelecem identidade. Essas oposições não precisam ser do tipo *ausência/presença* de determinado traço, mas frequentemente são do tipo *maior/menor* grau de ocorrência ou ênfase de determinado traço, o que basta para indicar a importância relativa que possui dentro do sistema simbólico e, desse modo, caracterizar a identidade do grupo. Assim, como bem sumarizaram Avraham Faust e Justin Lev-Tov, “interação pode produzir similaridades em muitos traços, mas não naqueles traços que um grupo usa para distinguir-se em relação a outro” (FAUST; LEV-TOV, 2011, p. 20; ver também MCGUIRE, 1982; HODDER, 1982; FAUST, 2006, p. 13-19).

Essa compreensão de como a *etnicidade* é construída ressalta a primazia que as *diferenças*, ainda que discretas, devem ter sobre as *semelhanças* no esforço de se tentar, com base no registro arqueológico, traçar a gênese e os contornos de fronteiras étnicas.

A diferenciação, geralmente diminuta, entre signos de um mesmo sistema – mecanismo pelo qual os significados são produzidos – ocorre em vários níveis. No caso da escrita, por exemplo, o fenômeno se dá desde o nível mais simples, o dos morfemas, até, em ordem crescente de complexidade, o das palavras, das frases e dos textos. Considerando-se que um *signo* passa a existir “toda vez que um grupo humano decide usar algo como veículo de outra coisa” (ECO, 2017, p. 12), e que, assim, a rigor, “qualquer produção humana dotada de sentido é um signo” (FIORIN, 2015, p. 60), pode-se presumir que um *templo* também integra uma forma de linguagem e que, portanto, deve ser estudado como sendo um *texto*, isto é, uma sintagmática, um sistema de signos que pode ser decomposto em seus elementos de significado (HJELMSLEV, 1961, p. 21). A forma de disposição do espaço de culto, porém, equivaleria, no máximo e *grosso modo*, apenas a algumas das *palavras* ou *frases* do *texto*, indicativas mas não portadoras de seu pleno sentido. A *mensagem* encontra-se no todo que, em razão do caráter parcial e fragmentário do registro arqueológico, bem como da limitação do escopo deste trabalho, não se oferece plenamente para análise.

CAPÍTULO 2 – GÊNESE DO CULTO DE JUDÁ

Nos últimos 150 anos, a história do antigo Israel tem sido escrita premida pela tensão que há entre suas três grandes fontes: (a) os escritos produzidos por esse povo na antiguidade, editados e seletivamente consolidados na Bíblia Hebraica; (b) as interpretações desses escritos propostas pela Crítica Literária e (c) os dados que têm sido levantados pela Arqueologia. Qualquer novo estudo que se faça de alguma parte dessa história, ainda que apenas do culto e de uma perspectiva principalmente arqueológica e semiótica, como é aqui o caso, precisa, necessariamente, levar em consideração o conjunto de dados providos por essas fontes. Por essa razão, esboça-se a seguir o cenário que cada uma delas apresenta, destacando-se apenas os elementos que parecem ter alguma relevância no escopo deste trabalho.

2.1 As Fontes Literárias

Quando escreveram a história¹ de seu povo, os autores das antigas escrituras hebraicas remontaram sua origem ao patriarca Abraão, um nativo de Ur dos Caldeus que, atendendo ao chamado de seu deus *YHWH* (*Yaweh*), mudou-se para Canaã. Lá, Abraão gerou Isaque, que gerou Jacó, que assumiu arditamente o direito de primogenitura, teve seu nome mudado para Israel e gerou filhos e filhas (Gn 21:2-3; 25:19-21, 24-26; 27; 32:28; 35:22-26). Apesar de terem adotado um estilo de vida nômade, os três patriarcas jamais ouviram ou romperam vínculos com suas origens mesopotâmicas, como arameus que eram (Dt 26:5; Gn 14:13; 24:10; 28:2). O relato, em sua atual forma canônica, prossegue então ao longo das seguintes linhas gerais.

Em tempos de escassez, essa grande família mudou-se para o Egito e ali permaneceu por muitas gerações (Gn 41:56-57; 42-47). Seus descendentes se multiplicaram e constituíram doze tribos, cada uma delas identificada pelo nome de seu epônimo – um dos descendentes de Jacó (Ex 1:1-7). Unidas por laços de consaguinidade, história e fé comuns, essas tribos formaram a nação que passou a chamar-se pelo nome de seu último grande patriarca, Israel.

¹ O termo “história”, como referência aos relatos bíblicos, é usado em seu sentido lato, portanto, sem os rigores e constrações do sentido técnico moderno.

Depois de um longo período de prosperidade no Egito, os israelitas foram transformados em escravos (Ex 1:8-11). Sob a liderança de Moisés, libertaram-se e retornaram a Canaã, no épico Êxodo (Ex 12:37-38). Logo no começo da longa viagem, organizaram-se como nação (Ex 19:1-6; Nm 1-4); suas leis foram então escritas e promulgadas (Ex 20-23); seu primeiro santuário, o Tabernáculo móvel, foi construído “conforme tudo o que YHWH ordenou” (Ex 39:42), abrigando seu mais sagrado objeto, a Arca da Aliança (Ex 25:8-22); seu culto foi detalhadamente prescrito (Ex 25-31); as linhas principais do programa de preservação de sua etnicidade, traçadas (Dt 18:9-14). Entre outras prescrições, essa nação deveria distinguir-se das demais pela prática de uma religião monoteísta (Dt 6:4) que bania as representações iconográficas (Ex 20:4-5; Dt 4:16-19) e o consumo da carne de porco (Lv 11:7; Dt 14:8).

Depois de quarenta anos cruzando o deserto, as tribos de Israel finalmente chegaram a Canaã, agora lideradas por Josué, e cada uma passou a ocupar a parte do território que lhe foi atribuída (Nm 34; Js 13-19; 24:13). O Tabernáculo móvel foi armado em Siló (Js 18:1), onde permaneceu por muitas gerações (Jr 7:12; Jz 18:31; 1Sm 1:3, 24). Durante cerca de quatro séculos, viveram assim, mantendo sua organização tribal, sem um governo central (Jz 21:25). Ocasionalmente, em momentos de crise entre tribos ou, no mais das vezes, para enfrentar um inimigo externo comum, foram lideradas por um *juiz*, uma espécie de líder carismático, supratribal (Jz 3:8-9, 14-15; 4:3-4; 6:12-14; 10:1-3; 13:5; 15:20). Dentre os vários povos nominados, os filisteus eram os adversários mais frequentes (Jz 3:31; 10:7-8; 13:1; 15:9; 1Sm 4:1-2; 9:16; 12:9; 13:3-5; 14:20, 52; 17:1; 19:8; 23:1; 23:27; 28:1; 29:1; 31:1; 2Sm 5:17; 8:1; 21:15-20; 2Rs 18:8).

O Período dos Juízes foi sucedido pelo Período dos Reis (1Sm 8:1-5), inaugurado com a unção de Saul, o primeiro rei de Israel (1Sm 10). Davi sucedeu-o no trono, tendo sido inicialmente proclamado rei apenas sobre a tribo de Judá e, depois, sobre todas as tribos de Israel (2Sm 2:4; 5:1-5), e elevou o reino a uma posição de poder e prosperidade. Salomão, filho e sucessor de Davi, tornou o reino esplendoroso e internacionalmente admirado (1Rs 4; 10:1-7, 14-29) e construiu um templo dedicado a YHWH, em substituição ao Tabernáculo, empregando artífices fenícios (2Sm 5:11; 1Rs 5; 7; 9:10-14, 26-28; 1Cr 14:1; 2Cr 4:11; 8:17-18), mantendo, embora em escala grandiosa, o mesmo conceito básico do Tabernáculo (1Rs 6), e

nele abrigando a Arca da Aliança que, a essa altura, estava sendo guardada em residências (1Sm 7:1; 2Sm 6:11) e tendas provisórias (2Sm 6:17).

Com a morte de Salomão, seu filho e sucessor Roboão mostrou-se incapaz de manter a unidade do reino, que acabou dividindo-se em dois, um ao norte e outro ao sul do país (Fig. 2.1). Dez das tribos proclamaram como rei um antigo oficial de Salomão, chamado Jeroboão, e fundaram o Reino de Israel, inicialmente com capital em Siquém (1Rs 12:1-20, 25), depois Tirza (1Rs 15:33) e, finalmente, Samaria (1Rs 16:24). Apenas as tribos de Judá e Benjamin continuaram sob a liderança da dinastia de Davi, agora sob o nome de Reino de Judá, mantendo a capital em Jerusalém (1Rs 12:21).

Figura 2.1 – Mapa dos Reinos de Israel e Judá

Temendo a reunificação do reino, caso seus súditos continuassem fazendo peregrinações ao templo de Jerusalém, Jeroboão buscou consolidar seu novo reino construindo dois grandes santuários em seu próprio território, um em Dã e outro em Betel, rompendo oficialmente com a religião tradicional da nação (1Rs 12:28-30).

Em Judá, apesar dos esforços de reforma do culto (2Rs 18:1-6; 22-23; 2Cr 34; 35:1-18) e da manutenção do templo de Jerusalém (2Rs 12:4-15), essa tradição foi também sucumbindo sob a influência das religiões estrangeiras (Is 1; Jr 2; Hb 1:1-4; Sf 1:1-6; Ml 2:10-13).

Ainda segundo as fontes bíblicas, o povo de Israel, desde sua chegada a Canaã e durante todo o período dos Juízes e dos Reis, contrariando suas próprias leis, misturou-se por casamento com os povos do lugar, adotou seus costumes e passou a cultuar seus deuses (Jz 3:5-6; 10:6). Vários textos aludem, com desgosto, à proliferação de locais de culto não ortodoxos e à adoração a *Baal* e *Asherah*, frequentemente mencionados na mesma frase, como se formassem uma dupla ou casal (Jz 6:25, 28; 10:6; 1Sm 7:4; 12:10; Rs 18:19), cultuados por muitos do povo e pelos próprios líderes de Israel (Jz 3:7; 1Rs 11:5, 33; 15:13; 18:19; 2Rs 21:7; 23:4-7; 2Cr 15:16; Os 14:8; Am 8:14).

Tendo sido governado por diversos reis e algumas dinastias, o Reino de Israel foi finalmente extinto e teve sua população deportada pelo Império Assírio (2Rs 17:22-23; 18:9-11). O Reino de Judá, sempre sob a liderança da dinastia de Davi, durou até Jerusalém e seu templo terem sido totalmente destruídos por Nabucodonosor, rei de Babilônia (2Rs 25:1-12). Assim as fontes literárias encerram o relato, aqui extremamente resumido, do período de que trata este trabalho.

2.2 A Crítica das Fontes Literárias

Até aproximadamente meados do séc. XIX, o cenário bíblico acima delineado era tido, em geral, como historicamente fidedigno. Assumia-se que as escrituras sagradas hebraicas preservavam o relato de testemunhas oculares ou, pelo menos, muito próximas dos fatos históricos de que tratavam. A confiabilidade desses textos como fonte de informações a respeito do passado, com raras exceções, não era questionada. Porém, com a publicação, em 1878, da obra de Julius Wellhausen,

Prolegomena zur Geschichte Israels, emblemática de todo um movimento de crítica literária inspirado pelo racionalismo dos sécs. XVII e XVIII, da qual foi publicada uma versão em inglês sob a supervisão do autor (WELLHAUSEN, 1885), desenvolveu-se no mundo acadêmico a crescente convicção de que esses textos sagrados, em sua quase totalidade, particularmente os que se referiam à história do período formativo da religião e culto de Israel, alegadamente entre a segunda metade do séc. XV e o final do séc. X a.C., haviam sido produzidos séculos mais tarde e que, portanto, praticamente nada tinham a dizer dos fatos como realmente aconteceram.

Influenciado pela teoria publicada pela primeira vez em 1866, por Karl Heinrich Graf, Wellhausen assumiu como já “estabelecida” a tese de que o Pentateuco não era uma unidade literária, como previamente se supunha, mas sim a complexa fusão de três documentos principais, distinguíveis entre si por características literárias peculiares, principalmente terminológicas, estilísticas e temáticas: o livro de Deuteronômio (Documento “D”), o Código Sacerdotal (Documento “P”) e o livro Javista (Documento “J”), o qual incorporava extratos de uma quarta fonte, o Eloísta (Documento “E”) (WELLHAUSEN, 1885, p. 6-8).

Com base na percepção de que cada uma dessas fontes parece ter uma atitude diferente quanto aos locais de culto, Wellhausen sugeriu ser possível datá-las relativamente, ao longo de uma linha evolutiva.

Observando que o Javista explicitamente admite uma multiplicidade de locais de culto (Ex 20:24-26) e que esses locais – os lugares altos (בְּמָה - *bamah*), as pedras memoriais (מִצֵּבָה - *massebah*), as árvores e os poços – são geralmente referidos, nas narrativas javistas e em diversas referências nos livros de Juízes e Reis, não apenas como legítimos mas também como “consagrados e aprovados pelo próprio YHWH e Seus favorecidos”, Wellhausen propôs que a origem desses textos deveria ser situada “nos primeiros séculos do reino dividido”, no período anterior aos escritos proféticos, portanto aproximadamente entre os séc. X e VIII a.C. (WELLHAUSEN, 1885, p. 29-32).

Deuteronômio, por sua vez, proíbe que ofertas sejam oferecidas “em qualquer lugar” (Dt 12:13), como faziam as nações ao redor, que cultuavam seus deuses “sobre as altas montanhas, sobre os outeiros e debaixo de qualquer árvore frondosa” (Dt 12:2), e determina que os sacrifícios deveriam ser oferecidos “somente no lugar que

o Senhor escolher em uma das tuas tribos” (Dt 12:14). Em face disso, Wellhausen propôs que a Fonte Deuteronomista, especialmente à luz da injunção “não fareis cada um como bem parece aos seus olhos, conforme tudo o que hoje fazemos aqui” (Dt 12:8), tem um caráter reformador e, portanto, é posterior ao Javista e “deve ser datada em conformidade com 2 Reis xxii”, nos dias da ampla reforma empreendida pelo rei Josias, portanto na segunda metade do séc. VII a.C. (WELLHAUSEN, 1885, p. 13).

Já nos textos sacerdotais “a suposição de que o culto é restrito a um único centro manifesta-se em toda parte, por todo o documento” (WELLHAUSEN, 1885, p. 34). Com base nessas observações, Wellhausen argumenta que a origem da Fonte Sacerdotal deveria ser situada numa época em que “a unidade do santuário era um fato estabelecido”, isto é, no “período pós-exílico do culto” (WELLHAUSEN, 1885, p. 38).

A tese de Wellhausen tinha, assim, um caráter revolucionário pois afirmava que os textos sacerdotais, até então tidos como fonte primária para se conhecer o culto do antigo Israel, não eram o ponto de partida para a história desse culto, mas o de chegada, uma vez que haviam sido compostos apenas depois do Exílio Babilônico, no final do séc. VI a.C. (WELLHAUSEN, 1885, p. 1-13). Com base nisso, o Tabernáculo passou a ser considerado apenas como “ficção histórica” com a finalidade de prover “imemorial legitimidade” ao novo, central e pós-exílico culto de Jerusalém. “Pois a verdade é” – concluiu Wellhausen – “que o tabernáculo é a cópia, não o protótipo, do templo em Jerusalém” (WELLHAUSEN, 1885, p. 36-39).

A “Nova Hipótese Documentária”, ou “Hipótese Graf-Wellhausen”, como passou a ser chamada, em pouco tempo tornou-se o paradigma da disciplina e, apesar da grande variedade de novas abordagens e propostas que vieram a se desenvolver, muitos especialistas ainda hoje mantêm, com raras ressalvas, sua tese quanto à ordem cronológica das fontes do Pentateuco, *i.e.* JE – D – P (BADEN, 2012, p. 247-248; RENDTORFF, 1999, p. 51-53; VINK, 1969, p. 9).

As datas atribuídas a P variam consideravelmente, mas são, em geral, tardias. Richard E. Friedman, por exemplo, admitiu a possibilidade de uma data mais recuada, mas não antes da queda de Samaria, em 722 a.C. (FRIEDMAN, 1987, p. 91-92). Joseph Blenkinsopp data-o do período pós-exílico, no séc. VI a.C. (BLENKINSOPP, 1992, p. 175). J. G. Vink chega a datá-lo do final do período Persa, por volta de 398

a.C. (VINK, 1969, p. 144). A mais recente escola *revisionista* ou *minimalista*, que em geral advoga posição extremamente cética quanto à confiabilidade histórica dos textos bíblicos, tem datado P aos períodos Persa e Helenístico, entre os sécs. V e II a.C. (DAVIES, 1992; 1995; 1997; LEMCHE, 1996; 1998; 2015; THOMPSON, 1992; 1996; 1999; LEMCHE e THOMPSON, 1994; WHITELAM, 1996). Joel S. Baden, entretanto, acredita não haver nas fontes literárias suficiente evidência para datação absoluta ou mesmo relativa de P (BADEN, 2012, p. 247).

Em suma, a posição que veio a tornar-se prevalecente entre críticos do texto e arqueólogos siro-palestinos é a de que os relatos bíblicos que tratam dos períodos mais remotos da história de Israel, além de terem sido produzidos muitos séculos depois dos eventos que pretendem retratar (LEMCHE, 1998, p. 165-166; RENDTORFF, 1999, p. 60-61), são “altamente ideológicos” (FINKELSTEIN, 2007a, p. 14-15), repletos de “óbvias preferências teológicas de seus autores e editores” (DEVER, 2005, p. 67; *ver também* 2007, p. 50), “provendo-nos com muito mais informação histórica acerca da sociedade e política dos escritores do que acerca dos tempos neles descritos” (FINKELSTEIN, 2007a, p. 15). Por conseguinte, pouco ou nada teria P a informar sobre as origens do culto de Israel. Seus relatos não passariam de um constructo sacerdotal tardio.

Contudo, não obstante sua adesão à Hipótese Documentária, Hermann Gunkel, Martin Noth e Gerhard von Rad, e, depois deles, toda a caudalosa corrente de pesquisa no âmbito do Criticismo da Forma e do Criticismo da Tradição, demonstraram que a expressão literária é apenas uma das derradeiras fases do longo processo de formação da tradição bíblica, tendo sido precedida por uma crescentemente estruturada fase de transmissão oral (GUNKEL, 1895; NOTH, 1972; VON RAD, 1966). Segundo Rolf Rendtorff e outros, o mesmo teria ocorrido com P, cuja forma literária teria culminado uma longa fase de paulatina estruturação de tradições orais relativas ao culto (RENDTORFF, 1990; 1999, p. 58-59).

2.3 As Fontes Arqueológicas

Desde os primeiros levantamentos histórico-geográficos e *surveys* de superfície empreendidos no séc. XIX pelo norte-americano Edward Robinson

(ROBINSON, EDWARD, *et al.*, 1839), pelos britânicos Claude Reignier Conder e Horatio Herbert Kitchener (CONDER e KITCHENER, 1881) e pelo francês Charles Clermont-Ganneau (CLERMONT-GANNEAU, 1896), intensa atividade arqueológica tem sido desenvolvida no sul do Levante, produzindo grande quantidade de dados que iluminam o contexto de emergência e desenvolvimento de Israel e Judá. O cenário delineado por esses dados ora converge, ora diverge dos cenários apresentados pelas fontes bíblicas e pela crítica literária. Esse cotejamento já tem sido objeto de inúmeros estudos e, por não ser deste, basta aqui apenas destacar alguns dados arqueológicos diretamente relacionados ao tema em pauta.

2.3.1 A Estela de Merneptah

A existência de uma unidade social denominada *Israel* é pela primeira vez atestada fora dos textos bíblicos na terceira estrofe da famosa Estela de Merneptah, do final do séc. XIII a.C., descoberta em 1896 por Flinders Petrie (PETRIE, 1897, p. 30; PRITCHARD, 1969, p. 376-378) e hoje exposta no Museu do Cairo. Nela, fiel ao estilo autolaudatório e hiperbólico dos faraós, Merneptah celebra vitórias militares e, entre outras coisas, proclama: *“Israel está destruído, sua semente não existe mais”* (PRITCHARD, 1969, p. 378).

Uma vez que a palavra “Israel” é seguida pelo sinal hieroglífico determinativo de “povo”, enquanto outros nomes referidos na estela são acompanhados do determinativo “cidade-estado” ou “reino”, e que aparece num contexto em que são mencionadas a região de Canaã e duas de suas cidades, Asquelom e Gezer, pode-se aventar a hipótese aceita pela maioria dos especialistas de que, quando a estela foi erigida, c. 1207 a.C., já havia em Canaã uma coletividade distinta conhecida, pelo menos pelos egípcios, pela designação “Israel”, porém ainda nômade ou seminômade (COOTE, 1990; DEVER, 1992; FINKELSTEIN, 1988a; GARDINER, 1961; HALPERN, 1992; HASEL, 1994; 2004b; KITCHEN, 1966; MAZAR, 2007, p. 93-94; NA`AMAN, 1994; RAINEY, 1992; SINGER, 1988; SPIEGELBERG, 1897, p. 28; YOUSSEFF, 1962; YURCO, 1986).

Finkelstein sugere que a Estela de Merneptah, apesar de não indicar “o tamanho desse grupo nem sua exata localização”, evidencia a existência, já no final do séc. XIII a.C., de um “grupo de pessoas chamado ‘Israel’” (FINKELSTEIN, 2007b,

p. 74). Em sua opinião, porém, esse grupo não seria ainda uma confederação de tribos (FINKELSTEIN, 1991, p. 51).

Segundo Donald Redford, a ordem em que os topônimos de Canaã são apresentados na estela – Gaza, Asquelon, Gezer, Yenoam e Israel – obedece a sequência de sua localização, da perspectiva do Egito, do sul para o norte, ao longo da rota que começa na planície litorânea, o que situaria Israel “nas terras altas” (REDFORD, 2000, p. 4-5). As referências geográficas oferecidas pela inscrição permitem inferir, como sugere Dever, que o norte de Canaã era ocupado pelo hurritas e o sul pelos beduínos Sashu. Assim, uma vez que, a costa do Mediterrâneo era ocupada pelos filisteus e outros *povos do mar*, Dever parece ter razão em concluir que, por volta de 1200 a.C., o “Israel” referido por Merneptah só poderia estar localizado na região montanhosa central, justamente onde os *surveys* arqueológicos detectaram o surgimento, pouco depois, de centenas de pequenas vilas que, mais tarde, sem quebra de continuidade, viriam a ser vilas e cidades inquestionavelmente israelitas (DEVER, 2002, p. 41-42, 118-119).

2.3.2 *Surveys* da Região Montanhosa Central

Surveys realizados na região montanhosa central de Canaã revelaram que, na Idade do Ferro I (séc. XII a XI a.C.), cerca de 350 pequenas vilas foram ali estabelecidas (DEVER, 1993; FINKELSTEIN, 1988b; 1990; GAL, 1991; STAGER, 1985b; ZEVIT, 2001, p. 97-98). A proximidade entre elas, a uniformidade da cultura material, o padrão da forma de subsistência e principalmente o fato de que esses assentamentos ocorrem em pontos que não haviam sido ocupados no período anterior (Bronze Recente), sustentam a hipótese de que um novo grupo social passou a ocupar a região (STAGER, 1998, p. 134-135).

Nenhum elemento da cultura material evidenciada nessas vilas, porém, pode ser usado isoladamente como marcador de um novo *ethos*, uma vez que praticamente todos são encontrados em outras áreas associadas a povos diversos. Seu conjunto, contudo, é peculiar. Embora não haja diferença entre o repertório cerâmico desses assentamentos e o da cultura canaanita da Idade do Bronze, a excepcional concentração dos grandes *jarros com colar*, uma típica variedade de *pithoi*, talvez indique uma novidade cultural. O mesmo pode ser dito das típicas casas com quatro cômodos, muito populares nas vilas da região montanhosa desse período. Outros

aspectos da cultura material, mais generalizados nesta região do que em outras, principalmente os relacionados a práticas agrícolas, tais como o emprego de terraços para o plantio, de silos cavados no solo para armazenamento de grãos, de cisternas revestidas para armazenamento de água, e de ferramentas de ferro, são novidades que, na opinião de Dever, sugerem uma descontinuidade cultural e oferecem suporte à hipótese de surgimento, nessa área, de um novo grupo social (DEVER, 2003, p. 113-125; cf. ESSE, 1992, p. 98, 101-103; MAZAR, 1990, p. 345-348, 354; 2007b, p. 89; SMALL, 1997, p. 272-278; STAGER, 1985; ZEVIT, 2001, p. 90-113).

Considerando-se, como já foi dito, que a cultura material encontrada nesses assentamentos é, basicamente, a mesma encontrada em outros setores de Canaã, mas não muito além dessa região, e considerando-se que não há evidência de equivalente desocupação de outras áreas urbanas nessa mesma época – o que permitiria explicar os novos assentamentos nas montanhas como sendo relocação de grupos sedentários – pode-se presumir a origem nômade e autóctone do grupo que estabeleceu-se nessas terras altas.

A continuidade entre esses assentamentos e o Israel do começo do período monárquico parece ser sugerida pela inscrição do faraó Shoshenq, séc. X a.C., preservada nas paredes do templo de Amon-Re, em Karnak (BREASTED, 1906, p. 348-357; EPIGRAPHIC SURVEY, 1954; LEVIN, 2012). Nela, Shoshenq registra uma campanha militar que realizou em Canaã e, pela primeira vez nos anais egípcios, menciona sítios ao norte de Jerusalém. A “única possível explicação para isso”, segundo Amihai Mazar, “deve ser a existência de um poder político na região montanhosa central que era suficientemente importante aos olhos dos egípcios para justificar uma rota tão excepcional para a campanha”, corroborando a hipótese de haver, já nessa época, uma consolidada presença de Israel naquela região (MAZAR, 2007c, p. 124).

Com base no fato de que muitas das vilas que surgiram na região montanhosa central de Canaã, no início da Idade do Ferro I, continuaram sendo ocupadas ininterruptamente, sem quebra na continuidade cultural, por toda a Idade do Ferro II, período em que são relativamente abundantes os testemunhos históricos e arqueológicos da presença de Israel nessa área, Finkelstein sustenta que os habitantes desse “coração do território dos Estados de Israel e Judá... podem com

segurança ser chamados de ‘israelitas’” (FINKELSTEIN, 2007b, p. 74). Anteriormente, porém, ele havia sugerido que seria preferível “omitir totalmente o termo israelita da discussão do Ferro I e, ao invés disso, chamar essas pessoas de ‘colonizadores da região montanhosa’. Nesse caso, o termo israelita seria usado apenas para a emergência da monarquia” (FINKELSTEIN, 1991, p. 52-53). Por entender que a identidade do futuro Israel estava ainda sendo formada nesse período, Dever prefere o termo “proto-israelitas” (DEVER, 2002, p. 118).

2.3.3 A Emergência dos Filisteus

No séc. XII a.C., início da Idade do Ferro, praticamente ao mesmo tempo em que os proto-israelitas aparecem no cenário histórico e arqueológico das terras altas de Canaã, um grupo que integrava as hordas vindas do mar que atacaram o Egito, os filisteus – ou *peleset* como são chamados nas fontes egípcias – estabeleceram-se na planície costeira (BARAKO, 2013; EDGERTON e WILSON, 1936, p. 35-58; cf. ADAMS e COHEN, 2013, p. 662-664; KILLEBREW e LEHMANN, 2013, p. 2-3, tab. 1-2; STAGER, 1995). As inscrições do templo mortuário de Ramsés III, em Medinet Habu, referem-se a esses *povos do mar*, que incluíam os *peleset*, como “países do norte, os quais estavam em suas ilhas” (EDGERTON e WILSON, 1936, p. 41). A tradição bíblica, falando especificamente dos filisteus, diz que vieram de Caftor (Dt 2:23; Jr 47:4; Am 9:7), topônimo que ocorre em várias fontes da antiguidade, em geral tido como referência à ilha de Creta (DEVER, 2017, p. 98; STRANGE, 1980).

Provavelmente em razão de dominarem técnicas que os canaanitas mal conheciam, de possuírem portos abertos para o pujante comércio do Mediterrâneo, e de terem se estabelecido ao longo da *Via Maris*,² a mais movimentada rota de comércio entre o Egito e a Mesopotâmia, via Damasco – o que lhes propiciava constante interação com os maiores centros econômicos da época, como o Egito, a Síria, a Anatólia e a Mesopotâmia – as cidades dos filisteus, principalmente as cinco maiores e mais emblemáticas – Gaza, Asdode, Asquelom, Gate e Ekron (Js 13:3; 1Sm 6:17) – rapidamente cresceram e se tornaram prósperas.

² As fontes da Idade do Bronze e do Ferro, ao referirem-se a essa estrada, não informam o nome pelo qual era conhecida naquela época. *Via Maris* é a designação hoje geralmente usada, embora com objeções (RAINEY, 1981). A Bíblia refere-se a ela como “caminho da terra dos filisteus” (Ex 13:17) e “caminho do mar” (Is 9:1), que parecem ser expressões descritivas, não topônimos.

Ocupando uma área de aproximadamente 100 ha, a pentápolis filisteia, em seus primórdios, já tinha – estimando-se a taxa de 250 indivíduos por hectare – uma população de cerca de 25 mil pessoas (STAGER, 1995, p. 344; *cf.* 1985). Na mesma época, estimativas sugerem que a população dos proto-israelitas girava em torno de 12 a 15 mil pessoas (DEVER, 2002, p. 126-127). Os dados consolidados por Hermann Niemann (NIEMANN, 2013, p. 250), informam que, nos sécs. XII e XI a.C., Asdode já era mais do que duas vezes maior que a canaanita Jerusalém; Ekron, quase sete vezes maior; e Gate, de 6 a 8 vezes. No séc. X a.C., Jerusalém, agora capital do Reino de Judá, era aproximadamente dez vezes menor que a Gate dos filisteus.

Um indício de outra marcante diferença entre filisteus e proto-israelitas, esta tecnológica, é oferecido pela respectiva produção cerâmica. Novos tipos foram introduzidos em Canaã pelos filisteus, semelhantes em forma e decoração à cerâmica micênica do Heládico Recente IIIB (ca. 1320-1190 a.C.). Quando comparada à cerâmica da região montanhosa, como a de Siló, provavelmente produzida por proto-israelitas (Fig. 2.2, *cf.* FINKELSTEIN, 2013, p. 49-50), a dos filisteus (Fig. 2.3) era muito mais variada na forma, requintada na decoração e sofisticada na técnica (BRUG, 1985; DOTHAN, 1982; DOTHAN e BEN-SHLOMO, 2013; GILBOA, COHEN-WEINBERGER e GOREN, 2006; KILLEBREW, 2013; MOUNTJOY, 2013).

Figura 2.2 – Cerâmica Proto-Israelita

Proveniência: Siló

Data: Ferro I, séc. XI a.C.

(ISRAEL MUSEUM, 2017n, Registro K12343)

Figura 2.3– Cerâmica Bicrômica Filisteia

Proveniência: Asdode

Data: Ferro I, séc. XII-XI a.C.

(ISRAEL MUSEUM, 2018g, Registro 68.32.1)

[TABELA 2.1]

[TABELA 2.1]

2.3.4 Dados Zooarqueológicos

O índice de ocorrência de ossos de porco em sítios arqueológicos do Levante, desde a Idade do Bronze e durante toda a Idade do Ferro, incluindo sítios proto-israelitas (Ferro I) e judaítas (Ferro II), é praticamente zero. Predominam no registro arqueológico os ossos ovinos, caprinos e bovinos. Em marcado contraste, o índice de ossos suínos aumenta drasticamente no início do Ferro I, por volta de 1200 a.C., chegando a aproximadamente 20%, mas apenas na costa sul do Levante, onde nessa época se estabeleceram os filisteus (HESSE, 1990; KEHATI, 2009, p. 206-207, Tab. 11.4 e 11.5; LEV-TOV, 2006; STAGER, 1995, p. 344).

Tal constatação, considerada em paralelo com as injunções bíblicas que proíbem o consumo de carne de porco (Lv 11:7; Dt 14:8), mas consideram o gado ovino, caprino e bovino apropriado para os sacrifícios e a alimentação (Lv 1:2), suscitou em muitos especialistas a convicção de que a presença/ausência de ossos de porco era um marcador étnico e que poderia ser empregada para determinar a etnicidade de sítios e identificar fronteiras culturais e étnicas, principalmente entre os vizinhos israelitas e filisteus (FAUST, 2006, p. 35-40; FAUST e LEV-TOV, 2011; 2014; FINKELSTEIN, 1996; GARFINKEL, GANOR e HASEL, 2010, p. 46; KEHATI, 2009, p. 205-207; STAGER, 1998).

Considerando, porém, que a presença/ausência de porcos pode ser determinada por fatores diversos, como condições ambientais e função de cada sítio, outros pesquisadores fizeram ressalvas ao emprego desse dado como marcador étnico (HESSE e WAPNISH, 1997; 1998; LEV-TOV, 2000; ZEDER, 1996; MAEIR, HITCHCOCK e HORWITZ, 2013).

Estudos mais recentes, que sintetizam e analisam os dados zooarqueológicos coletados nas últimas três décadas, sugerem um contexto social ainda mais complexo e incerto (HORWITZ, GARDEISEN, MAEIR e HITCHCOK, 2017; SAPIR-HEN, 2016; SAPIR-HEN, BAR-OZ, *et al.*, 2013). Na Idade do Ferro I, por exemplo, todos os principais sítios urbanos filisteus, como Tel Mique e Ekron, de fato contém grande quantidade de ossos de porco; mas sítios menores e rurais, como Tel Aphek, Tel Qasile e Qubur el-Waleyide, apesar de evidenciarem cultura material tipicamente filisteia, apresentam quantidade muito baixa de ossos suínos, bem próxima dos índices encontrados em todo o sul do Levante. Além disso, na Idade do Ferro IIB (780-

680 a.C.),³ enquanto sítios fenícios, arameus e judaítas continuam apresentando índices próximos de zero, os sítios do Reino de Israel – que, segundo as fontes bíblicas, presumivelmente compartilham do mesmo substrato cultural de Judá – contém quantidades bastante significativas de ossos de porco.

Tais inconsistências, porém, podem ser apenas aparentes. A comparação entre índices dos diversos grupos sociais (Tab. 2.1) revela um quadro com evidentes regularidades, suficientes para, no mínimo, demonstrar que, independentemente de haver ou não condições ambientais propícias para a criação de porcos, os povos autóctones de Canaã praticamente não consumiam carne suína e os estrangeiros filisteus a consumiam em quantidade relativamente grande.

De todos os ossos de animais coletados nos *sítios canaanitas* na Idade do Bronze Recente IIB (1300-1200 a.C.), 2,96% são de porco em Tel Halif; 1,7% em Laquis; 2,7% em Ekron; 0,17 em Siló; 0,87 em Tell Dotan; e 0% em Tel Yoqn'am e Tell es-Safi. No Bronze III (1200-1130 a.C.), 0,33% em Beth Shemesh; 2,43% em Megido; e 0,82% em Laquis. Praticamente as mesmas taxas são encontradas nos sítios canaanitas do período seguinte. No início da Idade do Ferro I (1130-1050 a.C.): Megido, 2%; Tel Dor, 1,62%; Izbet Sarta, 1,02%; Beth Shemesh, 0,13%; Siló, 0,08%; Tel Masos e Tel Dan, 0%. No final do Ferro I (1150-950 a.C.): Tel Kinrot, 1,13%; Tel Dor, 1,07%; Megido, 1,39%. Nos *grandes centros urbanos filisteus*, por outro lado, os índices são muito maiores: no início do Ferro I (1130-1050 a.C.), a taxa chega a 10,86% em Asdode e a 19,46% em Ekron; no final do Ferro I (1150-950 a.C.), 6,83% em Ekron; e, no início do Ferro IIA (950-870 a.C.), em Tell es-Safi, 13,38%.

Durante toda a Idade do Ferro II, a ocorrência de ossos de porco nos *sítios filisteus* continua apresentando altos índices. Em Tell es-Safi, por exemplo, no início do Ferro IIA (970-870 a.C.), o índice é de 13,38%; no final do Ferro IIA (870-780 a.C.), de 13,47%; e, no Ferro IIB (780-680 a.C.), de 15,78%. Em evidente contraste, os índices são praticamente iguais a zero nos sítios da mesma época associados ao *Reino de Judá*. Em Tel Laquis, por exemplo, no início do Ferro IIA, o índice é de 0%; no final do Ferro IIA, 0,37%; e, no Ferro IIB, 0,77%.

³ As datas apresentadas nesta discussão dos dados zooarqueológicos seguem a cronologia adotada por SAPIR-HEN *et al.*, 2013.

Como destacado por Sapir-Hen *et al.*, embora os índices sejam altos nos grandes centros urbanos filisteus, são bastante baixos em suas vilas rurais: no início do Ferro I, apenas 1,2% em Tel Qasile e 0% em Qubur el-Waleide; em Afek, no final do Ferro I e final do Ferro IIA, respectivamente 0,37% e 2,96%. Considerando que sítios em território filisteu apresentam índices tão diferentes, Sapir-Hen *et al.* concluem que “correlacionar consumo e abstenção de porco com processos de diferenciação cultural entre filisteu e ‘outros’, sejam eles israelitas ou canaanitas, é algo inseguro” (SAPIR-HEN, BAR-OZ, *et al.*, 2013, p. 11). Contudo, essa diferença só descartaria a validade da correlação étnica se fosse constatada na comparação entre grandes centros urbanos, pois eram eles que concentravam a maior parte da população filisteia. Como os próprios autores admitem, a diferença de índices entre os centros urbanos e as vilas pode ser explicada pela “mais alta percentagem de população de origem egeia nos centros urbanos *versus* mais alta percentagem de população local nos sítios rurais” (SAPIR-HEN, BAR-OZ, *et al.*, 2013, p. 11). Como já argumentaram Avraham Faust e Justin Lev-Tov, a baixa incidência de ossos de porco em áreas rurais e vilas filisteias pode indicar o predomínio ali de populações locais que, por estarem sob controle político e econômico dos filisteus, haviam adotado sua cultura material, mas não abandonado hábitos alimentares arraigados por séculos (FAUST e LEV-TOV, 2014). Isso explicaria, por exemplo, o índice de Afek no Bronze Recente III (1200-1130 a.C.), que era de 2,29% quando o sítio ainda estava sob domínio egípcio; mas, quando a região passou a ser dominada pelos filisteus (Ferro I, 1150-950 a.C.), ao invés de o índice de consumo de carne de porco subir, como seria de se esperar, caiu para 0,37%. Considerando que os índices são consistentemente altos nos grandes centros urbanos filisteus, o baixo índice em Afek não significa necessariamente que hábitos alimentares não podem ser utilizados como indicadores de etnicidade, mas talvez indique a pequena população local era predominantemente canaanita ao tempo em que estava sob o domínio filisteu.

Outra aparente inconsistência é a diferença, no Ferro II, entre os índices do Reino de Israel e o Reino de Judá. Embora em Judá os índices sejam praticamente zero, são bastante significativos em sítios de Israel: no início do Ferro IIA (950-870 a.C.), em Tel Yoqn’am, o índice é de 2,33%; no final do Ferro IIA (870-780 a.C.), em Hazor, o índice é de 2,64%; em Tel Rehov, 2,21%, em Tel Hamid, 5,18%; no Ferro IIB (780-680 a.C.), 8,6% em Tel Hamid; 7,8% em Megiddo; 7,69% em Beth Shean; e

5,26% em Tel Yoqnam. Embora alguns textos bíblicos enfatizem que as tribos dos reinos de Judá e de Israel, tanto por história quanto por consanguinidade, possuem uma origem comum, a diferença de consumo de carne suína evidenciada por esses índices zooarqueológicos parece indicar que a distinção entre eles é mais profunda, não apenas política, geográfica e administrativa, mas talvez principalmente cultural, anterior portanto à divisão do reino unido, como outros textos já sugerem (e.g. 2Sm 2:4; 5:1-5). O fato de que a diferença entre os índices de Israel e Judá se manifesta apenas no Ferro IIB pode refletir o sucesso e a consolidação da política de Estado, no reino do norte, de romper vínculos religiosos, políticos e sociais que sua população tinha com o reino do sul e, desse modo, promover sua identidade nacional (1Rs 12:26-33).

A legitimidade do uso de dados arqueológicos relativos a hábitos alimentares como indicadores gerais de etnicidade é também corroborada pela mudança ocorrida em Siló. Nesse sítio da região montanhosa central o índice era de 3,5% no Bronze Médio mas, após ser ocupado na onda de assentamentos associada à chegada dos proto-israelitas, passou a ser de 0,17%. Outra confirmação é fornecida pelos dados de Khirbet Rosh Zayit. Embora o sítio esteja localizado no seio do território do Reino do Norte, onde se consumia carne de porco, o índice de ocorrência de ossos suínos em Rosh Zayit, no Ferro IIB, é de 0%. Isso só pode ser explicado pelo fato de que, sendo a cultura material de Rosh Zayit predominantemente fenícia, a população local devia ter hábitos alimentares diferentes da população israelita ao redor.

Os dados zooarqueológicos indicam ainda um outro padrão, sutil, porém bastante significativo. Conquanto os índices de ocorrência de ossos de porco sejam muito baixos entre todos os povos de Canaã – com a notada exceção dos filisteus – apenas em Judá eles são consistentemente próximos do zero absoluto durante todo o tempo de existência desse reino (Idade do Ferro II): 0% em Khirbet Qeiyafa, Laquis, Tell es-Seba VI, Tel Halif VI e Horvat Qitmit; 0,15% em Tel es-Seba II; 0,17% em Jerusalém; 0,37% em Laquis IV; 0,49% em Tel Moza V; 0,82% em Tell es-Seba VII. Índices ligeiramente maiores ocorrem apenas no final da Idade do Ferro: 1,65% em Laquis II e excepcionais 3,07% em Aroer IV, III e IIA. Tais dados sugerem que, em Judá, a adesão à restrição de consumo da carne de porco era mais generalizada e, talvez, mais estrita. Padrão semelhante é revelado pelos índices dos sítios proto-israelitas (Idade do Ferro I): 0% em Tell es-Seba IX-VIII e Beth Shemesh IV; 0,08%

em Siló V; 0, 13% em Beth Shemesh VI-V; 0,17% em Siló; 0,84% em Tel Rehov C3, G4; 0,87% em Tell Dotan; 1,56% em Tel Yognam XVIII. Portanto, no que tange a hábitos de consumo de carne de porco, a maior semelhança parece ser entre proto-israelitas (Idade do Ferro I) e judaítas (Idade do Ferro II), sugerindo uma linha de continuidade cultural.

Assim, apenas com base na difusa correlação que possivelmente exista entre hábitos alimentares e identidade étnica, pode-se vislumbrar, em linhas muito gerais, alguns prováveis contrastes identitários. O primeiro, na Idade do Ferro I, é entre o povo que se assentou na região montanhosa central de Canaã, que em geral não consumia carne de porco, e os canaanitas, que a consumiam moderadamente. O segundo, e muito maior, na Idade do Ferro II, é entre os judaítas, que em geral não consumiam carne de porco, e os filisteus, que a consumiam em grande quantidade. O terceiro, também na Idade do Ferro II, entre judaítas, que não consumiam porco, e os israelitas (população do Reino de Israel), que o consumiam em proporção praticamente igual à de outros animais.

Embora as diferenças nesses indicadores de hábitos alimentares sejam provavelmente causadas por um complexo conjunto de fatores ambientais, econômicos, funcionais e culturais, o que não permite que sejam usadas como marcadores étnicos diretos (FINKELSTEIN, 1996; HESSE e WAPNISH, 1997; SAPIR-HEN, 2016; SAPIR-HEN, BAR-OZ, *et al.*, 2013), o índice elevado de consumo de carne de porco na Filístia pelo menos “serve para identificar a população dos centros urbanos filisteus no Ferro I” (SAPIR-HEN, MEIRI e FINKELSTEIN, 2015, p. 311). Isso é especialmente relevante no contexto deste trabalho pois sugere a existência de uma oposição binária que muito provavelmente integrava o sistema de significados do Reino de Judá: *os que comem porco versus os que não comem porco*, marcando a distinção entre *nós* e *eles*.

2.3.5 Dados Iconográficos

Cenário semelhante pode ser delineado pelos dados fornecidos pelo grande número de estatuetas e plaquetas com figura de mulher encontradas em todo o Levante do sul, da Idade do Bronze à Idade do Ferro, geralmente interpretadas como representações de divindades femininas, instrumentos de culto a essas divindades ou figuras humanas usadas em contexto funerário ou de culto (ALBRIGHT, 1939;

DEVER, 2005, p. 176-195; DOTHAN, T., 2006; ENGLE, 1979; LIPINSKI, 1991; MAZAR, 1990, p. 273-274; PRITCHARD, 1943; TADMOR, 1982; ZEVIT, 2001, p. 267-276). Referindo-se aos muitos exemplares do Bronze Recente (1500-1200 a.C.), William Dever é taxativo: “Não há nenhuma dúvida quanto a quem essa figura representa. Ela é a grande Deusa de Canaã, sob muitas formas” (DEVER, 2005, p. 185).

Figura 2.4 – Asdoda
Proveniência: Asdode, Israel
Data: Ferro I, Séc. XII a.C.
Altura: 17 cm.
(ISRAEL MUSEUM, 2017e,
Registro IAA 1968-1139)

Figura 2.5 – Estatueta Grega
Proveniência: Beócia, Grécia
Data: Arcaico, Séc. VIII-VI a.C.
Altura: 17,4 cm.
(BOSTON MUSEUM OF FINE ARTS, 2017,
Registro 53.3)

Uma inovação nesse universo de estatuetas foi introduzida em Canaã no início da Idade do Ferro I, aparentemente trazida pela leva de imigrantes da região do Egeu que, como parte da convulsão social que marcou o fim da Idade do Bronze, estabeleceu-se no litoral do sul do Levante. Esse novo estilo, denominado *asdoda* em referência ao sítio de Asdode onde foi encontrado pela primeira vez (DOTHAN, M., 1993, p. 97-98), caracteriza-se pela figura estilizada de uma mulher nua, cujo corpo

funde-se com o trono em que está assentada (Fig. 2.4). Em regra, essas estatuetas têm sido encontradas em sítios filisteus do séc. XII ao VIII a.C., frequentemente associadas a outros artefatos que lembram o estilo *grego* (YASUR-LANDAU, 2001, p. 329).

Considerando que esse motivo é recorrente na arte grega da Idade do Bronze, Trude Dothan interpretou as *asdodas* como sendo “evidentemente uma variação da figura feminina micênica sentada num trono” (DOTHAN, T., 1982, p. 234; ver também REHAK, 1995) – motivo que, aliás, teve longa vida tanto na Filístia quanto na Grécia (Fig. 2.5). Presumindo que as “estatuetas ‘asdoda’ descendem da tradição iconográfica egeia”, Assaf Yasur-Landau então sugere que sua representação “como uma figura entronizada parece ser mais indicativa de sua natureza divina”. De fato, em sua forma esquematizada, os atributos anatômicos são reduzidos ao mínimo necessário para caracterizar seu gênero feminino, e a ênfase é posta na fusão da mulher com o trono, suposto símbolo de divindade (YASUR-LANDAU, 2001, p. 332, 333, 336).

Eventualmente, parece que a estatueta *asdoda* passou a ser percebida pelos canaanitas como adequada representação de alguma divindade feminina local, uma vez que exemplares da *asdoda* foram encontrados no mesmo contexto das típicas imagens de divindades canaanitas (DOTHAN, M., 1971, fig. 64: 1-12; 1993; DOTHAN e FREEDMAN, 1967, fig. 35: 3, 4), nunca, porém, em sítios proto-israelitas, israelitas ou judaítas.

Em 1943, James Pritchard reuniu em um catálogo todas as 294 estatuetas femininas do sul de Canaã que até então haviam sido publicadas, classificando-as em 7 tipos principais (PRITCHARD, 1943). Desde então, o número de exemplares resgatados multiplicou-se consideravelmente e diversas propostas de aprimoramento do sistema classificatório de Pritchard têm sido apresentadas (e. g. HOLLAND, 1977; KLETTER, 1996; TADMOR, 1982). Particularmente relevante para este estudo é a proposta de Tadmor de que o Tipo III de Pritchard – caracterizado pela figura de uma mulher nua, ereta, com os braços estendidos ao longo do corpo – deve ser dividido em dois: o tipo Tipo IIIb, em que há uma aparente plataforma suavemente côncava sob os pés da mulher (Fig. 2.6), e o Tipo IIIa, em que esse componente não ocorre (Fig. 2.7). Ela sugere que essa *plataforma* é, na verdade, representação da parte

elevada dos pés de uma cama e que o Tipo IIIb representa, portanto, uma figura deitada. Com base em protótipos egípcios do Império Novo (ca. 1500-1200 a.C.), e considerando que tem sido encontrado associado a cemitério, ela propõe que o Tipo IIIb seria expressão de crenças e práticas funerárias.

Tadmor nota ainda uma distinção dentro do Tipo IIIb, entre figuras com o típico corte de cabelo da deusa Hathor, frequentemente acompanhadas de símbolos divinos – tais como flores, serpentes e animais – e figuras que não possuem esse tipo de cabelo, nem são acompanhadas de símbolos divinos (TADMOR 1982, p. 141-149; 160-161; 170-171; *cf.* DOTHAN, 2006, p. 151-153, Fig. 5 e 6).

Figura 2.6 – Estatueta Tipo IIIb

Proveniência: Deir el-Balah, Palestina

Data: Bronze Recente, ca. 1300-1200 a.C.

Altura: 15,5 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2017i, Registro 82.2.950)

Figura 2.7 – Plaqueta Tipo IIIa

Proveniência: Tel Beth Shean, Israel

Data: Bronze Recente, ca. 1470-1300 a.C.

Altura: Não Informada

(PENN MUSEUM, 2017i, Registro 32-15-197)

Caso Tadmor esteja correta, essa distinção é bastante significativa porque, como ela mesma nota, embora todos os sete tipos básicos de estatuetas e plaquetas

sejam abundantemente encontrados da Idade do Bronze à Idade do Ferro em toda a região da antiga Canaã, apenas o Tipo IIIb é encontrado nos sítios proto-israelitas. Imagens com símbolos divinos estão totalmente ausentes.

Presumindo que todos os tipos de estatuetas e plaquetas possuíam algum tipo de função religiosa, o modo seletivo com que os proto-israelitas as usavam parece sugerir que, já nessa época recuada, diferenciavam-se de seus vizinhos no âmbito da religião e do culto.

Ziony Zevit é ainda mais enfático e sugere que os dados iconográficos requerem a conclusão de que “o grupo assentado na terra durante o Ferro I não adorava certa divindade ou certas divindades envolvidas nos rituais funerários que haviam sido prezadas pelos habitantes do Bronze Recente”. Por outro lado, considerando que os proto-israelitas faziam uso apenas de estatuetas supostamente associadas a ritos funerários, tipologicamente semelhantes às usadas no Bronze Recente, Zevit conclui que eles “observavam costumes funerários...praticados por seus predecessores do Bronze Recente” (ZEVIT, 2001, p. 270).

O fato de que, a partir do início do Ferro II, essa prática foi descontinuada no sul, sugere a Zevit que, pelo menos desde os primórdios da monarquia, existia uma distinção cultural entre o norte e o sul (ZEVIT, 2001, p. 270; cf. TADMOR, 1982, p. 171-172), vale dizer, entre o Reino de Israel e o Reino de Judá.

Afora essas estatuetas funerárias, as manifestações iconográficas que podem ser relacionadas aos proto-israelitas são muito escassas e incertas. Um exemplo excepcional é a estatueta de bronze representando um touro (Fig. 2.8) encontrada numa instalação de culto do Séc. XII a.C. (Ferro I), nas montanhas do extremo norte de Samaria, coração do território proto-israelita (MAZAR 1982).

Comentando esse achado, Amihai Mazar lembra que, na “religião canaanita, o touro era o animal que acompanhava e simbolizava Baal, o deus da tempestade. Em várias representações artísticas canaanitas e, mais tarde, sírias, o deus da tempestade é visto em pé nas costas de um touro” (MAZAR, 1990, p. 351). William Dever lembra que “o principal epíteto (ou ‘título’) de El – o exaltado deus do panteão canaanita – nos textos de Ugarit, na Síria, dos séculos 14º e 13º, é ‘Touro El’” (DEVER, 2005, p. 136). Em face desse cenário, Mazar especula: “É assim possível que na

religião das tribos do norte de Israel o touro fosse considerado símbolo do deus de Israel ou seu pedestal” (MAZAR, 1990, p. 351).

Contudo, embora esse artefato tenha sido encontrado em instalação de culto aparentemente pública e no seio da região dos assentamentos proto-israelitas, não há como afastar a possibilidade de que seja um resíduo da Idade do Bronze ainda utilizado por canaanitas em um de seus santuários.

Figura 2.8 – Estatueta de Touro

Proveniência: Samaria, Israel

Data: Ferro I, séc. XII a.C.

Altura: 12,4 cm

(ISRAEL MUSEUM, Registro K3942)

Figura 2.9 – Estatueta de *El*

Proveniência: Tel Hazor, Israel

Data: Ferro I, séc. XII-XI a.C.

Altura: 14 cm

(ISRAEL MUSEUM, Registro IAA 1967-2233)

Qualquer que seja o caso, não parece prudente fazer inferências gerais sobre a religião e o culto dos proto-israelitas com base num objeto que, além de não poder ser inequivocamente a eles associado, é o único exemplar dessa espécie, da Idade do Ferro I, até hoje encontrado na região montanhosa central (*cf.* AHLSTRÖM, 1990, p. 80; NEGBI, 1989, p. 357; STAGER, 1991, p. 26-28; ZEVIT, 2001, p. 176-180).

Outro exemplo é a estatueta de bronze supostamente representando o deus *El* (Fig. 2.9), descoberta em Tel Hazor, Stratum XI, Ferro I, Séc. XI a.C. (YADIN, 1975, p. 257), semelhante a centenas de outras do Bronze Recente (NEGBI, 1976). O

santuário que a continha foi identificado por Yadin como “israelita”. Mas, considerando que a estatueta fazia parte de uma espécie de mealheiro, guardado dentro de um jarro, Yadin admite a possibilidade de que seja resíduo do Bronze Recente, entesourado por proto-israelitas (MAZAR, 1990, p. 352). Lembrando que todos os exemplares conhecidos são do período anterior ao surgimento dos proto-israelitas, William Dever sugere que a estatueta de *EI* seja interpretada como canaanita, remanescente da Idade do Bronze Recente (DEVER, 2005, p. 138). Portanto, à semelhança da estatueta de touro acima mencionada, trata-se de um exemplar único que, embora tenha sido encontrado em instalação de culto pública, em área presumivelmente ocupada por proto-israelitas, não serve como base suficiente para se fazer inferências sobre a religião e o culto de todo esse grupo social.

Deduções a respeito de uma cultura com base em seus remanescentes materiais tornam-se menos sujeitas a interpretações subjetivas e, por isso mesmo, mais seguras quando baseadas em ampla amostragem. Essa possibilidade é oferecida pelas muitas centenas de exemplares das assim chamadas *Estatuetas-Pilar Judaicas* – ou, melhor, *Judaítas* (cf. DEUTSCH, 2014, p. 37) – algumas com a cabeça feita com molde (Fig. 2.10) e outras com a cabeça moldada à mão (Fig. 2.11), doravante aqui referidas pela sigla *EPJ*, que ocorrem apenas na Idade do Ferro II, a partir do Séc. X a.C., com grande proliferação nos Séc. VIII e VII a.C., a grande maioria no território de Judá, cerca da metade apenas em Jerusalém, e que desaparecem a partir da dissolução desse reino pelos babilônios em 586 a.C. (ALBRIGHT, 1939; BIRD, 1991; BURNS, 1998; BYRNE, 2004; DEUTSCH, 2014; DEVER, 2005, p. 175-195; ENGLE, 1979; FRYMER-KENSKY, 1992; HADLEY, 2000; HESS, 2007; HESTRIN, 1987; JOHNSTON, 2003; KEEL e UEHLINGER, 1998; KLETTER, 1996; MCCOWAN, 1947; MEYERS, 2007; MOOREY, 2003, p. 47-68; PRITCHARD, 1943; STERN, 1982; TADMOR, 1982; WILSON, 2012; WINTER, 1983; ZEVIT, 2001, p. 267-276).

No atual estágio da pesquisa, as *EPJ* parecem indicar tanto continuidade quando descontinuidade na relação de Judá com as demais culturas do Levante. Por um lado, as *EPJ* continuam uma tradição iconográfica, comum ao redor do Mediterrâneo e em todo o Oriente Médio, desde o período neolítico até a Idade do Ferro e além, de mulheres eretas e geralmente nuas (MARINATOS, 2000). Fora de Judá, porém, as manifestações dessa tradição comum caracterizam-se pela

destacada representação da genitália feminina. Estatuetas egípcias, mesopotâmicas, sírias, fenícias e de outros povos do Oriente quase que invariavelmente retratam uma mulher totalmente nua, com proeminente e exagerada representação, não apenas dos seios, mas também do triângulo púbico (Figs. 2.16 a 2.23, 2.25 e 2.26).

Figura 2.10 – Estatueta-Pilar Judaíta

Proveniência: Tel Laquis, Israel

Data: Ferro II, Séc. VIII-VI a.C.

Altura: 18,1 cm

(METROPOLITAN MUSEUM, 2017c,
Registro 34.126.53)

Figura 2.11 – Estatueta-Pilar Judaíta

Proveniência: Judá, Israel

Data: Ferro II, Séc. VIII-VI a.C.

Altura: 9 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2017d,
Registro 90.24.349)

A maioria dos autores sustenta que as EPJ, de igual modo, representam uma mulher nua, mas só da cintura para cima. Robert Deutsch, por outro lado, observando que os mamilos nunca são representados nas EPJ, defende que a mulher esteja “modestamente vestida” (DEUTSCH, 2014, p. 38). Qualquer que seja o caso, os órgãos sexuais nunca são representados, ressaltando-se apenas os seios volumosos, talvez como referência à amamentação.

Considerando que, inicialmente, 95% das EPJ haviam sido encontrados em território de Judá, a maioria dos especialistas passou a considerá-las como um fenômeno tipicamente judaíta (ENGLE, 1979, p. 17; JOHNSTON, 2003, p. 87-88; KLETTER, 1996, p. 45; WILSON, 2012, p. 270, n. 11).

Nas últimas décadas, com o avanço das escavações arqueológicas, muitos outros exemplares têm sido encontrados, inclusive fora dos domínios de Judá, em sítios de Israel e Filístia (KLETTER, 1996, p. 56, 95-96; ZEVIT, 2001, p. 271, n. 6). Em face disso, Zevit sugere que a concentração de EPJ em Judá deve-se mais ao fato de outras regiões não terem sido ainda suficientemente exploradas (ZEVIT, 2001, p. 271, n. 6).

Com base nos dados disponíveis, porém, permanece o fato de que o conjunto de EPJ resgatado até o presente, que inclui exemplares do começo do Ferro II (séc. X a.C.), parece indicar uma significativa descontinuidade cultural entre Judá e os povos vizinhos, inclusive entre Judá e as demais tribos de Israel, que, tendo se consolidado nos Séc. VIII e VII a.C., quando a ocorrência de EPJ atinge seu auge, teria se iniciado já nos Séc. X e IX a.C. Raz Kletter, entretanto, ressalva que “a quantidade de EPJ com datação ‘recuada’ é tão escassa que sua importância é desprezível” (KLETTER, 1996, p. 40).

Por outro lado, a característica mais proeminente das EPJ – seios volumosos sustentados pelas mãos ou braços – indica continuidade com as demais culturas do Levante. Representações de uma mulher sustentando os seios com as mãos têm sido encontradas da Mesopotâmia à Grécia, da Anatólia ao Egito, e além; e, quanto ao escopo temporal, do Neolítico ao Ferro recente (Figs. 2.16 a 2.27). Em muitos casos, as figuras de mulher foram evidenciadas em contexto de culto ou funerário, permitindo sustentar a tese de que tinham alguma função religiosa.

Uma estela egípcia (Fig. 2.18), da Idade do Ferro II, mostra a figura de uma mulher nua acompanhada dos nomes, em hieróglifo, *Qudsh*, *Anat* e *Astarte*, que Edwards interpretou como sendo três designações da mesma divindade (EDWARDS, 1955), a mesma que, na Fenícia, seria conhecida por *Tanit* e que, no Levante, teria o nome de *Asherah* (BLOCH-SMITH, 2014, p. 192; DEVER, 2005, p. 177; MAIER, 1986 p. 91). Na vasta literatura de Ugarit, ela é chamada de “mãe dos deuses”, a consorte do exaltado deus *El*, personagem maior do panteão canaanita (COOGAN, 1987;

HANDY, 1994; HOFFNER, 1990; LIPINSKI, 1972; PARDEE, 2002; SCHLOEN, 2001; SMITH, 2002).

As muitas referências bíblicas ao difundido culto a *Asherah* e os muitos artefatos com representações femininas encontradas por todo o território de Israel e Judá, têm levado à conclusão de que essa deusa era também venerada por grande parte, se não a maioria, da população desses reinos (ACKERMAN, 1993; AHLSTRÖM, 1963; BINGER, 1997; DAY, 1986; 2000; HADLEY, 2000; MARGALIT, 1990; OLYAN, 1988; PATAI, 1990; PETTEY, 1990; REED, 1949; SMITH, 2002).

Figura 2.12 – Inscrição de Kuntillet Ajrud, Pito A
Proveniência: Kuntillet 'Ajrud, Sinai, Egito
Data: ca. 725 a.C.
(SHANKS, 2014)

Figura 2.13 – Inscrição de Kuntillet Ajrud, Pito A
Proveniência: Kuntillet 'Ajrud, Sinai, Egito
Data: ca. 725 a.C.
(MESHEL, 1978, Pl. 12)

Essas evidências provêm o fundamento para que alguns interpretem as EPJ como representações de *Asherah* (BLOCH-SMITH, 1992, p. 94; DEVER, 2005, p. 188, 194; ENGLE, 1979, p. 50-52; HESTRIN, 1987, p. 221-222; KEEL e UEHLINGER, 1998, p. 333-336; KLETTER, 1996, p. 80-81, 202-205).

Considerando-se o vasto conjunto de evidências, arqueológicas e literárias, da existência de um pervasivo culto a *Asherah*, sob qualquer de seus nomes, em todo o antigo Levante, e considerando-se que os próprios textos bíblicos fazem repetidas referências à adoração conjunta de *Baal* e *Asherah* (e.g. Jz 3:7; 6:25; 6:28; 1Rs 18:19; 2Rs 17:16; 21:3; 23:4; 2Cr 33:3), como se fossem uma dupla ou casal, não se pode

descartar de pronto a ideia de que essa fosse uma prática comum também em Israel e Judá.

Tal ideia parece ser corroborada pelos desenhos e inscrições encontradas em Kuntillet 'Ajrud (Figs. 2.12 e 2.13), um caravancarai⁴ dotado de um santuário na fronteira com o deserto do Sinai (DEVER, 1984; 2005, p. 160-167; MAZAR, 1990, p. 446-450; MESHEL, 1978; 1979; 2012; ZEVIT, 2001, p. 370-405) e em Khirbet el-Qôm (Figs. 2.14 e 2.15), um túmulo-caverna, no coração do território de Judá, a apenas cerca de 40 km ao sul de Jerusalém (DEVER, 1970b; HADLEY, 1987; ZEVIT, 1984; 2001, p. 358-370). Em ambos os casos, as inscrições de dedicação fazem referência a “*Yahweh e sua Asherah*”.

Kuntillet 'Ajrud foi datado paleograficamente, por tipologia cerâmica, e radiometricamente, por C¹⁴, entre 830-750 a.C. (CROSS, 1980; LEMAIRE, 1984; MESHEL, 1979, p. 34; MESHEL e MEYERS, 1976; SEGAL, 1995, p. 212); e a inscrição de Khirbet el-Qôm foi paleograficamente datada de ca. 725 a.C. (DEVER, 1970, p. 165; LEMAIRE, 1977, p. 603; ZEVIT, 1984; 2001, p. 360), dentro, portanto, do período de existência do Reino de Judá.

Figura 2.14 – Inscrição de Khirbet el-Qôm

Proveniência: Khirbet el-Qôm, Israel

Data: Ferro II, séc. VIII a.C.

Altura: 34 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2017b,

Registro IAA 1972-169)

Figura 2.15 – Inscrição de Khirbet el-Qôm

Proveniência: Khirbet el-Qôm, Israel

Data: Ferro II, séc. VIII a.C.

Altura: 34 cm

(LEMAIRE, 1977, p. 598)

⁴ Termo usado para referir-se a um posto de abastecimento e hospedagem das caravanas do Oriente Médio.

Embora Kuntillet 'Ajrud esteja à margem de uma rota de caravanas internacionais, sua proximidade, data e principalmente menção ao nome YHWH permitem presumir que essas inscrições são expressões do culto prestado por alguém de Israel ou Judá. Já no caso de Khirbet el-Qôm, em razão de sua proximidade com Jerusalém e referência a YHWH, é maior a probabilidade de que seja expressão de crenças religiosas judaítas.

As evidências, portanto, parecem sugerir que, à semelhança do que acontecia em todo o Levante, onde se adorava o casal *El* e *Asherah*, pelo menos alguns israelitas e judaítas também veneravam YHWH e sua consorte *Asherah*. Em Kuntillet 'Ajrud, significativamente, os nomes de *El* e *Baal* integram um *paralelismo*, a típica construção gramatical hebraica (ALTER, 2011, p. 1-28) que, frequentemente, denota equivalência. Assim, é possível supor que YHWH, como consorte de *Asherah*, também era concebido como sendo equivalente a *Baal* ou *El*, igualmente tidos como consortes de *Asherah*. Por esse viés, é possível ainda supor que, embora as escrituras bíblicas nunca usem a expressão “*Yahweh* e sua *Asherah*”, seja exatamente isso que seus escritores tinham em mente quando severamente criticavam o culto a *Baal* e *Asherah*.

A despeito dos evidentes paralelos que essas evidências permitem traçar, a equiparação que em geral tem sido feita entre as EPJ e outras representações femininas do Levante, contudo, parece ser em grau muito maior do que permitem as diferenças de forma e função que há entre elas. Como já foi dito, significado e identidade, são frequentemente estabelecidos pela marcação de diferenças. São estas, portanto, que devem ter primazia na análise.

Estatuetas e outras representações das divindades femininas de todo o antigo Oriente Médio quase que invariavelmente expõem toda a nudez da mulher, inclusive da cintura para baixo, frequentemente salientando sua genitália de forma exagerada e distorcida. As EPJ, por outro lado, sem exceção, não retratam a mulher da cintura para baixo.

Estatuetas de *Astarte* e outras divindades são geralmente encontradas em grande número nos templos e santuários fenícios, como por exemplo em Kition-Kathari e Kition-Bamboula, ambos no Chipre, e em Sarepta, no sul do Líbano (BLOCH-SMITH, 2014). As EPJ, por outro lado, embora ocorram em grande variedade de

contextos, a maioria domésticos, em residências da elite ou do povo comum, em algumas poucas edificações públicas e em contextos secundários, como cisternas, áreas de descarte de entulho, ruas e praças, raramente são encontradas em sepulturas (BLOCK-SMITH, 1992, p. 98; HOLLAND, 1977, p. 137; KLETTER, 1996, p. 59, 105; MCCOWAN, 1947, p. 246) e menos ainda em áreas de culto (DARBY, 2014, p. 256-258; DEVER, 2005, p. 180-181).

As divindades femininas do Levante são sempre representadas adornadas com joias e outros adereços. As EPJ, em contraste, são aparentemente destituídas de adornos, embora a presença, em alguns exemplares, de traços de diversos pigmentos possa indicar a representação de algum tipo de joia ou enfeite no pescoço e nos braços (DEUTSCH, 2014, p. 38).

Por fim, levando-se em conta que os proto-israelitas, como foi acima discutido, aparentemente já se distinguiam dos povos vizinhos por não usarem estatuetas com símbolos divinos e admitindo-se a possibilidade de que os judaítas – seus hipotéticos descendentes culturais – foram de algum modo influenciados por essa tradição, a tese de que as EPJ não representam uma divindade parece defensável e mesmo preferível.

Essas diferenças e considerações, portanto, mantêm aberta a questão da identidade das EPJ. Conquanto possam, em tese, ter sido representações de *Asherah/Astarte*, tal identificação longe está de ser inequívoca. A despeito do grande número que especialistas que a defende, não pode ser considerada estabelecida. É necessário levar em conta que a característica mais proeminente das EPJ – os seios volumosos sustentados pelas mãos ou braços – retrata um fato que é, antes de tudo, natural. Estatuetas e imagens de mulheres segurando os seios, justamente por ocorrem em quase todos os lugares, épocas e povos (Figs. 2.13; 2.14; 2.15; 2.16; 2.17; 2.23; 2.24; 2.25 e 2.26), parecem ser mais expressão do fato natural, comum a todos, do que indício de influência cultural de um grupo de pessoas sobre outro (*cf.* Zevit, 2001, p. 273). Assim, não é forçoso assumir, como ponto de partida, que as EPJ representavam algo mais do que a figura de uma simples mulher, ou que necessariamente sejam indício de continuidade religiosa com as demais culturas do Levante, mas deve-se manter a hipótese de que as EPJ eram simples expressões locais de um fato natural.

Na falta de testemunho escrito explícito e inequívoco (BURNS, 1998, p. 30; DEVER, 2005, p. 184; JOHNSTON, 2003, p. 98; ZEVIT, 2001, p. 274-276), a função das EPJ continua sendo matéria de especulação, com “mais perguntas que respostas” (DEUTSCH, 2014, p. 39). A base plana e alargada, e o acabamento mais cuidadoso na frente do que nas costas, sugerem que as EPJ foram feitas para ficar assentadas em algum lugar e vistas apenas de frente, provavelmente de costas para uma parede. Isso descarta a possibilidade de que fossem, por exemplo, brinquedos. A produção numerosa, o uso difundido e a constância de um mesmo motivo sugerem uma função simbólica.

Apesar de serem peças maciças e relativamente pequenas, quase todos os exemplares foram encontrados quebrados. Esse fato sugere que podem ter sido deliberadamente quebradas e, portanto, usadas em algum tipo de ritual (ZEVIT, 2001, 271-272; HESS, 2007, p. 309-310). Paralelos etnográficos, embora sem nexos diretos, permitem a especulação de que podem ter tido função apotropaica ou hipostática. A semelhança com representações de divindades femininas adoradas por todo o antigo Levante, somada às frequentes menções bíblicas de que muitos dentre os povos de Israel e Judá participavam dessa adoração, sugere, como já foi dito, que as EPJ também representavam alguma divindade. Por outro lado, a ausência nos sítios proto-israelitas de representações iconográficas explicitamente associadas a divindades, tão comuns em Canaã, favorece a hipótese de que as EPJ não representavam divindades.

Qualquer que seja o caso, é inequívoco que as EPJ dão testemunho de uma diferenciação cultural entre, por um lado, a população de Judá e, por outro, a população de Israel e do resto do Levante. Se há algum traço de continuidade, é também evidente que foi assimilado de forma seletiva, de modo que, eventualmente, tornou-se uma marca étnica. Como sugerido por Ian Wilson, “podemos ver o aumento da popularidade das EPJ como um exemplo do esforço de Judá para manter sua etnicidade vis-à-vis seus vizinhos” (WILSON, 2012, p. 278).

Em suma, no que tange à iconografia, há evidência de continuidade e descontinuidade cultural. Por um lado, alguns traços são compartilhados por praticamente todos os povos do Levante e, por outro, proto-israelitas (Ferro I) e judaítas (Ferro II) distinguem-se das nações ao redor.

Figura 2.16 – Plaqueta
Revadim, Israel
Bronze Recente, Séc. XIII a.C.
Altura: 11 cm
(ISRAEL MUSEUM, 2017f,
Registro IAA 1982-219)

Figura 2.17 – Plaqueta
Tel Batash, Israel
Bronze Recente,
Séc. XIV-XIII a.C.
Altura: 12,5 cm
(ISRAEL MUSEUM, 2017j,
Registro IAA 2001-2232)

Figura 2.18 – Fragmento de
Estela Egípcia
Israel
Ferro II, ca. 750-620 a.C.
Altura: 16 cm
(EDWARDS, 1955, p. 51,
Plate III)

Figura 2.19 – Estatueta
Mesopotâmia ou
Norte da Síria
ca. 6000-5100 a.C.
Altura: 8,2 cm
(MUSÉE DU LOUVRE, 2017,
Registro AO 21095)

Figura 2.20 – Estatueta
Deir el-Balah, Palestina
Bronze Recente, Séc. XIII a.C.
Altura: 21 cm
(ISRAEL MUSEUM, 2017h,
Registro 82.2.256)

Figura 2.21 – Estatueta
Susa, Elam, Irã
Elamita Médio, ca. 1250 a.C.
Altura: 18,2 cm
(ISRAEL MUSEUM, 2017c,
Registro 75.43.127)

Figura 2.22 – Estatueta
Maroni, Túmulo 15, Chipre
Cipriota Recente II,
1450–1200 a.C.
Altura: 21.5 cm
(BRITISH MUSEUM, 2017b,
Registro 1898,1201.141)

Figura 2.23 – Estatueta
Kültepe, Turquia
Bronze Médio,
ca. 1800-1700 a.C.
Altura: 9,4 cm
(LARSEN, 2008, p. 80, Fig. 44;
Museu das Civilizações da
Anatólia, Registro 11966)

Figura 2.24 – Estatueta
Isla de Sacrificios, México
Data: Não Informada
Altura: 12 cm
(BRITISH MUSEUM, 2017c,
Registro Am1844,0720.830)

Figura 2.25 – Estatueta
Chipre
Séc. VI a.C.
Altura: 27,94 cm
(BRITISH MUSEUM, 2017a,
Registro 1883,0106.33)

Figura 2.26 – Estatueta
Susa, Irã
1500-1100 a.C.
Altura: 5,38 cm
(METROPOLITAN MUSEUM,
2017b, Registro 54.55.2)

Figura 2.27 – Estatueta
Equador
III Milênio a.C.
Altura: 11,7 cm
(METROPOLITAN MUSEUM,
2017a, Registro 1980.83.15)

2.4 Hipótese de Trabalho

Os dados brevemente analisados neste capítulo descortinam um cenário traçado com linhas tênues, porém convergentes, em que os seguintes fatores culturais, históricos e geográficos – a que os textos bíblicos atribuem significado religioso – parecem atuar como catalisadores do processo de diferenciação e formação do culto e, por decorrência, da própria identidade de Judá.

As mais remotas evidências arqueológicas, epigráficas e literárias que se têm de Israel parecem situar o início de sua sedentarização na região montanhosa central de Canaã. Considerando a firmada premissa fenomenológica de que “o ‘onde’ é sempre parte de nós e nós dele” e que “se funde com o nosso ser, tanto assim que lugar e ser humano são entrezados, formando um tecido que é particular, concreto e denso” (GRANGE, 1985, p. 71), é necessário levantar a hipótese de que a identidade proto-israelita – e a de Judá, derivada daquela – deve ter sido forjada pela paisagem de seus assentamentos, originando o autoconceito, inextricavelmente associado às terras altas (e.g. Sl 72:3; 78:69; 80:8-10; 125:1-2; Is 2:2-3).

A chegada dos estrangeiros filisteus às terras baixas de Canaã, praticamente ao mesmo tempo em que os proto-israelitas estavam buscando se estabelecer nas vizinhas terras altas, afigura-se como potencial indutora de tensão social entre esses dois grupos.

Nesse novo cenário, a criação, abate e consumo de porcos entre os forasteiros dificilmente teriam escapado aos olhos dos aborígenes. Os dados zooarqueológicos indicam que, durante toda a Idade do Bronze, os índices de incidência de ossos de porco em sítios do sul do Levante são, em geral, próximos de 0%, portanto, desprezíveis. O porco, evidentemente, não fazia parte do cardápio nem do cenário cultural de Canaã. Esse quadro, porém, mudou drasticamente com a chegada dos filisteus. Ao se estabelecerem na costa sul do Mediterrâneo oriental, no início da Idade do Ferro I, eles introduziram a criação de suínos numa escala notável. Em todas as grandes cidades filisteias, o índice de incidência de ossos de porco varia de 10% a 20%.

Parece, portanto, necessário considerar a hipótese de que a distinção entre os *que comem* e os *que não comem* carne de porco tenha sido exacerbada, e

eventualmente transformada em tabu, para promover o senso de *nós*, num contexto forçado pela presença de um novo *eles*, ressaltando e tornando consciente a distinção entre os habitantes das terras baixas e os das terras altas, entre os que tem acesso a vantagens e aqueles a quem elas são negadas, entre filisteus e proto-israelitas. Os judaítas que, segundo sua própria percepção, eram legítimos sucessores e herdeiros em linha direta dos proto-israelitas, parecem ter incorporado o sistema de significados que incluía tais oposições binárias.

Além dos contrastes acima apontados, outra significativa característica da identidade de Judá, arqueologicamente discernível, é a natureza de suas representações iconográficas vis-à-vis a dos povos vizinhos. Conquanto filisteus, fenícios e canaanitas em geral usassem uma variedade de figuras de mulher para representar suas divindades femininas, os proto-israelitas evidenciam apenas um tipo que, aparentemente, representava, não uma divindade, mas um ser humano do sexo feminino. Judaítas também usavam estatuetas femininas, mas, diferentemente da prática comum em todo o Levante, sem qualquer representação da genitália, nem os adereços e acessórios das numerosas estatuetas e plaquetas levantinas que, tipicamente, representavam divindades.

O modo como os proto-israelitas e, mais tarde, os judaítas usavam representações iconográficas parece ter o mesmo efeito prático que a abstinência da carne de porco, isto é, expressam distinção entre grupos sociais. Por isso, parece necessário que os dois fenômenos sejam interpretados do mesmo modo, à luz do mesmo contexto que motivava a ênfase na distinção entre os habitantes das terras altas e os das terras baixa, entre *nós* e *eles*.

O cenário apresentado pelos dados literários e arqueológicos parecem, portanto, sugerir que o sistema de significados de Judá incluía, entre seus principais eixos estruturantes, as oposições binárias *alto/baixo*, *não-comer/comer* carne de porco e o *não-utilizar/utilizar* representações iconográficas de divindades – com o sentido de *nós/eles* e *bom/mau* – hipoteticamente originadas no processo de formação de identidade dos proto-israelitas, já na Idade do Ferro I, quando teria surgido a necessidade de os habitantes das terras altas se consolidarem como unidade social em oposição aos recém-chegados filisteus, habitantes das terras baixas.

Caso essa hipótese seja procedente, e considerando-se que as três referidas oposições tinham, pelo menos em Judá, caráter eminentemente religioso, pode-se prever que deverão necessariamente manifestar-se nas mais proeminentes expressões religiosas de Judá: seus templos. Do teste dessa predição ocupar-se-ão os capítulos que seguem.

Tabela 2.1 - Ocorrência de Ossos de Porco¹

<p>SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS POR DATA E GRUPO ÉTNICO Percentual de Ossos de Porco no Universo da Fauna Representada no Sítio</p> <p> ■ < 2% ■ 2 a 7% ■ >7% </p>								
DATA	EGÍPCIO	CANANITA	ARAMEU	FENÍCIO	FILISTEU	PROTO-ISRAEL	ISRAEL	JUDÁ
Bronze Médio		Siló 3,5%						
Bronze Recente IIB 1300-1200 a.C.	Afek XII 2,41 %	Tell Halif VIII 2,96 %				Siló - Entulho 407 0,17 %		
	Beth Shean Q/3-2 11,77%	Laquis S/3-2-1 1,7 %				Tell Dotan Túmulo I 0,87%		
		Ekron IX-VIII 2,70 %						
		Tel Yoqnam IX 0 %						
		Tel es-Safi 0 %						
		Tel Dor G/12-11 0,29 %						
Bronze Recente III 1200-1130 a.C.	Afek XI 2,29 %	Megido H-2 2,43 %						
		Beth Shemesh 7 0,33 %						
		Tel Rehov D/7-6 1,43 %						
		Laquis VI 0,82 %						
Ferro I Inicial 1130-1050 a.C.		Tel Dan VI 0 %			Asdode XII, XI 10,86 %	Beth Shemesh 6-5 0,13 %		
		Tel Dor G/10-9 1,62 %			Ekron VI-V 19,46 %	Siló V 0,08 %		
		Megido K5 2 %			Tel Qasile 1,2%	Tel Rehov C3, G4 0,84 %		
		Tel Masos III 0 %			Qubur el-Waleiyde 0 %	Tell es-Seba IX-VIII 0 %		
		Izbet Sartha III 1,02%						
Ferro I Final 1150-950		Tel Kinrot VI-IV 1,13 %			Ekron IV 6,83 %	Beth Shemesh 4 0 %		Khirbet Qeiyafa 0 %

		Tel Dor D2/11-9 1,07 %			Afek X 10-9 0,37 %	Tel Yoqnam XVIII 1,56 %		
		Megido F5, H9, K4 1,39 %						
Ferro IIA Inicial 950-870 a.C.					Tel es-Safi 13,38 %		Megido H8, H7, K3 1,17 %	Laquis V 0 %
							Tel Yoqnam XVI-XV 2,33 %	Tell es-Seba VII 0,82 %
Ferro IIA Final 870-780 a.C.					Tel es-Safi 13,47 %		Megido H6, K2, L3 0,9 %	Laquis IV 0,37 %
					Afek X8 2,96 %		Tel Yoqnam XIV 0,95 %	Tell es-Seba VI 0 %
							Tel Rehov B,C,D, J 2,21 %	
							Hazor A2, A4 2,64 %	
							Tel Hamid 5,18 %	
Ferro IIB 780-680 a.C.			Tel Rehov B2, J4, 3 1,19 %	Rosh Zayit A, B, C 0 %	Tel es-Safi 15,78 %		Hazor A2, A4 3,23 %	Jerusalém (Muro) 0,17 %
							Megido H4, H3, L2 7,8 %	Laquis III 0,77 %
							Tel Yoqnam XIII, XII 5,26 %	Tel Halif VIB 0 %
							Tel Hamid 8,6 %	Tell es-Seba II 0,15 %
							Beth Shean P7 7,69 %	Tel Moza V 0,49 %
							Tel Kinrot I-II 2,25 %	Aroer IV, III, IIa 3,07 %
Ferro IIC 680-586 a.C.					Askelon 38, 50 0,69 %			Horvat Qitmit A, B 0 %
					Ekron Ic, Ib 1,83 %			Laquis II 1,65 %
					Qubur el-Waleyide 0 %			
	EGÍPCIO	CANANITA	ARAMEU	FENÍCIO	FILISTEU	PROTO ISRAEL	ISRAEL	JUDÁ

¹ Tabela baseada em dados colecionados por SAPIR-HEN *et al.*, 2013. A divisão em três faixas estatísticas, indicadas aqui respectivamente pelas cores verde, amarela e laranja, segue GRIGSON 2007, *cf.* SAPIR-HEN *et al.*, 2013:3. O universo da fauna inclui ossos de bovinos, caprinos, suínos, equinos e camelos. A vinculação étnica é inferida principalmente da cultura material de cada sítio, sua localização geográfica e as referências da literatura antiga; contudo, considerando-se as reconhecidas dificuldades de se associar um sítio arqueológico a um grupo étnico (RENFREW, 1993:20; MAZAR, 1990:353-355; BLOCH-SMITH, 2003; FAUST, 2006; PEDRAZZI, 2012), a presente classificação é apenas uma referência tentativa e provisória.

CONTINUA NO
TOMO II, Página 69

CAPÍTULO 4 – A PAISAGEM DOS TEMPLOS DE JUDÁ

Considerando o fato de que templos, por definição, são edificações únicas em seu respectivo contexto, são evidentemente também poucos os seus exemplares. Por essa razão, não se prestam à típica análise estatística, uma vez que a eficácia desta depende de uma ampla amostragem, para que padrões possam ser identificados e, com base neles, inferências possam ser feitas a respeito de seu significado e da sociedade que os produziu. Por outro lado, como precisamente observou Christopher Dawson, “os templos dos deuses são as mais duráveis obras dos homens” (DAWSON, 2013, p. 37-38). Embora poucas e únicas, essas longevas estruturas prestam-se a dar testemunho de tendências de longa duração. No curso de sua longa vida, templos estão sujeitos a reformas, ampliações e reconstruções. Durante esse processo, em que determinada edificação está sujeita a modificações, a preservação diacrônica de determinados traços permite presumir o caráter significativo desses traços. O inverso, evidentemente, também pode ser presumido como verdade: traços jamais adotados ou empregados com inconstância indicam que são irrelevantes em seu sistema semiótico.

A construção de um templo – assim como os episódios de reforma e reconstrução – resulta evidentemente de um processo de seleção dos traços que caracterizarão o edifício. Esse processo não pode ser aleatório ou totalmente inovador porque o templo, sendo ele próprio uma mensagem, precisa necessariamente empregar signos arquitetônicos que já tenham significado em seu contexto social pois, do contrário, falharia em seu propósito de ser entendido como lugar sagrado, de interação entre o homem e seu deus, entre o natural e o sobrenatural, entre o imanente e o transcendente, entre a parte e o todo, ou qualquer que seja sua mensagem. Pode-se então predizer que os templos de um determinado contexto geográfico e cronológico possuirão traços básicos semelhantes. Por outro lado, cada templo é também expressão de uma compreensão particular de como essa interação entre o humano e o divino ocorre ou deva ocorrer. Assim sendo, pode-se também predizer que os traços arquitetônicos de um determinado templo não contradirão, em regra, a cosmologia, teologia ou ideologia do culto que sedia. Portanto, conquanto um determinado templo se expresse na linguagem arquitetônica de seu tempo e lugar, tenderá a evitar, dessa linguagem, os signos que o confundam com templos associados a conceitos dos quais queira se distinguir. De modo que diferentes

padrões arquitetônicos observados na comparação entre templos de um mesmo contexto podem ser considerados como indicadores gerais de diferentes cognições. Com base nessa lógica, a busca de padrões nas semelhanças e diferenças quanto à forma de disposição do espaço dos templos, identificadas no Capítulo 3, parece metodologicamente promissora.

Com o objetivo de facilitar a identificação de eventuais padrões, o complexo conjunto de traços que caracteriza as diferentes formas de disposição do espaço dos templos será aqui decomposto em seus elementos constitutivos, reduzindo-os a simples oposições binárias do tipo *sim/não*, isto é, tabulando-se a *presença* ou *ausência* de determinados traços. Uma vez que o escopo deste trabalho é a compreensão da semiótica dos templos judaítas, tomar-se-á como referência os traços neles presentes (Tab. 4.1).

4.1 A Disposição do Espaço nos Templos Judaítas

Os dados apresentados no Capítulo 3 indicam que os *templos* judaítas, representados pelas únicas quatro concepções arquitetônicas sobre as quais se tem alguma informação – a saber, o Tabernáculo, o Templo de Jerusalém, o templo de Moza e o templo de Tel Arad – apresentam entre si várias semelhanças na forma de disposição do espaço. A consistência com que esses traços foram mantidos ao longo de séculos requer a pressuposição de que não eram fortuitos, mas sim expressões de um mesmo sistema semiótico. Tão fundamentais e constantes são as semelhanças que as diferenças devem ser aqui interpretadas como variações que não alteravam o significado do todo. Tais traços são a seguir apontados.

4.1.1 Quanto aos Compartimentos

O Templo de Jerusalém é descrito pelas fontes literárias como possuindo dois compartimentos: o *Santo* (הֵיכָל – *heykal*) e o *Santo dos Santos* (דְּבִיר – *devir*). Embora a descrição do prédio incluía um pórtico e galerias, nenhuma função ritual é atribuída a essas dependências.

O Tabernáculo, por sua vez, de quem o Templo de Jerusalém é apresentado como legítimo sucessor, também é descrito como sendo uma tenda dividida em dois compartimentos: o *Santo* (קֹדֶשׁ – *qodesh*) e o *Santo dos Santos* (קֹדֶשׁ הַקֳּדָשִׁים – *qodesh*

haqadashim). O fato de que o Tabernáculo não possuía galerias nem pórtico com torna evidente que, na concepção bíblica, a estrutura básica necessária do templo ideal é a de um prédio bipartido; de modo que pórtico e salas anexas, no Templo de Salomão, devem ser considerados como elementos acessórios e dispensáveis, não fazendo parte do tipo básico.

Essa mesma configuração parece evidente nos templos judaítas de Moza e Arad. As evidências sugerem que ambos eram prédios com duas divisões internas: no caso de Arad, a bipartição é evidente, constituída por uma sala e um nicho; no caso de Moza, a bipartição é provável, sustentada pela evidência de dois pisos internos, um mais elevado que o outro. Em Moza, o templo possuía, em sua segunda fase, um pórtico, e há indícios de que, à semelhança do Templo de Salomão, era circundado por uma galeria desde sua primeira fase. Em Arad, o templo não possuía pórtico e inicialmente nem galeria; só a partir do Stratum X, aparentemente, é que foram acrescentadas salas anexas ao pátio.

Pode-se, então, concluir que os templos judaítas, embora pudessem variar quanto a possuírem ou não pórtico e salas anexas, caracterizavam-se, fundamentalmente, por um prédio bipartido, sendo que uma das partições podia ser tanto uma sala quanto um nicho.

4.1.2 Quanto ao Formato

Os quatro *templos* judaítas são retangulares. No caso do Templo de Jerusalém, do Tabernáculo e do templo de Moza, a entrada situa-se em um dos lados menores, caracterizando-os como do tipo *longo*. No caso do templo de Arad, porém, a entrada fica em um dos lados maiores, o que o caracteriza como do tipo *largo*. Essa variação sugere que a distinção *longo/largo* não era essencial nos templos judaítas.

Em Arad, o compartimento maior, aqui chamado de *nave*, era *largo*. Em Moza, a precariedade das ruínas e a estratigrafia incerta do templo não permitem fazer afirmações quanto ao formato dos compartimentos internos. No Tabernáculo, a *nave* (*qodesh*) era *longa*. No Templo de Jerusalém, a nave (*heykal*) também era *longa*. Portanto, também quanto ao formato da *nave*, a distinção *longo/largo* não parece ter tido valor semiótico.

O ponto mais recôndito do templo, aqui chamado de *cela*, em Arad era constituído por um nicho aproximadamente quadrado. Em Moza, esse ponto não foi encontrado. No Tabernáculo, o compartimento equivalente era uma sala quadrada (*qodesh haqadashim*). No Templo de Jerusalém também era uma sala quadrada (*devir*). Portanto, é possível sugerir que, nos templos judaítas, o formato e tipo da *cela* não era significativo, podendo ser tanto uma sala quanto um nicho.

Assim, presumindo-se que essas quatro estruturas eram concebidas como sede de um mesmo tipo básico de culto, a inconstância no formato do *templo*, da *nave* e da *cela* sugere que esse traço não era significativo e não integrava a concepção do tipo básico. Para efeito de determinação do valor semiótico dos traços do templo judaíta típico, portanto, as distinções *longo/largo* e *sala/cela* possuem, quando muito, utilidade apenas descritiva, jamais classificatória. Pode-se, então, concluir que os templos judaítas, podiam variar quanto ao formato e tipo de seus compartimentos, desde que mantivessem a bipartição do espaço interno.

4.1.3 Quanto à Entrada

Todos os quatro *templos* judaítas, a despeito das várias oportunidades de alteração do desenho de sua estrutura, oferecidas pelos diversos episódios de construção, reforma e reconstrução, sempre mantiveram uma única entrada, voltada para leste. Pode-se, então, concluir que *orientalização* era, neles, um traço significativo.

4.1.4 Quanto ao Pátio

Todos os quatro templos judaítas possuíam um pátio externo, à frente de sua porta; nenhum pátio interno. O ritual do Tabernáculo, conforme descrito nas fontes bíblicas, iniciava-se em regra com o sacrifício de animais sobre o altar de base quadrada que havia no pátio. O pátio do Templo de Jerusalém também é descrito tendo um altar de sacrifícios de base quadrada. À frente dos templos de Moza e de Arad as escavações arqueológicas revelaram um pátio contendo um altar de base quadrada. Pode-se, portanto, concluir que os templos judaítas caracterizavam-se pela presença, entre seus traços significantes, de um pátio externo contendo um altar de base quadrada.

4.1.5 Quanto às Colunas

Um par de colunas foi evidenciado flanqueando a entrada do templo de Moza, em sua primeira fase. De igual modo, um par de colunas ladeava a entrada do templo de Arad, pelo menos no Stratum X. O templo de Jerusalém é descrito como também possuindo semelhante par de colunas, nomeadas respectivamente Yaquim e Boaz. O Tabernáculo, por sua vez, não possuía colunas ladeando sua porta.

Considerando-se que o Tabernáculo é apresentado nas fontes bíblicas como protótipo do templo de Jerusalém e que nenhuma função ritual é atribuída às duas colunas, a presença da fachada distilo em três dos templos judaítas e sua ausência no Tabernáculo sugerem que esse traço arquitetônico não era considerado essencial na composição do tipo básico mas continha importante função semiótica, possivelmente assemelhando os prédios a outros templos do Levante e, desse modo, indicando com maior clareza seu caráter sacro.

4.1.6 Quanto à Simetria

Traçando-se um eixo imaginário através do prédio, no sentido leste-oeste, fica evidente a estrita simetria do templo de Arad, do Tabernáculo e do Templo de Jerusalém, durante todo o tempo de sua existência. Uma vez que apenas o traçado das paredes norte e leste do templo de Moza sobreviveu, não se pode fazer afirmações categóricas quanto ao formato de sua planta baixa. Contudo, considerando-se sua posição ao lado de Jerusalém e vários traços básicos que tem em comum com os outros três templos judaítas, pode-se presumir que o templo de Moza também era simétrico. Portanto, por sua constância, simetria parece ter sido um traço significativo nos templos judaítas.

4.1.7 Quanto ao Acesso

O eixo que conduz do exterior ao compartimento mais recôndito, em Arad, Moza, Jerusalém e no Tabernáculo, é rigidamente *retilíneo*, unidirecional.

Nos templos de Arad, Moza e Jerusalém – com as ressalvas já apontadas no caso de Moza – o nível do acesso, ao longo desse eixo retilíneo, é marcadamente *ascendente*. No Tabernáculo, embora o acesso se dê num nível *plano*, o senso de ascendência parece ser semioticamente comunicado pelo gradativo aumento da

quantidade dos materiais preciosos empregados na construção, na medida em se avança ao longo do eixo de acesso.

A disposição do espaço em todos os quatro templos judaítas é feita de tal modo que, para se chegar ao ponto mais recôndito, é necessário atravessar os espaços que o precedem ao longo do eixo de acesso, isto é, para se chegar ao *Santo dos Santos* é obrigatório passar primeiro pelo *pátio* e, depois dele, pelo *Santo*. Tal disposição define o acesso, na nomenclatura aqui adotada, como sendo do tipo *progressivo*.

A manutenção nos templos judaítas de um caminho *retilíneo, ascendente e progressivo*, de modo uniforme e constante ao longo de séculos, permite afirmar que, neles, esse era um traço significativo.

4.1.8 Quanto à Altitude

Todos os quatro templos judaítas são localizados nas terras altas de Canaã (Fig. 4.1): Moza, Jerusalém e Siló, em pontos diversos do complexo montanhoso que atravessa o território de norte a sul; e Arad, no planalto que se estende no lado sul desse complexo. Moza fica a cerca de 586 m acima do nível do mar; Arad, 568 m; Jerusalém, 744 m; e Siló, 704 m.

Esse posicionamento, evidentemente, não resulta de uma decisão ditada por intenções semióticas, mas sim do processo histórico que levou Israel a assentar-se nessa região montanhosa e, muito mais tarde, construir ali suas cidades e, dentro delas, seus templos. Contudo, embora a ideologia do culto não possa ser tida como o motivo primário para a escolha do local, é hipoteticamente possível que a paisagem tenha influenciado a ideologia e que o valor semiótico do *alteamento* já integrasse o conceito originário de *templo* em Judá. Assim, provisoriamente, a localização em *terras altas* será considerada como traço significante.

4.1.9 Quanto à Elevação

Todos os quatro templos judaítas foram instalados em posição sobranceira. A fortaleza de Tel Arad, dentro da qual o templo foi construído, fica no topo de uma colina, a cerca de 50 m acima da planície ao seu redor. O pequeno assentamento de Tel Moza com seu templo, embora situado na parte baixa da encosta de uma montanha, erguia-se a cerca de 32 m acima do vale à sua frente. O Templo de Jerusalém foi edificado na crista do Monte Moriá (2Cr 3:1), a cerca de 50 m acima do

Vale de Cedrom. O Tabernáculo, por sua vez, após quatro décadas de vida itinerante, teria repousado por séculos num ponto indeterminado de Siló, uma colina que se ergue a uns 40 m acima do vale ao redor.

LEGENDA:

- ① Arad
- ② Jerusalém
- ③ Moza
- ④ Siló

Perfil A-B
Altitude em Metros
Distância em Metros e Milhas

Figura 4.1 – Mapa e Perfil Topográfico

(a partir de: IDF MAPPING UNIT, 2013; PRECEPT AUSTIN, 2018)

A posição elevada dos templos de Judá só pode ter como fator determinante, também neste caso, a posição do assentamento em que cada um deles foi inserido. O templo foi posicionado, evidentemente, em razão do assentamento, e não este em razão daquele. Contudo, embora a posição elevada do templo não resultasse de uma intenção semiótica, a alternativa de uma posição relativamente baixa não seria admissível em razão do valor, superioridade e primazia que hipoteticamente eram atribuídos aos lugares altos. Por essa razão, a *posição elevada* será aqui considerada, também provisoriamente, como traço significante subsidiário dos templos judaítas.

4.1.10 Quanto à Segregação

O espaço ocupado pelos templos judaítas era claramente separado, por barreiras físicas, do restante do assentamento. Em Arad e em Jerusalém, a área do templo era delimitada por muros e paredes. A descrição do Tabernáculo o situa dentro de um átrio cercado por cortinas sustentadas por colunas (Ex 27:9-19). Quanto ao templo de Moza, embora não haja evidência de que o pátio à sua frente tivesse sido fisicamente delimitado, o prédio claramente se distancia e se destaca das demais edificações. Assim, em razão de sua invariável manutenção ao longo de séculos, presume-se aqui que *segregação* era um traço significativo nos templos de Judá.

4.1.11 Quanto ao Contexto

Todos os quatro templos judaítas são situados dentro de um assentamento, portanto, em contexto urbano. As evidências sugerem que eram expressões de atividade do Estado. Pelo que parece, Moza era uma instalação oficial de armazenamento de grãos. Arad era uma fortaleza que guardava a fronteira sul do reino. O templo da capital Jerusalém é apresentado como tendo sido construído pelo rei Salomão, praticamente ao lado de seu palácio e integrado ao complexo de edificações reais. O Tabernáculo, dizem os textos bíblicos, fora construído por Moisés, líder máximo da nação; inicialmente instalado no centro do acampamento de Israel, tendo imediatamente à sua frente as tendas da tribo de Judá – a tribo dos reis (Nm 2:1-2; cf. Gn 49:10); e ministrado por Aarão, irmão mais velho de Moisés, o primeiro Sumo Sacerdote, de cuja linhagem vieram seus sucessores (Ex 6:20; 28:1, 30). Assim, pode-se presumir que um dos traços característicos e significativos dos templos judaítas é sua associação a atividades políticas ou econômicas.

Tabela 4.1 - Ocorrência de Traços Espaciais

LEGENDA: ● Traço OCORRE ● Traço PROVAVELMENTE OCORRE ● Traço NÃO OCORRE

CULTURA	TEMPLO	URBANIDADE	BIPARTIÇÃO	VOLTA DO PÁLIO LESTE	PÁTIO EXTERNO	ALTAR NO PÁTIO EXTERNO	DUAS COLUNAS NA ENTRADA	SIMETRIA	RETLÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	LOCALIZAÇÃO EM TERRENAS ALTAS	POSIÇÃO RELATIVA ELEVADA	SEGREGAÇÃO	VÍNCULO POLÍTICO OU ECONÔMICO
AMONITA	Mazar	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Beth Shean R-2	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Beth Shean VII	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Beth Shean VI	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Beth Shean V-Sul	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Beth Shean V-Norte	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Lajitas VI	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Megido 2048-X	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Megido 2048-IX	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Megido 2048-VIII	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
GANANITA	Megido 2048-VIII	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Megido 2048-VIIA	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Pella 1	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Pella 2	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Pella 3	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Pella 4	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Pella 5	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Pella 6	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Pella 7	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Kition 1A	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
CIPRIOTA	Qionit A1	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Qionit A2	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Abu Hreem 50	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Abu Hreem 30	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Kition 1B	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Kition 1C	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Kition 1D	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Kition 1E	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Sarepta 1	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Sarepta 2	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
FENÍCIA	Asude 7II	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Asude VIII	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Megido 2072	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mique 352	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mique 351	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mique 350-1	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mique 350-2	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mique 650	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Quile 319	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Quile 200	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
FILISTEA	Quile 300	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Quile 131	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Saff A	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Dair A	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Dair B	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Dair C	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Megido 338	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Anad XI	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Anad X	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Anad IX	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
JUDAITA	Anad VIII	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Jerusalém	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mossa 1	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mossa 2	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Tabernáculo	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mudayna 140	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Alin Dara 1	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Alin Dara 2	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Alin Dara 3	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Alipo 2	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
NORTE FÉRTIL CRESCENTE	Alipo 3	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Alipo 4	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Carquemis	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Halef	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Tayinat II	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Tayinat VII	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	OCORRÊNCIA DE CADA TRAÇO ENTRE TEMPOS	5,5%	45%	27%	86%	30%	17%	64%	53%	55%	56%	25%	91%	86%	47%
		0%	9%	3%	2%	2%	13%	3%	8%	8%	9%	0%	1%	3%	8%
		5%	41%	66%	9%	67%	70%	33%	39%	36%	34%	75%	8%	9%	44%

4.2 Os Templos Judaítas no Contexto do Levante

As semelhanças entre os quatro templos judaítas acima apontadas permitem sugerir que eles integravam um mesmo sistema semiótico e, por decorrência, provavelmente sediavam uma mesma forma básica de culto. Pelo menos quanto à forma de disposição do espaço, é evidente que havia em Judá um conceito de templo solidamente estabelecido, coeso e dominante. Tal conceito parece caracterizar-se pelos traços indicados na Tabela 4.1, todos arqueologicamente detectáveis: (a) urbanidade; (b) bipartição do espaço interno; (c) orientalização; (d) pátio externo; (e) altar de sacrifícios no pátio externo; (f) duas colunas flanqueando a entrada; (g) simetria; (h) eixo de acesso retilíneo, (i) ascendente e (j) progressivo; (k) localização em terras altas; (l) posição relativa elevada; (m) segregação; e (n) vínculo com atividades políticas ou econômicas.

Que esse sistema semiótico era empregado por todo o Levante, desde pelo menos a Idade do Bronze Médio, portanto antes do assentamento de Israel em Canaã e muito antes dos templos judaítas serem concebidos, torna-se evidente quando os traços de cada templo são cotejados.

Antes, porém, de analisar os dados consolidados na Tabela 4.1, e ali transformados em valores numéricos para facilitar a análise, convém lembrar o fato notório de que dados arqueológicos, por sua própria natureza, são inevitavelmente parciais, fragmentários e produtos de interpretação. Isto é, os dados de que se dispõe para análise representam apenas uma parcela da realidade que presumivelmente existiu; mesmo dessa parcela, em geral, apenas alguns fragmentos sobreviveram; e sua suposta natureza, função e identidade são, em geral, atribuições feitas por aqueles que os escavaram e documentaram, antes de serem destruídos no curso natural das escavações e tornados indisponíveis para novos estudos e reinterpretações.

No caso em pauta, o número de estruturas conhecidas é relativamente muito pequeno; dessas, quase sempre, sobreviveram apenas alicerces e, ocasionalmente, partes das paredes e de algumas instalações; e, por fim, a estratigrafia, a cronologia, as características e a própria classificação dessas estruturas como *templos*, resultam de interpretações nem sempre suficientemente justificadas.

Apesar dessas limitações, quando se considera cada fase construtiva, de cada templo, como expressão de um distinto processo de seleção de traços, isto é, não como mera *fase de um determinado templo*, mas como *um templo per si*, expande-se consideravelmente o universo de dados e pode-se, pelo cotejamento entre eles, observar tendências gerais que sugerem a existência de alguns interessantes padrões na forma de disposição do espaço nos templos do Levante.

O Gráfico 4.1 apresenta o percentual de ocorrência de cada traço no universo constituído pelos 64 templos ou fases de templos analisados.¹

Observa-se que o traço mais comum entre os templos analisados é a *urbanidade* (95%). Com exceção das estruturas de Tell el-Mazar e Horvat Qitmit, todas as demais são localizadas dentro de perímetros urbanos. De modo que os templos do Levante afiguram-se como fenômeno preponderantemente urbano. Significativamente, o terceiro e o quarto traços mais frequentes nesses templos são, respectivamente, a existência de um pátio externo (88%) e de recursos físicos que os

¹ Os valores apresentados no Gráfico 4.1 representam percentuais aproximados, resultantes do seguinte cálculo: (número de vezes em que um determinado traço ocorre nos templos e fases de templos) x 100% ÷ 64.

segregam dos demais prédios (86%). A proeminência desses dois índices corrobora a natureza pública e sacra dos edifícios, afinal, evidentemente, *prédios públicos* precisam de espaço à sua porta para facilitar o afluxo de pessoas; e *templos*, para que possam ser percebidos como locais de especial interação com os deuses, precisam mostrar-se distintos dos locais de comum interação entre humanos.

O segundo traço mais comum é a posição do templo em ponto elevado do terreno (91%). Como já foi argumentado quanto aos templos judaítas, tal traço é obviamente imposto pela localização do espaço urbano, provavelmente determinada por simples razões práticas, tais como segurança e saneamento, portanto, sem valor semiótico. O mesmo pode-se dizer dos poucos templos localizados dentro de assentamentos localizados em terreno não elevado.

Nesses quatro traços – *urbanidade*, *pátio externo*, *posição relativa elevada* e *segregação* – praticamente esgotam-se as semelhanças entre os templos do Levante. Uma vez que os três primeiros (*urbanidade*, *pátio externo* e *posição relativa elevada*) parecem resultar da necessidade de atender objetivos práticos e não primariamente semióticos, e o último (*segregação*) é quase universal, aparentemente inerente ao próprio conceito de *templo* e independente de sua vinculação étnica ou religiosa, todos esses quatro traços foram desprezados na análise que a seguir é apresentada. Foram incluídos apenas os traços que parecem resultar de um processo de seleção que, presumivelmente, objetivava manter o templo, se não conducente, pelo menos condizente com a ideologia do culto (indicados na Tabela 4.1 por um traço amarelo sob o título da respectiva coluna).

O Gráfico 4.2, por sua vez, apresenta o índice de *conformidade* do conjunto de templos de cada uma das *culturas* ao conjunto dos dez traços sob análise.² Reitere-se aqui que os termos empregados para designar essas *culturas* são referências muito mais geográficas do que propriamente culturais. De fato, são apenas reduções que seguem o uso comum, adotadas por mera praticidade, sem nenhuma conotação étnica essencialista ou primordialista (ver a seção *Definição dos Termos Étnicos* no final da *Introdução*). Confrontando-se o índice de traços *presentes* com o índice de

² Os valores apresentados no Gráfico 4.2 representam percentuais aproximados, resultantes do seguinte cálculo: (total de ocorrência de cada um dos 10 traços no conjunto de templos e fases de templos de uma determinada cultura) x 100% ÷ (número de templos da mesma determinada cultura x 10 traços).

traços *ausentes* associados a cada uma das *culturas*, é possível observar interessantes tendências gerais peculiares de cada grupo.

O índice de *conformidade* dos templos judaítas é de 87%. Por outro lado, o índice de *desconformidade*, nos demais templos do Levante, nunca é igual a 0%. Portanto, a primeira e mais geral afirmação que se pode fazer sobre os templos judaítas é que nenhum de seus traços é exclusivo ou original. De fato, muito antes do surgimento dos templos judaítas, cada um de seus traços já integrava o conjunto de características de um ou mais templos do Levante.

Uma segunda constatação é a de que, conquanto todos os traços que caracterizam os templos judaítas já tivessem sido individualmente empregados em diversos templos do Levante, a combinação desses dez traços só ocorre de modo relativamente rígido em Judá. O templo de Ain Dara, por exemplo, apresenta o maior número de semelhanças com os templos judaítas; contudo, os dois templos de Tell Tayinat, que aparentemente integram o mesmo sistema sociocultural, embora se assemelhem aos judaítas na bipartição, na simetria, no eixo de acesso retilíneo, ascendente e progressivo, apenas um é voltado para leste e possui duas colunas à

porta (Tayinat II); o outro é voltado para o sul e possui só uma coluna à porta (Tayinat XVI).

Dentre todos os templos, os geograficamente mais afastados de Judá são os da região do vértice do Fértil Crescente (Ain Dara, Alepo, Carquemis, Tell Halaf e Tell Tayinat); apesar da distância, estes são os que, no conjunto, mais compartilham traços com os templos judaítas: 54%. Tal quadro concorda com a tradição bíblica que traça as origens de Judá (Israel) à Mesopotâmia, e que refere – muito casualmente, como se fato geralmente aceito fosse – vínculos de parentesco e religião de Judá (Israel) com alguns povos semitas que transitavam pelo norte do Fértil Crescente (Dt 26:5; Gn 14:13; 24:10; 28:2).

Por outro lado, apesar da proximidade geográfica com os filisteus (Tel Asdode, Tel Megido 2072, Tell Mique, Tell Qasile e Tell es-Safi), estes são os que menos compartilham traços com os templos judaítas: 15%. Tal quadro harmoniza-se com o excepcional estranhamento e franca hostilidade apostada pela tradição bíblica contra os filisteus e sua religião (e.g. Gn 16:8, 15; Jz 3:31; 10:6-7; 14:4; 15-16; 1Sm 4:10; 6; 7:13; 23:2, 4; 2Sm 3:18; 5:19; 23:12; Is 2:6; Jr 47:1; Ez 25:15-16; Am 1:8; Zc 9:6). Por vezes, a aversão bíblica estende-se dos filisteus aos fenícios (Jr 47:4) e engloba genericamente todos os “habitantes da costa do mar” (Sf 2:4-5).

Esse menosprezo, expresso em termos geográficos, permite supor a atribuição, pelo menos pelos autores do texto bíblico, de valor simbólico às diferenças de relevo e ambiente. Tal atitude foi provavelmente fomentada não apenas pelo fato de que todos os templos e rituais judaítas são realidades das *terras altas*, enquanto todos os templos e rituais filisteus e fenícios são realidades das *terras baixas*, mas também pelo fato de que todos os templos judaítas possuem eixo de acesso ascendente, enquanto que ascendência não é traço característico dos templos filisteus e fenícios. Considerando que a localização em terreno elevado, da quase totalidade dos templos do Levante, deve ter sido ditada, como já foi aqui arguido, por razões estritamente funcionais, os desvios dessa ordem, em que o piso interno foi feito abaixo do nível da superfície do terreno, impondo um eixo de acesso descendente, requerem que sejam interpretados como intencionalmente semióticos, como é o caso dos templos de Sidon (fenício), Qasile 319 e Qasile 200 (ambos filisteus).

Depois dos templos da região norte do Fértil Crescente, o conjunto de templos que aparentemente mais se assemelha ao judaíta é o fenício: 46%. Talvez mais relevante seja destacar o índice de dessemelhança: 47%. Esse quadro sugere que, apesar de as fontes bíblicas atribuírem a fenícios a construção do Templo de Jerusalém, os traços da arquitetura sacra de Judá não parecem ser diretamente derivados da arquitetura fenícia. Contudo, o volume extremamente parco de dados inequivocamente fenícios torna esses percentuais pouco confiáveis para, com base neles, se fazer seguras inferências.

Depois dos templos das regiões norte do Fértil Crescente e Fenícia, o conjunto de templos que mais se assemelha ao dos judaítas é o canaanita, com um índice de apenas 40%. Também neste caso, as dessemelhanças são mais proeminentes, com índice de 56%. Observe-se que a mesma animosidade manifesta nos textos bíblicos contra filisteus e, ocasionalmente, contra fenícios, se mostra também, embora em menor grau, contra os canaanitas e sua religião (e.g. Gn 24:3, 37; Ex 3:8; 13:5, 11; 23:23; Dt 18:9-12; 20:17; Jz 1:4).

Os índices de todos os demais vizinhos – amonitas, edomitas, moabitas e mesmo israelitas – embora baseados num volume muito pequeno de dados, o que não assegura sua representatividade, todos apresentam a mesma tendência de serem maiores na dessemelhança do que na semelhança com o conjunto de traços dos templos judaítas.

Em suma, os templos do Levante parecem dividir-se em dois grandes grupos: *simétricos* (64%, Gráf. 4.1) e *assimétricos* (33%, Gráf. 4.1%). Os simétricos estão geralmente associados às culturas canaanita, judaíta e síria; enquanto os assimétricos são dominantes na filisteia, mas também se manifestam nas culturas amonita, canaanita, cipriota, fenícia e moabita.

Templos simétricos são geralmente bipartidos, dotados ou não de vestíbulo ou pórtico, com eixo de acesso retilíneo, ascendente e progressivo: dos 41 templos simétricos tabulados (sendo 39 simétricos e 2 provavelmente simétricos), 31 têm sua área ritual aparentemente bipartida; 31 apresentam eixo retilíneo; 27, eixo ascendente; e 27, eixo progressivo. Templos assimétricos geralmente possuem vários compartimentos de tamanho semelhante – aqui referidos como do tipo *complexo* --

com eixo de acesso quase sempre angular ou difuso; frequentemente plano, por vezes descendente; e não progressivo.

Um traço recorrente em templos de tradições diversas é o aparente vínculo com atividades políticas ou econômicas (47%, Gráf. 4.1). Considerando que a existência de um possível vínculo funcional depende de se evidenciar uma correlação material entre o templo e alguma instalação de natureza política ou econômica, e que as escavações arqueológicas nem sempre são extensas o suficiente para determinar a existência ou a ausência de tal correlação, é provável que o número de templos que possui essa característica seja muito maior. Contudo, apesar da grande imponderabilidade dos dados, pode-se pelo menos destacar dois fatos que parecem oferecer suporte à tese de existência de uma oposição significativa entre templos das terras altas e templos das terras baixas: (a) os templos judaítas apresentam, todos eles, evidência de vínculo com o Estado e, no caso de Tel Moza, com uma atividade econômica agrícola; (b) semelhantemente, todos os templos fenícios e alguns filisteus apresentam evidência de vínculo com atividades econômicas, mas, nestes casos, geralmente de natureza industrial ou mercante, as quais eram, naqueles dias, aparentemente muito mais prósperas do que as atividades preponderantemente pastoris e agrícolas dos judaítas.

Assim, pode-se dizer que, embora os traços dos templos judaítas sejam, individualmente, todos derivados de seu contexto levantino, não parecem ser meros reflexos do meio, mas sim, no conjunto, produto de um deliberado processo seletivo que marca sua identidade, preservando vínculos com algumas tradições locais e, ao mesmo tempo, distinguindo-a dos canaanitas e, sobretudo, dos filisteus.

4.3 Semiótica do Espaço nos Templos Judaítas

A análise esboçada neste capítulo demonstrou que, na forma de disposição do espaço, os templos de Judá compartilham vários traços entre si e com os templos do Levante. Por essa razão, como já foi dito, esses traços não podem ser considerados como acidentais mas como portadores de significado. Essa inferência é reforçada pelo fato de que foram preservados nas reformas, restaurados após episódios de reconstrução e mantidos ao longo de toda a longa história dos templos. É necessário

concluir, portanto, que são *signos* e que, como tais, passíveis de compreensão se considerados, como aqui se propõe, à luz de oposições binárias que possam ser identificadas entre eles e outros signos de seu sistema simbólico.

Um primeiro traço compartilhado pelos templos judaítas é a rígida demarcação do perímetro da área de culto. Em Tel Moza, a delimitação parece ter sido efetivada, pelo menos em parte, pelo próprio relevo, muito íngreme tanto a norte como a sul. De fato, o templo assentava-se numa espécie de terraço cortado na encosta. A espessa parede norte do templo aparentemente escostava-se no perfil do corte, servindo como muro de arrimo (GREENHUT, 2009a, p. 51; KISILEVITZ, 2015, p. 150). Os lados sul e oeste erodiram costa abaixo, o que impede que se determine, nesses pontos, a existência e forma de demarcação do perímetro. A leste, embora apenas parcialmente escavado, foi evidenciado um amplo pátio à frente do templo, o que contribuía para sua segregação. Em Tel Arad, a área de culto era isolada das demais edificações e espaços da fortaleza por espessas paredes e muros de pedra, com uma única abertura de acesso a leste. Semelhantemente, a área onde se erguia o Tabernáculo é retratada como isolada do restante do acampamento por uma barreira de colunas e cortinas, tendo uma única entrada no lado oriental (Ex 27:9-18). A área compreendida pelo Templo de Salomão e seus dois átrios também era toda cercada por maciços muros erigidos com pedra talhada e madeira (1Rs 6:36; 2Cr 4:9). Em todos os casos, ressaltando-se a incerteza no caso de Tel Moza, a clara delimitação do perímetro impunha uma eloquente distinção entre *dentro* e *fora*.

O sentido dessa segregação, dessa dicotomia do espaço, pode ser encontrado no próprio sentido da religião. A capacidade da religião de desempenhar com eficiência sua função de “estabelecer estados de espírito e motivações, poderosos, pervasivos e de longa duração” (GEERTZ, 1973, p. 90) parece depender, fundamentalmente, de que suas manifestações sejam percebidas como transcendentais e dotadas de virtudes e poderes excepcionais. Daí a prática, comum em praticamente todas as culturas, como apontou Émile Durkheim, de dividir o mundo em dois domínios qualitativamente opostos e irreconciliáveis e, desse modo, estabelecer radical distinção entre o *sagrado* e o *profano* (DURKHEIM, 2009, p. 18-26). Pode-se entender, portanto, que a oposição binária *dentro/fora* seja expressão dessa distinção entre o *sagrado* e o *profano*. Que esses signos eram assim compreendidos pelos judaítas, é evidente, por exemplo, em Lv 10:17-18 onde as

palavras *dentro* (פְּנִימָה – *peniyamah*) e *lugar santo* (מְקוֹם הַקֹּדֶשׁ – *makom ha-kodesh*) são usadas como sinônimos.

Uma segunda característica compartilhada pelos templos de Judá é a tripartição do espaço de culto. Embora o prédio fosse bipartido, às vezes acrescido de um vestíbulo, as evidências arqueológicas e literárias indicam que o ritual iniciava-se já no pátio, a primeira de três áreas ritualmente significativas. Em Arad, a área do templo é claramente dividida em três partes, dispostas uma após a outra ao longo de um eixo leste-oeste: um pátio, onde foi encontrado o altar de sacrifícios; em seguida, a primeira sala, maior; e, no extremo oeste do eixo, um nicho, onde foram encontrados, no limiar, dois altares de pedra e, no interior, duas ou possivelmente três estelas memoriais (מַצֵּבָה - *massebah*). Em Moza, de igual modo, o pátio com o altar localiza-se a leste na frente do templo, que era aparentemente constituído por duas áreas sucessivas, seguindo o eixo para oeste. O Tabernáculo é retratado pelas antigas fontes como sendo constituído também por três áreas de culto, igualmente alinhadas ao longo do eixo leste-oeste: no extremo leste, o pátio (הֶצֶר – *hatzer*) com seu altar de sacrifícios (Ex 27:9); depois um primeiro compartimento interno, o *Santo* (הַקֹּדֶשׁ – *ha-kodesh*); e, ao final do eixo, um segundo compartimento interno, o *Santo dos Santos* (קֹדֶשׁ הַקְּדוֹשִׁים – *kodesh ha-kadashim*), que tinha a metade do tamanho do *Santo*. Esses dois compartimentos eram separados entre si apenas por um véu (Ex 26:33). O Templo de Salomão também é retratado como possuindo, à sua frente, a leste, um átrio com um altar de sacrifícios (1Rs 6:36; 8:64). O edifício era constituído por um pórtico (אֹיֶלָם – *ulam*), ao qual as fontes não atribuem nenhuma função ritual (1Rs 6:3; cf. Ex 6:2-3; DE VAUX, 1997, p. 313-314; DUBOVSKÝ, 2015, p. 94); seguido ao longo do eixo leste-oeste por uma ampla sala (הֵיכָל – *heykal*); e, ao final, por uma sala (דְּבִיר – *debir*), metade do tamanho da anterior, separadas entre si por parede e porta de madeira (Ex 6). Essa tripartição da área de culto é ainda mais marcada e qualificada pelas características discutidas a seguir que, no conjunto, podem elucidar sua função semiótica.

Uma terceira característica compartilhada é o acesso ascendente. Em Moza, ascendia-se do pátio para o primeiro compartimento do templo por meio de degraus (GREENHUT, 2009, p. 39-41, 51). Dentro do templo, parece que o caminho do primeiro compartimento para o segundo também era ascendente, uma vez que, se a estratigrafia tiver sido corretamente interpretada, o piso do segundo ficava 20 cm

acima do primeiro (KISILEVITZ, 2015, p. 151). No caso de Arad, o relatório final das escavações nunca foi produzido, dificultando muito a interpretação dos dados arqueológicos disponíveis e dando causa a grande divergência quanto a sua estratigrafia (AHARONI, 1967; 1968; 1969; HERZOG, 1987; 2002; USSISHKIN, 1988). Apesar disso, com base na maquete do templo apresentada pelo diretor das escavações, Yohanan Aharoni, parece ser possível concluir que, do pátio para o primeiro compartimento do templo, ascendia-se um degrau (AHARONI, 1969, p. 44, Fig. 49) e, desse primeiro compartimento para o segundo, isto é, para o nicho localizado na extremidade oeste do eixo, ascendiam-se, segundo Aharoni, “três degraus” (AHARONI 1969, p. 31) ou, segundo análises mais recentes, apenas “um ou dois degraus” (BLOCH-SMITH, 2015, p. 101). No caso do Tabernáculo, as antigas fontes hebraicas não fazem distinção de nível do piso de suas três subáreas de culto, o que é consistente com o fato de que é concebido como uma tenda móvel; contudo, o emprego de materiais cada vez mais preciosos, na medida em que se avança ao longo do eixo de acesso, sugere a ideia de elevação simbólica. No Templo de Salomão, embora as referências sejam indiretas, há indicações de que o caminho de acesso era também ascendente. Pouco tempo depois de o templo ter sido destruído, ao descrever sua visão de um edifício restaurado, Ezequiel (Séc. VI a.C.; cf. BLENKINSOPP, 1996, p. 165-180) diz que o acesso do pátio para o pórtico do templo se fazia por um lance ascendente de escadas, com dez degraus segundo a versão Septuaginta (Ez 40:49). Pode-se ainda presumir que o acesso do *heykal* para o *debir* também era ascendente, uma vez que as fontes dizem que este tinha vinte côvados de altura e aquele, trinta (1Rs 6:2, 20), o que sugere que o piso do segundo compartimento era dez côvados acima do primeiro.

Considerando-se que, nas antigas fontes hebraicas, o lugar da morada de Deus é invariavelmente concebido como elevado, acima do lugar dos homens, a diferenciação de nível nos templos afigura-se, assim, como recurso semiótico para atribuição de diferentes graus de santidade às diferentes áreas de culto, produzindo o senso de gradativa aproximação, de movimento ascendente em direção a Deus. Em Sl 24:2, por exemplo, a transcendência de Deus é expressa metaforicamente em termos da elevação geográfica do templo: “*Quem subirá ao monte do Senhor? Quem estará no seu lugar santo?*” Portanto, a oposição *santo/profano* é semioticamente expressa não apenas pela distinção *dentro/fora* como também pela distinção

alto/baixo. Além disso, no Templo de Salomão, o poder retórico desses recursos semióticos também é reforçado pela dispensação seletiva e progressiva, por ordem de valor relativo, dos tipos de metal empregados na construção de cada parte do templo e de seus respectivos móveis e utensílios. Quanto mais para dentro e mais para cima se adentrava no templo, ainda que apenas na imaginação, mais preciosos e mais abundantes eram os metais empregados: bronze para o “altar” do pátio (Ex 27:1-8), ouro para a “arca” do Santo dos Santos (Ex 25:10-22).

As oposições binárias *dentro/fora*, *alto/baixo*, *ouro/bronze*, cumulativamente, parecem portanto expressar a irreconciliável distinção entre deus e o homem, entre o santo e o profano. Presumindo que a razão de ser da religião, como acima referido, é produzir poderosos estados de espírito e motivações, tais características dos templos de Judá – e não só deles – podem ser interpretadas, mais apropriadamente, como recursos retóricos, cujo sentido os demais atributos, a seguir analisados, parecem indicar com mais clareza.

Uma quarta característica compartilhada pelos templos de Judá é o arranjo das três subáreas de culto ao longo de um eixo retilíneo, articuladas uma após a outra. Em todos os casos, o espaço é disposto de tal modo que obriga um acesso linear e progressivo, do pátio para o primeiro compartimento e deste para o segundo. Esse eixo de acesso era física e proeminentemente ressaltado por duas colunas que flanqueavam a entrada do templo de Arad (AHARONI, 1969, p. 31), de Moza (KISILEVITZ, 2015, p. 150) e de Jerusalém (1Rs 7:15, 21). Ao impor a necessidade de percorrer toda a extensão do eixo para se chegar ao ponto mais distante, mais recôndito, mais elevado e, presumivelmente, mais santo, o arranjo atribui ao signo um sentido dinâmico comparável àquele que resulta da “natureza linear do significante”, como Saussure chamou essa característica fundamental tanto do signo linguístico oral quanto do escrito (SAUSSURE, 1970, p. 46-47). Saussure observa que não é possível produzir dois sons ou duas palavras ao mesmo tempo. Por força da natureza desses signos, eles são dispostos um após o outro. Desse modo, diferentemente de uma pintura por exemplo, os enunciados linguísticos, caracterizam-se por serem cadeias de signos organizados numa sucessão temporal, no caso da fala, ou espacial, no caso da escrita. Disso resulta a natureza linear do discurso. Semelhantemente, os templos, com seu eixo que obrigava uma progressão linear, impõe uma oposição entre o *antes* e o *depois*. A mensagem desses templos, entendidos como *discurso*, parece então

ser a de que, o que quer que seu ritual fosse capaz de operar, seria operado gradualmente e só consumado depois de um determinado lapso de tempo. Essa é a compreensão que aparentemente também possuíam os autores das antigas fontes hebraicas. No Tabernáculo e, por conseguinte, também no Templo de Salomão, alguns ritos deveriam ser iniciados no pátio (e.g. Lv 4:4) e continuados dentro do santuário, no Lugar Santo (e.g. Lv 4:5-6). O Santo dos Santos, porém, jamais poderia ser adentrado (Lv 16:2), exceto uma vez por ano, יום כפור (yom kippur), o Dia da Expição (Lv 23:27), quando o ciclo anual das cerimônias alcançava seu ápice e efetiva consumação (MILGROM, 1976).

Uma quinta característica compartilhada é a entrada do templo voltada para leste. No templo de Tel Moza (GREENNHUT, 2009, p. 51; KISILEVITZ, 2015, p. 150), no de Tel Arad (AHARONI, 1973, p. 4), no Tabernáculo (Ex 26:27; Nm 3:38) e no Templo de Jerusalém (Ez 8:16; 47:1), o eixo arquitetônico tem uma orientação leste-oeste, com a entrada voltada para o Oriente. Ao atrelar a orientação do lugar de culto ao nascente do sol, parece buscar-se o estabelecimento de uma relação congenial entre o local e o cósmico, entre o humano e o divino, entre o artificial e o natural, entre o significante e o significado, entre o símbolo e a realidade. Tal recurso semiótico tem o efeito de velar a arbitrariedade do signo sagrado, isto é, sua natureza essencialmente humana, destituída de qualquer virtude ou poder excepcional. Associando-se o signo ao natural e ao divino, favorece-se a percepção de que ele seja capaz de produzir os resultados oferecidos pela religião e pretendidos pelo adorador. Semelhantes recursos retóricos, com o mesmo propósito, têm sido identificados por outros estudos em diversos rituais religiosos que empregam, por exemplo, imitações de cosmogonias, repetições de fórmulas verbais ou gestuais, quiasmos, palíndromos e aliteraões, (BELL, 1992; 1997; 1998; ELIADE, 1959; 1974; FRAZER, 1951; LEACH, 1976; SCHECHNER, 1977; 1993; TAMBIAH, 1979; TURNER, 1974; 1987; YELLE, 2003; 2013), demonstrando que o “ritual pode ser uma forma de verosimilhança ou virtualidade” (YELLE, 2013:21).

A opção pelo leste, expressa na orientação do templo, parece ser determinada, como sugerem as fontes bíblicas, pela associação que se fazia entre o sol e YHWH, o deus de Israel. O Salmo 84, por exemplo, que expressa o anseio do fiel por uma experiência com deus, reúne todos esses elementos num mesmo contexto:

“Quão amáveis são os teus tabernáculos, ó YHWH dos Exércitos! A minha alma suspira e desfalece pelos átrios de YHWH; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo... Felizes os que habitam em tua casa... Deus lhes aparece em Sião... Vale mais um dia nos teus átrios do que em outra parte mil; preferiria estar à porta da casa do meu Deus... Pois YHWH Deus é sol e escudo. YHWH dá graça e glória; não nega bem algum aos que andam na retidão.”

Como ressaltou Mark S. Smith, textos como Sl 17, 27, 63 e Ez 8:16, “sugerem que o sol evocava pelo menos a dimensão luminescente da presença divina” (SMITH, M., 1990, p. 30). Outros textos, porém, explicitamente indicam que, para alguns, provavelmente para muitos, o sol não era metáfora para falar de deus, mas sim o próprio objeto da adoração (2Rs 23:11 e Ez 8:16). Qualquer que seja o caso, a tradição do antigo Israel inequivocamente incluía essa associação, embora difusa, entre YHWH e o sol – “YHWH veio...alvoreceu...resplandeceu” (Dt 33:2) – e era para o alvorecer desse sol que os templos de Judá se voltavam, ligando-os semioticamente aos supostos poderes cósmicos.

Todos os traços analisados – segregação; prédio bipartido, precedido por um pátio com altar; eixo de acesso retilíneo, ascendente e progressivo; distilo; e orientação para leste – não são exclusivos dos templos do antigo Israel, mas caracterizam grande número de templos levantinos, dos períodos do Bronze e do Ferro, como já foi apontado por vários pesquisadores (e.g. BUSINK, 1963; COOGAN, 1987; DEVER, 1990, p. 119-166; GERATY, 1989; HUNDLEY, 2013, p. 105-129; HUROWITZ, 2011; KAMLAH, 2012b, p. 507-534; KUSCHKE, 1967; MAZAR, 1992; MIERSE, 2012, p. 156-197; OTTOSSON, 1980; PINNOCK, 2009; SALA, 2008; SETON WILLIAMS, 1949; WIGHTMAN, 2007; WRIGHT G. R., 1971). Esse é o caso, reitere-se, especialmente dos templos do norte do Levante, com os quais os templos de Israel têm mais estreitas e mais numerosas semelhanças, notavelmente os templos de Ain Dara e de Tell Tayinat; bem como de alguns templos geograficamente mais próximos, do interior do sul do Levante, cujas semelhanças são menos estreitas e numerosas, como os de Hazor, Área H (ZUCKERMAN, 2012); Beth-Shean (MULLINS, 2012); e Pella (BOURKE, 2012). Esse fato indica que os templos de Judá empregaram, em sua concepção arquitetônica, uma linguagem comum no Levante,

marcada por oposições binárias, para a construção do significado de seus traços mais elementares e fundamentais.

Tais semelhanças proveem suporte à conclusão praticamente unânime de que, a despeito do exclusivismo pretendido pelas fontes bíblicas e seu menosprezo pela religião das nações vizinhas, o culto judaíta compartilhava traços fundamentais com os cultos do Levante e, portanto, de que é nesse contexto sócio-cultural que o significado do culto de Judá deve ser buscado, como expressa a frase frequentemente citada de Michael Coogan: “É essencial considerar a religião bíblica como um subconjunto da religião israelita, e a religião israelita como um subconjunto da religião canaanita” (COOGAN, 1987, p. 115).

Por outro lado, conquanto as semelhanças possam informar uma origem comum, em nada ajudam para explicar o fato de que, eventualmente, Judá diferenciou-se das nações a seu redor e construiu uma identidade própria. Como foi anteriormente sustentado, identidade é *significado* e, como tal, se constrói por processos de diferenciação entre *significantes* de um mesmo sistema. Se a origem do culto de Judá – isto é, aquele representado pelos templos que são objeto deste estudo – pode ser encontrada nas semelhanças com o culto dos povos vizinhos, sua identidade então deve ser buscada nos traços peculiares com que a eles se opõe.

O culto representado pelos templos judaítas, antes de mais nada, era evidentemente promovido pela elite governante e, a princípio, como indicam tanto os dados arqueológicos quanto os literários, não o do povo (*cf.* DEVER, 2005). O contexto arqueológico do templo de Tel Moza incluía, proeminentemente, um armazém com grande quantidade de vasos cerâmicos geralmente utilizados para a estocagem de grãos, bem como dezenas de silos, o que levou os arqueólogos que ali trabalharam à conclusão de que o sítio era “um celeiro real” (GREENHUT e DE GROOT, 2009, p. 223). O templo de Arad era a maior instalação de um posto militar de fronteira, onde foram encontrados selos oficiais e grande quantidade de óstracos com ordens e controles administrativos, inclusive uma inscrição que inclui a expressão “*casa de Yahweh*” (AHARONI, 1981), o que levou à conclusão de que o templo era “parte integrante de uma fortaleza real” (AHARONI, 1969, p. 33). O Tabernáculo e o Templo de Jerusalém, por sua vez, são retratados nas fontes bíblicas como tendo sido erigidos, respectivamente, pelo profeta Moisés e pelo rei Salomão, as figuras mais

icônicas da liderança nacional (Ex 40:16-17; 1Rs 7:51). Parece portanto razoável presumir que essas instalações de culto eram, no mínimo, consistentes com a ideologia do reino e conducentes à construção e o fortalecimento da identidade e dos interesses nacionais.

Assim, considerando-se que os templos judaítas eram, pelo que tudo indica, instituições patrocinadas pelo Estado e que, portanto, deviam expressar os interesses da liderança de um povo numericamente pequeno, semita, autóctone, de tradição essencialmente pastoril e agrícola, e que vivia nas terras altas a leste, não parece casual que seus traços mais elementares e notórios sejam justamente aqueles que os distinguem – mais que de quaisquer outros – dos templos de seus archi-inimigos filisteus, um povo com população muito maior, indo-europeu, imigrante, de tradição essencialmente náutica e comercial, e que ocupava as terras baixas do litoral a oeste, vistos por egípcios como *invasores* e por judaítas como “archi-inimigos” (NIEMANN, 2013, p. 258).

A tradição bíblica sugere que o conceito que Judá tinha de si mesmo e de seu culto era condicionado pela percepção de sua privilegiada posição no relevo de Canaã, em terras altas, em oposição aos povos que viviam em terras baixas:

Os que confiam em YHWH são como o monte Sião que não se abala, mas permanece para sempre. Como os montes ao redor de Jerusalém, assim YHWH está ao redor do seu povo, desde agora e para sempre (Sl 125:1-2; cf. Sl 72:3; 80:8-10).

[YHWH] edificou seu santuário como os lugares altos, como a terra que estabeleceu para sempre (Sl 78:69).

Nos últimos dias se firmará o monte da casa de YHWH no cume dos montes, e se engrandecerá por cima dos outeiros; fluirão para ele todas as nações. Virão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte de YHWH, à casa do deus de Jacó (Is 2:2-3).

Essa vinculação, condicionada pela geografia, entre terras altas e os símbolos mais sagrados da nação, talvez tivesse tido menor consequência não fosse a coincidência que trouxe os filisteus para habitar nas vizinhas terras baixas, justamente quando os proto-israelitas também tentavam se estabelecer. Contudo, em face do fortuito colapso social que deu fim à Idade do Bronze e trouxe levas de imigrantes a

Canaã, é necessário perguntar que tipo de reação os invasores filisteus, numerosos, desenvolvidos, ricos e prósperos estrangeiros, grandes consumidores de carne suína que se estabeleceram nas terras baixas, teriam provocado nos nativos proto-israelitas que, na mesma época, haviam se estabelecido nas terras altas, consumiam carne quase exclusivamente de caprinos e ovinos, e não estavam tendo a mesma boa sorte. A reação que se configura nos textos bíblicos é de inveja, ressentimento e hostilidade (Js 13:1-6; Jz 13:1; 14:4; 1Sm 4 - 2Sm 5; Is 14:28-32; 23:1-18; Jr 25:15-26; 47:1-7; Ez 25:15-17; Jl 4:4-8; Am 1:6-8; Sf 2:1-7), exatamente por causa da superioridade técnica, comercial, militar e política dos filisteus:

Em toda a terra de Israel, nem um ferreiro se achava, porque os filisteus tinham dito: Para que os hebreus não façam espada nem lança. Por isso, todo o Israel tinha que descer aos filisteus para amolar cada um a sua relha, e a sua enxada, e o seu machado, e o seu sacho (1Sm 13:19-20).

Tal animosidade aflora já nos relatos do período formativo de Israel – em Josué, Juízes e Samuel. Segundo a mais recente análise das evidências arqueológicas e epigráficas, feita por Itamar Singer, elas refletem bem o cenário do Ferro I, não o de períodos posteriores (SINGER, 2013). Deve-se levar em consideração o fato de que, na Idade do Ferro II, os filisteus “abandonaram completamente o estilo egeu de decoração e grandemente reduziram seu consumo de porco na maioria de suas cidades” (FAUST e LEV-TOV, 2014, p. 2; cf. FAUST e LEV-TOV, 2011); como também abandonaram seu estilo tradicional de instalações de culto e adotaram a típica tradição levantina de templos simétricos, com eixo de acesso retilíneo, ascendente e progressivo, como é atestado pelo templo filisteu Mique 650, do séc. VII a.C. Portanto, apenas na Idade do Ferro I o contraste entre filisteus e canaanitas – inclusive proto-israelitas – é realmente marcante. Isso permite a conclusão de que os textos bíblicos que ressaltam a distinção entre judaítas e filisteus, mesmo que se admita terem sido produzidos ou editados no final da Idade do Ferro II, ou depois disso, por ser uma época em que o contraste entre os dois grupos não mais existia, só podem ser entendidos como memória de uma realidade histórica, formada por fatos, estereótipos e atitudes, que remonta a séculos passados.

O contexto de tensão da Idade do Ferro I, em que um grupo tem acesso a vantagens – reais ou percebidas – de que o outro é excluído, oferece o motivo e a

oportunidade ideais para o processo de formação de pelo menos algumas das características identitárias de Israel e, conseqüentemente, Judá.

Como tem sido amplamente demonstrado pela Psicologia, grupos sociais tendem a se formar como estratégia para reduzir o senso de insegurança provocado em indivíduos diversos, mesmo de diversas origens, por um mesmo conjunto de circunstâncias (BROWN, 1988, p. 227; GAERTNER, SEDIKIDES, *et al.*, 2002, p. 586; HOGG e MULLIN, 1999, p. 253-255; TAJFEL, 1982). Desse modo, o senso de pertencimento étnico pode ser visto como um desdobramento desse processo, resultado da mesma motivação fundamental.

Ao longo do dinâmico processo de formação e transformação de identidades, características incomuns de um grupo social podem ser isoladas, exageradas, distorcidas e mesmo imaginadas por outro grupo – especialmente quando aquele é a percebida causa da insegurança deste – como estratégia de afirmação da própria identidade e promoção dos próprios interesses, gerando estereótipos no campo cognitivo, preconceito no campo das atitudes, e discriminação no campo dos comportamentos (ABRAMS e HOGG, 1990; BREWER, 1999; BROWN, 1995; CAPOZZA e BROWN, 2000; CHIROT e SELIGMAN, 2001; DOVIDIO, BRIGHAM, *et al.*, 1996; DOVIDIO e GAERTNER, 2010; DUCKITT e MPHUTHING, 1998; EAGLY, MLADINIC e OTTO, 1994; ESSES, HADDOCK e ZANNA, 1993; HEWSTONE, RUBIN e WILLIS, 2002; MACKIE e SMITH, 1998; MACRAE e BODENHAUSEN, 2000; PERDUE, DOVIDIO e GURTMAN, 1990; PERREAULT e BOURHIS, 1999; PETTIGREW, 1998; QUILLIAN, 1995; REYNOLDS e TURNER, 2000; WILDER e SIMON, 2001; ZANNA e OLSEN, 1994).

Assim, a percebida ameaça que a supremacia dos filisteus representava pode muito bem ter sido o fator que disparou o processo de desenvolvimento da identidade dos proto-israelitas – mais tarde consolidada na cultura judaíta – paulatinamente formada pela marcação de oposições aos traços mais destacados da cultura filisteia, como o consumo da carne de porco, as representações iconográficas e os principais símbolos de sua religião.

As proeminentes estruturas dedicadas ao culto não devem ter escapado desse processo. De fato, a análise aqui empreendida demonstrou que, conquanto pudessem ter seguido o modo flexível com que os canaanitas construíam seus templos, em que

os traços típicos ocorrem sem muita rigidez ou constância, ou mesmo se rendido à inovadora arquitetura sacra dos afluentes e invejados filisteus, os judaítas mantiveram a tradição local mas adotaram um padrão muito mais rígido e constante, em que os traços mais marcantes, pelo menos quanto à forma de disposição do espaço, são justamente aqueles que se opõem aos traços mais característicos dos estrangeiros templos filisteus. As diferenças entre, por um lado, os templos judaítas e, por outro, os templos filisteus bem como a natureza desabonadora das muitas referências aos filisteus feitas pelas fontes bíblicas, suportam essa tese.

Na filisteia Tell Qasile – templos 319, 200 e 131 – por exemplo, os contrastes com o padrão judaíta são evidentes. Em nenhuma das três estruturas havia o par de colunas ladeando a entrada do templo, marcando o eixo de acesso. A orientação dos prédios não apresenta consistência: a entrada do templo 319 era centralizada e voltada para nordeste; a do templo 200 também era aproximadamente voltada para nordeste, porém foi mudada do centro para o canto norte; e a do templo 131, no canto leste, voltava-se para o noroeste. Vários indícios sugerem que o eixo ritual era angular: nas três fases, o pátio externo tinha o formato de “L”, estendendo-se pelos lados norte e leste do edifício; nas três fases, a parede oeste separava o templo de um anexo (prédio 300), que tinha função de culto e acesso independente; no templo 131, o acesso percorria um eixo, de norte a oeste, com ângulo de 90 graus. O piso do templo 200 ficava abaixo do nível do pátio, de modo que o acesso era descendente (DOTHAN, T., 1982b; MAZAR, 1975, p. 77-86; MIERSE, 2012, p. 76-83, 386-387).

O templo filisteu de Tell Mique/Ecrom, por sua vez, também é marcadamente diferente dos templos judaítas. Suas duas fases – prédio 351 e prédio 350 – diferentes entre si em vários aspectos, compartilham, porém, características que sugerem continuidade em conceitos elementares. Em ambos os casos, a fachada era aproximadamente voltada para o norte, com a entrada no canto noroeste; o pórtico monumental dava acesso a um pátio interno; o eixo de acesso apresentava múltiplos ângulos; havia vários compartimentos, de frente para o pátio interno, dispostos paralelamente um ao outro. No prédio 350, o início do eixo era marcado por colunas no estilo dítilo *in antis*. A segregação da área de culto parece que não era rígida, uma vez que o prédio 350 integrava um relativamente grande conjunto de estruturas, inclusive residenciais (MIERSE, 2012, p. 73-75).

Os templos filisteus de Asdode – Área H, Stratum XII e Área D, Stratum VIII – também são totalmente diferentes do padrão adotado em Judá. Eles integravam um grande complexo de estruturas, com as quais dividiam paredes, algumas das quais aparentemente residenciais. Evidências de atividade religiosa foram encontradas em compartimentos diversos, alguns dos quais possuíam entradas independentes, cada uma voltada para uma direção diferente. No caso de Asdode XII, a sala maior apresenta formato apsidal, único nessa região e época. Ao seu lado, havia um amplo pátio pavimentado, com colunas, ladeado por compartimentos que se abriam para ele. O acesso a cada um desses compartimentos seguia eixos diferentes, com orientação diversa um do outro (DOTHAN, 1993; MIERSE, 2012, p. 72-73, 382).

Não se pode dizer que esses templos filisteus representam, todos eles, uma mesma forma de ritual e de culto, considerando-se que diferem em vários aspectos. Contudo, eles têm em comum o fato de que são radicalmente diferentes dos templos de Judá, pois caracterizam-se por uma pouco rígida segregação das áreas de culto; número variado de compartimentos; disposição inconsistente desses compartimentos; eixos de acesso múltiplos e angulares; diversidade de orientação; e níveis de piso inconsistentes que não sugerem uma disposição hierárquica dos compartimentos.

O provável significado atribuído a essas marcadas oposições na arquitetura dos templos é repetidamente sugerido pelas antigas fontes bíblicas. Dentre essas, os Salmos constituem exemplo especialmente relevante, uma vez que apresentam o conteúdo litúrgico utilizado nos rituais do Templo de Jerusalém. Um tema central e recorrente nessa coleção de escritos é o da “montanha sagrada” (הַר קֹדֶשׁ – *har kodesh*), o monte Sião, onde ficavam o templo, morada de YHWH, e o palácio dos reis de Judá. Em geral, os Salmos empregam a *elevação geográfica* como símbolo de *superioridade, primazia e supremacia* da tribo de Judá e da dinastia do rei Davi sobre todas as tribos de Israel e todas as nações da terra, como canta o Salmo 78:68-71 (*cf.* Sl 2:6; 15:1; 24:3; 43:3; 48; 68:16; 74:2; 78:68-72; 87:1-2; 99:1-2, 9; Is 2:2-3; Ez 20:40; 37:22-28; Mq 4:1-2; Zc 8:20-23):

[YHWH] elegeu a tribo de Judá e o monte Sião que ele ama. Edificou o seu santuário como as alturas, como a terra que fundou para sempre. Escolheu a Davi, seu servo; tirou-o do aprisco das ovelhas, da companhia das ovelhas fê-lo vir para apascentar Jacó, seu povo, e Israel, sua herança.

Na literatura bíblica, a identidade da nação é definida pelas terras altas onde habita. Por sinédoque, o monte é usado como símbolo de Israel e seu território, primariamente constituído pela região montanhosa: “[YHWH] os introduziu nos limites de sua terra santa, a montanha que sua destra conquistara. Expulsou as nações da sua frente. Com cordel delimitou-lhes uma herança. Fez habitar em suas tendas as tribos de Israel” (Sl 78:54-55; cf. Sl 72:3; 8:8-11; Is 65:9; Jr 31:12; Ez 17:22-23; 20:40).

A ideia de que montanhas são local de habitação divina não era exclusiva de Israel mas comum em todo o Levante durante os milênios II-I a.C. (CLIFFORD, 1972). Nos textos de Ugarit, datados dos Séc. XIV-XII a.C., anteriores portanto à maior parte dos textos bíblicos, o deus *El*, chefe do panteão, habita uma montanha; a assembleia dos deuses reúne-se no Monte Lulu; e a morada de Baal é o Monte Zaphon (COOGAN; SMITH, 2012, p. 14, 111, 119; SMITH, M., 1994, p. 265; 2001, p. 41-42). Porém, conquanto um substrato cultural comum seja evidente, os textos bíblicos sugerem que o fato de Israel ter se estabelecido desde seus primórdios nas montanhas de Canaã, como evidenciam tanto as fontes literárias quanto as arqueológicas, e de nelas ter erigido seus templos, parece ter contribuído para desenvolver entre esse povo, uma peculiar e conveniente compreensão da oposição *alto/baixo*: uma forte correlação simbólica entre *altitude* e *virtude*, que enaltece Israel, os menos abastados habitantes das terras altas, vis-à-vis os filisteus, os prósperos habitantes das terras baixas do litoral, seus inimigos mais invejados e hostilizados.

Efeito retórico semelhante parece ter sido obtido pela orientação dos templos judaítas. Ao mesmo tempo em que a orientação para o nascer do sol ressalta a ideia da natureza transcendental do templo e, portanto, a radical distinção entre o *santo* e o *profano*, parece também estabelecer-se uma oposição qualitativa entre o *Oriente* e o *Ocidente*. Se a divindade, personificação de todo o bem, vem do Oriente, o Ocidente, seu extremo oposto, deve estar, de algum modo, associado ao mal. Os dados estritamente arqueológicos não permitem afirmações categóricas quanto a isso; porém, associados a dados textuais, autorizam fazer inferências significativas para a compreensão da função política do culto patrocinado pelo Reino de Judá.

A existência de um *Oriente* e de um *Ocidente*, separados por distância proverbialmente intransponível, evidentemente integrava a concepção de mundo do antigo Israel pois, do contrário, o salmista não poderia ter dito: “Assim como está longe

o Oriente do Ocidente, assim [YHWH] afasta de nós as nossas transgressões” (Sl 103:12). Cabe lembrar que a palavra geralmente traduzida por “Oriente” é o substantivo מִזְרָח (*mizrah*), cuja raiz é o verbo זָרַח (*zarah*), que significa “irradiar”, “levantar-se”, “surgir”, “aparecer”. Portanto, מִזְרָח (*mizrah*) é o *levante* (BROWN, 1979, p. 280), o lugar de onde o sol surge em resplendor e glória. Em contraste, a palavra usada nas fontes hebraicas para “Ocidente”, מַעֲרָב (*maharav*), vem do verbo עָרַב (*harav*) que significa “cobrir com um manto”, “escurecer”, “anoitecer” (BROWN, 1979, p. 788). Assim, a oposição *Oriente/Ocidente* é concebida em termos da oposição *luz/trevas*, com toda a carga simbólica que esses conceitos possuíam, como o Eclesiastes a expressa: “Então vi eu que a sabedoria é mais excelente do que a estultícia, quanto a luz é mais excelente do que as trevas” (Ec 2:13). Isaías associa o Oriente à justiça (Is 41:2), e o apresenta em oposição qualitativa à região marítima (Is 41:5). Ezequiel roga os piores infortúnios contra os “príncipes do mar” e vaticina seu naufrágio, qual navio sobrecarregado de riquezas, destruído pelo “vento oriental” (Ez 27:25-27).

Nesse contexto, parece significativo que o Tabernáculo, precursor do Templo de Salomão, seja retratado como de costas voltadas para o mar (Ex 26:22, 27),³ muito embora isso fosse impossível. Segundo as fontes hebraicas, as instruções para construção do Tabernáculo teriam sido dadas e executadas no Sinai (Ex 19:1). Nessa península, conquanto a frente do Tabernáculo pudesse estar voltada para o sol nascente, suas costas não poderiam estar viradas para o mar, como alega o texto, porque a oeste do Sinai ficava a terra do Egito, não o Mar Mediterrâneo. Tal discrepância trai, não apenas o local e época em que o texto foi produzido, mas também a importância que a palavra *mar* tinha para a ideologia do texto. O sol, para os habitantes da antiga Canaã, se põe no “grande mar” (Nm 34:7; Js 9:1; Ez 47:15) ou “mar dos filisteus” (Ex 23:31), como é significativamente chamado o Mediterrâneo nas fontes bíblicas. A esse determinismo geográfico, que coloca a região marítima do lado das “trevas”, somaram-se fatores históricos que parecem ter contribuído para que o mar e os povos a ele associados viessem a ser tratados de forma depreciativa e frequentemente hostil.

³ No hebraico, יָם (*yam* - mar), e não “Ocidente” como aparece em algumas versões para o português (cf. Js 11:3).

Embora a faixa litorânea fosse pretendida pelo antigo Israel (Gn 49:13; Nm 34:6; Js 15:12, 47; Ez 47:19; 48:28-29; Sf 2:7), ela era ocupada por povos cujas origens, história, economia, estilo de vida e a própria identidade estavam intimamente ligados ao mar e seu comércio. Nisso, eram radicalmente diferentes de Israel, que habitava as montanhas e tinha uma economia predominantemente agrícola e pastoril. Como se pode inferir das fontes bíblicas, Israel orgulhava-se de sua história e tradição como pastores (Gn 46:32-34) mas, ao mesmo tempo, invejava e ressentia-se da abundância dos povos marítimos, abominava seu estilo de vida e ansiava pelo dia em que a faixa litorânea seria transformada: *“A costa do mar será de pastagens, com abrigos para os pastores, e currais para os rebanhos”* (Sf 2:6). Provavelmente por essa razão é que as fontes bíblicas várias vezes se referem a filisteus e fenícios de forma conjunta ou com a mesma caracterização de prósperos comerciantes marítimos e abastados habitantes do litoral, porém vis, soberbos, opressores, cruéis, objetos de menosprezo e repúdio, a despeito de serem, em todos os aspectos, povos distintos:

“Que sois para mim, Tiro e Sidom, e todas as regiões da Filístia?” (Jl 3:4).

“Chegou o dia de destruir a todos os filisteus, de cortar de Tiro e de Sidom todo o resto que os socorra; YHWH destruirá os filisteus, o resto da ilha de Caftor” (Jr 47:4; cf. Is 23; Ez 25:15-17; 26-28; Am 1:6-10; Zc 9:3-6).

SÍNTESE E CONCLUSÕES

As mais antigas evidências arqueológicas da existência de um templo, ou pelo menos da adoção de conceitos do que deva ser um templo, no Reino de Judá, proveem de Khirbet Qeiyafa, uma cidade supostamente judaíta, do final do séc. XI ou início do séc. X a.C., e aparentemente construída pelo Estado. Apesar de circundada por muros megalíticos, dotada de portais monumentais e de um portentoso “palácio”, nenhum templo foi ali encontrado. Entretanto, dentro de uma de suas três instalações de culto, de contexto doméstico, foram achados dois templos-modelo com alguns traços que se assemelham às descrições bíblicas do Templo de Jerusalém que, segundo a cronologia bíblica, viria a ser construído pouco tempo depois. No atual estado da ciência, Qeiyafa oferece, então, o *terminus post quem* para o início da construção de templos em Judá.

Apenas dois templos judaítas foram até hoje arqueologicamente documentados, um em Tel Moza, cuja primeira fase foi datada do séc. X-IX a.C., e outro em Tel Arad, de data incerta, provavelmente do séc. IX-VIII a.C. Além deles, existem apenas descrições bíblicas de duas outras estruturas incorporadas à tradição judaíta: o Tabernáculo que, segundo a cronologia bíblica, teria sido construído por Moisés em meados do séc. XV a.C., e que, após a peregrinação do Êxodo, teria repousado por cerca de quatro séculos em Siló; e o Templo de Jerusalém, que teria sido construído pelo rei Salomão para substituir o Tabernáculo, em meados do séc. X a.C. Uma vez que essas descrições representam, pelo menos, a concepção que os autores bíblicos tinham do que deveria ser o templo judaíta ideal, tornam-se irrelevantes, no contexto deste trabalho, as questões relativas a sua historicidade.

Os arqueologicamente evidenciados templos de Moza e de Arad, e os literariamente descritos Tabernáculo de Moisés e Templo de Jerusalém, apresentam fundamentais semelhanças entre si na forma de disposição do espaço de culto, especialmente as seguintes: prédio bipartido, precedido por um pátio com altar, formando uma área de culto tripartida; eixo de acesso retilíneo, ascendente e progressivo; duas colunas na fachada; e orientação para leste. A constância com que esses traços comuns foram mantidos ao longo de séculos permite concluir que eram signos de um mesmo sistema semiótico.

Tal sistema precede em séculos a existência de Judá, já que os mesmos traços ocorrem em vários templos do Levante pelo menos desde a Idade do Bronze Médio. Observa-se, porém, uma marcada diferença entre, por um lado, os quatro templos judaítas e, por outro, os templos levantinos com os quais compartilhavam traços. Nestes, os traços ocorrem ora em um templo, ora em outro, sem muita constância e uniformidade, enquanto que, em Judá, praticamente um mesmo conjunto de traços se manifesta em todos os quatro templos, formando um padrão, uniforme e coeso, que se manifesta já no início da monarquia e é consistentemente mantido ao longo de todo o tempo de existência do reino. Assim, os templos judaítas assemelham-se aos templos canaanitas em traços isolados, mas diferenciam-se deles na uniformidade do conjunto de traços que adotam.

Significativamente, o conjunto de traços que caracteriza os templos judaítas – que, como foi demonstrado nos capítulos anteriores, não parece ser direto reflexo da cultura canaanita, mas sim produto de seletiva e peculiar disposição – é composto, em geral, justamente por aqueles traços que os diferenciam dos templos filisteus, mais que de todos os outros. De modo que as diferenças entre os templos judaítas e filisteus não parecem expressar mera diferença de origem, mas a vontade de marcar diferenças, à semelhança do que também parece ter sido feito com as estatuetas-pillar e a proibição de consumo da carne de porco.

Assim, entre templos judaítas e canaanitas, as diferenças parecem ser de grau, enquanto que, entre judaítas e filisteus, de substância.

O resultado da análise dos dados arqueológicos e literários favorece a conclusão de que a diferenciação dos templos judaítas se fazia principalmente por meio de simples oposições binárias, tais como *dentro/fora*, *alto/baixo*, *retilíneo/angular*, *leste/oeste*. A essas distinções, as fontes bíblicas atribuem valor semiótico, de natureza étnica-religiosa, e as emprega para afirmar a identidade de Judá, como povo privilegiado e superior, autóctone e vinculado às terras altas do Oriente, em oposição às demais nações, principalmente aos filisteus, povo desdenhado e hostilizado, estrangeiro e vinculado às terras baixas e ao mar do Ocidente.

Destaquem-se aqui – apenas como estímulo para estudos posteriores, talvez no âmbito da etnoarqueologia ou sociologia, uma vez que ultrapassam o escopo deste trabalho – as evidências de que os templos judaítas, desde os primórdios até o fim da

monarquia, parecem ter sido patrocinados, de forma consistente e permanente, pela elite governante. Tais evidências permitem propor a tese de que integravam uma estratégia de Estado para compensar – por meio do ufanismo religioso e da ideia da progressão linear da história nacional rumo a uma consumação gloriosa, expressa no eixo de acesso retilíneo, ascendente e progressivo, que culminava no ponto mais sagrado do templo – a inferioridade econômica, tecnológica e política *vis-à-vis* os abastados, poderosos e influentes comerciantes marítimos. O apego mais rígido, consistente e prolongado de Judá a esse conjunto de traços arquitetônicos que, hipoteticamente, expressam, no mais importante símbolo nacional, a ideologia de uma nação divinamente privilegiada e superior, talvez possa, ainda, ser aduzido como um dos fatores que contribuíram para a excepcional resiliência e longevidade do relativamente pequeno e frágil Reino de Judá, enquanto os outros povos de Canaã, entre os quais os mesmos traços ocorrem porém sem grande rigidez e constância, foram gradualmente desaparecendo do cenário das nações. A eventual comprovação dessa tese permitiria afirmar o que aqui apenas se intui: o modo como os fatos são representados pode ser mais eficaz na construção social do que os fatos propriamente ditos.

Embora a apropriação do espaço de culto como instrumento ideológico seja, nas fontes literárias, mais evidente em textos dos sécs. VII-VI a.C., as oposições binárias que evidenciam essa estratégia já estavam sendo utilizadas em tempos bem mais remotos, como atestam os dados arqueológicos dos templos de Moza e Arad, dos sécs. X-VIII a.C. Tal constatação permite concluir que o deliberado e contínuo processo de diferenciação cultural de Judá, expresso nos textos bíblicos, independentemente de quando esses textos foram produzidos ou editados, data dos primórdios da monarquia.

Por fim, as evidências sugerem que alguns dos traços que viriam a se tornar os mais marcantes da identidade de Judá – especificamente as EPJ, o tabu da carne de porco e os próprios templos – não teriam sido os mesmos não fossem os eventos fortuitos que, no final da Idade Bronze, trouxeram a Canaã, ironicamente, os exóticos filisteus.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMS, D.; HOGG, M.A. (Eds.). **Social Identity Theory: Constructive and Critical Advances**. New York: Harvester Wheatsheaf, 1990.

ABU ASSAF, A. 'Ain Dara. In: WEISS, H. (Ed.). **Ebla to Damascus: art and archaeology of ancient Syria**, an exhibition from the Directorate-General of Antiquities and Museums, Syrian Arab Republic. Washington: Smithsonian Institution Traveling Exhibition Service, 1985. p. 345-350.

ABU ASSAF, A. **Der Tempel von 'Ain Dārā**. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1990.

ABU ASSAF, A. Ain Dara. In: MEYERS, E.M. (Ed.). **The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East**. New York: Oxford University Press, 1997. p. 33-35.

ACKERMAN, S. The Queen Mother and the Cult in Ancient Israel. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta/GA, v. 112, p. 385–401, 1993.

ADAMS, M.J.; COHEN, M.E. The "Sea Peoples" in Primary Sources. In: KILLEBREW, A.E.; LEHMANN, G. (Eds.). **The Philistines and Other "Sea Peoples" in Text and Archaeology**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 645-664.

AHARONI, M. Short Notes: On 'The Israelite Fortress at Arad'. **Bulletin fo the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 258, p. 73, 1985.

AHARONI, Y. Excavations at Tel Arad: Preliminary Report on the Second Season, 1963. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 17, p. 247-249, 1967.

AHARONI, Y. Arad: Its Inscriptions and Temple. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 31, p. 2-32, 1968.

AHARONI, Y. The Israelite Sanctuary at Arad. In: FREEDMAN, D.N.; GREENFIELD, J.C. (Eds.). Garden City: Doubleday, 1969. p. 29-39.

AHARONI, Y. The Solomonic Temple, the Tabernacle and the Arad Sanctuary. In: HOFFNER, H.A.J. (Ed.). **Orient and Occident, Essays Presented to Cyrus H. Gordon on the Occasion of his Sixty-fith Birthday**. Neukirchener: Butzon & Bercker Kevelaer, 1973. p. 1-8.

AHARONI, Y. Excavations at Tel Beer-Sheva, Preliminary Report of the Fourth Season, 1972. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 1, p. 32-42, 1974a.

AHARONI, Y. The Horned Altar of Beer-Sheva. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 37, p. 2-6, 1974b.

AHARONI, Y. **The Land of the Bible: A Historical Geography**. 2nd ed. Philadelphia: Westminster Press, 1979.

AHARONI, Y. **Arad Inscriptions**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1981.

AHARONI, Y. **The Archaeology of the Land of Israel: From the Prehistoric Beginnings to the End of the First Temple Period**. Tradução de Anson F. Rainey. Philadelphia: Westminster Press, 1982.

AHARONI, Y.; AMIRAN, R. A New Scheme for the Subdivision of the Iron Age Palestine. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 8, p. 171-184, 1958.

AHLSTRÖM, G.W. **Aspects of Syncretism in Israelite Religion**. Lund: Gleerup, 1963.

AHLSTRÖM, G.W. The Bull Figurine from Dharat et-Tawileh. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 280, p. 77-82, 1990.

AHLSTRÖM, G.W. The Role of Archaeological and Literary Remains in Reconstructing Israel's History. In: EDELMAN, D.V. (Ed.). **The Fabric of History: Text, Artifact and Israel's Past**. Sheffield: JSOT Press, 1991. p. 116-141. (Journal for the Study of the Old Testament, Suppl. Series).

AKAR, M. Tayinat Flyover, Tayinat Archaeological Project. **Wikimedia**, 2 out. 2006. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Tell_Tayinat#/media/File:Tayinat_Flyover_\(Photo_credit_Murat_Akar\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Tell_Tayinat#/media/File:Tayinat_Flyover_(Photo_credit_Murat_Akar).jpg)>. Acesso em: 24 nov. 2017.

AKKERMANS, P.M.M.G.; SCHWARTZ, G. **The Archaeology of Syria: From Complex Hunter-Gatherers to Early Urban Societies (c. 16,000-300 BC)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

AL TOUNSI, O.A.M. Les Temples et les Bâtiments Interprétés comme des Temples au Levant (Bronze Récent et Âge du Fer I-II). In: MATTHEWS, R.; CURTIS, J. (Eds.). **Proceedings of the 7th International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East**, 12-16 April 2010; The British Museum and UCL, London. Wiesbaden: Harrassowitz, 2012. p. 397-416.

AL TOUNSI, O.A.M. The Langraum buildings in Syria in the Late Bronze Age and the Iron Age: Reflections and Hypotheses. **Syria**. Beirut, v. 90, p. 353-376, jan. 2013.

ALBERTZ, R. **A History of Israelite Religion in the Old Testament Period**. Vol. I: From the Beginnings to End of the Monarchy. Tradução de John Bowden. London: SCM Press, 1994.

ALBRIGHT INSTITUTE OF ARCHAEOLOGICAL RESEARCH. Ekron Royal Dedicatory Inscription, 7th century BCE. **W.F. Albright Institute of Archaeological Research**, 2017. Disponível em: <<http://www.aiar.org/tel-miqne-ekron-excavations-gallery/>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

ALBRIGHT INSTITUTE OF ARCHAEOLOGICAL RESEARCH. Ekron Royal Dedicatory Inscription, 7th century BCE. **W.F. Albright Institute of Archaeological Research**, 2018a. Disponível em: <<http://www.aiar.org/miqne-ekron/>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ALBRIGHT, W.F. **Astarte Plaques and Figurines from Tell Beit Mirsim**. In: **Mélanges Syriens Offerts à René Dussaud**. Paris: Geuthner, 1939. p. 107-120. (Bibliothèque archéologique et historique, 30)

ALBRIGHT, W.F. King Joiachin in Exile. **The Biblical Archaeologist**. Boston, v. 5, p. 49-55, 1942.

ALTER, R. **The Art of Biblical Poetry**. New York: Basic Books, 2011.

AMADASI GUZZO, M.G.; KARAGEORGHIS, V. **Fouilles de Kition, III: Inscriptions Phéniciennes**. Nicosia: Cyprus Department of Antiquities, 1977.

AMIN, O.S.M. Part of an altar from Tel Halaf. **Ancient History Encyclopedia**, 31 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.ancient.eu/image/2991/>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

AMIN, O.S.M. Visiting the Ancient Orient Museum, Istanbul. **Ancient History Et Cetera**, 19 jan. 2015. Disponível em: <<http://etc.ancient.eu/exhibitions/visiting-ancient-orient-museum-istanbul/>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

AMMAR, A. For a New Typological Approach of the Tanit Sign in the Votive Precinct of Carthage. In: TALON, P.; VAN DER STEDE, V. (Eds.). **Si un Homme**. Textes offerts en hommage à André Finet. Turnhout, Belgium: Brepols, 2005. p. 7-19. (Subartu, v. 16)

ANCIENT ORIGINS. The Ain Dara Temple and the giant footsteps of the Gods. **Ancient Origins: Reconstructing the Story of Humanity's Past**, 16 maio 2014. Disponível em: <<http://www.ancient-origins.net/ancient-places-asia/ain-dara-temple-and-giant-footsteps-gods-001655>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

ANDERSON, W.P. **Sarepta I: The late bronze and Iron Age strata of area II.Y. The University Museum of the University of Pennsylvania excavations at Sarafand, Lebanon**. Beyrouth: Université Libanaise, 1988.

ANDERSON, W.P. The Beginnings of Phoenician Pottery: Vessel Shape, Style, and Ceramic Technology in the Early Phases of the Phoenician Iron Age. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 279, p. 35-54, ago. 1990.

ANDRIOLO, K.R. A Structural Analysis of Genealogy and Worldview. **American Anthropologist**. Arlington, v. 75, p. 1657-1669, 1973.

ARCHNET. Aleppo Citadel Restoration. **ArchNet**, 2006. Disponível em: <http://archnet.org/sites/6414/media_contents/76386>. Acesso em: 7 fev. 2017.

ARIE, E. The Iron Age I Pottery: Levels K-5 and K-4 and an Intra-Site Spatial Analysis of the Pottery from Stratum VIA. In: FINKELSTEIN, I.; USSISHKIN, D.; HALPERN, B. (Eds.). **Megiddo IV: The 1998-2000 Seasons**. Tel Aviv: Tel Aviv University, 2006. p. 191-298. (Tel Aviv University Monograph Series; v. 24)

ARIE, E. The Earliest Known 'Sign of Tanit' Revealed in 11th Century BCE Building at Megiddo. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 441 (1), p. 61-71, 2017.

ASSISTER, A. Althusser and Structuralism. **The British Journal of Sociology**. London, v. 35 (2), p. 272-296, June 1984.

BADEN, J.S. **The Composition of the Pentateuch: Renewing the Documentary Hypothesis**. New Haven e London: Yale University Press, 2012.

BALENSI, J. Revising Tell Abu Hawam. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 257, p. 65-74, 1985.

BALENSI, J. Tell Abu Hawam: un Cas Exceptionnell? In: HELTZER, M.; LIPINSKI, E. (Eds.). **Society and Economy in the Eastern Mediterranean (c. 1500-1000 B.C.)**. Proceedings of the International Symposium held at the University of Haifa from the 28th of April to the 2nd of May 1985. Leuven: Uitgeverij Peeters, 1988. p. 305-311. (Orientalia Lovaniensia Analecta, v. 23)

- BALENSI, J.; HERRERA, M.D.; ARTZY, M. Abu Hawam, Tell. In: STERN, E. (Ed.). **The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993. p. 7-14.
- BALENSI, J.; HERRERA, M.D.; BUNIMOVITZ, S. Tell Abou Hawam 1983-1984, Rapport Préliminaire. **Revue Biblique**. Paris, v. 92 (1), p. 82-128, jan. 1985.
- BALUT, P.-I. Contre Sens, Contre Histoire. In: MARCHEGAY, S.; LE DINAHET, M.-T.; SALLES, J.-F. (Eds.). **Nécropoles et Pouvoir: Idéologies, Pratiques et Interpretations**. Paris: Diffusion De Boccard, 1998. p. 283-295. (Travaux de la Maison de L'Orient Méditerranéen, v. 27)
- BANKS, R.E. Aerial Photographic Archive for Archaeology in the Middle East. **Flickr**, 14 out. 2015. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/apaame/22843579169>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- BANTON, M. The Actor's Model of Ethnic Relations. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 98-106.
- BARAKO, T.J. Philistines and Egyptians in Southern Coastal Canaan During the Early Iron Age. In: KILLEBREW, A.E.; LEHMANN, G. (Eds.). **The Philistines and Other "Sea Peoples" in Text and Archaeology**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 37-52.
- BARKAY, G. The Iron Age II-III. In: BEN-TOR, A. (Ed.). **The Archaeology of Ancient Israel**. New Haven: Yale University, 1992. p. 302-373.
- BARKEY, G.; KLANER, A. Jerusalem Tombs from the Days of the First Temple. **Biblical archaeology Review**. Washington/DC, v. 12, p. 22-39, 1986.
- BARTH, F. Ethnic Groups and Boundaries. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 75-82.
- BARTHESES, R. **Elements of Semiology**. New York: Hill and Wang, 1999.
- BECKER, J.; MARTIN, L.; NOVÁK, M. Current Research: Architecture. **Tell Halaf Ausgrabungsprojekt**, 22 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.grabung-halaf.de/pdfs.php?l=eng>>. Acesso em: 3 mar. 2017.
- BEIT-ARIEH, I. **Edomite Shrine: Discoveries from Qitmit in the Negev**. Jerusalem: Israel Museum, 1987.
- BEIT-ARIEH, I. New Light on the Edomites. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 14 (2), p. 29-41, March/April 1988.
- BEIT-ARIEH, I. The Edomite Shrine at Horvat Qitmit in the Judean Negev: Preliminary Excavation Report. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 18 (1), p. 93-116, 1991.
- BEIT-ARIEH, I. **Horvat Qitmit: an Edomite Shrine in the Biblical Negev**. Tel Aviv: Institute of Archaeology, Tel Aviv University, 1995.
- BELL, C. **Ritual Theory, Ritual Practice**. New York: Oxford University Press, 1992.
- BELL, C. **Ritual: Perspectives and Dimensions**. New York: Oxford University Press, 1997.

- BELL, C. Performance. In: TAYLOR, M.C. (Ed.). **Critical Terms for Religious Studies**. Chicago: University of Chicago Press, 1998. p. 205-224.
- BEN-ARIE, R.; HIZMI, H. Tel Shiloh, Excavations in the Northern Area, 2012, 2013. **Judea and Samaria Studies**. Ariel, v. 23, p. 113-130, 2014.
- BEN-DAVID, A. The Hebrew-Phoenician Cubit. **Palestine Exploration Quarterly**. Jerusalem, v. 109, p. 27-28, 1978.
- BEN-SHLOMO, D.; SHAI, I.; MAEIR, A.M. Late Philistine Decorated Ware ("Ashdod Ware"): Typology, Chronology, and Production Centers. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 335, p. 1-35, 2004.
- BEN-TOR, A. (Ed.). **The Archaeology of Ancient Israel**. New Haven: Yale University Press, 1992.
- BEN-TOR, A. Plans of Dwellings and Temples in Early Bronze Age Palestine [hebraico]. **Eretz israel**. Jerusalém, v. 11, p. 92-98, 1973.
- BERGHE, P.V.D. Does Race Matter? In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 57-62.
- BERTRANDY, F. Signe de Tanit. In: LIPINSKI, E.E.A. (Ed.). **Dictionnaire de la Civilisation phénicien et punique**. Turnhout: Brepols, 1992. p. 416-418.
- BIBLE WALKS. Dan - High Place. **BibleWalks.com**, 2010. Disponível em: <<http://www.biblewalks.com/Sites/DanHighPlace.html>>. Acesso em: 23 fev. 2017.
- BIBLE WALKS. Shiloh Altars. **BibleWalks.com**, 21 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.biblewalks.com/Sites/ShilohAltars.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017.
- BIBLIA HEBRAICA. KITTEL, R. (ed.). Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt Stuttgart, 1973.
- BÍBLIA SAGRADA. Almeida, J.F. (trad.). Edição Contemporânea. Deerfield: Editora Vida, 1990.
- BIKAI, P.M. **The pottery of Tyre**. Warminster: Aris and Phillips, 1978.
- BILGIN, T. Assyrian Period Lion Sculpture. **Hittites Monuments**, 2017a. Disponível em: <<http://www.hittitemonuments.com/telltainat/telltainat22.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- BILGIN, T. Statue of Storm God. **Hittites Monuments**, 2017b. Disponível em: <<http://www.hittitemonuments.com/karkamis/kargamis11.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- BILGIN, T. Tell Tayinat. **Hittite Monuments**, 2017c. Disponível em: <<https://www.hittitemonuments.com/telltainat/telltainat20.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- BINFORD, L.R. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**. Washington, p. 217-225, 1962.
- BINFORD, L.R. **Working at Archaeology**. New York: Academic Press, 1983.
- BINGER, T. **Asherah**: Goddesses in Ugarit, Israel and the Old Testament. Sheffield: Sheffield Academic, 1997 (Journal for the Study of the Old Testament, Suppl. Series, v. 232)

BIRAN, A. **Temples and High Places in Biblical Times**. Jerusalem: Hebrew Union College, 1981.

BIRAN, A. Prize Find: Tel Dan Scepter Head - Belonging to Priest or King? **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 15/1, p. 29-31, 1989.

BIRAN, A. **Biblical Dan**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1994.

BIRAN, A. Sacred Spaces: Of Standing Stones, High Places and Cult Objects at Tel Dan. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 24 (5), p. 38-45, 70, 1998.

BIRD, P.A. Israelite Religion and the Faith of Israel's Daughters. Reflection on Gender and Religious Definition. In: JOBLING, D.; DAY, P.L.; SHEPPARD, G.T. (Eds.). **The Bible and Politics of Exegesis: Essays in Honor of Norman K. Gottwald on His Sixty-Fifth Birthday**. Cleveland: Pilgrim Press, 1991.

BLINKINSOPP, J. **A History of Prophecy in Israel**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1996.

BLOCH-SMITH. Solomon's Temple: The Politics of Ritual Space. In: GITTLEN, B. (Ed.). **Sacred Time, Sacred Place: Archaeology and the Religion of Israel**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2002. p. 83-94.

BLOCH-SMITH, E. **Judahite Burial Practices and Beliefs about the Dead**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1992. (Journal for the Study of the Old Testament; Suppl. Series; v. 123)

BLOCH-SMITH, E. Israelite Ethnicity in Iron I: Archaeology Preserves What is Remembered and What is Forgotten in Israel History. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta/GA, v. 122 (3), p. 401-425, 2003.

BLOCH-SMITH, E. Masseboth in the Israelite Cult: An Argument for Rendering Implicit Cultic Criteria Explicit. In: DAY, J. (Ed.). **Temple and Worship in Biblical Israel**. London: T. & T. Clark International, 2005. p. 28-39.

BLOCH-SMITH, E. Will the Real Massebot Please Stand Up: Cases of Real and Mistakenly Identified Standing Stones in Ancient Israel. In: BECKMAN, G.M.; LEWIS, T.J. (Eds.). **Text, Artifact, and Image: Revealing Ancient Israelite Religion**. Providence: Brown Judaic Studies, 2010. p. 64-79.

BLOCH-SMITH, E. Archaeological and Inscriptional Evidence for Phoenician Astarte. In: SUGIMOTO, D. (Ed.). **Transformation of a Goddess: Ishtar - Astarte - Aphrodite**. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2014. p. 167-194.

BLOCH-SMITH, E. Massebot Standing for Yhwh: The Fall of a Yhwistic Cultic Symbol. In: COLLINS, J.J.; LEMOS, T.M.; OLYAN, S.M. (Eds.). **Worship, Women, and War: essays in honor of Susan Niditch**. Providence: Brown University, 2015. p. 99-115.

BLOCH-SMITH, E.; NAKHAI, B.A. A Landscape Comes to Life: The Iron Age 1. **Near Eastern Archaeology**. Massachusetts, v. 62 (2), p. 62-127, 1999.

BORDREUIL, P. Tanit du Liban: Nouveaux documents religieux phéniciens III. In: LIPINSKI, E. (Ed.). **Phoenicia and the East mediterranean in the First Millennium B.C.** Proceedings of the Conference held in Leuven from the 14th to the 16th of November 1985. Leuven: Uitgeverij Peeters, 1987. p. 79-85 (Studia Phoenicia, v. 5)

- BORDREUIL, P.; MILLARD, A.-R.; ABOU ASSAF, A. La Statue de Tell Fekheryé: La Première Inscription Bilingue Assyro-Araméenne. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**. Paris, v. 125 (4), p. 640-655, 1981.
- BOSTON MUSEUM OF FINE ARTS. Figurine of Seated Goddess. **Boston Museum of Fine Arts**, 2017. Disponível em: <<http://www.mfa.org/collections/object/figurine-of-seated-goddess-151636>>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas**: Sobre a Teoria da Ação. Tradução de Mariza Corrêa. 9. ed. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURKE, S.J. The New Pella Bronze Age Temple: The Largest 'Migdol' Ever Found. **Occident & Orient**. Amman, v. 192, p. 57-58, dez. 1999.
- BOURKE, S.J. Cult and Archaeology at Pella in Jordan: Excavating the Bronze and Iron Age Temple Precinct (1994-2001). **Journal and Proceedings of the Royal Society of New South Wales**. Sydney/AUS, v. 137, p. 1-31, 2004.
- BOURKE, S.J. The Six Canaanite Temples of Tabaqat Fahil. In: KAMLAH, J. (Ed.). **Temple Building and Temple Cult: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant (2.1. Mill. B.C.E.)**. Wiesbaden: Harrassowitz, 2012. p. 159-201.
- BOURKE, S.J. Exploring Pella's Bronze Age Temple Complex. **Ufomania**, 10 fev. 2014. Disponível em: <<http://ufothetruthisoutthere.blogspot.com.br/2014/02/exploring-pellas-bronze-age-temple.html>>. Acesso em: 24 jul. 2017.
- BOURKE, S.J. *et al.* Preliminary Report on the University of Sydney's Fourteenth Season of Excavations at Pella (Tabaqat Fahil) in 1992. **Annual of the Department of Antiquities of Jordan**. Amman, v. 38, p. 81-126, 1994.
- BOURKE, S.J. *et al.* Preliminary Report on the University of Sydney's Eighteenth and Nineteenth Seasons of Excavation at Pella (Tabaqat Fahil) in 1996/97. **Annual of the Department of Antiquities of Jordan**. Amman, v. 47, p. 335-388, 2003.
- BOURKE, S.J. *et al.* The Beginning of the Early Bronze Age in the North Jordan Valley: New 14C Determinations from Pella in Jordan. **Radiocarbon**. Tucson/ Arizona, v. 51 (3), p. 905-913, 2009.
- BOURKE, S.J.; SPARKS, R.T.; MAIRS, L.D. Bronze Age Occupation on Tell Husn (Pella). Report on the University of Sydney's 1994/95 Field Seasons. **Mediterranean Archaeology**. Sidney, v. 12, p. 51-66, 1999.
- BRANDL, B.; GREENHUT, Z.; VAINSTUB, D. The Pottery: Volume Estimation of Four Iron Age Holemouth Jars. In: GREENHUT, Z.; DE GROOT, A. (Eds.). **Salvage Excavations at Tel Moza: The Bronze and Iron Age Settlements and Later Occupations**. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, v. 39, 2009. p. 125-148.
- BRASS, P.R. Ethnic Groups and Ethnic Identity Formation. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 85-89.
- BREASTED, J.H. **Ancient Records of Egypt: Historical Documents**. Chicago: University of Chicago Press, v. 4, 1906.

BREWER, M.B. The Psychology of Prejudice: Ingroup Love or Outgroup Hate? **Journal of Social Issues**. Hoboken, v. 55, p. 429–44, 1999.

BRIGHT, J. **A History of Israel**. 4th ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 1959.

BRITISH MUSEUM. Figurine. **British Museum**, 2017a. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=464710&partId=1&searchText=1883%2c0106.33&page=1>. Acesso em: 2 jan. 2018.

BRITISH MUSEUM. Figurine. **Collection On Line**, 2017b. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=416361&partId=1&searchText=figurine&images=true&page=10>. Acesso em: 31 dez. 2017.

BRITISH MUSEUM. Rattle / Figurine. **British Museum**, 2017c. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=669263&partId=1&searchText=Am1844%2c0720.830&page=1>. Acesso em: 1 jan. 2018.

BROWN, F. **The New Brown-Driver-Briggs-Gesenius Hebrew and English Lexicon**. Peabody: Hendrickson Publishers, 1979.

BROWN, R. **Group Processes: Dynamics Within and Between Groups**. Oxford: Blackwell, 1988.

BROWN, R. **Prejudice: Its Social Psychology**. Malden: Blackwell Publishing, 1995.

BROWN, S.S. **Late Carthaginian Child Sacrifice and Sacrificial Monuments in Their Mediterranean Context**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1991. (JSOT/ASOR Monograph Series, n. 3)

BRUCE, J.E. Travel: Cyprus. **Pinterest**, 2017. Disponível em: <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/19/90/2e/19902e639449f7dc912e35c7265aa4f8.jpg>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

BRUG, J.F. **A Literary and Archaeological Study of the Philistines**. Oxford: British Archaeological Reports, 1985. (BAR International Series, v. 265)

BRUINS, H.J. *et al.* Iron-Age 14C Dates from Tel Dan: A High Chronology. In: LEVY; E.T.; HIGHAM, T. (Eds.). **The Bible and Radiocarbon Dating**. London: Equinox, 2005. Cap. 19, p. 323-336.

BURNETT, J.S. Ammon, Moab and Edom: Gods & Kingdoms East of the Jordan. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 42 (6), p. 26-40, 66-67, Nov./Dec. 2016.

BURNS, J.B. Female Pillar Figurines of the Iron Age: A Study in Text and Artifact. **Andrews University Seminary Studies**. Berrien Springs, v. 36 (1), p. 23-49, 1998.

BUSINK, T. Les Origines du Temple de Salomon. **Jaarbericht Ex Orient**. Leiden, v. 17, p. 165-192, 1963.

BUSINK, T.A. **Der Tempel von Jerusalem, von Salomon bis Herodes: Eine archaologisch-historische Studie unter Beruecksichtigung des westsemitischen Tempelbaus**. Leiden: E. J. Brill, 1970.

BYRNE, R. Lie Back and Think of Judah. **Near Eastern Archaeology**. Boston, v. 67 (3), p. 137-151, 2004.

CALLOT, O. **Salamine de Chypre XVI. Les monnaies. Fouilles de la ville 1964-1974**. Paris: De Boccard Édition-Diffusion, 2004.

CANADIAN MUSEUM OF HISTORY. Israel Exhibitions. **Canadian Museum of History**, 2003. Disponível em: <<http://www.historymuseum.ca/cmc/exhibitions/civil/israel/isrel241e.shtml>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

CANBY, J.V. Guzanna (Tell Halaf). WEISS, H. (Ed.). **Ebla to Damascus: Art and Archaeology of Ancient Syria**. Washington: Smithsonian Institute, 1985, p. 332-338.

CAPOZZA, D.; BROWN, R.J. (Eds.). **Social Identity Processes: Trends in Theory and Research**. Beverly Hills: Sage, 2000.

CASTEL, C. The First Temples in antis: The Sanctuary of Tell Al-Rawda in the Context of 3rd Millennium Syria. In: BECKER, J.; HEMPELMANN, R.; REHM, E. (Eds.). **Kulturlandschaft Syrien. Zentrum und Peripherie. Festschrift für Jan-Waalke Meyer**. Münster: Ugarit Verlag, 2010. (Alter Orient und Altes Testament, v. 371).

CHADWICK, J. **The Mycenaen World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CHADWICK, R.; DAVIAU, P.M.M.; STEINER, M. Four Seasons of Excavations at Khirbat al-Mudayna on the Wadi ath-Thamad, 1996–1999. **Annual of the Department of Antiquities of Jordan**. Amman, v. 44, p. 257-270, 2000.

CHANDLER, D. **Semiotics: The Basics**. London: Routledge, 2002.

CHAPMAN, R.; WYLIE, A. **Evidential Reasoning in Archaeology**. London e New York: Bloomsbury Academic, 2016.

CHIEPIEZ, C.; PERROT, G. **Le Temple de Jérusalem et la Maison du Bois-Liban: restitués d'après Ezéchiel et le Livre des Rois**. Paris: Librairie Hachette, 1889.

CHIROT, D.; SELIGMAN, M.E.P. (Eds.). **Ethnopolitical Warfare: Causes, Consequences, and Possible Solutions**. Washington: American Psychological Association, 2001.

CHURCHER, B. File:Pella Migdol Temple 2001.jpg. **Wikimedia Commons**, 2001. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pella_Migdol_Temple_2001.jpg>. Acesso em: 24 jul. 2017.

CHYUTIN, M. **Architecture and Utopia in the Temple Era**. Tradução de Richard Flantz. New York: T. & T. Clark, 2006.

CLARKE, D. Archaeology: The Loss of Innocence. **Antiquity**. Cambridge, v. 47, p. 6-18, 1973.

CLARKE, S. **The Foundations of Structuralism: A Critique of Lévi Strauss and the Structuralist Movement**. Sussex: The Harvester Press, 1981.

CLERMONT-GANNEAU, C. **Archaeological Researches in Palestine During the Years 1873-1874**. London: Palestine Exploration Fund, 1896.

CLIFFORD, R. **The Cosmic Mountain in Canaan and the Old Testament**. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

CLINE, E.H. **1177 B.C. The Year Civilizations Collapsed**. Princeton: Princeton University Press, 2014.

COHEN, A. **Custom and Politics in Urban Africa: A Study of Hausa Migrants in Yoruba Towns**. London: Routledge, 1969.

COHEN, A. Ethnicity and Politics. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 83-84.

CONDER, C.R.; KITCHENER, H.H. **The Survey of Western Palestine: Memoirs of the Topography, Orography, Hydrography, and Archaeology**. Vol. 1. London: Palestine Exploration Fund, 1881.

CONNOR, W. **Ethnonationalism: The Quest For Understanding**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

CONNOR, W. Beyond Reason: The Nature of the Ethnonational Bond. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 69-74.

COOGAN, M.D. Canaanite Origins and Lineage: Reflections on the Religion of Ancient Israel. In: HANSON, P.D.; MCBRIDE JR., S.D.; MILLER, P.D. (Eds.). **Ancient Israelite Religion: Essays in Honor of Frank Moore Cross**. Philadelphia: Fortress, 1987a. p. 115-124.

COOGAN, M.D. Of Cults and Cultures: Reflections on the Interpretation of Archaeological Evidence. **Palestine Exploration Quarterly**. London, v. 119, p. 1-8, 1987b.

COOGAN, M.D.; SMITH, M.S. **Stories from Ancient Canaan**. Louisville: Westminster John Know Press, 2012.

COOK, E.M. Weights and Measures. In: BROMILEY, G.W. (Ed.). **The International Standard Bible Encyclopedia**. Vol. 4. Grand Rapids: Wiliam B. Eerdmans, 1988, p. 1046-1055.

COOTE, R.B. **Early Israel: A New Horizon**. Minneapolis: Fortress Press, 1990.

COURBIN, P. **What Is Archaeology?** An Essay on the Nature of Archaeological Research. Tradução de Paul Bahn. Chicago: The University of Chicago, 1988.

COURTOIS, J.C. "L'Activité Métallurgique et Les Bronzes d'Enkomi au Bronze Récent (1650-1100 avant J.C.). In: MUHLY, J.D.; MADDIN, R.; KARAGEORGHIS, V. (Eds.). **Early Metallurgy in Cyprus, 4000-500 B.C.** Nicosia: Pierides Foundation, 1982, p. 155-174.

COWIE, P.J. Scarabs. In: MAZAR, E. (Ed.). **The Phoenician Family Tomb N.1 at the Northern Cemetery of Achziv (10th-6th Centuries BCE)**: Sam Turner Expedition Final Report of the Excavations. Barcelona: Bellaterra, 2004. p. 177-225. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, v. 10)

CROSS, F.M. The Tabernacle: A Study from an Archaeological and Historical Approach. **Biblical Archaeologist**. Atlanta, v. 10, p. 45-68, 1947.

CROSS, F.M. **Canaanite Myth and Hebrew Epic**: Essays in the History of the Religion of Israel. Cambridge: Harvard University Press, 1973.

CROSS, F.M. Two Offering Dishes with Phoenician Inscriptions from the Sanctuary of Arad. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 235, p. 75-78, 1979.

CROSS, F.M. Newly Found Inscriptions in Old Canaanite and Early Phoenician Scripts. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 238, p. 1-20, 1980.

CROSS, F.M. The Priestly Tabernacle in the Light of Recent Research. In: MADSEN, T.G. (Ed.). **The Temple in Antiquity**: Ancient Records and Modern Perspectives. Provo: Brigham Young University, 1984. p. 91-105.

CULLEY, R.C. **Studies in the Structure of Hebrew Narrative**. Philadelphia: Fortress Press, 1976.

DADEROT. File:Column base, Amuq Valley, Tell Tayinat, Amuq O, Iron Age II, 900-750 BC, basalt- Oriental Institute Museum, University of Chicago - DSC07660.JPG. **Wikimedia Commons**, 22 ago. 2014. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Column_base,_Amuq_Valley,_Tell_Tayinat,_Amuq_O,_Iron_Age_II,_900-750_BC,_basalt-_Oriental_Institute_Museum,_University_of_Chicago_-_DSC07660.JPG>. Acesso em: 6 dez. 2017.

DARBY, E. **Interpreting Judean Pillar Figurines**: Gender and Empire in Judean Apotropaic Ritual. [S.l.]: Mohr Siebeck, 2014. (Forschungen Zum Alten Testament 2. Reihe 69).

DAVEY, C.J. Temples of the Levant and the Buildings of Solomon. **Tyndale Bulletin**. London, v. 31, p. 107-146, 1980.

DAVIAU, P.M.M. Moab's Northern Border: Khirbet al-Mudayna on the Wadi ath-Thamad. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 60, p. 222-228, 1997.

DAVIAU, P.M.M. Hirbet el-Mudeyine in its Landscape. Iron Age Towns, Forts, and Shrines. **Zeitschrift des Deutschen Palastina-Vereins**. Leipzig, v. 122, p. 14-30, 2006.

DAVIAU, P.M.M. Diversity in the Cultic Setting. In: KAMLAH, J. (Ed.). **Temple Building and Temple Cult**: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.). Wiesbaden: Harrassowitz, 2012. p. 435-458.

DAVIAU, P.M.M. *et al.* Excavations and Survey at Khirbat al-Mudayna and Its Surroundings. Preliminary Report of the 2001, 2004 and 2005 Seasons. **Annual of the Department of Antiquities of Jordan**. Amman, v. 50, p. 249-283, 2006.

DAVIAU, P.M.M. *et al.* Preliminary Report of Excavations and Survey at Khirbat al-Mudayna ath-Thamad and in its Surroundings (2004, 2006 and 2007). **Annual of the Department of Antiquities of Jordan**. Amman, v. 52, p. 343-374, 2008.

DAVIAU, P.M.M.; DION, P.-E. Moab Comes to Life. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 28 (1), p. 38-49, 63, Jan./Feb. 2002.

- DAVIAU, P.M.M.; DION, P.-E. Economy-Related Finds from Khirbat al-Mudayna (Wadi ath-Thamad, Jordan). **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 328, p. 31-48, 2003.
- DAVIAU, P.M.M.; STEINER, M. A Moabite Sanctuary at Khirbat al-Mudayna. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 320, p. 1-21, 2000.
- DAVIES, G.H. Tabernacle. In: BUTTRICK, G.A. (Ed.). **The Interpreter's Dictionary of the Bible**. Vol. 4. New York: Abingdon Press, 1962. p. 498-506.
- DAVIES, P.R. **In Search of "Ancient Israel"**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1992. (Journal for the Study of the Old Testament, Suppl. Series; 148)
- DAVIES, P.R. **Whose Bible Is It Anyway?** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995. (Journal for the Study of the Old Testament, Suppl. Series; 204).
- DAVIES, P.R. Whose History? Whose Israel? Whose Bible? Biblical Histories, Ancient and Modern. In: GRABBE, L.L. (Ed.). **Can a "History of Israel" Be Written?** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. p. 10-122. (Journal for the Study of the Old Testament, Suppl. Series; 245)
- DAVIS, A.R. **Tel Dan in its Northern Cultic Context**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013.
- DAWSON, C. **Religion and Culture**. Washington: The Catholic University of America Press, 2013.
- DAY, J. Asherah in the Hebrew Bible and North West Semitic Literature. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta/GA, v. 105, p. 385-408, 1986.
- DAY, J. **Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan**. Sheffield: Sheffield Academic, 2000. (Journal for the Study of the Old Testament, Suppl. Series; 265)
- DAYAGI-MENDELS, M. **The Akhziv Cemeteries: The Ben-Dor Excavations, 1941-1944**. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 2002. (IAA Reports ; v. 15)
- DE VAUX, R. Le Pays de Canaan. **Journal of the American Oriental Society**. Ann Arbor/MI, p. 23-30, Jan.-Mar. 1968.
- DE VAUX, R. **Ancient Israel: Its Life and Institutions**. Tradução de John McHugh. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.
- DEARMAN, J.A. The Location of Jahaz. **Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins**. Leipzig, v. 100, p. 122-126, 1984.
- DEARMAN, J.A. **Religion and Culture in Ancient Israel**. Peabody: Hendrickson, 1992.
- DELEUZE, G. **Desert Islands and Other Texts, 1953-1974**. Los Angeles: Semiotext(e), 2004.
- DEUTSCH, R. JPFs: More Questions than Answers. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 40 (5), p. 37-39, Sep./Oct. 2014.
- DEVER, W.G. **Gezer I: Preliminary Report of the 1964-66 Seasons**. Jerusalem: Hebrew Union College, 1970a.

DEVER, W.G. Iron Age Epigraphic Material from the Area of Khirbet El-Kôm. **Hebrew Union College Annual**. Jerusalem, v. 40 (1), p. 139-204, 1970b.

DEVER, W.G. Material Remains of the Cult in Ancient Israel: An Essay in Archaeological Systematics In: MEYERS, C.L.; O'CONNOR, M.P. (Eds.). **The Word of the Lord Shal Go Forth**: Essays in Honor of David Noel Freedman in Celebration of His Sixtieth Birthday. Philadelphia: American Schools of Oriental Research, 1983. p. 571-587.

DEVER, W.G. Asherah, Consort of Yahweh? New Evidence from Kuntillet 'Ajrud. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 255, p. 21-37, 1984.

DEVER, W.G. The Contribution of Archaeology to the Study of Canaanite and Early Israelite Religion. In: MILLER, P.D.; HANSON, P.D.; MCBRIDE, S.D. (Ed.). **Ancient Israelite Religion**: Essays in Honor of Frank Moore Cross. Philadelphia: Fortress Press, 1987. p. 209-247.

DEVER, W.G. **Recent Archaeological Discoveries and Biblical Research**. Seattle and London: University of Washington Press, 1990.

DEVER, W.G. How to Tell a Canaanite from a Israelite. In: SHANKS, H. (Org.) **The Rise of Ancient Israel**: Lectures Presented at a Symposium Sponsored by the Resident Associate Program, Smithsonian Institute. Washington: Biblical Archaeology Society, 1992. p. 26-56.

DEVER, W.G. Cultural Continuity, Ethnicity in the Archaeological Record, and the Question of Israelite Origins. **Eretz Israel**. Jerusalém, v. 24, p. 22-33, 1993.

DEVER, W.G. Abu Hawam, Tell. In: MEYERS, E.M. (Ed.). **The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East**. Vol. 1. New York: Oxford University Press, 1997. p. 9.

DEVER, W.G. Review of Finkelstein and Lederman 1997. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 313, p. 87-88, 1999.

DEVER, W.G. **What Did the Biblical Writers Know and When Did They Know It?** What Archaeology Can Tell Us about the Reality of Ancient Israel. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2002.

DEVER, W.G. **Who Were the Early Israelites and Where Did They Come From?** Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2003.

DEVER, W.G. **Did God Have a Wife? Archaeology and Folk Religion in Ancient Israel**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2005.

DEVER, W.G. Ethnicity and the Archaeological Record: The Case of Early Israel. In: EDWARDS, D.R.; MCCOLLOUGH, T. (Ed.). **The Archaeology of Difference**: Gender, Ethnicity, Class and the "Other" in Antiquity. Studies in Honor of Eric M. Meyers. Boston: American Schools of Oriental Research, 2007. Cap. 5, p. 49-66. (The Annual of the American Schools of Oriental Research; v. 60/61)

DEVER, W.G. **Beyond the Texts**: An Archaeological Portrait of Ancient Israel and Judah. Atlanta: SBL Press, 2017.

DEVER, W.G.; GITIN, S. (Eds.). **Symbiosis, Symbolism, and the Power of the Past: Canaan, Ancient Israel, and Their Neighbors from the Late Bronze Age through Roman Palaestina**. Proceedings of the Centennial Symposium, W.F. Albright Institute of Archaeological Research and American Schools of Oriental Research, Jerusalem, May 29-31, 2000. Winona Lake: Eisenbrauns, 2003.

DIÉS CUSÍ, E. La Influencia de la Arquitectura Fenicia en las Arquitecturas Indígenas de la Península Ibérica. In: RUIZ MATA, D.; PÉREZ, S.C. (Ed.). **Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2001. p. 69-122.

DION, P.E.; DAVIAU, P.M.M. An Inscribed Incense Altar of Iron Age II at Irbet el-Mud'yine (Jordan). **Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins**. Leipzig, v. 116, p. 1-13, 2000.

DORNEMANN, R.H. Halaf, Tell. In: MEYERS, E.M. (Ed.). **The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East**. Vol. 2. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 460-462.

DOTHAN, T.K. **The Philistines and Their Material Culture**. New Haven: Yale University Press, 1982.

DOTHAN, M. **Ashdod II-III. The Second and Third Seasons of Excavations 1963, 1965**. Jerusalem: Department of Antiquities and Museums, 1971. ('Atiqot, English Series; v. 9-10).

DOTHAN, M. Ashdod at the End of the Late Bronze Age and the Beginning of the Iron Age. In: CROSS, F.M. **Symposia Celebrating the Seventy-Fifth Anniversary of the Founding of the American Schools of Oriental Research (1900-1975)**. Cambridge: American Schools of Oriental Research, 1979, p. 125-134.

DOTHAN, M. Ashdod. In: STERN, E. (Ed.). **New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land**. 1994, v. 1, p. 93-102.

DOTHAN, M.; BEN-SHLOMO, D. **Ashdod VI**. The Excavation of Areas H and K (1968-1969). Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 2005.

DOTHAN, M.; FREEDMAN, D.N. **Ashdod I. The First Season of Excavations 1962**. [Jerusalem]: The Israel Exploration Society, 1967. ('Atiqot, English Series; v. 7)

DOTHAN, M.; PORATH, Y. **Ashdod IV**. Excavations of Area M: The Fortifications of the Lower City. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1982. ('Atiqot; v. 15)

DOTHAN, M.; PORATH, Y. **Ashdod V**. Excavation of Area G: The Fourth-Sixth Seasons of Excavations 1968-1970. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993. ('Atiqot; v. 23)

DOTHAN, T. **The Philistines and Their Material Culture**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1982.

DOTHAN, T. Ekron of the Philistines, Part I: Where They Came From, How They Settled Down and the Place They Worshiped In. **Biblical Archaeology Review**. Washington, v. 16 (1), p. 26-36, 1990.

DOTHAN, T. Bronze and Iron Objects with Cultic Connotations from Philistine Temple Building 350 at Ekron. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 52 (1), p. 1-24, 2002.

DOTHAN, T. Female Figurines from the Deir el-Balah Settlement and Cemetery. In: MAEIR, A.M.; MIROSCHEDJI, P.D. (Eds.). **"I Will Speak the Riddle of Ancient Times"**: Archaeological and Historical Studies in Honor of Amihai Mazar on the Occasion of His Sixtieth Birthday. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006. p. 149-160.

DOTHAN, T.; BEN-SHLOMO, D. Ceramic pomegranates and their relationship to Iron Age cult. In: CRAWFORD, S.W.; BEN-TOR, A. (Eds.). **Up to the Gates of Ekron'**: Essays on the Archaeology and History of the Eastern Mediterranean in Honor of Seymour Gitin. [Jerusalem]: W.F. Albright Institute of Archaeological Research, 2007. p. 3-16.

DOTHAN, T.; BEN-SHLOMO, D. Mycenaean IIC:1 Pottery in Philistia: Four Decades of Research. In: KILLEBREW, A.E.; LEHMANN, G. (Eds.). **The Philistines and Other "Sea Peoples" in Text and Archaeology**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 29-36.

DOTHAN, T.; DOTHAN, M. **People of the Sea: The Search for the Philistines**. New York: Macmillan, 1992.

DOTHAN, T.; GARFINKEL; GITIN. **Tel Migne-Ekron Field IV Lower: The Elite Zone, The Iron Age I and IIC, The Early and Late Philistine Cities**. Studies in the Archaeology and History of the Levant. Cambridge: Harvard Semitic Museum, 2016.

DOTHAN, T.; GITIN. Ekron of the Philistines: How they Lived, Worked and Worshipped for Five Hundred Years. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 16 (1), p. 20-25, jan. 1990.

DOTHAN, T.; GITIN. **Tel Migne-Ekron: Summary of Fourteen Seasons of Excavation 1981-1996 and Bibliography 1982-2012**. Jerusalem: W. F. Albright Institute of Archaeological Research and Hebrew University, 2012.

DOTHAN, T.; GITIN. Migne, Tel (Ekron). In: STERN, E. (Ed.). **New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993, v. 3, p. 1051-1059.

DOTHAN, T.; GITIN. Philistines. In: MEYERS, E. (Ed.). **The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East**. New York: Oxford University Press, 1997, v. 4, p. 310-313.

DOTHAN, T.; GITIN. Migne, Tel (Ekron). In: STERN, E. (Ed.). **New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2008, v. 5, p. 1952-1058.

DOTHAN, T.; ZUKERMAN. A Preliminary Study of the Mycenaena IIC:1 Pottery Assemblages from Tel Migne-Ekron and Ashdod. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Boston, v. 333, 2004, p. 1-54.

DOUGLAS, M. **Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo**. London: Routledge and Kegan Paul, 1966.

DOUGLAS, M. **Implicit Meanings: Selected Essays in Anthropology**. New York: Routledge, 1999.

DOUMET-SERHAL, C. Sidon - Canaan's Firstborn. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 43 (4), p. 20-29, 58-59, Jul./Aug. 2017.

DOVIDIO, J.F. *et al.* Stereotyping, Prejudice, and Discrimination: Another Look. In: MACRAE, C.N.; STANGOR, C.; HEWSTONE, M. (Eds.). **Stereotypes and Stereotyping**. New York: Guilford, 1996.

DOVIDIO, J.F.; GAERTNER, S.L. Intergroup Bias. In: FISKE, S.T.; GILBERT, D.T.; LINDZEY, G. **Handbook of Social Psychology**. 5th ed. Hoboken: Wiley, 2010. p. 1084-1121.

DREWS, R. **The End of the Bronze Age**: Changes in Warfare and the Catastrophe ca. 1200 B.C. Princeton: Princeton University Press, 1993.

DUBOVSKÝ, P. **The Building of the First Temple**: A Study in Redactional, Text-Critical and Historical Perspective. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015. (Forschungen zum Alten Testament; v. 103)

DUCKITT, J.; MPHUTHING, T. Group Identification and Intergroup Attitudes: A Longitudinal Analysis in South Africa. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington/DC, v. 74, p. 80–85, 1998.

DUNAND, M. **Fouilles de Byblos, 1926-1932**. Tome 1^{er}. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner; Ouvrage publié avec le concours de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres: Fondation de Clerq, 1939.

DUNAYEVSKY, I.; KEMPINSKI, A.; DUNAYEVSKY, I. The Megiddo Temples. **Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins (1953-)**. Leipzig, v. 89, p. 161-187, 1973.

DUPONT-SOMMER, A. Une Inscription Phénicienne Archaïque Récemment Trouvée à Kition (Chypre). **Mémoires de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres**. Paris, v. 44, p. 273-294, 1972.

DURFEE, K. Israel's Ancient Edge: The Shephelah and Negev. **Kyle Durfee**, 2015. Disponível em: <http://i0.wp.com/kyledurfee.com/wp-content/uploads/2015/07/20150119_121613.jpg>. Acesso em: 8 fev. 2017.

DURKHEIM, É. **Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1912.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Neves, P. (Trad.). São Paulo: Martins Fontes Editora, 2009.

EADE, J. Ethnicity and the Politics of Difference: An Agenda for the 1990s? In: RANGER, T.; SAMAD, Y.; STUART, O. (Eds.). **Culture, Identity and Politics**: Ethnic Minorities in Britain. Aldershot: Avebury, 1996.

EAGLY, A.H.; MLADINIC, A.; OTTO, S. Cognitive and Affective Bases of attitudes Toward Social Groups and Social Policies. **Journal of Experimental Social Psychology**. New York, v. 30, p. 113-37, 1994.

ECO, U. **Semiotics and the Philosophy of Language**. Bloomington: Indiana University Press, 1986.

ECO, U. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

EDGERTON, W.F.; WILSON, J.A. **Historical Records of Ramses III: The Texts in Medinet Habu**. Chicago: Oriental Institute; University of Chicago Press, 1936. (Studies in Ancient Oriental Civilization; v. 12)

EDWARDS, I.E.S. A Relief of Qudshu-Astarte-Anath in the Winchester College Collection. **Journal of Near Eastern Studies**. Chicago, v. 14 (1), p. 49-51, 1955.

ELEPH. 3000 Slides Project: Codename "Shalosh Eleph". **Tel Dan, Bronze and Silver Scepter**, 2017. Disponível em: <<https://www.lrc.lsa.umich.edu/eliav/shalosh-eleph/items/show/3881>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

ELIADE, M. **The Sacred and the Profane: The Nature of Religion**. Tradução de Willard R. Trask. New York: Harcourt Brace and Company, 1959.

ELIADE, M. **The Myth of the Eternal Return**. Tradução de W. R. Trask. Princeton: Princeton University Press, 1974.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELITZUR, Y.; NIR-ZEVI, D. A Rock-hewn Altar Near Shiloh. **Palestine Exploration Quarterly**. Jerusalem, v. 135, p. 30-36, Jan.-Jun. 2003.

ELITZUR, Y.; NIR-ZEVI, D. Four-Horned Altar Discovered in Judean Hills. **Biblical Archaeology Reviews**. Washington/DC, v. 30 (3), p. 35-39, May/June 2004.

ELLER, J.D. **From Culture to Ethnicity to Conflict**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.

ELLER, J.; COUGHLAN, R. The Poverty of Primordialism. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 45-50.

EMANUEL, J.P. Early Philistine Religion in Text and Archaeology. **ASOR The Ancient Near Eastern Today**, jan. 2017. Disponível em: <<http://asorblog.org/early-philistine-religion-in-text-and-archaeology/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

ENGLE, J.R. **Pillar Figurines of Iron Age Israel and Asherah-Asherim**. Ph.D. Dissertation. 1979. University of Pittsburgh. Pittsburgh.

EÖTVÖS LORÁND. Ain Dara. **Eötvös Loránd University: Index**, 21 jun. 2006. Disponível em: <<http://gepeskonyv.btk.elte.hu/adatok/Okor-kelet/Okori.es.keleti.muveszet/f/Image/Muveszet-Mesopotamia/Hattusa/Ain-Dara-5.jpg>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

EPSTEIN, C. An Interpretation of the Megiddo Sacred Area During the Middle Bronze II. **Israel Exploration Journal**. Jerusalém, v.15, p. 204-221, 1965.

EPIGRAPHIC SURVEY. **The Bubastite Portal: Reliefs and Inscriptions at Karnak - Volume III**. Chicago: The University of Chicago Press, 1954.

ERIKSEN, T.H. **Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives**. London: Pluto, 1993.

ESSE, D.L. The Collared Pithos at Megiddo: Ceramic Distribution and Ethnicity. **Journal of Near Eastern Studies**. Chicago, v. 51, p. 81-103, 1992.

ESSES, V.M.; HADDOCK, G.; ZANNA, M.P. Values, Stereotypes, and emotions as Determinants of Intergroup Attitudes. In: MACKIE, D.; HAMILTON, D. (Eds.). **Affect, Cognition, and Stereotyping**. San Diego: Academic, p. 137-66, 1993.

EVANS, A. **The Mycenaean Tree and Pillar Cult and its Mediterranean Relations**. London: MacMillan, 1901.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Theories of Primitive Religion**. Oxford: Clarendon Press, 1965.

EVIAN, S.B.-D. Ramesses III and the 'Sea-peoples': Towards a New Philistine Paradigm. **Oxford Journal of Archaeology**. Oxford, v. 36 (3), p. 267-285, Aug. 2017.

FABBRO DA SILVA, J. **The Implications of the Arad Temple for the Question of Dating P**. Master's Thesis. 1992. Andrews University. Berrien Springs.

FAUST, A. **Israel's Ethnogenesis, Settlement, Interaction, Expansion and Resistance**. New York: Routledge, 2006.

FAUST, A. The Archaeology of the Israelite Cult: Questioning the Consensus. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 360, p. 23-35, 2010.

FAUST, A. The Emergence of Iron Age Israel: on Origins and Habitus. In: LEVY, T. E.; SCHNEIDER, T.; PROPP, W.H.C. (Eds.). **Israel's Exodus in Transdisciplinary Perspective: Text, Archaeology, Culture, and Geoscience**. Cham: Springer, 2015. p. 467-482.

FAUST, A.; LEV-TOV, J. The Constitution of Philistine Identity: Ethnic Dynamics in Twelfth to Tenth Century Philistia. **Oxford Journal of Archaeology**. Oxford, v. 30 (1), p. 13-31, 2011.

FAUST, A.; LEV-TOV, J. Philistia and the Philistines in the Iron Age I: Interaction, Ethnic Dynamics and Boundary Maintenance. **HIPHIL Novum**. v. 1 (1), p. 1-24, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Jorge%20Fabbro/Downloads/54-75-1-PB.pdf>. Acesso em 15 fev. 2017.

FEARON, J.; LAITIN, D. **Ordinary Language and External Validity: Specifying Concepts in the Study of Ethnicity**. In: 2000 Annual Meetings of the American Political Science Association; Washington, D.C., Sep. 2000. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/group/fearon-research/cgi-bin/wordpress/wp-content/uploads/2013/10/Ordinary-Language-and-External-Validity-Specifying-Concepts-in-the-Study-of-Ethnicity.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

FELDMAN, A. WATCH: Archaeologists Hunt for Ark of the Covenant in Israel. **Forward**, 17 jul. 2017. Disponível em: <<http://forward.com/fast-forward/377171/watch-archaeologists-hunt-for-ark-of-the-covenant-in-israel/?attribution=blog-article-listing-1-headline>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

FERJAOUI, A. **Recherches sur les relations entre l'Orient phénicien et Carthage**. Fribourg: Editions Universitaires, 1993. (Orbis Biblicus et Orientalis; v. 124)

FINKELSTEIN, I. Shiloh Yields Some, But Not All, of Its Secrets: Location of Tabernacle Still Uncertain. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 12 (1), p. 22-41, Jan./Feb. 1986.

FINKELSTEIN, I. Search for Israelite Origins. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 14 (5), p. 34-45, 1988a.

FINKELSTEIN, I. **The Archaeology of the Israelite Settlement**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1988b.

FINKELSTEIN, I. The Emergence of Israel in Canaan: Consensus, Mainstream and Dispute. **Scandinavian Journal of the Old Testament**. Copenhagen, v. 2, p. 47-59, 1991.

FINKELSTEIN, I. Ethnicity and Origin of the Iron I Settlers in the High Lands of Canaan. Can the Real Israel Stand Up? **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 59 (4), p. 198-212, Dec. 1996.

FINKELSTEIN, I. Digging for the Truth: Archaeology and the Bible. In: SMITH, B.B. (Ed.). **The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007a. p. 10-14.

FINKELSTEIN, I. When and How Did the Israelites Emerge? In: SMITH, B.B. (Ed.). **The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007b. p. 73-83.

FINKELSTEIN, I. **The Forgotten Kingdom: The Archaeology and History of Northern Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. (Ancient Near East Monographs; v. 5)

FINKELSTEIN, I. *et al.* (Eds.). **Shiloh: The Archaeology of a Biblical Site**. Tel Aviv: Institute of Archaeology of Tel Aviv University, 1993. (Monograph Series of the Institute of Archaeology; v. 10)

FINKELSTEIN, I.; GADOT, Y. Mozah, Nephtoah and royal estates in the Jerusalem highlands. **Semitica et Classica**. Turnhout, v. 8, p. 227-234, 2015.

FINKELSTEIN, I.; LEDERMAN, Z. (Eds.). **Highlands of Many Cultures: The Southern Samaria Survey**. Vol. 1, The Sites. Tel Aviv: Tel Aviv University, 1997.

FINKELSTEIN, I.; LIPSCHITS, O. Omride architecture in Moab: Jahaz and Ataroth. **Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins**. Leipzig, v. 126, p. 29-42, 2010.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N.A. **The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts**. New York: Simon and Schuster, 2002.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N.A. **David and Solomon: In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition**. New York: Free Press, 2006.

FINKELSTEIN, I.; SINGER-AVITZ, L. Ashdod Revisited. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 28, p. 231-259, 2001.

FINKELSTEIN, I.; USSISHKIN, D. Back to Megiddo. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 20 (1), p. 28-43, Jan-Feb 1994.

FINKELSTEIN, I. The Emergence of Early Israel: Anthropology, Environment, and Archaeology. **Journal of the American Oriental Society**. Ann Arbor/MI, v. 110, p. 677-686, 1990.

- FINLEY. Road 1 Motza Bridge Design-Build, Jerusalem, Israel. **Finley Engineering Group**, 2017. Disponível em: <<https://finleyengineeringgroup.com/projects/road-1-motza-bridge-design-build-jerusalem-israel/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- FIORIN, J.L. Teoria dos Signos. In: FIORIN, J.L. (Org.). **Introdução à Linguística**. I: Objetos Teóricos. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 55-74.
- FISHER, C.S. Beth-Shean Excavations of the University Museum Expedition 1921-1923. **Museum Journal**. Pennsylvania, v. 14, p. 229-231, 1923.
- FISHER, C.S. **The Excavation of Armageddon**. Oriental Institute of the University of Chicago, Communications, No. 4. Chicago: University of Chicago Press, 1929.
- FISHMAN, J. Ethnicity as Being, Doing and Knowing. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 63-68.
- FITZGERALD, G.M. **The Four Canaanite Temples of Beth-shan**. Part II: The Pottery. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum, 1930.
- FLANNERY, K.V. The Golden Marshalltown: A Parable for the Archaeology of the 1980s. **American Anthropologist**. Arlington/VA, v. 84 (2), p. 265-278, 1982.
- FLINDERS PETRIE, W.M. **Six Temples at Thebes**. London: Bernard Quaritch, 1897.
- FRAZER, J.G. **The Golden Bough: A Study in Magic and Religion**. New York: MacMillan, 1951.
- FRIDMAN, J. Riddle of the Ages Solved: Where Did the Philistines Come From? **Haaretz**. Tel Aviv, Sep 21, 2015. Disponível em: <<https://www.haaretz.com/archaeology/philistine-homeland-found-and-surprise-1.5401085>>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- FRIEDMAN, R.E. The Recession of Biblical Source Criticism. In: FRIEDMAN, R.E.; WILLIAMSON, H.G.M. (Eds.). **The Future of Biblical Studies: The Hebrew Bible**. Atlanta: Scholars, 1987.
- FRIEDMAN, R.E. The Tabernacle in the Temple. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 43/4, p. 241-248, 1980.
- FRIEDMAN, R.E. **Who Wrote de Bible?** New York: Harper & Row, 1989.
- FRITZ, V. Temple Architecture: What Can Archaeology Tell Us About Solomon's Temple? **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 13, p. 38-49, 1987.
- FRITZ, V. **The City in Ancient Israel**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.
- FRYMER-KENSKY, T. **In the Wake of the Goddesses**. New York: Free Press, 1992.
- GAERTNER, L. *et al.* The "I", the "we", and the "when". **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington, v. 83 (3), p. 574-591, 2002.
- GAL, Z. The Period of Israelite Settlement in the Lower Galilee and the Jezreel Valley. **Maarav**. Los Angeles, v. 7, p. 101-115, 1991.
- GAL, Z. **Lower Galilee During the Iron Age**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1992.
- GARDINER, A.H. **Egypt of the Pharaohs**. Oxford: Oxford University Press, 1961.

GARFINKEL, Y. The Ethnic Identification of Khirbet Qeiyafa: Why it Matters. In: LEV-TOV, J.; HESSE, P.; GILBERT, A. (Eds.). **The Wide Lens in Archaeology: Honoring Brian Hesse's Contributions to Anthropological Archaeology**. Atlanta: Lockwood Press, 2017. p. 149-168.

GARFINKEL, Y.; GANOR, S. **Khirbet Qeiyafa Vol 1: Excavation Report 2007-2008**. Jerusalém: Israel Exploration Society, 2009.

GARFINKEL, Y.; GANOR, S.; HASEL, M.G. The Contribution of Khirbet Qeiyafa to Our Understanding of the Iron Age Period. **Strata. Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society**. London, v. 28, p. 39-54, 2010.

GARFINKEL, Y.; GANOR, S.; HASEL, M.G. **Khirbet Qeiyafa Vol. 2: Excavation Report 2009-2013: Stratigraphy and Architecture (Areas B, C, D, E)**. Jerusalem: Institute of Archaeology, Southern Adventist University; Israel Exploration Society; Institute of Archaeology, The Hebrew University of Jerusalem, 2014.

GARFINKEL, Y.; MUMCUOGLU, M. **Solomon's Temple and Palace**. Jerusalem: Bible Lands Museum Jerusalem, 2016.

GEERTZ, C. **The Interpretations of Cultures: Selected Essays**. New York: Basic Books, 1973.

GEERTZ, C. Primordial Ties. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 40-44.

GELB, I.J. **Hittite Hieroglyphic Monuments**. Chicago: The University of Chicago Press, 1939. (Oriental Institute Publications; v. 45)

GENEALOGIST. File:Tell Halaf Raubvogel Seitenansicht.jpg. **Wikimedia Commons**, 22 jul. 2011a. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tell_Halaf_Raubvogel_Seitenansicht.jpg>. Acesso em: 3 mar. 2017.

GENEALOGIST. File:Tell Halaf Skorpionvogelmann.jpg. **Wikimedia Commons**, 19 jul. 2011b. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tell_Halaf_Skorpionvogelmann.jpg>. Acesso em: 3 mar. 2017.

GERATY, L.T. The Jerusalem Temple in Its Ancient Near Eastern Context. In: WALLENKAMPT, A.V.; LESHER, W.R. (Eds.). **The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Theological and Historical Studies**. Silver Springs: Biblical Research Institute, 1989. p. 37-62.

GHEORGHIU, D. The cult of ancestors in East European Chalcolithic: a holographic approach. In: BIEHL, P.; BERTHEMES, F. (Eds.). **The Archaeology of Cult**. Budapest: Archaeolingua, 2001.

GITIN, S.; AHITUV, S. Two New Cultic Inscriptions from Seventh-Century B.C.E. Ekron. In: YONA, S. *et al.* (Eds.). **Marbeh Hokmah: Studies in the Bible and the Ancient Near East in Loving Memory of Victor Avigdor Hurowitz**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2015.

GITIN, S.; DOTHAN, T. The Rise and Fall of Ekron of the Philistines. **The Biblical Archaeologist**. Boston, v. 50, p. 197-222, 1987.

GIBSON, S. A Note on an Iron Age Four-Horned Altar from Tel Dothan. **Palestine Exploration Quarterly**. Jerusalem, v. 145, p. 306-319, 2013.

GILBOA, A.; COHEN-WEINBERGER, A.; GOREN, Y. Philistine Bichrome Pottery: The View from the Northern Canaanite Coast. In: MAEIR, A.M.; MIROSCHEDEJI, P.D. (Eds.). **"I Will Speak The Riddles of Ancient Times"** Archaeological and Historical Studies in Honor of Amihai Mazar on the Occasion of His Sixtieth Birthday. Vol. 1. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006. p. 303-334.

GILBERT, A. **Syro-Hittite Monumental Art and the Archaeology of Performance**: The Stone Reliefs at Carchemish and Zincirli in the Earlier First Millennium BCE. Berlim: De Gruyter, 2011.

GIL-WHITE, F.J. How Thick is Blood? The Plot Thickens... If Ethnic Actors are Primordialists, What Remains of the Circumstantialist/Primordialist Controversy? **Ethnic and Racial Studies**. London, v. 22 (5), p. 789-820, 1999.

GIL-WHITE, F.J. Are Ethnic Groups Biological 'Species' to the Human Brain? **Current Anthropology**. Chicago, v. 42 (4), p. 515-554, 2001.

GITIN, S. Incense Altars from Ekron, Israel, and Judah: Context and Typology. In: BEN-TOR, A.; GREENFIELD, J.C.; MALAMAT, A. (Eds.). **Eretz-Israel**: Archaeological, Historical and Geographical Studies. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1989. p. 52-67. (Yigael Yadin Memorial Volume; v. 20).

GITIN, S. Excavating Ekron: Major Philistine City Survived by Absorbing Other Cultures. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 31 (6), p. 40-56, 66-67, Nov./Dec. 2005.

GITIN, S. Temple Complex 650 at Ekron. In: KAMLAH, J. (Ed.). **Temple Building and Temple Cult**: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.). Wiesbaden: Harrassowitz, 2012. p. 223-256.

GITIN, S. Ekron of the Philistines: A Response to Issues Raised in the Literature. In: GREENSPAHN, F.E.; RENDSBURG, G.A. (Eds.). **Le-ma'an Ziony**: Essays in Honor of Ziony Zevit. Eugene: Cascade Books, 2017. Cap. 4, p. 60-76.

GITIN, S.; BEN-SHLOMO, D. Photo Essay: Philistine Ekron (Tel Miqne). **Oxford Biblical Studies Online**, 2017. Disponível em: <<http://global.oup.com/obso/peEkron/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

GITTLEN, B.M. Form and Function in the New Late Bronze Age Temple at Lachish. **Eretz-Israel**. Jerusalém, v. 16, p. 67-69, 1982.

GODS Stitched Up. **Poemas del Rio Wang**, 3 jun. 2011. Disponível em: <<http://riowang.blogspot.com.br/2011/03/gods-stitched-up.html>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

GOMES, W.B. Communicational Aspects in Experimental Phenomenological Studies on Cognition. In: SMITH, A.R.; CATT, I.E.; KLYUKANOV, I.E. (Eds.). **Communicology for the Human Sciences**: Lanigan and the Philosophy of Communication. New York: Peter Lang, 2018. Cap. 5, p. 111-131.

GONNELA, J.; KHAYYATA, W.; KOHLMAYER, K. Die Zitadelle von Aleppo und der Temple des Wettergottes: Neue Forschungen und Entdeckungen. Münster: Rhema, 2005.

GOODY, J. Religion and Ritual: A Definition Problem. **British Journal of Sociology**. London, v. 12, p. 143-164, 1961.

GOTTWALD, N.K. **The Tribes of Yahweh**. Maryknoll: Orbis Books, 1985.

GRABBE, L.L. (Ed.). **Can a 'History of Israel' be Written?** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. (Journal for the Study of the Old Testament: Supplement Series; v. 245)

GRAESSER, C. **Studies in Massebot**. Ph.D. Dissertation. 1969. Harvard University. Cambridge.

GRAF, K.H. **Die geschichtlichen Bücher des Alten Testaments**: Zwei historisch-kritische Untersuchungen. Leipzig: T.O. Weigel, 1866.

GRANGE, J. Place, Body and Situation. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Eds.). **Dwelling, Place and Environment**: Towards a Phenomenology of Person and World. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985. p. 71-84.

GREEN, J. Unearthing a Forgotten Kingdom. **Signs of the Times**, 17 jul. 2010. Disponível em: <<https://www.sott.net/article/212201-Unearthing-a-Forgotten-Kingdom>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

GREENHUT, Z. The Excavations: Stratigraphy and Architecture. In: GREENHUT, Z.; DE GROOT, A. (Eds.). **Salvage Excavations at Tel Moza**: the Bronze and Iron Age Settlements and Later Occupations. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 2009. Cap. 2, p. 9-60. (IAA reports; v. 39)

GREENHUT, Z.; DE GROOT, A. (Eds.). **Salvage Excavations at Tel Moza**: the Bronze and Iron Age Settlements and Later Occupations. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 2009a. (IAA reports; v. 39).

GREENHUT, Z.; DE GROOT, A. Tel Moza in Context. In: GREENHUT, Z.; DE GROOT, A. (Eds.). **Salvage Excavations at Tel Moza**: the Bronze and Iron Age Settlements and Later Occupations. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 2009b. Cap. 12, p. 215-233. (IAA reports; v. 39).

GREER, J. **Dinner at Dan**: Biblical and Archaeological Evidence for Sacred Feasts at Iron Age II Tel Dan and Their Significance. Leiden: E. J. Brill, 2013.

GREER, J. "Cursed Be the Cheat Who Offers a Blamished Animal!" A Broken Tibia from a Sacrificial Deposit at Tel Dan and its Implications for Understanding Israelite Religious Practice. In: LEV-TOV, J.; HESSE, P.; GILBERT, A. **The Wide Lens in Archaeology**: Honoring Brian Hesse's Contributions to Anthropological Archaeology. Atlanta: Loockwood Press, 2017, p. 193-202.

GRIFFIN, D. Israel Trip July-August 1990 Bill Griffin. **Photos of the Ancient Near East, Emphasizing Israel**, 2009. Disponível em: <<http://www.drbill.net/anepict/Israel%20Trip%20July-August%201990%20Bill%20Griffin/Regional/Israel/Jerusalem/Hebrew%20Union%20>

College%20Museum/2430%204%20horned%20altar%20fr%20Dan%2CBiran%20RLG%20ISR%20L_HUC.jpg>. Acesso em: 23 fev. 2017.

GRIGSON, C. Porridge and Pannage. Pig Husbandry in Neolithic England. In: BELL, M.; LIMBREY, S. (Eds.). **Archaeological Aspects of Woodland Ecology**. Oxford: [British archaeological reports], 1982. p. 297-314. (British Archaeological Reports; International Series; v. 146)

GRIGSON, C. Culture, ecology and pigs from the 5th to 3rd Millennium BC around the Fertile Crescent. In: ALBARELLA, U. *et al.* (Eds.). **Pigs and Humans. 10,000 Years of Interaction**. Oxford: Oxford University, 2007. p. 83-108.

GROSBY, S. The Inexpungeable Tie of Primordality. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, D.A. (Eds.). **Ethnicity**. New York: Oxford University Press, 1996.

GROSBY, S. The Verdict of History: The Inexpungeable Tie of Primordality: A Response to Eller and Coughlan. **Ethnic and Racial Studies**. Abingdon-on-Thames, v. 17 (1), p. 164-171, 1994.

GUNKEL, H. **Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit: Eine religionsgeschichtliche Untersuchung über Gen 1 und Ap Joh 12**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1895.

GUY, P.L.O. **New Light from Armageddon**. Chicago: Oriental Institute, 1931. (Oriental Institute Communications; v. 9)

HADLEY, J.M. The Khirbet el-Qom Inscription. **Vetus Testamentum**. Leiden, v. 37 (1), p. 50-62, 1987.

HADLEY, J.M. **The Cult of Asherah in Ancient Israel and Judah: Evidence for a Hebrew Goddess**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. (University of Cambridge Oriental Publications; v. 57)

HAINES, R.C. **Excavations in the Plain of Antioch II: The Structural Remains of the Latter Phases**. Chicago: Oriental Institute; University of Chicago, 1971.

HALE, H.E. Explaining Ethnicity. **Comparative Political Studies**. New York, v. 37 (4), p. 458-485, 2004.

HALPERN, B. The Exodus from Egypt: Myth or Reality? In: SHANKS, H. (Ed.). **The Rise of Ancient Israel**. Washington: Biblical Archaeology Society, 1992. p. 86-113.

HALPERN, B. Centre and Sentry: Megiddo's Role in Transit, Administration and Trade. In: FINKELSTEIN, I.; USSISHKIN, D.; HALPERN, B. (Eds.). **Megiddo III: The 1992-1996 Seasons**. Tel Aviv: Institute of Archaeology; Tel Aviv University, 2000. p. 535-575. (Monograph Series of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University; v. 18)

HALPERN, B. **From Gods to God**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009.

HAMILTON, R. File:Tell Abu Hawam Plan 1932 (cropped).jpg. **Wikimedia Commons**, 1932. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tell_Abu_Hawam_Plan_1932_\(cropped\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tell_Abu_Hawam_Plan_1932_(cropped).jpg)>. Acesso em: 2 maio 2017.

HAMILTON, R. W. Excavations at Tell Abu Hawam. **Quarterly of the Department of Antiquities in Palestine**. Jerusalém, v. 4, p. 1-69, 1934.

HANAY. File:Tell Abu Hawam area in 2011- Marking Area 1.jpg. **Wikimedia Commons**, 23 maio 2011. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tell_Abu_Hawam_area_in_2011-_Marking_Area_1.jpg>. Acesso em: 2 maio 2017.

HANDY, L.K. **Among the Host of Heaven: The Syro-Palestinian Pantheon as Bureaucracy**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994.

HARAN, M. The Priestly Image of the Tabernacle. **Hebrew Union College Annual**. Jerusalem, v. 36, p. 191-226, 1965.

HARAN, M. **Temples and Temple Service in Ancient Israel**. Oxford: The Clarendon Press, 1978.

HARAN, M. Altar-Ed States: Incense Theory Goes Up in Smoke. **Bible Review**. Washington, v. 11 (1), p. 30-37, 48, Feb. 1995.

HARRISON, T.P. **Megiddo 3: Final Report on the Stratum VI Excavations**. Chicago: Oriental Institute Publications, 2004.

HARRISON, T.P. 2007 Seasonal Report. **Tayinat Archaeological Project**, 1 nov. 2007. Disponível em: <http://sites.utoronto.ca/tap/assets/2007report_en.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

HARRISON, T.P. Neo-Hittites in the 'Land of Palistine': Renewed Investigations at Tell Ta'yinat on the Plain of Antioch. **Near Eastern Archaeology**. Boston, v. 72 (4), p. 174-189, 2009a.

HARRISON, T.P. 2008 Seasonal Report. **Tayinat Archaeological Project**, 15 jan. 2009b. Disponível em: <http://sites.utoronto.ca/tap/assets/2008report_en.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2017.

HARRISON, T.P. 2009 Seasonal Report. **Tayinat Archaeological Project**, 1 fev. 2010. Disponível em: <http://sites.utoronto.ca/tap/assets/2009report_en.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2017.

HARRISON, T.P. West Syrian megaron or Neo-Assyrian Langraum? The Shifting Form and Function of the Tell Ta'yinat (Kunulua) Temples. In: KAMLAH, J. (Ed.). **Temple Building and Temple Cult: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.)**. Wiesbaden: Harrassowitz, 2012. p. 3-21.

HARRISON, T.P. Recent Discoveries at Tayinat (Ancient Kunulua/Calno) and Their Biblical Implications. In: MAIER, C.M. (Ed.). **Congress Volume Munich 2013**. Leiden: Brill, 2014. p. 396-425.

HARRISON, T.P.; OSBORNE, J.F. Building XVI and the Neo-Assyrian Sacred Precinct at Tell Tayinat. **Journal of Cuneiform Studies**. Boston, v. 64, p. 125-143, 2012.

HART, J. **Smiling Through the Cultural Catastrophe: Toward the Revival of Higher Education**. New Haven: Yale University Press, 2001.

HARVARD ART MUSEUMS. Smiting Male. **Harvard Art Museums**, 2011. Disponível em: < <https://www.harvardartmuseums.org/search-results?q=1992.256.80>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

HARVARD WORLDMAP. ESRI World Imagery. **WorldMap**, 2018. Disponível em: <<http://worldmap.harvard.edu/maps/new>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

HASEL, M.G. Israel in the Merneptah Stela. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 296, p. 45-61, Nov. 1994.

HASEL, M.G. Recent Developments in Near Eastern Chronology and Radiocarbon Dating. **Origins**. Loma Linda, v. 56, p. 6-31, 2004a.

HASEL, M.G. The Structure of the Final Hymnic-Poetic Unit on the Merneptah Stela. **Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft**. Berlin, v. 116 (1), p. 75-81, Jan. 2004b.

HASEL, M.G. The Battle of Kadesh: Identifying New Kingdom Polities, Places, and Peoples in Canaan and Syria. In: BAR, S.; KAHN, D.; SHIRLEY, J.J. (Eds.). **Egypt, Canaan, and Israel: History, Imperialism, Ideology and Literature**. [S.l.]: [Brill], 2011. p. 65-86.

HATAY ARCHAEOLOGICAL MUSEUM. Hatay Archaeological Museum Inventory Page. **Hatay Archaeological Museum**, 2017. Disponível em: <<http://www.hatayarkeolojimuzesi.gov.tr/HatayMuzeWeb/faces/jsp/layouts/inventoryCollectionDetail.jsp?inventoryid=3822>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

HAWKINS, J.D. Building Inscriptions of Carchemish: The Long Wall of Sculpture and the Great Staircase. **Anatolian Studies**. Ankara, v. 22, p. 87-108, 1972.

HAWKINS, J.D. Carchemish. In: MEYERS, E.M. (Ed.). **Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East**. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 423-424.

HAWKINS, J.D. **Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions**. Vol. 1. Berlin: De Gruyter, 2000.

HAWKINS, J.D. Scripts and Texts. In: MELCHERT, H.C. (Ed.). **The Luwians**. Leiden: Brill, 2003. p. 128-169.

HAYARDENI, T. File:Altar from Tel Be'er-Sheva.JPG. **Wikimedia Commons**, 23 nov. 2012. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Altar_from_Tel_Be'er-Sheva.JPG>. Acesso em: 23 fev. 2017.

HECHTER, M. Ethnicity and Rational Choice Theory. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 90-97.

HEITMANN, R. Area A. **Tell Halaf Ausgrabungsprojekt**, 2007. Disponível em: <<http://www.grabung-halaf.de/report2007a.php?l=eng>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

HERR, L.G. Archaeological Sources for the History of Palestine: The Iron Age II Period: Emerging Nations. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 60 (3), p. 114-151; 154-183, Sep. 1997.

HERRERA, M.D.; BALENSI, J. El Asentamiento de Tell Abu Hawan (Haifa, Israel) en el Contexto del Mediterráneo Oriental Durante el IIº y Iº Milenio (Investigación Reciente). **Treballs d'Arqueologia**. Barcelona, v. 2, p. 189-200, 1992.

HERZOG, Z. A Functional Interpretation of the Broadroom and Longroom House Types. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 7, p. 82-89, 1980.

HERZOG, Z. Israelite Sanctuaries at Arad and Beer-sheva. In: BIRAN, A. (Ed.). **Temples and High Places in Biblical Times**. Jerusalem: The Nelson Glueck School of Biblical Archaeology, 1981. p. 120-122.

HERZOG, Z. The Stratigraphy of Israelite Arad: A Rejoinder. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 267, p. 77-79, 1987.

HERZOG, Z. **Archaeology of the City**: Urban Planning in Ancient Israel and its Social Implications. Tel Aviv: Institute of Archaeology; Tel Aviv University, 1997. (Monograph Series of the Institute of Archaeology; v. 13)

HERZOG, Z. The Date of the Temple at Arad: Reassessment of the Stratigraphy and the Implications for the History of Religion in Judah. In: MAZAR, A. (Ed.). **Studies in the Archaeology of the Iron Age in Israel and Jordan**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001. p. 156-178. (Journal for the Study of the Old Testament, Suppl. Series; v. 331)

HERZOG, Z. The Fortress Mound at Tel Arad: An Interim Report. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 29, p. 1-109, 2002.

HERZOG, Z. Perspectives on Southern Israel's Cult Centralization : Arad and Beer-sheva. In : KRATZ, R.G. ; SPIECKERMANN, H. (Eds.). **One God – One Cult – One Nation**. Berlin : Walter de Gruyter, 2010.

HERZOG, Z. Arad. In: MASTER, D. (Ed.). **The Oxford Encyclopedia of the Bible and Archaeology**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 38-41.

HERZOG, Z. *et al.* The Israelite Fortress at Arad. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 254, p. 1-34, 1984.

HESS, R.S. **Israelite Religions**. Grand Rapids: Baker Academics, 2007.

HESS, R.S.; KLINGBEIL, G. A.; RAY, P.J. (Eds.). **Critical Issues in Early Israelite History**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2008. (Bulletin for Biblical Research Supplements; v. 3)

HESSE, B. Pig Lovers and Pig Haters: Patterns of Palestinian Pork Production. **Journal of Ethnobiology**. Tacoma, v. 10, p. 195-225, 1990.

HESSE, B.; WAPNISH, P. Can Pig Bones Be Used for Ethnic Diagnosis in the Ancient Near East? In: SILBERMAN, N.A.; SMALL, D. (Eds.). **The Archaeology of Israel: Constructin the Past, Interpreting the Present**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. p. 238-270.

HESSE, B.; WAPNISH, P. Pig Use and Abuse in the Ancient Levant: Ethnoreligious Boundary-Building. In: NELSON, S.M. (Ed.). **Ancestors for the Pigs: Pigs in Prehistory**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1998. p. 123-135. (MASCA Research Papers in Science and Archaeology; v. 15)

HESTRIN, R. The Lachish Ewer and the 'Asherah'. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 37 (4), p. 212-223, 1987.

HEWSTONE, M.; RUBIN, M.; WILLIS, H. Intergroup Bias. **Annual Review of Psychology**. Palo Alto/CA, v. 53, p. 575-604, 2002.

HITCHCOCK, L.A.; MAEIR, A.M. Pulp Fiction: The Sea Peoples and the Study of 'Mycenaean' Archaeology in Philistia. In: DRIESSEN, J. (Ed.). **RA-PI-NE-U - Studies on the Mycenaean World offered to Robert Laffineur for his 70th Birthday**. Louvain-la-Neuve: Presses Universitaires de Louvain, 2016. p. 145-155.

HITCHCOCK, L.A.; MAEIR, A.M.; DAGAN, A. Entangling Aegean Ritual in Philistine Culture. In: ALRAM-STERN, E. *et al.* (Eds.). **Methaphusis: Ritual, Myth and Symbolism in the Aegean Bronze Age**. Proceedings of the 15th International Aegean Conference, Vienna, 22-25 April 2014. Leuven: Peeters, 2016. p. 519-525.

HJELMSLEV, L. **Prolegomena to a theory of language**. Madison: University of Wisconsin Press, 1961.

HODDER, I. **Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HODDER, I. Postprocessual Archaeology. In: SCHIFFER, M.B. (Ed.). **Advances in Archaeological Method and Theory**; v. 8. London: Academic Press, 1985. p. 1-26.

HODDER, I. The Contextual Analysis of Symbolic Meanings. In: HODDER, I. (Ed.). **The Archaeology of Contextual Meanings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 1-10.

HODDER, I. **Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology**. 3rd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HODDER, I.; HUTSON, S. **Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOFFNER, H.A.J. (Ed.). **Hittite Myths**. Atlanta: Scholars Press, 1990.

HOGG, M.A.; MULLIN, B.A. Joining Groups to Reduce Uncertainty. In: ABRAMS, D.; HOGG, M.A. (Eds.). **Social Identity and Social Cognition**. Malden: Blackwell, 1999. p. 249-279.

HOLLADAY JR., J.S. Religion in Israel and Judah under the Monarchy: An Explicitly Archaeological Approach. In: MILLER JR., P.D.; McBRIDE, S.D. **Ancient Israelite Religion**. Philadelphia: Fortress Press, 1987. p. 249-299.

HOLLAND, T. A. A Study of Palestinian Iron Age Baked Clay Figurines with Special Reference to Jerusalem Cave I. **Levant**. London. v. 9, p. 121-155, 1977.

HOROWITZ, D. **Ethnic Groups in Conflict**. Berkeley: University of California Press, 1985.

HORWITZ, L.K. *et al.* A Contribution to the Iron Age Philistine Pig Debate. In: LEVTOV, J.; HESSE, P.; GILBERT, A. (Eds.). **The Wide Lens in Archaeology: Honoring Brian Hesse's Contributions to Anthropological Archaeology**. Atlanta: Lockwood Press, 2017. p. 93-116.

HUBER, G. National Museum Aleppo. **Austria-Forum**, 29 abr. 2009. Disponível em: <http://austria-forum.org/af/Geography/Asia/Syria/Pictures/Aleppo/461_Nationalmuseum_Aleppo>. Acesso em: 3 mar. 2017.

HUNDLEY, M.B. **Gods in Dwellings: Temples and Divine Presence in the Ancient Near East**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013.

HUROWITZ, V.A. Tenth Century BCE to 586 BCE: The House of the Lord (Beyt YHWH). In: GRABAR, O.; KEDAR, B.Z. (Eds.). **Where Heaven and Earth Meet, Jesulaem's Sacred Esplanade**. Jerusalem: Yad Ben-Zvi Press, 2009. p. 15-35.

HUROWITZ, V.A. "Solomon Built the Temple and Completed It", Building the First Temple According to the Book of Kings. In: ELLIS, R.S. (Ed.). **From the Foundations to the Crenellations**. Essays on Temple Building in the Ancient Near East and Hebrew Bible. Münster: Ugarit, 2010. p. 229-239.

HUROWITZ, V.A. "For Instruction Shall Come Forth from Zion": Biblical and Mesopotamian Temples as Palaces of Justice. In: GANE, R.E.; TAGGAR-COHEN, A. (Eds.). **Current Issues in Priestly and Related Literature: The Legacy of Jacob Milgrom and Beyond**. Atlanta: Society of Biblical Literature Press, 2015. p. 389-418.

HUROWITZ, V.A. Solomon's Temple in Context. **Biblical Archaeology Review**. Washington, v. 37 (2), p. 46-57, 77-78, 2011.

HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

IAA. Temple and rare cache of sacred vessels from Biblical times discovered at Tel Motza. **Israel Antiquities Authority**, dez. 2012. Disponível em: <http://www.antiquities.org.il/Article_eng.aspx?sec_id=25&subj_id=240&id=1975&hist=1>. Acesso em: 19 dez. 2017.

IAA. National Treasures. **Israel Antiquities Authority**, 2017. Disponível em: <http://www.antiquities.org.il/t/item_en.aspx?CurrentPageKey=27&indicator=8>. Acesso em: 19 jul. 2017.

IDF MAPPING UNIT. Jordan Valley Topographical Profile. **Israel Ministry of Foreign Affairs**, 2013. Disponível em: <<http://www.mfa.gov.il/MFA/AboutIsrael/Maps/Pages/Jordan-Valley-Topographic-Profile.aspx>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

ILAN, D. Dan. In: MEYERS, E. (Ed.). **The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East**. New York: Oxford University Press, 1997, v. 2, p. 107-112,

IMBODEN, O. Picture Id: 621161. **National Geographic Creative**, 2017. Disponível em: <<https://www.natgeocreative.com/photography/621161>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

ISRAEL ANTIQUITIES AUTHORITY. Selected Artifacts from the Collection of the National Treasures. **National Treasures**, 2017. Disponível em: <http://www.antiquities.org.il/t/item_en.aspx?CurrentPageKey=185&rock=0>. Acesso em: 26 mar. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Placa de Ouro. **Israel Museum**, 1978. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/he/collections/393974>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Bull Statuette. **Israel Museum**, 2017a. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/371859>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Burial Inscription. **Israel Museum**, 2017b. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/375273>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Elamite Figurine of a Naked Woman. **Israel Museum**, 2017c. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/396607>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Female Figurine. **Israel Museum**, 2017d. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/371989>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Female Figurine. **Israel Museum**, 2017e. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/198019>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Figurine of a Fertility Goddess. **Israel Museum**, 2017f. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/198014>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Figurine of a God. **Israel Museum**, 2017g. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/363264>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Figurine of a Naked Woman from Cyprus. **Israel Museum**, 2017h. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/394543>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Figurine of a Reclining Woman. **Israel Museum**, 2017i. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/322165>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Figurine Plaque of a Naked Goddess. **Israel Museum**, 2017j. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/394013>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Furniture Inlay: Striding Sphinx. **Israel Museum**, 2017k. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/365181>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Horse and Rider. **Israel Museum**, 2017l. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/372790>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Incense Altar. **Israel Museum**, 2017m. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/370646>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Jug. **Israel Museum**, 2017n. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/371899>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Knife Used for Animal Sacrifice. **Israel Museum**, 2017o. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/search/site/IAA%201989-621>>. Acesso em: 30 out. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Phoenician Jugs. **Israel Museum**, 2017p. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/198067>>. Acesso em: 30 out. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Statue of the Storm God Poised to Strike. **Israel Museum**, 2017q. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/search/site/IAA%201997-3294>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Stirrup Jug. **Israel Museum**, 2017r. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/353181>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Head of a Goddess. **Israel Museum**, 2017s. Disponível em: <[http://www.imj.org.il/en/search/site/IAA%201987-117?f\[0\]=bundle%3Acollections](http://www.imj.org.il/en/search/site/IAA%201987-117?f[0]=bundle%3Acollections)>. Acesso em: 30 dez. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Worshiper. **Israel Museum**, 2017t. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/he/search/site/IAA%201987-116>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

ISRAEL MUSEUM. Stela dedicated to the Canaanite goddess Anat. **Israel Museum**, 2018. Disponível em: <<http://museum.imj.org.il/en/exhibitions/2016/pharaoh-in-canaan/page/?id=canaanite-deities>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Incense altar. **Israel Museum**, 2018a. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/370646>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Incense shovel. **Israel Museum**, 2018b. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/370862>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Scepter Head. **Israel Museum**, 2018c. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/367366>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Philistine dedicatory inscription. **Israel Museum**, 2018d. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/371434>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Snakes. **Israel Museum**, 2018e. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/394080>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. "(Belonging) to Baal and Padi," inscription on a potsherd. **Israel Museum**, 2018f. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/395402>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Beer Jug. **Israel Museum**, 2018g. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/353180>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Lion-shaped Weight. **Israel Museum**, 2018h. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/374114>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

ISRAEL MUSEUM. Offering Bowl. **Israel Museum**, 2018i. Disponível em: <<http://www.imj.org.il/en/collections/369575>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

JAKOBSON, R.; HALLE, M. **Fundamentals of Language**. Berlin: Mouton Gruyter, 2002.

JAMES, F.W. **The Iron Age at Beth-Shan: A Study of Levels VI-IV**. Philadelphia: The University of Pennsylvania, 1966. (University Museum Monographs)

JAMES, F.W.; MCGOVERN, P.E. **The Late Bronze Egyptina Garrison at Beth Shan: A Study of Levels VII and VIII**. Philadelphia: The University of Pennsylvania, 1993. (University Museum Monograph; v. 85)

JOHNSTON, P.S. Figuring Out Figurines. **Tyndale Bulletin**. London, v. 54 (2), p. 81-104, 2003.

KAMLAH, J. (Ed.). **Temple Building and Temple Cult: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.)**. Wiesbaden: Harrassowitz, 2012a. (Abhandlungen des Deutschen Palästina-Vereins; v. 41)

KAMLAH, J. Temples of the Levant - Comparative Aspects. In: KAMLAH, J. (Ed.). **Temple Building and Temple Cult: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.)**. Wiesbaden: Harrassowitz, 2012b. p. 507-534. (Abhandlungen des Deutschen Palästina-Vereins; v. 41)

- KAPELRUD, A.S. Temple Building, a Task for Gods and Kings. **Orientalia**, Nova Series. Roma, v. 32, p. 56-62, 1963.
- KARAGEORGHIS, V. **Kition**: Mycenaean and Phoenician Discoveries in Cyprus. London: Thames and Hudson, 1976.
- KARAGEORGHIS, V. *et al.* **Excavations at Kition**. Vol 4: The non-Cypriote pottery. Nicosia: Department of Antiquities of Cyprus, 1981.
- KARAGEORGHIS, V. **Cyprus**: From the Stone Age to the Romans. London: Thames and Hudson, 1982.
- KARAGEORGHIS, V. **Excavations at Kition**. Vol. 6, Parte 1: The Phoenician and Later Levels. Nicosia: Cyprus Department of Antiquities, 2004.
- KAUFMAN, A.S. Determining the Length of the Medium Cubit. **Palestine Exploration Quarterly**. Jerusalem, v. 11, p. 120-132, 1984.
- KAUFMAN, A.S. Fixing the Site of the Tabernacle at Shiloh. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 14 (6), p. 46-49, Nov./Dec. 1988.
- KAUFMANN, Y. **The Religion of Israel**, From Its Beginnings to the Babylonian Exile. Chicago: University of Chicago Press, 1960.
- KEARNEY, R. **Modern Movements in European Philosophy**: Phenomenology, Critical Theory, Structuralism. Manchester: Manchester University Press, 1994.
- KEEL, O.; KNAUF, E.A.; STAUBLI, T. **Salomons Tempel**. Fribourg: Bible-Orient Museum, 2004.
- KEEL, O.; UEHLINGER, C. **Gods, Goddesses, and Images of God in Ancient Israel**. Tradução de T. H. Trapp. Minneapolis: Fortress Press, 1998.
- KEHATI, R. The Faunal Assemblage. In: GARFINKEL, Y.; GANOR, S. (Eds.). **Khirbet Qeiyafa**, Vol. 1: Excavation Report 2007-2008. Jerusalem: Israel Exploration Society; Institute of Archaeology, The Hebrew University of Jerusalem, 2009. p. 201-208.
- KEMPINSKI, A. On the Architectural Characterization of the Canaanite Temple at Lachish. **Qadmoniyot**. Jerusalém, v. 11, p. 95-96, 1978.
- KEMPINSKI, A. **Megiddo**: A City-State and Royal Centre in North Israel. Munich: C. H. Beck, 1989. (Materialen zur Allgemeinen und Vergleichenden Archäologie; v. 40)
- KENNEDY, A.R.S. Tabernacle. In: HASTINGS, J. (Ed.). **Hastings Dictionary of the Bible**. Vol. 4. Edinburgh: T. & T. Clark, 1902. p. 653-668.
- KENT, R. The Tabernacle: The Oldest Building Specification Known Written by Moses Under God's Instruction. **Lutheran Theological Journal**. North Adelaide: Australia, v. 19, p. 87-90, 1985.
- KENYON, K.M. **Jerusalem**. Excavating 3000 Years of History. London: Thames and Judson, 1967.
- KENYON, K.M. **Digging Up Jerusalem**. London: Book Club Associates, 1975.

KERR, L. Archaeological Galleries: Greece. **Lorraine Kerr Photography**, 2010-2017. Disponível em: <<http://lorrainekerr.com/archaeological%20galleries/greece.html>>. Acesso em: 8 mar. 2017.

KHALIFEH, I.A. **Sarepta II: the late Bronze and Iron Age periods of area II, X: the University Museum of the University of Pennsylvania excavations at Sarafand, Lebanon**. Beyrouth: Université Libanaise, 1988.

KILLEBREW, A.E. Early Philistine Pottery Technology at Tel Migne-Ekron: Implications for the Late Bronze-Early Iron Age Transition in the Eastern Mediterranean. In: KILLEBREW, A.E.; LEHMANN, G. (Eds.). **The Philistines and Other "Sea Peoples" in Text and Archaeology**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 77-130.

KILLEBREW, A.E. Jerusalem: Capital City Created in Stone and in Imagination. In: YOFFEE, N. (Ed.). **The Cambridge World History**. Vol. 3: Early Cities in Comparative Perspective, 4000 BCE - 1200 CE. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 416-436.

KILLEBREW, A.E.; LEHMANN, G. Introduction: The World of the Philistines and Other "Sea Peoples". In: KILLEBREW, A.E.; LEHMANN, G. (Eds.). **The Philistines and Other "Sea Peoples" in Text and Archaeology**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 1-17.

KING, P.J.; STAGER, L.E. **Life in Biblical Israel**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

KISILEVITZ, S. The Iron IIA Judahite Temple at Tel Moza. **Tel Aviv**, Tel Aviv, v. 42 (2), p. 147-164, 2015.

KISILEVITZ, S. Terracotta Figurines from the Iron IIA Temple at Moza, Judah. **Les Carnets de l'AcoSt**. Pont de Bois, v. 15, p. 1-7, 2016.

KISILEVITZ, S. *et al.* Moza, Tel Moza: Preliminary Report. **Hadashot Arkhaeologiyot**. Jerusalém, v. 126, 2014. Disponível em: <www.hadashot-esi.org.il/Report_Detail_Eng.aspx?id=10582>. Acesso em: 4 ago. 2016.

KITCHEN, K.A. **The Ancient Orient and Old Testament**. Chicago: InterVarsity, 1966.

KJAER, H. Shiloh. A Summary Report of the Second Danish Expedition, 1929. **Palestine Exploration Quarterly**. Jerusalem, v. 63 (2), p. 71-88, 1931.

KLETTER, R. **The Judean Pillar-Figurines and the Archaeology of Asherah**. Oxford: Tempus Reparatum; Archaeological and Historical Associates Limited, 1996. (BAR International Series; v. 636)

KLOTZ, J.; KLOTZ, R. File:ANCIENT KITION, LARNACA, CYPRUS.jpg. **Wikimedia Commons**, 5 abr. 2013. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:ANCIENT_KITION,_LARNACA,_CYPRUS.jpg>. Acesso em: 6 mar. 2017.

KOHLMEYER, K. **Der Temple des Wettergottes von Aleppo**. Münster: Rhema, 2000.

KOHLMEYER, K. The Temple of the Storm God in Aleppo during the Late Bronze and Early Iron Ages. **Near Eastern Archaeology**, v. 72/4, 2009, p. 190-202.

KOHLMEYER, K. Der Temple des Wettergottes von Aleppo: Baugeschichte und Bautyp, räumlich Bezüge, Inventar und bildliche Ausstattung. In: KAMLAH, J.; MICHELAU, H. **Temple Building and Temple Cult: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant** (2.-1. Mill. B.C.E.). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, v. Abhandlungen des Deutschen Palästina-Vereins 41, 2012. p. 55-78.

KUNIN, S.D. **God's Place in the World: Sacred Space and Sacred Place in Judaism**. London: Cassell, 1998. (Cassell Theological Studies)

KUNIN, S.D. **We Think What We Eat: Neo-Structuralist Analysis of Israelite Food Rules and Other Cultural and Textual Practices**. London: T & T Clark, 2004.

LACAN, J. **Écrits**. New York: W. W. Norton & Company, 2006.

LAMON, R.S.; SHIPTON, G.M. **Megiddo I, Seasons of 1925-34, Strata I-V**. Chicago: Oriental Institute, 1939.

LANDMINDS. Tel Motza in the News. **LandMinds**, 2013. Disponível em: <<http://www.foundationstone.org/landminds/motza/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

LAPERROUSAZ, E. Encore L'"Acra des Seleucides", et Nouvelles Remarques sur les Pierres a Bossage Preherodiennes de Palestine. **Syria**. Beirut, v. 56, p. 99-144, 1979.

LARSEN, M.T. The Old Assyrian Merchant Colonies. In: ARUZ, J.; BENZEL, K.; EVANS, J.M. (Eds.). **Beyond Babylon: Art, Trade, and Diplomacy in the Second Millennium B.C**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2008. p. 70-81.

LAUINGER, J. Esarhaddon's Succession Treaty at Tell Tayinat: Text and Commentary. **Journal of Cuneiform Studies**. Boston, v. 64, p. 87-123, 2012a.

LAUINGER, J. Some Preliminary Thoughts on the Tablet Collection in Building XVI from Tell Tayinat. **Journal of the Canadian Society for Mesopotamian Studies**. Toronto, v. 6, p. 5-14, 2012b.

LAUINGER, J. Neo-Assyrian Scribes, "Esarhaddon's Succession Treaty," and the Dynamics of Textual Mass Production. In: DELNERO, P.; LAUINGER, J. (Eds.). **Texts and Contexts: The Circulation and Transmission of Cuneiform Texts in Social Space**. Berlin: De Gruyter, 2015. p. 285-314. (Studies in Ancient Near Eastern Records, SANER; v. 9)

LEACH, E. The Legitimacy of Solomon: Some Structural Aspects of Old Testament History. **European Journal of Sociology**. Cambridge, v. 7, p. 58-101, 1966.

LEACH, E. Genesis as Myth. In: GRAS, V.W. (Ed.). **European Literary Theory and Practice**. New York: Dell, 1973. p. 317-330.

LEACH, E. **Culture and Communication: The Logic by which Symbols are Connected**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

LEFEBVRE, H. **Position: contre les technocrates**. Paris: Gonthier, 1967.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Tradução de Donald Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LEMAIRE, A. Les Inscriptions de Khirbet el-Qôm et l'Ashérah de YHWH. **Revue Biblique**. Paris, v. 84, p. 595-608, 1977.

- LEMAIRE, A. Date et Origine des Inscriptions Hébraïques et Phéniciennes de Juntillet 'Ajrud. **Studi Epigrafici e Linguistici**. Verona, v. 1, p. 131-143, 1984.
- LEMCHE, N.P. Early Israel Revisited. In: **Currents in Research: Biblical Studies**. Thousand Oaks, v. 4, p. 9-34, 1996.
- LEMCHE, N.P. **The Israelites in History and Tradition**. Louisville: Westminster John Knox, 1998.
- LEMCHE, N.P. **Ancient Israel: A New History of Israel**. 2nd ed. London: Bloomsbury, 2015.
- LEMCHE, N.P.; THOMPSON, T.L. Did Biran Kill David? The Bible in the Light of Archaeology. **Journal for the Study of the Old Testament**. Sheffield, v. 64, p. 3-22, 1994.
- LEVIN, Y. Did Pharaoh Sheshonq Attack Jerusalem? **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 38 (4), p. 42-52, 66-67, July/Aug. 2012.
- LÉVI-STRAUSS, C. The Family. In: SHAPIRO, H.L. (Ed.). **Man, Culture, and Society**. New York: Oxford University Press, 1956.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Structural Anthropology**. New York: Basic Books, 1963.
- LÉVI-STRAUSS, C. **The Savage Mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1966.
- LÉVI-STRAUSS, C. **The Elementary Structures of Kinship**. Boston: Beacon, 1969.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- LEV-TOV, J. **Pigs, Philistines, and the Ancient Animal Economy of Ekron from the Late Bronze Age to the Iron Age II**. PhD Dissertation. 2000. University of Tennessee. Memphis.
- LEV-TOV, J. The Faunal Remains: Animal Economy in the Iron Age I. In: MEEHL, M. W.; DOTAN, T.; GITIN, S. (Eds.). **Tel Miqne-Ekron Excavations 1995-1996: Field INE East Slope - Iron Age I (Early Philistine Period)**. Jerusalem: The W.F. Albright Institute of Archaeological Research; The Hebrew University of Jerusalem, 2006. p. 207-233.
- LIPINSKI, E. The Goddess Atirat in Ancient Arabia, in Babylon, and in Ugarit. **Orientalia Lovaniensia Periodica**. Leuven/BEL, v. 3, p. 101-119, 1972.
- LIPINSKI, E. Le Culte du Soleil chez les Sémites Occidentaux du 1^{er} Millénaire av. J.-Chr. **Orientalia Louvaniensia Periodica**. Leuven/BEL, v. 22, p. 57-72, 1991.
- LIPINSKI, E. Tanit. In: LIPINSKI, E. *et al.* (Eds.). **Dictionnaire de la Civilisation Phénicienne et Punique**. Bruxelles: Brepols, 1992. p. 438-439.
- LIPINSKI, E. **On the Skirts of Canaan in the Iron Age: Historical and Topographical Researches**. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2006. (Orientalia Lovaniensia Analecta; v. 153)
- LONG, V.P. (Ed.). **Israel's Past in Present Research: Essays on Ancient Israelite Historiography**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1999.

- LONGACRE, R.E. The Discourse Structure of the Flood Narrative. **Journal of the American Academy of Religion**. Claremont/CA, Suppl. 47, p. 89-133, 1979.
- LOUD, G. **Megiddo 2: Seasons of 1935-39: Text**. Chicago: Oriental Institute, 1948a.
- LOUD, G. **Megiddo 2: Seasons of 1935-39: Plates**. Chicago: Oriental Institute, 1948b.
- LUHMANN, N. **Social Systems**. Stanford: Stanford University Press, 1984.
- LUHMANN, N. **A Systems Theory of Religion**. Stanford: Stanford University Press, 2013.
- LUNDQUIST, J.M. What Is a Temple? A Preliminary Typology. In: HUFFMAN, H.B.; SPINA, F.A.; GREEN, R.W. (Eds.). **The Quest for the Kingdom of God: Studies in Honor of George E. Mendenhall**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1983. p. 205-218.
- MACKIE, D.M.; SMITH, E.R. Intergroup Relations: Insights from a Theoretically Integrative Approach. **Psychological Review**. Washington, v. 105, p. 499-529, 1998.
- MACRAE, C.N.; BODENHAUSEN, G.V. Social Cognition: Thinking Categorically About Others. **Annual Review of Psychology**. Palo Alto/CA, v. 51, p. 93-120, 2000.
- MAEIR, A.M. View of Philistine temple and "Amos" earthquake. **The Tell es-Safi/Gath Archaeological Project Official (and Unofficial) Weblog**, 28 jul. 2010. Disponível em: < <https://gath.wordpress.com/2010/07/28/view-of-philistine-temple-and-amos-earthquake/>>. Acesso em: 6 nov. 2017.
- MAEIR, A.M. (Ed.). **Tell es-Safi/Gath I: The 1996-2005 Seasons. Vol. 1: Text**. Wiesbaden: Harrassowitz, 2012a.
- MAEIR, A.M. (Ed.). **Tell es-Safi/Gath I: The 1996-2005 Seasons. Vol. 2: Plates**. Wiesbaden: Harrassowitz, 2012b.
- MAEIR, A.M. The 2009 season is over! **The Tell es-Safi/Gath Archaeological Project Official (and Unofficial) Weblog**, 31 jul. 2009. Disponível em: <<https://gath.wordpress.com/2009/07/31/the-2009-season-is-over/>>. Acesso em: 6 nov. 2017.
- MAEIR, A.M. Criteria for identifying a temple. **The Tell es-Safi/Gath Archaeological Project Official (and Unofficial) Weblog**, 30 jul. 2010a. Disponível em: <<https://gath.wordpress.com/2010/07/30/criteria-for-identifying-a-temple/>>. Acesso em: 7 nov. 2017.
- MAEIR, A.M. View of Philistine temple and "Amos" earthquake. **The Tell es-Safi/Gath Archaeological Project Official (and Unofficial) Weblog**, 28 jul. 2010b. Disponível em: <<https://gath.wordpress.com/2010/07/28/view-of-philistine-temple-and-amos-earthquake/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- MAEIR, A.M. New Light on the Biblical Philistines: Recent Study on the Frenemies of Ancient Israel. **YouTube**, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IAZPJRtdjmk>>. Acesso em: 7 nov. 2017.
- MAEIR, A.M. Philistine Gath after 20 Years: Regional Perspectives on the Iron Age at Tell es-Safi/Gath. In: MAEIR, A.M.; LIPSCHITZ, O. (Eds.). **The Shephelah during the Iron Age: Recent Archaeological Studies**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2017. p. 133-154.

MAEIR, A.M.; HITCHCOCK, L.A.; HORWITZ, L.K. On the Constitution and Transformation of Philistine Identity. **Oxford Journal of Archaeology**. Oxford, v. 32, p. 1-38, jan. 2013.

MAEIR, A.M.; SHAI, I. Iron Age IIA Chalices from Tell es-Safi/Gath. In: CZERNY, E., *et al.* (Eds.). **Timelines: Studies in Honor of Manfred Bietak**. Leuven: Peeters, 2006. p. 357-365.

MAIER, W.A. **Aserah**: Extrabiblical Evidence. Atlanta: Scholars Press, 1986. (Harvard Semitic Monographs)

MARGALIT, B. The Meaning and Significance of Asherah. **Vetus Testamentum**. Leiden, v. 40/3, p. 264-297, 1990.

MARINATOS, N. **The Goddess and the Warrior**: The Naked Goddess and Mistress of Animals. London: Routledge, 2000.

MARKOE, G.E. **Phoenicians**. Berkeley: University of California Press, 2000.

MARLASCA, R. Tanit en las estrellas. In: MATILLA SÉQUER, G.; EGEA VIVANCOS, A.; GONZÁLEZ BLANCO, A. (Eds.). **El mundo púnico**: religión, antropología y cultura material. Actas II Congreso Internacional del Mundo Púnico, Cartagena, 6-9 de abril de 2000. Murcia: Universidad de Murcia, 2004. p. 119-136.

MAZAR, A. A Philistine Temple at Tell Qasile. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 36, p. 42-48, 1973.

MAZAR, A. Excavations at Tell Qasile, 1973-1974 (Preliminary Report). **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 40 (2), p. 77-88, 1975.

MAZAR, A. Additional Philistine Temples at Tell Qasile. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 40 (2), p. 82-87, May 1977.

MAZAR, A. **Excavations at Tell Qasile, Part 1**: The Philistine Sanctuary: Architecture and Cult Objects. Jerusalem: Institute of Archaeology, Hebrew University of Jerusalem, 1980. (Qedem; v. 12)

MAZAR, A. The "Bull Site" - An Iron Age I Open Cult Place. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 247, p. 27-42, 1982.

MAZAR, A. **Excavations at Tell Qasile, Parte 2**: The Philistine Sanctuary: Various Finds, the Pottery, Conclusions, Appendixes. Jerusalem: Institute of Archaeology, Hebrew University of Jerusalem, 1985. (Qedem; v. 20)

MAZAR, A. **Archaeology of the Land of the Bible**: 10,000-586 B.C.E. New York: Doubleday, 1990.

MAZAR, A. Temples of the Middle and Late Bronze Age and Iron Age. In: KEPINSKI, A.; REICH, R. (Eds.). **The Architecture of Ancient Israel**: From the Prehistoric to the Persian Periods: In Memory of Immanuel (Munya) Dunayevsky. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1992. p. 161-187.

MAZAR, A. The Excavations of Beth Shean in 1989-90. In: BIRAN, A.; AVIRAM, J. (Eds.). **Biblical Archaeology Today, 1990**. Proceedings of the Second International Congress on Biblical Archaeology, Jerusalem, June-July 1990. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993. p. 606-619.

MAZAR, A. Four Thousand Years of History at Beth-Shean: An Account of the Renewed Excavations. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 60, p. 62-76, 1997.

MAZAR, A. The Temples and Cult of the Philistines. In: OREN, E.D. (Ed.). **The Sea Peoples and Their World: A Reassessment**. Philadelphia: The University Museum, University of Pennsylvania, 2000. p. 213-232.

MAZAR, A. Megiddo in the Thirteenth-Eleventh Centuries BCE: A Review of Some Recent Studies. In: OREN, E.D.; AHITUV, S. (Eds.). **Aharon Kempinski Memorial Volume: Studies in Archaeology and Related Disciplines**. Beer-Sheva: Ben-Gurion University of the Negev Press, 2002. p. 264-282. (Beer-Sheva; v. 15)

MAZAR, A. The Debate over the Chronology of the Iron Age in the Southern Levant. In: LEVY, T.E.; HIGHAM, T. (Eds.). **The Bible and Radiocarbon Dating**. London: Equinox, 2005. p. 13-28.

MAZAR, A. Beth-Shean from the Late Bronze Age IIB to the Medieval Period: A Summary. In: MAZAR, A. (Ed.). **Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996**. Vol. 1: From the Late Bronze Age IIB to the Medieval Period. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2006. p. 26-47. (The Beth-Shean Valley Archaeological Project)

MAZAR, A. On Archaeology, Biblical History, and Biblical Archaeology. In: SMITH, B.B. (Ed.). **The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007a. p. 21-33.

MAZAR, A. The Israelite Settlement. In: SMITH, B.B. (Ed.). **The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007b. p. 85-98.

MAZAR, A. The Search for David and Solomon: an Archaeological Perspective. In: SMITH, B.B. (Ed.). **The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007c. p. 117-139.

MAZAR, A. Introduction and Overview. In: PANITZ-COHEN, N.; MAZAR, A. (Eds.). **Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996: The 13th-11th Century BCE Strata in Areas N and S**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2009. p. 1-32. (The Beth-Shean Valley Archaeological Project; v. 3)

MAZAR, A. The Egyptian Garrison Town at Beth-Shean. In: BAR, S.; KAHN, D.; SHIRLEY, J.J. (Eds.). **Egypt, Canaan and Israel: History, Imperialism, Ideology and Literature**. Proceedings of a Conference at the University of Haifa, 3-7 May 2009. Leiden: Brill, 2011. p. 155-189. (Culture and History of the Ancient Near East; v. 52)

MAZAR, A. Was King Saul Impaled on the Wall of Beth Shean? **NJB Articles and Repository**, 8 jun. 2013. Disponível em: <<http://njbrepository.blogspot.com.br/2013/06/was-king-saul-impaled-on-wall-of-beth.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

MAZAR, A.; BEN-SHLOMO, D. **Stratigraphy and Building Remains**. In: DOTHAN, M.; BEN-SHLOMO, D. **Ashdod VI: The Excavations of Areas H-K (1968-1969)**. Israel Antiquities Authority Reports 24. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, p. 11-61, 2005.

MAZAR, A.; MULLINS, R.A. (Eds.). **Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996**. Vol. 2: The Middle and Late Bronze Age Strata in Area R. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2007a.

MAZAR, A.; MULLINS, R.A. Introduction and Overview. In: _____. (Eds.). **Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996**. Vol. 2: The Middle and Late Bronze Age Strata in Area R. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2007b. p. 1-22.

MAZAR, A.; NETZER, E. Short Notes: On the Israelite Fortress at Arad. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 263, p. 87-91, 1986.

MAZAR, A.; PANITZ-COHEN, N. To What God? Altars and a House Shrine from Tel Rehov Puzzle Archaeologists. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 34 (4), p. 40-47, July/Aug. 2008.

MAZAR, B. The 'Orpheus' Jug from Megiddo. In: CROSS, F.M.; LEMKE, V.E.; MILLER JR., P.D. (Eds.). **Magnalia Dei: The Mighty Acts of God. Essays on the Bible and Archaeology in Memory of G. Ernest Wright**. Garden City: Doubleday, 1976. p. 187-192.

MAZOW, L.B. **Competing Material Culture: Philistine Settlement at Tel Mique-Ekron in the Early Iron Age**. Ph.D. Dissertation. Tucson: University of Arizona, 2005.

MAZOW, L.B. Competing Material Culture: Philistine Settlement at Tel Mique-Ekron in the Early Iron Age. In: SPENCER, J.R.; BRODY, A.J.; MULLINS, R.A. (Eds.). **Material Culture Matters: Essays on the Archaeology of the Southern Levant in Honor of Seymour Gitin**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2014, p. 131-162.

MCCOWAN, C.C. **Tell En-Nasbeh I**. Berkeley: The Palestine Institute of Pacific Schools of Religion, 1947.

MCEWAN, C.W. The Syrian Expedition of the Oriental Institute of the University of Chicago. **American Journal of Archaeology**. Boston/MA, v. 41, p. 8-16, 1937.

MCGUIRE, R.H. The Study of Ethnicity in Historical Archaeology. **Journal of Anthropological Archaeology**. Amsterdam, v. 1 (2), p. 159-178, June 1982.

MENDENHALL, G.E. **Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East**. Pittsburgh: Biblical Colloquium, 1955.

MESHEL, Z. **Kuntillet 'Ajrud: A Religion Centre from the Time of the Judean Monarchy on the Border of Sinai**. Jerusalem: Israel Museum, 1978.

MESHEL, Z. Did Yahweh Have a Consort? **Biblical Archaeology Review**. Washington, v. 5 (2), p. 24-35, 1979.

MESHEL, Z. **Kintillet 'Ajrud (Horvat Teman): An Iron Age II Religious Site on the Judah-Sinai Border**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2012.

MESHEL, Z.; MEYERS, C. The Name of God in the Wilderness of Zin. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 39, p. 6-10, 1976.

METROPOLITAN MUSEUM. Figurine. **The Met**, 2017a. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/314204>>. Acesso em: 1 jan. 2018.

METROPOLITAN MUSEUM. Figurine. **The Met**, 2017b. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/324302>>. Acesso em: 1 jan. 2018.

METROPOLITAN MUSEUM. Nude Female Figure. **The Met**, 2017c. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/323163>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

MEYERS, C.L. Terracottas without Texts: Judean Pillar Figurines in Anthropological Perspective. In: COOTE, R.B.; GOTTWALD, N.K. (Eds.). **To Break Every Yoke: Essays in Honor of Marvin L. Chaney**. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2007. p. 115-130.

MICHAEL, H.G. Merenptah's Inscription and Reliefs and the Origin of Israel. In: NAKHAI, B.A. (Ed.). **The Near East in the Southwest: Essays in Honor of William G. Dever**. Boston: American Schools of Oriental Research, 2003. Cap. 2, p. 19-44. (Annual of the American Schools of Oriental Research; v. 58)

MIERSE, W.E. **Temples and Sanctuaries from the Early Iron Age Levant: Recovery after Collapse**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2012.

MILLER, J.M.; HAYES, J.H. **A History of Ancient Israel and Judah**. Philadelphia: Westminster John Knox Press, 1986.

MILLER, P.D. **The Religion of Ancient Israel**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000.

MILGROM, J. The Shared Custody of the Tabernacle and a Hittite Analogy. **Journal of the American Oriental Society**. New York, v. 96 (4), p. 575-576, 1976.

MONSON, J. The New 'Ain Dara Temple: Closest Solomonic Parallel. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 26 (3), p. 20-35, 2000.

MONSON, J. The Ain Dara Temple and the Jerusalem Temple. In: BECKMAN, G. M.; LEWIS, T.J. (Eds.). **Text, Artifact, and Image. Revealing Ancient Israelite Religion**. Providence/RI: [Brown Judaic Studies], 2006. p. 273-299. (Brown Judaic Studies; v. 346)

MOOREY, P.R.S. **Idols of the People**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MORA, W.L. (Ed.). **The Amarna Letters**. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1992.

MOSCATI, S. (Ed.). **The Phoenicians**. London: I. B. Tauris, 2001.

MOUNTJOY, P.A. The Mycenaean IIC Pottery at Tel Mique-Ekron. In: KILLEEBREW, A.G.; LEHMANN, G. (Eds.). **The Philistines and Other "Sea Peoples" in Text and Archaeology**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 53-76.

MULLINS, R. The Late Bronze and Iron Age Temples at Beth-Shean. In: KAMLAH, J. (Ed.). **Temple Building and Temple Culto: Architecture and Cult Paraphernalia of Temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.)**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2012. p. 127-157.

MUSÉE DU LOUVRE. Figurine Féminine de Halaf. **Musée du Louvre**, 2017. Disponível em: <http://www.louvre.fr/recherche-globale?f_search_cles=AO+21095>. Acesso em: 30 dez. 2017.

NA'AMAN, N. Arad in the Topographical List of Shishak. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 12 (1), p. 91-92, 1985.

NA'AMAN, N. The "Conquest of Canaan" in the Book of Joshua and in History. In: FINKELSTEIN, I.; NA'AMAN, N. (Eds.). **From Nomadism to Monarchy: Archaeological and Historical Aspects of Early Israel**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1994. p. 218-81.

NA'AMAN, N. **Canaan in the Second Millennium B.C.E.** Winona Lake: Eisenbrauns, 2005. (Collected Essays; v. 2).

NA'AMAN, N. The Ishtar Templo at Alalakh. **Journal of Near Eastern Studies**. Chicago, v. 39 (3), p. 209-214, July 1980.

NAKHAI, B.A. What's a Bamah? How Sacred Space Functioned in Ancient Israel. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 20 (3), p. 18-29, 77-78, 1994.

NAKHAI, B.A. **Archaeology and the Religions of Canaan and Israel**. Boston: American Schools of Oriental Research, 2001. (ASOR Books; v. 7).

NATIONAL HELLENIC RESEARCH FOUNDATION. Cypriotes and Phoenicians. **Kyprios Character: History, Archaeology & Numismatics of Ancient Cyprus**, 2016. Disponível em: <<http://kyprioscharacter.eie.gr/en/scientific-texts/details/cyprus-and-others/cypriotes-and-phoenicians>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

NADAV, N. **Canaan in the Second Millennium B.C.E.** Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.

NAKHAI, B.A. **Archaeology and the Religions of Canaan and Israel**. Boston: American Schools of Oriental Research, 2001.

NEGBI, O. **Canaanite Gods in Metal: An Archaeological Study of the Ancient Syro-Palestinian Figurines**. Tel Aviv: Institute of Archaeology, Tel Aviv University, 1976.

NEGBI, O. Levantine Elements in Sacred Architecture of the Aegean at the Close of the Bronze Age. **Annual of the British School at Athens**. London, v. 83, p. 330-357, 1988.

NEGBI, O. The Metal Figurines. In: YADIN, Y.; AHARONI, Y.; BEN-TOR, A. (Eds.). **Hazor III-IV: an Account of the Third and Fourth Seasons of Excavation, 1957-1958**. Jerusalem: Hebrew University of Jerusalem, Israel Exploration Society, 1989.

NIDITCH, S. **Ancient Israelite Religion**. New York: Oxford University Press, 1997.

NIEMANN, H.M. Neighbors and Foes, Rivals and Kin: Philistines, Shepheleans, Judeans between Geography and Economy, History and Theology. In: KILLEBREW, A.E.; LEHMANN, G. (Eds.). **The Philistines and Other "Sea Peoples" in Text and Archaeology**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 243-264.

NIGRO, L. Temples in Motya and their Levantine Prototypes: Phoenician Religious Architectural Tradition. In: MAILA-AFEICHE, A.-M. (Ed.). **Cult and Ritual on the Levantine Coast and its Impact on the Eastern Mediterranean Real**. Proceedings of the International Symposium, Beirut, 2012. Beirut: Ministère de la Culture, 2012. p. 83-108. (Bulletin d'Archéologie et d'Architecture Libanaises).

NIGRO, L. An absolute Iron Age Chronology of the Levant and the Mediterranean. In: NIGRO, L. (Ed.). **Reading Catastrophes: Earthquakes, Floods, Famines, Epidemics between Egypt and Palestine, 3rd-1st Millennium BC**. Proceedings of the International

Conference "Reading Catastrophes". Roma: "La Sapienza", 2014 (Studies on the Archaeology of Palestine & Transjordan; v. 11)

NOLL, K.L. **Canaan and Israel in Antiquity: An Introduction**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2003.

NOLL, K.L. Canaanite Religion. **Religion Compass**. v. 1 (1), p. 61-92, 2007. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1749-8171.2006.00010.x>>. Acesso em: 17 Nov. 2017.

NOLL, K.L. **Canaan and Israel in Antiquity: A Textbook on History and Religion**. London: Bloomsbury; T & T Clark, 2013.

NOTH, M. **The History of Israel**. London: A. & C. Black, 1958.

NOTH, M. **A History of the Pentateuchal Traditions**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1972.

NOVACEK, G.V. **Israel**: Highlights from the Collections of the Oriental Institute of the University of Chicago. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2011.

NOVÁK, M. Der Grundriß rechts oben entwickelt sich anders. Die Ausgrabungen von 1911-1913, 1927, 1929 und 1939. In: CHOLIDIS, N.; MARTIN, L. (Eds.). **Die geretteten Götter aus dem Palast vom Tell Halaf**. Berlin: Pergamonmuseum, 2011. p. 97-102.

NOVÁK, M. The Temple of 'Ain Dara in the Context of Imperial and Neo-Hittite Architecture and Art. In: KAMLAH, J. (Ed.) **Temple Building and Temple Cult: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.)**. Wiesbaden: Harrassowitz, 2012. p. 41-54.

NOVÁK, M. Between the Musku and the Aramaeans: The Early History of Guzana/Tell Halaf. In: YENER, K.A. (Ed.). **Across the Border: Late Bronze-Iron Age Relations between Syria and Anatolia**. Proceedings of a Symposium Held at the Research Center of Anatolian Studies, Koç University, Istanbul, May 31-June 1, 2010. Leuven: Peeters, 2013. p. 293-309.

NOVÁK, M. Texts. **Tell Halaf Ausgrabungsprojekt**, 2017. Disponível em: <<http://www.grabung-halaf.de/currenttexts.php?l=eng>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

NYLANDER, C. A Note on the Stonecutting and Masonry of Tel Arad. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 17, p. 56-59, 1967.

ODILIA. File:SYRIE 291.jpg. **Wikimedia Commons**, 4 abr. 2005. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:SYRIE_291.jpg>. Acesso em: 5 maio 2017.

OLYAN, S.M. **Asherah and the Cult of Yahweh in Israel**. Atlanta: Scholars Press, 1988.

OPPENHEIM, M.F.V. **Der Tell Halaf: Eine neue Kulture im ältesten Mesopotamien**. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1931.

OPPENHEIM, M.F.V. **Der Tell Halaf II: Die Bauwerke**. Berlin: de Gruyter, 1950.

OREN, E.D. *et al.* Tell Haror - After Six Seasons. **Qadmoniot**. Jerusalém, v. 24, p. 2-19, 1991.

ORI. File:Qassila 078.jpg. **Wikimedia Commons**, 10 fev. 2009. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Qassila_078.jpg>. Acesso em: 27 jul. 2017.

ORIENTAL INSTITUTE. Altar. **The Oriental Institute**, 2014a. Disponível em: <<https://oi-idb.uchicago.edu/id/69d0caa8-ad1f-461b-91e2-3af7687e7ea3>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

ORIENTAL INSTITUTE. Relief. **The Oriental Institute, The University of Chicago**, 2014b. Disponível em: <<https://oi-idb.uchicago.edu/id/10443a90-e395-4a2f-a81f-75a3b2312c1c>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

ORIENTAL INSTITUTE. Statue, Deity. **The Oriental Institute**, 2014c. Disponível em: <<https://oi-idb.uchicago.edu/id/c97d8445-db45-4276-99da-27c13896704f>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

ORIENTAL INSTITUTE. D.3282. **The Oriental Institute**, 2014d. Disponível em: <<https://oi-idb.uchicago.edu/id/c77aa7cd-4fc3-488a-a705-9d6713e1f3b6>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

ORIENTAL INSTITUTE. P.27600. **The Oriental Institute**, 2014e. Disponível em: <<https://oi-idb.uchicago.edu/id/70384d48-fdea-437d-833b-1f5f1948e43b>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

OTTOSSON, M. **Temples and Cult Places in Palestine**. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1980. (Boreas; v. 12)

PADFIELD, D. Turkey: Carchemish (Karkamis). **Church of Christ in Zion, Illinois**, 2016. Disponível em: <<http://www.padfield.com/turkey/carchemish/images/carchemish-04.jpg>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

PALS, D.L. **Eight Theories of Religion**. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2006.

PANORAMIO. Biblical Ekron (Tel Migne). **Panoramio**, 2017. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?rlz=1C1GCEA_enBR747BR747&biw=1920&bih=974&tbm=isch&sa=1&ei=ae59WrXPJoKewgTfIL_QCQ&q=TEL+MIQNE&oq=TEL+MIQNE&gs_l=psy-ab.3.0i19k1.136580.136580.0.137414.1.1.0.0.0.135.135.0j1.1.0.0.1c.1.64.psy-ab.0.1.134.0.r6t_qx>. Acesso em: 23 jan. 2017.

PARDEE, D. **Ritual and Cult at Ugarit**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2002. (WAW; v. 10).

PARKER PEARSON, M.; RICHARDS, C. **Architecture and Order: Approaches to Social Space**. London: Routledge, 2003.

PATAI, R. **The Hebrew Goddess**. 3rd ed. Detroit: Wayne State University Press, 1990.

PEDRAZZI, T. Fingere l'Identità Fenicia: Confini e Cultura Mareliale in Orient. **Rivista di Studi Fenici**. Roma, v. 40 (2), p. 137-157, 2012.

PEIRCE, C.S. **Collected Papers**. Vol. II: Elements of Logic. Cambridge: Harvard University Press, 1932.

PEIRCE, C.S. **Collected Papers**. Vol III: Exact Logic (Published Papers). Cambridge: Harvard University Press, 1932.

PELLICER CATALÁN, M. **La Necrópolis Laurita (Almuñcar, Granada) en el Contexto de la Colonización Fenicia**. Barcelona: Laboratorio de Arqueología, Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, 2007. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; v. 15).

PENN MUSEUM. Cult Object, Offering Stand. **Penn Museum**, 2017a. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/200223>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PENN MUSEUM. Cult Object, Offering Stand. **Penn Museum**, 2017b. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/153521>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PENN MUSEUM. Plaque. **Penn Museum**, 2017c. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/296879>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PENN MUSEUM. Cult Object, Plaque. **Penn Museum**, 2017d. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/210432>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PENN MUSEUM. Jug. **Penn Museum**, 2017e. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/302370>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

PENN MUSEUM. Statue. **Penn Museum**, 2017f. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/157269>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PENN MUSEUM. Votive Stela. **Penn Museum**, 2017g. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/329231>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PENN MUSEUM. Wand. **Penn Museum**, 2017h. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/45326>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PENN MUSEUM. Cult Object, Plaque. **Penn Museum**, 2017i. Disponível em: <<https://www.penn.museum/collections/object/210734>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PERDUE, C.W.; DOVIDIO, J.F.; GURTMAN, M. B.; TYLER, R.B. Us and Them: Social Categorization and the Process of Intergroup Bias. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington/DC, v. 59 (3), p. 475-486, 1990.

PERREAULT, S.; BOURHIS, R.Y. Ethnocentrism, Social Identification, and Discrimination. **Personality and Social Psychology Bulletin**. Thousand Oaks/CA, v. 25, p. 92-103, 1999.

PETERSON-SOLIMANY, M.; KLETTER, R. The Iron Age Clay Figurines and a Possible Scale Weight. In: GREENHUT, Z.; DE GROOT, A. (Eds.). **Salvage Excavations at Tel Moza: The Bronze and Iron Age Settlements and Later Occupations**. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 2009. Cap. 4, p. 115-124. (Israel Antiquities Authority; v. 39)

PETRIE, W.M.F. **Six Temples at Thebes, 1896**. London: Bernard Quaritch, 1897.

PETTEY, R.J. **Asherah: Goddess of Israel**. New York: Peter Lang, 1990. (American University Studies, Ser. 7; v. 74)

PETTIGREW, T.F. Intergroup Contact Theory. **Annual Review of Psychology**. Palo Alto/CA, v. 49, p. 65-85, 1998.

PIAGET, J. **Structuralism**. London: Psychology Press, 2015.

PICTORIAL LIBRARY OF BIBLE LANDS. Jordan Rift. **Pictorial Library of Bible Lands**, Jerusalem, 2004. Disponível em: <www.bibleplaces.com/plblupd/ppt/Jordan%20Rift.pptx>. Acesso em: 16 mar. 2017.

PICTURE NEWSLETTER. Syria. **Picture Newsletter**, 2017. Disponível em: <<http://www.picture-newsletter.com/syria/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

PINNOCK, F. Open Cults and Temples in Syria and Levant. In: **Interconnections in the Eastern Mediterranean**: Lebanon in the Bronze and Iron Ages. Proceedings of the International Symposium, Beirut 2008. Beirut : Ministère de la Culture, 2009, p. 195-288.

POMPANON, J.C. Galerie: Album: 12 Arad. **Terre de Dieu, Terres des Hommes**, 2017. Disponível em: <<http://www.pompanon.fr/gallery/665-12-arad.html#!pict29643>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

PRECEPT AUSTIN. Palestine Physical Topography. **Precept Austin**, 20 jan. 2018. Disponível em: <<http://www.seektheoldpaths.com/Maps/007a.jpg>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

PRITCHARD, J.B. (Ed.). **Ancient Near Eastern Texts**: Relating to the Old Testament. Princeton: Princeton University Press, 1969.

PRITCHARD, J.B. (Ed.). **Recovering Sarepta, a Phoenician City**: Excavations at Sarafund, 1969-1974, by the University Museum of the University of Pennsylvania. Princeton: Princeton University Press, 1978.

PRITCHARD, J.B. **Palestinian Figurines in Relation to Certain Goddesses Known through Literature**. New Haven: American Oriental Society, 1943.

PRITCHARD, J.B. The Phoenicians in Their Homeland. **Expedition Magazine**. Philadelphia/PA, v. 14 (1), p. 14-21, set. 1971.

PRITCHARD, J.B. **Sarepta**: A Preliminary Report on the Iron Age, Excavations of the University Museum of the University of Pennsylvania, 1970-72. Philadelphia: The University Museum, University of Pennsylvania, 1975.

PRITCHARD, J.B. The Tanit Inscription from Sarepta. In: NIEMEYER, H.G. (Ed.). **Phöenizier im Westen**. Die Beiträge des Internationalen Symposium über 'Die Phönizische Expansion im westlichen Mittelmeerraum' in Köln von 24. bis 27. April 1979. Mainz am Rhein: Zabern, 1982. p. 83-92. (Madrider Beiträge; v. 8)

PRITCHARD, J.B. **Sarepta IV**: The Object from Area II, X: the University Museum of the University of Pennsylvania Excavations at Sarafand, Lebanon. Beyrouth: Publications de l'Université Libanaise, 1988.

PRITCHARD, J.B. *et al.* **Sarepta**: A Preliminary Report on the Iron Age. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1975. (University Museum Monographs; v. 35)

PUCCI, M. **Functional Analysis of Space in Syro-Hittite Architecture**. Oxford: Archaeopress, 2008. (British Archaeological Reports, International Series; v. 1738)

QUILLIAN, L. Prejudice as a Response to Perceived Group Threat: Population Composition and Anti-Immigrant and Racial Prejudice in Europe. **American Sociological Review**. New York, v. 60, p. 586-611, 1995.

- RAINEY, A.F. Toponymic Problems (cont.). **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 8 (2), p. 146-151, 1981.
- RAINEY, A.F. Who or What Was Israel? Reply to D. Edelman. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 18 (2), p. 73-74, 1992.
- RASMUSSEN, C. Pair of Lions Column Base 1. **Holy Land Photos**, 6 mar. 2013. Disponível em: <<http://holylandphotos.org/browse.asp?s=1,3,10,563&img=TCMCTT06>>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- REDFORD, D. Egypt and Western Asia in the Late New Kingdom: An Overview. In: OREN, E.D. (Ed.). **The Sea Peoples and Their World: A Reassessment**. Philadelphia: The University Museum, University of Pennsylvania, 2000. p. 1-20.
- REED, W.L. **The Asherah in the Old testament**. Fort Worth: Texas Christian University Press, 1949.
- REHAK, P. Enthroned Figures in Aegean Art and the Function of the Mycenaean Megaron. In: REHAK, P. (Ed.). **The Role of the Ruler in the Prehistoric Aegean**. Proceedings of a Panel Discussion Presented at the Annual Meeting of the Archaeological Institute of America. Liège: Université de Liège, 1995. p. 95-118. (Aegaeum: Annales d'Archéologie et Égéeenne de l'Université de Liège et UT-PASP).
- REIDINGER, E. **Die Tempelanlage in Jerusalem von Salomo bis Herodes: Neuer Ansatz für Rekonstruktion durch Bauforschung und Astronomie**. Wiener Neustadt: Erwin Reidinger, 2005.
- RENDTORFF, R. **The Old Testament: An Introduction**. Philadelphia: Westminster Press, 1983.
- RENDTORFF, R. **The Problem of the Process of Transmission in the Pentateuch**. Sheffield: JSOT Press, 1990.
- RENDTORFF, R. The Paradigm is Changing: Hopes and Fears. In: LONG, P.J. (Ed.). **Israel's Past in Present Research: Essays on Ancient Israelite Historiography**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1999. p. 51-68. (Sources for Biblical and Theological Study; 7).
- RENFREW, C. **The Archaeology of Cult**. The Sanctuary at Phylakopi. London: The British School of Archaeology at Athens; Thames and Hudson, 1985 (Supplementary; v. 8).
- RENFREW, C. **The Roots of Ethnicity, Archaeology, Genetics and the Origins of Europe**. Roma: Conferenze Internazionale degli Istituti di Archeologia, Storia e Storia Dell'Arte in Roma, 1993.
- REYNOLDS, K.J.; TURNER, J.C.; HASLAM, S.A. When are We Better than Them and They Worse than Us? A closer look at social discrimination in positive and negative domains. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington/ DC, v. 78 (1), 64-80 Jan. 2000.
- RICKARDS, N. File: Carthage - Tanit.jpg. **Wikimedia Commons**, 29 nov. 2003. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carthage_-_Tanit.jpg>. Acesso em: 5 nov. 2017.

RIDDLE, A.D. Archaeological Surveys and Their Limitations. **Bible Places**, maio 2009. Disponível em: <<http://blog2.bibleplaces.com/labels/Analysis.html>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

ROBINSON, E. *et al.* Extracts from a Journal of Travels in Palestine &c., in 1838; Undertaken for the Illustration of Biblical Geography. **The Journal of the Royal Geographical Society of London**. London, v. 9, p. 295-310, 1839.

ROWE, A. **The four Canaanite temples of Beth-Shan**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1940.

ROWE, A.; VINCENT, L.H. New Light on the Evolution of Canaanite Temples as Exemplified by Restorations of the Sanctuaries Found at Beth-Shan. **Palestine Exploration Fund. Quarterly Statement**. London, v. 63, p. 12-21, 1931.

SADER, H. **Iron Age Funerary Stelae from Lebanon**. Cuadernos de Arqueología Mediterránea; v. 11. Barcelona: Bellaterra, 2005.

SALA, M. **L'architettura sacra della Palestina nella'età del Bronzo Antico I-III**: Contesto archeologico, analisi architettonica e sviluppo storico. Contributi e Materiali di Archeologia Orientale XIII. Rome: Sapienza Università di Roma, 2008.

SANDARS, N.K. **The Sea Peoples**: Warriors of the Ancient Mediterranean, 1250-1150 BC. London: Thames & Hudson, 1987.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

SAPIR-HEN, L. Environmental and Historical Impacts on Long Term Animal Economy: The Southern Levant in the Late Bronze and Iron Ages. **Journal of the Economic and Social History of the Orient**. Leiden, v. 57, p. 703-744, 2014.

SAPIR-HEN, L. Pigs as an Ethnic Marker? You Are What You Eat. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC. v. 42 (06), p. 41-43, Nov./Dec. 2016.

SAPIR-HEN, L. *et al.* Pig Husbandry in Iron Age Israel and Judah: New Insights Regarding the Origin of the "Taboo". **Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins**. Leipzig, v. 129 (1), p. 1-20, 2013.

SAPIR-HEN, L.; MEIRI, M.; FINKELSTEIN, I. Iron Age Pigs: New Evidence on Their Origin and Role in Forming Identity Boundaries. **Radiocarbon**. Tucson, v. 57 (2), p. 307-315, 2015.

SASSON, S.T. Eretz Israel Museum. **Israel's Good Name**, 28 mar. 2013. Disponível em: <<https://israelsgoodname.wordpress.com/2013/03/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

SAUSSURE, F. **Course in General Linguistics**. Tradução de Wade Baskin. New York: The Philosophical Library, 1959.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antonio Chelini; José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

SCHÄFER-LICHTENBERGER, C. The goddess of Ekron and the religious-cultural background of the Philistines. **Israel Exploration Journal**. Jerusalém, v. 50 (1-2), p. 82-91, 2000.

SCHAUDIG, H. A Tanit-Sign from Babylon and the Conquest of Tyre by Nebuchadrezzar II. **Ugarit Forschungen**. Münster, v. 40, p. 533-546, 2008.

SCHECHNER, R. **Essays in Performance Theory, 1970-1976**. New York: Drama Book Specialists, 1977.

SCHECHNER, R. **The Future of Ritual: Writings on Culture and Performance**. London: Routledge, 1993.

SCHLOEN, J.D. **The House of the Father as Fact and Symbol: Patrimonialism in Ugarit and the Ancient Near East**. Cambridge: Harvard Semitic Museum, 2001. (Studies in the Archaeology and History of the Levant; v. 2)

SCHMIDT, B.B. (Ed.). **The Quest for the Historical Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

SCHROER, S. **Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient**. Fribourg: Die Spätbronzezeit, 2011. (Eine Religionsgeschichte in Bildern ; v. 3).

SCHUMACHER, G. Die Ausgrabungen auf dem Tell el-Mutesellim. **Mitteilungen und Nachrichten des Deutschen Palästina-Vereins**. Leipzig, v. 10, p. 33-56, 1904.

SEBEEK, T.A. **Signs: An Introduction to Semiotics**. 2nd ed. Toronto: University of Toronto Press, 2001.

SEGAL, D. 14 C Dates from horvat Teiman (Kuntillet 'Ajrud) and Their Archaeological Correlation. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 22, p. 208-212, 1995.

SEIRAFI, F.; KIRICHIAN, A.; DUNAND, M. Recherches Archéologiques à Ayin Dara au Nordouest d'Alep. **Annales Archéologiques Arabes de Syrie**. Damasco, v. 15 (2), p. 3-20, 1965.

SETON-WILLIAMS, M.V. Palestinian Temples. **Iraq**. Cambridge, v. 11 (1), pp. 77-89, 1949.

SHANKS, H. Horned Altar for Animal Sacrifice Unearthed at Beer-Sheva. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 1 (1), p. 1, mar. 1975.

SHANKS, H. When Did Ancient Israel Begin? **Biblical Archaeology Review**. Washington, v. 38 (1), p. 59-62, 67, 2012.

SHANKS, H. Puzzling Finds from Kuntillet 'Ajrud. **Biblical Archaeology Review**, 15 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.biblicalarchaeology.org/daily/biblical-sites-places/puzzling-finds-from-kuntillet-ajrud%E2%80%94a-drawing-of-god-labeled-yahweh-and-his-asherah-or-the-egyptian-god-bes/>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

SHAPIRO, Y. Tell es-Safi Site Map: Closer View. **Tell es-Safi, Israel, Summers 2004-2005**, 2004. Disponível em: <<http://www.mnemotrix.com/geo/essafi/trench/zsite2.html>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

SHILOH, Y. Iron Age Sanctuaries and Cult Elements in Palestine. In: CROSS Jr., F.M. (Ed.). **Symposia Celebrating the 75th Anniversary of the Founding of the American Schools of Oriental Research**. Cambridge: American Schools of Oriental Research, 1979. p. 147-157.

SIBERMAN, N.A.; SMALL, D. (Eds.). **The Archaeology of Israel: Constructing the Past, Interpreting the Present**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997. (Journal for the Study of the Old Testament, Supplement Series; v. 237).

SIEGEL, S.M. Apartheid in Israel? Hardly. **Los Angeles Times**, 12 jan. 2014. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/2014/jan/12/opinion/la-oe-0112-siegel-israel-boycott-apartheid-20140112>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

SINGER, I. Merneptah's Campaign to Canaan and the Egyptian Occupation of the Southern Coastal Plain of Palestine in the Ramesside Period. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 269, p. 1-10, 1988.

SINGER, I. The Philistines in the Bible: A Short Rejoinder to a New Perspective. In: KILLEBREW, A.E.; LEHMANN, G. (Eds.). **The Philistines and Other "Sea Peoples" in Text and Archaeology**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. p. 19-28.

SINGER-AVITZ, L. Arad: The Iron Age Pottery Assemblages. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 29 (1), p. 110-214, 2002.

SMALL, D.B. Toward a Competent Structuralist Archaeology: A Contribution from Historical Studies. **Journal of Anthropological Archaeology**. Amsterdam, v. 6, p. 105-121, 1987.

SMALL, D.B. Group Identification and Ethnicity in the Construction of the Early State of Israel: From the Outside Looking in. In: SILBERMAN, N.A.; SMALL, D. (Eds.). **The Archaeology of Israel: Constructing the Past, Interpreting the Present**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

SMITH, A.D. **The Ethnic Origins of Nations**. Malden: Blackwell Publishers, 1986.

SMITH, A.D. **National Identity**. London: Penguin, 1991.

SMITH, B.B. (Ed.). **The Quest for the Historical Israel**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

SMITH, J.Z. **To Take Place**: Toward Theory in Ritual. Chicago: Chicago University Press, 1987.

SMITH, M. The Common Theology of the Ancient Near East. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta/GA, v. 71 (3), p. 135-147, Sep. 1952.

SMITH, M. **Palestinian Parties and Politics That Shaped the Old Testament**. New York: Columbia University Press, 1971.

SMITH, M.S. The Near Eastern Background of Solar Language for Yahweh. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta/GA, v. 109 (1), p. 29-39, 1990.

SMITH, M.S. **The Ugaritic Baal Cycle**. Vol. I. Leiden: E.J. Brill, 1994. (Supplements to Vigiliae Christianae; v. 1)

SMITH, M.S. **The Origins of Biblical Monotheism**: Israel's Polytheistic Background and the Ugaritic Texts. Oxford: Oxford University Press, 2001.

SMITH, M.S. **The Early History of God**: Yahweh and Other Deities in Ancient Israel. Grand Rapids: William E. Eerdmans Publishing Company, 2002.

SMITH, M.S. 'Athtart in Late Bronze Age Syrian Texts. In: SUGIMOTO, D.T. (Ed.). **Transformation of a Goddess**: Ishtar - Astarte - Aphrodite. Fribourg: Academic Press Fribourg; Vandenhoeck & Ruprecht Göttingen, 2014. p. 33-85. (Orbis Biblicus et Orientalis; v. 263)

- SOGGIN, J.A. **A History of Ancient Israel from the Beginnings to the Bar Kochba Revolta, A.D. 135**. Philadelphia: The Westminster Press, 1985.
- SPIEGELBERG, W. The Inscriptions. In: FLINDERS PETRIE, W.M. (Ed.). **Six Temples at Thebes**. London: Bernard Quaritch, 1897. p. 20-30.
- STADE, B. Der Text des Berichtes über Salomos Bauten. **Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft**. Berlin, v. 3, p. 129-177, 1883.
- STADE, B. **Geschichte des Volkes Israel**. Vol. 1. Berlin: [G. Grote], 1887.
- STAGER, L.E. Merneptah, Israel and the Sea Peoples: New Light on an Old Relief. **Eretz Israel**. Jerusalém, v. 18, p. 56-64, 1985a.
- STAGER, L.E. The archaeology of the Family in Early Israel. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 260, p. 1-35, 1985b.
- STAGER, L.E. When Canaanites and Philistines Ruled Ashkelon. **Biblical Archaeology Review**. Washington/DC, v. 17/2, p. 24-43, 1991.
- STAGER, L.E. The Impact of the Sea Peoples in Canaan (1185-1050 BCE). In: LEVY, T.E. (Ed.). **The Archaeology of Society in the Holy Land**. London: Bloomsbury Publishing, 1995. p. 332-348.
- STAGER, L.E. Forging an Identity: The Emergence of Ancient Israel. In: COOGAN, M.D. (Ed.). **The Oxford History of the Biblical World**. New York: Oxford University Press, 1998. p. 123-175.
- STANNER, W.E.H. Reflections of Durkheim and Aboriginal Religion. In: FREEDMAN, M. (?). **Social Organization: Essays Presented to Raymond Firth**. London: Cass, 1967. p. 217-240.
- STARKEY, J.L. Excavations at Tell ed Duweir: The Wellcome Marston Archaeological Research Expedition to the Near East. **Palestine Exploration Quarterly**. Jerusalem, v. 69, p. 228-241, 1937.
- STEINER, M.L. **Excavations by Kathleen M. Kenyon in Jerusalem 1961-1967**. Vol. III: The Settlement in the Bronze and Iron Ages. London: Sheffield Academic Press, 2001.
- STERMAN, A. Davidic-era temple unearthed in dig near Jerusalem. **The Times of Israel**, 26 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.timesofisrael.com/davidic-era-temple-unearthed-in-tel-motza-dig/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- STERN, E. (Ed.). **The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land**. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 1993.
- STERN, E. (Ed.). **The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land**. Jerusalem: The Israel Exploration Society; Washington, DC: Biblical Archaeology Society, 2008. (Supplementary Volume, 5).
- STERN, E. **Material culture of the land of the Bible in the Persian period, 538-332 B.C.** Warminster: Aris & Phillips, 1982.
- STERN, E. Schumacher's Shrine in Building 338 at Megiddo: A Rejoinder. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 40 (2/3), p. 102-107, 1990.

STERN, M. The Political and Social History of Judea under Roman Rule. In: BEN-SASSON, H.H. (Ed.). **A History of the Jewish People**. Cambridge: Harvard University Press, 1976. p. 239-276.

STINESPRING, W.F. Temple, Jerusalem. In: BUTTRICK, G.A. (Ed.). **The Interpreter's Dictionary of the Bible**. New York: Abingdon Press, 1962. v. 4, p. 534-360.

STONE, E.C.; ZIMANSKY, P. **The Iron Age Settlement at 'Ain Dara, Syria**: Survey and Soundings. Oxford: Archaeopress, 1999. (British Archaeological Reports, International Series; v. 786)

STRANGE, J. **Caphtor/Keftiu**: A New Investigation. Leiden: E. J. Brill, 1980. (Acta Theologica Dánica; v. 14)

STRANGE, J. The Philistine City-States. In: HANSEN, M.H. (Ed.). **A Comparative Study of Thirty City-State Cultures**: An Investigation Conducted by the Copenhagen Polis Centre. Copenhagen: Royal Danish Academy of Sciences and Letters, 2000. p. 129-139. (Historisk-filosofiske Skrifter; v. 21)

STRIPLING, S. The Israelite Tabernacle at Shiloh. **Bible and Spade**. Akron, v. 29 (3), p. 89-94, 2016.

STUDIUM BIBLICUM FRANCISCANUM. Pella, Tabqat Fahl, Tell el-Husn. **Studium Biblicum Franciscanum**, 9 maio 2004. Disponível em: <<http://www.christusrex.org/www1/ofm/sbf/escurs/Giord/01GiordEn.html>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

STURROCK, J. **Structuralism**. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

SUFFRIN, G. Tel Dan. **Israel Tour Guide**, 2014. Disponível em: <<http://israel-tour-guide.com/tel-dan/>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

TADMOR, M. Female Cult Figurines in Late Canaan and Early Israel: Archaeological Evidence. In: ISHIDA, T. (Ed.). **Studies in the Period of David and Solomon and Other Essays**. Tokyo: Yamakawa-Shupansha, 1982. p. 139-173.

TAJFEL, H. Social Psychology of Intergroup Relations. **Annual Review of Psychology**. Palo Alto/CA, v. 33, p. 1-39, 1982.

TAMBLAH, S.J. A Performative Approach to Ritual. **Proceedings of The British Academy**. London: Oxford University Press, v. 65, 1979. p. 113-169.

TAYINAT ARCHAEOLOGICAL PROJECT. T-1801: The Esarhaddon Succession Treaty. **Tayinat Archaeological Project**, 2017. Disponível em: <<http://sites.utoronto.ca/tap/the-esarhaddon-succession-treaty.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

TEL DAN EXCAVATIONS. Israelite Temple. **Tel Dan Excavations**, 2008. Disponível em: <<https://teldan.wordpress.com/israelite-temple/>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

TELL HALAF AUSGRABUNGSPROJEKT. Introduction. **Tell Halaf Ausgrabungsprojekt**, 2017. Disponível em: <<http://www.grabung-halaf.de/index.php?l=eng>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

THE MEGIDDO EXPEDITION. Home. **The Megiddo Expedition**, 2017. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/megiddoexpedition/home>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

THE TELL ES-SAFI/GATH ARCHAEOLOGICAL PROJECT. The Weekly Find – Late Philistine Decorated Ware. **The Tell es-Safi/Gath Archaeological Project Official (and Unofficial) Weblog**, 23 abr. 2006. Disponível em: <<https://gath.wordpress.com/2006/04/23/the-weekly-find-late-philistine-decorated-ware/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

THIELE, E.R. **A Chronology of the Hebrew Kings**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

THIELE, E.R. **The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings**. 3rd ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1983.

THOBURN, E. Day 32 Power Travel. **ET's Travel Blog**, 16 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.elisabeth-thoburn.com/2010/02/16/day-32-%E2%80%93-power-travel/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

THOBURN, E. Day 32 Power Travel. **ET's Travel Blog**, 16 fev. 2010. Disponível em: <http://www.elisabeth-thoburn.com/wp-content/uploads/2010/02/6-Ain_Dara_Hittite_Temple_Entrance.jpg>. Acesso em: 20 fev. 2017.

THOMPSON, T.L. **Early History of the Israelite People from the Written and Archaeological Sources**. Leiden: Brill, 1992. (SHANE; v. 11)

THOMPSON, T.L. Historiography of Ancient Palestine and Early Jewish Historiography: W. G. Dever and the Not So New Biblical Archaeology. In: FRITZ, V.; DAVIES, P.R. (Eds.). **The Origins of the Ancient Israelite States**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996. p. 26-43.

THOMPSON, T.L. **The Myth of Past: Biblical Archaeology and the Myth of Israel**. London: Basic Books, 1999.

TRANTER, N. **Pinterest**, 2017. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/235313149255139480/>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

TRIGGER, B. Aims in Prehistoric Archaeology. In: _____. **Time and Traditions: Essays in Archaeological Interpretation**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1978. p. 19-36.

TRUBETZKOY, N.S. **Studies in General Linguistics and Language Structure**. Tradução de Marvin Tylor e Anatoly Liberman. Durham: Duke University Press, 2001.

TURNER, V. **Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Performance**. Ithaca: Cornell University Press, 1974.

TURNER, V. **The Anthropology of Performance**. New York: Performing Arts Journal Publications, 1987.

SOUTHERN ADVENTIST UNIVERSITY. The Fourth Expedition to Lachish. **Southern Adventist University**, 2014. Disponível em: <<http://www.southern.edu/lachish/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

URBAN, P.; SCHORTMAN, E. **Archaeological Theory in Practice**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2012.

USSISHKIN, D. Excavations at Tel Lachish, 1973-1977: Preliminary Report. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 5, p. 1-97, 1978a.

USSISHKIN, D. Lachish: Renewed Archaeological Excavations. **Expedition**. Tel Aviv, v. 20 (4), p. 18-28, 1978b.

USSISHKIN, D. The Date of the Judaeian Shrine at Arad. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 38 (1-2), p. 142-157, 1988.

USSISHKIN, D. Schumacher's Shrine in Building 338 at Megiddo. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 39 (3-4), p. 149-172, 1989.

USSISHKIN, D. (Ed.). The Renewed Archaeological Excavations at Lachish (1973-1994). 5 v. Monograph Series of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University 22. Tel Aviv: Tel Aviv University, 2004.

USSISHKIN, D. Megiddo. In: FREEDMAN, D.N. (Ed.). **Anchor Bible Dictionary**. New Haven: Yale University Press, 1992, v. 6. p. 666-679.

USSISHKIN, D. **The Renewed Excavations at Lachish (1973–1994)**. Tel Aviv: Emery and Claire Yass Publications in Archaeology, 2004, v. 1.

USSISHKIN, D. The Date of Building 338 at Megiddo: A Rejoinder. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 67 (1), p. 50-60, 2017.

UZIEL, J.; MAEIR, A.M. A Sense for Incense. **The Tell es-Safi/Gath Archaeological Project Official (and Unofficial) Weblog**, 15 mar. 2006. Disponível em: <<https://gath.wordpress.com/2006/03/15/a-sense-for-incense/>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

VAN EVERA, S. Primordialism Lives! **APSA-CP Newsletter of the Organized Section in Comparative Politics of the American Political Science Association**. Washington, v. 12, p. 20-22, 2001.

VINCENT, P.-L.-H. **Jérusalem de l'Ancien Testament**: recherches d'archéologie et d'histoire. Vol. 2: Archéologie du Temple. Paris: J. Gabalda & Cie., 1957.

VINK, J.G. The Date and Origin of the Priestly Code in the Old Testament. **Oudtestamentische Studiën**. Leiden, v. 15, p. 1-144, 1969.

VON RAD, G. The Form-Critical Problem of the Hexateuch. In: _____. **The Problem of the Hexateuch and Other Essays**. Edinburgh and London: Oliver & Boyd, 1966. p. 1-78.

WALLERSTEIN, I. The Construction of Peoplehood: Racism, Nationalism, Ethnicity. **Sociological Forum**. Wayne, v. 2 (2), p. 373-388, 1987.

WARREN, C. **The Ancient Cubt and our Weights and Measures**. London: The Committee of the Palestine Exploration Fund, 1903.

WATZINGER, C. **Denkmäler Palästinas**: Eine Einführung in die Archäologie des Heiligen Landes I – Von den Anfängen bis zum ende der israelitischen Königszeit. Leipzig: Hinrichs'sche Buchhandlung, 1933.

WATZINGER, C. **Denkmäler Palästinas**: eine Einführung in die Archäologie des Heiligen Landes. Leipzig: Hinrichs'sche Buchhandlung, 1935.

- WEBER, M. **Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie**. Tübingen: Verlag von J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1922.
- WEBER, M. The Origins of Ethnic Groups. In: HUTCHINSON, J.; SMITH, A.D. (Eds.). **Ethnicity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 35-39.
- WEINSTEIN, J.M. **Foundation Deposits in Ancient Egypt**. Ph.D. Thesis. 1973. University of Pennsylvania, Philadelphia.
- WEIPPERT. Synkretismus und Monotheismus: Religionsinterne Konfliktbewältigung im alten Israel. In: ASSMANN, J.; HARTH, D. (Ed.). **Kultur und Konflikt**. Frankfurt: Suhrkamp, 1990. p. 143-173.
- WELCH, F.B. **The Influence of the Aegean Civilisation on South Palestine**. London: Palestine Exploration Fund, 1900. p. 342-350.
- WELLHAUSEN, J. **Prolegomena to the History of Israel**. Edinburgh: Adam & Charles Black, 1885.
- WHITELAM, K.W. **The Invention of Ancient Israel: The Silencing of Palestinian History**. New York: Routledge, 1996.
- WIGHTMAN, G.J. Megiddo VIA-III: Associated Structures and Chronology. **Levant**. London, v. 17, p. 117-129, 1985.
- WIGHTMAN, G.J. **Sacred Spaces: Religious Architecture in the Ancient World**. Leuven: Peeters, 2007. (Ancient Near Eastern Studies, Suppl. Series; v. 22)
- WILDER, D.; SIMON, A.F. Affect as a Cause of Intergroup Bias. In: BROWN, R.; GAERTNER, S.L. (Eds.). **Blackwell Handbook of Social Psychology: Intergroup Processes**. Malden: Blackwell, 2001. p. 153-172.
- WILKINSON, T.J.; PELTENBURG, E.; WILKINSON, E.B. (Eds.). **Carchemish in Context: The Land of Carchemish Project, 2006-2010**. Oxford: Oxbow Books, 2016.
- WILSON, C.W. **Shiloh**. Jerusalem: Palestinian Exploration Fund, 1873. (Quarterly Statement; v. 5-6)
- WILSON, I.D. Judean Pillar Figurines and Ethnic Identity in the Shadow of Assyria. **Journal for the Study of the Old Testament**. Sheffield, v. 36, p. 259-278, 2012.
- WILSON, J.A. The Egyptian Middle Kingdom at Megiddo. **The American Journal of Semitic Languages and Literatures**. Chicago, v. 58/3, p. 225-236, 1941.
- WINTER, G. **Frau und Göttin: Exegetische und ikonographische Studien zum weiblichen Gottesbild im Alten Israel und in dessen Umwelt**. Freiburg, Switzerland: Universitätsverlag; Göttingen, Germany: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983. (Orbis Biblicus et Orientalis; v. 53)
- WEIPPERT, M. Synkretismus und Monotheismus: Religionsinterne Konfliktbewältigung im alten Israel. In: ASSMANN, J.; HARTH, D. (Hg.). **Kultur und Konflikt**. Frankfurt: SV, 1990. p. 143-179.
- WISEMAN, D.J. **Chronicles of Chaldaean Kings (626-556 B.C.) in the British Museum**. London: The Trustees of the British Museum, 1956.

WOOD, B.G. The Philistines Enter Canaan. Were They Egyptian Lackeys or Invading Conquerors? **Biblical Archaeology Reviews**. Washington/DC, v. 17 (6), p. 44-52, 89-90, Nov./Dec. 1991.

WOOLLEY, C.L. **Alalakh**: An Account of the Excavations at Tell Atchana in the Hatay, 1937-1949. Oxford: The Society of Antiquaries, 1955.

WORLD MONUMENTS FUND. Temple of the Storm God in the Citadel of Aleppo. **World Monuments Fund**, 2010. Disponível em: <<https://www.wmf.org/project/temple-storm-god-citadel-aleppo>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

WRIGHT, D.P. Syria and Canaan. In: JOHNSTON, S.I. (Ed.). **Religions of the Ancient World**: A Guide. Cambridge: Belkna Press; Harvard University Press, 2004. p. 173-180.

WRIGHT, G.E. Solomon's Temple Resurrected. **The Biblical Archaeologist**. Boston/MA, v. 4 (2), p. 17-31, maio 1941a.

WRIGHT, G.E. The Four Canaanite Temples of Beth-Shan. **American Journal of Archaeology**. Boston/MA, v. 45, p. 483-485, 1941b.

WRIGHT, G.E. Archaeology of Palestine. In: WRIGHT, G.E. (Ed.). **The Bible and the Ancient Near East**: Essays in Honor of W. F. Albright. The Biblical Colloquium. Winona Lake: Eisenbrauns, 1961a, p. 73-112.

WRIGHT, G.E. The Temple in Palestine-Syria. In: WRIGHT, G.E.; FREEDMAN, D.N. (Eds.). **The Biblical Archaeologist Reader**. Chicago: Quadrangle Books, 1961b. Cap. 3, p. 169-184.

WRIGHT, G.R.H. Pre-Israelite Temples in the Land of Canaan. **Palestine Exploration Quarterly**. Jerusalem, v. 103, p. 17-32, Jan.-June 1971.

WRIGHT, G.R.H. **Ancient Building in South Syria and Palestine**. Leiden: E. J. Brill, v. 2, 1985.

WRIGHT, J.C. The Archaeological Correlates of Religion: case studies from the Aegean. In: LAFFINEUR, R.; NIEMEIER, W.D. (Eds.). **Politeia, Society and State in the Aegean Bronze Age**. Proceedings of the 5th International Aegean Conference, University of Heidelberg, 10-13 April 1994. [Liège]: [s.n.], 1995. p. 343-348. (Aegaeum; v. 12)

WYATT, N. Royal Religion in Ancient Judah. In: STAVRAKOPOULOU, F.; BARTON, J. (Eds.). **Religious Diversity in Ancient Israel and Judah**. London: T. & T. Clark International, 2010. p. 61-81.

WYLIE, A. **Thinking from Things**: Essays in the Philosophy of Archaeology. Berkeley: University of California Press, 2002.

WYLIE, M.A. Epistemological Issues Raised by a Structuralist Archaeology. In: HODDER, I. (Ed.). **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 39-45.

YADIN, Y. A Note on the Stratigraphy of Arad. **Israel Exploration Journal**. Jerusalem, v. 15 (3), p.152-154, 1965.

YADIN, Y. **Hazor**: The Discovery of a Great Citadel of the Bible. New York: Random, 1975.

YADIN, Y. The Age of the Monarchies, Culture and Society. In: MALAMAT, A. (Ed.). **The World History of the Jewish People**. Jerusalem: Massada, 1979. v. 5, p. 187-235.

YASSINE, K. **Tell El Mazar I**: Cemetery A. Amman: University of Jordan, 1984.

YASSINE, K. **The Archaeology of Jordan**: Essays and Reports. Amman: Department of Archaeology, University of Jordan, 1988.

YASSINE, K.; STEEN, E.V.D. **Tell El-mazar II**: Excavations on the Mound 1977-1981. Field I. Oxford: Archaeopress, 2012. (British Archaeological Reports Series; v. 2430)

YASUR-LANDAU, A. The Mother(s) of All Philistines? Aegean Enthroned Deities of the 12th-11th Century Philistia. In: LAFFINEUR, R.; HÄGG, R. (Eds.). **Potnia**: Deities and Religion in the Aegean Bronze Age. Liège: Université de Liège, 2001. p. 329-343. (Aegaeum; v. 22)

YASUR-LANDAU, A. **The Philistines and Aegean Migration at the End of the Late Bronze Age**. New York: Cambridge University Press, 2010.

YATES, D. Tel Dan - ancient Israel's northern most settlement. **Debbie's Blog**, 2014. Disponível em: <<http://lanedebbielance.blogspot.com.br/2014/02/tel-dan-ancient-israels-northern-most.html>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

YEIVIN, S. Solomon's Temple. **Encyclopedia Biblica**, Vol. 5. Jerusalem: Bialik, 1968. p. 328-346.

YELLE, R.A. **Explaining Mantras**: Ritual, Rhetoric, and the Dream of a Natural Language in Hindu Tantra. London and New York: Routledge, 2003.

YELLE, R.A. **Semiotics of Religion**: Signs of the Sacred in History. London: Bloomsbury Academic, 2013.

YOUNG, M.C. **The Politics of Cultural Pluralism**. Madison: University of Wisconsin, 1976.

YOUSSEF, A.A. Merenptah's Fourth Year Text at Amada. **Annales du Service des Antiquites de l'Egypte**. Cairo, v. 57, p. 273-81, 1962.

YURCO, F.J. Merenptah's Canaanite Campaign. **Journal of the American Research Center in Egypt**. San Antonio, v. 23, p. 189-215, 1986.

ZANNA, M.P.; OLSEN, J.M. (Eds.). **The Psychology of Prejudice**: The Ontario Symposium. Hillsdale: Erlbaum, 1994.

ZEDER, M.A. The Role of Pigs in Near Eastern Subsistence: A View from the Southern Levant. In: SEGER, J.D. (Ed.). **Retrieving the Past**: Essays on Archaeological Research and Methodology in Honor of Gus W. Van Beek. Winona Lake: Eisenbrauns, 1996. p. 297-331.

ZEVI, Z. The Khirbet el-Qôm Inscription Mentioning a Goddess. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**. Philadelphia, v. 255, p. 39-47, 1984.

ZEVIT, Z. **The Religions of Ancient Israel: A Synthesis of Parallaxic Approaches.** London: Continuum, 2001.

ZIMHORI, O. The Iron Age Pottery of Tel Eton and its Relation to the Lachish, Tell Beit Mirsim and Arad Assemblages. **Tel Aviv**. Tel Aviv, v. 12, p. 63-90, 1985.

ZUCKERMAN, S. The Temples of Canaanite Hazor. In: KAMLAH, J. (Ed.). **Temple Building and Temple Cult: Architecture and Cultic Paraphernalia of Temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.).** Wiesbaden: Harrassowitz, 2012. p. 99-126.

Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia

TOMO II

**ARQUEOLOGIA E SEMIÓTICA DO ESPAÇO
DOS TEMPLOS DE JUDÁ EM SEU CONTEXTO LEVANTINO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Arqueologia

Imagem: Acervo do autor. Produzido por Rodrigo Araújo de Lima, 2018

Jorge Luiz Fabbro da Silva

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari

São Paulo - 2018

labeca

CAPÍTULO 3 – CATÁLOGO ANALÍTICO DOS TEMPLOS

3.1 INTRODUÇÃO AO CATÁLOGO

O escopo deste capítulo é catalogar todos os templos do Levante, da Idade do Ferro, arqueologicamente conhecidos e já publicados, cuja planta baixa tenha sido evidenciada ou possa ser razoavelmente inferida. Como já foi dito, foram também incluídos edifícios ou fases construtivas de templos da Idade do Bronze que apresentam provável vínculo genealógico com algum dos templos da Idade do Ferro arrolados. Essa inclusão pretendeu maximizar a possibilidade de se identificar as características que provavelmente definiam, nessa época e região, a forma de disposição do espaço do culto. Presumiu-se, portanto, que traços arquitetônicos, mantidos ou abandonados ao longo da história de cada templo – isto é, ao longo de uma sucessão de episódios de construção, ampliação, reforma, destruição e reconstrução, às vezes de um mesmo edifício, às vezes de edifícios erigidos exatamente sobre as ruínas de outros, sugerindo algum grau de continuidade entre eles – têm o potencial de revelar quais teriam sido, na concepção dos construtores e usuários de cada templo, seus traços significantes imprescindíveis, aqueles que possuem valor semiótico fundamental. O Tabernáculo de Israel e o Templo de Jerusalém, de que não se têm evidências estritamente arqueológicas, mas apenas descrições literárias, foram também incluídos uma vez que, independentemente do grau de historicidade dessas descrições, elas dão testemunho, pelo menos, de uma importante concepção do que seria o templo ideal.

Na absoluta falta de um consenso quanto ao tipo de estrutura que deva ser classificada como *templo*, foram incluídas neste catálogo praticamente todas as edificações identificadas como *templos* pelos arqueólogos que as documentaram ou outros especialistas. Como definição operativa, porém, este estudo entenderá como *templo* a edificação que, mesmo vagamente, pareça ser, cumulativamente: (1) *instalação de culto*, isto é, estrutura que, por assemelhar-se a outras reconhecidas instalações de culto, em forma, equipamentos e artefatos, pareça também ter sido dedicada, principalmente, ainda que não exclusivamente, a algum tipo de atividade religiosa; (2) *instalação monumental*, isto é, estrutura que, por sua posição, segregação, tamanho, porte, técnica construtiva ou forma, sobressai-se das demais

em seu contexto imediato; (3) *instalação pública*, isto é, estrutura que, por apresentar facilidade de acesso e artefatos geralmente não encontrados em contextos privados, pareça ter função comunitária. Não foram incluídas nesta análise, portanto, (1) as instalações de culto muito parecidas, em forma, técnicas construtivas e conteúdo, com outras edificações de seu contexto, (2) as tipicamente domésticas e (3) as de espaço aberto.

3.2 ORGANIZAÇÃO DO CATÁLOGO

O catálogo é dividido em *seções* e *subseções*. Cada *seção* trata de um *sítio arqueológico*, e cada *subseção* trata de um *templo* ou *fase construtiva* de um templo.

No todo, 24 sítios arqueológicos são arrolados e apresentados em ordem alfabética. Por conveniência, apenas a parte principal do nome do sítio é empregada. Assim, por exemplo, o sítio de *Tel Megiddo* é aqui denominado, simplesmente, *Megido*. Cada sítio é apresentado com em uma ficha contendo os dados geográficos,¹ históricos e arqueológicos considerados mais relevantes para a consecução dos objetivos deste trabalho. Essa ficha inclui (a) uma foto do sítio; (b) dados de localização, tais como coordenadas geográficas, nome do local e país, e referências geográficas; (c) perfis de elevação; (d) um breve texto de introdução à história e arqueologia do sítio; e (e) as referências bibliográficas básicas, onde informações mais completas podem ser obtidas. Os perfis de elevação, cortados ao longo de dois eixos, norte-sul e oeste-leste, cada um com extensão de 3 km, tendo o respectivo sítio arqueológico como ponto de intersecção de ambos, representam o relevo atual e, apenas em linhas gerais, podem ajudar a vislumbrar a paisagem da antiguidade.

No todo, 64 templos, ou fases construtivas de um mesmo templo, são arrolados e apresentados, agrupados por sítio arqueológico, em ordem cronológica. Cada templo é referido pelo nome do sítio arqueológico onde foi encontrado, acompanhado de um número ou letra que indica, dependendo do caso, seu respectivo estrato, a designação que lhe foi atribuída pelos arqueólogos que o escavaram, ou apenas sua

¹ As coordenadas geográficas, os perfis de elevação e os dados de altitude e elevação são aqui oferecidos apenas como referência genérica, sem nenhuma pretensão à precisão. Gerados pelo *Google Earth*, um programa de computador que, como é amplamente sabido, apresenta larga margem de erro e imprecisões, esses dados devem ser considerados com prudência.

posição relativa na estratigrafia. Assim, por exemplo, *Megido 2048-X* refere-se à fase construtiva do templo 2048, descoberto em Tel Megiddo, na camada estratigráfica X; e *Megido 2048-IX* refere-se ao mesmo templo, na versão evidenciada na camada estratigráfica IX.

A análise de cada fase construtiva de um templo, em separado, reflete a pressuposição de que cada evento – seja ele a edificação original, uma reforma ou uma reconstrução – expressa a concepção arquitetônica preferida naquele momento, isto é, uma decisão culturalmente informada que seleciona traços e que, portanto, possui importante valor semiótico.

Cada templo, ou fase construtiva de um mesmo templo, é apresentado por meio de uma *tabela* e uma *sinopse*. A *tabela* condensa dados descritivos e analíticos. A *sinopse* descreve, critica e analisa esses dados. Ao final do catálogo, esses dados são consolidados em um *Resumo Analítico*, apresentado em forma de planilha.

3.2.1 Tabela

Cada tabela é encabeçada pela planta baixa do templo de que trata e por seu nome. A célula em que aparece o nome é preenchida com a cor *laranja*, exceto no caso dos dois únicos templos cuja análise se baseia, não em dados arqueológicos, mas em descrições literárias, em que o preenchimento é na cor *verde*.

3.2.1.1 Células Azuis: As células preenchidas com a cor *azul*, abaixo listadas, apresentam os dados de identificação do templo:

LOCALIZAÇÃO: Neste campo, são indicados o nome do sítio arqueológico, da cidade ou província, e do país moderno onde o templo foi descoberto.

COORDENADAS: As coordenadas geográficas indicam a localização aproximada do sítio arqueológico onde o templo foi descoberto.

STRATUM: São aqui informadas a área e a camada estratigráfica onde o templo foi encontrado, seguindo a designação que lhes foi dada pelos arqueólogos que as documentaram.

DATA: Neste campo, são indicados o período e a data propostos pelos arqueólogos que publicaram o templo. Considerando-se que, na maioria dos casos, outras datas têm sido avançadas por pesquisadores diversos, as que

são aqui apresentadas oferecem não mais do que uma referência cronológica genérica. De qualquer modo, exceto quando indicado, as diferentes cronologias propostas, em razão de sua sutileza, não chegam a afetar os resultados da análise aqui empreendida.

CULTURA: Neste campo, é informada a provável inserção cultural ou vínculo étnico do templo, proposta pelos arqueólogos que o documentaram. Tal dado é, em geral, inferido da localização de um templo num determinado território que conforme se presume, com base em evidências arqueológicas, literárias, epigráficas e históricas, teria estado sob o domínio de um determinado grupo social em uma determinada época. Os raros casos em que existem fontes escritas que fazem referência a um determinado templo, ou inscrições encontradas dentro do próprio templo ou a ele associadas, numa escrita indicativa de determinado grupo social, têm contribuído para se ter uma ideia da cultura à qual o templo estaria vinculado. Contudo, a diversidade de grupos sociais que ocupavam o Levante na Idade do Bronze e do Ferro, fazendo uso de língua, escrita e cultura material iguais ou muito parecidas, e a intensa interação entre eles, constituindo um contexto em que as fronteiras étnicas, linguísticas, territoriais e culturais tornam-se difusas, fluidas e, muitas vezes, praticamente impossíveis de serem discernidas, fazem com que a tentativa de vincular um templo a um grupo social seja, em muitos casos, tarefa bastante especulativa. Portanto, o dado aqui apresentado é, também, apenas uma referência genérica.

DIMENSÕES: As medidas do comprimento e da largura referem-se à planta baixa do prédio, incluindo pátios internos que eventualmente existam, mas não os pátios externos. Dadas em metros, elas são aproximadas e, por vezes, estimada, nos casos em que a evidência arqueológica é incompleta. Apenas nos casos do Tabernáculo e do Templo de Jerusalém, as medidas são dadas em côvados, como o fazem as fontes bíblicas.

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS: São aqui listados, de forma sumária, os principais artefatos encontrados dentro do edifício, ou a ele diretamente associados, que – em razão de sua forma, decoração, tamanho, quantidade ou concentração excepcionais; ou por não parecerem ter alguma função

econômica; ou, ainda, por serem frequentemente encontrados em contexto de culto – são geralmente considerados objetos de culto e que, por isso, contribuíram preponderantemente para que arqueólogos ou outros especialistas identificassem o edifício como sendo um templo. Os artefatos antropomórficos ou zoomórficos, ou que tenham em si imagens com tais formas, são listados sob o título *iconográficos*; os demais são indicados sob o título *outros*.

3.2.1.2 Células Cinzas: As células preenchidas com a cor *cinza*, abaixo listadas, apresentam os traços de caracterização da forma de disposição do espaço do templo. Esses traços, que presumivelmente resultam de um processo de escolha culturalmente informado e que, portanto, apresentam valor semiótico, são aqui destacados como elementos significantes de uma linguagem arquitetônica e serão, no próximo capítulo, objeto da análise.

COMPARTIMENTOS: Neste campo é indicada a quantidade das divisões internas do templo, não incluindo salas que, presumivelmente, seriam meros vestíbulos ou anexos, sem direta função nos rituais. Quando o prédio possui mais do que 3 salas com provável função de culto, este campo é preenchido com a palavra *complexo*.

FORMATO: Neste campo, é informado o formato da planta baixa do *templo* (isto é, o maior prédio da área de culto), da *nave* (isto é, o maior compartimento do templo) e da *cela* (isto é, o compartimento mais recôndito do templo). A literatura especializada emprega termos diversos para descrever e classificar templos e seus compartimentos, com significados que variam consideravelmente de autor para autor. Com o objetivo de evitar confusão, preferiu-se, neste trabalho, empregar apenas alguns desses termos e atribuir-lhes significado descritivo (relativo a tamanho e posição) e não interpretativo (relativo a função). Quando as linhas de sua planta baixa formarem um polígono equilátero com a entrada em um dos lados, serão considerados do tipo *quadrado*. Quando formarem um polígono com dois lados maiores e dois menores e a porta estiver em um dos lados menores, serão considerados do tipo *longo*; e, quando a porta estiver em um dos lados maiores, do tipo *largo*. Quando a cela tiver a forma de cavidade ou reentrância numa parede, será

considerada do tipo *nicho*. Quando o prédio possuir quatro ou mais compartimentos, de tamanhos semelhantes e distribuídos irregularmente, serão considerados do tipo *complexo*.

ENTRADA: São aqui oferecidas informações quanto à posição e tipo da entrada para o templo. A posição é dada em referência aos pontos cardeais. Quando a entrada for constituída apenas por uma abertura na parede, será considerada do tipo *simples*; e quando tiver a forma de pórtico ou vestíbulo, será considerada do tipo *complexo*. Quando houver mais do que uma entrada, a quantidade será indicada por número ao lado do respectivo ponto cardinal.

PÁTIO: Neste campo, são indicadas apenas a presença ou ausência de pátios externos e internos. A presença é indicada pela palavra *sim*; e a ausência pela palavra *não*.

COLUNAS: Neste campo, é indicada a quantidade de colunas internas e externas do templo.

SIMETRIA: Quando o eixo da planta baixa divide o prédio em duas partes que se correspondem em tamanho, forma ou arranjo, o templo é, neste campo, dito ser *simétrico*. Quando não se correspondem, o templo é considerado *assimétrico*.

ACESSO: O termo *acesso* refere-se aqui ao percurso a ser percorrido desde fora da área de culto até o ponto mais recôndito do templo, aparentemente imposto pelo formato e arranjo espacial das estruturas. Quanto ao eixo do acesso, dir-se-á que é *retilíneo* quando o percurso se dá em linha reta, unidirecionalmente; *angular*, quando exige mudança de direção; ou *difuso*, quando parece ser multidirecional. Quanto ao *nível*, dir-se-á que é *ascendente* quando qualquer dos pontos do percurso tiver nível mais elevado que o do ponto anterior; *descendente*, quando qualquer dos pontos do percurso tiver nível mais baixo que o do ponto anterior; e *plano* quando não houver significativa diferença de nível entre os diversos pontos. Quanto à *progressão*, quando o acesso se der por etapa, exigindo que, para se chegar ao compartimento mais recôndito, seja necessário atravessar um ou mais compartimentos em sucessão, dir-se-á que o templo é *progressivo*; quando o

compartimento mais recôndito for acessível de forma direta, sem necessidade de se passar por outros compartimentos, dir-se-á que o templo é *não progressivo*.

ALTITUDE: O valor aqui dado refere-se à altura vertical aproximada, em metros, da superfície atual do sítio arqueológico em relação ao nível do mar. Além dele, informa-se neste campo se o templo localiza-se em terras altas (montanhas ou planaltos) ou terras baixas (planícies ou vales).

ELEVAÇÃO: O valor aqui dado refere-se à altura vertical aproximada, em metros, da superfície atual do ponto onde se localizava o templo em relação ao nível mais baixo da superfície ao redor do sítio arqueológico, num raio de 1,5 Km. Além dele, informa-se aqui se o templo localiza-se numa elevação do terreno (e.g. monte, colina ou vertente), ao nível do terreno ou abaixo do nível do terreno.

SEGREGAÇÃO: Um templo é aqui considerado *segregado* quando está isolado; quando não compartilha paredes com outras edificações que eventualmente tenham sido evidenciadas ao seu redor; ou quando é separado dessas edificações, ou demais espaços urbanos, por ruas, praças, muros, fossos, desníveis ou qualquer outro recurso de distinção. É considerado *não segregado* o templo que não apresenta essas características.

CONTEXTO: Neste campo, são providas informações sumárias quanto à posição do templo em relação à sua paisagem.

3.2.1.3 Células Pretas: As células preenchidas com a cor *preta* indicam as fontes bibliográficas primárias relativas ao templo.

O sinal formado por três traços entre parênteses (---), colocado em qualquer campo, representa a inexistência ou o desconhecimento de dados relativos àquele campo.

Um ponto de interrogação entre parênteses (?), colocado imediatamente após um dado, indica que aquele dado resulta de inferência com alto grau de incerteza.

3.2.2 Sinopse

Os dados de cada templo, apresentados na *tabela* de forma sintética, são brevemente descritos e, quando julgado necessário, analisados e criticados na *sinopse*.

Embora, objeto de estudo seja aqui a forma de disposição do espaço de culto, especial atenção também é dada para os artefatos encontrados dentro das edificações, ou a elas diretamente associados, uma vez que são indicadores da função dessas edificações.

Com o objetivo de se identificar padrões recorrentes, diferenças e semelhanças entre os traços arquitetônicos e artefatos de um templo e os de outros templos são frequentemente destacados.

Cada seção, constituída por uma *tabela* e uma *sinopse*, é completa em si mesma, contudo, a análise crítica desenvolve-se crescentemente através das diversas seções do Catálogo.

3.2.3 Resumo Analítico

Ao final do catálogo, no Tomo III, um *Resumo Analítico* é apresentado em forma de planilha, em que são consolidados, condensadamente, todos os dados apresentados nas *tabelas* e *descritos* nas sinopses. Nele, são empregados os mesmos nomes, cores e critérios usados nas células das *tabelas*.

3.3 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E SEUS TEMPLOS

As páginas seguintes deste capítulo apresentam, dentro dos limites geográficos, cronológicos e conceituais deste trabalho, uma breve descrição e análise dos sítios arqueológicos e seus respectivos templos.

3.3.1 Abu Havam

Figura 3.1 – Tell Abu Havam
(GOOGLE EARTH, 2017; *ver também* HANAY, 2011)

LOCALIZAÇÃO		
32° 48' 03" N 35° 01' 12" L	Tell Abu Havam Haifa, Israel	Bat Galim, Haifa, Israel 1,5 Km a SE do porto de Haifa

Já submetida a diversas escavações arqueológicas (BALENSI, 1985, 1988; HAMILTON, 1934; HERRERA; BALENSI, 1992; BALENSI; HERRERA; ARTZY, 1993; BALENSI; HERRERA; BUNIMOVITZ, 1985), Tell Abu Havam foi uma antiga cidade portuária localizada na costa oriental do Mediterrâneo, no estuário do Rio Qishon, onde fica hoje o bairro de Bat Galim, na cidade de Haifa, Israel (Fig. 3.1). Durante a Idade do Bronze e do Ferro, o assentamento estendia-se a beira mar, contudo, em razão de alterações tectônicas e do consequente abaixamento do nível das águas, o sítio encontra-se hoje a cerca de 1,5 Km para o interior da faixa costeira, do lado sul da Baía de Haifa, dentro da moderna cidade de Haifa, Israel.

Figura 3.2 – Tell Abu Havam, Planta
(HAMILTON, 1932. Área dos templos destacada em vermelho)

Duas edificações sobrepostas, identificadas pelos arqueólogos que as escavaram como “templos”, foram evidenciadas em Tell Abu Havam (Figs. 3.2 e 3.3):

o Templo 50 (Stratum V, Bronze Recente) e o Templo 30 (Stratum IV, Ferro I). A predominância de cerâmica cipriota e, em menor quantidade, minoica nos *strata* V-IV tem sugerido para alguns que, no Bronze Recente, a maior parte da população era formada por alguma parcela dos assim chamados *povos do mar*. Considerando-se a atestada expansão da influência fenícia para o sul do litoral, tem sido também sugerido que, no Ferro I, Tell Abu Havam esteve sob controle dos fenícios. A estratigrafia nos templos 30 e 50, contudo, é bastante confusa e, por isso, não tem sido possível determinar com precisão se a cerâmica predominantemente do Bronze Recente pertence apenas ao Templo 50 (Stratum V) ou também ao Templo 30 (Stratum IV) e se os poucos exemplares de cerâmica do Ferro I podem ser atribuídas ao Templo 30. Assim, pode-se apenas especular quanto à exata cronologia e etnicidade dessas estruturas.

Figura 3.3 – Templos 30 e 50 Sobrepostos

(HAMILTON, 1934, pl. IX-2)

Abu Havam 50
LOCALIZAÇÃO
Tell Abu Havam Haifa, Israel
COORDENADAS
32° 48' 03" N 35° 01' 12" L
STRATUM
Stratum V
DATA
Bronze Recente > 1200 a.C.
CULTURA
Fenício (?), Povos do Mar (?)

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
9,5 m	6,5 m

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
SE (?), NE (?)	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	4

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano (?)	Não Progressivo

ALTITUDE
7 m - Planície

ELEVAÇÃO
7 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Vaso em formato de touro.	Depressão no centro do piso interno, delimitada por pedras chatas, com revestimento branco. Proporção excepcional de cerâmica importada, principalmente cipriota.

CONTEXTO
Centro urbano, portuário. Prédio isolado, com pilastras externas nas paredes N e S, diferente de todas as outras construções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BALENSI, 1985, 1988; BALENSI; HERRERA; ARTZY, 1993; BALENSI; HERRERA; BUNIMOVITZ, 1985; DEVER, 1997; HAMILTON, 1934; HERRERA, 1992

Dentro do núcleo urbano de Abu Hawam, o Templo 50 era o único prédio isolado, não compartilhando paredes com outras estruturas. Era constituído por uma única sala, retangular, medindo 6,5 m de largura por 9,5 m de comprimento, eixo longitudinal no sentido noroeste-sudeste. Pilastras externas sustentavam as paredes do norte e do sul, sendo quatro pilastras de cada lado, equidistantes. Não foram evidenciadas aberturas nas paredes, de modo que não é possível saber com certeza a posição da entrada ou entradas. Alicerces encostados no lado nordeste, e talvez também no lado sudoeste, podem sugerir a presença de um ou dois pórticos, mas isso é incerto. Quatro pedras chatas encontradas dentro do templo sugerem a existência de colunas para sustentar o teto, presumivelmente posicionadas como se cada uma estivesse no vértice de um quadrilátero com quatro ângulos retos.

Figura 3.5 – Vaso Cerâmico Zoomórfico

(BALENSI, 1985, p. 68, fig. 2)

Uma depressão no centro do piso, delimitada por pedras chatas, com revestimento branco, parece ser uma fogueira ou uma bacia para água ou outro líquido. Um vaso cerâmico em forma de touro (Cipriota Recente IIC) foi encontrado associado ao “templo 50” (Fig. 3.5).

As características arquitetônicas, instalações e artefatos associados ao Templo 50 não são indícios suficientes para determinar sua função, uma vez que poderiam estar presentes não apenas em um templo, mas em qualquer palácio, prédio público ou administrativo.

Abu Havam 30
LOCALIZAÇÃO
Tell Abu Havam Haifa, Israel
COORDENADAS
32° 48' 03" N 35° 01' 12" L
STRATUM
Stratum IV
DATA
Ferro IB-IIA 1100-950 a.C.
CULTURA
Fenício

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
14 m	9 m

COMPARTIMENTOS
1 (?)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
NO (?)	(---)

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano (?)	Não Progressivo

ALTITUDE
7 m - Planície

ELEVAÇÃO
7 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Não Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Vaso em formato de touro.	Coluna com 94 cm de altura, sem função estrutural, contendo, em sua extremidade superior, um sulco raso em sua face oriental. Proporção excepcional de cerâmica cipriota.

CONTEXTO
Centro urbano, portuário. Prédio com estrutura semelhante à dos demais. Encostado a outros prédios no lado norte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BALENSI, 1985, 1988; BALENSI; HERRERA; ARTZY, 1993; BALENSI; HERRERA; BUNIMOVITZ, 1985; DEVER, 1997; HAMILTON, 1934; HERRERA, 1992

Construído exatamente sobre as ruínas do Templo 50, o chamado Templo 30 (Stratum IV, Ferro IB/IIA) é constituído por uma única sala retangular, medindo 9 m de largura por 14 m de comprimento, com eixo longitudinal no sentido noroeste-sudeste. Também nesse caso, não foram encontrados indícios da entrada do recinto. Partes de um alicerce encostado do lado de fora da parede oeste talvez sejam remanescentes de um pórtico. Contudo, uma instalação de natureza incerta, que foi encontrada encostada a essa mesma parede, do lado de dentro, e tomando mais da metade de sua extensão, impediria a passagem. Diferentemente do Templo 50, o Templo 30 não possuía pilastras externas. Não foram encontradas evidências de colunas estruturais internas.

Dentro do Templo 30, foi encontrada uma coluna com 94 cm de altura, em que foi entalhado um sulco na face oriental de sua extremidade superior. Por não ter função estrutural e por aparentemente privilegiar o lado do nascer do sol, essa coluna talvez possa ser interpretada como um artefato de culto. Ao pé desse pilar foi encontrada uma estatueta de bronze dourado, supostamente de uma divindade sentada, do tipo siro-egípcio. Tais indícios, associados ao fato de que foi construído exatamente sobre o Templo 50 e, alegadamente, seguindo a mesma planta e orientação – o que seria indicação de continuidade e, por conseguinte, do caráter sagrado do lugar –, sustentam o argumento de que essa estrutura era um templo (HAMILTON, 1934, p. 10-12, pl. IV e V; BALENSI; HERRERA; ARTZY, 1993; p. 10-11).

A continuidade entre o Templo 30 e o Templo 50, se existe, é, a rigor, apenas na sobreposição daquele sobre este. Não se sabe se os dois possuíam a mesma orientação porque, em ambos os casos, a entrada não foi encontrada. O Templo 30 era mais longo que o Templo 50. Em tamanho e espessura das paredes, o Templo 50 destacava-se das outras edificações, enquanto que o Templo 30 aparentemente se assemelhava a muitas outras. Conquanto o Templo 50 fosse totalmente separado dos demais, o Templo 30 ficava aparentemente encostado nas paredes de outras edificações. Quatro pedras chatas no chão do Templo 50 sugerem a existência de colunas para sustentar o teto, mas nenhuma evidência dessa natureza foi encontrada no Templo 30.

3.3.2 **Ain Dara**

LOCALIZAÇÃO		
36° 27' 37" N 36° 51' 10" L	Ain Dara Síria	1,2 Km a SO da Vila de Ain Dara; 40 Km a NO de Aleppo

Ain Dara (Fig. 3.7) é um sítio arqueológico localizado no norte da Síria, na margem leste do rio Afrin, tributário do rio Orontes, a cerca de 1,2 Km a sudoeste da vila de Ain Dara, 40 Km a noroeste da cidade de Aleppo e 77 Km a leste da costa oriental do Mediterrâneo, próximo à fronteira com a Turquia. Ele foi casualmente descoberto em 1954 e, desde então, tem sido submetido a diversas escavações (ABU ASSAF, 1985,1990, 1997; STONE; ZIMANSKY, 1999). O sítio é constituído por uma “cidade baixa”, murada, que se espalha do lado norte e leste de uma acrópole, aparentemente também murada, onde as escavações expuseram um templo que passou por três fases construtivas principais (Figs. 3.8 e 3.9).

Figura 3.9– Templo de Ain Dara
(EÖTVÖS LORÁND, 2006)

Ain Dara 1
LOCALIZAÇÃO
Ain Dara Síria
COORDENADAS
36° 27' 34" N 36° 51' 09" L
STRATUM
Stratum VII Fase 1
DATA
Bronze-Ferro I 1300-1000 a.C.
CULTURA
Neo-Hitita(?), Arameia(?)

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
30 m	20 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Quadrada	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
SE	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
223 m - Planície	20 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Ortóstatos com relevos e esculturas com figuras zoomórficas e antropomórficas, incluindo leões, esfinges e divindades. Pegadas gigantes esculpidas em baixo relevo.	(---)

CONTEXTO
Situado na acrópole de um centro urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ABU ASSAF, 1990, 1997; MONSON, 2000, 2006; NOVÁK, 2012; SEIRAFI; KIRICHIAN; DUNAND, 1965; STONE; ZIMANSKY, 1999

A Fase 1 representa a construção original do templo de Ain Dara, que durou aproximadamente do final do Bronze Recente até o final do Ferro I (1300-1000 a.C.). O prédio é retangular, medindo aproximadamente 20 m de largura por 30 m de comprimento, construído sobre um terraço artificial de 70 cm de altura. Ele é constituído por um pórtico, uma sala menor, larga, e uma sala maior, quadrada. Esses compartimentos são simétrica e consecutivamente alinhados, inclusive as passagens de um compartimento para outro, ao longo de um eixo retilíneo que se inicia no pátio a sudeste e termina no compartimento maior a noroeste.

O precinto era profusamente decorado com esculturas e ortóstatos, acrescidos de vários outros nas fases seguintes, dos quais 168 foram resgatados, com representações de leões, esfinges e divindades (Figs. 3.11, 3.12 e 3.15), o que oferece consistente fundamentação para sua identificação como *templo*.

Figura 3.11 – Escultura de Leão
(EÖTVÖS LORÁND, 2006)

Figura 3.12 – Ortóstato
(EÖTVÖS LORÁND, 2006)

No pátio à frente da entrada, calçado com lajes, foram encontrados um poço e uma bacia de pedra. Um lance de degraus conduzia ascendentemente do pátio para o pórtico *in antis*, pavimentado com duas lápides monolíticas, dispostas uma após a

outra. Na primeira lápide, as marcas de dois pés, com aproximadamente 1 m de comprimento cada, foram esculpidas em baixo relevo (Fig. 3.13). Na segunda, apenas a pegada do pé esquerdo, do mesmo tamanho. Do pórtico, adentrava-se a sala menor, larga, mas pouco profunda. Dessa, ascendia-se por um lance de degraus a uma passagem para o próximo compartimento. No piso dessa passagem, havia outra laje de pedra com uma pegada gigante, desta vez, do pé direito. Além desse limiar, encontrava-se a última sala, ampla, aproximadamente quadrada, em cujo extremo noroeste aparentemente havia uma plataforma elevada, ocupando toda a largura da sala e dividindo-a em duas partes aproximadamente iguais.

Figura 3.13 – Pegadas Gigantes
(ANCIENT ORIGINS, 2014)

Ain Dara 2
LOCALIZAÇÃO
Ain Dara Síria
COORDENADAS
36° 27' 34" N 36° 51' 09" L
STRATUM
Stratum VII Fase 2
DATA
Ferro II 1000 - 900 a.C.
CULTURA
Neo-Hitita(?), Arameia(?)

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
30 m	20 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Quadrada	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
SE	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
223 m - Planície	20 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Ortóstatos com relevos e esculturas com figuras zoomórficas e antropomórficas, incluindo leões, esfinges e divindades. Pegadas gigantes esculpidas em baixo relevo.	(---)

CONTEXTO
Situado na acrópole de um centro urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ABU ASSAF, 1990, 1997; MONSON, 2000, 2006; NOVÁK, 2012; SEIRAFI; KIRICHIAN; DUNAND, 1965; STONE; ZIMANSKY, 1999

Na Fase 2 (Ferro II, 1000-900 a.C), o pórtico do templo recebeu o acréscimo de duas colunas *in antis*. No mais, manteve-se quase exatamente igual ao que era na fase anterior.

Figura 3.15 – Ortóstatos
(THOBURN, 2010)

Ain Dara 3
LOCALIZAÇÃO
Ain Dara Síria
COORDENADAS
36° 27' 34" N 36° 51' 09" L
STRATUM
Stratum VII Fase 3
DATA
Ferro II 900 - 740 a.C.
CULTURA
Neo-Hitita(?), Arameia(?)

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
35 m	30 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Quadrada	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
SE	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
223 m - Planície	20 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Ortóstatos com relevos e esculturas com figuras zoomórficas e antropomórficas, incluindo leões, esfinges e divindades. Pegadas gigantes esculpidas em baixo relevo.	(---)

CONTEXTO
Situado na acrópole de um centro urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ABU ASSAF, 1990, 1997; MONSON, 2000, 2006; NOVÁK, 2012; SEIRAFI; KIRICHIAN; DUNAND, 1965; STONE; ZIMANSKY, 1999

Na Fase 3 (900-740 a.C.), o templo foi ampliado, passando a ter uma galeria ao redor de suas paredes externas, exceto na fachada (Fig. 3.16). As características básicas da planta baixa das duas fases anteriores mantiveram-se inalteradas.

O acesso progressivo e ascendente, do pátio externo à sala maior no final do eixo, além de sugerido pelas pegadas esculpidas no chão, é forçado pela disposição sucessiva dos compartimentos, pela única passagem de um para o outro e pela elevação crescente dos respectivos pisos. A disposição e o tamanho colossal das pegadas talvez sugiram o caminho percorrido pela divindade e sua presença no templo, o mesmo caminho que o adorador, no ritual ou na imaginação, presumivelmente deveria percorrer para comungar com seu deus.

Em razão do número e disposição dos compartimentos, da decoração e de outras características arquitetônicas, o templo de Ain Dara tem sido considerado o paralelo arqueológico mais próximo do templo construído pelo rei Salomão em Jerusalém (MONSON, 2000; NOVÁK, 2012, p. 51-52).

3.3.3 Aleppo

Figura 3.17 – Cidadela de Aleppo

(ARCHNET, 2006)

LOCALIZAÇÃO

36° 11' 58" N
37° 09' 46" L

Alepo
Síria

Cidadela dentro da moderna
cidade de Aleppo, na Síria

Perfil de Elevação Atual: Eixo Oeste-Leste

Perfil de Elevação Atual: Eixo Norte-Sul

Alepo, localizada no meio de uma das mais importantes rotas comerciais da antiguidade, a cerca de 100 km tanto do Mediterrâneo a oeste quanto do Eufrates a leste, é hoje a principal cidade do norte da Síria, mas tem sido continuamente habitada desde pelo menos o terceiro milênio a.C. Suas ruínas mais antigas, no alto de uma imponente colina (Fig. 3.17), incluem um grande templo (Fig. 3.18), decorado com muitas imagens de divindades e seres fantásticos entalhados em ortóstatos de pedra calcária (KOHLMEYER, 2000, 2009, 2012; GONNELLA; KHAYYATA; KOHLMEYER 2005).

Figura 3.18 – Templo de Alepo, Ortóstatos da Parede Norte
(WORLD MONUMENTS FUND, 2010)

O templo passou por, pelo menos, quatro fases construtivas. A primeira delas, da Idade do Bronze Antigo, meados do terceiro milênio a.C., não deixou vestígios suficientes para delinear seu traçado, portanto, não é aqui incluída.

Alepo 2
LOCALIZAÇÃO
Alepo Síria
COORDENADAS
36° 11' 58" N 37° 09' 45" L
STRATUM
Fase 2
DATA
Bronze Médio I 2500 a.C.
CULTURA
Amorita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
27 m	37 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Larga	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano (?)	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
428 m - Planalto	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Ortóstatos sem decoração.

CONTEXTO
Situado na acrópole de um centro urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
KOHLMEYER, 2000, 2009, 2012; GONNELLA; KHAYYATA; KOHLMEYER, 2005

Na Fase 2, datada do Bronze Médio, quando o local estava presumivelmente sob o controle de amoritas, o templo de Alepo era constituído por uma única sala ampla, com uma entrada ao sul e um nicho, medindo 4,4 m por 7,8 m, na parede norte, ambos centralizados e alinhados, cada um numa extremidade do eixo retilíneo. Internamente, ortóstatos lisos, sem imagens, revestiam a base da parede norte e provavelmente as demais. Externamente, foram encontrados indícios de uma espécie de corredor circundando o edifício, semelhante à galeria da última fase do templo de Ain Dara. Na frente do templo de Alepo há vestígios de uma câmara de entrada, provavelmente com uma sala de cada lado, e de degraus que conduziam a um ou mais pavimentos superiores, o que levou Kay Kohlmeyer (2009) a classificá-lo como do tipo *migdol*.¹

Figura 3.20 – Ortóstato de Teshub
(KOHLMEYER, 2009, p. 193)

Figura 3.21 – Ortóstato de Homem-Touro
(WORLD MONUMENTS FUND, 2010)

¹ Do hebraico מגדול (*migdol* = torre), refere-se ao tipo de templo dotado de uma ou mais torres.

Alepo 3
LOCALIZAÇÃO
Alepo Síria
COORDENADAS
36° 11' 58" N 37° 09' 45" L
STRATUM
Fase 3
DATA
Bronze Recente 1500 a.C.
CULTURA
Hitita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
27 m	37 m

COMPARTIMENTOS*
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Larga	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	PLANO (?)	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
428 m - Planalto	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Ortóstatos com figuras zoomórficas e antropomórficas.	(---)

CONTEXTO
Situado na acrópole de um centro urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
KOHLMEYER, 2000, 2009, 2012; GONNELLA; KHAYYATA; KOHLMEYER 2005.

Na Fase 3, datada da Idade do Bronze Recente, a espessura da parede norte passou de 10 m para 13,4 m, escondendo totalmente o nicho e os ortóstatos lisos. As paredes internas foram então revestidas com ortóstatos decorados com figuras em alto relevo de animais alados, “homens-touros” e “janelas falsas” (Figs. 3.21 e 3.23). O ortóstato mais alto e mais proeminente, representando Teshub, Deus da Tempestade, como informa uma inscrição luvita que o acompanha, foi colocado na parede oriental (Fig. 3.20). Isso levou Kohlmeyer (2009) a sugerir que, nesse período, agora sob o domínio do Império Hitita, o foco do culto passou do nicho que havia na parede norte para a imagem da divindade agora instalada na parede leste. Desse modo, o caminho ritual teria mudado, de um eixo retilíneo para um eixo em ângulo de 90°.

Figura 3.23 – Ortóstatos
(KOHLMEYER, 2009, p. 192)

Alepo 4
LOCALIZAÇÃO
Alepo Síria
COORDENADAS
36° 11' 58" N 37° 09' 45" L
STRATUM
Fase 4
DATA
Ferro I-II 1200 - 900 a.C.
CULTURA
Neo-Hitita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
27 m	37 m

COMPARTIMENTOS*
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Larga	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	PLANO (?)	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
428 m - Planalto	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Ortóstatos com figuras zoomórficas e antropomórficas.	(---)

CONTEXTO
Situado na acrópole de um centro urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
KOHLMEYER, 2000, 2009, 2012; GONNELLA; KHAYYATA; KOHLMEYER, 2005.

Na Fase 4 (Idade do Ferro), quando o Império Hitita já havia ruído, um ortóstato com a figura de um homem foi inserido na parede leste, ao lado de Teshub (Fig. 3.25 e 3.26). Inscrição luvita o identifica como Taita, “rei e herói da terra de Palistin”. Kohlmeyer (2009) especula que o acréscimo desse ortóstato deve ter alterado a natureza da cena, retirando da imagem da divindade o foco do culto e, consequentemente, restaurando o eixo retilíneo, com foco na parede norte. Contudo, ao invés de apoucar a divindade, é mais provável que a intenção de quem introduziu a imagem de Taita fosse exaltar o rei. Assim, presumindo-se a entronização do rei ao lado da divindade, deve-se também presumir que a posição do foco do culto não mudou e que, por conseguinte, o eixo de acesso continuou sendo angular, como na fase anterior.

Figura 3.25 – Ortóstatos de *Teshub* e *Taita*
(WORLD MONUMENTS FUND, 2010)

Figura 3.26 – Ortóstatos de *Teshub* e *Taita*
(WORLD MONUMENTS FUND, 2010)

3.3.4 **Arad**

Figura 3.27 – Fortaleza de Tel Arad
(HANAY, 2005)

LOCALIZAÇÃO		
31° 16' 51" N 35° 07' 33" L	Tel Arad Israel	10 Km a O de Arad, Israel

Tel Arad é um sítio arqueológico localizado na antiga fronteira sul do Reino de Judá, na borda do deserto do Negev, hoje a cerca de 10 Km a oeste da moderna cidade de Arad, Israel. Na Idade do Ferro II, uma fortaleza foi ali erigida (Fig. 3.27) e, juntamente com ela, um templo (Fig. 3.28). Uma inscrição encontrada em Arad contém a expressão “*casa de YHWH*” (AHARONI, 1981, p. 35). Aharoni sugere que seja uma referência ao Templo de Jerusalém (AHARONI, 1969, p. 29; 1981, p. 37). William Dever, por outro lado, entende que se refere ao próprio templo de Tel Arad (DEVER, 2005, p. 171). Em qualquer dos casos, a inscrição evidencia que YHWH, o deus dos judaítas, era a divindade ali venerada.

Figura 3.28– Templo de Tel Arad

(DURFEE, 2015)

Yohanan Aharoni, responsável pelas escavações realizadas em Tel Arad na década de 1960 (AHARONI, 1967 1968, 1969, 1973; HERZOG *et al.*, 1984), identificou quatro fases do templo (Strata XI-VIII), datando-as do séc. X ao séc. VII a.C. O relatório final dessas escavações, porém, jamais foi publicado, deixando muita dúvida quanto a sua estratigrafia e cronologia. Os membros da equipe de Aharoni – Ze’ev Herzog, Miriam Aharoni, Anson Rainey e Shmuel Moshkovitz – inicialmente adotaram suas conclusões, apenas com pequenas modificações. Com base em considerações históricas, por exemplo, propuseram que a destruição do Stratum X ocorreu “não muito tempo depois de meados do século nove a.C.” (HERZOG *et al.*,

1984, p. 12). Posteriormente, porém, com base em sua análise da cerâmica, Miriam Aharoni propôs uma data mais recente. Segundo ela, a Arad do Stratum X “foi destruída durante o primeiro quarto do 8º século a.C.” (AHARONI, 1985, p. 73). Embora com reservas, Herzog inicialmente também manteve o esquema cronológico geral proposto por Yohanan Aharoni (HERZOG, 1987, p. 77-79).

Outros pesquisadores, com base na análise da técnica de entalhe das pedras e na tipologia cerâmica, propuseram datas mais tardias para determinadas estruturas ou para todos os *strata* de Arad (LAPERROUSAZ, 1979, p. 99-144; MAZAR; NETZER, 1986, p. 87-89; NYLANDER, 1967, p. 56-59; YADIN, 1965, p. 180; ZIMHORI, 1985, p. 63-90). Considerações paleográficas levaram outros a propor datas também mais recentes (CROSS, 1979, p. 75-78; YADIN, 1979, p. 187-235). David Ussishkin, com base em observações estratigráficas e tipologia cerâmica, sustentou que o templo de Arad existiu apenas nos *strata* VII-VI (USSISHKIN, 1988).

Quarenta anos depois das escavações em Arad, Ze'ev Herzog empreendeu compreensiva reavaliação de todos os registros e do material colhido no sítio e concluiu ser necessário “restringir o uso do templo aos *Strata* X e IX” e alterar significativamente sua cronologia (HERZOG, 2002, p. 7, 14). Em sua interpretação, o templo de Arad teria funcionado apenas durante parte do séc. VIII a.C. (HERZOG, 2001, p. 169-170; 2013). A deficiente documentação das escavações em Tel Arad continua, entretanto, gerando divergentes interpretações estratigráficas e cronológicas (e.g. BLOCH-SMITH, 2015, p. 101-106; DEVER, 2005, p. 170-175; SINGER-AVITZ, 2002).

Em razão da localização de Tel Arad, de sua data estimada, das semelhanças únicas que seu templo tem com o Tabernáculo e o Templo de Salomão e, principalmente, das muitas inscrições em hebraico que ali foram encontradas, algumas das quais fazem referência a nomes mencionados nas fontes bíblicas e ao próprio YHWH, deus de Judá (AHARONI, 1981), há pelo menos consenso geral de que se trata de um templo judaíta.

Os relatórios preliminares, imprecisos na atribuição estratigráfica de instalações e artefatos, oferecem o seguinte esboço da história do templo de Arad.

Arad XI
LOCALIZAÇÃO
Tel Arad Israel
COORDENADAS
31° 16' 51" N 35° 07' 33" L
STRATUM
Stratum XI
DATA
Ferro II Séc. X a.C.
CULTURA
Judaíta

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
2,7 m	9 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Larga	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
L	Simplex

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
568 m - Planalto	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Altar de sacrifícios. Dois altares de incenso. Duas (talvez, três) <i>masseboth</i> .

CONTEXTO
Situado dentro de uma fortaleza, isolada no sul do território de Judá, norte do deserto do Negev.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
AHARONI, 1967 1968, 1969, 1973; HERZOG, 2001, 2002; HERZOG <i>et al.</i> , 1984.

Na primeira fase (Stratum XI, séc. X a.C.), o templo teria sido construído já com as características básicas que manteria ao longo de quase toda sua história. Uma entrada a leste dava acesso ao pátio. No centro deste, havia uma instalação de pedra, quadrada na base, encimada por uma grande lápide. Essa instalação foi logo interpretada como sendo um altar, em razão, principalmente, de dois drenos encontrados no seu topo, “provavelmente para o sangue dos sacrifícios de animais” (AHARONI, 1969, p. 31) e das medidas de sua base, que coincidem com as do altar de holocaustos do Tabernáculo bíblico, isto é, 5 por 5 côvados (AHARONI, 1969, p. 34; Ex 27:1). Do pátio, adentrava-se a nave do templo, que media 9 m de largura e 2,7 m de profundidade. Desse compartimento, acessava-se um nicho, no extremo oeste do templo.

Arad X
LOCALIZAÇÃO
Tel Arad Israel
COORDENADAS
31° 16' 51" N 35° 07' 33" L
STRATUM
Stratum X
DATA
Ferro II Séc. IX-VIII a.C. (?)
CULTURA
Judaíta

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
3,15 m	10,5 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Larga	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
L	Simple

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
568 m - Planalto	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Altar de sacrifícios. Incensário cerâmico. Duas tigelas cerâmicas inscritas com as letras hebraicas <i>qof</i> e <i>kaf</i> , possível abreviação do hebraico para <i>sagrado</i> .

CONTEXTO
Situado dentro de uma fortaleza, isolada no sul do território de Judá, norte do deserto do Negev.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
AHARONI, 1967, 1968, 1969, 1973; HERZOG, 2001, 2002; HERZOG <i>et al.</i> , 1984.

Na segunda fase (Stratum X, séc. IX a.C.), foram encontradas duas bases de coluna flanqueando a entrada do templo (AHARONI, 1969, p. 31, 34), à semelhança do que tem sido evidenciado em vários templos do Levante, como, por exemplo, em Ain Dara, Dan, Megido 2048, Moza e Tayinat II, e das descrições bíblicas do Templo de Jerusalém (1Rs 7:15, 21).

Nessa fase, a nave (Fig. 3.31) foi ampliada, passando a medir 10,5 m de largura. Aharoni (1967, p. 395; 1968, p. 22-25; 1969, p. 35-36) observou que a razão entre a medida original e a medida após a ampliação era a mesma entre o côvado egípcio comum (= 45 cm) e o côvado real (= 52,5 cm); isto é, 9 metros é igual a 20 côvados comuns e 10,5 metros continua sendo igual a 20 côvados, porém, reais. Isso sugere que, qualquer que tenha sido o motivo da ampliação, minucioso cuidado foi tomado para preservar a medida de 20 côvados. Significativamente, essa é também a medida que as fontes bíblicas dão para a largura do Templo de Salomão (2Cr 3:3; Ez 41:2, 4).

Figura 3.31– Templo de Tel Arad
(POMPANON, 2017)

Aparentemente, também nessa fase, salas anexas foram construídas do lado norte do pátio, diminuindo sua largura e fazendo com que a face norte do altar ficasse encostada à nova parede.

No pátio, ao pé do altar de sacrifícios, foram encontrados dois pratos (Fig. 3.34) inscritos com as letras hebraicas que talvez sejam abreviatura da palavra *sagrado* (AHARONI, 1981, p. 115-116).

Arad IX
LOCALIZAÇÃO
Tel Arad Israel
COORDENADAS
31° 16' 51" N 35° 07' 33" L
STRATUM
Stratum IX
DATA
Ferro II Séc. VIII a.C.
CULTURA
Judaíta

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
3,15 m	10,5 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Larga	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
L	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2 (?)	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
568 m - Planalto	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatueta de leão agachado, em bronze. Quatro fragmentos de EPJ.	Altar de sacrifícios. Pia, jarros, decantadores e frascos cerâmicos.

CONTEXTO
Situado dentro de uma fortaleza, isolada no sul do território de Judá, norte do deserto do Negev.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
AHARONI, 1967, 1968, 1969, 1973; HERZOG, 2001, 2002; HERZOG <i>et al.</i> , 1984.

Na terceira fase (Stratum IX, séc. VIII a.C.), foi evidenciado um lance de degraus ascendendo da cela para o nicho. Nesse limiar, foram encontrados dois altares de incenso, de pedra, um maior que o outro, e, dentro do nicho, duas ou talvez três *masseboth*,¹ também uma maior que a outra, uma delas com vestígios de pigmento vermelho (AHARONI, 1967, p. 248). William Dever, no contexto em que discute as referências a “YHWH e sua Asherah” nas inscrições de Kuntillet Ajrud (Fig. 2.11 e 2.12) e Khirbet el-Qôm (Fig. 2.13 e 2.14), sugere que as duas *masseboth* e os dois altares de incenso podem ser indicação de que “pelo menos duas divindades eram veneradas no templo de Arad” (DEVER, 2005, p. 175).

Figura 3.33 - Estatueta de Leão em Bronze

Proveniência: Tel Arad, Israel

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

Altura: 2,4 cm; Peso: 82,24 g

(ISRAEL MUSEUM, 2017h, Registro 1967-974)

Figura 3.34 - Prato Cerâmico

Proveniência: Tel Arad, Israel

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

Diâmetro: 13,5 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2017i, Registro 1967-969)

Próximo do altar de sacrifícios, no pátio, foi encontrada a estatueta de um leão agachado (Fig. 3.33), interpretada por Holladay como simples “peso de bronze” (HOLLADAY, 1987, p. 257). Dever, porém, sugere que deve ser interpretada à luz de um epíteto pelo qual a deusa *Asherah* era comumente chamada: “*Senhora Leão*” (DEVER, 2005, p. 175). A estatueta de Arad é semelhante a uma outra encontrada em Carquemis, numa vala próxima do templo da Idade do Ferro, porém de data incerta, em que também havia vários fragmentos de estatuetas de divindades e seres

¹ Do hebraico מַצְבֵּה (*massebah* = pillar), plural מַצְבֹּת (*masseboth*), refere-se a pilares ou lápides de pedra eretas, com função sacra.

fantásticos e outros objetos de culto (WOOLLEY, 1952, p. 175, Pl. 71a). Tanto no caso de Arad quanto no de Carquemis, a cabeça do leão está voltada para a direita. O leão de Carquemis, porém, é feito de terracota. Considerando a facilidade com que esse material perde massa, a estatueta de Carquemis não pode ser interpretada como instrumento de aferição de peso. Além disso, o contexto em que foi encontrada e os artefatos a ela associados sugerem que era objeto de culto. Assim, não é possível descartar a possibilidade de que o leão de Arad também tinha função cultual.

Em Arad, no mesmo *stratum*, quatro fragmentos de EPJ foram também encontrados associados ao templo: três no pátio e um numa das salas anexas (KLETTER, 1996, p. 211-212).

Arad VIII
LOCALIZAÇÃO
Tel Arad Israel
COORDENADAS
31° 16' 51" N 35° 07' 33" L
STRATUM
Stratum IX
DATA
Ferro II Séc. VII a.C.
CULTURA
Judaíta

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
3,15 m	10,5 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Larga	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
L	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2 (?)	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE
568 m - Planalto

ELEVAÇÃO
50 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Óstracos com nomes de indivíduos e famílias sacerdotais. Altar de sacrifícios desaparece nesta camada estratigráfica.

CONTEXTO
Situado dentro de uma fortaleza, isolada no sul do território de Judá, norte do deserto do Negev.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
AHARONI, 1967, 1968, 1969, 1973; HERZOG, 2001, 2002; HERZOG <i>et al.</i> , 1984.

SINOPSE

Na quarta e última fase (Stratum VIII, séc. VII a.C.), o altar de sacrifícios desaparece e, por fim, no Stratum VII, o templo já não existe.

3.3.5 Asdode

Figura 3.36 – Tel Asdode, localização indicada pelo círculo vermelho
(GOOGLE EARTH, 2017)

LOCALIZAÇÃO		
31° 45' 22" N 34° 39' 39" L	Tel Asdode Israel	5 Km a L do Mediterrâneo 6 Km a SE de Asdode

Tel Asdode é um sítio arqueológico cerca de 5 Km a leste da costa oriental do Mediterrâneo e 6 Km a sudeste da moderna cidade de Asdode, Israel (Fig. 3.36). Escavações arqueológicas realizadas entre 1962 e 1972 (DOTHAN, M., 1971, 1979, 1994; DOTHAN; BEN-SHLOMO, 2005, 2013; DOTHAN; DOTHAN, T., 1992, p. 13-73, 127-188; DOTHAN; FREEDMAN, 1967; DOTHAN; PORATH, 1982, 1993; FINKELSTEIN; SINGER-AVITZ, 2001) evidenciaram em vários pontos uma extensa camada de cinzas, com aproximadamente um metro de espessura, separando a última camada com típica cerâmica canaanita (Stratum XIV, final do Bronze Recente, séc. XIII a.C.) da primeira camada, com cerâmica tipicamente filisteia (Stratum XIII, Ferro I, séc. XII a.C.). Na fase inicial do assentamento filisteu (Stratum XIIIb), a típica produção local é de Cerâmica Monocrômica, também denominada Micênica IIIC-1b (Fig. 3.37), caracterizada por decoração em vermelho, marrom ou preto, sobre engobo creme claro. A partir do Stratum XIIIa, a produção passa a ser de Cerâmica Bicrômica (Fig. 3.38), caracterizada por decoração em preto e vermelho escuro sobre engobo creme claro (DOTHAN, 1979, p. 129, 131; DOTHAN; BEN-SHLOMO, 2005, p. 132). Os *strata* do período filisteu contêm uma grande cidade, com aproximadamente 30 ha, cercada por fortes muralhas e um portal a leste, constituída por uma acrópole e uma cidade baixa, em que foram evidenciadas duas instalações de culto, uma da Idade do Ferro I e outra do Ferro II.

Figura 3.37 – Cerâmica Monocrômica

Proveniência: Tel Mique, Israel

Data: Ferro I, séc. XII a.C.

(ALBRIGHT INSTITUTE OF ARCHAEOLOGICAL
RESEARCH, 2017)

Figura 3.38 – Cerâmica Bicrômica

(FRIDMAN, 2015)

Asdode XII
LOCALIZAÇÃO
Tel Asdode Asdode, Israel
COORDENADAS
31° 45' 13" N 34° 39' 24" L
STRATUM
Área H Stratum XII
DATA
Ferro I 1200 a.C.
CULTURA
Filisteu

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
25 m	10 m

COMPARTIMENTOS
COMPLEXO

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Complexo	Longa	Complexa

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
S, L e O (?)	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Não	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	2

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
47 m - Planície	15 m - Colina	Não Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatueta tipo <i>asdoda</i> .	Sala 5233: Estrutura apsidal. Sala 5337: Braseiro. Pomos de punhal banhados a ouro. Fragmentos de faiança. Caixa de marfim. Selo com escrita cipro-minoica. Cerâmica filisteia.

CONTEXTO
Situado na acrópole, na planície costeira da Filístia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
DOTHAN, M., 1971, 1979, 1993; DOTHAN, T., 2003; DOTHAN; BEN-SHLOMO, 2005; DOTHAN; DOTHAN, 1992; DOTHAN; FREEDMAN, 1967; EMANUEL, 2016.

Escavações na acrópole revelaram um complexo da Idade do Ferro I (Área H, Stratum XII) que, no entender de Moshe Dothan (1971; 1979; 1993), pode ter tido função ritual. Essa sugestão, guiada pelo princípio da *distinção da edificação* como critério para identificação de instalações de culto, baseia-se nas características arquitetônicas de dois grandes prédios do complexo, o de número 5233 e o de número 5337 (Fig. 3.39), contíguos, separados pela parede de entremeio que compartilham, mas sem passagem direta de um para o outro, bem como nos artefatos neles encontrados.

Figura 3.40 – Prédio 5233, Stratum XII

(DOTHAN, 1993, p. 97)

O Prédio 5233 contém uma estrutura apsidal, única nas construções do Levante desse período, voltada para nordeste (Fig. 3.40). A entrada ao prédio fica no canto sul da parede sudoeste, o que determina que o eixo de acesso seja angular. Nenhum artefato que possa ser classificado como *de culto* foi encontrado no Prédio 5233. No prédio residencial à sua frente, porém, do outro lado da rua (Sala 5032, Prédio 5044), na camada imediatamente mais recente (Stratum XIb) foi achada uma estatueta do tipo *asdoda* (Fig. 2.4, p. 53). Nessa mesma área, mas em camada acima (Stratum X), foi encontrado um suporte para ofertas, decorado com músicos (Fig. 3.41). Trude Dothan vê nessa combinação de achados especiais, em camadas sucessivas da mesma área, evidência da “continuidade do uso de locais previamente santificados para a prática do culto”, mas ressalva que o conjunto de artefatos sugere “um prédio oficial ou talvez uma residência abastada, em parte com função de culto” (DOTHAN, 2003, p. 201; *ver também* EMANUEL, 2016, p. 40-41).

Figura 3.41 – Suporte com Conjunto Musical

Proveniência: Tel Asdode, Israel

Data: Ferro I, séc. XI-X a.C.

Altura: 34,7 cm

Registro: IAA 1968-1182

(THE ISRAEL MUSEUM, 2017)

Figura 3.42 – Disco de Ouro

Proveniência: Tel Asdode, Israel

Data: Ferro I, séc. XII a.C.

Diâmetro: Não Informado

(DOTHAN, 1982b, p. 32)

O Prédio 5337, com a entrada em algum ponto do lado sudeste, é um amplo saguão, onde foram encontradas duas bases de pedra – provavelmente suportes para colunas – alinhadas de modo simétrico ao longo de um eixo longitudinal. A sugestão de que pode ter sido local de culto advém do fato de que os templos filisteus parecem ser caracterizados pela presença de duas colunas internas, como foi arqueologicamente evidenciado em Tell Qasile e Tell es-Safi, e como o templo de Gaza foi literariamente descrito (Jz 16:29). Nesses três casos, porém, as colunas não distam uma da outra muito mais do que dois metros, ou a envergadura máxima de um homem, enquanto que, no Prédio 5337, a distância entre elas é de 4,20 m, o que pode indicar um prédio com diferentes características e função (EMANUEL, 2016, p. 44).

O Prédio 5337 contém também uma instalação, entre as duas colunas, encostada à coluna ocidental, medindo 1,30 m por 1,75 m, feita de blocos de arenito duro, hoje localmente chamado de *kurkar*, revestida com reboco branco, com uma depressão no centro de sua superfície superior contendo um depósito de cinza de aproximadamente 6 cm de espessura. Embora tenha sido inicialmente identificada como um possível *altar*, a semelhança com outras estruturas domésticas sugere que, mais provavelmente, trata-se de um *braseiro* para produção de alimentos (DOTHAN, 1994, p. 44; DOTHAN; DOTHAN, 1992, p. 153; MAZAR; BEN-SHLOMO, 2005, p. 26). Artefatos encontrados nesse prédio incluem cerâmica Micênica IIIC-1b e Bicrômica Filisteia, fragmentos de estatuetas *asdoda*, tigelas cerâmicas e contas.

O anexo ao norte, além de cerâmica filisteia, continha ainda dois discos de ouro, provavelmente pomos de punhal, decorados em estilo egeu (Fig. 3.42), um amuleto em faiança, tigelas miniaturas, contas, peças de marfim decoradas e um cálice miniatura Micênico IIIC. O anexo a noroeste continha cerâmica Micênica IIIC e Bicrômica Filisteia, um suporte para ofertas com *janelas*, um chocalho em forma de pássaro, um jarro de cerveja filisteu com elaborada decoração, uma placa de marfim quadrada, peças de marfim e objetos de bronze (DOTHAN, 2003, p. 201; *ver também* MAZAR; BEN-SHLOMO, 2005, p. 28-30).

Asdode VIII
LOCALIZAÇÃO
Tel Asdode Asdode, Israel
COORDENADAS
31° 45' 13" N 34° 39' 24" L
STRATUM
Área D Stratum VIII
DATA
Ferro II Séc. VIII a.C.
CULTURA
Filisteu

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
10 m	10 m

COMPARTIMENTOS
COMPLEXO

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Complexo	Larga	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
(---)	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
34 m	0 m	Não Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas cerâmicas zoomórficas e antropomórficas, masculinas e femininas. Placas antropomórficas.	Cernos com estatuetas zoomórficas. Estatuetas zoomórficas. Altares miniaturas. Muitas estatuetas antropomórficas, masculinas e femininas. Plaquetas com figura de mulher. Mesas miniaturas para oferendas. Sala 1010: altar de tijolos (?).

CONTEXTO
Situado na cidade baixa, na planície costeira da Filístia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
DOTHAN, M., 1971, 1979, 1993; DOTHAN, T., 2003; DOTHAN; BEN-SHLOMO, 2005; DOTHAN; DOTHAN, 1992; DOTHAN; FREEDMAN, 1967; EMANUEL, 2016.

Na cidade baixa (Área D, Stratum VIII), ao sul da acrópole, uma instalação de culto da Idade do Ferro II, séc. VIII a.C., foi trazida à luz (Fig. 3.43 e 3.44). O prédio é constituído por múltiplos compartimentos, com uma entrada do lado leste. Sua função religiosa foi determinada pela grande quantidade de objetos de culto nele encontrados, como estatuetas antropomórficas, masculinas e femininas; plaquetas antropomórficas, a maioria com figuras de mulher; cernos com estatuetas zoomórficas; e mesas miniaturas, provavelmente usadas como base para as estatuetas ou oferendas. Em um dos compartimentos, Sala 1010, foi encontrada uma estrutura retangular, feita de tijolos e revestida de reboco, interpretada pelos arqueólogos que a escavaram como um possível “altar”.

Figura 3.44 – Templo de Asdode, Stratum VIII

(a partir de: DOTHAN, 1993, p. 99)

A identidade filisteia desse período é atestada pela a abundância da assim chamada Cerâmica Asdode (Figs. 3.45 e 3.46), que parece ser um desenvolvimento estilístico da típica cerâmica filisteia da Idade do Ferro I (BEN-SHLOMO; SHAI; MAEIR, 2004). A continuidade dessa identidade manifesta-se também no templo que, à semelhança da instalação de culto do Ferro I (Stratum XII), não é segregada nem se diferencia arquitetonicamente das demais construções do local, possui múltiplos compartimentos, com múltiplos eixos de acesso, e aparentemente não segue nenhum padrão de orientação.

Figura 3.45 - Cerâmica Asdode
Proveniência: Tell es-Safi, Israel
Data: Ferro II, séc. VIII a.C.
(THE TELL ES-SAFI/GATH
ARCHAEOLOGICAL PROJECT, 2006)

Figura 3.46 – Cerâmica Asdode
Proveniência: Tell es-Safi, Israel
Data: Ferro II, séc. VIII a.C.
(THE TELL ES-SAFI/GATH
ARCHAEOLOGICAL PROJECT, 2006)

3.3.6 Beth Shean

Figura 3.47 – Beth Shean

(MAZAR, 1997, Fig. 1)

LOCALIZAÇÃO		
32° 30' 14" N 35° 30' 10" L	Tel Beth Shean Israel	5 Km a O do Rio Jordão 57 Km a L do Mediterrâneo

Tel Beth Shean (Tell el-Hosn) é um sítio arqueológico no norte do atual estado de Israel, situado 5 Km a oeste do Rio Jordão e 57 Km a leste do Mediterrâneo, na confluência do Vale do Jordão, que atravessa o território de norte a sul, e o Vale de Jezreel, que vai do Mediterrâneo ao Rio Jordão (Fig. 3.47). Por toda a antiguidade, desde o Neolítico, o local foi ocupado por povos diversos, atraídos por seu clima ameno, abundantes fontes de água, solo fértil e posição privilegiada, ao lado de importantes estradas que ligavam as maiores economias da época.

Figura 3.48 – Beth Shean, Planta
(MAZAR, 1997, Fig. 2. Destaque em vermelho da área dos templos)

Escavações no local revelaram uma série de templos aproximadamente sobrepostos, em camadas estratigráficas diferentes, da Idade do Bronze Recente à Idade do Ferro (Fig. 3.48). O mais antigo, o do Stratum R-2 (Fig. 3.49), descoberto pela expedição da Universidade Hebraica, liderada por Amihai Mazar, entre 1989 e 1996, foi datado do séc. XV-XIV a.C. (MAZAR, 1977, p. 151-152; 2007, p. 1-22, 112-135). Os demais, descobertos por Alan Rowe entre 1925 e 1926 (Strata IX-V), sucedem-se ao longo dos séculos seguintes (FITZGERALD, 1930; ROWE, 1940; ROWE; VINCENT, 1931).

Os *strata* VIII-VI são caracterizados pela presença e domínio egípcios, evidentes no plano ortogonal da cidade, na arquitetura e arte em estilo egípcio e na grande incidência de cerâmica egípcia, compreendendo cerca de 50% de todas as amostras documentadas (MAZAR, 2011).

Uma vez que, neste trabalho, os templos são discutidos apenas com o objetivo de delinear o contexto simbólico em que, na Idade do Ferro, estavam inseridos os templos de Judá, somente aqueles do final da Idade do Bronze e começo da Idade do Ferro serão aqui brevemente apresentados, isto é, os dos Strata VII-V (na denominação de Rowe. Além deles, será também discutido o “templo” do Stratum R-2, considerado o primeiro da série, por ilustrar a problemática questão de como identificar templos no registro arqueológico.

Como resultado de renovadas escavações e análises, significativas mudanças têm sido propostas para corrigir e complementar a já complexa estratigrafia, cronologia e interpretações avançadas por Rowe (JAMES, 1966; JAMES; MACGOVERN, 1993; MAZAR, 1977, 1997; MULLINS, 2012; MULLINS; MAZAR, 2007; WRIGHT, 1941). Contudo, por conveniência, apenas para evitar a confusa multiplicidade de denominações que os diversos autores dão para as mesmas camadas estratigráficas, tomar-se-á como base o esquema proposto por Rowe (1940), apesar de superado em vários aspectos, porém com as datas avançadas pela pesquisa mais recente.

Beth Shean R-2
LOCALIZAÇÃO
Beth Shean Israel
COORDENADAS
32° 30' 14" N 35° 30' 10" L
STRATUM
Stratum R-2
DATA
Bronze Recente Séc. XV a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
14,60 m	11,70 m

COMPARTIMENTOS
3

TIPO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Quadrada	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
-133 m - Vale	23 m - Colina	Não Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Fragmento (perna) de uma estatueta de bronze antropomórfica.	Bancadas ao longo das paredes internas. Plataformas. Cilindro de pedra. Coluna sem função estrutural (<i>asherah</i> ?). Suportes cilíndricos para oferendas. Lavatório.

CONTEXTO
Situado em elevada colina, em contexto urbano. Compartilha paredes com outros prédios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
MAZAR, 1993, 1997, 2006, 2009; MAZAR; MULLINS, 2007; MULLINS, 2012.

O primeiro templo da série ocorre no Stratum R-2 (Fig. 3.50), datado do Bronze Recente, séc. XV a.C. Apresenta cultura material tipicamente canaanita. Essa camada, portanto, aparentemente antecede a ocupação egípcia, claramente manifesta na materialidade das camadas acima.

Figura 3.50 – Templo de Beth Shean, Stratum R-2

(MAZAR, 1997)

Inserido em um denso contexto urbano e compartilhando paredes com outras edificações, o “templo” do Stratum R-2, precedido por um pátio, é um prédio retangular, composto por três compartimentos dispostos longitudinalmente um após o outro. A entrada para o primeiro compartimento fica na parede sul, descentralizada para o oeste. A passagem para o segundo compartimento fica no extremo leste da parede divisória. O acesso para o terceiro e último compartimento, de formato trapezoidal, se faz por uma abertura descentralizada para oeste, na segunda parede divisória. O prédio, portanto, é assimétrico, com acesso progressivo, ao longo de um eixo angular, do sul para o norte. Os três compartimentos possuem bancadas encostadas a suas paredes, feitas com tijolos revestidos com reboco branco, como

também o eram as paredes e todo o piso. Nenhum artefato foi encontrado nesse prédio (MAZAR; MULLINS, 2007c, p. 17-18; MULLINS, 2012, p. 128-130).

Sua classificação como “templo” pelos arqueólogos que o escavaram parece ter sido determinada, quase que exclusivamente, pelo princípio da continuidade, uma vez que se encontra diretamente abaixo da série de templos dos Strata IX-V. O “templo” do Stratum R-2 não apresenta, porém, nenhuma semelhança arquitetônica com os templos das camadas acima dele. A interpretação de que tenha sido um templo é tenuemente suportada pela divisão tripartite do edifício e pelas plataformas e bancadas ao longo das paredes, comuns em templos de todo o antigo Levante; por um incomum cilindro de pedra encontrado de pé sobre uma das plataformas, interpretado como uma possível *baetyl*; e por um buraco que sugere a existência de um poste sem função estrutural, talvez uma *asherah* (MAZAR; MULLINS, 2007c, p. 18). Outra evidência, apresentada em apoio à tese de que o prédio funcionava como templo, é uma longa sala, com dois ambientes, denominada “Ala Oeste”, encostada na parede oeste do “templo”. Nela, foram evidenciados vários suportes cilíndricos, supostamente para apresentação de oferendas, semelhantes a outros encontrados em outros templos (MULLINS, 2012, p. 129; *ver também* OREN *et al.*, 1991) e uma espécie de lavatório. Interpretada como anexo do “templo”, essa sala, contudo, tem entrada pelo norte, enquanto o “templo” tem entrada pelo sul, e não há nenhuma abertura de ligação entre elas na parede que as separa. Por essas razões, é mais provável que o “Anexo Oeste” não integrasse o “templo”, tornando ainda mais frágil a interpretação desse edifício tripartite como sendo uma instalação de culto.

Beth Shean VII		
LOCALIZAÇÃO		
Beth Shean		
Israel		
COORDENADAS		
32° 30' 14" N		
35° 30' 10" L		
STRATUM		
Stratum VII		
DATA		
Bronze Recente		
Séc. XIII a.C.		
CULTURA		
Canaanita		

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
14,8 m	14,2 m

COMPARTIMENTOS
2

TIPO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Larga	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	2

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE
-133 m - Vale

ELEVAÇÃO
23 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas antropomórficas femininas, algumas com representação de cabelo estilo Hathor. Estela com figura antropomórfica com dois chifres. Marfim com cabeça de mulher, estilo Hathor. Cerâmica cônica em forma de cabeça de porco.	Bancadas ao longo das paredes internas.

CONTEXTO
Situado em elevada colina, em contexto urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
JAMES; MCGOVERN, 1993; MAZAR, 2006, 2009, 2011; MAZAR; MULLINS, 2007; MULLINS, 2012; ROWE, 1940

O prédio do Stratum VII identificado como “templo” por Alan Rowe (ROWE, 1940, p. 6-12) deve essa classificação à excepcional quantidade de artefatos tidos como de culto nele encontrados – muitos deles com motivos egípcios, o que indica o domínio do Egito em Beth Shean a partir desse período – incluindo estatuetas e plaquetas (Fig. 3.52 e 3.53), um bastão de marfim (Fig. 3.54), uma estela votiva (Fig. 3.55), todos com imagens de mulher, algumas com cabelo no estilo da divindade Hathor, e uma cerâmica cilíndrica em forma de cabeça de porco.

Figura 3.52 – Plaqueta Antropomórfica
Proveniência: Sala 1089, Templo Stratum VII
Data: Bronze Recente, séc. XIII a.C.
Altura: 10 cm
Registro 29-103-888
(PENN MUSEUM, 2017d)

Figura 3.53 – Plaqueta Antropomórfica
Proveniência: Sala 1087, Templo Stratum VII
Data: Bronze Recente, séc. XIII a.C.
Altura: 9 cm
Registro 29-103-933
(PENN MUSEUM, 2017c)

Quem adentrasse o templo precisaria, obrigatoriamente, seguir primeiro para o sul, cruzando o suposto vestíbulo externo; daí, caminharia para leste, para entrar no vestíbulo interno ou pórtico; então, voltar-se-ia para o norte, cruzando a porta de acesso para o espaço maior do templo, onde havia duas colunas; e, dele, para o lance de degraus ascendentes que, por fim, levaria a um compartimento elevado, em que

havia um altar e um pequeno anexo. As passagens não são centralizadas nem alinhadas entre si.

Figura 3.54 – Bastão de Marfim
Proveniência: Sala 1072, Stratum VII
Data: Bronze Recente, séc. XIII a.C.
Altura: Não Informada
Registro 29-105-217
(PENN MUSEUM, 2017h)

Figura 3.55 – Estela Votiva
Proveniência: Sala 1072, Stratum VII
Data: Bronze Recente, séc. XIII a.C.
Altura: Não Informada
Registro 29-107-949
(PENN MUSEUM, 2017g)

Com exceção do alinhamento das duas colunas, não há indícios de simetria no prédio. Embora orientado para o sul, a entrada do templo ficava do lado oeste. O espaço maior foi interpretado por Rowe e Vincent como sendo um pátio interno, sem cobertura, de modo que as duas colunas marcariam a fachada do compartimento elevado, supostamente a única área coberta (ROWE, 1940, p. 7, Fig. 3; ROWE; VINCENT, 1931). Robert Mullins, por outro lado, entende que esse espaço maior era uma grande sala, com cobertura sustentada pelos dois pilares (MULLINS, 2012, p. 137). Qualquer que seja o caso, o acesso era progressivo e ascendente, seguindo um eixo angular.

Beth Shean VI
LOCALIZAÇÃO
Beth Shean Israel
COORDENADAS
32° 30' 14" N 35° 30' 10" L
STRATUM
Stratum VI
DATA
Ferro I Séc. XII a.C.
CULTURA
Canaanita, Egípcia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
14,8 m	14,2 m

COMPARTIMENTOS
2

TIPO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Larga	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	2

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
-133 m - Vale	23 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas antropomórficas femininas, uma delas coberta de ouro com as mãos estendidas. Um falcão de pedra, provavelmente representando Horus.	Dois capiteis em formato de lótus e frizos em estilo egípcio.

CONTEXTO
Situado em elevada colina, em contexto urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
JAMES; MCGOVERN, 1993; MAZAR, 2006, 2009. 2011; MAZAR; MULLINS, 2007; MULLINS, 2012; ROWE, 1940

No Stratum VI, última fase do domínio egípcio em Beth Shean, começam a surgir as primeiras cerâmicas da Idade do Ferro (Fig. 3.57). O templo encontrado nesse estrato foi construído exatamente sobre o templo do Stratum VII e é quase uma cópia exata dele (ROWE, 1940, p. 13-21). São iguais no tamanho, planta baixa, número e posição relativa dos compartimentos, posição das entradas, eixo de acesso progressivo, angular e ascendente. As duas colunas continuam alinhadas no eixo leste-oeste, mas estão agora mais próximas uma da outra, supostamente oferecendo melhor sustentação à cobertura.

Figura 3.57 – Jarro Cerâmico

Proveniência: Sala 1588, Stratum VI

Data: Ferro IA, séc. XI a.C.

Altura: Não Informada

(PENN MUSEUM, 2017e, Registro 32-15-166)

Figura 3.58 – Falcão em Pedra

Proveniência: Sala 1021, Stratum VI

Data: Ferro IA, séc. XI a.C.

Altura: Não Informada

(PENN MUSEUM, 2017f, Registro 29-107-916)

As poucas alterações que sofreu dão maior simetria ao prédio. No extremo norte do eixo de acesso, o compartimento elevado, com seu altar, e a escadaria que dá acesso a ele, estão agora centralizados, alinhados com o ponto exatamente entre as duas colunas. A entrada para o templo, porém, continua fora de centro. Sua função como local de culto parece ser assegurada pela presença de estatuetas de mulher, uma

delas banhada em ouro, provavelmente representando divindades femininas, e um falcão de pedra, aparentemente representando a divindade egípcia Hórus (Fig. 3.58).

Beth Shean V-Sul		
LOCALIZAÇÃO		
Beth Shean		
Israel		
COORDENADAS		
32° 30' 14" N		
35° 30' 10" L		
STRATUM		
Stratum V		
DATA		
Ferro I		
Séc. XI a.C.		
CULTURA		
Canaanita		

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
24,10 m	18,40 m

COMPARTIMENTOS
1

TIPO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Noroeste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	6

SIMETRIA
Simétrico (?)

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
-133 m - Vale	23 m - Colina	Não Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas e imagens antropomórficas masculinas e femininas.	(---)

CONTEXTO
Situado em elevada colina, em contexto urbano. Ao lado de outro templo, do lado Norte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ROWE, 1940; JAMES, 1966; MAZAR, 2006, 2009; MULLINS, 2012.

No Stratum V, a cultura material canaanita volta a ser predominante, marcando o fim do domínio egípcio. Dois templos foram construídos nesse período, lado a lado, um ao norte e outro ao sul, separados apenas por um largo corredor e portal monumental, mas sem ligação direta entre eles, ambos voltados para noroeste (Fig. 3.60).

Figura 3.60 – Planta do Contexto dos Templos Norte e Sul, Stratum V
(a partir de: MIERSE, 2012, p. 392, Fig. 28; JAMES, 1966, Fig. 75; FRITZ, 1995, Fig. 11)

O Templo Sul do Stratum V (ROWE, 1940, p. 22-30) foi construído exatamente sobre o templo do Stratum VI. Além dessa localização, porém, nenhuma outra semelhança há entre eles. Ele é constituído por uma ampla nave retangular, com entrada através de um vestíbulo no lado menor a oeste, dotada de anexos em seus dois lados maiores, a norte e a sul. Um complexo de salas encostava-se na parede

leste do templo, mas não foram encontradas passagens entre essas salas e o templo, o que sugere que não pertenciam a ele. Construções realizadas em camadas superiores, do período helenístico e bizantino, destruíram o extremo leste do interior da nave, onde presumivelmente estaria o foco do culto, um altar ou estátua da divindade ali venerada. A nave era dividida internamente por três alas longitudinais, de igual largura, separadas uma da outra por duas fileiras de três colunas cada, evidenciadas por bases de coluna de basalto. As colunas de cada fileira eram ligadas entre si por paredes baixas, impondo uma forma de acesso semelhante à de outros templos aqui discutidos: o Templo 1 Fase D de Kition (Ferro IIC) e o templo de Tel Moza Fase 2 (Stratum IV, Ferro IIB).

Figura 3.61 – Suporte de Oferendas
Proveniência: Sala 1029, Templo Sul
Data: Ferro I, séc. XI a.C.
Registro 29-103-830
(PENN MUSEUM, 2017a)

Figura 3.62 – Suporte de Oferendas
Proveniência: Sala 1021A, Templo Sul
Data: Ferro I, séc. XI a.C.
Registro 29-103-807
(PENN MUSEUM, 2017b)

Na nave do Templo Sul e em suas salas anexas, foram encontrados suportes para oferendas e incensários (Fig. 3.61 e 3.62), estatuetas e figuras antropomórficas, masculinas e femininas, supostamente de divindades diversas, um cerno, fragmentos

de templo-modelo, amuletos e vários outros artefatos geralmente considerados como de culto, atestando a função do prédio. Magnus Ottosson, por outro lado, argumenta que todos esses artefatos de culto deveriam ser atribuídos ao templo do Stratum VI e que o prédio do Stratum V Sul era um palácio (OTTOSSON, 1980, p. 63-76).

O percurso para o interior do templo exigia, a partir de um pátio externo, adentrar o vestíbulo de oeste para leste, atravessar o vestíbulo de norte para sul, e, uma vez à porta da nave, adentrá-la de oeste para leste. Embora as duas fileiras de colunas indiquem uma certa preocupação com simetria, a porta não está alinhada com o eixo central definido por elas. Pelo menos internamente, porém, o templo é aproximadamente simétrico. A partir da porta, as fileiras de colunas e paredes baixas ofereciam três caminhos, retilíneos, cada um percorrendo uma das três alas longitudinais, para se chegar ao extremo leste do eixo, onde estaria o foco do culto. Devido à total destruição desse extremo leste, não é possível determinar sua configuração ou nível do piso; a reconstrução de degraus que ascendem ao pódio do altar é mera conjectura. O acesso, portanto, segue um eixo angular, por um piso talvez plano (ROWE, 1940, Pl. XI), e é obrigatoriamente progressivo, embora, uma vez dentro do templo, apresente três possíveis caminhos. Pode-se apenas especular se cada um desses caminhos era reservado para um tipo específico de cerimônia, ou de adorador, ou de intenção. Qualquer que fosse o caso, a barreira física entre eles, imposta pelas paredes baixas, sugere que a livre mudança de um caminho para o outro não era permitida pelo culto.

Beth Shean V-Norte
LOCALIZAÇÃO
Beth Shean Israel
COORDENADAS
32° 30' 14" N 35° 30' 10" L
STRATUM
Stratum V
DATA
Ferro I Séc. XI a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
19,50 m	11,22 m

COMPARTIMENTOS
1

TIPO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Noroeste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	4

SIMETRIA
Simétrico (?)

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
-133 m - Vale	23 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas e imagens antropomórficas masculinas e femininas.	(---)

CONTEXTO
Situado em elevada colina, em contexto urbano. Ao lado de outro templo, do lado Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
JAMES, 1966; MAZAR, 2006, 2009; MULLINS, 2012; ROWE, 1940

O Templo Norte do Stratum V (ROWE, 1940, p. 31-35) é constituído de uma única sala retangular, com a entrada situada no lado menor a noroeste, fora de centro, no canto sudoeste do prédio. Suas paredes têm 1,50 m de espessura média, o que faz dele o mais reforçado de todos os templos de Beth-Shean. Essa nave não possui nenhuma sala anexa e o prédio é totalmente separado dos demais ao seu redor. Quatro colunas, evidenciadas pelas bases encontradas em seu interior, eram aparentemente dispostas de forma simétrica, como se estivessem cada uma em um dos vértices de um quadrilátero com quatro ângulos retos.

Figura 3.64 – Estela Dedicada a *Anat*

Proveniência: Templo Norte, Stratum V

Altura: 44 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2018; ver também ROWE, 1940, p. 33-34, Pl. XXXV, 3, Pl. LXVA, 1)

O trajeto de fora para dentro do templo começava num pátio externo a oeste, adentrava um vestíbulo de norte a sul e, uma vez à porta da nave, continuava de oeste

a leste. Também aqui, embora o quadrilátero de colunas indique certa preocupação com simetria, a porta não era alinhada com o eixo central definido por elas, mas, pelo menos internamente, o templo parecia simétrico. Instalações que talvez existissem dentro do templo não sobreviveram. A reconstrução de degraus que, no extremo leste, ascendem a um pódio com altar é mera conjectura. O nível do piso ao longo de todo o percurso era plano (ROWE, 1940, Pl. XIII). O eixo de acesso, portanto, é progressivo, angular e plano.

Artefatos diagnósticos, embora menos numerosos do que os encontrados no Templo Sul, são suficientemente indicativos da função cultural do prédio. Eles incluem um objeto cilíndrico decorado com serpentes e pombas; fragmentos de um templo-modelo; um fragmento cerâmico decorado com a imagem da pata de um leão e a cabeça de uma serpente sobre ela; estatuetas e imagens de supostas divindades; um chifre de gazela; e uma estela dedicada à deusa Anat (Antit) em que se lê “Antit, rainha do céu, senhora de todos os deuses” e “uma-oferta-que-o-rei-dá a Antit, para que ela possa conceder toda vida, prosperidade e saúde à figura de Hesi-Nekht” (Fig. 3.64; *ver também* ROWE, 1940, p. 34).

3.3.7 Carquemis

Figura 3.65 – Acrópole de Carquemis
(a partir de: PADFIELD, 2016)

LOCALIZAÇÃO		
36° 49' 50" N 38° 00' 58" L	Karkemis Turquia	1 Km a NE de Jarabulus, Síria 1 Km a L de Karkamis, Turquia

Carquemis é um sítio arqueológico localizado na margem ocidental do Rio Eufrates (Fig. 3.65), cortado pela linha de fronteira entre a Síria e a Turquia, bordejado a oeste pela cidade de Karkamis, na Turquia, e a sudoeste pela cidade de Jarabulus, na Síria. Escavações realizadas no início do séc. XX revelaram, na antiga acrópole – que hoje fica do lado turco – um templo da Idade do Ferro I-II (GILIBERT, 2011, p. 19-54; HAWKINS, 1972, 1997, 2000, 2003, p. 147; WILKINSON; PELTENBURG; WILKINSON, 2016; WOOLLEY, 1952, p. 167-175).

Carquemis
LOCALIZAÇÃO
Karkemis Turquia
COORDENADAS
36° 49' 50" N 38° 00' 58" L
STRATUM
Área do Baixo Palácio
DATA
Ferro I(?) - II 1200(?) - 880 a.C.
CULTURA
Neo-Hitita, Luvita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
13 m	11,70 m

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Quadrada	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sudoeste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2 (?)	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
352 m - Planalto	20 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Pátio: base monumental (para pia ou altar?) com dois touros de basalto. Ortóstato de animal alado.	Altar. Fragmentos de painéis de marfim.

CONTEXTO
Acrópole de um centro urbano, à margem do Rio Eufrates, adjacente a um complexo de palácios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
GILIBERT, 2011; HAWKINS, 1972, 1997, 2000, 2003; WOOLLEY, 1952

A área em que se encontra o templo, seus pátios e estruturas associadas (Fig. 3.67) é aproximadamente quadrada, delimitada por paredes e muralhas que a separam totalmente de um complexo palaciano, a nordeste. A face externa da muralha a sudeste é revestida por uma série de ortóstatos, alternadamente de pedra calcária e basalto, com representações de divindades e seres fantásticos, que se estende por cerca de 37 m. Essa muralha delimita o caminho que conduz, morro acima, a uma escadaria monumental, a um portal e ao complexo de palácios. Pode-se apenas presumir que, para quem passava por esse caminho e contemplava a impressionante sucessão de imagens, ficava evidente a função religiosa das instalações atrás daquela muralha.

Figura 3.67 – Planta da Área do Templo
(a partir de: WOOLLEY, 1952, Pl. 29)

Dentro do quadrilátero, no canto norte, o templo propriamente dito é constituído por uma única sala, aproximadamente quadrada, medindo internamente 8 m de largura por 7,10 m de comprimento.

A parede da fachada e as duas laterais têm cerca de 2 m de espessura, mas a do fundo tem cerca de 4 m, o que aumenta o comprimento do prédio e o torna retangular, medindo externamente 11,70 m x 13 m. Essa base tão maciça sugere a existência de um ou mais pisos superiores.

Com base em fragmentos encontrados no local, presume-se que a fachada era revestida com cerâmica vitrificada, decorada com flores brancas, de pistilo amarelo, sobre um fundo azul.

A única entrada, voltada para sudoeste, no estilo *in antis*, é centralizada (Fig. 3.68). Uma base de coluna foi encontrada, fora de lugar. Woolley (1952) especula que ela fazia par com outra, não encontrada, ladeando a porta de entrada. Se sua interpretação estiver correta, o pórtico do templo de Carquemis seria do tipo *dístilo in antis*.

Do lado de dentro, ao longo de toda a extensão da parede dos fundos, havia uma bancada com cerca de 30 cm de largura. Um bloco de basalto, medindo 1 m x 1 m, foi encontrado afastado cerca de 2 m da parede dos fundos, alinhado com a porta.

Figura 3.68 – Pátio Interno visto do interior do templo
(WOOLLEY, 1952, Pl. 37a)

À frente do templo, havia um pátio que Woolley chamou de “pátio interno” (Fig. 3.68). No centro desse pátio, também alinhada com a porta, foi encontrada uma plataforma, medindo 2,70 m x 1,40 m e, ao seu lado, tombados no chão, grandes fragmentos da escultura de dois touros que, feita de um único bloco de basalto, originalmente media cerca de 2,40 m de comprimento por 1,35 m de largura por 1,10 m de altura. Pela posição em que foi encontrada e pelo tamanho condizente, presumiu-se que a parelha de touros originalmente repousasse sobre a plataforma (Fig. 3.69). Sobre o dorso dos dois touros foi esculpida uma depressão plana, retangular, com borda elevada, indicando que a parelha monumental servia como base para outra estrutura, talvez uma estátua ou uma grande bacia para acondicionar água para os ritos, semelhante à de metal fundido, de aproximadamente 5 m de diâmetro, sustentada por doze bois que, segundo as fontes bíblicas, havia no pátio do Templo de Salomão (1Rs 7:23-26), ou à de bronze que, segundo as mesmas fontes, havia no Tabernáculo (Ex 30:17-21; 38:8).

Figura 3.69 – Parelha de Touros em Basalto

(WOOLLEY, 1952, Pl. B.47a)

Encostada às paredes do canto sul do pátio interno, foi encontrada uma instalação retangular, medindo 3 m x 4 m, erigida com paredes de pedra e preenchida com terra e cinza, “mostrando sinais de queima pesada”, com uma concentração de ossos quebrados de aves e pequenos animais no chão ao seu redor, que Woolley interpretou como sendo “certamente um altar” (WOOLLEY, 1952, p. 167). Ao seu lado, foram também encontrados fragmentos de um ortóstato com a escultura em alto relevo de um grifo ou esfinge (Fig. 3.70).

A leste do pátio interno havia outro pátio, denominado “externo”, ladeado a leste e a norte por salas anexas, com duas entradas, a principal, ao sul, e uma secundária, no canto leste. Do pátio externo, caminhava-se para noroeste, ascendendo-se dois degraus para ingressar no pátio interno, 30 cm acima. Uma vez no pátio interno, o arranjo é simétrico. O acesso se fazia ao longo de um eixo retilíneo que se iniciava na parelha de touros, a sudoeste; seguia para nordeste, subindo um degrau baixo para adentrar o pórtico; passava pela a plataforma elevada no interior do templo; e terminava na bancada da parede dos fundos.

Um hieróglifo luvita encontrado no recinto informa que o templo era dedicado a *Tarhunzas*, o Deus da Tempestade de Carquemis.

Figura 3.70 – Ortóstato de Grifo
(WOOLLEY, 1952, p. 168, Pl. B.48a)

3.3.8 Dan

Figura 3.71 – Tel Dan
(YATES, 2014)

LOCALIZAÇÃO		
33° 14' 59" N 35° 39' 06" L	Tel Dan Dan, Israel	700 m a N de Dan, Israel; 41 km a L de Tiro, Líbano

Tel Dan é um sítio arqueológico localizado na periferia norte da cidade de Dan, no extremo nordeste do Vale de Hula, norte de Israel, ao pé do Monte Hermon e ao lado da mais importante nascente do Rio Jordão (Fig. 3.71) (BIRAN, 1994, 1998; DAVIS, 2013; ILAN, 1997). Na Idade do Ferro I, além de cerâmica semelhante à da Idade do Bronze Recente, o sítio produziu expressiva concentração dos grandes *vasos com colar*, comuns nos assentamentos proto-israelitas da região montanhosa central, mas raros no norte. Esse dado sugere a presença de um significativo número de proto-israelitas entre os habitantes de Dan (ILAN, 1997, p. 109). A identidade do sítio e sua longa importância religiosa são atestadas por uma inscrição do período helenístico, bilingue, em grego antigo e aramaico, encontrada no local, que faz dedicatória ao “*deus que está em Dan*” (BIRAN, 1994, p. 221-224). As escavações de Tel Dan, dirigidas por Avraham Biran, trouxeram à luz, na Área T (Fig. 3.72), uma grande instalação de culto da Idade do Ferro II.

Figura 3.72 – Planta de Tel Dan

(SHANKS, 2012)

A instalação de culto de Tel Dan (Fig. 3.73), com aproximadamente 60 m no sentido norte-sul e 45 m no sentido leste-oeste, foi datada da Idade do Ferro II (BRUINS *et al.*, 2005). Ela é composta por (a) um pódio quadrado, com mais de 18 m de lado, construído com blocos de pedra silhar finamente talhados, dotado, no seu lado sudeste, de uma escadaria com mais de 8 m de largura, (b) uma grande plataforma à frente da escadaria, também quadrada, com indícios de que servia de base para uma grande estrutura, talvez um altar, a cujo topo se tinha acesso por meio de dois lances de degraus expostos pelas escavações; e (c) um cinturão de salas anexas ao redor do pódio e da plataforma.

Figura 3.73 – Templo de Tel Dan

(BIBLE WALKS, 2010)

No piso do pódio, foram evidenciadas duas marcas circulares, com 50 cm de diâmetro cada, uma a leste e outra a oeste, que sugerem a existência de duas colunas e, por conseguinte, de um grande edifício construído sobre o pódio, com as colunas na fachada, provavelmente um templo (MAZAR, 1990, p. 492-494). O ponto central entre as duas colunas coincide com o ponto central do pódio, definindo um eixo retilíneo norte-sul que passa também pelo centro da plataforma à sua frente. Esse

arranjo, bem como os eixos transversais leste-oeste, aproximadamente paralelos, dão à instalação uma certa simetria (DAVIS, 2013, p. 55-56).

Não havendo nenhuma outra instalação de culto em Tel Dan que possa concorrer com esse conjunto arquitetônico, ele é, muito provavelmente, o que restou da *bamah* que, segundo as fontes bíblicas, teria sido construída em Dan pelo rei Jeroboão I como alternativa de culto em oposição ao Templo de Jerusalém (1Rs 12:26-31). Significativamente, na perícope bíblica, a mesma palavra בַּיִת (*bayit* = casa ou templo) é usada para falar tanto do Templo de Jerusalém (v. 27) quanto dos locais de culto estabelecidos por Jeroboão (v. 31). O texto bíblico, portanto, parece preservar a memória de que, em Tel Dan, havia não apenas um santuário a céu aberto, mas um templo.

Muito embora não tenham sido encontradas evidências arqueológicas de um tal edifício, a instalação de Tel Dan é relevante para este estudo porque permite delinear o conceito do que seria, no Reino de Israel, um apropriado local de culto, especialmente no que diz respeito à forma de disposição do espaço.

A tese de que a estrutura de Dan integrava o sistema simbólico de que o Reino de Judá fazia parte parece ser sustentada pelos dados zoo-arqueológicos, uma vez que coincidem em vários aspectos com as prescrições bíblicas para os sacrifícios no Tabernáculo e, por sucessão, também no Templo de Jerusalém (GREER, 2013). Em Dan, assim como no Tabernáculo e no Templo de Jerusalém (Lv 4:4, 10, 14-15, 24, 28-29, 32-33), o abate dos animais, a preparação e o consumo da carne ocorriam dentro da área de culto; os ossos encontrados no local são predominantemente de ovinos e caprinos, justamente aquelas espécies de cujo consumo cerimonial os sacerdotes do Tabernáculo e Templo de Jerusalém participavam (Lv 4:22-35; 5:6-10; 6:18-20; 7:1-7; 14:12-21); e o índice de ocorrência de ossos da coxa direita e de falanges é, na ala ocidental, proporcionalmente maior do que em outras áreas, o que se alinha com a prescrição bíblica de que caberia aos sacerdotes a porção direita dos animais abatidos (Ex 29:27-28; Lv 7:32-33), bem como seu couro (Lv 7:8) que, em geral, é retirado com a falange. Em face dessas evidências, Jonathan Greer conclui que a ala ocidental da instalação de culto de Tel Dan provavelmente abrigava os aposentos dos sacerdotes.

O templo de Tel Dan passou por pelo menos três fases construtivas, sempre mantendo as mesmas características básicas.

Dan A
LOCALIZAÇÃO
Tel Dan Dan, Israel
COORDENADAS
33° 14' 59" N 35° 39' 06" L
STRATUM
Área T Stratum IV
DATA
Ferro IIB 930-909 a.C.
CULTURA
Israelita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
7,5 m	20 m (?)

COMPARTIMENTOS
(---)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo(?)	Larga(?)	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sudeste (?)	Complexo (?)

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2 (?)	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo (?)	Ascendente	Progressivo (?)

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
205 m - Vale	22 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	(---)

CONTEXTO
Centro urbano, extremo norte do território do Reino de Israel. Prédio Isolado, localizado no limite norte do assentamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BIRAN, 1994, 1998; DAVIS, 2013; ILAN, 1997

O templo de Tel Dan, em sua primeira fase (Fase A), foi construído no Stratum IV, relativa e cronometricamente datado do final do séc. X a.C., o que coincide com o período de reinado do rei Jeroboão I (930-909 a.C.) que, segundo os relatos bíblicos, teria construído uma instalação de culto em Dan. Nesse período, a instalação parece ter sido constituída, basicamente, por (a) um pódio retangular, feito com blocos de pedra silhar; tendo, do lado sudeste, (b) uma plataforma, também de silhar, em nível mais baixo, presumivelmente a base do altar de sacrifícios, (c) uma instalação para libações ou prensa de azeite e (d) uma ala de salas do lado oeste.

Dan B
LOCALIZAÇÃO
Tel Dan Dan, Israel
COORDENADAS
33° 14' 59" N 35° 39' 06" L
STRATUM
Área T Stratum III
DATA
Ferro IIB 874-853 a.C.
CULTURA
Israelita, Arameia (?)

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
18,5 m	18,5 m

COMPARTIMENTOS
(---)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado(?)	Larga(?)	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sudeste (?)	Complexo (?)

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2 (?)	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo (?)	Ascendente	Progressivo (?)

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
205 m - Vale	22 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Pia. Tanque. Fragmentos de banheira. Dois vasos grandes. Tigelas. Cerca de 40 vasos para estocagem. Tigela cheia de ossos com tridente inciso na base. Incensário. Dois discos de embosso no piso da <i>bamah</i> com 50 cm de diâmetro cada (base de colunas?).

CONTEXTO
Centro urbano, no extremo norte do território do Reino de Israel. Prédio Isolado, localizado no limite norte do assentamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BIRAN, 1994, 1998; DAVIS, 2013; ILAN, 1997

Na Fase B, Stratum III, séc. IX a.C., a instalação foi ampliada, passando a ter a forma hoje visível no sítio (Fig. 3.73). O pódio tornou-se duas vezes maior e, talvez, mais alto. Na plataforma do altar, além dos indícios de ampliação, foram encontrados os remanescentes de dois lances de degraus, provavelmente de acesso ao topo do altar. A ala de estruturas anexas também foi ampliada, criando um cinturão ao redor do todo precinto sagrado, acentuando sua segregação no contexto urbano de Dan.

Dan C
LOCALIZAÇÃO
Tel Dan Dan, Israel
COORDENADAS
33° 14' 59" N 35° 39' 06" L
STRATUM
Área T Stratum II
DATA
Ferro II 793-753 a.C.
CULTURA
Israelita, Arameia (?)

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
18,5 m	18,5 m

COMPARTIMENTOS*
(---)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado(?)	Larga(?)	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sudeste (?)	Complexo (?)

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2 (?)	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo (?)	Ascendente	Progressivo (?)

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
205 m - Vale	22 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Fragmento de estatueta: cabeça masculina. Cabeça masculina de faiança, com coroa de Osíris. Estatueta de homem segurando um bastão, estilo egípcio. Estatueta de Bes. Estatueta de homem tocando um alaúde e dançando.	Bloco de pedra, formato de ponta de altar. Altar com quatro pontas. Tigela de bronze; três pás de ferro; cabeça de cetro, em prata e bronze. Dado de faiança azul com pontos brancos incrustados. Alça de ânfora com inscrição " <i>pertencente a Immasi-Yo</i> ".

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio Isolado, localizado no limite norte do assentamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BIRAN, 1994, 1998; DAVIS, 2013; ILAN, 1997

Na Fase C, Stratum II, séc. VIII a.C., poucas alterações e acréscimos foram evidenciados. Porém é a fase que produziu a maior quantidade de artefatos de culto.

No total, os artefatos de Dan incluem um altar de pedra, encontrado numa das salas anexas; a cabeça de um cetro, em bronze encrustado de prata (Fig. 3.77); três espátulas de ferro (Fig. 3.78), possivelmente usadas para espicaçar brasas de algum incensário ou altar; e um prato cerâmico, cheio de ossos de ovelha, bode e gazela, com uma incisão em forma de tridente em sua base (Fig. 3.82).

Figura 3.77 – Cabeça de Cetro

Proveniência: Tel Dan, Israel

Data: Ferro II, séc. IX-VIII a.C.

Material: Bronze incrustado com prata.

Altura: 9 cm

(THE ISRAEL MUSEUM, 2018c;

Registro IAA 2008-1840)

Figura 3.78 – Espátula

Proveniência: Tel Dan, Israel

Data: Ferro II, séc. VIII a.C.

Material: Ferro

Comprimento: 56 cm

(THE ISRAEL MUSEUM, 2018b;

Registro IAA 1990-829)

Altars com quatro pontas – ou chifres – que se projetam para cima, cada uma em um dos quatro cantos do altar, têm sido evidenciados em Tel Mique (GITIN, 2005, p. 54), Beer Sheva (Fig. 3.79) (SHANKS, 1975), Tel Shiloh (ELITZUR; NIR-ZEVI 2003), Megido (Fig. 3.80) (GITIN, 1989, p. 54), Tel Dothan (GIBSON, 2013), Tel Rehov (MAZAR; PANITZ-COHEN, 2008, p. 43) e outros sítios. As fontes bíblicas também fazem referência a altares com “quatro pontas” (e.g. Ex 27:1-2; 38:1-2; cf. Ex 29:12; 37:25; Lv 4:7, 18, 30; 1Rs 1:50; 2:28; Am 3:14).

Figura 3.79 – Altar de Beer Sheva

Proveniência: Beer-Sheva, Israel

Data: Ferro II, ca. séc. VIII a.C.

Altura: ca. 115 cm

(HAYARDENI, 2012; *ver também* SHANKS, 1975)

Figura 3.80 – Altar de Megido

Proveniência: Megido, Israel

Data: Ferro II, séc. IX a.C.

Altura: 54,5 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2018a;

Registro IAA I-3567)

Esse motivo foi arqueologicamente atestado em Tel Dan em, pelo menos, três casos. Um altar com quatro pontas, medindo 40 x 38 x 35 cm, feito de um único bloco de pedra, com traços de material queimado no seu topo, foi encontrado no sítio (Fig. 3.83). Além dele, a cabeça de cetro acima referida também tinha quatro pontas e talvez seja a representação em miniatura de um altar. Um grande bloco de pedra, com 51 cm de altura, no formato da ponta de um altar (Fig. 3.81), foi encontrado no local e pode ter pertencido ao altar monumental que, presumivelmente, erguia-se à frente da

escadaria que conduzia ao também presumido templo de Tel Dan (DAVIS, 2013, p. 72). O tamanho dessa ponta, comparada às proporções do altar de quatro pontas encontrado desmantelado em Beer-Sheva (Fig. 3.79) (ZEVIT, 2001, p. 171-174), sugere o formato e o tamanho colossal do altar de Tel Dan. Com base nas dimensões das duas escadas de pedra evidenciadas no local, bem como das demais configurações da plataforma que servia de base para o suposto altar, Andrew R. Davis estima que ele teria 5 m x 5 m de base (DAVIS, 2013, p. 72).

Figura 3.81 – Ponta do Altar de Tel Dan

À esquerda, Avraham Biran

(GRIFFIN, 2009)

Um caminho pavimentado conduzia do portal da cidade de Dan, ao sul da colina, até o templo, ao norte. Portanto, pode-se presumir que o acesso à área sagrada se fazia pelo lado sul ou sudeste e seguia para noroeste, por um eixo retilíneo e ascendente, da entrada para o altar monumental, deste para a escadaria, e desta para o templo no alto do pódio.

Outros achados associados ao local de culto de Tel Dan sugerem a influência de tendências diversas, não aprovadas pela tradição bíblica, como é o caso da

estatueta cerâmica de *Bes*, divindade egípcia (Fig. 3.84), e da plaqueta com uma figura tocando um alaúde e dançando (Fig. 3.85).

Figura 3.82 – Prato com Incisão
(TEL DAN EXCAVATIONS, 2008)

Figura 3.83 – Altar de Quatro Pontas
(TEL DAN EXCAVATIONS, 2008)

Figura 3.84 – Estatueta de *Bes*
(TEL DAN EXCAVATIONS, 2008)

Figura 3.85 – Plaqueta do Dançarino
(TEL DAN EXCAVATIONS, 2008)

3.3.9 Halaf

Figura 3.86 – Tell Halaf, Face Norte
(TELL HALAF AUSGRABUNGSPROJEKT, 2017)

LOCALIZAÇÃO		
36° 49' 34" N 40° 02' 23" L	Tell Halaf Síria	Fronteira com a Turquia, 60 Km a S dos Montes Taurus

Tell Halaf (Figs. 3.86 e 3.87) é um sítio arqueológico localizado no norte da Mesopotâmia, hoje norte da Síria, perto da fronteira com a Turquia, na nascente do Rio Khabur, um dos principais tributários do Rio Eufrates, 60 Km ao sul dos Montes Taurus (CANBY, 1985; NOVÁK, 2013, 2017; OPPENHEIM, 1931, 1950).

Figura 3.87 – Planta da Cidadela de Guzana, Tell Halaf

(NOVÁK, 2013, p. 304, Fig. 3. Área do templo destacada em vermelho)

Após um intervalo de alguns milênios, o sítio de Tell Halaf voltou a ser habitado no início da Idade do Ferro I por imigrantes vindos da Anatólia. Eventualmente, o assentamento recebeu uma infusão de imigrantes arameus que, no início do Ferro II, por volta do ano 1000 a.C., estabeleceram ali a capital de um principado, semelhante a vários outros que criaram na região, cujo nome era Guzana. Nesse período, o assentamento era constituído por uma cidade baixa murada e, no ponto mais alto da colina, uma cidadela também cercada por muralhas nos lados leste, oeste e sul, sendo que o lado norte era naturalmente protegido por um despenhadeiro, com cerca de 26 m de altura, margeado pelo rio.

Figura 3.88 – Ortóstato
(NOVÁK, 2017)

Figura 3.89 – Ortóstato
(NOVÁK, 2017)

Escavações realizadas no começo do séc. XX pelo diplomata alemão Max von Oppenheim revelaram na cidadela de Halaf dois palácios. No maior, medindo aproximadamente 40 m x 61 m, chamado de Palácio Ocidental, foi encontrado um ortóstato, dentre muitos outros, trazendo em seu canto superior direito a inscrição cuneiforme “*Palácio de Kapara filho de Hadianu*” sobreposta a vestígios de uma outra inscrição, mais antiga, que dizia “*Templo do Deus-Tempestade*” (Fig. 3.88). Em outro ortóstato, Kapara se vangloria de ter feito o que seu pai e avô não fizeram, e ameaça com uma maldição aqueles que tentassem apagar seu nome da inscrição (Fig. 3.89). Parece, portanto, que ao construir seu palácio, Kapara aproveitou materiais ou, talvez, a própria estrutura de um templo que ali existia. De fato, escavações mais recentes não encontraram nenhuma evidência de uma edificação sob o palácio de Kapara (BECKER; MARTIN; NOVÁK, 2012). Qualquer que seja o caso, essa edificação pode ser apropriadamente chamada de *templo-palácio* uma vez que muitas de suas características sugerem que também funcionava como local de culto.

Halaf
LOCALIZAÇÃO
Tell Halaf Síria
COORDENADAS
36° 49' 34" N 40° 02' 23" L
STRATUM
Área A
DATA
Ferro IIB 925 - 720 a.C.
CULTURA
Neo-Hitita, Arameia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
61 m	40 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Larga	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
3	0

SIMETRIA
Simétrico (?)

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
362 m - Planície	26 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Três cariátides: 1 masculina sobre um touro, 1 masculina sobre um leão, 1 feminina sobre uma leoa. Esfinges femininas. Ortóstatos com cenas de soldados em combate, rituais e monstros alados.	Pátio: altar com tijolos vitrificados. Altar móvel. Inscrição: " <i>templo do Deus-Tempestade</i> ". Inscrição: " <i>casa de Kapara, filho de Hadianu</i> ". Cella: altar em forma de carrinho de mão, retangular, feito de bronze e ferro.

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio isolado, localizado na cidadela da acrópole, próximo a um palácio residencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CANBY, 1985; DORNEMANN, 1997; NOVÁK, 2013; OPPENHEIM, 1931, 1950

O acesso para a área do precinto sagrado, cuja frente voltava-se para o norte, se fazia através de um portal flanqueado por dois seres fantásticos esculpidos em pedra, com 2 m de altura cada, corpo de escorpião, asas e cabeça humana, uma sorridente e a outra carrancuda (Fig. 3.91).

Figura 3.91 – Estátua Zoo-Antropomórfica

Proveniência: Tell Halaf

Material: Basalto

Data: Ferro II, séc. X-IX a.C.

Altura: 200 cm

Museu Nacional de Berlim

(GODS STITCHED UP, 2011)

Figura 3.92 – Estátua de Ave de Rapina

Proveniência: Tell Halaf

Material: Basalto

Data: Ferro II, séc. X-IX a.C.

Altura: 187 cm

Museu Nacional de Berlim, Registro VA 08979

(GENEALOGIST, 2011a)

Uma vez em frente ao templo-palácio, um largo lance de degraus conduzia ao terraço, onde se erguia a fabulosa estátua de uma ave de rapina, pousada no topo de uma coluna (Fig. 3.92), e um altar construído com tijolos vitrificados. O prédio do templo-palácio era constituído por uma entrada com 9 m de largura, ao longo da qual se alinhavam três gigantescas cariátides, com 3 m de altura, cada uma de pé sobre um animal, cada um com 1,5 m de altura, que hoje integram a fachada do Museu Nacional de Alepo (Fig. 3.93). A da esquerda era a figura de um homem sobre um leão; a do centro, de um homem sobre um touro; e a da direita, de uma mulher sobre uma leoa.

Figura 3.93 – Cariátides, Museu Nacional de Alepo

(HUBER, 2009)

Toda a fachada do templo-palácio era decorada com ortóstatos de basalto, esculpidos com figuras de divindades, leões, esfinges masculinas e cenas de caça e combate. O pórtico, não centralizado, com teto aparentemente sustentado pelas cariátides e flanqueado por grandes esfinges femininas, dava acesso ao primeiro compartimento do templo-palácio, uma sala rasa no sentido norte-sul e longa no sentido leste-oeste. À frente, flanqueada por grifos com grandes bicos, semelhantes

ao da ave de rapina sobre o pilar externo, uma outra porta, também não centralizada e não exatamente alinhada com a primeira, dava acesso a outra sala, com o mesmo formato da anterior, porém maior e dotada de salas anexas. Bases de pedra foram evidenciadas nessa sala, indicando que seu teto era sustentado por pilares. Um carrinho de mão encontrado *in situ*, retangular, feito de bronze e ferro, era provavelmente um altar usado para transportar fogo cerimonial.

Desde a entrada externa, passando primeiro pela escadaria, depois pelo altar e, sucessivamente, pelo pórtico, pela primeira sala, até chegar à sala maior, percorria-se um eixo ascendente e retilíneo, com exceção da entrada para a sala maior, que não se alinhava com os demais demarcadores arquitetônicos do caminho de acesso.

A despeito dos desalinhamentos, o desenho da metade oeste do prédio é repetido na metade leste, embora menor, o que lhe dá uma certa simetria.

3.3.10 Jerusalém

Figura 3.94 – Monte do Templo, Jerusalém

(SIEGEL, 2014)

LOCALIZAÇÃO

31° 46' 40" N
35° 14' 07" L

Jerusalém
Israel

Cidade Velha
58 Km a L do Mediterrâneo

Perfil de Elevação Atual: Eixo Oeste-Leste

Perfil de Elevação Atual: Eixo Norte-Sul

As origens da cidade de Jerusalém (Fig. 3.94) remontam, pelo menos, ao quarto milênio a.C., como indicam artefatos cerâmicos encontrados no local (MAZAR, 1990, p. 100-103; STEINER, 2001, p. 7-9). Seu nome aparece, pela primeira vez, nos textos de execração egípcios dos sécs. XIX-XVIII a.C. (PRITCHARD, 1969, p. 328-329) e, posteriormente, nas cartas de Tell el-Amarna do séc. XIV a.C. (PRITCHARD, 1969, p. 488-489). Segundo a tradição bíblica, Jerusalém já era uma cidade antiga quando foi conquistada por Davi e transformada na capital de seu reino, no começo do séc. X a.C. (Js 10:1; 15:7-8; 2Sam 5:6-9). Mais tarde, quando o reino se dividiu, continuou como capital do diminuto reino de Judá (1Rs 12:16-20). Corroborando sua condição de capital, os anais de Senaqueribe, ao reportar uma campanha militar empreendida em 701 a.C., referem-se a Jerusalém como a “residência real” de Ezequias (PRITCHARD, 1969, p. 288).

Segundo as fontes bíblicas, foi em Jerusalém, no final da primeira metade do séc. X a.C., que o rei Salomão, filho de Davi, construiu um templo dedicado a YHWH, o deus de Israel, em continuidade ao culto que, anteriormente, era celebrado no Tabernáculo móvel construído por Moisés (2Sm 7:1-6, 12-13; 1Rs 5-8; 2Cr 3-4). O texto informa que o fornecimento dos materiais mais nobres e dos mais habilidosos artífices foi confiado a Hirão, rei de Tiro, revelando o prestígio de que gozavam os construtores fenícios – “sidônios”, de acordo com 1Rs 5:6 – à época em que o texto bíblico foi produzido. Considerando que o templo de Jerusalém é representado nos textos bíblicos como o mais importante símbolo nacional de Judá, é muito improvável que seus autores tivessem atribuído sua construção a estrangeiros, frequentemente hostilizados por esses mesmos textos, a menos que se tratasse de uma memória coletiva que simplesmente não poderia ser negada. Assim, a menção dos fenícios como construtores do templo de Salomão pode ser tida como indicativa da origem da tradição arquitetônica sacra de Judá.

Não há, porém, registros arqueológicos do templo de Jerusalém. A reverência com que judeus, cristãos e islâmicos, ainda hoje, devotam ao local onde teria sido construído (Figs. 3.94 e 3.95), tornam-no praticamente inacessível à pesquisa arqueológica necessária à determinação de sua existência e características no período pré-exílico. Além disso, ainda que escavações mais intensas viessem a se tornar possíveis, as sucessivas destruições e reconstruções sofridas pela antiga Jerusalém provavelmente já eliminaram a maior parte, se não todos, dos remanescentes materiais do templo. Todas as informações a seu respeito provêm de

fontes literárias (1Rs 5-8; 2Cr 2-7; Ez 40-43), sobre as quais não há consenso quanto à data de composição, se foram escritas na alegada época do templo de Salomão, o que asseguraria, pelo menos em linhas gerais, sua confiabilidade histórica; se preservam, com imponderável grau de acurácia, memórias de épocas passadas; ou se foram produzidas muitos séculos depois da época que pretendem retratar, o que tornaria nulo seu valor documental.

Figura 3.95 – Planta da Suposta Localização do Templo de Jerusalém

(KILLEBREW, 2015)

Contudo, embora não se tenha, do templo de Salomão, evidência material direta, alguns importantes traços dos dois únicos templos até hoje encontrados no território de Judá, um em Tel Moza e outro em Tel Arad, e dos dois templos-modelo trazidos à luz em Khirbet Qeiyafa coincidem de modo notável com a descrição bíblica do templo de Salomão e de seu antecessor, o Tabernáculo móvel.

A abertura que representa a porta de entrada do templo-modelo cerâmico de Qeiyafa, por exemplo, datado do começo do séc. X a.C., é flanqueada por duas colunas (Fig. 3.96), à semelhança das duas colunas que, segundo as fontes bíblicas, havia à entrada do templo de Salomão (1Rs 7:13-22, 41-42). No caso do outro templo-modelo de Qeiyafa, talhado em pedra e da mesma época, a abertura que representa a entrada é emoldurada por tríplice ombreira e lintel, formando degraus recuados (Fig. 3.97), no mesmo estilo em que, aparentemente, a Bíblia descreve as portas e janelas do templo e do palácio de Salomão (1Rs 6:4; 7:4; *ver também* GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 82). Esse templo-modelo também representa, acima do tríplice lintel, um entablamento formado por uma série de tríglifos, à semelhança da fachada do templo de Salomão, como parece ser descrita pelos textos bíblicos (1Rs 7:3; *ver também* GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 80-82).

Figura 3.96 – Templo-Modelo em Cerâmica
(GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 32)

Figura 3.97 – Templo-Modelo em Pedra
(GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 42)

Os paralelos entre, por um lado, o templo de Salomão e o Tabernáculo e, por outro, os templos de Arad e Moza, são ainda mais significativos. Todos os quatro templos apresentam, além de outras semelhanças, (1) um espaço segmentado em três distintas áreas de culto, a saber, um pátio e um prédio com dois compartimentos; (2) a entrada do prédio voltada para leste; (3) duas colunas ladeando a entrada, exceto no caso do Tabernáculo; (4) um altar de sacrifícios, quadrado na base, localizado no pátio à frente da entrada do prédio; (5) alinhamento de todos esses elementos, um após o outro, ao longo de um eixo retilíneo, de leste para oeste; e (6) progressão ascendente do pátio para o interior do templo.

Tal convergência de dados indica que a Bíblia Hebraica, qualquer que tenha sido a época de sua composição, preserva a memória de uma tradição que condicionava a construção dos templos no Reino de Judá praticamente durante todo o tempo de sua existência, isto é, durante todo o período representado pelos dados arqueológicos de Qeiyafa, Moza e Arad, do séc. X ao VI a.C. Em outras palavras, pode-se presumir que as descrições bíblicas, pelo menos em suas linhas mais básicas e gerais, retratam a concepção que havia em Judá, na Idade do Ferro II, de como deveria ser um templo.

A arquitetura sacra do Reino de Judá que se manifesta no registro arqueológico dos templos de Moza e Arad, bem como nas descrições bíblicas do Tabernáculo e do templo de Salomão não é, porém, única. Dados arqueológicos providos por estruturas e gravuras da Mesopotâmia, Síria, Fenícia e Chipre, indicam que, ao conceber e construir seus templos, Judá seguia, em praticamente todos seus traços essenciais típicos, uma tradição que era comum, embora não uniforme, no antigo Oriente Médio desde o quinto milênio a.C. (GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 46-60; KAMLAH, 2012; MIERSE, 2012, p. 156-197; WRIGHT, 1971).

Jerusalém
LOCALIZAÇÃO
Jerusalém Israel
COORDENADAS
31° 46' 40" N 35° 14' 07" L
STRATUM
(---)
DATA
Ferro II 950 - 586 a.C.
CULTURA
Judaíta

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
60 côv.	20 côv.

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Quadrada

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
744 m - Serra	50 m - Montanha	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Santo dos Santos: duas estátuas de querubins. Templo: imagens de querubins, bois, leões e motivos florais.	Pátio: altar de sacrifícios; uma pia grande fixa; dez pias menores móveis; caldeiras; pás; bacias. Pórtico: duas colunas flanqueando a entrada. Santo: dez castiçais; mesa; altar de incenso; lâmpadas; utensílios. Santo dos Santos: arca contendo as duas tábuas da aliança.

CONTEXTO
Dentro de Jerusalém, capital do Reino de Judá, próximo ao palácio real, muito maior que o templo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
1Rs 5-8; 2Cr 2-7; Ez 40-43

Apesar de o texto bíblico descrever o templo de Salomão com informações parciais e de empregar termos técnicos cujo significado preciso ainda não foi estabelecido – fatos esses que explicam as diferentes propostas de reconstrução de que tem sido objeto (BUSINK, 1970; CHIPIEZ; PERROT, 1889; GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 127-190; HUROWITZ, 2009, 2010; KEEL; KNAUF; STAUBLI, 2004; KING; STAGER, 2001, p. 330-338; REIDINGER, 2005; STADE, 1883, 1887, p. 292-343; STINESPRING, 1962; VINCENT, 1957; WATZINGER, 1935; YEIVIN, 1968) – a descrição é suficiente para traçar, em linhas gerais, como o prédio foi originalmente concebido, especialmente no que diz respeito à forma de disposição do espaço, a que este trabalho se circunscreve.

O templo de Jerusalém media 20 côvados no sentido norte-sul por 60 côvados no sentido leste-oeste (1Rs 6:2), com uma única entrada no centro da parede menor voltada para leste, segundo a memória preservada por Ezequiel (Ez 47:1). Internamente, o prédio era dividido em dois compartimentos. O primeiro, denominado **הֵיכָל** – *heykal*, media 40 côvados de comprimento (1Rs 6:17), e o segundo, chamado **דְּבִיר** – *devir*, media 20 côvados de comprimento (1Rs 6:20). Uma vez que ambos tinham 20 côvados de largura, o *heykal* era uma sala longa, tendo exatamente o dobro da área do *devir*, que era uma sala quadrada. O fato de que, em Arad, o compartimento equivalente ao *heykal* era do tipo largo, enquanto em Jerusalém, no Tabernáculo e provavelmente em Moza era do tipo longo sugere que esse traço arquitetônico não era significativo no culto de Judá. Tal possibilidade desautoriza que, apenas com base na forma da nave, templos do tipo *longo* e *largo* sejam de pronto classificados como pertencendo a diferentes tradições.

O texto informa também que o templo tinha 30 côvados de altura e o *devir*, apenas 20. Essa diferença talvez indique que o piso do *devir* era mais elevado que o piso do *heykal*. Embora essa não seja a única interpretação possível, parece ser a mais provável em razão de diversos paralelos arqueológicos. Nos templos de Ain Dara, Arad, Beth Shean, Laquis e, provavelmente, Moza, Tayinat II e Tayinat XVI, o piso do compartimento mais recôndito é também mais elevado.

À frente do templo havia um pórtico (**אֹיִלָּם** – *ulam*) medindo 20 côvados de largura por 10 de profundidade. Por essa razão, vários autores têm considerado o templo de Jerusalém como sendo uma estrutura tripartite, formada pelo *ulam*, o *heykal*

e o *devir* (GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 174). Embora essa classificação possa ter alguma utilidade descritiva, ela força a inclusão, na mesma categoria, de templos que, embora tripartites, podem ter pertencido a tradições cultuais muito diferentes. De fato, os autores bíblicos tomam o cuidado de deixar claro que o pórtico não fazia parte do templo propriamente dito. Ao se referir ao templo de Jerusalém, o texto usa a designação “*casa de YHWH*” (1Rs 6:1), empregando a mesma palavra (בַּיִת – *bayit* – casa) com que se refere ao palácio que Salomão construiu para ser sua residência (1Rs 7:1-2), indicando que o templo era concebido como morada da divindade, assim como o palácio era a do rei. O texto, porém, emprega a palavra *bayit* para designar apenas o núcleo da edificação, isto é, a estrutura formada pelo *heykal* e o *devir*. Quanto ao pórtico (*ulam*), é dito que ficava “na frente” e suas medidas são dadas separadamente, como se não integrasse o *bayit* (1Rs 6:3). Significativamente, o Tabernáculo de Moisés, que é apresentado como sucessor do templo de Salomão (2Sm 7:1-6, 12-13; 1Rs 5:5; 1Cr 21:29 – 22:10; 2Cr 2:4), também era constituído por dois compartimentos, o Santo (קֹדֶשׁ – *qodesh*) e o Santo dos Santos (קֹדֶשׁ הַקֳּדָשִׁים – *qodesh haqadashim*), sem qualquer pórtico ou vestíbulo (Ex 26:33). Além disso, tanto no Tabernáculo quanto no templo, nenhum ritual é associado ao pórtico, mas apenas ao pátio externo (חֶצֶר – *hatzer*) que estava “diante da casa de YHWH” (Lv 1:1-3; 1Rs 7:23-39; 8:63-64) e a cada um dos dois compartimentos internos (eg. Ex 25; 30:6-8; Lv 24:2-4; Nm 8:2-3; Lv 16). Cabe aqui lembrar que os dois únicos templos até hoje encontrados no território de Judá, em Arad e Moza, ambos destituídos de pórticos, eram – inequivocamente no primeiro caso e provavelmente no segundo – prédios bipartidos. Assim sendo, o templo de Jerusalém deve, mais apropriadamente, ser classificado como uma estrutura bipartida, dotada de um pórtico.

Duas colunas, à frente do pórtico, flanqueavam a entrada do templo de Jerusalém (1Rs 7:15-22; 2Cr 3:15-17), à semelhança de vários templos escavados no Levante, entre eles, Arad, Moza, Ain Dara, Tayinat II, Beth Shean e, possivelmente, Dan. Nenhuma função ritual é atribuída às colunas pelas fontes bíblicas. Seus nomes, porém, são revelados (1Rs 7:21): a coluna à direita de quem entrava no templo chamava-se Yaquim (יָקִים), significando algo como “*ele estabelecerá*”, e, a da esquerda, Boaz (בֹּאֵז), de raiz incerta, talvez significando “*em força*”, provavelmente formando a frase “*ele estabelece em-força*”, composta apenas pelas duas palavras hebraicas, cada uma escrita numa coluna (BROWN, 1979, p. 127 e 467).

Ao longo de suas paredes externas, exceto na fachada, o templo de Jerusalém era circundado por galerias (1Rs 6:5-6), como também é concebido por Ezequiel (Ez 41:5-6). Anexos semelhantes foram arqueologicamente evidenciados nos templos de Moza, Arad, Beth Shean V-Sul, Mique 650 e, mormente, Ain Dara.

Na frente do templo de Jerusalém, do lado leste, estendia-se o pátio no qual havia um altar de sacrifícios, uma pia grande e dez pias menores. O altar era feito de bronze, medindo 20 por 20 côvados de base e 10 côvados de altura (1Rs 8:64; 2Rs 16:14; 2Cr 4:1; 2Cr 15:8). Na visão de Ezequiel, esse altar continua sendo quadrado na base, porém menor (Ez 43:13-16). Altares semelhantes, quadrados na base, localizados no pátio e alinhados com o eixo do templo, foram também evidenciados em Moza e Arad, e integram a descrição do Tabernáculo (Ex 27:1) e a concepção do templo de Ezequiel (Ez 43:13). A pia maior, medindo dez côvados de diâmetro (1Rs 7:23; 2Cr 4:2), equivalente à pia para abluções do Tabernáculo (Ex 30:18-21), é assentada sobre doze touros, agrupados de três em três, cada grupo voltado para um dos pontos cardeais (1Rs 7:25; 2Cr 4:4), à semelhança da parelha de touros em basalto evidenciada no templo de Carquemis. Dez pias menores assentavam-se sobre bases com rodas (1Rs 7:27-39; 2Cr 4:6), à semelhança do altar móvel evidenciado no templo de Halaf.

O texto também faz referência ao mobiliário e decoração dos compartimentos do templo de Jerusalém. O Santo continha um altar para incenso, uma mesa para pães, dez castiçais, taças, espevitadeiras, bacias, braseiros e utensílios diversos (1Rs 7:48-51). No Santo dos Santos ficava a “arca da aliança” (1Rs 8:6), contendo duas tábuas de pedra com inscrições (1Rs 8:9; Dt 10:2, 5), sob as asas estendidas das estátuas de dois querubins (כְּרֻבִים - *querub*), medindo dez côvados de altura cada (1Rs 6:23-28). Estátuas e outras imagens de seres alados, fantásticos, em parte homem e em parte animal, foram arqueologicamente evidenciadas nos templos de Alepo, Halaf e Ain Dara. As paredes do Santo e do Santo dos Santos eram decoradas com motivos florais e querubins (1Rs 6:29).

Ainda com base nas referências textuais, pode-se inferir que o templo de Jerusalém era voltado para leste (Ez 8:16), assim como o Tabernáculo (Ex 27:13-16; Nm 2) e os templos escavados em Moza e Arad.

Em suma, as evidências parecem indicar que o espaço sagrado que integrava o templo de Jerusalém era constituído por três áreas rituais, dispostas uma após a outra, cada uma provavelmente mais elevada que a outra, ao longo de um eixo

retilíneo, que ia de leste para oeste, a saber: (1) o pátio externo, no extremo leste do eixo, tendo um altar quadrado no seu centro; (2) o primeiro compartimento interno, o Santo, a que se tinha acesso pelo pórtico, centralizado e flanqueado por duas colunas; e (3) o segundo e último compartimento interno, o Santo dos Santos, no extremo oeste do eixo.

3.3.11 **Kition**

Figura 3.99 – Kition
(BRUCE, 2017)

LOCALIZAÇÃO		
34° 55' 23" N 33° 37' 50" L	Lárnaca Chipre	Costa SE de Chipre, 206 Km da costa da Síria

As ruínas de Kition jazem sob a atual cidade de Lárnaca, na costa sudeste do Chipre. Hoje situada a cerca de 900 m do mar, há evidências de que, na Idade do Bronze Recente, as torres do lado leste do muro da cidade ficavam praticamente dentro das águas do Mediterrâneo. Embora fora do Levante continental, o sítio foi aqui incluído por sua especial relevância. No séc. IX a.C., Idade do Ferro II, os fenícios estabeleceram ali o que parece ter sido sua primeira colônia e, nela, um grande templo dedicado a Astarte (Fig. 3.99), exposto pelas escavações arqueológicas realizadas no sítio Kition-Kathari, entre 1976 e 1990 (KARAGEORGHIS, 1976, 1982, 2004; CALLOT, 2004). Isso supre uma importante lacuna uma vez que, apesar de os fenícios serem famosos construtores e artífices, especialmente em se tratando de arquitetura sacra – ao ponto de, segundo as fontes bíblicas, lhes ter sido confiada a construção do Templo de Salomão (1Rs 5:2-6; 7:13-45; 1Cr 14:1; 2Cr 4:11) – são raríssimas as evidências de instalações de culto monumentais, da Idade do Bronze Recente ou do Ferro, até agora encontradas em território fenício continental.

Em Kition, o templo fenício foi construído com o mesmo desenho e exatamente sobre um dos templos cipriotas que o antecederam. Em face disso, não se pode presumir sem reservas que ele seja expressão da arquitetura fenícia. Por outro lado, como ressalta Seymour Gitin, há um intervalo de aproximadamente 150 anos entre a última camada estratigráfica cipriota e a primeira camada fenícia (GITIN, 2012, p. 241), o que permite entreter a hipótese de que a continuidade talvez resulte, não do mero aproveitamento das fundações do período anterior, mas de afinidade cultural. Nesse caso, o templo de Astarte em Kition seria não apenas um legítimo representante da arquitetura fenícia, mas também testemunha de afinidades de culto entre a Fenícia e o Chipre. Por conseguinte, talvez também se possa ver aí uma afinidade com a civilização micênica, uma vez que, segundo sugerem as semelhanças da cultura material, foram imigrantes micênicos que construíram e repetidamente renovaram na ilha a série de templos da Idade do Bronze Recente da Área II (KARAGEORGHIS, 1976, 1982).

Os dois primeiros templos da série – Templo 2 e Templo 3 – datados do início do séc. XIII a.C., portanto no período em que a cidade era habitada por um povo de cultura cipriota-micênica, foram edificadas dentro da cidade, ao lado do muro, a aproximadamente 20 m um do outro, sem outras construções ao redor. Um jardim formado por cerca de 60 cavas na rocha, cada uma com 30-50 cm de diâmetro e aproximadamente 30 cm de profundidade, interligadas por canais de irrigação,

circundava os dois templos, integrando-os num mesmo ambiente, sugerindo que faziam parte do mesmo complexo de culto (Fig. 3.100).

No final do séc. XIII a.C., a cidade de Kition, com seus templos, foi violentamente destruída, talvez pelos *Povos do Mar* que, no período de transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, deixaram muitas evidências de ataque e destruição na região do Mediterrâneo Oriental (CLINE, 2014, p. 102-138; DREWS, 1993, p. 11-12).

Pouco tempo depois, ca. 1200-1150 a.C., a cidade foi reconstruída, seguindo o mesmo plano anterior, embora com modificações. O complexo de templos foi significativamente ampliado (Fig. 3.101). O Templo 2 foi reconstruído no mesmo local, basicamente com o mesmo desenho e tamanho. O Templo 3 não foi reconstruído. Sobre ele, foi erigido o grande Templo 1 – aqui chamado de Kition 1A – incorporando em seu pátio interno o jardim da fase anterior. A leste dos templos 1 e 2, dois outros templos foram levantados: Templo 4 e Templo 5. Surgiram então também os têmenos A e B, interligando os templos e seus diversos anexos.

Por volta de 1075 a.C., Kition foi de novo destruída, desta vez aparentemente por um terremoto. Pouco tempo depois, o complexo de templos foi mais uma vez reconstruído, inclusive o Templo 1, seguindo basicamente o mesmo traçado que tinha no período anterior. O complexo permaneceu assim até a cidade ser abandonada, por volta de 1000 a.C.

Depois de aproximadamente um século e meio, período em que o sítio parece ter permanecido desabitado, os fenícios estabeleceram em Kition, em meados do séc. IX a.C, o que provavelmente foi sua primeira colônia, e totalmente reconstruíram o Templo 1.¹ Ele foi levantado no mesmo local, com o mesmo desenho e tamanho que tinha na fase anterior, mas com algumas significativas modificações internas. Esse templo fenício passou por pelo menos três importantes fases, aqui chamadas de Kition 1B, Kition 1C e Kition 1D.

¹ Os fenícios também aproveitaram outras estruturas do complexo de templos cipriota-micênico. Contudo, por ser o maior e mais representativo, apenas o Templo 1 será aqui considerado.

Kition 1A
LOCALIZAÇÃO
Kition Lárnaca, Chipre
COORDENADAS
34° 55' 23" N 33° 37' 50" L
STRATUM
Área II Floor III
DATA
Bronze Recente Séc. XIII a.C.
CULTURA
Cipriota-Micênica

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
33,60 m	22 m

COMPARTIMENTOS
1 (?)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	(---)	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
2N, 1L, 1S	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Sim

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Ascendente	Não Progressivo

ALTITUDE
7 m - Planície

ELEVAÇÃO
0 m - Planície

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Entulho do séc. IX a.C.: estatuetas femininas junto com fragmentos de templos modelos e vasos cerâmicos em miniatura.	Templo: Tanque; poço; possível pilar não funcional. Têmeno A: altar circundado por ossos carbonizados, fragmentos cerâmicos, cinza e um par de "Chifres de Consagração". Têmeno B: "Chifres de Consagração". Templo 5: máscaras cerâmicas. Complexo de templos: âncoras votivas.

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio isolado em área portuária, próximo de oficinas metalúrgicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CALLOT, 2004; KARAGEORGHIS, 1978, 1982, 1985, 2004; KARAGEORGHIS; DEMAS, 1985

A primeira versão do Templo 1 (Kition 1A) foi construída, no início do séc. XII a.C., sobre a área que, no período anterior, ficava entre os templos 2 e 3. Nesse ponto, o relevo é discretamente mais elevado, o que dava à estrutura uma certa proeminência e impunha a sensação de acesso ascendente.

Figura 3.103 – Altar e “Chifre de Consagração”, Têmeno A, Área II

(KERR, 2010-2017)

Sua função cultural é inferida da relação de continuidade com as edificações que a antecedem e sucedem no mesmo local, todas com alguma evidência material de que eram dedicadas ao culto; das analogias que podem ser traçadas entre sua arquitetura e artefatos com aqueles encontrados em templos de outros sítios; de inscrições epigráficas encontradas no local; e, igualmente importante, do fato de integrar um complexo com várias instalações dedicadas ao culto, incluindo três outros

templos (2, 4 e 5), dois têmenos (A e B) e várias salas anexas com evidências de atividades de culto.

No Têmeno A, por exemplo, foi evidenciado um altar cercado de ossos de animais carbonizados, tendo, a seu pé, um bloco de rocha calcária, que talvez fizesse parte do topo do altar, talhado no formato de “chifres de consagração” (KARAGEORGHIS, 1976, p. 69-70) (Fig. 3.103), termo cunhado por Arthur Evans para referir-se a esse símbolo religioso frequentemente encontrado em sítios gregos, minoicos e micênicos (EVANS, 1901, p. 107, 135-138) e também na fenícia Sidon, onde 20 exemplares do séc. XIII a.C. foram recentemente descobertos (DOUMET-SERHAL, 2017, p. 26). Voltando a Kition, um segundo par de “chifres de consagração” foi encontrado, em uso secundário, no Têmeno B (KARAGEORGHIS, 1984, p. 96).

O Templo 1, em sua primeira fase (Kition 1A), era constituído por um retângulo murado, medindo 33,60 m de leste a oeste e 22 m de norte a sul. Quase todo esse espaço era ocupado por um amplo pátio interno, sem evidências de que fosse coberto.

Quatro entradas davam acesso a esse pátio, todas não centralizadas. No canto noroeste, uma voltada para o norte. No canto sudeste, uma voltada para o sul. E, no canto nordeste, havia um pórtico com duas aberturas, uma voltada para leste e outra voltada para o norte, dando acesso direto ao pátio interno tanto para quem vinha do Têmeno A, ao norte, quanto para quem vinha do Têmeno B, a leste.

Na entrada leste, do canto nordeste, foram encontradas duas bases de pedra *in situ*, sugerindo a existência de duas colunas flanqueando a passagem.

A entrada sul era antecedida por uma rampa e um lance de degraus ascendentes. Deste ponto, indo para o norte, podia-se adentrar o pátio diretamente, pelo seu extremo leste, ou indiretamente, passando por um corredor estreito, a oeste dessa entrada, que se estendia paralelo à parede sul do pátio e dava acesso a seu extremo oeste.

A entrada norte ligava o pátio a um complexo de pequenas oficinas de metalurgia do cobre.

No piso do pátio interno foram encontradas dezenas de buracos redondos, cavados na rocha, com cerca de 30 cm de diâmetro e 30 a 50 cm de profundidade, espalhados sem um padrão evidente. As covas eram interligadas por canais de irrigação, conectados a um poço, localizado no extremo oeste do pátio, e a um tanque retangular (4,6 x 1,8 x 0,9 m), também cavado na rocha, localizado aproximadamente

no centro do pátio. Como sugerido por Karageorghis, talvez funcionassem como covas para o plantio de arbustos e flores, formando um jardim.

O extremo oeste da instalação era ocupado, em toda sua extensão norte-sul, por três compartimentos contíguos, com 5,30 m de profundidade, com a respectiva porta voltada para o pátio, a leste, mas sem comunicação entre si. Em frente ao compartimento do meio, próximo do poço, foi evidenciada uma depressão retangular, talvez a base de uma coluna sem função estrutural.

Karageorghis interpreta esses três compartimentos como sendo “obviamente o Santo dos Santos” (KARAGEORGHIS, 1976, p. 62; *ver também* 1982, p. 94). Isso implica em assumir que constituíam o ápice do eixo ritual, o foco do culto, e que havia entre esses compartimentos e os demais espaços uma diferença qualitativa, em termos de grau de santidade. As evidências, porém, parecem desabonar essa interpretação. Sua construção e acabamento, em técnica e materiais empregados, não os diferenciam dos demais espaços. Nenhuma instalação ou artefato foi encontrado dentro deles que permitam sugerir que tivessem um caráter especial. Além disso, a entrada do compartimento sul, o maior dos três, fica escondida atrás de uma parede, o que parece indicar sua importância secundária ou acessória. Caso as cavas fossem mesmo covas onde cresciam arbustos, e caso esteja correta sua plotagem no croqui do templo, a entrada do compartimento norte parece que ficava deliberadamente escondida atrás dos arbustos do jardim. O compartimento do meio, por sua vez, é o menor dos três e sua entrada não é centralizada com o eixo do pátio, o que não favorece a tese de que tivesse alguma primazia ou fosse o centro das atenções. A discreta disposição dos três compartimentos e a ausência de qualquer traço que os distingam sugerem que tinham a função de simples depósitos, não de “Santo dos Santos”.

Quanto a essa questão, o Templo 2, contemporâneo, vizinho e muito parecido com o Templo 1 (Kition 1A), oferece um dado significativo. O Templo 2 também é um retângulo constituído por um pátio a leste e um compartimento menor a oeste. Consistentemente, esse compartimento menor também foi interpretado por Karageorghis como sendo o “Santo dos Santos”. Contudo, a parede que separa essas duas áreas usa materiais diferentes em cada uma de suas faces: cascalho, na face voltada para o interior do compartimento menor, e pedras finamente talhadas, com bordas bisotê, na face voltada para o pátio (KARAGEORGHIS, 1976, p. 68, *ver também* p. 63-64). Isso sugere a inferioridade relativa do compartimento menor,

justamente o oposto do que se esperaria caso fosse o lugar mais sagrado do templo. Porém, em contraposição, o piso dos compartimentos menores no fundo do Templo 4 ficava “consideravelmente acima do nível do piso do pátio” (KARAGEORGHIS, 1976, p. 78), o que talvez indique, pelo critério da ascendência, seu maior grau de importância.

Por essas razões, pode-se considerar, com ressalva, a possibilidade de que o eixo ritual do Templo 1 (Kition 1A) encontrava seu ápice no pátio, em meio ao jardim, e que esse jardim, com as instalações que tivesse, constituía o próprio foco do culto. Desse modo, o eixo de acesso do Templo 1 (Kition 1A) seria ascendente e talvez difuso. Contudo, considerando que, nas versões posteriores desse templo, o compartimento que corresponde às três salas contíguas do templo Kition1A era mais evidentemente o foco do culto, não se pode descartar de pronto a interpretação de que assim sempre foi desde a primeira fase do templo.

Todos os cinco templos da Idade do Bronze Recente em Kition apresentam eixos longitudinais, aproximadamente no sentido leste-oeste. Contudo, essa característica não parece ser significativa, mas sim casualmente determinada pela posição do muro da cidade, cuja linha acompanham paralelamente (KARAGEORGHIS, 1976, p. 76). Considerando que também não apresentam um padrão no que diz respeito à posição das entradas e dos compartimentos, parece que axialidade e orientação não eram fatores significativos no culto cipriota-micênico de Kition. O único traço na disposição do espaço que, por não ser necessário, talvez seja simbólico, é a imposição de acesso ascendente, discernível no Templo 1 (Kition 1A) (KARAGEORGHIS, 1982, p. 94), no Templo 2 (KARAGEORGHIS, 1976, p. 55) e no Templo 4 (KARAGEORGHIS, 1976, p. 78).

Kition 1B
LOCALIZAÇÃO
Kition Lárnaca, Chipre
COORDENADAS
34° 55' 23" N 33° 37' 50" L
STRATUM
Área II Floor III
DATA
Ferro II Séc. IX a.C.
CULTURA
Fenícia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
33,50 m	22 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
1L, 1S	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	28 + 2

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE
7 m - Planície

ELEVAÇÃO
0 m - Planície

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Altar. Cerâmica fenícia "Samaria". Tigela dupla. Tigela com inscrição de dedicação a Astarte. Próximo: vala de descarte de itens do período anterior: estatuetas femininas; três fragmentos de santuários modelos; vasos cerâmicos miniaturas.

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio isolado em área portuária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CALLOT, 2004; KARAGEORGHIS, 1978, 1982, 1985, 2004; KARAGEORGHIS; DEMAS, 1985

A segunda fase do Tempo 1 (Kition 1B) inicia-se com a reconstrução realizada pelos recém-chegados colonos fenícios. O Templo 1B manteve o mesmo desenho e o mesmo tamanho do templo cipriota-micênico da fase anterior. Significativas modificações, porém, foram implementadas. A estrutura surge agora muito mais nitidamente segregada, mais claramente simétrica, com eixos de acesso mais evidentemente determinados (Fig. 3.105).

A parede que, no lado sul, separava o pátio do corredor foi eliminada, tornando o espaço interno bem mais largo. A entrada no canto noroeste foi bloqueada. As outras duas entradas, porém, foram mantidas, uma no extremo norte da parede leste e outra no extremo leste da parede sul. O acesso pelo leste inicia-se agora, obrigatoriamente, no portal de entrada do Têmeno B, flanqueado por duas colunas, também localizado

no extremo norte de sua parede leste, de modo que a entrada do têmeno e a entrada do templo eram alinhadas ao longo de um eixo leste-oeste. A partir desse ponto, é necessário cruzar o têmeno, passando por um altar de sacrifícios, para se chegar ao pórtico do templo, agora flanqueado por colunas, cujas bases de pedra foram encontradas *in situ*. O acesso ao templo pelo lado sul se fazia diretamente, a partir de uma rua ou praça, através de um pórtico também flanqueado por colunas.

Embora um pórtico ficasse no canto nordeste e o outro no canto sudeste, ambos conduziam o adorador para a mesma área dentro do templo: a faixa de trânsito ao longo da parede leste. A partir daí, torna-se evidente a grande inovação trazida pelos fenícios: o arranjo interno passa a ser perfeitamente simétrico, definido por quatro fileiras de colunas paralelas, com sete colunas cada, cujas bases de pedra foram encontradas *in situ*. A grande quantidade de colunas sugere que o espaço, ocupado na fase anterior por um jardim, passa agora a ser totalmente coberto, um verdadeiro templo monumental. Karageorghis, entretanto, é da opinião de que essa área, que ele continua chamando de “pátio”, era coberta apenas ao longo da parede norte e ao longo da parede sul, formando duas varandas, cada uma com o teto sustentado por suas fileiras de coluna, com uma ala descoberta entre as duas varandas (KARAGEORGHIS, 1982, p. 95).

Entre as duas fileiras do lado norte e as duas fileiras do lado sul, um amplo corredor conduz retilineamente ao extremo oeste do templo. Nesse ponto, foram encontradas duas grandes bases de pedra, provavelmente suportes para duas colunas, com diâmetro bem maior que o das outras 28, flanqueando a entrada para um compartimento nos fundos.

Esse compartimento coincide, em posição e profundidade, com o que havia na estrutura da fase anterior. A divisão tripartite, contudo, desaparece. Ele é agora uma única sala que ocupa toda a largura do templo, com três entradas, equidistantes e simetricamente distribuídas, sendo que a entrada do meio é centralizada, perfeitamente alinhada com o eixo do corredor central entre as colunas. Esse arranjo estritamente simétrico e axial conduz toda a atenção para a porta central do compartimento dos fundos, tornada ainda mais proeminente pelas duas excepcionais colunas que a flanqueiam. Isso fortemente sugere a primazia da sala dos fundos que, agora sim, pode ser apropriadamente chamada de *Santo dos Santos*.

Assim, parece que os fenícios, embora aproveitando as fundações do prédio cipriota-micênico, transformam-no num templo rigidamente simétrico, em que o

acesso progride, de leste para oeste, ao longo de um eixo longitudinal, central e retilíneo, até culminar no ponto mais sagrado, a pequena sala dos fundos. Extrapolar essa interpretação para a estrutura do período anterior – o que levaria à conclusão de que o culto cripta-micênico tivesse o mesmo caráter do culto fenício – parece ser uma distorção das evidências. Aparentemente em suporte à tese de descontinuidade no culto, foi encontrada uma vala, na área do complexo de templos, contendo vários artefatos do período anterior, incluindo estatuetas femininas, três fragmentos cerâmicos de templos-modelo e vários vasos cerâmicos em miniatura, possivelmente encontrados no local pelos fenícios e por eles descartados (KARAGEORGHIS, 1976, p. 91).

Associada à fase inicial do templo fenício, foi achada uma tigela com uma inscrição de natureza votiva dirigida a *Astarte* (Fig. 3.106), o que sugere ser essa a divindade à qual os fenícios dedicaram o imponente templo de Kition (AMADASI GUZZO; KARAGEORGHIS, 1977, p. 55; BLOCH-SMITH, 2014, p. 172-173; DUPONT-SOMMER, 1972, p. 273-294; KARAGEORGHIS, 1982, p. 124, 126).

Figura 3.106 – Vaso Dedicado a *Astarte*

Cyprus Museum, Nicosia, Registro: Kition 1435

(NATIONAL HELLENIC RESEARCH FOUNDATION, 2016)

Kition 1C
LOCALIZAÇÃO
Kition Lárnaca, Chipre
COORDENADAS
34° 55' 23" N 33° 37' 50" L
STRATUM
Área II
DATA
Ferro II Séc. VIII a.C.
CULTURA
Fenícia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
33,50 m	22 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Longa

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
1L, 1S	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	12 + 2

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
7 m - Planície	0 m - Planície	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	"Depósito de Fundação" com frascos, tigelas e ossos de animais.

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio isolado em área portuária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CALLOT, 2004; KARAGEORGHIS, 1978, 1982, 1985, 2004; KARAGEORGHIS; DEMAS, 1985

Por volta de 800 a.C., o Templo 1B foi destruído por fogo, deixando uma espessa camada de cinza e carvão, provavelmente produzida pela queima de suas 28 colunas de madeira e de todo o vigamento que sustentavam. Nessa camada, dando testemunho da identidade e função do edifício, foram encontrados muitos fragmentos da *Cerâmica Samaria*, tipicamente fenícia, caracterizada pelas paredes finas e engobo vermelho (Fig. 3.108) (BIKAI, 1978), e uma tigela dupla, geralmente associada a contexto de culto (Fig. 3.109). Sobre as ruínas, foi erigido o Templo 1C, com a mesma planta básica do anterior e algumas modificações.

Figura 3.108 – Cerâmica Samaria
(TRANTER, 2017)

Figura 3.109 – Tigela Dupla
Museu de Lárnaca, Registro: Kition 927
(KARAGEORGHIS, 1981, Pl. 21.19-20)

Ao invés das quatro fileiras de colunas que havia no Templo 1B, o Templo 1C foi reconstruído com duas fileiras de seis colunas cada. Suas bases são agora bem maiores do que as da fase anterior, sugerindo colunas mais robustas e pesadas. Continuam, porém, paralelas e simetricamente alinhadas no sentido longitudinal leste-oeste, definindo um corredor central que conduz para a porta centralizada na parede dos fundos que dá acesso ao compartimento menor no final do eixo. As duas entradas laterais de acesso ao compartimento dos fundos, que havia na fase anterior, foram fechadas, permanecendo apenas a entrada central.

Essas modificações têm o efeito de concentrar ainda mais o foco da atenção sobre o compartimento menor, dando maior proeminência a sua posição no final do eixo de acesso e acentuando sua primazia, possivelmente como ápice do eixo ritual.

Kition 1D
LOCALIZAÇÃO
Kition Lárnaca, Chipre
COORDENADAS
34° 55' 23" N 33° 37' 50" L
STRATUM
Área II
DATA
Ferro II Séc. VII a.C.
CULTURA
Fenícia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
33,50 m	22 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
1L, 1S	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	12 + 2

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE
7 m - Planície

ELEVAÇÃO
0 m - Planície

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	(---)

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio isolado em área portuária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CALLOT, 2004; KARAGEORGHIS, 1978, 1982, 1985, 2004; KARAGEORGHIS; DEMAS, 1985.

Por volta de 650 a.C., o Templo 1 sofreu suas últimas significativas modificações. O Têmeno B foi dividido em vários compartimentos menores. Dentro do templo, o espaço entre as colunas foi preenchido por parede, de modo que as duas fileiras de colunas passaram a ser duas paredes longitudinais, dividindo o espaço em três corredores, à semelhança de outros templos aqui discutidos: Templo Sul de Beth-Shean (Stratum V, Ferro I) e templo de Tel Moza, Fase 2 (Stratum IV, Ferro IIB). As três alas internas, definidas pelo novo arranjo, impunham três possíveis caminhos de acesso ao extremo oeste do eixo, onde estaria o foco do culto. Pode-se apenas especular se cada um desses caminhos era reservado para um tipo específico de cerimônia, ou de adorador, ou de intenção. Qualquer que fosse o caso, a construção de uma barreira física entre eles, imposta pelas paredes, sugere que a livre mudança de um caminho para o outro deixou de ser permitida. Bancadas, provavelmente para suporte de oferendas, foram construídas ao longo da face interna das paredes norte e sul.

3.3.12 Laquis

Figura 3.111 – Tel Laquis
(SOUTHERN ADVENTIST UNIVERSITY, 2014)

LOCALIZAÇÃO		
31° 33' 54" N 34° 50' 54" L	Tel Laquis Israel	44 Km a SO de Jerusalém 36 Km a L do Mediterrâneo

Tel Laquis (Tell ed-Duweir) é um sítio arqueológico localizado em meio às ondulantes colinas do Shephelah, a cerca de 44 Km a sudoeste de Jerusalém e 36 Km a leste da costa oriental do Mediterrâneo (Fig. 3.111). Diversas cartas de Tel el-Amarna atestam que, durante a Idade do Bronze Recente, Laquis era uma afluente cidade-estado canaanita, com intensas interações com os povos da região e nações distantes (MORA, 1992, p. 287, 288, 328, 329, 335; PRITCHARD, 1969, p. 488-490).

Escavações realizadas na Área P, Nível VI (USSISHKIN, 2004; *ver também* STARKEY, 1937) trouxeram à luz um prédio datado do final do Bronze Recente, ou talvez começo do Ferro I, que David Ussishkin chamou de “templo” (Figs. 3.112 e 3.117), embora com a ressalva de que “nossa conclusão de que o edifício era um templo é baseada unicamente em evidência circunstancial, não em prova direta, e teoricamente poderia ter tido alguma função secular” ou “ter integrado o complexo palaciano real contemporâneo” (USSISHKIN, 1978, p. 20). Seu texto deixa transparecer que essa “evidência circunstancial” emana, se não unicamente, principalmente das semelhanças que o prédio tem com outros templos do Levante, isto é, presumivelmente, três compartimentos dispostos um depois do outro, ao longo de um eixo retilíneo e ascendente.

Figura 3.112 – Templo de Laquis

(USSISHKIN, 1987; *ver também* 2004, p. 225, Fig. 6.11)

Laquis VI
LOCALIZAÇÃO
Tel Laquis Israel
COORDENADAS
31° 33' 54" N 34° 50' 54" L
STRATUM
Área P Stratum VI
DATA
Bronze Recente ca. 1200 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
24.20 m	13,20 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Oeste	Complexo (?)

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim (?)	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	2 + 3

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
264 m - Serra	60 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Plaqueta com figura de mulher nua. Grafites com figuras antropomórficas.	Três colunas octogonais em estilo egípcio, formando dois nichos.

CONTEXTO
Centro urbano, próximo a palácio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
USSISHKIN, 1978, 2004

O grau de deterioração das ruínas não permite determinar com certeza como era a planta do prédio do templo do Stratum VI de Laquis. Presumindo um eixo de acesso retilíneo, Ussishkin propôs que havia uma antecâmara a oeste, apesar de nenhum vestígio de entrada, parede ou fundação ter sido encontrado nesse lado, mas apenas pequena parte de um piso (*Locus* 3203), insuficiente para traçar o perímetro do suposto compartimento.

Do lado leste do *Locus* 3203, foram evidenciadas uma entrada e partes das paredes de um compartimento, chamado de “sala principal” (*Locus* 3146), com piso 1,30 m acima do piso do *Locus* 3203. Em face desse desnível, presumiu-se a existência de uma escada, de que nenhuma evidência foi encontrada.

Figura 3.114 – Escada da Sala Principal

(USSISHKIN, 2004, p. 241, Fig. 6.32)

O lado sul não foi escavado e, portanto, não há evidências da suposta parede sul. Apesar disso, com base no que foi exposto da parede norte e presumindo uma certa simetria, Ussishkin propôs que a sala principal era retangular, medindo 16,50 m no sentido oeste-leste por 13,20 m no sentido norte-sul. Presumivelmente, portanto, o templo mediria cerca de 13,20 m de largura por 24,20 m de comprimento.

No meio da sala principal, foram encontradas duas grandes pedras, aparentemente fora de sua posição original, com cerca de 85 cm de diâmetro cada e face superior lisa. Elas foram interpretadas como sendo bases de duas colunas que, inferindo-se do que se conhece de outros templos do Levante, provavelmente erguiam-se no centro da sala, alinhadas perpendicularmente ao eixo longitudinal.

No extremo leste da sala principal, foi evidenciada uma escada de pedra (Fig. 3.114), supostamente centralizada, com seis degraus e indícios de um sétimo, flanqueada no topo por duas colunas, cujas bases foram encontradas *in situ*, dando acesso a uma “cela” no extremo leste do eixo, muito mal preservada, sem contornos claramente definidos (*Locus* 3153). Nenhuma instalação ou artefato foi encontrado na cela.

Figura 3.115 – Coluna Octogonal
(USSISHKIN, 2004, p. 236, Fig. 6.28)

Dentro da sala principal, na parede leste, ao norte da escada, foram evidenciadas três bases de coluna *in situ*, com aproximadamente 51 cm de diâmetro. A face da base do meio apresenta uma saliência grosseiramente octogonal. As outras duas bases são marcadas com sulcos rasos, em forma de círculo. Espalhados em vários pontos, foram encontrados fragmentos de colunas – uma delas totalmente restaurada (Fig. 3.115) – que, por seu tamanho e formato octogonal, parecem ser as que se erguiam sobre essas bases. Um orifício profundo no topo do único capitel encontrado sugere que as colunas conectavam-se a alguma outra coisa, talvez a imagem de uma divindade (GITTLEN, 1982, p. 68) ou algum tipo de sanefa sobre as três colunas, formando dois nichos (USSISHKIN, 2004, p. 238). Vestígios de uma pilastra unindo cada pilar à parede do fundo fortalece essa última hipótese.

Figura 3.116 – Plaqueta de Ouro

Proveniência: Tel Laquis, Israel

Data: Bronze Recente, *ca.* 1200 a.C.

Altura: 20,4 cm

(THE ISRAEL MUSEUM, 1978,

Registro IAA 1978-1)

Figura 3.117 – Reconstrução Artística

(USSISHKIN, 2004, p. 220, Fig. 6.4)

Ainda dentro da sala principal, na parede leste, ao sul da escada, foi evidenciado um tanque feito com pedras e revestido com argamassa, provavelmente para conter água.

Uma vez que não há evidência de uma entrada para a antecâmara do lado oeste, como foi presumida por Ussishkin, Aharon Kempinski sugere que a principal entrada do templo era a passagem que foi evidenciada ao norte (KEMPINSKI, 1978), no centro da parede que separa a sala principal da sala anexa (*Locus 3161*) e de outras salas a esta ligadas.

Também na parede norte, mais perto das colunas, uma outra entrada dava acesso a um pequeno nicho (*Locus 3162*).

Figura 3.118– Grafite, Laje II
(USSISHKIN, 2004, p. 262, Fig. 6.57)

A maioria dos artefatos associados ao templo foram encontrados na sala 3161 e no nicho 3162, tais como “placas de marfim importadas, objetos de vidro, vaso de faiança, ovos de avestruz decorados, escaravelhos, vasos de alabastro-calcita, contas, pingentes, um machado de bronze, uma placa de ouro e vasos cerâmicos”, inclusive “vários suportes e muitas tigelas pequenas para a apresentação de ofertas” (USSISHKIN, 2004, p. 267). O excepcional luxo do prédio é evidenciado pela grande quantidade de vestígios do precioso cedro do Líbano, por fragmentos de reboco com pinturas em “preto, branco, vermelho, amarelo mas predominantemente azul claro” (USSISHKIN, 2004, p. 245), e por fragmentos de lâminas de ouro. Especialmente relevantes para determinar a função do prédio são os grafites com figuras antropomórficas (Figs. 3.118 e 3.119) que, segundo Ussishkin, talvez representem divindades, e uma plaqueta de ouro com a figura de uma mulher nua, de pé sobre o dorso de um cavalo (Fig. 3.116), semelhante a muitas outras encontradas no Levante, geralmente interpretadas com imagens de divindades.

Caso a reconstrução de Ussishkin esteja correta (Fig. 3.117), o espaço do templo de Laquis, Nível VI, era simetricamente organizado, embora com discretos desalinhamentos: o centro da escada que conduzia para a cela, por exemplo, não estava perfeitamente alinhado com o presumido ponto central entre as duas colunas. O eixo de acesso era retilíneo e ascendente. Iniciava-se numa suposta porta a oeste, atravessava a antecâmara para subir a também presumida escada que conduzia à sala principal. Dentro dela, passava entre duas grandes colunas para chegar ao pé do lance de degraus e, daí, conduzia para a cela no final do eixo.

3.3.13 Mazar

LOCALIZAÇÃO		
32° 13' 27" N 35° 36' 17" L	Tell el-Mazar Jordânia	3,5 Km a E do Rio Jordão 1,5 Km a O da vila de Khazma

Tell el-Mazar é um morro situado na planície do Rio Jordão, no território da atual Jordânia, a 3 Km ao norte da cidade de Tell Deir Alla, a cerca de 1,5 Km a oeste da vila de Khazma, na província de Al Balqa, e a cerca de 3,5 Km a leste do Rio Jordão, praticamente a meio caminho entre o Mar da Galileia, ao norte, e o Mar Morto, ao Sul (Fig. 3.120).

Escavações arqueológicas realizadas no local, entre 1977 e 1981, sob a direção de Khair Yassine, revelaram um assentamento da Idade do Ferro I-II e, num pequeno morro a cerca de 220 m a noroeste do assentamento (Montículo A), uma edificação isolada, então datada do final do séc. XI a.C. e interpretada como sendo um “santuário” (YASSINE, 1984, 1988, p. 115-135; *ver também* NAKHAL, 1994, p. 25).

Mazar
LOCALIZAÇÃO
Tell el-Mazar, Montículo A Jordânia
COORDENADAS
32° 13' 25" N 35° 36' 16" L
STRATUM
Montículo A
DATA
Ferro II Séc. XI-X a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
24 m (?)	16 m

COMPARTIMENTOS
3

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo(?)	(---)	Complexa

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
O + S(?)	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Não(?)	Sim

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Difuso	Ascendente	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
-249 m - Planície	1,80 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Dois cálices grandes, com pedestal. Um suporte cilíndrico fenestrado para oferta de oferendas.

CONTEXTO
Isolado, a 220 m de centro urbano. Evidência de intensa produção de alimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
YASSINE, 1984; YASSINE; STEEN, 2012

Embora a erosão tenha totalmente destruído o lado sul do santuário, parece que sua área formava um retângulo murado, medindo 16 m no sentido leste-oeste e aproximadamente 24 m no sentido norte-sul. O santuário era constituído por um grande pátio (*Locus* 103) dotado, em seu extremo norte, de três salas contíguas (*Loci* 100, 101 e 102) dispostas no sentido leste-oeste. A entrada de cada uma dessas salas era voltada para o sul. Todas as três entradas eram não centralizadas, mas situadas no canto oeste de cada sala.

Considerando que as três salas são voltadas para o sul, pode-se especular, como o faz Yassine, que a entrada principal do pátio talvez também ficasse do lado sul, voltada para o assentamento. Mas nada sobrou desse lado do santuário que permita averiguar tal suposição.

Uma entrada foi evidenciada no canto noroeste do pátio, medindo aproximadamente 2,60 m de largura e flanqueada por pilastras de 1,20 m de espessura. Era, portanto, portentosa o suficiente para ser, se não a única, a principal via de acesso. Do lado externo dessa porta, foram encontradas lajes grandes, assentadas abaixo do nível do pátio interno, sugerindo uma soleira ou, talvez, uma escada. Qualquer que seja o caso, o acesso por essa via era ascendente.

No extremo sul do pátio, foi encontrada uma estrutura de pedra medindo 2 m por 1,50 m e 60 cm de altura. Embora não estivesse esquadrejada com os muros do pátio, essa “mesa” alinhava-se com o eixo central norte-sul e, talvez, fosse um altar.

Além dessa instalação, as únicas evidências que favorecem a tese de que o local era local de culto são dois grandes cálices com pedestal (Figs. 3.122 e 3.123) e um suporte cerâmico cilíndrico fenestrado (Figs. 3.124 e 3.125), para apresentação de ofertas, encontrados no *Locus* 101, semelhantes aos evidenciados em outros contextos de culto, (e.g. DEVER, 2005, p. 116, 120-122, 145, 154; MAY, 1935, Pl. XIX 2802, 2803, 3237, 5824; XX; MAZAR, 1990, p. 380; NAKHAI, 1994, p. 24-25; ZEVIT, 2001, p. 316-321).

Todas as demais evidências sugerem que o local era usado para “intensa produção de alimentos” e “em larga escala” (YASSINE, 1984, p. 113). No *Locus* 101, a sala leste, foi encontrada uma “excessiva quantidade de vasos”, grandes e pequenos, que ocupava totalmente o espaço, o que sugere sua função como depósito. No *Locus* 102, a sala oeste, foram encontradas uma bacia embutida na bancada ao longo da parede, uma tigela cerâmica funda e uma fossa ou cisterna cavada no chão, com 1,90 de profundidade. Na sala central, *Locus* 100, além da bancada ao longo da parede, foi evidenciada uma tigela cerâmica. No pátio, *Locus* 103, foram encontrados vários fornos do tipo *tabun*, grande quantidade de ossos de animais e artefatos ao redor dos fornos, incluindo vasos de armazenagem, panelas, crateras, tigelas e “garrafas de cerveja”.

Em face desses achados, alguns especialistas acreditam ser pouco provável que a instalação de Tell el-Mazar, Montículo A, tenha sido um santuário ou templo (FRITZ, 1995, p. 70; MAZAR, 1990, p. 389-390). Contudo, é possível sugerir que sediava alguma forma de culto se se presumir, como Yassine parece fazer, que esse culto era primordialmente caracterizado por uma “função econômica” (YASSINE, 1984, p. 114). Essa conclusão, implicaria em subverter o consagrado axioma de que é o conjunto dos artefatos encontrados em uma estrutura que pode indicar sua função, não uma pequena parcela deles, muito menos apenas os excepcionais. Entretanto, considerando-se que outros locais de culto têm sido encontrados na região do Levante diretamente associados a atividades econômicas – *eg.* Kition 1A (metalurgia), Megido 2072 (tecelagem), Mique 350 (tecelagem), Mudayna 149 (tecelagem), Safi (metalurgia) – não se pode descartar de pronto a tese de que a instalação do Montículo A sediasse alguma espécie de culto.

Assim, admitindo-se, apenas para efeito de argumento, que a instalação do Montículo A seja um santuário ou templo, cabe aqui destacar, para comparação com as demais instalações estudadas, que sua face voltava-se para o sul, com uma entrada a oeste e, talvez, outra ao sul. O acesso, pelo menos pela entrada oeste, era ascendente e seguia um eixo irregular, difuso. Caso houvesse uma entrada ao sul, o eixo de acesso imporia um certo senso de progressão, do sul para o norte, embora ao longo de um eixo difuso, iniciando-se no portal de entrada, passando pelo “altar” e, deste, para um dos fornos espalhados pelo pátio e, por fim, possivelmente, para uma das três salas no extremo norte.

3.3.14 Megido

Figura 3.126 – Tel Megido, Áreas AA e BB
(a partir de: THE MEGIDDO EXPEDITION, 2017)

LOCALIZAÇÃO		
32° 35' 11" N 35° 11' 05" L	Tel Megido Israel	30 Km a SE de Haifa 10 Km a SO de Afula

Tel Megido (Tell al-Mutesellim) é um sítio arqueológico localizado a cerca de 30 Km a sudeste da atual cidade de Haifa, Israel (Fig. 3.126), na entrada oriental do passo de Aruna – o mais importante caminho entre a planície do Mediterrâneo e o Vale de Jezreel, através da cadeia de montanhas do Carmelo. Nessa posição estratégica, que permitia controlar uma das mais movimentadas rotas de caravanas entre o Egito, Síria e Mesopotâmia, Megido era, segundo fontes históricas e arqueológicas, uma das mais importantes cidades-estado do Levante durante toda a Idade do Bronze. Eventualmente, na Idade do Ferro, passou a estar sob o domínio de Israel (HARRISON, 2004; LOUD, 1948b). Em razão de seu protagonismo, Megido tem sido considerado “o mais importante sítio arqueológico em Israel dos tempos bíblicos e um dos mais significativos para o estudo do antigo Oriente Médio em geral” (FINKELSTEIN; USSISHKIN, 1994, p. 28). Desde 1903 até hoje, o sítio foi submetido a numerosas e extensas escavações arqueológicas que revelaram várias instalações de culto, de áreas e períodos diversos, algumas da Idade do Ferro.

Na Área BB, do lado leste do morro, por exemplo, foi evidenciada uma longa e multicomponencial série de templos (Fig. 3.127). Na estratigrafia revista por

Immanuel Dunayevsky e Aharon Kempinski, o primeiro templo (4040) foi construído no começo da Idade do Bronze (Stratum XVI), numa área em que, previamente (Stratum XVII), já existia um altar monumental (4017) circundado por amplo temeno. No Stratum XV, Bronze Recente IIIb, do lado oeste do templo 4040, foram erigidos mais dois templos (5192 e 5269), sendo que o 5192 era “idêntico, tanto em planta quanto em proporções arquitetônicas, ao templo 4040” (DUNAYEVSKY; KEMPINSKI, 1973, p. 165). No Stratum XIVb, apenas o templo 4040 e o altar 4017 permaneceram e, a partir do Stratum XIVa, apenas o templo 4040.

Sobre o templo 4040, no Stratum X, final do Bronze Médio, foi construído o templo 2048 (Fig. 3.128), cujo complexo em que estava inserido passou por pelo menos cinco grandes fases construtivas. Apesar de o maior tempo de sua existência ter sido na Idade do Bronze, portanto fora dos limites cronológicos deste trabalho, o templo 2048 será aqui considerado em razão de ter permanecido ativo até o início da Idade do Ferro (HARRISON, 2004, p. 10).

Figura 3.128 – Templo 2048

(LOUD, 1948b, p. 104, Fig. 248)

Quanto aos demais que o antecederam no mesmo lugar, basta ressaltar de passagem alguns de seus traços básicos, que também caracterizam a maioria dos templos levantinos da Idade do Bronze (KAMLAH, 2014, p. 507-534), principalmente

no norte, e que, na Idade do Ferro, continuariam a ser típicos: simetria; arranjo consecutivo dos compartimentos ao longo de um eixo longitudinal, retilíneo e ascendente; e tripartição da área de culto, em regra: (a) no começo do eixo, uma área externa com um altar de sacrifícios, (b) em seguida, uma grande sala, às vezes precedida por um vestíbulo ou pórtico e (c) no final do eixo, uma sala menor, nicho ou plataforma, presumivelmente o foco do culto. A diversidade de orientação, contudo, sugere que, em geral, esse não era um traço significativo.

Além do Templo 2048, serão também considerados os prédios 2072 (Ferro I) e 338 (Ferro II) em razão de sua alegada função predominantemente religiosa.

Megido 2048-X
LOCALIZAÇÃO
Tel Megido Israel
COORDENADAS
32° 35' 11" N 35° 11' 05" L
STRATUM
Área BB Stratum X
DATA
Bronze Médio IIb 1750 - 1550 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
21,50 m	16,50 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
159 m - Planície	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Nicho centralizado, no final do eixo de acesso, que provavelmente abrigava o objeto foco do culto.

CONTEXTO
Centro urbano. Integra um complexo de edificações monumentais que inclui um palácio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
EPSTEIN, 1965; DUNAYEVSKY; KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a, 1948b

Construído com paredes externas de quase 3 m de espessura, o Templo 2048 passou por pelo menos cinco grandes fases construtivas, a última já na Idade do Ferro I. Ele ocorre pela primeira vez no Stratum X, Bronze Médio IIb, como parte de um complexo que incluía um palácio a oeste, separado do templo apenas por um amplo pátio, a que se tinha acesso através de um portal ao norte. Seguindo para o sul, a partir do portal, era necessário virar para leste, aproximadamente no meio do pátio, para acessar outro amplo pátio, ladeado ao norte por um complexo de salas e, ao sul, pela fachada do templo.

O Templo 2048, Stratum X, foi erigido sobre uma plataforma de pedra de pelo menos 2 m de altura (DUNAYEVSKY; KEMPINSKI, 1973, p. 180), medindo 21,50 m de comprimento por 16,50 m de largura. Sua entrada ficava no lado menor voltado para norte-nordeste. Claire Epstein sugere a existência de um vestíbulo (EPSTEIN, 1965, p. 215, n. 42), no que é seguida por Dunayevsky e Kempinski (1973, p. 182, n. 48), talvez contendo uma sala de cada lado. O templo propriamente dito era constituído por uma única sala, dotada de um nicho na parede sul-sudoeste, no final do eixo de acesso.

O eixo de acesso, portanto, a partir do pátio, era retilíneo no sentido nordeste-sudoeste, sobre um piso plano elevado.

Não foram encontrados artefatos diagnósticos de culto diretamente associados ao templo nesta camada estratigráfica. De modo que sua identificação como instalação de culto é inferida da semelhança de sua estrutura com outros templos conhecidos, bem como da relação de continuidade com as estruturas de culto, construídas no mesmo ponto, em camadas anteriores e posteriores.

Megido 2048-IX
LOCALIZAÇÃO
Tel Megido Israel
COORDENADAS
32° 35' 11" N 35° 11' 05" L
STRATUM
Área BB Stratum IX
DATA
Bronze Recente I 1550 - 1400 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
21,50 m	16,50 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
159 m - Planície	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Nicho centralizado, no final do eixo de acesso, que provavelmente abrigava o objeto foco do culto.

CONTEXTO
Centro urbano. Integra um complexo de edificações, mas agora sem o palácio que havia na fase anterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
EPSTEIN, 1965; DUNAYEVSKY; KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a, 1948b

No Stratum IX, a planta do Templo 2048 permanece exatamente igual à da fase anterior. A alteração mais significativa nessa camada estratigráfica é o desaparecimento do palácio que havia a oeste, aparentemente transferido para outra área.

Também nesta camada estratigráfica, não foram encontrados artefatos diagnósticos de culto diretamente associados ao templo. A identificação da estrutura 2048-IX como *templo*, portanto, também é inferida de sua semelhança com outros templos conhecidos, bem como da relação de continuidade com as estruturas de culto, construídas no mesmo ponto, em camadas anteriores e posteriores.

Megido 2048-VIII		
LOCALIZAÇÃO		
Tel Megido		
Israel		
COORDENADAS		
32° 35' 11" N		
35° 11' 05" L		
STRATUM		
Área BB		
Stratum VIII		
DATA		
Bronze Recente II		
1400 - 1200 a.C.		
CULTURA		
Canaanita		

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
21,50 m	16,50 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2 (?)	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
159 m - Planície	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Nicho centralizado, no final do eixo de acesso, que provavelmente abrigava o objeto foco do culto.

CONTEXTO
Centro urbano. Integra um complexo de edificações, mas agora sem o palácio que havia na fase anterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
EPSTEIN, 1965; DUNAYEVSKY; KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a, 1948b

No Stratum VIII, a planta do templo continua basicamente igual à dos dois períodos anteriores. As salas que flanqueavam a entrada, porém, foram ocupadas por degraus, o que indica, a partir desta fase, a existência de duas torres, uma de cada lado da entrada do templo.

Não foram encontrados nessa camada estratigráfica artefatos de culto associados ao prédio 2048. Sua identificação como *templo* continua sendo inferida de sua semelhança com outros templos conhecidos, bem como da relação de continuidade com as estruturas de culto, construídas no mesmo ponto, em camadas anteriores e posteriores.

Megido 2048-VIIB		
LOCALIZAÇÃO		
Tel Megido		
Israel		
COORDENADAS		
32° 35' 11" N		
35° 11' 05" L		
STRATUM		
Área BB		
Stratum VIIB		
DATA		
Bronze Recente II		
1400 - 1200 a.C.		
CULTURA		
Canaanita		

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
21,50 m	16,50 m

COMPARTIMENTOS
2 (?)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
159 m - Planície	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Plataforma, no final do eixo de acesso, onde provavelmente ficava o objeto foco do culto. Banheira de pedra. Lápide com cavidades côncavas. Blocos de basalto.

CONTEXTO
Centro urbano. Integra um complexo de edificações, aparentemente de apoio à função do templo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
EPSTEIN, 1965; DUNAYEVSKY; KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a, 1948b

No Stratum VIIIB, a base de uma coluna, com 65 cm de diâmetro, foi encontrada *in situ*, sugerindo uma entrada do tipo *dístilo in antis*. Embora não se tenha certeza da exata posição estratigráfica, Gordon Loud a representa na planta do Stratum VIIIB (LOUD, 1948b, p. 102-103, 105, Fig. 247). A segunda base de coluna foi encontrada no nível abaixo, fora de seu lugar original.

Internamente, a única alteração significativa é o desaparecimento do nicho, dando lugar a uma plataforma ou altar, com 1,10 m de altura, que se estende por cerca de dois terços da parede dos fundos, a partir do canto sudeste. Essa alteração não precisa ser interpretada como novidade no culto, podendo ser apenas forma alternativa de expressar seu foco. O fato de que o nicho foi restaurado na fase seguinte suporta essa última interpretação. O piso ao redor da plataforma apresentava sinais de queima. Nele, foram encontrados diversos artefatos de pedra, incluindo uma “banheira” (Fig. 3.133); uma lápide polida com cavidades côncavas; e blocos de basalto (LOUD, 1948b, p. 105). Externamente, o templo passou a ser circundado, dos lados oeste, sul e leste, por um temeno, o que impunha um senso de segregação ainda maior.

Figura 3.133 – Nave do Templo 2048, Área BB
(LOUD, 1948b, p. 109, Fig. 261)

Megido 2048-VIIA		
LOCALIZAÇÃO		
Tel Megido Israel		
COORDENADAS		
32° 35' 11" N 35° 11' 05" L		
STRATUM		
Área BB Stratum VIIA		
DATA		
Bronze Recente II – Ferro I 1200 - 1150 a.C.		
CULTURA		
Canaanita		

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
21,50 m	16,50 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE
159 m - Planície

ELEVAÇÃO
50 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatueta banhada em ouro. Fragmentos de estatuetas e placas antropomórficas, de bronze e cerâmica.	Nicho com abside, centralizado, no final do eixo de acesso, que provavelmente abrigava o objeto foco do culto. Plataforma na frente do nicho. Pilão. Jarros. Tigelas. Frascos. Lamparinas. Pingentes em forma de crescente. Quatro címbalos. Fragmentos de apliques de ouro.

CONTEXTO
Centro urbano. Integra um complexo de edificações, aparentemente de apoio à função do templo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
EPSTEIN, 1965; DUNAYEVSKY; KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a, 1948b

Em sua última fase, Stratum VIIA, as paredes do templo 2048 passaram a ter cerca da metade da espessura que tinham antes. Internamente, o templo voltou a ter o nicho dos fundos e, à sua frente, uma plataforma elevada, de formato irregular, mais larga no centro, que se estendia por toda a largura da sala, impondo um acesso ascendente ao nicho, acessível por meio de um lance de seis degraus estreitos encostados à parede leste (Fig. 3.133).

O nicho é agora destacado no lado externo da parede por uma abside (Fig. 3.135), uma espécie de saliência que acompanha as linhas de contorno do nicho. Tal alteração, se era estruturalmente necessária – considerando que o nicho profundo certamente enfraquecia significativamente a parede agora bem menos espessa – podia também ter tido a função de índice, provocando a imaginação e atraindo a atenção para o foco do culto no nicho do interior do templo.

Figura 3.135 – Abside do Templo 2048-VIIA

(LOUD, 1948b, p. 109, Fig. 262)

Poucos artefatos que talvez possam ser interpretados como de culto foram evidenciados. Eles incluem um pilão, encontrado sobre a plataforma no fundo do templo, fragmentos de estatuetas e placas antropomórficas, fragmentos de apliques de ouro (LOUD, 1948a, Pl. 228.1; 236.27, p. 28-29) e uma estatueta de bronze folheada a ouro, provavelmente representando o deus Baal, segurando na mão

esquerda um objeto semelhante a um abanador ou espelho (Fig. 3.136). Um artefato de bronze quase idêntico (Fig. 3.137) foi encontrado no piso do Stratum VII A ou B e interpretado por Loud como provável “espelho” (LOUD, 1948a, Pl. 283.3). A semelhança entre os dois artefatos sugere a possibilidade de que representam um tipo de cetro, símbolo de poder e soberania associado ao culto de Baal.

Figura 3.136 – Baal, Templo 2048-VII/VI
PROVENIÊNCIA: Tel Megiddo, Israel;
DATA: Bronze Recente II - Ferro I;
ALTURA: 25,5 cm
(ORIENTAL INSTITUTE, 2014c, Registro A18316;
ver também LOUD, 1948a, Pl. 237 e 238)

Figura 3.137 – Espelho, Templo 2048-VII
PROVENIÊNCIA: Tel Megiddo, Israel;
DATA: Bronze Recente II;
ALTURA DA LÂMINA: ca. 12 cm;
ESPESSURA: 3 mm
(LOUD, 1948a, Pl. 283.3)

Megido 2072
LOCALIZAÇÃO
Tel Megido Israel
COORDENADAS
32° 35' 11" N 35° 11' 05" L
STRATUM
Área AA Stratum VIA
DATA
Ferro I 1140 - 925 a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
32 m	30 m

COMPARTIMENTOS
Complexo

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Complexa

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul (?)	Simple

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Não	Sim

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Progressivo

ALTITUDE
159 m - Planície

ELEVAÇÃO
50 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Sala 2068: vaso zoomórfico. Sala 2069: estatueta antropomórfica; dois machados. Sala 2070: vaso zoomórfico. Sala 2071: estatueta antropomórfica.	Sala 2069: mais de vinte pesos de tear. Sala 2071: dois suportes votivos. Sala 2072: banheira cerimonial.

CONTEXTO
Prédio urbano, próximo ao portal da cidade, associado a possível oficina de tecelagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
HARRISON, 2004; LOUD, 1948a, 1948b

O Prédio 2072, Stratum VIA, Área AA (Fig. 3.138), foi datado da Idade do Ferro I, ca. 1140-925 a.C. Seus remanescentes permitem presumir uma planta aproximadamente quadrada, com vários compartimentos. Contudo, nenhuma entrada foi evidenciada, mas apenas algumas das aberturas de ligação entre esses compartimentos. Assim, não é possível determinar com certeza se o Prédio 2072 era constituído por uma ou duas unidades geminadas e independentes. Considerando que (a) seu lado norte fica no extremo do topo do morro, praticamente à beira de um precipício, (b) a parede oeste foi evidenciada sem aberturas e (c) seu lado leste ficava provavelmente encostado ao portal, Gordon Loud propôs que a entrada ficava do lado sul (LOUD, 1948b, p. 37). Loud admite, porém, que uma reconstrução mais natural, embora mais vulnerável em termos de segurança, seria situar a entrada principal do Prédio 2072 em algum ponto do pátio 2075, portanto ao lado do portal da cidade (LOUD, 1948b, p. 37).

Figura 3.139 – Pesos de Tear, Sala 2069, Prédio 2072

(HARRISON, 2004, p. 196, Fig. 33)

O prédio parece ser constituído por duas unidades semelhantes com acesso a um pátio interno comum (2075) e, dele, para uma escadaria (2067) que conduzia a um piso superior. A passagem da Sala 2072 para o pátio 2075 foi evidenciada, enquanto que a passagem da Sala 2101 para o pátio foi presumida por Loud.

A unidade leste era constituída por um compartimento longo (2101) que possuía, do lado oeste, duas salas contíguas (2076 e outra, presumida, por isso não numerada), sendo que a sala mais ao sul, a não numerada, possuía um anexo (2077). A unidade a oeste, semelhantemente, era constituída por um compartimento longo (Sala 2072) que possuía, do lado oeste, três salas contíguas (2069, 2070, 2071), sendo que a mais ao norte (2069) possuía um anexo (2068), onde foi evidenciado um vaso zoomórfico. Uma “banheira” foi evidenciada no canto sudeste da Sala 2072. Na Sala 2069 foram encontrados “mais de vinte” pesos de tear (Fig. 3.139); na Sala 2070, aproximadamente a metade de todos os vasos cerâmicos do prédio; e, na Sala 2071, dois suportes para oferendas, semelhante ao tipo S1 de Eran Arie (Fig. 3.140; *cf.* ARIE, 2006, p. 218, 237, 288). Tal distribuição parece indicar que a Sala 2069 era uma oficina de tecelagem; a Sala 2071, local de culto; e a Sala 2070, depósito (ARIE, 2006, p. 237; HARRISON, 2004, p. 17).

Contudo, quando considerado à luz das semelhanças com o Prédio 350 da cidade filisteia de Tel Mique/Ecrom (HARRISON, 2004, p. 18), é possível entreter a hipótese de que, se não todo o Prédio 2072, pelo menos toda a unidade oeste funcionasse como instalação de culto ou templo. Ambas as estruturas – Prédio 350 de Mique e Prédio 2072 de Megido – tanto no que diz respeito à arquitetura quanto aos artefatos, parecem ser filisteias (MAZAR, B., 1976, p. 187; KEMPINSKI, 1989, p. 83; HARRISON, 2004, p. 18). Quanto à arquitetura, as a unidade oeste do Prédio 2072 – e, em menor grau, também a unidade leste – assemelha-se ao Prédio 350 por ser constituída por um compartimento principal que conduz a três salas anexas, contíguas, dispostas perpendicularmente ao eixo de entrada. Quanto à cerâmica, o “Jarro Orfeu” (Fig. 3.141), encontrado na Sala 2101, com a gravura de um homem barbado, segurando uma harpa, cercado por animais, tipicamente filisteu, sugere a vinculação étnica do Prédio 2072. Contudo, desde então, cerâmica tida como filisteia tem sido encontrada em vários sítios tidos como não filisteus, exigindo a conclusão de que “a ocorrência de objetos supostamente filisteus não deveria ser vista como necessariamente indicando a expansão da cultura filisteia para outras zonas” (MAEIR, 2017, p. 135).

Figura 3.140 – Suporte de Oferenda Tipo S1
 PROVENIÊNCIA: Sala 2071, Prédio 2072, Tel
 Megido, Israel;
 DATA: Ferro I, *ca.* 1140-925 a.C.
 (ARIE, 2006, p. 285, Fig. 13.78; *ver também* p.
 218, 237, 288)

Figura 3.141 – Jarro Orfeu
 PROVENIÊNCIA: Sala 2101, Prédio 2072, Tel
 Megido, Israel;
 DATA: Ferro I, *ca.* 1140-925 a.C.; ALTURA: 21 cm
 ISRAEL ANTIQUITIES AUTHORITY, 2017, Museu
 de Israel, Registro IAA 1936-1921
 (LOUD, 1948a, Pl. 76.1 e 142.20)

Especialmente significativa é a presença, tanto em Megido quanto em Mique, de uma coleção de pesos de tear associada a objetos de culto, respectivamente em salas contíguas. Tal combinação de fatores dificilmente seria acidental e talvez indique que, nos dois sítios, os pesos não tinham função econômica, mas simbólica, integrada ao culto. Os pesos de tear, então, talvez devam ser considerados como expressão metonímica da atividade econômica, para a qual se buscava, por meio do culto, o concurso favorável de forças sobrenaturais.

A associação direta entre atividade econômica e culto, de modo funcional ou metonímico, tem sido evidenciada em vários locais. Oficinas de metalurgia do cobre, por exemplo, funcionavam nos anexos do Templo 1 de Cítio, no Chipre; o santuário de Tell el-Mazar, Monte A, sediava intensa produção de alimentos; o templo de Tell

es-Safi era contíguo a oficinas de metalurgia; e o templo de Tel Moza estava diretamente associado à atividade de armazenamento de grãos em larga escala. Assim, embora utensílios domésticos predominem no Prédio 2072 de Megido, especialmente na Sala 2070, levando especialistas a concluir que era uma instalação residencial ou um palácio (ARIE, 2006, p. 238; HALPERN, 2000, p. 552; HERZOG, 1997, p. 201; MAZAR, 2002, p. 274; MAZAR, B., 1976, p. 187; KEMPINSKI 1989, p. 83; USSISHKIN 1992, p. 673; WIGHTMAN 1985, p. 118), não se pode descartar a possibilidade de que fosse um proeminente local de culto público.

Por fim, cabe ressaltar que o eixo de acesso, quer pelo norte quer pelo sul, era angular e trifurcado.

Megido 338
LOCALIZAÇÃO
Tel Megido Israel
COORDENADAS
32° 35' 11" N 35° 11' 05" L
STRATUM
Área AA Stratum VA-IVB
DATA
Ferro IIA 1000-925 a.C.
CULTURA
Israelita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
21 m	32 m (?)

COMPARTIMENTOS
Complexo

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Complexo	Larga	Pódio(?)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
N (?), O (?)	Complexo (?)

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Não	Sim

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
159 m - Planície	50 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Sala 340: Estatueta antropomórfica (?) <i>in situ</i> .	Sala 340: duas <i>masseboth</i> grandes e quatro pequenas (?); mesas e bancadas; vasos votivos (?) <i>in situ</i> . Prédio 338: cinco templos-modelo. Área ao redor: cinco a nove capiteis protojônicos; três altares com quatro "chifres".

CONTEXTO
Prédio urbano, adjacente ao muro da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
FISHER, 1929; GUY, 1931; MAY, 1935; SCHUMACHER, 1904, p. 43-53; USSISHKIN, 1989, 2017

Ao escavar Megido em 1903, a primeira estrutura trazida à luz por Gottlieb Schumacher foi o Prédio 338, localizado no extremo oriental e no ponto mais alto do monte (Stratum V ou VA/IVB), datado do começo da Idade do Ferro II e interpretado por ele como sendo um “templo” (Fig. 3.143) (SCHUMACHER, 1904, p. 43-53).

Figura 3.143 – Prédio 338, Stratum VA-IVB

(THE ORIENTAL INSTITUTE, 2014, Registro P.14827. Números identificadores acrescidos)

A complexa e incerta estratigrafia, contudo, levou os arqueólogos que sucederam Schumacher, bem como outros especialistas que avaliaram os dados arqueológicos de Megido, hora a concordar (e.g. FISHER, 1929; USSISHKIN, 1989, p. 149), hora a divergir dele (e.g. GUY, 1931, p. 30-37; KEMPINSKI, 1989, p. 186-189; LAMON; SHIPTON, 1939; SHILOH, 1979; STERN, 1990; WATZINGER, 1933, Tafel 11, Abb. 26; WRIGHT, G. R. H., 1985b, p. 250). Para esses últimos, o Prédio 338 seria primariamente residencial, com salas dedicadas a atividades diversas, talvez incluindo o culto. O fato de que foi construído no ponto em que diversas instalações de culto

havia sido previamente erigidas desde o séc. XIX a.C. favoreceu a tese de que o Prédio 338 tinha também função primordialmente religiosa (USSISHKIN, 1989, p. 160).

Em razão do critério adotado por este trabalho de incluir na consideração todas as edificações que tenham sido, em algum tempo, identificadas como *templo*, tomar-se-á aqui como referência a reconstrução proposta por David Ussishkin (USSISHKIN, 1989), apesar de questionável (STERN, 1990).

Segundo essa reconstrução, o Prédio 338 seria um “templo” constituído por diversas salas, em algumas das quais foram encontrados artefatos e instalações de culto. A Sala 340 (Fig. 3.144), onde teria sido encontrado o maior número de evidências para suportar essa identificação, media 9,15 por 4 m. Sua única entrada era não centralizada, localizada no lado maior a oeste. Alinhada ao longo de seu eixo norte-sul, foi encontrada uma fileira de pedras *in situ*.

Dessas pedras, as mais proeminentes são duas colunas, que Ussishkin interpretou como sendo “estelas” (*masseboth*), equidistantes das paredes, o que dá ao arranjo um senso de simetria, embora o ponto central entre ambas não esteja

alinhado com o ponto central da entrada. A *estela* norte media 2,20 m de altura e tinha uma depressão arredondada na face oeste; e a *estela* sul media 2,13 m de altura e tinha uma depressão arredondada na face leste, além de uma cavidade no seu topo medindo 20 cm por 10 cm, e 5 cm de profundidade. Na opinião de Ussishkin, as duas estelas “indicam a possibilidade de que um duplo culto era ali realizado” (USSISHKIN, 1989, p. 157). Presumindo a correção dessa interpretação, a instalação se assemelharia ao templo de Tel Arad, onde também foram encontrados, no “Santo dos Santos”, duas estelas e dois altares de incenso. Estas, porém, eram objetos evidentemente móveis, sem função estrutural, enquanto aquelas, por sua altura e localização bem poderiam ser interpretadas como colunas de sustentação do teto, assim como as demais “estelas” do alinhamento (STERN, 1990, p. 103-104).

A extremidade sul da fileira de pedras era marcada por outra suposta “estela” com 1,20 m de altura, no topo da qual foram encontradas duas pedras sobrepostas e, sobre elas, uma pedra esculpida rudimentarmente – em que parecem estar representados dois olhos, nariz e boca – interpretada por Schumacher como sendo um “ídolo”. O extremo norte da fileira de pedras era marcado por uma coluna de cinco pedras sobrepostas.

Figura 3.145 – Capitel Proto-Jônico, Stratum VA-IVB

(NOVACEK, 2011, p. 87; *ver também* ORIENTAL INSTITUTE, 2014e; Registro P. 27600)

Nesse alinhamento, de frente para a entrada, foi evidenciada, segundo Ussishkin, uma “mesa para ofertas”, com 1 m de altura, cujo topo era uma laje de pedra, medindo cerca de 1 por 1 m, sustentada por uma base feita com pedras pequenas e terra, mas que poderia ser apenas uma simples mesa doméstica (STERN, 1990, p. 104). Na frente da mesa, havia um degrau com 16 cm de altura. Ao lado, outros 16 cm acima, havia mais uma mesa, menor, com uma depressão no topo. As demais pedras do alinhamento eram baixas, chatas, sobre as quais foram encontrados vasos inteiros *in situ*.

Figura 3.146 – Templo-Modelo, Stratum VIA-IVB

(NOVACEK, 2011, p. 90;

ver também THE ORIENTAL INSTITUTE, 2014e, Registro D.3282; USSISHKIN, Pl. 19B)

Ao redor dessas instalações, foi evidenciada uma camada de cinzas, contendo ossos de animais e carvão, com cerca de 12 cm de espessura em média. No canto sudeste, um monte de cinzas, também contendo ossos e carvão, alcançava 1 m de altura. Para Ussishkin, essas são evidências de culto, enquanto para Stern, de atividades domésticas corriqueiras.

O contexto de outras evidências alegadamente “de culto”, abaixo sumariamente referidas, é incerto e, por isso, não podem ser inequivocamente associados ao Prédio 338 ou mesmo a sua camada estratigráfica.

Supostamente na Sala 339, em frente ao santuário 340, foram encontrados, dentre outros artefatos, fragmentos de dois templos-modelo, uma pia de pedra e “altares” de pedra; na Sala 332, foram evidenciados um pilão e pistilo de basalto, um suporte para oferendas feito de pedra calcária e fragmentos de um templo-modelo; na Sala 331, foram evidenciados dois suportes cerâmicos para oferendas.

Entre cinco e nove capiteis proto-jônicos, medindo cerca de 95 por 105 cm cada, alguns entalhados em apenas um dos lados, outros em dois, foram encontrados na área (Fig. 3.145). Segundo Ussishkin, eles são “condizentes com as medidas das paredes do prédio, que têm cerca de 1 m de espessura” e, por isso, a despeito de terem sido encontrados fora de seu contexto original e fora do Prédio 338, devem ter flanqueado sua entrada ou entradas (USSISHKIN, 1998, p. 159-160).

Ao sul do Prédio 338, Clarence Fisher escavou o Prédio 10, ao redor do qual encontrou vários artefatos de culto (FISHER 1929, p. 70), incluindo dois templos-modelo (Fig. 3.146), três altares de pedra com quatro pontas (Figs. 3.147 e 3.148) e um dos capiteis, o que levou à suposição de que esses prédios vizinhos integravam uma mesma grande área de culto (MAY, 1935, p. 7-8).

Todos os demais artefatos encontrados no Prédio 338 são tipicamente utensílios de uso doméstico.

Seis sepultamentos infantis em jarros encontrados em meio aos escombros que soterraram o Prédio 338, considerados por Ussishkin como “expressão das crenças então associadas ao santuário soterrado e seu culto” (USSISHKIN, 1989, p. 170), eram de épocas posteriores e, segundo Stern, nada tinham a ver com o Prédio 338. Segundo este, o prédio “nunca foi um santuário mas era, ao invés, um dos palácios da Megido israelita” (STERN, 1990, p. 105-106).

O Prédio 338 foi construído sobre uma plataforma elevada, de modo que o piso interno ficava bem acima do piso externo. Uma escadaria monumental, evidenciada

na face externa da parede norte do Prédio 338, conduzia a um pórtico (Fig. 3.143, *Locus* 341), indicando que havia ali uma entrada, embora sua posição não seja clara. Outra possível entrada, também não encontrada, seria na parede oeste, voltada para o pátio 313, onde as ruínas apresentaram um largo vão. Qualquer que seja o caso, o acesso percorria um eixo ascendente, com múltiplos ângulos, passando obrigatoriamente pela Sala 339, até chegar ao improvável “santuário” da Sala 340.

Figura 3.147 – Altar de Quatro Pontas

PROVENIÊNCIA: Tel Megido, Israel.

DATA: Ferro II, séc. IX a.C.

ALTURA: 54,5 cm. MATERIAL: Pedra Calcária.
(ISRAEL MUSEUM, 2017m, Registro IAA I-3567;
ver também USSISHKIN, 1989, p. 163, Pl. 20C).

Figura 3.148 – Altar de Quatro Pontas

PROVENIÊNCIA: Tel Megido, Israel.

DATA: Ferro II, séc. IX a.C. ALTURA: 68 cm.

MATERIAL: Pedra Calcária.

(ORIENTAL INSTITUTE, 2014a, Registro
A13201A; *ver também* USSISHKIN, 1989, p.
163, Pl. 20B).

3.3.15 Mique

Figura 3.149 – Tel Mique
(PANORAMIO, 2017)

LOCALIZAÇÃO		
31° 46' 48" N 34° 51' 03" L	Tel Mique Israel	21 Km a L do Mediterrâneo 35 Km a SO de Jerusalém

Tel Mique localiza-se a cerca de 21 Km a leste da costa oriental do Mediterrâneo e 35 Km a sudoeste de Jerusalém, no extremo leste da planície costeira, bordejando a região de colinas do *Shephelah* (Fig. 3.149). Escavações arqueológicas realizadas no local (Figs. 3.150 e 3.151) encontraram, em 1996, nas ruínas do Templo 650 (ver abaixo), uma inscrição dedicatória (Fig. 3.167), datada da primeira metade do séc. VII a.C., que identifica Tel Mique como a grande cidade de Ecrom, uma das cinco capitais dos filisteus mencionadas em Js 13:3 e 1Sm 6:16-17 (DOTHAN, 2002; DOTHAN; DOTHAN, 1992; DOTHAN; GARFINKEL; GITIN, 2016; DOTHAN; GITIN, 1993, 1997, 2008, 2012; GITIN, 2012, 2017; GITIN; DOTHAN, 1987).

Figura 3.150 Planta de Tel Mique

(DOTHAN; GITIN, 1990)

O sítio foi ocupado pelo menos desde o período Calcolítico e Bronze Antigo. Durante o Bronze Médio e Recente, era uma cidade canaanita de significativa

proporção. No final do Bronze, porém, apenas parte da acrópole continuou ocupada. Nesse período, a cidade baixa deixou de existir por cerca de quatro séculos. No Stratum VII, datado do início do Ferro I, ca. 1175 a.C., o local voltou a ser densamente ocupado, mas agora por uma população com cultura material caracterizada por suas “afinidades egeias e cipriotas introduzidas pelos filisteus, um dos Povos do Mar” (DOTHAN e GITIN, 2012, p. 3), bastante diferente da cultura canaanita que a precedeu: surge a cerâmica Filisteia Monocrômica (Figs. 3.152 e 3.153) (DOTHAN; ZUKERMAN, 2004; MAZOW, 2014, p. 146) e passa-se a consumir carne suína em grande escala (DOTHAN; DOTHAN, 1992, p. 248).

Figura 3.151 – Tel Miqne, Field IV, Strata V-VII

(W. F. ALBRIGHT INSTITUTE OF ARCHAEOLOGICAL RESEARCH, 2017)

Nas camadas de ocupação filisteia (Strata VII-II, Ferro I-II) foram evidenciadas cinco estruturas – aqui identificadas pelos números 352; 351; 350-1; 350-2 e 650 – que, embora não contenham artefatos diagnósticos de culto, talvez possam ser identificadas, pelo critério da continuidade, como *instalações de culto* ou *templos*. As quatro primeiras estruturas sucedem-se uma sobre a outra, em camadas estratigráficas diferentes (Strata VII, VI, V e IV), cuidadosamente preservando traços que, por não poderem ser explicados funcionalmente, só podem ter função simbólica.

Isso favorece a tese da função cultual desses prédios, contrariamente à sugestão de Trude Dothan (1998), seguida por Laura Mazow (2014, p. 142), de que eram, primariamente, residências. Por outro lado, a hipótese defendida por Mazow, de que a manutenção de traços arquitetônicos, por muitas gerações, seria uma forma de expressar direito sucessório (MAZOW, 2014, p. 143-144) é possível e não deve ser desprezada. A quinta estrutura (Strata IB-C) foi construída quase no mesmo ponto das anteriores e apresenta um conjunto de características que, mais plausivelmente, permitem classificá-la como um *templo*.

Figura 3.152 – Cerâmica Filisteia Monocrômica

Proveniência: Tel Mique, Israel

Data: Ferro I, séc. XII a.C.

Altura: 13 cm

(THE ISRAEL MUSEUM, 2017;

Registro IAA 2009-1366)

Figura 3.153 – Cerâmica Filisteia Monocrômica

Proveniência: Tel Mique, Israel

Data: Ferro I, séc. XII-XI a.C.

Altura: 10 cm

(THE ISRAEL MUSEUM, 2017;

Registro IAA 2009-1369)

Miqne 352
LOCALIZAÇÃO
Tel Miqne Israel
COORDENADAS
31° 46' 48" N 34° 51' 03" L
STRATUM
Área IV, Cidade Baixa Stratum VII-A
DATA
Ferro I Séc. XII a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
4,5 m	8 m

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Larga	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano	Não Progressivo

ALTITUDE
101 m - Planície

ELEVAÇÃO
21 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Fogueira cavada no piso.

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio localizado na cidade baixa, a sudoeste da acrópole.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
DOTHAN, 2002; DOTHAN; GARFINKEL; GITIN, 2016; DOTHAN; DOTHAN, 1992; DOTHAN; GITIN, 1997, 2008, 2012; GITIN, 2012, 2017; MAZOW, 2014

O Prédio 352 (Fig. 3.154) foi construído no centro da colina, a sudoeste da acrópole de Tel Mique (Campo IV, Stratum VIIA). Essa camada estratigráfica é caracterizada pela cerâmica filisteia monocrômica, o que permite datar o Prédio 352 a meados do séc. XII a.C., início do assentamento filisteu. Ele é constituído por uma única sala larga, medindo ca. 8 por 4,5 m. Uma grande fogueira circular, cavada em seu piso, ocupava cerca de metade da área. O caráter público do prédio é evidenciado pela larga entrada, do lado norte, que, presumindo-se que não era protegida por nenhum tipo de barreira visual, deixava seu interior totalmente devassado aos olhos de quem passasse pelo lado de fora.

Miqne 351
LOCALIZAÇÃO
Tel Miqne Israel
COORDENADAS
31° 46' 48" N 34° 51' 03" L
STRATUM
Área IV, Cidade Baixa Stratum VI-B
DATA
Ferro I Séc. XII a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
9 m	12 m

COMPARTIMENTOS
Complexo

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Larga	Complexa

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não(?)

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	2

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Progressivo (?)

ALTITUDE
101 m - Planície

ELEVAÇÃO
21 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Sala "b": fragmentos de um estojo de marfim, estilo egeu, decorado com cenas de animais em batalha (grifos, leões e touros); um vaso cerâmico zoomórfico.	Antessala: nicho com degraus no canto sudoeste; fogueiras no piso. Sala "b": canto sudeste: romã miniatura, feita de marfim.

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio localizado na cidade baixa, a sudoeste da acrópole.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
DOTHAN, 2002; DOTHAN; GARFINKEL; GITIN, 2016; DOTHAN; DOTHAN, 1992; DOTHAN; GITIN, 1997, 2008, 2012; GITIN, 2012, 2017; MAZOW, 2014

O Prédio 351 (Fig. 3.155) foi construído imediatamente em cima do Prédio 352 e aproveita sua estrutura. Na camada em que se encontra (Stratum VIB), além da cerâmica filisteia monocrômica começa também a aparecer a bicrômica (Figs. 3.156 e 3.157), o que permite datá-la do final do séc. XII e começo do séc. XI a.C. (DOTHAN; DOTHAN, 1992, p. 245-246; DOTHAN; GITIN, 1993, p. 1055-1056; MAZOW, 2014, p. 146).

Figura 3.156 – Cerâmica Filisteia Bicrômica

Procedência: Tel Mique, Israel

Tamanho: Fragmento

(W. F. ALBRIGHT INSTITUTE OF
ARCHAEOLOGICAL RESEARCH, 2017)

Figura 3.157 – Cerâmica Filisteia Bicrômica

Procedência: Não Informada

Diâmetro: 35 cm

(THE FOUNDATION FOR ARCHAEOLOGICAL
RESEARCH OF THE LAND OF ISRAEL, 2017)

Apesar de ter sido parcialmente destruído pelas construções da camada acima, suas ruínas permitem inferir que aproveitou o Prédio 352 para transformá-lo numa ampla antessala. A entrada continua voltada para o norte e, presumivelmente, devassada. Vestígios de várias fogueiras cavadas no chão foram encontradas nesse vestíbulo. Passando-se por ele, tinha-se acesso ao maior compartimento do prédio, um saguão medindo ca. 10 por 8 m, dotado com duas colunas, alinhadas ao longo de um eixo central no sentido leste-oeste. Dali, voltando-se para leste, tinha-se acesso a três salas anexas. O eixo de acesso, portanto, é angular, conduzindo por um piso plano.

Em sua sala “b”, a do canto sudeste, foram evidenciados fragmentos de um estojo de marfim, em estilo micênico (DOTHAN; DOTHAN, 1992, p. 245-246), decorado com cenas de grifos, leões e touros em batalha; um vaso cerâmico zoomórfico; e uma romã miniatura feita de marfim.

Segundo Laura Mazow, o prédio 351 talvez fosse apenas uma residência da elite, com alguma função pública, e não um templo como seus escavadores inicialmente haviam proposto (MAZOW, 2005, 2014). Um nicho localizado no canto sudoeste da antessala, a que se ascendia por um lance de degraus, e o fato de que uma instalação de culto foi construída exatamente sobre ele (Prédio 350) constituem as únicas evidências de que atividades de culto talvez fossem ali realizadas.

Figura 3.158 – Planta do Prédio 350-1
(MAZOW, 2014, p.141, Fig. 5; DOTHAN; GITIN, 2012, p. 5)

Miqne 350-1
LOCALIZAÇÃO
Tel Miqne Israel
COORDENADAS
31° 46' 48" N 34° 51' 03" L
STRATUM
Área IV, Cidade Baixa Stratum V, Fase 1
DATA
Ferro I Séc. XI a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
16 m	15 m

COMPARTIMENTOS
Complexo

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Complexa

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Norte	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não(?)

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	2 + 1(?)

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Progressivo (?)

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
101 m - Planície	21 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Sala "a": estatueta de babuíno em pedra; cabeça de estatueta em estilo egípcio. Sala "c": cavilha com duas cabeças antropomórficas.	Pórtico: jarro com sepultamento infantil. Sala "a": pesos de tear; objeto laminado em ouro; pingentes e anéis de faiança. Sala "b": <i>bamah</i> ; ossos; anel de faiança; peça de jogo; cratera cerâmica; cabo de faca de marfim; partes de um carro miniatura em bronze. Sala "c": <i>bamah</i> ; lingote de ferro; alça de caldeirão de bronze. Sala "d": fogueiras sobrepostas.

CONTEXTO
Prédio localizado a sudoeste da acrópole, próximo de área industrial. Sala "a": possível oficina de tecelagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
DOTHAN, 2002; DOTHAN; GARFINKEL; GITIN, 2016; DOTHAN; DOTHAN, 1992; DOTHAN; GITIN, 1997, 2008, 2012; GITIN, 2012, 2017; MAZOW, 2014

O Prédio 350, construído entre a acrópole e uma área industrial, foi datado do séc. XI a.C. primariamente em razão do abundante volume de cerâmica filisteia bícromica nele encontrado. Ele foi edificado imediatamente em cima do Prédio 351, embora com quase o dobro do seu tamanho, e com fundações e paredes muito mais espessas (Fig. 3.159). A disposição do espaço no Prédio 350, porém, em suas duas fases construtivas (Fase 1 e Fase 2), segue o mesmo conceito do Prédio 351.

Figura 3.159 – Templo 350, Stratum V, Campo IV

(DOTHAN, 1990, p. 29)

A entrada, agora provavelmente flanqueada por duas colunas *in antis*, das quais uma base foi encontrada *in situ*, continua voltada para o norte, larga e aparentemente devassada. O vestíbulo foi feito maior. Como no prédio que o antecedeu, seguindo-se para o sul, o vestíbulo dá acesso, através de uma passagem não centralizada, a um saguão com, provavelmente, três colunas, das quais duas bases foram evidenciadas e uma é presumida. O saguão agora é longo, no sentido norte-sul, e as colunas alinham-se ao longo desse eixo. Uma vez no saguão, do

mesmo modo como no prédio do período anterior, é necessário volver-se para o leste para aproximar-se da ala de salas contíguas. Elas continuam sendo três, de igual tamanho; a do norte, porém, aparentemente passou a ter um anexo. O acesso continua sendo ao longo de um eixo angular, em superfície plana, sem inclinação significativa.

No pátio interno “d” foi encontrada uma série de fogueiras sobrepostas, cavadas no solo, redondas, côncavas, revestidas com pedregulhos, tendo ao redor grande quantidade de cinza e ossos de animais e peixes. Trude Dothan chama atenção para o fato de que fogueiras semelhantes constituem “uma importante característica cultural na arquitetura cipriota e egeia, especialmente no tipo mégaro, em que constituem o elemento arquitetônico central” (DOTHAN, 2002, p. 3).

Figura 3.160 – Pesos de Tear

Proveniência: Tel Mique, Israel

Data: Ferro I, séc. XI a.C.

Material: Argila Não Cozida

Diâmetro: Não Informado

(W. F. ALBRIGHT INSTITUTE OF
ARCHAEOLOGICAL RESEARCH, 2017)

Figura 3.161 – Faca

Proveniência: Tel Mique, Israel

Data: séc. XI a.C.

Material: Ferro, Marfim, Bronze

Comprimento: 34 cm

(DOTHAN, 1990; *ver também* 2002, p. 14-15;
ISRAEL MUSEUM, 2017o,
Registro IAA 1989-621)

Na sala “a”, ao norte, foram evidenciados pesos de tear cerâmicos, o que sugere que ali funcionava uma oficina de tecelagem (Fig. 3.160). Contudo, em face da natureza dos demais artefatos evidenciados no Prédio 350, abaixo referidos, não se pode descartar a possibilidade de que esses pesos não tinham valor funcional mas sim simbólico. Nesta sala foram também encontrados um objeto laminado em ouro,

uma estatueta de pedra de um babuíno, pingentes e anéis de faiança, e a cabeça de uma estatueta com motivo egípcio (DOTHAN, 1998a).

Figura 3.162 – Rodas

Proveniência: Tel Migne, Israel

Data: Ferro I, séc. XI a.C.

Material: Bronze

Diâmetro: 6 cm

(DOTHAN, 1990; ver também 2002, p. 14-15)

Figura 3.163 – Cavilha

Proveniência: Tel Migne, Israel

Data: Ferro I, séc. XI a.C.

Material: Bronze

Comprimento: 10 cm

(DOTHAN, 1990; ver também 2002, p. 11-14)

Na sala “b”, a do centro, no canto sudeste, uma instalação elevada com um degrau em sua base foi interpretada por Trude Dothan como sendo uma *bamah*. No piso ao redor, foram encontrados muitos ossos de animais e vários pequenos objetos: um anel de faiança; uma peça no formato de um peão de xadrez; um cabo de faca feito de marfim, praticamente igual ao da faca evidenciada na sala “c”; uma cratera filisteia ricamente decorada; e partes de um carrinho miniatura de bronze, provavelmente com quatro rodas, três das quais foram resgatadas (Fig. 3.162). Essas rodas tinham cerca de 6 cm de diâmetro e oito raios cada. Carros semelhantes, inteiros ou em parte, uns com pés outros com rodas, com altura entre 19 a 35 cm, da Idade do Bronze Recente, foram já encontrados em vários sítios de Chipre, tais como Enkomi, Episkopi, Lárnaca e Famagusta, e em Creta (DOTHAN, 2002, p. 4-11). Um

objeto tão pequeno obviamente não precisa de rodas. Sua função, portanto, deve ser interpretada como simbólica, o que é também sugerido pelo fato de que, em Chipre, foi evidenciado em túmulo.

Na sala “c”, a do lado sul, canto noroeste, foram encontradas uma pequena *bamah* e, sobre ela, um lingote de ferro; muitos fragmentos de cerâmica filisteia; uma faca com cabo de marfim fixado à lâmina de ferro por rebites de bronze, provavelmente usada nos sacrifícios (Fig. 3.161), com cabos praticamente idênticos aos de outras (ver Fig. 3.211) encontradas em Tell Qasile, Tel Dor e em Enkomi, no Chipre (COURTOIS, 1982; p. 155-175); uma alça de caldeirão de bronze típico da região do Egeu; e uma cavilha de roda, feita de bronze, decorada com duas cabeças antropomórficas (Fig. 3.163) semelhante a outra encontrada na cidade filisteia de Asquelom. O tamanho da cavilha (10 cm) sugere uma roda muito maior do que as encontradas, talvez de um carrinho de tamanho funcional (DOTHAN, 1998b, p. 155-159; 2002, p. 3, 12-13; DOTHAN; GITIN, 1993, p. 1054-1056).

Em tamanho, distribuição do espaço, técnica construtiva e conteúdo, o Prédio 350 assemelha-se ao Prédio 2072 de Megido, onde uma sala com pesos de tear também foi encontrada ao lado de outra sala com indícios de atividade de culto (HARRISON, 2004, p. 18).

DIMENSÕES		
COMPRIMENTO	LARGURA	
16 m	15 m	
COMPARTIMENTOS		
Complexo		
FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Complexa
ENTRADA		
POSIÇÃO		TIPO
Norte		Complexo
PÁTIO		
EXTERNO		INTERNO
Sim		Não(?)
COLUNAS		
EXTERNAS		INTERNAS
2		2 + 1(?)
SIMETRIA		
Assimétrico		

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Plano	Progressivo (?)
ALTITUDE		ELEVAÇÃO
101 m - Planície		21 m - Colina
SEGREGAÇÃO		
Segregado		

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Pórtico: jarro com sepultamento infantil sob o limiar.

CONTEXTO	
Centro urbano. Prédio localizado na cidade baixa, a sudoeste da acrópole.	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
DOTHAN, 2002; DOTHAN; GARFINKEL; GITIN, 2016; DOTHAN; DOTHAN, 1992; DOTHAN; GITIN, 1997, 2008, 2012; GITIN, 2012, 2017; MAZOW, 2014	

No final do Stratum V, o Prédio 350 foi totalmente reconstruído, desde seus alicerces (Fase 2). Significativamente, a planta baixa continuou idêntica à do prédio da Fase 1. O novo prédio continuou existindo até o final do Stratum IV, começo do séc. X a.C., quando foi destruído juntamente com toda a cidade baixa.

Na opinião de Trude Dothan, o “caráter cultural do conjunto de artefatos de bronze e ferro encontrado no Prédio 350, salas B e C e Pátio D, no Stratum V, é determinada, *inter alia*, pela proximidade dos pontos em que foram encontrados com as *bamot* e pela elegante manufatura dos objetos” (DOTHAN, 2002, p. 4). A esse conjunto de evidências, indicativas do caráter sacro do local, deve ser acrescentado o sepultamento infantil, em jarro cerâmico, encontrado sob o limiar da porta de entrada do Prédio 350-2.

A continuidade entre os prédios 352, 351, 350-1 e 350-2 é especialmente evidente, como já observou Laura Mazow, no fato de que, a despeito das diversas reconstruções e grandes ampliações que sofreu, uma soleira foi mantida, em todos os casos, na mesma exata posição: nos prédios 352 e 351 ela separa o interior do exterior e, no 350, separa o vestíbulo do saguão. Para Mazow, a “manutenção desse relacionamento espacial da arquitetura original, e sua incorporação nas novas estruturas, pode refletir o fato de que esse ponto era visto como espaço limiar ou transicional” (MAZOW, 2014, p. 142; *ver também* DOHMEN, 2001; GHEORGHIU, 2001; PARKER PEARSON; RICHARDS, 1994), ou, talvez, a demarcação da fronteira entre o espaço sagrado e o profano.

Miqne 650
LOCALIZAÇÃO
Tel Miqne Israel
COORDENADAS
31° 46' 48" N 34° 51' 03" L
STRATUM
Campo IV Strata IB-C
DATA
Ferro II Séc. VII a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
ca. 20 m	ca. 18 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	7

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE
101 m - Planície

ELEVAÇÃO
21 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
<p>Figura feminina entalhada em marfim, estilo egípcio. Frasco de perfume no formato de uma mulher. Cobra feita de ouro. Incisão de uma roseta, símbolo da deusa <i>Ishtar</i>, em pedra da parede.</p> <p>Estatueta feminina, na cela do templo. Estatueta de <i>Ptah-Patecus</i>. Estatueta pilar, penteado egípcio.</p>	<p>Cela: inscrição dedicatória real. Inscrição incisa em fragmento de vaso cerâmico: "<i>para Baal e para Padi</i>", em sala anexa.</p>

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio localizado a sudoeste da acrópole.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
DOTHAN, 2002; DOTHAN; GARFINKEL; GITIN, 2016; DOTHAN; DOTHAN, 1992; DOTHAN; GITIN, 1997, 2008, 2012; GITIN, 2012, 2017; MAZOW, 2014

No começo do séc. VII a.C., quando Ecrom já havia se tornado uma cidade-estado vassala do Império Assírio, uma grande instalação de culto, medindo 57 por 38 m, foi construída em Tel Miqne (Fig. 3.166). O complexo era constituído por três áreas distintas: (a) um pátio com anexos, (b) um santuário com anexos e (c) uma estreita sala de entremeio entre o pátio e o santuário. O pátio, amplo e aproximadamente quadrado, ficava no extremo leste do complexo e era circundado por colunas e salas em três de seus lados: sul, leste e, provavelmente, norte. A sala de entremeio, estreita no sentido leste-oeste e longa no sentido norte-sul, possuía uma plataforma em seu extremo sul, a que se ascendia por um lance de degraus. O santuário, ou templo propriamente dito (Fig. 3.165), era ladeado a norte e sul por salas anexas, media aproximadamente 18 m por 20 m, ficava no centro da ala ocidental do complexo, e seu eixo de acesso era longitudinal no sentido leste-oeste.

Figura 3.166 – Planta Isométrica do Templo Complexo 650

(GITIN, 2012, p. 231, Fig. 6)

A entrada principal para o complexo ficava do lado sul, através da qual ascendia-se ao pátio por um lance de degraus. Uma vez no pátio, era necessário voltar-se para oeste e atravessar uma abertura centralizada na parede leste do pátio para adentrar a sala de entremeio. Deste ponto, podia-se virar para o sul para aproximar-se da plataforma elevada no final da sala, ou continuar para oeste, ascendendo-se um lance de degraus para entrar no santuário. A entrada para o

santuário se fazia através de uma abertura localizada na frente da abertura que ligava o pátio à sala de entremeio, mas não era exatamente alinhada com ela. A profundidade relativamente rasa da sala de entremeio certamente tornava perceptível o desalinhamento entre essas duas passagens. Uma vez dentro do santuário, seguia-se um caminho retilíneo, flanqueado paralelamente por duas fileiras de colunas, uma a norte e outra a sul, formadas por quatro colunas cada, das quais sete bases foram encontradas *in situ*. Esse caminho conduzia, por fim, a uma plataforma elevada, no extremo oeste do templo. Apesar dos desalinhamentos apontados, o complexo afigurava-se bastante simétrico para o observador casual. Quanto ao eixo de acesso, era retilíneo apenas dentro do santuário; no complexo como um todo, era angular; em ambos os casos, ascendente.

Figura 3.167 – Inscrição Real Filisteia

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

Altura: 39 cm; Largura: 60 cm

(ALBRIGHT INSTITUTE OF ARCHAEOLOGICAL RESEARCH, 2018a;
ver também ISRAEL MUSEUM, 2018d, Registro IAA 1997-2912)

Dentro do santuário, foi encontrada uma inscrição, com traços da escrita hebraica mas predominantemente fenícia, na qual Ikausu, rei de Ecrom, filho do rei

Padi, dedica esse local de culto a *Ptgyh*, uma divindade até então desconhecida, chamando-a de “sua senhora” (Fig. 3.167) (GITIN, 2012, p. 238-239). Segundo Christa Schäfer-Lichtenberger, o nome *ptgyh* é designação abreviada da deusa Gaia de Pytho, como era originalmente chamado o santuário de Delfos, da qual ela foi a primeira residente (SCHÄFER-LICHTENBERGER, 2000, p. 89-90). Se essa interpretação estiver correta, a inscrição real encontrada em Tel Mique evidencia a ligação que, mesmo nesse período tardio, os filisteus ainda mantinham com suas origens gregas.

Além dessa inscrição, suficiente para identificar o Templo Complexo 650 como local de culto, outras foram ali encontradas, com frases tais como “*para o santuário*”, “*dedicado ao santuário*” e outras semelhantes (GITIN; AHITUV, 2015, p. 223).

Vários artefatos foram também evidenciados que, mais que corroborar a função cultural do complexo, evidenciam as influências multiculturais absorvidas pelos filisteus nesse período final de sua história (GITIN, 2012).

Figura 3.168 – Estatueta de *Ptah-Patecus*
(ALBRIGHT INSTITUTE OF ARCHAEOLOGICAL
RESEARCH, 2017)

Figura 3.169 – Marfim com Figura de Mulher
(ALBRIGHT INSTITUTE OF ARCHAEOLOGICAL
RESEARCH, 2017)

A influência egípcia, por exemplo, é evidente num amuleto de *Ptah-Patecus*, o deus egípcio dos artesãos (Fig. 3.168); na figura de uma “princesa egípcia” entalhada em marfim, encontrada na porta do Complexo 650 (Fig. 3.169); no artefato de ouro sólido, em forma de cobra, com cerca de 20 cm de comprimento, possivelmente parte de uma coroa semelhante à usada pelos faraós (Fig. 3.170); num adereço egípcio para cabelo, encontrado na sala de entremeio; e nos cartuchos dos faraós Ramsés VIII e Merneptah.

A influência judaíta aparece numa estatueta com base de pilar, semelhante às EPJ, embora o penteado tenha o estilo egípcio.

A influência assíria é vista numa roseta, símbolo da deusa Ishtar, entalhada numa das paredes do santuário; e na própria arquitetura do templo que, abandonando o típico desenho assimétrico das instalações de culto filisteias do Ferro I, passa agora a ser, segundo Seymour Gitin, “baseado no conceito de *design* da divisão tripartite dos palácios, residências e templos reais neo-assírios” (GITIN, 2012, p. 231).

A influência fenícia manifesta-se, por exemplo, em seis inscrições dedicatórias, encontradas em fragmentos de vasos cerâmicos associados ao templo, apresentando traços ortográficos e paleográficos fenícios; e numa estatueta em estilo típico daquela cultura, encontrada no ponto mais recôndito do santuário.

Figura 3.170 – Serpente de Ouro

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

Comprimento: 20 cm

(GITIN, 1990, 2005; ver também ISRAEL MUSEUM, 2018e, Registro IAA 1997-2910)

Figura 3.171 – Inscrição *Baal e Padi*

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

Largura: 14 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2018f, Registro IAA 2009-1456)

Por fim, a influência canaanita é evidenciada no fragmento cerâmico que traz a inscrição dedicatória: “*para Baal e para Padi*” (Fig. 3.171). *Baal* é o chefe do panteão canaanita que, agora, os filisteus parecem ter adotado como deus. *Padi*, por sua vez, nos anais de Senaqueribe, é chamado de “*Padi, rei de Ecrom*”, um dos agraciados pelos assírios com parte do território tomado de Ezequias, rei de Judá (PRITCHARD, 1969, p. 287-288).

O Templo Complexo 650 de Tel Mique, portanto, evidencia o vínculo que os filisteus, nessa época tardia de sua história, ainda mantinham com suas origens gregas e, ao mesmo tempo, o resultado do longo processo de aculturação a que finalmente se renderam.

3.3.16 Moza

Figura 3.172 – Tel Moza

(FINLEY, 2017. Sítio arqueológico indicado pelo círculo vermelho)

LOCALIZAÇÃO

31° 47' 42" N
35° 09' 50" L

Tel Moza
Israel

7 Km a NO da Velha Jerusalém

Perfil de Elevação Atual: Eixo Oeste-Leste

Perfil de Elevação Atual: Eixo Norte-Sul

O sítio arqueológico de Tel Moza (Fig. 3.172) situa-se a cerca de 7 Km a noroeste da Cidade Velha de Jerusalém, entre as montanhas da Judeia, quase na base da encosta sul do espigão em cujo topo fica a moderna cidade de Mevasseret Ziyon, Israel. Do outro lado do vale, no morro imediatamente a oeste, fica a vila de Moza Illit e, no morro imediatamente a leste, o bairro de Ramat Moza. Ao longo desse vale estende-se o leito da Rodovia 1, que liga Tel Aviv a Jerusalém. Obras de ampliação e mudança de traçado da autoestrada exigiram trabalhos de resgate arqueológico em Tel Moza que, em 2012, na Área B (Fig. 3.173), identificaram as ruínas de um templo da Idade do Ferro, denominado Prédio 500 (Fig. 3.175) (GREENHUT; DE GROOT, 2009a, p. 38-39, 51-54, 225; KISILEVITZ, 2015, 2016; KISILEVITZ *et al.*, 2014).

O Prédio 500 ocorre em duas camadas estratigráficas consecutivas, aqui respectivamente referidas como Fase 1 e Fase 2, cada uma constituída por subfases. Não foram encontrados remanescentes do lado oeste da estrutura, por ter sido previamente destruído. O lado sul, por sua vez, foi inteiramente levado pela erosão ladeira abaixo. Presumindo-se, porém, que o prédio fosse simétrico, as fundações, paredes e pisos do lado norte, evidenciados pelas escavações, permitem reconstruir o prédio com bastante probabilidade.

Moza 1
LOCALIZAÇÃO
Tel Moza Israel
COORDENADAS
31° 47' 42" N 35° 09' 50" L
STRATUM
Área B Stratum VI
DATA
Ferro IIA Séc. X-IX a.C.
CULTURA
Judaíta

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
18 m (?)	13 m (?)

COMPARTIMENTOS*
2 (?)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Pódio(?)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
586 m - Serra	32 m - Vertente	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Pátio: duas estatuetas antropomórficas; duas estatuetas zoomórficas; dois apliques zoomórficos.	Pátio: altar medindo 3 x 3 cúbitos; cálices; ossos de animais "limpos". Internamente: bancadas ao longo das paredes; base de pedras; plataforma elevada.

CONTEXTO
Centro urbano. Grande número de silos cavados no solo, ao redor do templo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
KISILEVITZ, 2015; KISILEVITZ <i>et al.</i> , 2014

A primeira fase construtiva do Prédio 500 ocorreu no Stratum VI, datado do início da Idade do Ferro IIA, em algum momento entre o séc. X a.C. e, no máximo, o começo do séc. IX a.C. Ele foi fundando, portanto, aproximadamente na mesma época em que, segundo a cronologia bíblica, o rei Salomão teria mandado construir o templo de Jerusalém. De fato, a semelhança entre ambos é flagrante.

Figura 3.175 – Templo de Tel Moza, Foto Aérea

(KISILEVITZ, 2015, p. 153, Fig. 2)

Nessa Fase 1, o precinto sagrado era constituído por um pátio e um prédio. O prédio era aparentemente retangular, com a entrada centralizada em seu lado menor do lado leste, com 1,60 m de largura, flanqueada por prolongamentos das paredes norte (evidenciada) e sul (presumida), desse modo formando um pórtico ladeado por antas. Nesse ponto, do lado norte da entrada, foi encontrada uma pedra arredondada e chata, com 60 cm de diâmetro, possivelmente a base de uma coluna, que, na hipótese de que formava par com outra coluna do erodido lado sul, caracterizaria um pórtico do tipo *dístilo in antis*. O templo era presumivelmente circundado por uma galeria que se estendia ao logo da face externa das paredes norte, oeste e sul, sendo

que parte da galeria norte foi evidenciada. Internamente, parece que o prédio possuía duas áreas distintas, alinhadas uma após a outra ao longo do eixo longitudinal, sendo que o nível do piso da segunda, a oeste, era mais elevado que o da primeira.

As escavações não conseguiram determinar as dimensões do pátio, mas ele se estendia à frente do templo, do lado leste.

Figura 3.176 – Altar do Pátio

(KISILEVITZ, 2015, p. 154, Fig. 3)

No centro do pátio, na frente da entrada do templo e com ela alinhado, foi encontrado um altar de pedra aproximadamente quadrado na base (Fig. 3.176), medindo cerca de 1,35 m de lado. As medidas informadas por Kisilevitz são “aproximadamente 1,35 x 1,40 m” (KISILEVITZ, 2015, p. 151). Cabe aqui lembrar que o padrão de medida amplamente usado nessa época em todo o sul do Levante era uma das versões do cúbito egípcio: o cúbito comum media cerca 45 cm e o cúbito real, cerca de 52,5 cm (BARKEY; KLANER, 1986, p. 22-39; BEN-DAVID, 1978, p. 27-28; COOK, 1988, p. 1048; KAUFMAN, 1984, p. 120-132; WARREN, 1903, p. 1-54,

120). É evidente, portanto, que o altar do templo de Tel Moza foi construído de acordo com o cúbito comum, isto é, 3 cúbitos x 45 cm = 135 cm.

O cúbito comum parece ter sido o padrão adotado também na construção do Templo de Jerusalém (2Cr 3:3). O texto bíblico relata que a medida utilizada na construção do templo de Jerusalém foi o cúbito “segundo a medida primitiva”. Uma vez que é necessário presumir um movimento do comum para o especial, já que este não pode ter existência sem aquele, a “medida primitiva” parece ser uma referência ao cúbito comum, não ao cúbito real, que só pode ser um desenvolvimento posterior. Ressalve-se, porém, que tal interpretação depende de se traduzir a palavra ראשון (*rishon*) por “primitiva”, no sentido de “primeira no tempo”. Contudo, secundariamente, ela também pode significar “primeira em importância” (BROWN, 1979, p. 281). Neste caso, a tradução deveria ser “segundo a medida principal”, isto é, o cúbito real.

Figura 3.177 – Estatuetas Antropomórficas

Material: Cerâmica

Proveniência: Tel Moza, Israel

Data: Ferro IIA, séc. X-IX a.C.

Altura: ca. 3 cm

(KISILEVITZ *et al.*, 2014, Fig. 6;
ver também KISILEVITZ, 2015, p. 157, Fig. 5;
IAA, 2012)

Figura 3.178 – Cavalo e Cavaleiro

Material: Cerâmica

Proveniência: Tel Moza, Israel

Data: Ferro IIA, séc. X-IX a.C.

Altura: ca. 15 cm

(STERMAN, 2012; *ver também* KISILEVITZ, 2015,
p. 159, Fig. 6; IAA, 2012)

No caso de Tel Arad, o cúbito comum foi o padrão efetivamente empregado na construção do templo em sua primeira fase, como demonstrou Yohanan Aharoni (1968, p. 24).

No Templo de Jerusalém, a base do altar de sacrifícios media 20 por 20 cúbitos (2 Cr 4:1); no Tabernáculo, 5 por 5 cúbitos (Ex 27:1); no templo de Tel Arad, também 5 por 5 cúbitos (AHARONI, 1968, p. 25; 1973, p. 4); e no templo de Tel Moza, como já foi dito, 3 por 3 cúbitos. Em todos os casos, o altar tinha uma base quadrada e ficava posicionado à frente da porta de entrada do templo, centralizado e alinhado com o eixo longitudinal leste-oeste.

Figura 3.179 – Cavalo e Cavaleiro

Material: Cerâmica

Proveniência: Jerusalém, Israel

Data: Ferro II, séc. VII-VI a.C.

Altura: 11,8 cm

(CANADIAN MUSEUM OF HISTORY, 2003)

Figura 3.180 – Cavalo e Cavaleiro

Material: Cerâmica

Proveniência: Desconhecida

Data: Ferro II, séc. VII-VI a.C. (?)

Altura: 11,8 cm

(THE ISRAEL MUSEUM, 2017I; Registro 64.67/6)

Próximo do canto nordeste do altar, cavada no chão, foi encontrada uma fossa oval, com cerca de 1 m de profundidade e 1,85 por 1,3 m de diâmetro, não alinhada com qualquer outra instalação, cheia de terra misturada com cinzas, fragmentos cerâmicos e grande quantidade de ossos de animais, alguns deles queimados e com marcas de corte. Kisilevitz informa que análises preliminares e em andamento desses ossos, ainda não publicadas, indicam que são de animais “sancionados para consumo de acordo com a norma bíblica” (KISILEVITZ, 2015, p. 154; *ver também* Lv 1:3; 3:1; 4:3; 5:6; 6:6; 11). Caso essa conclusão venha a se confirmar, ela fortaleceria a tese

de que o culto praticado no templo de Moza pertencia à mesma tradição do Templo de Salomão em Jerusalém, conforme expressa nos textos bíblicos.

No piso, imediatamente ao norte da fossa, foram encontrados diversos artefatos cerâmicos, aparentemente associados ao culto, incluindo fragmentos de cálices; suportes para oferendas, um dos quais decorado com apliques de dois animais, possivelmente leões ou esfinges; a cabeça de duas estatuetas antropomórficas, uma delas evidentemente masculina (Fig. 3.177); duas estatuetas zoomórficas, uma aparentemente representando um cavalo e, a outra, um cavalo com cavaleiro, do qual apenas os pés foram preservados (Fig. 3.178).

Textos bíblicos parecem preservar a memória de uma forma de culto praticada em Jerusalém e seus arredores, na época do rei Josias (séc. VII a.C.) que envolvia “cavalos que os reis de Judá tinham dedicado ao Sol” e “carros dedicados ao sol” (2 Rs 23:5, 11). Estatuetas de cavalos e cavaleiros, do final da Idade do Ferro, encontradas em vários sítios arqueológicos de Judá (Figs. 3.179 e 3.180), talvez sejam remanescentes materiais desse culto. Nada menos do que 21 exemplares foram descobertos por Kathleen Kenyon na Caverna 1, localizada na encosta sul do monte onde ficava o Templo de Jerusalém (HOLLAND, 1977; KENYON, 1967, 1975, p. 141, Pl. 59; ZEVIT, 2001, p. 206-210). O exemplar de Tel Moza, datado do séc. X-IX a.C., parece ser o mais antigo de todos (KISILEVITZ, 2015, p. 158) e o único encontrado nas dependências de um templo. Os exemplares encontrados na Caverna 1, qualquer que seja a interpretação que se lhes dê, também evidenciam um contexto de culto. O significado dessas estatuetas talvez possa ser encontrado nos paralelos entre as referências bíblicas e os textos de Ugarit, onde o deus Baal é retratado como aquele que cavalga sobre as nuvens: “*Salve, Baal o Conquistador! Salve Cavaleiro das Nuvens!*” (COOGAN; SMITH, 2012, p. 115; *ver também* DEVER, 2005, p. 155-157).

Internamente, ao longo das paredes leste e norte do templo de Moza, foram evidenciadas bancadas de cerca de 30 cm de largura. No chão, encostadas à bancada norte, cinco pedras foram encontradas lado a lado, eretas, interpretadas como possíveis *masseboth*. Uma camada de pedregulhos, de formato retangular, foi evidenciada no piso interno do templo, em frente à entrada e alinhada com o altar externo, talvez servissem como base de alguma instalação dentro do prédio. Seguindo para oeste, logo após essa instalação, foi encontrada parte de um piso, 20 cm acima do piso da entrada. As escavações, porém, não conseguiram determinar se esse piso

representa uma área mais elevada no fundo do templo – à semelhança do “*Santo dos Santos*” no Templo de Salomão – ou se era o piso de uma fase posterior (KISILEVITZ, 2015, p. 151).

Um grande número de silos cavados no solo, revestidos de pedra, foi encontrado ao redor do templo e aparentemente a ele associados desde seus primórdios (Fig. 3.181). Tal dado levou os escavadores das camadas da Fase 1 à conclusão de que Moza “servia como centro administrativo, onde grãos eram estocados e enviados para a vizinha cidade de Jerusalém” (KISILEVITZ *et al.*, 2014), coincidindo com a conclusão dos escavadores da Fase 2 de que Moza era “um celeiro real especializado na armazenagem de grãos, o qual supria seus produtos primariamente para Jerusalém” (GREENHUT; DE GROOT, 2009b, p. 223). Essa conclusão provisória, dependente da publicação do relatório final das escavações da Fase 1, permitem entreter a hipótese de que, desde o começo, já havia uma relação entre o templo e a atividade estatal de estocagem de grãos.

Figura 3.181 – Silos

(LANDMINDS, 2013)

Em razão de os relatórios das escavações do *stratum* correspondente à Fase 1 do templo não terem ainda sido publicados, vários importantes detalhes continuam obscuros. Um deles diz respeito à existência ou não de um interregno entre o templo da Fase 1 (séc. X-IX a.C.) e a estrutura que a sucede, praticamente idêntica em desenho, talvez também um templo, da Fase 2 (séc. VII-VI a.C.). Outro diz respeito a uma possível diferença de nível entre o piso do pátio e o piso interno do templo, indicada na documentação da Fase 2 mas não discutida pelos relatórios preliminares da Fase 1. Isso permitiria determinar se, na primeira fase do templo, o eixo de acesso era ou não ascendente.

Em suma, pode-se dizer que o templo, em sua primeira fase, era constituído por um pátio e um prédio retangular. O pátio possuía um altar de sacrifícios. A entrada do prédio ficava em um dos lados menores, voltada para leste, centralizada e alinhada com o altar à sua frente. Duas antas e duas colunas flanqueavam a entrada, formando um pórtico do tipo *dístilo in antis*. Internamente, o templo era possivelmente subdividido em duas áreas distintas, dispostas longitudinalmente uma após a outra. O piso do pátio ficava abaixo da primeira área interna e, este, abaixo do piso da segunda área, mais ao fundo do templo, de modo que o eixo de acesso era retilíneo e ascendente, seguindo de leste para oeste.

Moza 2
LOCALIZAÇÃO
Tel Moza Israel
COORDENADAS
31° 47' 42" N 35° 09' 50" L
STRATUM
Área B Stratum IV
DATA
Ferro IIA Séc. VII-VI a.C.
CULTURA
Judaíta

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
18 m (?)	13 m (?)

COMPARTIMENTOS
2 (?)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Pódio(?)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	>8 (?)

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
586 m - Serra	32 m - Vertente	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas zoomórficas fora de contexto.	Cabeça de cetro em forma de romã. Inscrição "Zafan filho do Porta-estandarte".

CONTEXTO
Pequeno centro urbano. Grande número de silos cavados no solo, na área do templo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
GREENHUT; DE GROOT, 2009; KISILEVITZ, 2015; KISILEVITZ <i>et al.</i> , 2014

O Prédio 500, em sua segunda fase (séc. VII-VI a.C.), utiliza as mesmas fundações e paredes da primeira fase. Nos dois casos, portanto, a forma de disposição do espaço é fundamentalmente igual, embora com algumas alterações.

O prolongamento da extremidade leste da parede norte, formando uma anta, foi aumentado, conseqüentemente tornando o pórtico também maior. Nesta fase, foram também evidenciados três degraus que ascendem do pátio para o pórtico (GREENHUT, 2009, p. 51).

Internamente, no flanco norte, foram encontradas três bases de coluna *in situ*, dispostas longitudinalmente, interligadas por uma parede baixa. O espaço entre a segunda e a terceira colunas – contando-as a partir do leste – é o dobro do espaço entre a primeira e a segunda. Isso talvez sugira que, no ponto central do espaço maior, havia mais uma base. Nesse caso, as colunas seriam equidistantes, cerca de 2,50 m uma da outra. Presumindo-se que o prédio fosse simétrico, os arqueólogos que o escavaram sugerem que, no flanco sul, havia outra fileira de colunas, embora nenhuma evidência dela tenha sido encontrada (GREENHUT, 2009, p. 52). Desse modo, o espaço interno seria dividido em três alas longitudinais. As paredes baixas que interligavam as colunas de cada fileira, embora talvez tivessem a função estabilizadora de uma estilóbata, na prática formam um espaço tripartido que parece impor uma forma de acesso ao suposto foco do culto, no extremo oeste do eixo, semelhante à de outros templos aqui discutidos: o Templo 1 Fase D de Cítio (Ferro IIC) e o Templo Sul de Beth-Shean (Stratum V, Ferro I).

Nenhum artefato considerado de culto foi encontrado nas camadas desta Fase 2, o que torna incerto se o prédio continuava funcionando como local de culto nesse período. Contudo, na parte mais baixa da encosta, em meio ao entulho que aparentemente se formou com o colapso da parte sul do Prédio 500, foram encontrados fragmentos de diversas estatuetas, além de grande quantidade de fragmentos de vasos cerâmicos, alguns com incisões (GREENHUT, 2009, p. 53; PETERSSON-SOLIMANY; KLETTER, 2009, p. 117, Fig. 4.2:19, 27). Considerando-se a provável procedência dessas estatuetas e a continuidade arquitetônica entre as duas fases do Prédio 500, parece ser razoável assumir que exerceu alguma função religiosa durante todo o tempo de sua existência.

Em meio ao entulho acima referido, foram também encontrados fragmentos de duas inscrições em hebraico antigo (GREENHUT, 2009, p. 53; BRANDL; GREENHUT; VAINSTUB, 2009, p. 138, Fig. 5.11:61, 62).

Figura 3.183 – Cabeça de Cetro

Material: Azul Egípcio

Proveniência: Prédio 500, Tel Moza, Israel

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

Altura: 8,5 cm

(IAA, 2017, Registro: IAA 1997-2879)

Figura 3.184 – Inscrição

Proveniência: Tel Moza, Israel

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

(BRANDL; GREENHUT; VAINSTUB, 2009, p. 138, Fig. 5.11:61)

Uma das inscrições, gravada na boca de um jarro (Fig. 3.184), registra o nome de uma pessoa e parece ser indicativa do proprietário do vaso: “*Zafã filho de Nassas*”. Com base em considerações filológicas e paralelos no Egito, Assíria e Pérsia, Baruch Brandl, Zvi Greenhut e Daniel Vainstrub sugerem que *Nassas* não era nome próprio mas título do pai de *Zafã*, algo como *porta-estandarte*. A inscrição, então, diria: “*Zafã filho do Porta-Estandarte*” Na antiguidade, esse título parece ter sido usado para identificar não necessariamente o indivíduo que carregava o estandarte mas o comandante de divisões militares. “O porta-estandarte era obviamente um importante

funcionário público; assim, sua presença em Moza combina bem com a natureza administrativa do sítio” (BRANDL; GREENHUT; VAINSTUB, 2009, p. 140). Considerando a associação, arqueologicamente atestada, entre o templo, os silos e essa inscrição, foi sugerido pelos escavadores que “o indivíduo que portava esse título era provavelmente também responsável pela armazenagem e fornecimento de grãos para Jerusalém” (GREENHUT, 2009, p. 54), bem como pela instituição religiosa que desempenhava essa importante função no sistema administrativo do reino de Judá (GREENHUT; DE GROOT, 2009, p. 222-226).

Tal interpretação é reforçada por outro artefato, achado no chão dentro do Prédio 500: a cabeça de um cetro em formato de romã (Fig. 3.183), feita de azul egípcio – silicato de cobre e cálcio – um pigmento sintético usado na fabricação de artigos de luxo na antiguidade. A romã é motivo recorrente, tanto na arqueologia da Idade do Ferro do Oriente Médio antigo quanto em textos bíblicos, geralmente associado a contextos políticos e religiosos, especialmente em cetros de reis e sacerdotes, e notadamente no Tabernáculo e no Templo de Jerusalém (DOTHAN; BEN-SHLOMO, 2007; GREENHUT, 2009, p. 52, 149-152; Ex 28:33-34; 39:24-26; 1Rs 7:18-22, 42; 2Cr 3:16; 4:13; Jr 52:22-23).

3.3.17 Mudayna

Figura 3.185 – Khirbat al-Mudayna, Foto Aérea
(BANKS, 2015. Área do Santuário 149 destacada em vermelho)

LOCALIZAÇÃO		
31° 16' 52" N 35° 52' 17" L	Khirbat al-Mudayna Jordânia	20 Km a SE de Madaba 15 Km a NE de Dibon

Khirbat al-Mudayna situa-se no topo retangular de uma colina na margem sul do Wadi ath-Thamad, um tributário do Rio Árnon, 33 Km a leste do Mar Morto, 20 Km a sudeste da moderna cidade de Madaba e 15 Km a nordeste de Dibon, na Jordânia, território do antigo reino de Moabe (Fig. 3.185). Escavações arqueológicas no sítio trouxeram à luz, em 1999, uma edificação então denominada “Santuário 149” (Fig. 3.186) (CHADWICK; DAVIAU; STEINER, 2000; DAVIAU, 1997, 2006, 2012; DAVIAU; CHADWICK *et al.*, 2006; DAVIAU; DION, 2002, 2003; DAVIAU; DOLAN *et al.*, 2008; DAVIAU; STEINER, 2000; DION; DAVIAU, 2000), que teria estado em atividade entre os séc. IX e VI a.C. (FINKELSTEIN; LIPSCHITS, 2010, p. 35).

Mudayna 149
LOCALIZAÇÃO
Khirbat al-Mudayna Jordânia
COORDENADAS
31° 16' 52" N 35° 52' 18" L
STRATUM
Área A
DATA
Ferro II 800-700 a.C.
CULTURA
Moabita (Israelita?)

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
5,5 m	5,5 m

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Quadrada	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
NE e SO(?)	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	2

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Descendente	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
780 m - Planalto	227 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Duas cabeças de estatuetas femininas. Um torso de estatueta feminina com as mãos segurando os seios.	Um altar cilíndrico com a inscrição " <i>altar de incenso que Elishama fez para YSP, filha de WT</i> ". Dois altares de incenso de pedra. Suportes de pedra. Dois anéis de bronze. Um olho de Wadjet. Lâmpadas. Vasos. Bancadas.

CONTEXTO
Centro urbano. Localizado no pátio interno do portal da cidade, próximo a oficinas de tecelagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CHADWICK; DAVIAU; STEINER, 2000; DAVIAU, 1997, 2012; DAVIAU; CHADWICK <i>et al.</i> , 2006; DAVIAU; DOLAN <i>et al.</i> , 2008; DAVIAU; STEINER, 2000; DION; DAVIAU, 2000

O Santuário 149 foi construído a apenas 2,5 m para dentro do portal da cidade (Figs. 3.187 e 3.188).

Sua parede noroeste faz divisa com um amplo pátio interno (*Locus* 150), onde foram encontrados milhares de ossos de animais com marcas de corte e fragmentos de estatuetas cerâmicas zoomórficas. A parede sudeste do santuário é a própria face interna das muralhas tipo casamata da cidade. A parede sudoeste faz divisa com uma área, talvez um anexo do santuário, cuja função não foi claramente determinada, porém possivelmente associada às oficinas de tecelagem expostas imediatamente ao sul. A parede nordeste faz divisa com um beco estreito (*Locus* 109), de apenas cerca

de 1 m de largura, por onde, vindo do pátio, se tinha acesso à entrada do santuário (*Locus P*).

O prédio era constituído por uma única sala, com paredes rudimentarmente construídas e irregularmente alinhadas, medindo aproximadamente 5,5 por 5,5 m. A entrada localizava-se no canto norte da parede nordeste (*Locus P*), de frente para o beco. Uma segunda passagem (*Locus S*), talvez de acesso à área entre o santuário e o complexo de oficinas, foi presumida por Michèle Daviau em razão da interrupção das bancadas no canto sul, mas não foi evidenciada.

Internamente, o santuário possuía dois espaços (*Loci* 108 e 110) delimitados por uma bancada (*Locus* 1037) entre duas colunas (*Loci* 17.9 e 17.38) (Fig. 3.189). O espaço maior (*Locus* 108) possuía uma bancada contínua (*Loci* 1041 e 1042) ao longo

das paredes noroeste e sudoeste. Bancadas semelhantes havia ao longo das paredes nordeste e sudeste (*Loci* 1039 e 1038).

No centro da sala maior, foi evidenciada uma grande vala cavada no solo (*Locus* 108a), de 1,35 a 1,55 m de diâmetro e aproximadamente 1 m de profundidade, contendo fragmentos de sete vasos cerâmicos e uma pedra retangular com uma depressão em uma de suas faces, aparentemente usada durante todo o período de atividade do santuário.

Próximo do canto sul, uma laje retangular e plana (*Locus* 106b), medindo 0,75 x 1,50 x 0,16 m, parece ter funcionado como um aparador para três altares encontrados a seu redor.

Figura 3.189 – Templo 149
(DAVIAU; STEINER, 2000, p. 5, Fig. 4)

Um dos altares é um cubo quadrangular com cerca de 80 cm de altura, um topo com borda e suave elevação nos cantos, como se fosse um *altar de quatro chifres* estilizado, e um orifício no topo, evidentemente para a drenagem de algum tipo de líquido, o que o caracteriza como um *altar de libação* (Fig. 3.190). Um segundo altar é semelhante ao primeiro, porém menor, com cerca de 55 cm de altura, menos

elaborado e sem o orifício no topo. O terceiro altar, com 96 cm de altura, possui uma base cônica e um corpo cilíndrico (Fig. 3.191). Uma inscrição incisa nesse altar – única entre os semelhantes já encontrados no Levante – informa sua função e, provavelmente, a de todos os outros: “*altar de incenso que Elishama fez para YSP, filha de WT*” (DAVIAU; STEINER, 2000, p. 11; DION; DAVIAU, 2000).

Figura 3.190 – Altar de Libação

Proveniência: Khirbat al-Mudayna, Jordânia

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

Altura: ca. 80 cm

(BURNETT, 2016, p. 35)

Figura 3.191 – Altar de Incenso

Proveniência: Khirbat al-Mudayna, Jordânia

Data: Ferro II, séc. VII a.C.

Altura: 96 cm

(BURNETT, 2016, p. 35)

Outros artefatos presumivelmente de culto encontrados no Santuário 149 incluem duas cabeças de estatueta femininas; um torso de estatueta feminina com

as mãos segurando os seios; o fragmento de uma estatueta zoomórfica; ossos de animais; carvão; duas grandes peças de pedra calcária, semelhantes a banquetas ou mesinhas; dois anéis de bronze; um olho de *Wadjet*, lâmpadas; e fragmentos de muitos vasos cerâmicos.

Imediatamente ao sul do santuário, foi evidenciado um complexo de salas contendo pesos de tear, semelhantes a outros encontrados na área do portal. Tais evidências sugerem que o santuário encontrava-se no centro de uma área de produção têxtil. A associação entre atividades de culto e de tecelagem tem sido também evidenciada em outros sítios do sul do Levante, como em Mique 350 e Megido 2072.

Considerando o pequeno porte e simples instalações do Prédio 149, não lhe cabe, pelo critério da monumentalidade, a designação de *templo*. Por outro lado, o fato de ter sido construído adjacente ao portal e integrado ao muro da cidade ressalta não apenas seu caráter público mas também uma certa oficialidade. Assim, considerando-se que Khirbat al-Mudayna, segundo as evidências, é a antiga cidade de Jahaz (DEARMAN, 1984); que o rei moabita Mesha, em sua famosa estela, informa que a cidade de Jahaz foi construída por reis de Israel,¹ cujo avanço territorial sobre Moabe é referido também nas fontes bíblicas (2Rs 3:4); e que, segundo Finkelstein e Oded Lipschits, a arquitetura de Khirbat al-Mudayna é semelhante, em vários aspectos, à arquitetura de várias cidades do Reino de Israel (FINKELSTEIN; LIPSCHITS, 2010); parece ser relevante incluir o Santuário 149 neste estudo, como expressão de uma forma de culto possivelmente patrocinada por Israel.

A orientação do Santuário 149 reflete o traçado do muro da cidade que, por sua vez, acompanha a orientação natural do relevo. Portanto, deve ser interpretada como acidental e não significativa.

A posição da entrada, por outro lado, voltada para o beco estreito e não para o amplo pátio, por não ser necessária, é provavelmente intencional. A entrada escondida, indireta e mais difícil tem o efeito de segregar a área de culto, ressaltando a distinção entre o santo e o profano.

Também não parece necessário ou fortuito que o piso interno do santuário ficasse 23 cm abaixo do piso do beco. Dois degraus, descendo para dentro do santuário, foram evidenciados (DAVIAU; STEINER, 2000, p. 4). Assim, o acesso

¹ Na assim chamada Pedra Moabita, o rei Mesha diz: “o rei de Israel havia construído Jahaz e habitou lá enquanto lutava contra mim” (PRITCHARD, 1969, p. 320).

descendente também parece ser significativo. Esse traço, embora incomum entre os templos do Levante, parece também caracterizar as versões 319 e 200 do templo de Qasile e, inequivocamente, o recém descoberto templo subterrâneo de Sidon, datado do séc. XII-XI a.C., que ainda está sendo escavado e, por isso, ainda não foi adequadamente publicado (DOUMET-SERHAL, 2017, p. 27-28).

Em suma, o eixo de acesso para o Santuário 149 era angular e descendente, seguindo do portal a nordeste para o pátio largo a sudoeste, deste para o beco estreito a leste, então para a entrada do santuário ao sul e, finalmente, através dos degraus descendentes, para o interior do santuário, onde há vários possíveis focos de atenção: um nicho na parede noroeste; a *mesa* com altares no canto sul; a bancada entre as duas colunas no centro.

3.3.18 Pella

Figura 3.192 – Pella

(STUDIUM BIBLICUM FRANCISCANUM, 2004)

LOCALIZAÇÃO

32° 26' 59" N
35° 36' 49" L

Pella, Tabaqat Fahil
Jordânia

60 Km a NO de Amã

Perfil de Elevação Atual: Eixo Oeste-Leste

Perfil de Elevação Atual: Eixo Norte-Sul

Pella é um sítio arqueológico localizado na encosta oriental da região norte do Vale do Jordão, imediatamente a leste da atual vila de Tabaqat Fahil, na Jordânia, a cerca de 60 Km a noroeste da capital Amã (Fig. 3.192). Escavações arqueológicas realizadas no local descobriram, em 1994, uma estrutura monumental que, nos anos seguintes, mostrou-se ser uma série de seis templos sobrepostos (Figs. 3.193 e 3.194), em camadas estratigráficas que vão da Idade do Bronze Médio à Idade do Ferro II (BOURKE, 1999, 2004, 2012; BOURKE *et al.*, 2003).

Figura 3.193– Templos Sobrepostos de Pella
(BOURKE, 2014)

Durante aproximadamente dez séculos, os seis templos foram não apenas construídos uns sobre os outros no mesmo ponto, mas também, sem nenhuma necessidade funcional aparente, todos voltados para leste. Os três templos mais recentes – Fases 4, 5 e 6 – aproveitaram parte da fundação da estrutura que antecedeu a cada um respectivamente, o que pode explicar a escolha do lugar. Nos demais casos, porém, não houve aproveitamento de alicerces e, apesar disso, a orientação é mantida. Portanto, com base na evidente e injustificada continuidade desse traço, é possível entreter a hipótese de que orientação e localização integravam

o sistema simbólico do culto durante todo o período de existência de seus templos. Por outro lado, as plantas do Bronze Médio, do Bronze Recente e do Ferro são bastante diferentes entre si, sugerindo mudança de conceitos e formas de expressão do culto.

Pella 1
LOCALIZAÇÃO
Tabaqat Fahil Jordânia
COORDENADAS
32° 26' 59" N 35° 36' 49" L
STRATUM
Área XXXII Strata XI.3b
DATA
Bronze Médio I 1900 - 1800 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
9 m (?)	7 m (?)

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Quadrada	Nicho

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano (?)	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
- 47 m - Vale	16 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estratigrafia incerta: fragmentos de estatueta de marfim.	Estratigrafia incerta: lâmina de ouro; faiança; marfim; marchetado de madeira; objeto de betume.

CONTEXTO
Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BOURKE, 1999, 2004, 2012; BOURKE <i>et al.</i> , 2003

O primeiro edifício da série de templos sobrepostos em Pella foi construído na primeira metade da Idade do Bronze Médio, no começo do séc. XIX a.C., e existiu por praticamente todo esse século. O estado precário das ruínas permite apenas estimar seu tamanho: 9 x 7 m. Sua fachada era voltada aproximadamente para leste e aparentemente possuía duas pilastras, entre as quais provavelmente ficava a entrada, caracterizando-a como do tipo *in antis*. Internamente, era constituído por uma única sala, aproximadamente quadrada. Um nicho pequeno e raso foi evidenciado no centro da parede oeste, no fundo da sala. O eixo de acesso, portanto, parece ter sido retilíneo, de leste para oeste, culminando no nicho.

Nenhum artefato diretamente associado a essa estrutura foi encontrado. A camada de terra que o soterrou continha pequenos fragmentos de lâmina de ouro, faiança, marfim polido, madeira entalhada e de estatuetas de marfim, além de um objeto de betume de função desconhecida. A camada estratigráfica de origem desses fragmentos, porém, não pôde ser determinada.

Não havendo artefatos diagnósticos, o prédio foi identificado pelos escavadores como *templo* aparentemente apenas em razão de seu formato, da suposta relação de continuidade com as estruturas construídas sobre ele e do “evidente respeito” com que foi desmantelado e soterrado (BOURKE, 2012, p. 162-163, 194-195).

Pella 2
LOCALIZAÇÃO
Tabaqat Fahil Jordânia
COORDENADAS
32° 26' 59" N 35° 36' 49" L
STRATUM
Área XXXII Strata XI.3a
DATA
Bronze Médio I 1800 - 1700 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
10 m (?)	8 m (?)

COMPARTIMENTOS
2 (?)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Quadrada	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano (?)	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
- 47 m - Vale	16 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Estratigrafia incerta: vaso de alabastro; cerno.

CONTEXTO
Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BOURKE, 1999, 2004, 2012; BOURKE <i>et al.</i> , 2003

O segundo edifício da série foi construído logo depois do primeiro, ainda na primeira metade da Idade do Bronze Médio, porém no começo do século seguinte, exatamente no mesmo lugar, apenas um pouco maior: aproximadamente 10 m por 8 m. A orientação continuou idêntica à do edifício da fase anterior, com a fachada voltada para leste, aparentemente também dotada de duas pilastras flanqueando a entrada. Agora, porém, mais distante uma da outra, preservando a característica *in antis*. Nesta segunda fase, o nicho que havia na fase anterior não foi incluído. Isso, porém, não exclui a possibilidade de que o foco do culto continuasse no centro e no fundo do templo. O eixo de acesso, provavelmente seguindo a tradição anterior, deve ter permanecido retilíneo, de leste para oeste.

Também neste caso, nenhum artefato diretamente associado à estrutura foi encontrado. Os fragmentos de um vaso de alabastro e de um cerno foram encontrados no aterro que cobriu a estrutura e, portanto, não se pode determinar com precisão sua procedência.

Não havendo artefatos diagnósticos, a identificação do prédio como *templo* resulta, também nesta segunda fase, da semelhança de seu formato com o de outros templos conhecidos, da continuidade entre ele e os “templos” que o sucederam e da forma respeitosa com que, segundo a interpretação dos escavadores, ele foi desmantelado e soterrado (BOURKE, 2012, p. 162-163, 194-195).

Pella 3
LOCALIZAÇÃO
Tabaqat Fahil Jordânia
COORDENADAS
32° 26' 59" N 35° 36' 49" L
STRATUM
Área XXXII Strata XI.2
DATA
Bronze Médio II 1700 - 1600 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
22 m	16 m

COMPARTIMENTOS
2 (?)

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Quadrada	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano (?)	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
- 47 m - Vale	16 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Em provável anexo do templo: estatueta antropomórfica; esculturas zoomórficas.	Depósitos funerários. Vasos de faiança e alabastro. Em provável anexo do templo: depósitos funerários; vasos de faiança e alabastro.

CONTEXTO
Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BOURKE, 1999, 2004, 2012; BOURKE <i>et al.</i> , 2003

O relevo irregular e as ruínas dos templos das fases 1 e 2 foram soterrados com camadas de terra e cascalho que, em certos pontos, chegaram a ter uma espessura total de 4 m. Sobre o terraço assim nivelado, por volta de 1700 a.C., foi construído um *templo* medindo 22 por 16 m – mais do que o dobro do tamanho dos anteriores – e com paredes de pedra medindo 2 a 3 m de espessura. Apesar de muito maior e a despeito da espessa camada que o separa das duas primeiras estruturas, o templo da fase 3 segue exatamente o mesmo desenho e a mesma orientação delas, com a fachada voltada para leste. Nela, foi evidenciada parte de uma maciça pilastra do lado sul, o que permite presumir que, à semelhança das duas estruturas anteriores, a entrada fosse *in antis*. As pilastras, com 1,50 m de espessura, projetavam-se cerca de 2 m perpendicularmente à parede leste, formando um imponente pórtico. Um pátio pavimentado estendia-se à sua frente.

Figura 3.198 – Tigela para Oferendas

(BOURKE, 2014; ver também 2012, p. 167, Fig. 6.4; KAMLAH, 2012, Taf. 39.A)

O templo era constituído por uma única sala quadrada. Não foram evidenciados nichos, plataformas ou qualquer outro possível foco do culto.

Nenhum artefato diretamente associado à estrutura da Fase 3 foi encontrado. Assim sendo, sua função como local de culto precisa ser inferida, como nos casos anteriores, da semelhança de seu formato com o de outros templos conhecidos e da continuidade entre ele e os *templos* que o sucederam. Contudo, uma sala localizada 8 m a sudoeste, contendo objetos possivelmente de culto, pode ter funcionado como depósito desse suposto templo. Tais artefatos, semelhantes a outros encontrados em diversos contextos funerários, incluem miniaturas de vasos cerâmicos; um vaso de alabastro; uma taça de gipsita; uma tigela de alabastro com quatro alças em forma de cabeça de carneiro (Fig. 3.198); e várias peças cerâmicas, distribuídos em conjuntos de peças guardados em diversos escaninhos cavados no piso (BOURKE, 2012, p. 164-165).

Pella 4
LOCALIZAÇÃO
Tabaqat Fahil Jordânia
COORDENADAS
32° 26' 59" N 35° 36' 49" L
STRATUM
Área XXXII Strata XI.1
DATA
Bronze Médio III 1600 - 1500 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
32 m	24 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Larga	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano (?)	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
- 47 m - Vale	16 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Cálice de faiança. Suportes votivos cônicos. Vasos de alabastro. Vaso azul egípcio. Altar miniatura vitrificado.

CONTEXTO
Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BOURKE, 1999, 2004, 2012; BOURKE <i>et al.</i> , 2003

Por volta de 1600 a.C., o templo sofreu extensa reforma e importantes alterações. As fundações e paredes do lado norte, oeste e sul foram reaproveitadas. A fachada do lado leste, porém, foi totalmente modificada. As pilastras foram removidas e, em seu lugar, surgiram duas torres ocas, talvez acomodando escadas para um pavimento superior, agora, porém, como prolongamentos das paredes laterais. As torres devem ter tornado a fachada muito mais impressionante, mas não alteraram o caminho ritual antes definido pelas pilastras. Em ambos os casos, ressalta-se a entrada no centro da parede e, desse modo, o eixo de acesso.

Uma alteração evidentemente conceitual foi realizada dentro do prédio, onde foi construída uma parede, no sentido norte-sul, dividindo o espaço interno em dois compartimentos. O primeiro, imediatamente após a entrada, era duas vezes maior que o segundo, localizado atrás da nova parede, a qual possuía uma entrada centralizada. Nesse segundo compartimento, o piso foi totalmente removido a uma profundidade de 1,5 m, refeito com camadas de cascalho e revestido com uma espessa camada de massa calcária. Esse tratamento diferenciado sugere o caráter especial do compartimento menor.

No contexto deste trabalho é relevante ressaltar as semelhanças desse arranjo com a forma de disposição do espaço no Tabernáculo e no Templo de Salomão. Em ambos os casos, à semelhança do templo Pella 4, a fachada do edifício era precedida por um pátio e voltada para leste e, internamente, o espaço era bipartido, com um compartimento após o outro, alinhados ao longo de um eixo retilíneo, sendo que o primeiro era duas vezes maior que o segundo e, este, com evidências de tratamento arquitetônico privilegiado. Esses mesmos traços básicos caracterizam os templos de Moza e Arad. Apesar do grande intervalo que separa o templo Pella 4 (Idade do Bronze Médio III, séc. XVI a.C.) dos templos de Judá (Idade do Ferro II, sécs. X-VII a.C.), as marcadas semelhanças não podem ser tidas como acidentais mas sim como expressões de um substrato cultural comum (cf. Megido 2048; Ain Dara; Alepo; Carquemis; Kition 1; Tayinat II e XVI).

Ainda nesta camada estratigráfica, foram evidenciados segmentos de um muro circundando a área do templo, “talvez com o objetivo de distinguir com mais clareza o espaço sagrado do profano” (BOURKE, 2012, p. 170), o que aumenta sua semelhança com a forma de disposição do espaço nos templos de Judá.

Para Stephen Bourke, a bipartição do espaço interno do templo de Pella representa “um afastamento do primeiro significado e evidencia uma modificada visão do relacionamento entre o homem e deus”, uma mudança fundamental no sistema de crença e prática religiosa. Bourke então especula que essa mudança teria sido causada pela imigração de hurritas, do norte da Mesopotâmia para Canaã. Com isso, o culto ao deus El, predominante até o Bronze Médio, teria sido sobrepujado pela adoração do deus Baal – fato que, ainda segundo Bourke, se expressa mitologicamente na vitória de Baal sobre El retratada nos textos de Ugarit (BOURKE, 2012, p. 170). Entretanto, conquanto a imigração hurrita possa ser um fator na introdução de um novo conceito de espaço sagrado, a associação desse conceito ao culto a Baal precisa ser confrontada com o fato de que a tradição bíblica acolhe praticamente sem reservas o conceito arquitetônico mas repele peremptoriamente o culto a Baal (e.g. Jz 2:11, 13; 3:7; 6:25; 10:6; 1Sm 7:4; 12:10; 1Rs 18:18; 19:18; 22:53; 2Cr 17:3; Is 46:1; Jr 11:17; 19:5; 23:13, 27; 32:35; 50:2; 51:44; Os 2:17; Sf 1:4). Assim, a dificuldade de se romper a quase inextricável relação entre significante (forma de culto) e significado (sistema de crenças) deve ser aqui considerada. Para que essa improbabilidade possa ser adequadamente sustentada, seria necessário demonstrar ou presumir a ocorrência, em Judá, de um processo de ressignificação do espaço de culto, de modo a dissociá-lo do culto a Baal, ou simplesmente admitir que, pelo menos na época em que os templos de Judá foram erigidos, as formas de expressão do culto a Baal não provocavam nos construtores a repulsa com que as tratam os textos bíblicos.

Provavelmente associados a esta fase, foram encontrados vários artefatos de culto tais como cálice de faiança, suportes cônicos, vasos de alabastro, vaso azul egípcio e um altar miniatura vitrificado.

O templo da fase 4 foi destruído aparentemente por um terremoto, cujos efeitos são notórios em vários pontos a seu redor (BOURKE *et al.*, 1994; BOURKE; SPARKS; MAIRS, 1999).

Pella 5
LOCALIZAÇÃO
Tabaqat Fahil Jordânia
COORDENADAS
32° 26' 59" N 35° 36' 49" L
STRATUM
Área XXXII Strata X.3
DATA
Bronze Recente IIB 1300 - 1200 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
18 m	12 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Quadrada	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	3 +2 +2

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
- 47 m - Vale	16 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Escultura egípcia. Estatueta de Reshef. Cabeça masculina em cerâmica. Antebraço e punho de bronze. Cobra de bronze. Tira de bronze adornada com cabeças de animais. Estatuetas egípcias. Estatueta de uma figura masculina em posição de ataque.	Depósitos fundamentais estilo egípcio. Suportes cônicos fenestrados. Vasilha cassita. Ossos de ovinos, caprinos e bovinos. Lâminas de ouro. Placas de faiança de diversas cores. Contas de pedra. Fragmentos de uma taça do período Micênico IIIA2.

CONTEXTO
Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BOURKE, 1999, 2004, 2012; BOURKE <i>et al.</i> , 2003

No final do séc. XIV a.C., um novo templo foi construído, no mesmo lugar e com o mesmo comprimento do anterior, mas sem as torres da fachada, o que o tornava menos longo. Sua largura também foi reduzida em um terço. As paredes tornaram-se bem menos espessas. Bases de três colunas foram evidenciadas no centro do primeiro compartimento, ao longo do eixo longitudinal leste-oeste; duas dentro do compartimento menor, ao longo do eixo norte-sul; e duas flanqueando a passagem entre o primeiro e o segundo compartimento. O desenho da fase anterior, contudo, foi mantido em todos seus elementos básicos: orientação para leste; dois compartimentos dispostos um após o outro, sendo que o primeiro era duas vezes maior que o segundo; entradas centralizadas; estrita simetria. No segundo compartimento, foram também evidenciadas bancadas ao longo das paredes. A primazia desse segundo compartimento continua evidente em detalhes construtivos diferenciados, bem como na elevação da soleira da porta entre os dois compartimentos, impondo um acesso ascendente do primeiro para o segundo.

Figura 3.201 – Depósitos Fundacionais

(BOURKE, 2014; *ver também* KAMLAH, 2012, Taf. 36.B)

Sob a soleira, foi encontrado um depósito fundacional, semelhante a depósitos do Egito (WEINSTEIN, 1973), contendo lâminas de ouro, placas de faiança de diversas cores, contas de pedra semipreciosa e fragmentos de uma taça do período Micênico IIIA2 (BOURKE, 2012, p. 172).

Figura 3.202 – Suporte para Oferenda
(KAMLAH, 2012, Taf. 41.A)

Figura 3.203 – Suporte para Oferenda
(KAMLAH, 2012, Taf. 41.B)

Outros depósitos fundacionais encontrados sob o piso interno do templo (Fig. 3.201) incluíam um antebraço e punho de bronze; o fragmento de uma cobra de bronze; uma tira de bronze adornada com cabeças de animais; fragmentos de suportes cônicos fenestrados para oferendas (Figs. 3.202 e 3.203); estatuetas egípcias; a estatueta de uma figura masculina em posição de ataque (BOURKE, 2012, p. 177, Fig. 12.4), semelhante a outras do Bronze Recente encontradas em contexto de culto em vários sítios ao redor do Mediterrâneo, geralmente interpretadas como

representações de Resheph, Baal ou outra divindade (e.g. Figs. 3.204 e 3.205); e ossos principalmente de ovinos, caprinos e bovinos, mas nunca de suínos, caninos ou equinos.

Figura 3.204 – Divindade em Ataque
Proveniência: Hazor, Israel
Data: Bronze Recente, séc. XV-XIII a.C.
Altura: 15 cm
(ISRAEL MUSEUM, 2017q,
Registro IAA 1997-3294)

Figura 3.205 – Divindade em Ataque
Proveniência: Levante
Data: Bronze Recente
Altura: 10,2 cm
(HARVARD ART MUSEUMS, 2011,
Registro 1992.256.80)

Esses dados zooarqueológicos avolumam as semelhanças entre o culto praticado no templo de Pella e aquele, de séculos mais tarde, evidenciado nos templos judaítas de Moza e Arad e promovido pelos textos bíblicos, em que apenas animais “limpos”, segundo a definição levítica, podiam ser sacrificados e consumidos.

Bourke admite que as modificações sofridas pelo templo de Pella, em sua Fase 5, podem ter sido simples resposta aos severos danos causados pelo terremoto. Mas, considerando a colunata e os depósitos fundacionais em estilo egípcio, sugere que

talvez evidenciem “a ação de uma nova influência cultural” relacionada ao bem documentado domínio do Egito em Pella (BOURKE, 2004, p. 9; 2012, p. 174).

Pella 6
LOCALIZAÇÃO
Tabaqat Fahil Jordânia
COORDENADAS
32° 26' 59" N 35° 36' 49" L
STRATUM
Área XXXII Strata VIII.1
DATA
Ferro IIA 900 - 800 a.C.
CULTURA
Canaanita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
12 m	8 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Quadrada	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Ascendente (?)	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
- 47 m - Vale	16 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Cálce com cabeça de leão. Estatueta asdoda. Cabeças de touro adornando um templo modelo.	Altar medindo 3 x 3 cúbitos, no pátio externo. Suportes votivos cônicos e quadrados. Templo modelo. Xícaras para incenso. Cálices. Ossos de ovinos, caprinos e bovinos.

CONTEXTO
Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BOURKE, 1999, 2004, 2012; BOURKE <i>et al.</i> , 2003

No final da Idade do Bronze ou começo da Idade do Ferro, o assentamento de Pella e seu templo foram totalmente destruídos, talvez pelas mesmas forças que causaram a convulsão que marcou o fim da idade do Bronze, à qual têm sido associadas a invasão dos *Povos do Mar* referidas por fontes egípcias e as camadas de destruição em muitos sítios levantinos dessa mesma época (BOURKE, 2004, p. 9).

Em meados do séc. X a.C., depois de um longo período caracterizado por simples instalações domésticas, um novo templo foi construído em Pella, exatamente sobre os alicerces do templo da fase 5, mas muito menor (ca. 12 x 8 m). Na interpretação de Bourke, esta nova e última fase é marcada por “uma profunda mudança na forma e (possivelmente) na função do templo de Pella” (BOURKE, 2004, p. 10). Contudo, as semelhanças com os templos das fases anteriores, na forma de disposição do espaço, parecem indicar mais continuidade do que descontinuidade.

O esquadrejamento do novo templo (fase 6) é perfeitamente alinhado com o traçado do templo que o antecede (fase 5). Sua fachada continua voltada para leste, mas agora a entrada não está mais centralizada como em todas as fases anteriores e sim posicionada no extremo sul da parede.

À frente da fachada, ainda havia um pátio onde, nesta fase, foi evidenciado um altar de pedras medindo 1,5 x 1,5 m de base (BOURKE, 2012, p. 184). Considerando que a medida do cúbito real era de aproximadamente 52,5 cm e a do cúbito comum aproximadamente 45 cm (BARKEY; KLANER, 1986, p. 22-39; BEN-DAVID, 1978, p. 27-28; COOK, 1988, p. 1048; KAUFMAN, 1984, p. 120-132; WARREN, 1903, p. 1-54, 120), o altar da fase 6 provavelmente media 3 x 3 cúbitos. Não parece acidental que essa seja exatamente a medida do altar do contemporâneo templo judaíta de Tel Moza, especialmente quando se considera que todos os outros templos judaítas, arqueologicamente atestados ou literariamente concebidos, também possuíam um altar no pátio externo com base quadrada: em Tel Arad, media 5 x 5 cúbitos (AHARONI, 1968, p. 25; 1973, p. 4); no Tabernáculo, 5 x 5 cúbitos (Ex 27:1); e no Templo de Salomão, 20 x 20 cúbitos (2 Cr 4:1).

Internamente, o templo Pella 6 possuía dois compartimentos: o primeiro tinha aproximadamente o dobro do tamanho do segundo. Neste aspecto fundamental, portanto, era igual aos dois templos que o antecederam. A posição dessas salas, porém, mudou: nas fases 5 e 4 estavam dispostas sucessivamente ao longo do eixo leste-oeste mas agora, na Fase 6, ao longo do eixo sul-norte. Isso alterou o eixo de

acesso: antes era retilíneo, no sentido leste-oeste; agora, passa a ser angular, seguindo do pátio para o primeiro compartimento, de leste para oeste, e, em seguida, virando para norte na direção do segundo compartimento.

Em suma, no que tange à forma de disposição do espaço, o templo da fase 6 era fundamentalmente igual aos dois que o precederam, com exceção apenas do tipo de eixo de acesso.

A grande maioria dos artefatos de culto associados a esse templo foram encontrados no pátio externo, dentro de cavas abertas no chão, de caráter aparentemente votivo (BOURKE, 2012, p. 190). Eles incluem vários cernos, suportes quadrados para ofertas, uma estatueta do tipo *asdoda*, cálices, xícaras para incenso e um templo modelo adornado com cabeças de touro (Fig. 3.18.17), e grande variedade de finos vasos cerâmicos.

Integrando o conjunto de artefatos depositados em cada cava, foram encontrados muitos ossos de ovinos, caprinos e bovinos. O sacrifício de animais, limitado a essas espécies, é outra característica do culto de Pella que o assemelha, segundo sugerem as evidências arqueológicas e bíblicas, ao que era praticado nos templos de Judá.

Figura 3.207 – Templo Modelo e Xícaras para Incenso
(KAMLAH, 2012, Taf. 42.A; ver também BOURKE, 2012, p. 187, Fig. 21)

Figura 3.208 – Tell Qasile
(ORI, 2009)

LOCALIZAÇÃO		
32° 06' 06" N 34° 47' 42" L	Tell Qasile Israel	Tel Aviv 2 Km a L do Mediterrâneo

Tell Qasile situa-se dentro do perímetro urbano da moderna cidade de Tel Aviv, Israel, na margem norte do Rio Yarkon, a cerca de 2 Km a leste do Mediterrâneo. Na Idade do Ferro, porém, quando o nível do mar era mais elevado que o atual, o sítio provavelmente ficava à beira-mar (Fig. 3.208). Nessa colina, escavações arqueológicas revelaram um assentamento portuário filisteu. Pouco depois de sua implantação, no começo da Idade do Ferro I (Stratum XIIb), foi ali construído um *templo* (Stratum XIIb), o qual passou por três fases construtivas (Fig. 3.209), até ser finalmente destruído no começo da Idade do Ferro II, séc. X a.C.: o Prédio 319 (Stratum XII); o Prédio 200 (Stratum XI), contíguo ao Prédio 300, a que seu escavador Amihai Mazar chamou de “templo miniatura”; e o Prédio 131 (Stratum X) (MAZAR, 1973, 1975, 1977, 1980, 1985).

Figura 3.209 – Planta dos Prédios Sobrepostos 319, 200 e 121

(MAZAR, 2000, p. 217, Fig. 11.1)

Qasile 319
LOCALIZAÇÃO
Tell Qasile Tel Aviv, Israel
COORDENADAS
32° 06' 06" N 34° 47' 42" L
STRATUM
Stratum XII
DATA
Ferro I 1150 – 1100 a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
6,4 m	6,6 m

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Quadrada	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo (?)	Descendente	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
18 m – Planície	18 m - Planície	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Vaso antropomórfico.	Cabo de faca cerimonial, em marfim. Tigelas para oferendas. Ossos de animais.

CONTEXTO
Centro urbano, construído sobre um afloramento de arenito (<i>kurkar</i>), na margem norte do Rio Yarkon.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
MAZAR, 1975, 1977, 1980, 1985

Construído pelos primeiros imigrantes filisteus que se estabeleceram em Tell Qasile, o Prédio 319 (Stratum XII, Idade do Ferro I, ca. 1150-1100 a.C.) foi interpretado por seus escavadores como sendo um *templo* em razão dos artefatos a ele associados e de sua relação de continuidade com as estruturas de culto construídas sobre ele nas camadas estratigráficas subsequentes. Seu porte, relativamente modesto – as paredes mediam apenas de 1 m a 0,50 m de espessura – não o distinguia das demais edificações. Assim, uma vez que não apresenta traços de monumentalidade, o prédio talvez devesse, mais apropriadamente, ser classificado como simples *santuário* público.

Tendo um pátio à frente, do lado leste, circundado por muros, o Prédio 319 era aproximadamente quadrado (6,4 m por 6,6 m), constituído por uma única sala. Uma laje de *kurkar*, medindo cerca de 1 m², assentada sobre a primeira camada de tijolos da parede leste, parece ter sido a soleira da entrada, ligeiramente fora de centro. A laje ficava 0,40 m acima do piso interno, o que determinava, para quem vinha do pátio à frente, um acesso retilíneo, no sentido leste-oeste, e descendente. Acesso descendente, embora incomuns nos templos do Levante, parece também caracterizar o templo de Mudayna e, inequivocamente, o recém descoberto templo subterrâneo de Sidon, datado do séc. XII-XI a.C. (DOUMET-SERHAL, 2017, p. 27-28).

Internamente, havia bancadas ao longo das paredes e, no extremo oeste, uma plataforma com 3,36 m no sentido norte-sul, com aproximadamente 0,50 m de altura, a que se ascendia por dois degraus alinhados com a presumida entrada. Com base na planta das edificações que o sucederam, uma vez que o lado oeste do prédio foi encontrado totalmente destruído, Mazar especula que o Prédio 319 talvez também fosse dotado de uma pequena sala, atrás da plataforma, medindo cerca de 1,10 m de largura por 2,75 m de comprimento, com entrada pelo lado sul.

Os artefatos evidenciados dentro do Prédio 319 não são necessariamente *de culto*, mas parece terem sido assim interpretados em razão do contexto que sugere que a estrutura era um local de culto. Eles incluem um vaso decorado com padrões geométricos bicrômicos, no “típico estilo filisteu”, “tigelas para oferendas” e “vasos votivos” (MAZAR, 1975, p. 78). No pátio, à frente do Prédio 319, foi evidenciada grande quantidade de ossos de animais e o cabo de uma faca, feito de marfim, com três rebites de bronze, praticamente idêntico aos encontrados em contexto aparentemente de culto na filisteia Tel Mique, bem como em Enkomi, Chipre, e na

região do Egeu, da mesma época ou anteriores (Fig. 3.211) (DOTHAN, 1997, p. 101; MAZAR, 1975, p. 78). Também foram encontrados no pátio um vaso cerâmico antropomórfico e um escaravelho.

a)

b)

c)

Figura 3.211 – Facas Sacrificiais Filisteias

a) Tell Qasile (MAZAR, 1975, Pl. 7B; b) Tel Miqne (LEHIGH UNIVERSITY, 2002);

c) Tel Dor (STERN, 2008, p. 1697)

Qasile 200
LOCALIZAÇÃO
Tell Qasile Tel Aviv, Israel
COORDENADAS
32° 06' 06" N 34° 47' 42" L
STRATUM
Stratum XI
DATA
Ferro I 1100 – 1050 a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
8,5 m	7,75 m

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Quadrada	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Descendente	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
18 m – Planície	18 m - Planície	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Máscara antropomórfica em tamanho natural. Duas estatuetas zoomórficas. Travessa de marfim em formato de pássaro.	Cerca de 800 contas de faiança. Concha usado como trombeta. Dezenas de tigelas votivas. Lâmpada.

CONTEXTO
Centro urbano, construído sobre um afloramento de arenito (<i>kurkar</i>), na margem norte do Rio Yarkon.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
MAZAR, 1975, 1977, 1980, 1985

Pouco tempo depois da destruição do Prédio 319, provavelmente causada por um evento que incluiu conflagração, um novo templo, denominado Prédio 200 (Stratum XI, Ferro I, ca. 1100-1050 a.C.), foi construído sobre as ruínas do anterior, agora com paredes bem mais espessas que a dos demais prédios ao redor. A nova estrutura também era aproximadamente quadrada, medindo 7,75 m por 8,5 m. Sua fachada também era voltada para um pátio a leste, com a porta marcadamente descentralizada, localizada no extremo norte da parede leste.

No pátio, circundado por muros, foram encontrados muitos fragmentos de ossos e cerâmica.

Ao longo da fachada, o piso era pavimentado por uma faixa de pedra *kurkar*, 40 cm acima do piso interno do templo, impondo um acesso descendente. Tal traço parece ser significativo uma vez que, não sendo uma necessidade imposta pelo relevo, caracteriza tanto o Prédio 200 quanto o Prédio 319 que o antecedeu. Tal arranjo talvez expressasse semioticamente a ideia de que, para aproximar-se da divindade, é necessário descer. Uma vez que vários traços da cultura filisteia sugerem uma origem egeia (DOTHAN, 1982a; DOTHAN; DOTHAN, 1992; KILLEBREW; LEHMANN, 2013; SANDARS, 1987; WELCH, 1900; WOOD, 1991; YASUR-LANDAU, 2010), talvez mediada por Chipre (HITCHCOCK; MAEIR, 2016), é possível que o acesso descendente dos templos de Tel Qasile também tenha conexão com concepções do culto ctônico que teria existido no mundo pré-helênico (CHADWICK, 1976, p. 85).

Internamente, além de bancadas ao longo das paredes, foram evidenciadas fundações de tijolos no canto sudoeste do Prédio 200, sugerindo a existência de uma parede ou plataforma elevada, talvez um altar. Essa estrutura delimitava um espaço recôndito, no fundo do templo, em cujo piso foi evidenciada grande concentração de ossos e artefatos de culto, incluindo uma máscara antropomórfica, em tamanho natural, com orifícios para amarras e abertura para os olhos e boca; duas estatuetas zoomórficas; uma concha aparentemente usada como trombeta; uma travessa feita de marfim, em formato de pássaro estilizado; cerca de 800 contas de faiança; e dezenas de tigelas votivas. No canto noroeste foram encontrados três jarros, do tipo *estribo*, com típica decoração filisteia, e vestígios de tecido pintado em vermelho e azul (MAZAR, 1975, p. 81).

Qasile 300
LOCALIZAÇÃO
Tell Qasile Tel Aviv, Israel
COORDENADAS
32° 06' 06" N 34° 47' 42" L
STRATUM
Stratum XI
DATA
Ferro I 1100 - 1050 a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
4,18 m	2,20 m

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Larga	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Noroeste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Ascendente	Não Progressivo

ALTITUDE
18 m – Planície

ELEVAÇÃO
18 m - Planície

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas zoomórficas.	Três suportes, cilíndricos e fenestrados, para oferendas. Pratos rituais. Cálices. Taças. Lâmpadas.

CONTEXTO
Centro urbano, construído sobre um afloramento de arenito (<i>kurkar</i>), na margem norte do Rio Yarkon.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
MAZAR, 1975, 1977, 1980, 1985

O Prédio 300, contemporâneo do Prédio 200 (Stratum XI) e do Prédio 131 (Stratum X), tem sido chamado de “templo miniatura” pelo fato de medir apenas 2,20 x 1,18 m e conter muitas evidências de que também funcionava como local de culto. Apesar de ter sido construído encostado na parede oeste do Prédio 200, o Prédio 300 tinha entrada independente, no extremo leste da parede norte, precedida por um vestíbulo, talvez um pórtico, voltado para o noroeste. O pátio à frente do Prédio 200 estendia-se para oeste e dava acesso também ao Prédio 300.

Figura 3.214 – Suportes para Oferenda, Templo 300

(MAZAR, 1975, Pl. 7E)

O templo era constituído por uma única sala, dotada de bancadas ao longo das paredes. O foco do culto parece ter sido uma plataforma evidenciada no canto sudoeste, a que se ascendia por dois degraus. Com a entrada no canto nordeste e o foco no canto sudoeste, impunha-se um eixo de acesso angular (MAZAR, 1975, p. 82), à semelhança do Templo 131.

Três suportes para oferendas, cilíndricos, fenestrados e ricamente decorados com motivos geométricos, foram encontrados ao lado da plataforma; sendo que, no topo de dois deles, foram encontrados *in situ* os respectivos pratos (Fig. 3.214). Ao redor, foram encontrados vários cálices, taças e lâmpadas cerâmicas; e, na área do pórtico, foi evidenciado outro prato cerimonial semelhante aos dois encontrados sobre os suportes.

Outras estruturas foram expostas ao redor dos prédios 200 e 300 que, aparentemente, estavam dentro do têmeno, integrando o complexo sagrado, quer como salas de apoio, depósitos ou aposentos dos sacerdotes. Em uma dessas estruturas (Prédio 147), foi encontrada uma coleção de artefatos que incluía “um cálice ritual decorado com a cabeça e asas de um pássaro, semelhante ao prato ritual encontrado no templo 300” (MAZAR, 1975, p. 83).

Qasile 131		
LOCALIZAÇÃO		
Tell Qasile Tel Aviv, Israel		
COORDENADAS		
32° 06' 06" N 34° 47' 42" L		
STRATUM		
Stratum X		
DATA		
Ferro I 1050 a.C.		
CULTURA		
Filisteia		

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
14,6 m	8 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Quadrada	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Noroeste	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	2

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
18 m – Planície	18 m - Planície	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Vaso de alabastro. Muitos pequenos vasos cerâmicos.

CONTEXTO
Centro urbano, construído sobre um afloramento de arenito (<i>kurkar</i>), na margem norte do Rio Yarkon.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
MAZAR, 1975, 1977, 1980, 1985

As paredes norte, sul e oeste do Prédio 131, construído no final do Ferro I (Stratum X, ca. 1050 a.C), cerca de 25 cm mais espessas que as da fase anterior, alinham-se exatamente com os alicerces do Prédio 200 da camada estratigráfica abaixo. Do lado leste, uma antessala foi construída, ocupando parte da área do pátio das fases anteriores, tornando o Prédio 131 retangular, medindo 8 x 14,5 m. Nesta fase, portanto, o templo passa a ter dois compartimentos: a antessala do lado leste, com entrada pelo lado norte, e a nave principal, do lado oeste. O piso da nave principal foi elevado em cerca de 60 cm. O eixo de acesso, portanto, passa a ser angular, progressivo e ascendente, iniciando-se no pátio ao norte, prosseguindo para o sul para adentrar a antessala e, desta, dobrando num ângulo de 90 graus para acessar o interior do templo.

Figura 3.216 – Templo 131

(EMANUEL, 2017)

Internamente, o templo ganhou duas colunas cilíndricas, alinhadas ao longo do eixo leste oeste (Fig. 3.216). Bases de colunas dispostas de modo quase idêntico foram encontradas num templo filisteu descoberto em 2010 em Tell es-Safi/Gate (Fig.

3.247), em precárias condições de preservação, datado do começo da Idade do Ferro IIA, séc X-IX a.C. (MAEIR, 2012, p. 27; 2017b). Assim, não parece acidental que, na tradição bíblica, o templo filisteu de Gaza seja concebido como tendo duas colunas internas (Jz 16:23-30).

No Prédio 131 de Tell Qasile, tanto a antessala quanto a nave principal possuíam bancadas ao longo das paredes. No fundo da sala principal, a oeste, havia uma plataforma elevada, talvez um altar. Embutidos sob essa plataforma, como se fosse um depósito fundacional, foram encontrados um vaso de alabastro e vários pequenos vasos cerâmicos. Mazar nota que, significativamente, “a plataforma elevada do Stratum X foi construída diretamente sobre as instalações de culto de ambos os templos prévios, embora o desenho das próprias instalações tenha variado de nível para nível” (MAZAR, 1975, p. 83). Atrás da plataforma, uma parede delimitava uma saleta, talvez um depósito, com entrada pelo sul.

3.3.20 **Qitmit**

Figura 3.217 – Horvat Qitmit, Foto Aérea da Região
(GOOGLE EARTH, 2017)

LOCALIZAÇÃO		
31° 11' 03" N 35° 04' 03" L	Horvat Qitmit Israel	30 Km a SE de Haifa 10 Km a SO de Afula

Descoberto em 1979 e escavado entre 1984 e 1986 (BEIT-ARIEH, 1988, 1991, 1995), Horvat Qitmit é um sítio arqueológico, precariamente preservado, localizado no norte do deserto de Negev, 69 Km ao sul de Jerusalém e 25 Km a sudeste de Beer-Sheva, Israel (Fig. 3.217). Embora encontre-se no topo de uma colina, no extremo sul do território que as fontes bíblicas geralmente atribuem ao Reino de Judá, o conjunto de artefatos ali encontrados indica que era uma instalação edomita. O conjunto de achados foi datado, por tipologia cerâmica, ao séc. VII-VI a.C., quando o Reino de Judá estava próximo de seu fim e, supostamente, já não podia resistir às incursões das nações vizinhas em seu território. Apenas dois prédios, com instalações acessórias, foram ali evidenciados, denominados Complexo A e Complexo B, distantes cerca de 20 m um do outro (Fig. 3.218).

Figura 3.218 – Planta da Instalação de Culto de Horvat Qitmit

(a partir de: BEIT-ARIEH, 1988, p. 37)

O complexo B é constituído por uma única edificação. O Complexo A é constituído por (a) um prédio com três compartimentos, (b) uma área quadrada delimitada por muros em três de seus lados, exceto o lado norte; e (c) uma área circular delimitada por um alinhamento de pedras. Em razão dos artefatos

excepcionais nele encontrados, o Complexo A foi identificado como sendo um templo. Contudo, em razão de sua data relativamente tardia e de ter existido por poucos anos, pouco pode informar sobre a arquitetura com a qual os templos de Judá dialogavam, a menos que se presuma que preservou características de templos edomitas ou canaanitas de séculos anteriores.

Horvat Qitmit apresenta uma única camada estratigráfica, com indícios de duas fases construtivas.

Qitmit A1
LOCALIZAÇÃO
Horvat Qitmit Israel
COORDENADAS
31° 11' 03" N 35° 04' 03" L
STRATUM
Complexo A Fase 1
DATA
Ferro II Séc. VII-VI a.C
CULTURA
Edomita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
5 m	10,5 m

COMPARTIMENTOS
3

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Longa	Complexa

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Difuso	Ascendente	Não Progressivo

ALTITUDE
517 m - Planalto

ELEVAÇÃO
70 m - Colina

SEGREGAÇÃO
Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Figuras antropomórficas e zoomórficas, incluindo gado, ovelhas, pássaros e uma esfinge. Um selo com uma figura com vestes longas e braços elevados. Cabeça em cerâmica de um ser antropomórfico com três chifres.	Três cálices de cerâmica decorados com romãs. Altares miniaturas. Copos perfurados para incenso. Suportes cilíndricos para oferendas. Vários anéis e brincos no formato de crescente. Cinco óstracos, um deles com o nome de Qos, a principal divindade Edomita

CONTEXTO
Instalação isolada, no topo de uma colina, sem evidência de assentamento nas imediações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BEIT-ARIEH, 1988, 1991, 1995

A instalação de culto de Horvat Qitmit, em sua primeira fase (Qitmit A1), é composta por três estruturas básicas. A primeira é um prédio com três compartimentos contíguos, todos com a entrada voltada para um pátio comum, ao sul (Figs. 3.219 e 3.220). O acesso ao compartimento do meio se fazia ascendentemente por um lance de degraus.

Instalações de culto com três salas dispostas uma ao lado da outra, todas voltadas para um espaço comum, foram também evidenciadas, além de Qitmit, em locais e culturas aparentemente tão díspares quanto Kition 1, Mazar A, Megido 2072 e Mique 350-1. Tal cenário parece indicar o elevado grau de interação entre os povos do Levante na Idade do Ferro, os limites difusos e a permeabilidade de suas fronteiras culturais, a ampla difusão de tradições arquitetônicas sacras e, possivelmente, de formas de culto.

Figura 3.220 – Templo de Horvat Qitmit

(BEIT-ARIEH, 1988, p. 36)

A segunda estrutura é um muro de pedras, em formato de U, circundando uma área aparentemente sem cobertura, com sua abertura voltada para o templo, ao norte,

porém não alinhada com ele. Esse espaço continha uma plataforma retangular, interpretada por seus escavadores como sendo uma *bamah*. Nele foi encontrada a maior parte dos artefatos, sugerindo que o *Complexo A* sediava alguma forma de culto.

A terceira instalação é um alinhamento de pedras que delimita uma área circular, evidentemente aberta, contendo um altar de pedras lascadas, uma bacia também de pedras revestida de reboco e uma fossa cavada na rocha.

O acesso ao Complexo A podia se dar tanto pelo leste quanto pelo oeste.

Os artefatos de culto encontrados no local incluem três cálices de cerâmica decorados com romãs; altares miniaturas; copos perfurados para queima de incenso; suportes cilíndricos para oferendas; figuras antropomórficas (Fig. 3.22) e zoomórficas, tais como representações de gado, ovelhas, pássaros e uma esfinge; um selo com a figura de uma pessoa com vestes longas; vários anéis e brincos no formato de crescente; e a cabeça de um ser antropomórfico com três chifres (Fig. 3.221).

Figura 3.221 – Estatueta Antropomórfica

Proveniência: Horvat Qitmit, Israel

Data: Ferro II, séc. VII-VI a.C.

Altura: 13 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2017s,

Registro IAA 1987-117)

Figura 3.222 – Estatueta Antropomórfica

Proveniência: Horvat Qitmit, Israel

Data: Ferro II, séc. VII-VI a.C.

Altura: 54,5 cm

(ISRAEL MUSEUM, 2017t,

Registro IAA 1987-116)

Qitmit A2
LOCALIZAÇÃO
Horvat Qitmit Israel
COORDENADAS
31° 11' 03" N 35° 04' 03" L
STRATUM
Complexo A Fase 1
DATA
Ferro II Séc. VII-VI a.C
CULTURA
Edomita

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
5 m	10,5 m

COMPARTIMENTOS
3

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Longa	Complexa

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Difuso	Ascendente	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
517 m - Planalto	70 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
[vide Qitmit A-1]	[vide Qitmit A-1]

CONTEXTO
Instalação isolada, no topo de uma colina, sem evidência de assentamento nas imediações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BEIT-ARIEH, 1988, 1991, 1995

Na fase 2, algumas paredes do templo tiveram sua espessura dobrada. Pódios de cerca de 1 m de altura, encimados com lápides de pedra, foram instalados dentro de cada um dos três compartimentos. Uma vez que esses pódios não parecem ter função estrutural, provavelmente serviam como altar ou mesa para objetos de culto.

O sítio revelou ainda cinco óstracos, um deles com o nome de Qos (QWS), a principal divindade Edomita (Fig. 3.224). Ossos de ovelhas e bodes foram também evidenciados.

Figura 3.224 – Inscrição com o Nome de Qos
(BEIT-ARIEH, 1995, p. 261)

3.3.21 **Sarepta**

LOCALIZAÇÃO		
33° 28' 10" N 35° 18' 22" L	Sarepta, Ras el-Qantara Sarafand, Líbano	13 Km a S de Sidom 22 Km a N de Tiro

Sarepta é um sítio arqueológico localizado em Ras el-Qantara, um promontório na costa oriental do Mediterrâneo, o ponto mais elevado desse segmento da costa, na moderna cidade de Sarafand, Líbano, a cerca de 13 Km ao sul de Sidom e 22 Km ao norte de Tiro (Figs. 3.225 e 3.226). O local foi escavado pelo Museu da Universidade de Pennsylvania, sob a direção de James B. Pritchard, entre 1969 e 1974 (ANDERSON, 1988; KHALIFEH, 1988; PRITCHARD, 1971, 1975, 1978, 1988; PRITCHARD *et al.*, 1975). Atestando a identidade do sítio, seu nome aparece no entalhe de um selo encontrado no local. A partir de 1970, sob camadas superficiais com vestígios de ocupação primeiramente romana e, logo abaixo, helenísticas, foi encontrado abundante depósito de cerâmica geralmente associada a ocupação fenícia, inclusive o típico “Jarro Borda de Cogumelo”, encontrado ao longo da costa do Mediterrâneo, em praticamente todos os sítios fenícios no Líbano, Israel, norte da África e Espanha (Figs. 3.228, 3.229, 3.230 e 3.231).

Figura 3.226 – Sarepta
(IMBODEN, 2017)

Numa área em que foram evidenciadas atividades quase exclusivamente industriais – Área II, Quadrículas A-4 e B-4, Nível 3 (Fig. 3.227) – foi exposta uma edificação, denominada Sala 71, que, em razão de suas características arquitetônicas

e artefatos associados, foi logo interpretada como tendo “função de culto” (PRITCHARD, 1975, p. 13).

Com base apenas nas referências cronológicas oferecidas pela análise tipológica dos artefatos encontrados no local – bastante imprecisa por sua própria natureza – e em face da impossibilidade de se delinear uma precisa estratigrafia, a datação desse “santuário” é apenas tentativa. Datado por James Pritchard, num primeiro momento, entre os sécs. VIII e IV a.C. (PRITCHARD, 1978, p. 147) e, mais tarde, após reavaliação, a partir da segunda metade do séc. VII a.C. (PRITCHARD, 1988, p. 54), teria passado por, pelo menos, duas grandes fases construtivas, aqui denominadas Sarepta 1 e Sarepta 2. A despeito do fato de que os remanescentes materiais da segunda fase não permitem inferir, com razoável grau de probabilidade, os traços gerais de sua planta, este catálogo a inclui, apenas tentativamente, para ressaltar os detalhes efetivamente observados ou que podem ser inferidos, e, desse modo, permitir, tanto quanto possível, a comparação com a planta da primeira fase.

Figura 3.228 – Jarro Borda de Cogumelo
Proveniência: Sarepta, Líbano
(PRITCHARD, 1971, p. 21, Fig. 4)

Figura 3.229 – Jarro Borda de Cogumelo
Proveniência: Sarepta, Líbano
(PRITCHARD, 1971, p. 21, Fig. 3)

Figura 3.230 – Jarro Borda de Cogumelo
Proveniência: Cemitério de Akhziv, Israel
(ISRAEL MUSEUM, 2017p)

Figura 3.231 – Jarro Borda de Cogumelo
Proveniência: Cemitério de Laurita, Espanha
(MOSCATI, 2001, p. 292; *ver também* PELLICER CATALÁN, 2007, p. 184, Fig. G e F)

Sarepta 1
LOCALIZAÇÃO
Ras el-Qantara, Sarafand Líbano
COORDENADAS
33° 28' 10" N 35° 18' 15" L
STRATUM
Área II, A-4/B-4 Nível 3
DATA
Ferro IIC Séc. VIII-VII a.C.
CULTURA
Fenícia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
6,40 m	2,56 m

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Largo	Longa	Pódio

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Não	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	1 (?)

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	Ascendente	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
12 m – Planície	12 m - Promontório	Não Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas cerâmicas de figuras femininas, zoomórficas e de divindades egípcias, incluindo Horus, Bes, Ptah e Bastet. Estatueta funerária Shawabti. Máscara. Olhos de Horus. Esfinges flanqueando um trono cerâmico.	Bancadas ao longo das paredes internas. Altar para libações. Pilar sem função estrutural, do tipo <i>baetyl</i> . Fragmentos de marfim. Vaso de alabastro. Contas. Peças de jogo.

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio próximo ao porto. Setor industrial de produção de cerâmica, tintura púrpura, joias e óleo de oliva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ANDERSON, 1988; KHALIFEH, 1988; PRITCHARD, 1971, 1975, 1978, 1988; PRITCHARD <i>et al.</i> , 1975

Até a recente descoberta de um templo em Sidon, ainda não adequadamente publicado (DOUMET-SERHAL, 2017, p. 20-29, 58-59), o “santuário” de Sarepta era a única instalação de culto da Idade do Ferro encontrada na assim chamada Fenícia. Embora relativamente pequena, o que levou James Pritchard a chama-la de “santuário” e “capela”, a estrutura pode ser considerada um *templo*, no sentido em que esse termo é empregado neste estudo, em razão de seu caráter evidentemente público, das características construtivas que lhe asseguram proeminência e a distinguem das demais edificações em seu contexto.

O templo de Sarepta (Fig. 3.233) é constituído por uma única sala aproximadamente retangular, medindo 6,40 m em seu eixo leste-oeste e 2,56 m em média de largura. O lado leste, porém, é 32 cm maior que o lado oeste, o que lhe dá um formato ligeiramente trapezoidal.

Figura 3.233 – Templo de Sarepta
(PRITCHARD, 1978, p. 133, Fig. 126)

Figura 3.234 – Altar Interno do Templo
(PRITCHARD, 1978, p. 135, Fig. 128)

Vários fatores, especialmente suas semelhanças com outros templos do Levante, permite inferir que essa estrutura tivesse uma função de culto.

Primeiro, o templo de Sarepta possuía bancadas ao longo das quatro paredes internas, medindo aproximadamente 20 cm de altura e 30-40 cm de largura, como

também ocorrem, por exemplo, em Arad X, Beth Shean R-2, Beth Shean VII, Beth Shean VI, Mudayna 149, Qasile 319, Qasile 200, Qasile 300, Qasile 131 e Qitmit A2.

Segundo, o templo de Sarepta era dotado por uma espécie de altar (Fig. 3.234), encostado e centralizado na parede oeste da nave, de que foi preservada apenas a base, medindo 102 cm x 92 cm. Uma espécie de bacia retangular, com dois canais para drenagem, entalhada num bloco de arenito de 28 cm por 32 cm, foi encontrada no centro da base do altar e era, pelo que parece, parte integrante dele, embora escondido, talvez com o objetivo de “produzir um prodígio que impressionasse os devotos do culto” (PRITCHARD, 1978, p. 138). Um degrau evidenciado na frente do altar, do lado leste, impunha artificialmente um acesso ascendente. Estruturas elevadas, localizadas no ponto culminante do eixo de acesso são comuns em templos diversos do Levante, como por exemplo Beth Shean VIII, Beth Shean VI, Megido 4040, Megido 5192, Megido 2048, Mique 650, Qasile 131, Tayinat II e Tayinat XVI.

Terceiro, o templo de Sarepta parece que tinha uma coluna, presumivelmente sem função estrutural, do tipo *baetyl*, instalada na frente do altar, alinhada com o eixo longitudinal, medindo aproximadamente 40 por 40 cm de base, pelo que se pode inferir da depressão quadrada encontrada no piso, à semelhança de outros pilares, de diferentes formatos, comuns em instalações de culto do Levante (BLOCH-SMITH, 2005, 2010, 2015; GRAESSER, 1969).

Figura 3.235 – Olho de *Hórus*
Proveniência: Templo de Sarepta
(PRITCHARD, 1978, p. 141, Fig. 136)

Figura 3.236 – Estatueta Feminina
Proveniência: Templo de Sarepta
(ANDERSON, 1988, Fig. 41.1)

Quarto, decisiva na determinação da função de culto desse prédio, “uma coleção de mais de duzentos objetos votivos” foi ali encontrada, todos no extremo oeste da nave, a maioria ao redor do altar (PRITCHARD, 1978, p. 139). Esses artefatos incluem estatuetas (Fig. 3.236), entalhes de marfim, *Wadjets* ou Olhos de Hórus (Fig. 3.235), uma máscara de culto, uma estatueta funerária *Shawabti*, amuletos antropomórficos e zoomórficos, muitos das quais com motivos egípcios ou representando divindades egípcias, tais como *Bes*, *Ptah*, *Bastet* e *Horus* (Fig. 3.237), e partes de um trono cerâmico flanqueado por duas esfinges (Fig. 3.238).

Quinto, o caráter sagrado templo de Sarepta é evidenciado, ainda, pelo modo como ele é situado em seu contexto. Uma rua estreita, ao longo das paredes sul e leste, separava o templo das demais edificações ao sul, todas dedicadas a algum tipo de atividade industrial, principalmente produção de cerâmica, além de azeite, tintura púrpura e metalurgia. Essa direta associação a atividades econômicas, são também atestadas em diversos outras instalações de culto da região, como em Kition, Mazar A, Megido 2072, Mique 350-1, Moza, Mudayna 149 e em duas instalações de culto de Tell es-Safi, nas áreas A e D (HITCHCOCK; MAEIR; DAGAN, 2016, p. 523; MAEIR, 2012, p. 27).

Por fim, os materiais e técnicas construtivas do templo de Sarepta também parecem ter sido deliberadamente empregados como expressão semiótica da função sagrada do edifício, destacando-o de todos os demais: alicerces mais profundos;

paredes feitas com blocos de arenito mais cuidadosamente talhados; e piso de cimento, em contraste com os pisos de argila das áreas industrial e residencial (PRITCHARD, 1978, p. 111, 131-133).

Figura 3.239 – Croquis do Templo de Sarepta e Salas Contíguas
(a partir de: PRITCHARD, 1978, p. 132, Fig. 125; p. 134, Fig. 127; p. 132, Fig. 125)

No canto oeste da parede norte (Fig. 3.239, *Locus* 478), parece ter havido uma passagem entre a nave do templo e as salas contíguas ali escavadas. Essa suposição é baseada no fato de que não há, nesse ponto, vestígios de continuação da parede 478; além disso, artefatos de culto, do mesmo tipo encontrado na nave, foram achados no chão da sala imediatamente ao norte; e, ainda mais convincentes, partes do trono flanqueado por esfinges foram achadas tanto no templo quanto na sala ao norte (PRITCHARD, 1978, p. 134 e 143).

Na primeira fase, o acesso ao templo se fazia, inicialmente, por uma porta na extremidade leste da parede sul, diretamente voltada para a rua, o que sugere o caráter público do culto ali praticado. Mais tarde, essa entrada pelo sul foi bloqueada, o que é evidenciado pela bancada que, nesse segundo momento, passou a atravessar o espaço onde antes ficava a porta. Evidências trazidas à luz na segunda fase, discutida abaixo, sugerem que, para substituí-la, uma nova porta foi provavelmente instalada no extremo norte da parede leste. Embora o reposicionamento da porta, do sul para o leste, possa ter sido uma providência meramente prática, para evitar que água de enxurrada entrasse na nave, como já foi sugerido (PRITCHARD, 1978, p.

133-134), deve-se também considerar a possibilidade, talvez mais provável, de que tenha sido uma adequação semiótica à ideologia do culto.

Qualquer que seja o caso, a despeito da angularidade imposta pela posição da porta ao sul, parece que o prédio, desde seu início, tinha uma orientação deliberadamente leste-oeste: o altar, evidente ponto focal do culto, ficava no extremo oeste do eixo longitudinal do edifício e de frente para o leste. Considerando-se que muitos templos da região do Levante, da Idade do Bronze e do Ferro, são voltados para o oriente (e.g. Abu Havam; Arad; Kition; Moza; Pella; Tayinat II), a orientação do templo de Sarepta não parece ser acidental, mas sim, possivelmente, expressão semiótica de alguma concepção cosmológica.

Conquanto os dados arqueológicos, per si, não permitam precisar qual teria sido essa cosmologia, pode-se presumir que, para o observador devoto, o oriente se afigurava não apenas como o nascente do sol mas também, com a chegada da noite, de todos os astros. A tese de que o templo era percebido como tendo um alinhamento místico com a estrutura do universo e, presumivelmente, também com poderes cósmicos – daí ser voltado para o nascente – encontra suporte na descoberta, entre os artefatos de culto do templo de Sarepta, de uma plaqueta de marfim, medindo 3,3 por 5 cm, contendo a seguinte inscrição fenícia: “*A estátua que Shillem, filho de Mapa’al, filho de ’Izai fez para Tanit Astarte*” (PRITCHARD, 1978, p. 105). A expressão “*Tanit Astarte*” tem sido objeto de interpretações diversas: (1) haveria uma conjunção implícita entre os nomes – “*Tanit e Astarte*” – mantendo a distinção entre as duas deusas; (2) a expressão designaria uma única divindade que, como resultado de um processo de sincretismo, teria fundido em si duas antigas e distintas deusas; ou (3) *tanit* seria um título, não um nome, de modo que a deusa venerada seria apenas Astarte (PRITCHARD, 1978, p. 107; SMITH, 2014, p. 62-63). Qualquer que seja o caso, nas antigas inscrições que a ela se refere, bem como na iconografia que a representava, Tanit era evidentemente associada a proeminentes astros ou fenômenos cosmológicos. O assim chamado *Signo de Tanit*, que ocorre em diversos sítios púnicos, notoriamente em Cartago (Fig. 3.240) mas também em outros pontos no norte da África, Espanha, Sicília, Sardenha e Malta, bem como em sítios da Fenícia e outros do Levante e até Mesopotâmia, é frequentemente encimado por representações astrais, em geral interpretadas como sendo a lua crescente e mesmo o sol (AMMAR, 2005; ARIE, 2017; BERTRANDY, 1992; BORDREUIL, 1987; BROWN, 1991, p. 82-89, 113-116; COWIE, 2004; DAYAGI-MENDELS, 2002, p. 34, Fig. 4.1;

FERJAOUI, 1993, p. 380-383; LIPINSKI, 1992; MARLASCA, 2004; MOSCATI, 1988, p. 614-619; PRITCHARD, 1982; SADER, 2005, p. 26-27, 38-39; SCHAUDIG, 2008). Além dessa inscrição com direta referência a *Tanit*, um disco de vidro, de aproximadamente 1 cm de diâmetro, portando o *Signo de Tanit*, também foi trazido à luz nas escavações da Sarepta (Fig. 3.241; cf. PRITCHARD, 1978, p. 107-108), evidenciando a popularidade que o culto a Tanit, com sua provável dimensão cósmica, possuía na Sarepta do séc. VII a.C.

Figura 3.240 – Signo de Tanit em Estela
Procedência: Tofete de Cartago, Tunísia
(RICKARDS, 2003)

Figura 3.241 – Signo de Tanit em Vidro
Procedência: Sarepta, Líbano
(PRITCHARD, 1978, p. 108, Fig. 104)

Em suma, nesta primeira fase, embora o eixo de acesso ao templo de Sarepta seja angular, o prédio apresenta uma clara orientação para o leste. Levando-se em conta o degrau evidenciado na frente do altar, o eixo de acesso pode ainda ser considerado como ascendente.

Sarepta 2
LOCALIZAÇÃO
Ras el-Qantara, Sarafand Líbano
COORDENADAS
33° 28' 10" N 35° 18' 15" L
STRATUM
Área II, A-4/B-4 Nível 3
DATA
Ferro IIC Séc. VII a.C.
CULTURA
Fenícia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
6,40 m	?

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	(---)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Simple

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Não	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Assimétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular	(---)	Não

ALTITUDE
12 m – Planície

ELEVAÇÃO
12 m - Promontório

SEGREGAÇÃO
Não Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Estatuetas cerâmicas de mulher grávida sentada.	(---)

CONTEXTO
Centro urbano. Prédio próximo ao porto. Setor industrial de produção de cerâmica, tintura púrpura, joias e óleo de oliva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
ANDERSON, 1988; KHALIFEH, 1988; PRITCHARD, 1971, 1975, 1978, 1988; PRITCHARD <i>et al.</i> , 1975

Eventualmente, o templo de Sarepta sofreu várias modificações, não necessariamente simultâneas (PRITCHARD, 1978, p. 133-134, 139, 147).

As paredes sul e oeste da fase anterior foram reaproveitadas, mas, a julgar pela extensão do que restou do novo piso, já que nada mais foi evidenciado da nova construção, o prédio foi feito consideravelmente maior que o anterior.

Nesse período, a entrada que havia na parede sul já havia sido bloqueada. Uma nova porta foi provavelmente aberta no canto norte da parede leste, onde o piso de cimento, cerca de 40 cm acima do piso da fase anterior, se estende para além da linha da parede.

Nesta segunda fase, as bancadas, o altar e o pilar que havia na fase anterior desaparecem, contudo, “a presença de estatuetas cerâmicas do tipo mãe-sentada, nos escombros que enchiam o prédio, sugere que sua função, como a de seu predecessor, havia sido de culto” (PRITCHARD, 1978, p. 139) (Fig. 3.243).

Figura 3.243 – Estatueta de Mulher Grávida
(PRITCHARD, 1978, p. 145, Fig. 140)

3.3.22 Safi

Figura 3.244 – Tell es-Safi, Áreas de Escavação A, E, F e P
(MAEIR, 2009)

LOCALIZAÇÃO		
31° 42' 13" N 34° 51' 05" L	Tell es-Safi Israel	27 Km a L do Mediterrâneo 37 Km a SO de Jerusalém

Tell es-Safi (Figs. 3.244 e 3.245) é um sítio arqueológico localizado na borda oriental da planície costeira de Israel, por onde, durante praticamente toda a Idade do Ferro, se espalhavam as cidades dos filisteus (MAEIR, 2010a, 2010b, 2012a, 2012b). Tell es-Safi, que seus atuais escavadores sustentam ser a antiga Gate (MAEIR, 2012a, p. 5-7, 100-101), fica a 8 Km ao sul de Tel Mique e 19 Km a sudeste de Tel Asdode, formando com elas e mais duas cidades a famosa Pentápolis Filisteia: Gate, Ecrom, Asdode, Gaza e Aquelom (Jz 3:3; Js 13:20). Das cinco, Gate é a que fica mais para o interior e, portanto, mais próxima dos domínios judaítas, a apenas 37 Km a sudoeste de Jerusalém. Na área A, Stratum A4, um templo da Idade do Ferro IIA, aqui designado Safi A, foi ali revelado (Fig. 3.246).

Figura 3.245 – Mapa de Tell es-Safi, Área A em Destaque
(a partir de: SHAPIRO, 2004; MAEIR, 2012a, p. 10, Fig. 1.1)

Safi A
LOCALIZAÇÃO
Tell es-Safi Israel
COORDENADAS
31° 42' 13" N 34° 51' 05" L
STRATUM
Área A Stratum A4
DATA
Ferro IIA Séc. X-IX a.C.
CULTURA
Filisteia

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
7 m (?)	7,5 m (?)

COMPARTIMENTOS
1

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Quadrado	Quadrada	Pódio(?)

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
?	?

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Não	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	2

SIMETRIA
Assimétrico (?)

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Angular (?)	Plano (?)	Não Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
158 m - Planície	50 m - Colina	(---)

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
(---)	Duas colunas internas. Bancadas ao longo das paredes. Vários cálices rituais encontrados próximos e associados ao templo.

CONTEXTO
Centro urbano. Ao lado de oficinas de metalurgia. Sob uma instalação de culto na camada imediatamente acima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
MAEIR, 2010a, 2010b, 2012a, 2012b

Em 2010, no curso das mais recentes escavações no local, sob a direção de Aren Maeir, foi exposta uma construção na Área A, Stratum A4, Locus 111115, logo interpretada como sendo um templo (Fig. 3.247).

As precárias condições da estrutura, de que apenas duas colunas e segmentos do piso e das paredes foram preservados, não permitem mais do que uma reconstrução apenas tentativa de sua planta.

Sua função de culto foi sugerida, aparentemente, acima de tudo em razão da semelhança que a estrutura tem com o templo filisteu de Tel Qasile, Stratum X (Qasile 131), e o templo filisteu de Gaza, referido na Bíblia (Jz 16:25-30). Todos os três possuíam duas grandes colunas internas (MAEIR, 2010; 2012a, p. 27).

Figura 3.247 – Templo de Tell es-Safi, Área A, Stratum A4

(MAEIR, 2010)

Outras razões, abaixo indicadas, foram aduzidas por Maeir para sustentar a tese de que esse prédio era, de fato, um templo.

Em tamanho, forma e características arquitetônicas, por exemplo, o prédio destaca-se dos demais de seu contexto, como seria de se esperar de uma edificação dedicada a uma função sagrada.

Além disso, considerando-se que instalações de culto de épocas e até culturas diferentes são frequentemente construídas umas sobre as outras (e.g. em Abu Havam, Beth Shean, Kition, Megido, Mique, Pella, Qasile e Sarepta), aparentemente indicando a concepção do caráter sagrado do lugar, parece ser significativo que, na camada imediatamente acima do “templo” do Stratum A4, uma outra instalação de culto foi trazida à luz (Stratum A3, séc. IX a.C.), contendo um conjunto de cerâmicas miniaturas que, por não parecerem funcionais, presumiu-se serem de culto.

Internamente, há evidências de que o templo era dotado de bancadas baixas ao longo das paredes (Fig. 3.247), como frequentemente ocorre em instalações de culto do Levante (e.g. Arad X, Beth Shean R-2, Beth Shean VII, Beth Shean VI, Mudayna 149, Qasile 319, Qasile 200, Qasile 300, Qasile 131, Qitmit A2 e Sarepta).

Figura 3.248 – Cálices Rituais, Tell es-Safi, Área A, Stratum A4
(UZIEL; MAEIR, 2006; *ver também* MAEIR; SHAI, 2006)

Outra evidência referida por Maeir é a proximidade do templo de Safi com uma área de metalurgia de bronze e ferro, à semelhança de vários templos do Levante, e.g. Kition, Mazar A, Megido 2072, Mique 350-1, Moza, Mudayna 149, Sarepta e em outra instalação de culto de Tell es-Safi, na área D (HITCHCOCK; MAEIR; DAGAN, 2016, p. 523; MAEIR, 2012a, p. 27).

Por fim, artefatos de valor aparentemente simbólico, tais com cálices gigantes (Fig. 3.248), usados para queima de incenso, como foi constatado pela análise de seus resíduos orgânicos (MAEIR, 2014), foram encontrados associados ao templo de Safi.

O templo de Tell es-Safi, Área A era aparentemente constituído por uma única sala, aproximadamente quadrada. Sua entrada não foi encontrada, o que não permite determinar a orientação do prédio. As duas bases de coluna evidenciadas em seu centro, porém, definem um eixo no sentido sudeste-noroeste. Uma vez que há vestígios de parede nas duas extremidades desse eixo, é necessário presumir que a entrada não ficava alinhada com ele. No caso do templo Qasile 131, as duas colunas alinham-se ao longo de um eixo nordeste-sudoeste, com a entrada posicionada na parede voltada para o norte, paralela a esse eixo. Presumindo-se um parentesco tipológico entre esses dois templos filisteus, a entrada do templo de Safi talvez também ficasse na parede norte, paralela ao eixo das colunas. Vestígios evidenciados no piso interno do templo, talvez bases de uma plataforma ou altar, aparentemente encostadas no centro da parede norte, obrigariam que a entrada, se localizada nessa parede, ficasse descentralizada para o norte. Contudo, como a maior parte das paredes não foi encontrada, a porta poderia estar em várias outras posições.

As precárias condições das ruínas e a confusa estratigrafia não permitem outras conclusões quanto ao modo como o espaço era disposto no templo de Tell es-Safi, Área A.

Figura 3.249 – Tel Shiloh

(FELDMAN, 2017)

LOCALIZAÇÃO

32° 03' 23"N
35° 17' 24" L

Tel Shiloh, Khirbet Seilun
Cisjordânia

31 Km a N de Jerusalém
51 Km a L do Mediterrâneo

Perfil de Elevação Atual: Eixo Oeste-Leste

Perfil de Elevação Atual: Eixo Norte-Sul

Tel Shiloh (Khirbet Seilun) é um sítio arqueológico localizado no centro da cadeia montanhosa que se ergue entre o Vale do Jordão e a planície costeira do Mar Mediterrâneo (Fig. 3.249). Situa-se a cerca de 31 Km a norte de Jerusalém, na periferia oeste da moderna vila de Shiloh, na Cisjordânia. O topônimo árabe *Seilun* parece preservar o antigo nome *Shiloh* dos tempos bíblicos. Com base nesse indício e nas referências geográficas oferecidas pela Bíblia, passou-se a se aceitar, em tempos modernos, que Seilun seja a bíblica Siló (KAUFMAN, 1988, p. 48).

Ainda segundo os textos bíblicos, o Tabernáculo, uma espécie de tenda portátil, construído por Moisés em obediência a detalhadas instruções divinas, no início do Êxodo (Ex 25:8-9; 39:42-43; 40:16-17), e que passou a ser o centro do culto dos israelitas, teria sido finalmente montado em Siló, quando o povo de Israel estabeleceu-se em Canã (Js 18:1), e teria ali permanecido por quase quatro séculos, até ser presumivelmente destruído pelos filisteus por volta do ano 1050 a.C. (1Sm 4; Jr 7:12; 26:9; Sl 78:60) ou abrigado no recém construído Templo de Salomão, por volta de 950 a.C. (1Rs 8:4; 2Cr 5:5). As diversas explorações arqueológicas realizadas em Siló (FINKELSTEIN, 1986; FINKELSTEIN *et. al.*, 1993; KJAER, 1931; WILSON, 1873), uma das quais ainda está em andamento (STRIPLING, 2016), não produziram, porém, evidências materiais que possam ser conclusivamente associadas ao Tabernáculo.

Figura 3.250 – Altar de Quatro Pontas

Localização: Tel Shiloh

(BIBLEWALKS, 2017)

Figura 3.251 – Altar de Quatro Pontas

Localização: Givat Harel

(ELITZUR; NIR-ZEVI, 2004)

O altar de quatro pontas, das quais apenas uma subsiste (Fig. 3.250), encontrado em Siló nas escavações de 2013, em uso secundário numa edificação do período bizantino (BEN-ARIE; HIZMI, 2014), e outro do mesmo estilo (Fig. 3.251) descoberto em Givat Harel, a cerca de 1,5 Km a oeste de Tel Shiloh (ELITZUR; NIR-

ZEVI, 2003, 2004), não podem ser interpretados como indícios de que Siló, por ter acolhido o Tabernáculo, teria se tornado um lugar diferenciado de culto, uma vez que muitos altares com quatro pontas têm sido trazidos à luz em vários sítios do sul do Levante (AHARONI, 1974b; GITIN, 2005, p. 54; HARAN, 1995; MAZAR, 1990, p. 495-496, 500; ZEVIT, 2001, p. 314).

A despeito de não haver nenhuma evidência arqueológica da existência do Tabernáculo em Siló ou qualquer outro lugar, mas apenas descrições textuais, e a despeito de ser considerado por alguns, notoriamente desde Julius Wellhausen, como mera “ficção histórica”, com a finalidade de prover “imemorial legitimidade” ao culto pós-exílico de Jerusalém (WELLHAUSEN, 1885, p. 36-39; em contrário, ver CROSS, 1947, 1984; DAVIES, 1962; FRIEDMAN, 1980; HARAN, 1978, p. 189-204), duas razões, pelo menos, justificam sua inclusão neste estudo. Primeira, ainda que se admita a tese wellhausiana de que o Tabernáculo era um constructo literário e “a cópia, não o protótipo, do templo em Jerusalém”, ele só teria eficiência legitimadora se não contradissesse os fundamentos essenciais da concepção arquitetônica do templo. De modo que as semelhanças e as diferenças entre o Tabernáculo e o Templo de Jerusalém permitem inferir quais elementos eram considerados – ao menos pelos autores do texto bíblico e pelo grupo social que representavam – essenciais na arquitetura sacra ortodoxa. Segunda, certas características do Tabernáculo possuem precisos paralelos arqueológicos. Algumas de suas medidas, por exemplo, embora difiram das do Templo de Jerusalém, coincidem exatamente com as do templo judaíta escavado em Tel Arad. Além disso, a bipartição do espaço interno do Tabernáculo – diferente do Templo de Salomão que, além do edifício bipartido, possuía um compartimento vestibular, o *ulam* (pórtico) – também coincide com o que foi atestado em Arad e Moza. Portanto, é necessário presumir que o Tabernáculo, muito mais do que produto da imaginação do literato ou cópia do Templo de Jerusalém, expressa, em alguma medida, uma certa cultura arquitetônica.

Tabernáculo
LOCALIZAÇÃO
Tel Shiloh, Khirbet Seilun Cisjordânia
COORDENADAS
32° 03' 23"N (?) 35° 17' 24" L (?)
STRATUM
(---)
DATA
Séc. XV-XI a.C. (?)
CULTURA
Judaíta

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
30 côv.	10 côv.

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Long	Quadrada

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Simples

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
0	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Plano	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
704 m (?)	40 m (?)	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Duas estátuas de querubins sobre a arca. Imagens de querubins adornando cortinas e véu.	Pátio: altar para sacrifícios; pia para abluções. Santo: altar de incenso; mesa para pães; candelabro. Santo dos Santos: arca de ouro contendo duas estelas com inscrições.

CONTEXTO
Estrutura desmontável e itinerante, montada finalmente na cidade de Siló, onde teria permanecido por quatro séculos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
Ex 25–31, 35–40

O Tabernáculo é concebido no texto bíblico (Ex 25–31, 35–40) com tendo – assim como os templos de Jerusalém, Arad e, provavelmente, Moza – três espaços dedicados ao ritual: um *átrio* (הַצֵּר – *hatzer*), o *Santo* (קֹדֶשׁ – *qodesh*) e o *Santo dos Santos* (קֹדֶשׁ הַקֳּדָשִׁים – *qodesh haqadashim*), dispostos nessa ordem, de leste para oeste, um após o outro, simetricamente, ao longo de um eixo retilíneo, com a face voltada para leste (Ex 27:13-16; Nm 2), assim como também o eram os templos de Jerusalém, Arad e Moza.

O átrio era um espaço a céu aberto, delimitado por cortinas sustentadas por colunas (Ex 27:9-19), à frente do Tabernáculo, no qual havia um altar para sacrifícios, com quatro pontas (Ex 27:1-2) e uma pia para abluções.

Figura 3.253 – Entalhe em Marfim
 Procedência: Samaria, Cisjordânia
 Data: Ferro II, séc. IX-VIII a.C.
 (ISRAEL MUSEUM, 2017k, Registro: IAA 1933-2572; ver também KENYON, 1975, Pl. 39)

Figura 3.254 – Escultura de *Lamassu*
 Localização: Khorsabad, Iraque
 Data: séc. VIII a.C.
 (ORIENTAL INSTITUTE, 2014b, Registro: A7369)

Internamente, o espaço do Tabernáculo era bipartido por um véu adornado com imagens de seres alados denominados *querubins* (כְּרֻב - *querub*), formando o *Santo* e o *Santo dos Santos* (Ex 26:31-33). De fato, as três grandes etapas do ritual prescrito para o Tabernáculo deveriam ser realizadas, respectivamente, nas três áreas em que o espaço sagrado era dividido; e, além disso, assim como cada etapa sucedia à outra no tempo, cada área sucedia à outra no espaço (cf. Lv 1:1-3; Ex 25; 30:6-8; Lv 24:2-

4; Nm 8:2-3; Lv 16). Tal correspondência sugere que a disposição do espaço ritual exercia função de significante da dimensão temporal do culto.

O mobiliário do Tabernáculo e o do Templo de Salomão (1Rs 7:48-51; 8:6, 9; Dt 10:2, 5) se equivalem. O lugar *Santo* continha um altar para incenso, uma mesa para pães e um candelabro com sete lâmpadas. O Santo dos Santos abrigava uma arca de madeira de acácia, revestida de ouro e coberta por uma espécie de tampa encimada com duas estátuas de *querubim*, figuras dos quais adornavam também as cortinas que revestiam as paredes internas do Tabernáculo.

Pouco os textos bíblicos falam sobre os querubins além de serem seres fantásticos, de integrarem as hostes de YHWH, de estarem às suas ordens, de possuírem traços antropomórficos e zoomórficos, especialmente asas (Gn 3:24; 2Sm 22:11; 1Rs 6:23-24; 8:7; 2Rs 19:15; Sl 18:10; Ez 10). Representações de seres alados descobertas em contextos do antigo Oriente Médio, e mesmo do sul do Levante, talvez ilustrem a concepção que se tinha naquela época acerca dos querubins (Figs. 3.253 e 3.254).

As medidas do Tabernáculo não são explicitamente fornecidas no livro de Êxodo, onde é descrito, mas inferidas do número e largura das tábuas de suas paredes. Segundo o texto, as paredes do lado sul e do lado norte eram formadas, cada uma, pelo alinhamento de 20 tábuas (Ex 26:18, 20), posicionadas verticalmente, cada uma com 1,5 côvado de largura (Ex 26:16). A parede do lado ocidental era formada por 6 tábuas (Ex 26:22), cobertas por cortinas adornadas com imagens de *querubins*. As 20 tábuas de cada lado sugerem que o Tabernáculo media 30 côvados de comprimento, isto é, metade do comprimento do templo construído por Salomão em Jerusalém (1Rs 6:2). Presumindo que havia uma relação proporcional entre as dimensões do Templo de Salomão e as do Tabernáculo, tem sido sugerido, embora não unanimemente (CHYUTIN, 2006, p. 17-19; FRIEDMAN, 1989, p. 175-186), que as 2 tábuas adicionais, para os cantos da parede ocidental (Ex 26:23), seriam de algum modo sobrepostas às extremidades da parede, como reforço, fazendo com que a parede medisse exatos 10 côvados de largura (HARAN 1978, p. 151; KENT, 1985, p. 89), isto é, metade da largura do Templo de Salomão. Desse modo, em geral passou-se a assumir que o Tabernáculo tinha 10 côvados de largura por 30 côvados de comprimento (KENNEDY, 1902; CROSS, 1947; HARAN, 1965).

Ainda com base na pressuposição de que as proporções do Tabernáculo e do Templo de Salomão eram as mesmas, uma vez que aquele é apresentado como

protótipo deste, infere-se as medidas dos compartimentos internos do Tabernáculo. No Templo de Salomão, que media 20 côvados de largura, o *heykal* (הֵיכָל) isto é, o *Santo*, media 40 côvados de comprimento, e o *devir* (דְּבִיר), isto é, o *Santo dos Santos*, 20 côvados de comprimento (1Rs 6:16-17, 20). Assim sendo, presumindo-se as mesmas proporções, o *Santo* do Tabernáculo mediria 10 côvados de largura por 20 de comprimento, e o *Santo dos Santos* mediria 10 por 10 côvados.

À semelhança dos templos de Jerusalém, Arad e Moza, além de outros templos do Levante, a entrada do Tabernáculo ficava do lado oriental (Ex 27:13-16; Nm 2), onde não havia parede com tábuas, apenas cortinas sustentadas por colunas (Ex 26:36-37).

O altar de sacrifícios do Tabernáculo, feito de madeira de acácia e revestido de bronze, possuía quatro pontas, uma em cada um de seus cantos superiores (Ex 27:2; 1Rs 1:50; 2:28), à semelhança de muitos altares evidenciados em vários sítios arqueológicos do Levante e, aparentemente, também do altar do Templo de Jerusalém (Ez 43:15). As medidas do altar de sacrifícios do Tabernáculo são exatamente as mesmas do altar escavado no templo de Arad – 5 por 5 côvados de base, por 3 côvados de altura (Ex 27:1; AHARONI, 1968, p. 25; 1973, p. 4) – porém diferentes do altar do Templo de Jerusalém, que media 20 por 20 por 10 côvados (2Cr 4:1) e do templo de Moza que media, na base, cerca de 3 por 3 côvados (KISILEVITZ, 2015, p. 151).

Diferentemente dos templos de Jerusalém e Moza, mas à semelhança do de Arad, o Tabernáculo não possuía um pórtico ou vestíbulo. Diferentemente do templo de Arad, mas à semelhança dos templos de Jerusalém e Moza, o Tabernáculo não possuía bancadas ao longo de suas paredes. Diferentemente dos templos de Jerusalém, Arad e Moza, o Tabernáculo não possuía colunas flanqueando sua entrada. No Templo de Jerusalém e, presumivelmente, também no Tabernáculo, o compartimento denominado *Santo* ou *heykal* era do tipo *longo*, enquanto que em Arad era do tipo *largo*. Também, diferentemente dos templos de Jerusalém, Arad e Moza, o Tabernáculo não possuía salas anexas ou galerias.

As semelhanças e principalmente as diferenças entre o Tabernáculo e o Templo de Salomão são bastante significativas, qualquer que seja a compreensão que se presuma acerca do Tabernáculo. Quer se aceite a tese bíblica (2Sm 7:1-6, 12-13; 1Rs 5:5; 1Cr 21:29 – 22:10; 2Cr 2:4) de que o Tabernáculo era o precursor do Templo de Jerusalém, ou a tese wellhausiana de que é uma ficção concebida para

atribuir legitimidade ao templo, vinculando-o desse modo a uma tradição divinamente fundada, as semelhanças entre ambos só podem expressar o que era considerado indispensável numa instalação ortodoxa de culto, e as diferenças, o dispensável. Em outras palavras, para que o Tabernáculo pudesse ter eficácia legitimadora, ou para que o Templo de Jerusalém pudesse ser reconhecido como legítimo sucessor da tradição tida como divinamente revelada, as duas estruturas não poderiam diferir uma da outra em traços considerados essenciais.

Por essa lógica, pode-se inferir que o conceito de arquitetura sacra em Judá, expresso no Tabernáculo e nos templos de Jerusalém, Arad e Moza, caracteriza-se por uma forma de disposição do espaço de culto que inclui um átrio contendo um altar de sacrifício à frente de um prédio com dois compartimentos, simetricamente alinhados um após o outro ao longo de um eixo retilíneo leste-oeste, com a face voltada para leste. Pela mesma lógica, podem ser considerados como não essenciais, entre outras características, o formato largo ou longo da estrutura e de seus compartimentos, a existência de colunas flanqueando a entrada, a ocorrência de pórtico ou vestíbulo, a presença de bancadas ao longo das paredes internas e o concurso de salas anexas ou galeria.

3.3.24 Tayinat

Figura 3.255 – Tell Tayinat
(a partir de: AKAR, 2006)

LOCALIZAÇÃO		
36° 14' 53" N 36° 22' 36" L	Tell Tayinat Hatay, Turquia	35 Km a L de Antakya 50 Km a L do Mediterrâneo

As fachadas desses palácios são voltadas para uma praça, enquanto que os templos, construídos nas costas do Prédio I, têm sua frente voltada para uma outra praça, aparentemente integrando um mesmo recinto sagrado (HAINES, 1971, p. 38; HARRISON, 2014, p. 417). Um portal a sudoeste do Prédio I permitia o acesso da praça dos templos para a praça dos palácios, mas, ao mesmo tempo, marcam a fronteira entre duas áreas – e, por conseguinte, entre as funções sociais de cada uma – que não se confundiam. Apesar dessa organização espacial, a proximidade entre a área dos templos e a dos palácios, o fato de que ambas são construídas no ponto mais alto e central da acrópole, e o emprego de materiais, técnicas construtivas e detalhes arquitetônicos praticamente idênticos (HAINES, 1971, p. 45-46, 53; HARRISON; OSBORNE, 2012, p. 130, 133), sugerem uma relação congenial entre essas duas esferas sociais. A tese de que essa proximidade física expressa simbiose encontra suporte na frequência com que templos são encontrados associados a palácios, como é o caso, por exemplo, dos templos de Carquemis, Halaf, Laquis VI, Megido 2048-X e Jerusalém (2 Sm 5:7; 1 Cr 11:5; 2Cr 3:1; 1Rs 8:1; 2 Cr 5:2; Sl 48:1-3).

Figura 3.258 – Estátua de Leão
(BILGIN, 2017; *ver também* HARRISON, 2014, Fig. 4)

Figura 3.259 – Estátua de Figura Humana
(BILGIN, 2017;
ver também HARRISON, 2014, Fig. 5)

Imediatamente ao sul da praça dos templos, foi evidenciado um grande portal, talvez de acesso a toda a cidadela (HARRISON, 2014, p. 407) ou, talvez, apenas ao recinto sagrado. Associado ao portal, embora não *in situ*, foram encontradas

esculturas monumentais de um leão, medindo 1,3 m de altura por 1,6 m de comprimento (Fig. 3.258), do torso da estátua de uma figura humana, medindo 1,5 m de altura, o que permite supor que a estátua inteira deveria ter medido perto de 4 m de altura (Fig. 3.259) e de uma base de coluna (HARRISON, 2014, p. 408).

Um dos templos foi escavado pela Expedição Siro-Hitita da Universidade de Chicago, entre 1935 e 1937, então denominado Prédio II (HAINES, 1971, p. 53-55; MCEWAN, 1937). O outro, que já havia sido parcialmente escavado pela mesma Expedição Siro-Hitita, foi totalmente exposto, entre 2007-2009, pelo Projeto Arqueológico Tayinat da Universidade de Toronto, que o chamou de Prédio XVI e o classificou como *templo* (HARRISON, 2012; HARRISON; OSBORNE, 2012). O primeiro será aqui chamado de Tayinat II e, o segundo, Tayinat XVI.

De acordo com as fontes assírias, corroboradas pelos dados arqueológicos, os dois templos de Tayinat passaram por duas fases político-culturais distintas: a primeira, aproximadamente entre 900 e 738 a.C., quando a cidade esteve sob o domínio relativamente independente de um estado siro-hitita, o reino de Patina; e a segunda, aproximadamente entre 738 e 600 a.C., caracterizada pela presença e direto controle do império neo-assírio (HAINES, 1971, p. 66; HARRISON, 2012, p. 3-4; 2014,

p. 406; HARRISON; OSBORNE, 2012, p. 129-130, 133). Apesar disso, a forma de disposição do espaço nos dois templos não foi alterada (HAINES, 1971, p. 54), como também parece não terem sido alterados os elementos essenciais de seu culto, como será tratado a seguir. Por essas razões, os templos Tayinat II e Tayinat XVI serão considerados como representando, cada um deles, um único fenômeno semiótico.

Digna de nota é a proximidade de Tell Tayinat com Tell Atchana, a antiga Alalakh, destruída no final da Idade do Bronze, por volta de 1200 a.C. e jamais reconstruída (NA'AMAN, 1980; WOOLLEY, 1955). Neste sítio, a apenas 800 m a sudeste de Tayinat, Leonard Woolley encontrou 17 templos sobrepostos, provavelmente dedicados à deusa Ishtar, semelhantes em vários aspectos a diversos templos levantinos da Idade do Ferro (Fig. 3.260), o que indica a continuidade da linguagem arquitetônica entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Tayinat II
LOCALIZAÇÃO
Tell Tayinat Hatay, Turquia
COORDENADAS
36° 14' 53" N 36° 22' 36" L
STRATUM
Área Central Oeste Período II-III
DATA
Ferro II-III Séc. IX-VII a.C.
CULTURA
Siro-Hitita / Neo-Assíria

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
25,35 m	11,75 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Leste	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
2	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
101 m - Planície	15 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Base de coluna com escultura de dois leões.	Duas plataformas: supostamente um altar e uma mesa para oferendas.

CONTEXTO
Centro urbano. Localizado na acrópole, próximo de palácio e do templo Tayinat XVI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
HAINES, 1971; HARRISON, 2007, 2009a, 2009b, 2010, 2012, 2014; HARRISON; OSBORNE, 2012; MCEWAN, 1937

A classificação do prédio Tayinat II como *templo*, proposta por aqueles que o escavaram, e adotada por muitos pesquisadores desde então (DAVEY, 1980, 133-134; WRIGHT, 1941a; BUSINK, 1970, p. 558-562), baseia-se na descoberta de um pequeno *altar* à frente da entrada, do lado norte (Fig. 3.262) (HAINES, 1971, Pl. 113J), e de duas plataformas, supostamente uma *mesa para oferendas* e um *altar*, dentro do templo; bem como na semelhança de sua planta baixa à de templos micênicos e outros do tipo *megaron*; de templos do norte da Mesopotâmia, do período neo-assírio; e do Templo de Jerusalém, o que se infere da direta referência que Calvin McEwan, diretor da Expedição Siro-Hitita a Tell Tayinat, faz à descrição bíblica dessa estrutura (HAINES, 1971, p. 53; MCEWAN, 1937, p. 13).

Figura 3.262 – Templo Tayinat II

(GELB, 1939, Pl. 84)

Apenas as paredes norte e oeste, além de partes das paredes divisórias internas, foram evidenciadas pelos trabalhos arqueológicos. O lado sul da estrutura

parece ter ruído encosta abaixo e não foi encontrado. Grande parte do piso, porém, foi preservada, o que permitiu restaurar a planta baixa do templo (HAINES, 1971, p. 53; MCEWAN, 1937, p. 13).

O *templo* Tayinat II ficava quase encostado à parede sul do palácio denominado Prédio I. Em outras palavras, o palácio ficava de costas para o *templo*.

A partir de uma praça, compartilhada com o templo Tayinat XVI, chegava-se ao pórtico do templo Tayinat II, a que se ascendia por um lance de três degraus (Fig. 4.262).

Figura 3.263 – Base de Coluna
Procedência: Tell Tayinat
Altura: 1,1 m
HATAY ARCHAEOLOGICAL MUSEUM
Registro 6020
(HAINES, 1971, Pl. 80 B; ver também HATAY ARCHAEOLOGICAL MUSEUM, 2017)

Figura 3.264 – Base de Coluna
Procedência: Tell Tayinat
Altura: 1,1 m
HATAY ARCHAEOLOGICAL MUSEUM
Registro 6020
(RASMUSSEN, 2013; ver também HATAY ARCHAEOLOGICAL MUSEUM, 2017)

O pórtico, com a face voltada para leste, era flanqueado por duas colunas, à semelhança do Templo de Jerusalém e de vários outros templos do Levante, como os de Ain Dara, Arad, Megido 2048, Moza e Dan. No templo Tayinat XVI, porém, que integrava o mesmo complexo sagrado, havia apenas uma coluna. Em Tayinat II, as colunas eram assentadas, cada uma delas, sobre uma base com dois grandes leões esculpidos num único bloco de pedra (Figs. 3.263 e 3.264), característicos da arquitetura síria desse período (e.g. Figs. 3.265 e 3.266) (AKKERMANS; SCHWARTZ, 2003, p. 368-372). Uma das bases do templo Tayinat II foi achada *in situ*. A outra base não foi encontrada, mas, presumindo-se a simetria da estrutura, pode ser razoavelmente inferida. A base circular sobre os leões, onde a coluna se assentaria, mede 81 cm de diâmetro, o que sugere o grande porte da coluna.

Figura 3.265 – Base de Coluna
 Procedência: Carquemis, Síria/Turquia
 Data: Séc. X-IX a.C.
 (BILGIN, 2017)

Figura 3.266 – Base de Coluna
 Procedência: Zincirli, Samal, Turquia
 Data: Séc. VIII a.C.
 (AMIN, 2015)

A instalação achada no canto norte do degrau superior do templo Tayinat II, identificada pelos escavadores originais como sendo um *altar*, destoa, em sua posição lateral, do prédio que, em todos os outros aspectos, é simétrico. Ela possui uma depressão no seu topo, pequena demais para oferendas, mas suficiente para a queima de incenso ou para comportar uma pequena porção de água. Instalação semelhante foi encontrada, como se verá a seguir, também fora de centro, no igualmente simétrico templo Tayinat XVI. A função dessas instalações talvez encontre paralelo nas pias para ablução que havia à porta do Tabernáculo e do Templo de Salomão. No caso do Tabernáculo, a pia era centralizada, alinhada com o eixo longitudinal (Ex 30:18); mas, no caso do Templo de Jerusalém, as pias eram posicionadas à direita e à esquerda da entrada, sendo que a pia principal ficava do lado sul, fora de centro (1Rs 7:23-39).

Do pórtico, seguindo um eixo retilíneo e longitudinal, no sentido leste-oeste, adentrava-se o compartimento maior, do tipo longo, e, deste, o compartimento menor, do tipo largo. Quanto à largura, esses dois compartimentos eram iguais; quanto à profundidade, o compartimento maior era aproximadamente o dobro do menor. No Tabernáculo, no Templo de Jerusalém, em Tayinat XVI e em Ain Dara, as proporções e o arranjo dos compartimentos são iguais, apenas com a diferença de que, em Ain Dara, o compartimento maior fica no final do eixo longitudinal.

Figura 3.267 – Ombreiras da Porta
Procedência: Tell Tayinat, Templo II
(a partir de: HARRISON, 2012, p. 8, Fig. 6)

Figura 3.268 – Ombreiras de Portal
Procedência: Tell Tayinat, Portal III
(HAINES, 1971, Pl. 86 B)

Figura 3.269 – Templo Modelo de Qeiyafa
Procedência: Khirbet Qeiyafa
(GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 42)

Figura 3.270 – Templo de Jerusalém
(GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 182)

As ombreiras da porta entre o pórtico e a nave do templo Tayinat II eram em forma de moldura com degraus (Fig. 3.267), semelhantes a outras encontradas

alhures em Tell Tayinat (Fig. 3.268). Esse tipo de batente caracteriza o templo-modelo descoberto em Khirbet Qeiyafa (Fig. 3.269) e várias outras portas de templos e palácios por todo o Oriente Médio, da Idade do Bronze e do Ferro (GARFINKEL; MUMCUOGLU, 2016, p. 46-58). Caso a reconstrução proposta por Yosef Garfinkel e Madeleine Mumcuoglu esteja correta (Fig. 3.270), as molduras das portas e janelas do Templo de Jerusalém teriam a mesma configuração (GARFINKEL; MUNCUOGLU, 2016, p. 46-58, 179-181).

Centralizada e encostada à parede dos fundos do compartimento menor, na extremidade oeste do eixo longitudinal, foi encontrada uma plataforma, talvez um “altar”, medindo 3,55 m por 2,60 m (HAINES, 1971, Pl. 82 A). À sua frente, no centro da abertura entre o compartimento maior e o menor, outra plataforma foi evidenciada, talvez uma “mesa para oferendas”, medindo 95 por 85 cm de base por 22 cm de altura.

Tayinat XVI		
LOCALIZAÇÃO		
36° 14' 53" N 36° 22' 36" L		
COORDENADAS		
36° 14' 53" N 36° 22' 36" L		
STRATUM		
Área Central Oeste, Campo 2 Período II-III		
DATA		
Ferro II-III Séc. IX-VII a.C.		
CULTURA		
Siro-Hitita / Neo-Assíria		

DIMENSÕES	
COMPRIMENTO	LARGURA
21 m	9 m

COMPARTIMENTOS
2

FORMATO		
TEMPLO	NAVE	CELA
Longo	Longa	Larga

ENTRADA	
POSIÇÃO	TIPO
Sul	Complexo

PÁTIO	
EXTERNO	INTERNO
Sim	Não

COLUNAS	
EXTERNAS	INTERNAS
1	0

SIMETRIA
Simétrico

ACESSO		
EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO
Retilíneo	Ascendente	Progressivo

ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO
101 m - Planície	15 m - Colina	Segregado

ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS	
ICONOGRÁFICOS	OUTROS
Fragmento da incrustação de um olho. Artefatos com figuras antropomórficas e zoomórficas.	Plataforma. Altar. Lâmpadas. Vasos de libação. Escudo de ferro. Fragmentos de ouro, bronze e ferro. Incrustações de marfim. Tabletes cuneiformes, inclusive um tratado entre Esarhaddon e o governador de Kulania.

CONTEXTO
Centro urbano. Localizado na acrópole, próximo de palácio e do templo Tayinat II.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
HARRISON, 2007, 2009a, 2009b, 2010, 2012, 2014; HARRISON; OSBORNE, 2012

O templo Tayinat XVI (Fig. 3.272), pelo menos em sua planta baixa, e apesar de menor, é quase idêntico ao templo Tayinat II.

Figura 3.272 – Templo Tayinat XVI

(HARRISON, 2010, Fig. 8)

Como já foi dito, ambos os templos – Tayinat II e XVI – são voltados para um único pátio, o que sugere que integravam um mesmo recinto sagrado. Tayinat XVI também é constituído por um pórtico, um compartimento maior e outro menor, dispostos sucessiva e simetricamente ao longo de um eixo retilíneo, no sentido sul-norte. Também à semelhança do templo Tayinat II, do Tabernáculo e do Templo de Jerusalém, o primeiro compartimento é, em comprimento, aproximadamente o dobro do segundo, e, em largura, de igual tamanho. Um lance de degraus ascendia do pátio para o pórtico (Fig. 3.273). No topo do degrau superior, no lado oeste, foi evidenciado parte de uma coluna, talvez a base de um pequeno altar ou pia para abluções, como também havia na escadaria do templo Tayinat II, conforme acima apontado, o que talvez tenha paralelo nas pias para abluções que havia, segundo os relatos bíblicos, à porta do Tabernáculo (Ex 30:17-21) e do Templo de Jerusalém (1Rs 7:23-39).

Figura 3.273 – Templo Tayinat XVI

(HARRISON, 2009b, Fig. 6)

Diferentemente do templo Tayinat II, que era voltado para o leste, o templo Tayinat XVI era voltado para o sul. Seu pórtico possuía apenas uma coluna, centralizada na frente da entrada, não duas como em Tayinat II. A base dessa coluna, encontrada *in situ* (Fig. 3.274), é praticamente igual às bases de coluna encontradas no pórtico do palácio denominado Prédio I (Fig. 3.275) (HARRISON; OSBORNE,

2012, p. 130), o que sugere a íntima relação e, provavelmente, interesses convergentes, de palácio e templo.

Figura 3.274 – Base de Coluna
Procedência: Tell Tayinat, Prédio XVI
(HARRISON, 2009b, Fig. 10)

Figura 3.275 – Base de Coluna
Procedência: Tell Tayinat, Prédio I
(DADEROT, 2014)

Dentro do compartimento maior – com sinais de forte conflagração – não foram encontrados quaisquer artefatos, exceto fragmentos de lâminas de ouro e prata; parte de uma incrustação em forma de olho, talvez indicando a presença de uma estátua; pequenas peças de bronze, inclusive rebites, bem como fragmentos de entalhes de marfim, sugerindo que o templo continha móveis ou portas de madeira (HARRISON; OSBORNE, 2012, p. 130).

Dentro do compartimento menor, no extremo norte do eixo de acesso – também fortemente conflagrado – foi encontrada uma plataforma elevada, ocupando quase todo o espaço. À sua frente, em cada um dos dois cantos, havia um lance de quatro degraus que conduziam, ascendentemente, do piso do templo para o topo da plataforma. Sobre ela, do lado leste, havia uma instalação, “possivelmente um altar”. Ao redor e sobre essa instalação, foi encontrada o que os escavadores qualificaram como “uma riqueza de objetos de culto”, incluindo lâmpadas; um objeto de ferro, côncavo, de cerca de 50 cm de diâmetro, possivelmente um escudo; um estojo cilíndrico de pedra, entalhado com figuras antropomórficas e um touro; um jarro vitrificado assírio, decorado com touros e rosetas; além de incrustações de marfim, “utensílios de ouro, bronze e ferro, vasos de libação”; e “outros objetos rituais elaboradamente decorados, e uma coleção de tabletes cuneiformes” (HARRISON; OSBORNE, 2012, p. 131, 133) (Figs. 3.276 e 3.278). Considerados isoladamente,

instalação que, naquela ocasião, não aparentava ter vínculo com qualquer edificação, foi interpretada como sendo, possivelmente, apenas “o alicerce de uma pequena estrutura sólida” (HAINES, 1971, p. 45). Mais recentemente, seguindo essa mesma explicação, foi sugerido que ela poderia “ter servido como o alicerce, ou plataforma, para um monumento independente” (HARRISON; OSBORNE, 2012, p. 133).

Figura 3.277 – Base de Ortóstatos

(HAINES, 1971, Pl. 74 B)

A descoberta do templo Tayinat XVI, contudo, tornou evidente que a base de ortóstatos articula-se com a estrutura do templo. Ela fica imediatamente à frente do prédio, aproximadamente centralizada com sua porta, marcando o início do eixo que culmina, como foi acima discutido, no ponto mais recôndito e sagrado do espaço de culto. Instalações à porta do templo, centralizadas e alinhadas com seu eixo, têm sido evidenciadas em Arad, Dan, Carquemis e Moza, e são referidas nas descrições bíblicas do Tabernáculo e do Templo de Salomão. No caso de Carquemis, a instalação tem base retangular; em todas as outras, assim como em Tayinat XVI, a base é quadrada. No caso do templo de Arad, a estrutura quadrada era revestida, em seu topo, por uma lápide provida de dois canais para drenagem, talvez de sangue, sugerindo ser um altar de sacrifícios (AHARONI, 1969, p. 31). Segundo o relato bíblico, essa também era a função da estrutura de base quadrada à porta do Tabernáculo (Ex 27:1; 29:36) e do Templo de Salomão (1Rs 8:64; 2Cr 4:1). À luz desses paralelos arqueológicos e literários, é admissível, portanto, entreter a hipótese de que o quadrado de ortóstatos à frente do templo Tayinat XVI suportava um altar de sacrifícios. Desse modo, deve ser interpretado, não como estrutura isolada, mas como parte integrante das instalações do templo Tayinat XVI.

A coleção de tabletes cuneiformes encontrada dentro do compartimento menor e mais recôndito do templo Tayinat XVI incluía um tratado imposto por Esarhaddon ao governador de Kulania, em 672 a.C. Esse tablete, denominado T-1801 (Fig. 3.24.24), possuía orifícios horizontais, indicando, na interpretação de Harrison e Osborne, o propósito de “ser pendurado ou afixado”, “para exposição e exibição”. Tabletes semelhantes, com inscrições, inclusive tratados entre senhores e vassalos, têm sido encontrados dentro ou associados a vários templos assírios, *e.g.* em Nimrud, Khorsabad e Níneve (HARRISON; OSBORNE, 2012, p. 137). Significativamente, a aliança proposta pelo deus YHWH ao povo de Israel, além de apresentar estrutura e conteúdo semelhantes à de tratados conhecidos do antigo Oriente Médio (MENDENHALL, 1955), também foi escrita, segundo o relato bíblico, em tábuas de pedra, depositada dentro da Arca da Aliança, e guardada no compartimento menor e mais recôndito do lugar de culto, primeiro no Tabernáculo e, posteriormente, no Templo de Jerusalém (Ex 25:16; 26:33; 31:18).

CONTINUA NO
TOMO III, Página 372

Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia

TOMO III

**ARQUEOLOGIA E SEMIÓTICA DO ESPAÇO
DOS TEMPLOS DE JUDÁ EM SEU CONTEXTO LEVANTINO**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu
de Arqueologia e Etnologia da Universi-
dade de São Paulo, para a obtenção do
título de Doutor em Arqueologia

Imagem: Acervo do autor. Produzido por Rodrigo Araújo de Lima, 2018

Jorge Luiz Fabbro da Silva

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari

São Paulo - 2018

labeca

RESUMO ANALÍTICO

Tabela 3.1 Resumo Analítico

TEMPLO	PLANTA	COORDENADAS	STRATUM	DATA	CULTURA	DIMENSÕES	ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS		COMPARTIMENTOS	FORMATO			ENTRADA		PÁTIO		COLUNAS		SIMETRIA	ACESSO			ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO	CONTEXTO	FONTES
							ICONOGRÁFICOS	OUTROS		TEMPLO	NAVE	CELA	POSIÇÃO	TIPO	EXTERNO	INTERNO	EXTERNAS	INTERNAS		EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO					
Abu Havam 50		32° 48' 03" N 35° 01' 12" L	Stratum V	Bronze Recente 1400-1230 a.C.	Fenícia (?); Povos do Mar (?)	6,5 x 9,5 m	Vaso em formato de touro.	Depressão no centro do piso interno (fogueira?), delimitada por pedras chatas, com revestimento branco. Proporção excepcional de cerâmica importada, principalmente cipriota.	1	LONGO	LONGA	(---)	SUDESTE (?) NOROESTE (?)	COMPLEXO (?)	SIM (?)	NÃO	0	4	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO (?)	NÃO PROGRESSIVO	7 m PLANÍCIE	7 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, portuário. Prédio isolado, com pilstras externas nas paredes norte e sul, diferente de todas as outras construções.	BALENSI, 1985; 1988; BALENSI, HERRERA e ARTZY, 1993; BALENSI, HERRERA e BUNIMOVITZ, 1985; DEVER, 1997; HAMILTON, 1934; HERRERA, 1992.
Abu Havam 30		32° 48' 03" N 35° 01' 12" L	Stratum IV	Ferro I 1100-950 a.C.	Fenícia (?)	9 x 14 m	Estatueta antropomórfica.	Coluna com 94 cm de altura, sem função estrutural, contendo, em sua extremidade superior, um sulco raso em sua face oriental. Proporção excepcional de cerâmica cipriota.	1 (?)	LONGO	LONGA (?)	(---)	NOROESTE (?)	SIMPLES (?)	SIM (?)	NÃO	0	0	ASSIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO (?)	NÃO PROGRESSIVO	7 m PLANÍCIE	7 m COLINA	NÃO SEGREGADO	Centro urbano, portuário. Prédio com estrutura semelhante à dos demais. Encostado a outros prédios no lado norte.	ARTZY, 1993; BALENSI, 1985; 1988; BALENSI, HERRERA e ARTZY, 1993; BALENSI, HERRERA e BUNIMOVITZ, 1985; DEVER, 1997; HAMILTON, 1934; HERRERA, 1992.
Ain Dara 1		36° 27' 37" N 36° 51' 10" L	Stratum VII Fase 1	Bronze Recente/ Ferro II 1300-1000 a.C.	Síria: Hitita (?); Arameia (?)	20 x 30 m	Ortóstatos com relevos e esculturas com figuras zoomórficas e antropomórficas, incluindo leões, esfinges e divindades. Pegadas gigantes esculpidas em baixo relevo.	(---)	2	LONGO	LONGA	QUADRADA	SUDESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	223 m PLANÍCIE	20 m COLINA	SEGREGADO	Situado na acrópole de um centro urbano.	ABU ASSAF, 1990; 1997; MONSON, 2000; 2006; NOVÁK, 2012; SEIRAFI, KIRICHIAN e DUNAND, 1965; STONE e ZIMANSKY, 1999.
Ain Dara 2		36° 27' 37" N 36° 51' 10" L	Stratum VII Fase 2	Ferro II 1000-900 a.C.	Síria: Neo-Hitita (?); Arameia (?)	20 X 30 m	Ortóstatos com relevos e esculturas com figuras zoomórficas e antropomórficas, incluindo leões, esfinges e divindades. Pegadas gigantes esculpidas em baixo relevo.	(---)	2	LONGO	LONGA	QUADRADA	SUDESTE	COMPLEX	SE	NÃO	2	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	223 m PLANÍCIE	20 m COLINA	SEGREGADO	Situado na acrópole de um centro urbano.	ABU ASSAF, 1990; 1997; MONSON, 2000; 2006; NOVÁK, 2012; SEIRAFI, KIRICHIAN e DUNAND, 1965; STONE e ZIMANSKY, 1999.
Ain Dara 3		36° 27' 37" N 36° 51' 10" L	Stratum VII Fase 3	Ferro II 900-740 a.C.	Síria: Neo-Hitita (?); Arameia (?)	30 x 35 m	Ortóstatos com relevos e esculturas com figuras zoomórficas e antropomórficas, incluindo leões, esfinges e divindades. Pegadas gigantes esculpidas em baixo relevo.	(---)	2	LONGO	LONGA	QUADRADA	SUDESTE	COMPLEXO	SE	NÃO	2	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	223 m PLANÍCIE	20 m COLINA	SEGREGADO	Situado na acrópole de um centro urbano.	ABU ASSAF, 1990; 1997; MONSON, 2000; 2006; NOVÁK, 2012; SEIRAFI, KIRICHIAN e DUNAND, 1965; STONE e ZIMANSKY, 1999.
Alepo 2		36° 11' 58" N 37° 09' 46" L	Fase 2	Bronze Médio 2500 a.C.	Síria: Amorita	27 x 37 m	(---)	Ortóstatos sem decoração.	2	LONGO	LARGA	NICHO	SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO (?)	PROGRESSIVO	428 m PLANALTO	50 m COLINA	SEGREGAGO	Situado na acrópole de um centro urbano.	KOHLMEYER, 2000; 2009, 2012; GONNELLA, KHAYYATA e KOHLMEYER 2005.
Alepo 3		36° 11' 58" N 37° 09' 46" L	Fase 3	Bronze Recente 1500 a.C.	Síria: Hitita	27 x 37 m	Ortóstatos com figuras zoomórficas e antropomórficas.	(---)	1	LONGO	LARGA	(---)	SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO (?)	NÃO PROGRESSIVO	428 m PLANALTO	50 m COLINA	SEGREGADO	Situado na acrópole de um centro urbano.	KOHLMEYER, 2000; 2009, 2012; GONNELLA, KHAYYATA e KOHLMEYER 2005.
Alepo 4		36° 11' 58" N 37° 09' 46" L	Fase 4	Ferro I 1200-900 a.C.	Síria: Neo-Hitita	27 x 37 m	Ortóstatos com figuras zoomórficas e antropomórficas.	(---)	1	QUADRADO	LARGA	(---)	SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	ANGULAR (?)	PLANO (?)	NÃO PROGRESSIVO	428 m PLANALTO	50 m COLINA	SEGREGADO	Situado na acrópole de um centra urbano.	KOHLMEYER, 2000; 2009, 2012; GONNELLA, KHAYYATA e KOHLMEYER 2005.

Tabela 3.1 Resumo Analítico

TEMPLO	PLANTA	COORDENADAS	STRATUM	DATA	CULTURA	DIMENSÕES	ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS		COMPARTIMENTOS	FORMATO		ENTRADA		PÁTIO		COLONAS		SIMETRIA	ACESSO		ALTITUDE	ELEVACÃO	SEGREGAÇÃO	CONTEXTO	FONTES		
							ICONOGRÁFICOS	OUTROS		TEMPLO	NAVE	CELA	POSIÇÃO	TIPO	EXTERNO	INTERNO	EXTERNAS		INTERNAS	EIXO						NÍVEL	PROGRESSÃO
Arad XI		31° 16' 51" N 35° 07' 33" L	Stratum XI	Ferro II séc. X a.C. (?)	Judaíta	2,7 x 9 m	(---)	Altar de sacrifícios. Dois altares de incenso. Duas ou três <i>masseboth</i> .	2	LARGO	LARGA	NICHO	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	?	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	568 m PLANALTO	50 m COLINA	SEGREGADO	Situado dentro de uma fortaleza, isolada no sul do território de Judá, norte do deserto do Negev.	AHARONI, 1967; 1968; 1969; 1973; HERZOG, 2001; 2002; HERZOG, AHARONI, <i>et al.</i> , 1984.
Arad X		31° 16' 51" N 35° 07' 33" L	Stratum X	Ferro II séc. IX-VIII a.C. (?)	Judaíta	3,15 x 10,5 m	(---)	Altar de sacrifícios. Incensário cerâmico. Duas tigelas cerâmicas inscritas com as letras hebraicas <i>qof</i> e <i>kof</i> , possível abreviação de <i>sagrada</i> .	2	LARGO	LARGA	NICHO	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	2	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	568 m PLANALTO	50 m COLINA	SEGREGADO	Situado dentro de uma fortaleza, isolada no sul do território de Judá, norte do deserto do Negev.	AHARONI, 1967; 1968; 1969; 1973; HERZOG, 2001; 2002; HERZOG, AHARONI, <i>et al.</i> , 1984.
Arad IX		31° 16' 51" N 35° 07' 33" L	Stratum IX	Ferro II séc. VIII a.C.	Judaíta	3,15 x 10,5 m	Estatueta de leão agachado. Quatro fragmentos de EPJ.	Altar de sacrifícios. Pia, jarros, decantadores e frascos cerâmicos.	2	LARGO	LARGA	NICHO	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	?	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	568 m PLANALTO	50 m COLINA	SEGREGADO	Situado dentro de uma fortaleza, isolada no sul do território de Judá, norte do deserto do Negev.	AHARONI, 1967; 1968; 1969; 1973; HERZOG, 2001; 2002; HERZOG, AHARONI, <i>et al.</i> , 1984.
Arad VIII		31° 16' 51" N 35° 07' 33" L	Stratum VIII	Ferro II séc. VII a.C.	Judaíta	3,15 x 10,5 m	(---)	Óstracos com nomes de indivíduos e famílias sacerdotais. Altar de sacrificios desaparece.	2	LARGO	LARGA	NICHO	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	?	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	568 m PLANALTO	50 m COLINA	SEGREGADO	Situado dentro de uma fortaleza, isolada no sul do território de Judá, norte do deserto do Negev.	AHARONI, 1967; 1968; 1969; 1973; HERZOG, 2001; 2002; HERZOG, AHARONI, <i>et al.</i> , 1984.
Asdode XII		31° 45' 21" N 34° 39' 36" L	Área H Stratum XII	Ferro I séc. XII a.C.	Filisteia	10 x 25 m	Estatueta tipo <i>asdoda</i> .	Sala 5233: Estrutura apsidal. Sala 5337: Braseiro. Pomos de punhal banhados a ouro. Fragmentos de faiança. Caixa de marfim. Selo com escrita cipro-minoica. Cerâmica filisteia.	COMPLEXO	COMPLEXO	COMPLEXA	(---)	1 SUL, 1 LESTE e 1 OESTE (?)	SIMPLES	NÃO	NÃO	0	2	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO	NÃO PROGRESSIVO	47 m PLANÍCIE	15 m COLINA	NÃO SEGREGADO	Situado na acrópole, na planície costeira da Filístia.	DOTHAN, M., 1971; 1979; 1993; DOTHAN, T., 2003; DOTHAN E BEN-SHLOMO, 2005; DOTHAN e DOTHAN, 1992; DOTHAN e FREEDMAN, 1967; EMANUEL, 2016.
Asdode VIII		31° 45' 13" N 34° 39' 24" L	Área D Stratum VIII	Ferro IIB-C séc. VIII a.C.	Filisteia	10 x 10 m	Estatuetas cerâmicas zoomórficas e antropomórficas, masculinas e femininas. Placas antropomórficas.	Cernos com estatuetas zoomórficas. Estatuetas zoomórficas. Altares miniaturas. Muitas estatuetas antropomórficas, masculinas e femininas. Plaquetas com figura de mulher. Mesas miniaturas para oferendas. Sala 1010: altar de tijos (?).	COMPLEXO	COMPLEXO	COMPLEXA	(---)	LESTE	SIMPLES	(---)	NÃO	0	0	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO	NÃO PROGRESSIVO	34 m PLANÍCIE	0 m PLANÍCIE	NÃO SEGREGADO	Situado na cidade baixa, na planície costeira da Filístia.	DOTHAN, M., 1971; 1979; 1993; DOTHAN, T., 2003; DOTHAN E BEN-SHLOMO, 2005; DOTHAN e DOTHAN, 1992; DOTHAN e FREEDMAN, 1967; EMANUEL, 2016.
Beth Shean R-2		32° 30' 14" N 35° 30' 10" L	Stratum R-2	Bronze Recente séc. XV a.C.	Canaanita	11,70 x 14,60 m	Fragmento (perna) de uma estatueta de bronze antropomórfica.	Bancadas ao longo das paredes internas. Plataformas. Cilindro de pedra. Coluna sem função estrutural (<i>asherah</i> ?). Suportes cilíndricos para oferendas. Lavatório.	3	QUADRADO	LONGA	LARGA TRAPEZOIDAL	SUL	SIMPLES	SIM	NÃO	0	1 (?)	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO	PROGRESSIVO	-133 m VALE	23 m COLINA	NÃO SEGREGADO	Situado em elevada colina, em contexto urbano. Compartilha paredes com outros prédios.	MAZAR, 1993; 1997; 2006; 2009; MAZAR e MULLINS, 2007; MULLINS, 2012.
Beth Shean VII		32° 30' 14" N 35° 30' 10" L	Stratum VII	Bronze Recente séc. XIII a.C.	Canaanita	14,8 x 14,2 m	Estatuetas antropomórficas femininas, algumas com representação de cabelo estilo Hathor. Estela com figura antropomórfica com dois <i>chifres</i> . Marfim com cabeça de mulher, estilo Hathor. Cerâmica cônica em forma de cabeça de porco.	Bancadas ao longo das paredes internas.	2	QUADRADO	LARGA	LARGA	SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	2	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	-133 m VALE	23 m COLINA	SEGREGADO	Situado em elevada colina, em contexto urbano.	JAMES e MCGOVERN, 1993; MAZAR, 2006; 2009; 2011; MAZAR e MULLINS, 2007; MULLINS, 2012; ROWE, 1940.

Tabela 3.1 Resumo Analítico

TEMPLO	PLANTA	COORDENADAS	STRATUM	DATA	CULTURA	DIMENSÕES	ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS		COMPARTIMENTOS	FORMATO		ENTRADA		PÁTIO		COLUNAS		SIMETRIA	ACESSO		ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO	CONTEXTO	FONTES		
							ICONOGRÁFICOS	OUTROS		TEMPLO	NAVE	CELA	POSIÇÃO	TIPO	EXTERNO	INTERNO	EXTERNAS		INTERNAS	EIXO						NÍVEL	PROGRESSÃO
Beth Shean VI		32° 30' 14" N 35° 30' 10" L	Stratum VI	Ferro I séc. XII a.C.	Canaanita-Egípcia	14,8 x 14,2 m	Estatuetas antropomórficas femininas, uma delas coberta de ouro com as mãos estendidas. Um falcão de pedra, provavelmente representando Horus.	Dois capiteis em formato de lótus e frizos em estilo egípcio.	2	QUADRADO	LARGA	LARGA	SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	2	SIMÉTRICO	ANGULAR	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	-133 m VALE	23 m COLINA	SEGREGADO	Situado em elevada colina, em contexto urbano.	JAMES e MCGOVERN, 1993; MAZAR, 2006; 2009; 2011; MAZAR e MULLINS, 2007; MULLINS, 2012; ROWE, 1940.
Beth Shean V-Sul		32° 30' 14" N 35° 30' 10" L	Stratum V	Ferro I séc. XI a.C.	Canaanita	24,10 x 18,40 m	Estatuetas e imagens antropomórficas masculinas e femininas.	(---)	1	LONGO	LONGA	(---)	NOROESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	0	6	SIMÉTRICO (?)	ANGULAR	PLANO	PROGRESSIVO	-133 m VALE	23 m COLINA	NÃO SEGREGADO	Situado em elevada colina, em contexto urbano.	ROWE, 1940; JAMES, 1966; MAZAR, 2006; 2009; MULLINS, 2012.
Beth Shean V-Norte		32° 30' 14" N 35° 30' 10" L	Stratum V	Ferro I séc. XI a.C.	Canaanita	19,50 x 11,22 m	Estatuetas e imagens antropomórficas masculinas e femininas.	(---)	1	LONGO	LONGA	(---)	NOROESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	NÃO	4	SIMÉTRICO (?)	ANGULAR	PLANO	NÃO PROGRESSIVO	-133 m VALE	23 m COLINA	SEGREGADO	Situado em elevada colina, em contexto urbano.	ROWE, 1940; JAMES, 1966; MAZAR, 2006; 2009; MULLINS, 2012.
Carquemis		36° 49' 51" N 38° 00' 58" L	Área do Baixo Palácio	Ferro I(?)–II 1200(?)–880 a.C.	Síria: Neo-Hitita; Luvita	11,70 x 13 m	Base monumental (para pia?) com dois touros de basalto no pátio. Ortóstato de animal alado.	Altar. Fragmentos de painéis de marfim.	1	LONGO	QUADRADA	(---)	SUDOESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	2 (?)	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	352 m PLANALTO	20 m COLINA	SEGREGADO	Acrópole de um centro urbano, à margem do Rio Eufrates, adjacente a um complexo de palácios.	GILBERT, 2011; HAWKINS, 1972; 1997; 2000; 2003; WOOLLEY, 1952.
Dan A		33° 14' 59" N 35° 39' 06" L	Área T Stratum IV	Ferro IIB 930-909 a.C.	Israelita	7,5 x 20 m (?)	(--)	(---)	(---)	LARGO (?)	LARGA (?)	(---)	SUDESTE (?)	COMPLEXO (?)	SIM	NÃO	2 (?)	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO (?)	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	205 m VALE	22 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no extremo norte do território do Reino de Israel. Prédio Isolado, localizado no limite norte do assentamento, do lado oposto ao portal da cidade.	BIRAN, 1994; 1998; DAVIS, 2013; ILAN, 1997.
Dan B		33° 14' 59" N 35° 39' 06" L	Área T Stratum III	Ferro IIB 874-853 a.C.	Israelita; Arameia (?)	18,5 x 18,5 m	(---)	Pia revestida. Tanque. Fragmentos de banheira. Dois vasos grandes (pithoi). Tigelas. Cerca de 40 vasos para estocagem. Tigela cheia de ossos com tridente inciso na base. Incensário. Dois discos de embosso no piso da <i>bamah</i> , 50 cm de diâmetro cada (base de colunas?).	(---)	QUADRADO (?)	QUADRADA (?)	(---)	SUDESTE (?)	COMPLEXO (?)	SIM	NÃO	2 (?)	0 (?)	SIMÉTRICO	RETILÍNEO (?)	ASCENDENTE	PROGRESSIVO (?)	205 m VALE	22 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no extremo norte do território do Reino de Israel. Prédio Isolado, localizado no limite norte do assentamento, do lado oposto ao portal da cidade.	BIRAN, 1994; 1998; DAVIS, 2013; ILAN, 1997.
Dan C		33° 14' 59" N 35° 39' 06" L	Área T Stratum II	Ferro IIB 793-753 a.C.	Israelita; Arameia (?)	18,5 x 18,5 m	Fragmento de estatueta: cabeça masculina. Cabeça masculina de faiança, com coroa de Osíris. Estatueta de homem segurando um bastão, estilo egípcio. Estatueta de Bes. Estatueta de homem tocando um alaúde e dançando.	Bloco de pedra, 51 cm de altura, no formato de ponta de altar. Altar com quatro pontas (38 x 40 x 35 cm). Tigela de bronze; 3 pás de ferro; cabeça de cetro, em prata e bronze. Dado de faiança azul com pontos brancos incrustados. Alça de ânfora com a inscrição " <i>pertencente a Immasi-Yo</i> " .	(---)	QUADRADO (?)	QUADRADA (?)	(---)	SUDESTE (?)	COMPLEXO (?)	SIM	NÃO	2 (?)	0 (?)	SIMÉTRICO	RETILÍNEO (?)	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	205 m VALE	22 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no extremo norte do território do Reino de Israel. Prédio Isolado, localizado no limite norte do assentamento, do lado oposto ao portal da cidade.	BIRAN, 1994; 1998; DAVIS, 2013; ILAN, 1997.
Halaf		36° 49' 34" N 40° 02' 23" L	Área A	Ferro IIB 925-720 a.C.	Síria: Neo-Hitita; Arameia	40 x 61 m	Três cariátides: 1 masculina sobre um touro, 1 masculina sobre um leão, 1 feminina sobre uma leoa. Esfinges femininas. Ortóstatos com cenas de soldados em combate, rituais e monstros alados.	Pátio: altar com tijolos vitrificados. Altar móvel. Inscrição: " <i>templo do Deus-Tempestade</i> ". Inscrição: " <i>casa de Kapara, filho de Hadianu</i> ". Cela: altar em forma de carrinho de mão, retangular, feito de bronze e ferro.	2	LARGO	LARGA	(---)	NORTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	3	SIM (?)	SIMÉTRICO (?)	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	362 m PLANÍCIE	26 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio isolado, localizado na cidadela da acrópole, próximo a um palácio residencial.	CANBY, 1985; DORNEMANN, 1997; NOVÁK, 2013; OPPENHEIM, 1931; 1950.

Tabela 3.1 Resumo Analítico

TEMPLO	PLANTA	COORDENADAS	STRATUM	DATA	CULTURA	DIMENSÕES	ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS		COMPARTIMENTOS	FORMATO		ENTRADA		PÁTIO		COLUNAS		SIMETRIA	ACESSO			ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO	CONTEXTO	FONTES	
							ICONOGRÁFICOS	OUTROS		TEMPLO	NAVE	CELA	POSIÇÃO	TIPO	EXTERNO	INTERNO	EXTERNAS		INTERNAS	EIXO	NÍVEL						PROGRESSÃO
Jerusalém		31° 46' 41" N 35° 14' 07" L	(---)	Ferro II 950-586 a.C.	Judaíta	20 x 60 cúbitos 27,30 x 9,10 m (?)	Santo dos Santos: duas estátuas de querubim. Templo: imagens de querubins, bois, leões e motivos florais.	Pátio: altar de sacrifícios; uma pia grande fixa; dez pias menores móveis; caldeiras; pás; bacias. Pórtico: duas colunas flanqueando a entrada. Santo: dez castiçais; mesa; altar de incenso; lâmpadas; utensílios. Santo dos Santos: arca contendo as duas tábuas da aliança.	2	LONGO	LONGA	QUADRADA	LESTE	COMPLEXO	SIM	Não	2	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	744 m SERRA	50 m MONTANHA	Segregado	Centro urbano. Prédio isolado, próximo ao palácio real.	1Rs 5-8; 2Cr 2-7; Ez 40-43
Kition 1A		34° 55' 23" N 33° 37' 50" L	Área II Floor III	Bronze Recente séc. XIII a.C.	Cipriota-Micênica	33,6 x 22m	Entulho do séc. IX a.C.: estatuetas femininas junto com fragmentos de templos modelos e vasos cerâmicos em miniatura.	Tanque; poço; possível pilar não funcional. Têmeno A: altar circundado por ossos carbonizados, fragmentos cerâmicos, cinza e um par de "Chifres de Consagração". Têmeno B: "Chifres de Consagração". Templo 5: máscaras cerâmicas. Complexo de templos: âncoras votivas.	1 (?)	LONGO	(---)	(---) (?) NICHOS (?)	2 NORTE, 1 LESTE e 1 SUL	COMPLEXO	SIM	SIM	2	0	ASSIMÉTRICO	ANGULAR DIFUSO (?)	ASCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	7 m PLANÍCIE	0 m PLANÍCIE	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio isolado em área portuária, próximo de oficinas metalúrgicas.	CALLOT, 2004; KARAGEORGHIS, 1978; 1982; 1985; 2004; KARAGEORGHIS e DEMAS, 1985.
Kition 1B		34° 55' 23" N 33° 37' 50" L	Área II Floor III	Ferro II séc. IX a.C.	Fenícia	33,5 x 22 m	(---)	Altar. Cerâmica fenícia "Samaria". Tigela dupla. Tigela com inscrição de dedicação a Astarte. Próximo: vala de descarte de itens do período anterior: estatuetas femininas; três fragmentos de santuários modelos; vasos cerâmicos miniaturas.	2	LONGO	LONGA	LARGA	LESTE e SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO (?)	2	28 + 2	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	7 m PLANÍCIE	0 m PLANÍCIE	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio isolado em área portuária.	CALLOT, 2004; KARAGEORGHIS, 1978; 1982; 1985; 2004; KARAGEORGHIS e DEMAS, 1985.
Kition 1C		34° 55' 23" N 33° 37' 50" L	Área II	Ferro II séc. VIII a.C.	Fenícia	33,5 x 22 m	(---)	"Depósito de Fundação" com frascos, tigelas e ossos de animais.	2	LONGO	LONGA	LARGA	LESTE e SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO (?)	2	12 + 2	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	7 m PLANÍCIE	0 m PLANÍCIE	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio isolado em área portuária.	CALLOT, 2004; KARAGEORGHIS, 1978; 1982; 1985; 2004; KARAGEORGHIS e DEMAS, 1985.
Kition 1D		34° 55' 23" N 33° 37' 50" L	Área II	Ferro II séc. VII a.C.	Fenícia	33,5 x 22 m	(---)	(---)	2	LONGO	LONGA	LARGA	LESTE e SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO	2	12 (?) + 2	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	7 m PLANÍCIE	0 m PLANÍCIE	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio isolado em área portuária.	CALLOT, 2004; KARAGEORGHIS, 1978; 1982; 1985; 2004; KARAGEORGHIS e DEMAS, 1985.
Laquis VI		31° 33' 54" N 34° 50' 54" L	Área P Stratum VI	Bronze Recente ca. 1200 a.C.	Canaanita	24,20 x 13,20 m (?)	Plaqueta com figura de mulher nua. Grafites com figuras antropomórficas.	Três colunas octogonais em estilo egípcio, formando dois nichos.	2	LONGO	LONGA	LARGA (?)	OESTE	COMPLEXO (?)	SIM (?)	NÃO	0	2 + 3	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	264 m SERRA	60 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, próximo a palácio.	USSISHKIN, 1978; 2004
Mazar		32° 13' 25" N 35° 36' 16" L	Monte A	Ferro II séc. XI-X a.C.	Amonita	24 (?) x 16 m	(---)	Dois cálices grandes, com pedestal. Um suporte cilíndrico fenestrado para oferta de oferendas.	PI(?) + 3	LONGO	(---)	LARGA (?)	OESTE SUL (?)	COMPLEXO	NÃO (?)	SIM	0	0	SIMÉTRICO	DIFUSO	ASCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	-249 m	1,80 m	SEGREGADO	Isolado, a 220 m de centro urbano. Evidência de intensa produção de alimentos.	YASSINE, 1984; YASSINE e STEEN, 2012.
Megido 2048-X		32° 35' 11" N 35° 11' 05" L	Área BB Stratum X	Bronze Médio IIb 1750-1550 a.C.	Canaanita	21,50 x 16,50 m	(---)	Nicho centralizado, no final do eixo de acesso, que provavelmente abrigava o objeto foco do culto.	2	LONGO	LONGA	NICHOS	NORTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	159 m PLANÍCIE	50 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Integra um complexo de edificações monumentais que inclui um palácio.	EPSTEIN, 1965; DUNAYEVSKY e KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a; 1948b.

Tabela 3.1 Resumo Analítico

TEMPLO	PLANTA	COORDENADAS	STRATUM	DATA	CULTURA	DIMENSÕES	ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS		COMPARTIMENTOS	FORMATO		ENTRADA		PÁTIO		COLUNAS		SIMETRIA	ACESSO		ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO	CONTEXTO	FONTES		
							ICONOGRÁFICOS	OUTROS		TEMPLO	NAVE	CELA	POSIÇÃO	TIPO	EXTERNO	INTERNO	EXTERNAS		INTERNAS	EIXO						NÍVEL	PROGRESSÃO
Megido 2048-IX		32° 35' 11" N 35° 11' 05" L	Área BB Stratum IX	Bronze Recente I 1550-1400 a.C.	Canaanita	21,50 x 16,50 m	(---)	Nicho centralizado, no final do eixo de acesso, que provavelmente abrigava o objeto foco do culto.	2	LONGO	LONGA	NICHO	NORTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	159 m PLANÍCIE	50 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Integra um complexo de edificações, mas agora sem o palácio que havia na fase anterior.	EPSTEIN, 1965; DUNAYEVSKY e KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a; 1948b.
Megido 2048-VIII		32° 35' 11" N 35° 11' 05" L	Área BB Stratum VIII	Bronze Recente II 1400-1200 a.C.	Canaanita	21,50 x 16,50 m	(---)	Nicho centralizado, no final do eixo de acesso, que provavelmente abrigava o objeto foco do culto. Banheira de pedra. Lápide com cavidades côncavas. Blocos de basalto.	2	LONGO	LONGA	NICHO	NORTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	2 (?)	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	159 m PLANÍCIE	50 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Integra um complexo de edificações, aparentemente de apoio à função do templo.	DUNAYEVSKY e KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a; 1948b.
Megido 2048-VIIB		32° 35' 11" N 35° 11' 05" L	Área BB Stratum VIIB	Bronze Recente II 1400-1200 a.C.	Canaanita	21,50 x 16,50 m	(---)	Plataforma, no final do eixo de acesso, onde provavelmente ficava o objeto foco do culto. Banheira de pedra. Lápide com cavidades côncavas. Blocos de basalto.	2 (?)	LONGO	LONGA	(---)	NORTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	2	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	159 m PLANÍCIE	50 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Integra um complexo de edificações, aparentemente de apoio à função do templo.	DUNAYEVSKY e KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a; 1948b.
Megido 2048-VIIA		32° 35' 11" N 35° 11' 05" L	Área BB Stratum VIIA	Bronze Recente II - Ferro I 1200-1150 a.C.	Canaanita	21,50 x 16,50 m	Estatueta banhada em ouro. Fragmentos de estatuetas e placas antropomórficas, de bronze e cerâmica.	Nicho com abside, centralizado, no final do eixo de acesso, que provavelmente abrigava o objeto foco do culto. Plataforma na frente do nicho. Pilião. Jarros. Tigelas. Frascos. Lamparinas. Pingentes em forma de crescente. Quatro címbalos. Fragmentos de apliques de ouro.	2	LONGO	LONGA	NICHO	NORDESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	159 m PLANÍCIE	50 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Integra um complexo de edificações, aparentemente de apoio à função do templo.	DUNAYEVSKY e KEMPINSKI, 1973; LOUD, 1948a; 1948b.
Megido 2072		32° 35' 11" N 35° 11' 05" L	Área AA Stratum VIA	Ferro I 1140-925 a.C.	Filisteia	30 x 32 m	Sala 2068: vaso zoomórfico. Sala 2069: estatueta antropomórfica; dos machados. Sala 2070: vaso zoomórfico. Sala 2071: estatueta antropomórfica.	Sala 2069: mais de vinte pesos de tear. Sala 2071: dois suportes votivos. Sala 2072: banheira cerimonial.	COMPLEXO	QUADRADO	LONGA	(---)	SUL (?)	SIMPLES	NÃO	SIM	0	0	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO	PROGRESSIVO	159 m PLANÍCIE	50 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio próximo ao portal da cidade. Um dos compartimentos parece ter sido oficina de tecelagem.	HARISSON, 2004; LOUD, 1948a; 1948b.
Megido 338		32° 35' 11" N 35° 11' 05" L	Área AA Stratum VA-IVB	Ferro IIA 1000-925 a.C. (?)	Israelita	21 x 32 (?) m	Estatueta antropomórfica (?) in situ.	Sala 340: duas masseboth grandes e quatro pequenas (?); mesas e bancadas; vasos votivos (?) in situ . Prédio 338: cinco templos modelo. Área ao redor: cinco a nove capiteis protojônicos; três altares com quatro "chifres".	COMPLEXO	QUADRADO (?)	LARGA	(---)	NORTE, OESTE (?)	COMPLEXO (?)	SIM	SIM	N (?)	0	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	159 m PLANÍCIE	50 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio adjacente ao muro da cidade	FISHER, 1929; GUY, 1931; MAY, 1935; SCHUMACHER, 1904, p. 43-53; USSISHKIN, 1989; 2017.
Miqne 352		31° 46' 48" N 34° 51' 03" L	Campo IV Stratum VIIA	Ferro I séc. XII a.C.	Filisteia	8 x 4,5 m	(---)	Fogueira cavada no piso.	1	LARGO	LARGA	(---)	NORTE	SIMPLES	SIM (?)	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO	NÃO PROGRESSIVO	101 m PLANÍCIE	21 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio localizado a sudoeste da acrópole.	DOTHAN, 2002; DOTHAN, GARFINKEL e GITIN, 2016; DOTHAN e DOTHAN, 1992; DOTHAN e GITIN, 1997; 2008; 2012; GITIN, 2012; 2017; MAZOW, 2014.
Miqne 351		31° 46' 48" N 34° 51' 03" L	Campo IV Stratum VIB	Ferro I séc. XII a.C.	Filisteia	ca. 9 x 12 m	Na sala do canto sudeste (Sala "b"): fragmentos de um estojo de marfim, estilo egeu, decorado com cenas de animais em batalha (grifos, leões e touros); um vaso cerâmico zoomórfico.	Na antessala: nicho com degraus no canto sudoeste; fogueiras no piso. Na sala do canto sudeste: romã miniatura, feita de marfim.	COMPLEXO	LARGO	LARGA	(---)	NORTE	COMPLEXO	SIM (?)	NÃO	0	2	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO	PROGRESSIVO (?)	101 m PLANÍCIE	21 m COLINA	SEGREGADO	URBANO	DOTHAN, 2002; DOTHAN, GARFINKEL e GITIN, 2016; DOTHAN e DOTHAN, 1992; DOTHAN e GITIN, 1997; 2008; 2012; GITIN, 2012; 2017; MAZOW, 2014.

Tabela 3.1 Resumo Analítico

TEMPLO	PLANTA	COORDENADAS	STRATUM	DATA	CULTURA	DIMENSÕES	ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS		COMPARTIMENTOS	FORMATO		ENTRADA		PÁTIO		COLUNAS		SIMETRIA	ACESSO		ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO	CONTEXTO	FONTES		
							ICONOGRÁFICOS	OUTROS		TEMPLO	NAVE	CELA	POSIÇÃO	TIPO	EXTERNO	INTERNO	EXTERNAS		INTERNAS	EIXO						NÍVEL	PROGRESSÃO
Miqne 350-1		31° 46' 48" N 34° 51' 03" L	Campo IV Stratum V	Ferro I séc. XI a.C.	Filisteia	15 x 16 m	Sala "a": estatueta de babuíno em pedra; cabeça de estatueta em estilo egípcio. Sala "c": cavilha com duas cabeças antropomórficas.	Sala "a": pesos de tear; objeto laminado em ouro; pingentes e anéis de faiança. Sala "b": bamah ; ossos de animais; anel de faiança; peça de jogo; cratera cerâmica; cabo de faca de marfim; partes de um carro miniatura em bronze. Sala "c": bamah ; lingote de ferro; alça de caldeirão de bronze. Sala "d": fogueiras sobrepostas.	COMPLEXO	LONGO	LONGA	QUADRADA	NORTE	COMPLEXO	SIM (?)	NÃO	2	3	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO	PROGRESSIVO (?)	101 m PLANÍCIE	21 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio localizado a sudoeste da acrópole, próximo de área industrial. Sala "a": possível oficina de tecelagem.	DOTHAN, 2002; DOTHAN, GARFINKEL e GITIN, 2016; DOTHAN e DOTHAN, 1992; DOTHAN e GITIN, 1997; 2008; 2012; GITIN, 2012; 2017; MAZOW, 2014.
Miqne 350-2		31° 46' 48" N 34° 51' 03" L	Campo IV Strata V-IV	Ferro I séc. XI-X a.C.	Filisteia	15 x 16 m	(---)	Pórtico: jarro com sepultamento infantil sob o limiar.	COMPLEXO	LONGO	LONGA	QUADRADA	NORTE	COMPLEXO	SIM (?)	NÃO	2	3 (?)	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO	PROGRESSIVO (?)	101 m PLANÍCIE	21 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio localizado a sudoeste da acrópole.	DOTHAN, 2002; DOTHAN, GARFINKEL e GITIN, 2016; DOTHAN e DOTHAN, 1992; DOTHAN e GITIN, 1997; 2008; 2012; GITIN, 2012; 2017; MAZOW, 2014.
Miqne 650		31° 46' 48" N 34° 51' 03" L	Campo IV Strata IB-C	Ferro II séc. VII a.C.	Filisteia	ca. 18 x 20 m (apenas o santuário) 57 x 38 m (complexo inteiro)	Figura feminina entalhada em marfim, estilo egípcio. Frasco de perfume no formato de uma mulher. Cobra feita de ouro. Incisão de uma roseta, símbolo da deusa Ishtar, em pedra da parede. Estatueta feminina, na cela do templo. Estatueta de Pthah-Patecus. Estatueta pilar, penteado egípcio.	Cela: inscrição dedicatória real. Inscrição incisa em fragmento de vaso cerâmico: "para Baal e para Padi", em sala anexa.	2	LONGO	LONGA	PLATAFORMA	LESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	8	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	101 m PLANÍCIE	21 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio localizado a sudoeste da acrópole.	DOTHAN, 2002; DOTHAN, GARFINKEL e GITIN, 2016; DOTHAN e DOTHAN, 1992; DOTHAN e GITIN, 1997; 2008; 2012; GITIN, 2012; 2017; MAZOW, 2014.
Moza 1		31° 47' 42" N 35° 09' 50" L	Stratum VI Área B	Ferro IIA séc. X-IX a.C.	Judaíta	13 x 18 m (?)	Pátio: duas estatuetas antropomórficas; duas estatuetas zoomórficas; dois apliques zoomórficos.	Pátio: altar medindo 3 x 3 cúbitos; cálices; ossos de animais "limpos". Internamente: bancadas ao logo das paredes; base de pedras; plataforma elevada.	2 (?)	LONGO	LONGA	(---)	LESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	2	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	586 m SERRA	32 m VERTENTE	SEGREGADO	Centro urbano. Grande número de silos cavados no solo, ao redor do templo.	KISILEVITZ, 2015; 2016; KISILEVITZ et al., 2014.
Moza 2		31° 47' 42" N 35° 09' 50" L	Stratum IV Área B	Ferro IIB séc. VII-VI a.C.	Judaíta	13 x 18 m (?)	Estatuetas zoomórficas fora de contexto.	Cabeça de cetro em forma de romã. Inscrição "Zafan filho da Porta-estandarte".	2 (?)	LONGO	LONGA	(---)	LESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	>8 (?)	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	586 m SERRA	32 m VERTENTE	SEGREGADO	Centro urbano. Grande número de silos cavados no solo, na área do templo.	GREENHUT e DE GROOT, 2009; KISILEVITZ, 2015; KISILEVITZ et al., 2014.
Mudayna 149		31° 16' 52" N 35° 52' 18" L	Área A	Ferro II 800-700 a.C.	Moabita (Israelita?)	5,5 x 5,5 m	Duas cabeças de estatuetas femininas. Um torso de estatueta feminina com as mãos segurando os seios.	Um altar cilíndrico com a inscrição "altar de incenso que Elishama fez para YSP, filha de WTT". Dois altares de incenso de pedra. Suportes de pedra. Dois anéis de bronze. Um olho de Wadjet. Lâmpadas. Vasos. Bancadas.	1	QUADRADO	QUADRADA	PLATAFORMA (?)	NORDESTE, SUDOESTE (?)	SIMPLES	SIM	NÃO	0	2	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	DESCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	780 m PLANALTO	227 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Localizado no pátio interno do portal da cidade, próximo a oficinas de tecelagem.	CHADWICK, DAVIAU e STEINER, 2000; DAVIAU, 1997; 2006; 2012; DAVIAU, CHADWICK, et al., 2006; DAVIAU e DION, 2002; 2003; 2008; DAVIAU, DOLAN, et al., 2008; DAVIAU e STEINER, 2000; DION e DAVIAU, 2000.
Pella 1		32° 26' 59" N 35° 36' 49" L	Área XXXII Strata XI.3b	Bronze Médio I 1900 - 1800 a.C.	Canaanita	9 x 7 m (?)	Estratigrafia incerta: fragmentos de estatueta de marfim.	Estratigrafia incerta: lâmina de ouro; faiança; marfim; marchetado de madeira; objeto de betume.	2	QUADRADO	QUADRADA	NICHO	LESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO (?)	PROGRESSIVO	- 48 m VALE	15 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.	BOURKE, 1999; 2004; 2012; BOURKE, SPARKS, et al., 2003.
Pella 2		32° 26' 59" N 35° 36' 49" L	Área XXXII Stratum XI.3a	Bronze Médio I 1800 - 1700 a.C.	Canaanita	10 x 8 m (?)	(---)	Estratigrafia incerta: vaso de alabastro; cerno.	2 (?)	QUADRADO	QUADRADA	(---)	LESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO (?)	NÃO PROGRESSIVO	- 48 m VALE	15 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.	BOURKE, 1999; 2004; 2012; BOURKE, SPARKS, et al., 2003.

Tabela 3.1 Resumo Analítico

TEMPLO	PLANTA	COORDENADAS	STRATUM	DATA	CULTURA	DIMENSÕES	ARTEFATOS DIAGNÓSTICOS		COMPARTIMENTOS	ENTRADA																PÁTIO	COLUNAS				SIMETRIA	ACESSO			ALTITUDE	ELEVAÇÃO	SEGREGAÇÃO	CONTEXTO	FONTES
							ICONOGRÁFICOS	OUTROS		TEMPLO	NAVE	CELA	POSIÇÃO	TIPO	EXTERNO	INTERNO	EXTERNAS	INTERNAS	EIXO	NÍVEL	PROGRESSÃO																		
Pella 3		32° 26' 59" N 35° 36' 49" L	Área XXXII Stratum XI.2	Bronze Médio II 1700 - 1600 a.C.	Canaanita	22 x 16	Em provável anexo do templo: estatueta antropomórfica; esculturas zoomórficas.	Em provável anexo do templo: depósitos funerários; vasos de faiança e alabastro.	2 (?)	QUADRADO	QUADRADA	(---)	LESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO (?)	NÃO PROGRESSIVO	- 48 m VALE	15 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.	BOURKE, 1999; 2004; 2012; BOURKE, SPARKS, <i>et al.</i> , 2003.												
Pella 4		32° 26' 59" N 35° 36' 49" L	Área XXXII Stratum XI.1	Bronze Médio III 1600 - 1500 a.C.	Canaanita	32 x 24 m	(---)	Cálice de faiança. Suportes votivos cônicos. Vasos de alabastro. Vaso azul egípcio. Altar miniatura vitrificado.	2	LONGO	LARGA	LARGA	LESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO (?)	PROGRESSIVO	- 48 m VALE	15 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.	BOURKE, 1999; 2004; 2012; BOURKE, SPARKS, <i>et al.</i> , 2003.												
Pella 5		32° 26' 59" N 35° 36' 49" L	Área XXXII Stratum X.3	Bronze Recente IIB 1300 - 1200 a.C.	Canaanita	18 x 12 m	Escultura egípcia. Estatueta de Reshef. Cabeça masculina em cerâmica. Antebraço e punho de bronze. Cobra de bronze. Tira de bronze adornada com cabeças de animais. Estatuetas egípcias. Estatueta de uma figura masculina em posição de ataque.	Depósitos fundamentais, estilo egípcio. Suportes cônicos fenestrados. Vasilha cassita. Ossos de ovinos, caprinos e bovinos. Lâminas de ouro. Placas de faiança de diversas cores. Contas de pedra. Fragmentos de uma taça do período Micênico IIIA2.	2	LONGO	QUADRADA	LARGA	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	0	3 + 2 + 2	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	- 48 m VALE	15 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no alto de uma colina, bordejando a linha perimetral sul da cidade.	BOURKE, 1999; 2004; 2012; BOURKE, SPARKS, <i>et al.</i> , 2003.												
Pella 6		32° 26' 59" N 35° 36' 49" L	Área XXXII Stratum VIII.1	Ferro IIA 900 - 800 a.C.	Canaanita	12 x 8 m	Cálice com cabeça de leão. Estatueta <i>asdana</i> . Cabeças de touro adornando um templo modelo.	Altar medindo 3 x 3 cúbitos. Suportes votivos cônicos e quadrados. Templo modelo. Xícaras para incenso. Cálices. Ossos de ovinos, caprinos e bovinos.	2	LARGO	QUADRADA	LARGA	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	0	0	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	PLANO (?)	PROGRESSIVO	- 48 m VALE	15 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano, no alto de uma colina. Prédio bordejando a linha perimetral sul da cidade.	BOURKE, 1999; 2004; 2012; BOURKE, SPARKS, <i>et al.</i> , 2003.												
Qasile 319		32° 06' 06" N 34° 47' 42" L	Área C Stratum XII	Ferro I 1150-1100 a.C.	Filisteia	6,4 x 6,6 m	Vaso antropomórfico.	Cabo de faca cerimonial, em marfim. Tigelas para oferendas. Ossos de animais.	1	QUADRADO	QUADRADA	PLATAFORMA (?)	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	0	0	ASSIMÉTRICO	RETILÍNEO (?)	DESCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	18 m PLANÍCIE	18 m PLANÍCIE	SEGREGADO	Centro urbano, construído sobre um afloramento de arenito (<i>kurkar</i>), na margem norte do Rio Yarkon.	MAZAR, 1975; 1977; 1980; 1985.												
Qasile 200		32° 06' 01" N 34° 47' 37" L	Área C Stratum XII	Ferro I 1100-1050 a.C.	Filisteia	7,75 x 8,5 m	Máscara antropomórfica em tamanho natural. Duas estatuetas zoomórficas. Travessa de marfim em formato de pássaro.	Cerca de 800 contas de faiança. Concha usado como trombeta. Dezenas de tigelas votivas. Lâmpada.	1	QUADRADO	QUADRADA	PLATAFORMA (?)	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	0	0	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	DESCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	18 m PLANÍCIE	18 m PLANÍCIE	SEGREGADO	Centro urbano, construído sobre um afloramento de arenito (<i>kurkar</i>), na margem norte do Rio Yarkon.	MAZAR, 1975; 1977; 1980; 1985.												
Qasile 300		32° 06' 01" N 34° 47' 37" L	Área C Stratum XII	Ferro I 1100-1050 a.C.	Filisteia	2,20 x 4,18 m	Estatuetas zoomórficas.	Três suportes, cilíndricos e fenestrados, para oferendas. Pratos rituais. Cálices. Taças. Lâmpadas.	1	LARGO	LARGA	PLATAFORMA (?)	NOROESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	0	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	ASCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	18 m PLANÍCIE	18 m PLANÍCIE	SEGREGADO	Centro urbano, construído sobre um afloramento de arenito (<i>kurkar</i>), na margem norte do Rio Yarkon.	MAZAR, 1975; 1977; 1980; 1985.												
Qasile 131		32° 06' 01" N 34° 47' 37" L	Área C Stratum XII	Ferro I 1050 a.C.	Filisteia	8 x 14,5 m	(---)	Vaso de alabastro. Muitos pequenos vasos cerâmicos.	2	LARGO	QUADRADA	PLATAFORMA (?)	NOROESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	0	2	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	18 m PLANÍCIE	18 m PLANÍCIE	SEGREGADO	Centro urbano, construído sobre um afloramento de arenito (<i>kurkar</i>), na margem norte do Rio Yarkon.	MAZAR, 1973; 1977; 1975; 1980; 1985.												

Tabela 3.1 Resumo Analítico

Templo	Planta	Coordenadas	Stratum	Data	Cultura	Dimensões	Artefatos diagnósticos		Compartimentos	Formato		Entrada		Pátio		Colunas		Simetria	Acesso		Altitude	Elevação	Segregação	Contexto	Fontes		
							Iconográficos	Outros		Templo	Nave	Cela	Posição	Tipo	Externo	Interno	Externas		Internas	Eixo						Nível	Progressão
Qitmit A1		31° 11' 03" N 35° 04' 03" L	Complexo A Fase 1	Ferro II séc. VII-VI a.C.	Edomita	10,5 x 5 m	Figuras antropomórficas e zoomórficas, incluindo representações de gado, ovelhas, pássaros e uma esfinge. Um selo com uma figura com vestes longas e braços elevados. Cabeça em cerâmica de um ser antropomórfico com três chifres.	Três cálices de cerâmica decorados com romãs. Altares miniaturas. Copos perfurados para queima de incenso. Suportes cilíndricos para oferendas. Vários anéis e brincos no formato de crescente. Cinco óstracos, um deles com o nome de Qas , a principal divindade Edomita	3	LARGO	LONGA	LONGA	SUL	SIMPLES	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	ANGULAR	ASCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	517 m PLANALTO	70 m COLINA	SEGREGADO	Instalação isolada, no topo de uma colina, sem evidência de assentamento nas imediações.	BEIT-ARIEH, 1988; 1991; 1995; 1996.
Qitmit A2		31° 11' 03" N 35° 04' 03" L	Complexo A Fase 2	Ferro II séc. VII-VI a.C.	Edomita	10,5 x 5 m	[vide Qitmit A-1]	[vide Qitmit A-1]	3	LARGO	LONGA	LONGA (?)	SUL	SIMPLES	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	DIFUSO	ASCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	517 m PLANALTO	70 m COLINA	SEGREGADO	Instalação isolada, no topo de uma colina, sem evidência de assentamento nas imediações.	BEIT-ARIEH, 1988; 1991; 1995.
Sarepta 1		33° 28' 10" N 35° 18' 15" L	Área II Sondagem X A-4/B-4 Nível 3	Ferro IIC séc. VIII-VII a.C.	Fenícia	2,56 x 6,40 m	Estatuetas cerâmicas de figuras femininas, zoomórficas e de divindades egípcias, incluindo Horus, Bes, Ptah e Bastet. Estatueta funerária <i>Shawabti</i> . Máscara. Olhos de Horus. Esfinges flanqueando um trono cerâmico.	Bancadas ao longo das paredes internas. Altar para libações. Pilar sem função estrutural, do tipo <i>baetyl</i> . Fragmentos de marfim. Vaso de alabastro. Contas. Peças de jogo.	1	LARGO	LONGA	PLATAFORMA (?)	SUL	SIMPLES	NÃO	NÃO	0	¹ <i>baetyl</i>	SIMÉTRICO (?)	ANGULAR	ASCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	12 m PLANÍCIE	12 m PROMONTÓRIO	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio próximo ao porto. Setor industrial de produção de cerâmica, tintura púrpura, joias e óleo de oliva.	PRITCHARD, 1971; 1975; 1978; 1988; PRITCHARD, ANDERSON, et al., 1975.
Sarepta 2		33° 28' 10" N 35° 18' 15" L	Área II Sondagem X A-4/B-4 Nível 3	Ferro IIC séc. VII a.C.	Fenícia	(?) x 6,40 m	Estatuetas cerâmicas de mulher grávida sentada.	(—)	1	LONGO	LONGA	(—)	LESTE	SIMPLES	NÃO	NÃO	0	NÃO	ASSIMÉTRICO	ANGULAR	ASCENDENTE	NÃO PROGRESSIVO	12 m PLANÍCIE	12 m PROMONTÓRIO	SEGREGADO	Centro urbano. Prédio próximo ao porto. Setor industrial de produção de cerâmica, tintura púrpura, joias e óleo de oliva.	PRITCHARD, 1971; 1975; 1978; 1988; PRITCHARD, ANDERSON, et al., 1975.
Safi A		31° 42' 13" N 34° 51' 05" L	Área A Stratum A4	Ferro IIA Séc. X-IX a.C.	Filisteia	7 x 7,5 m (?)	(—)	Duas colunas internas. Bancadas ao longo das paredes. Vários cálices rituais encontrados próximos e associados ao templo.	1	QUADRADO	QUADRADA	(—)	?	?	?	?	0	2	ASSIMÉTRICO (?)	?	PLANO (?)	NÃO PROGRESSIVO	158 m PLANÍCIE	50 m COLINA	?	Centro urbano. Ao lado de oficinas de metalurgia. Sob uma instalação de culto na camada imediatamente acima.	MAEIR, 2010a; 2010b; 2012a; 2012b.
Siló: Tabernáculo		32° 03' 24" N (?) 35° 17' 23" L (?)	(—)	Bronze Recente - Ferro I (?) Séc. XV-XI a.C. (?)	Israelita	10 x 30 cúbitos 4,55 x 13,65 m (?)	Duas estátuas de querubins sobre a arca. Imagens de querubins adornando cortinas e véu.	Pátio: altar para sacrifícios; pia para abluções. Santo: altar de incenso; mesa para pães; candelabro. Santo dos Santos: arca de ouro contendo duas estelas com inscrições.	2	LONGO	LONGA	QUADRADA	LESTE	SIMPLES	SIM	NÃO	0	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	PLANO	PROGRESSIVO	704 m (?)	40 m (?)	SEGREGADO	Estrutura desmontável e itinerante, montada finalmente na cidade de Siló, onde teria permanecido por quatro séculos.	Ex 25-31; 35-40.
Tayinat II		36° 14' 53" N 36° 22' 33" L	Área Central Oeste	Ferro II 825-720 a.C.	Síria: Neo-Assíria	11,75 x 25,35 m	Pórtico: Base da coluna formada por dois leões.	Compartimento mais recôndito: Altar.	2	LONGO	LONGA	LARGA	LESTE	COMPLEXO	SIM	NÃO	2	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	101 m PLANÍCIE	15 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Localizado na acrópole, próximo de palácio e do templo Tayinat XVI.	HAINES, 1971; HARRISON, 2007; 2009a; 2009b; 2010; 2012; 2014; HARRISON e OSBORNE, 2012; MCEWAN, 1937.
Tayinat XVI		36° 14' 53" N 36° 22' 33" L	Área Central Oeste Campo 2	Ferro II Séc. IX-VI a.C.	Síria: Neo-Assíria	9 x 21 m	Fragmento da incrustação de um olho. Artefatos com figuras antropomórficas e zoomórficas.	Compartimento mais recôndito: Plataforma. Altar. Lâmpadas. Vasos de libação. Escudo de ferro. Fragmentos de ouro, bronze e ferro. Incrustações de marfim. Tablettes cuneiformes, inclusive um tratado entre Esarhaddon e o governador de Kulania.	2	LONGO	LONGA	LARGA	SUL	COMPLEXO	SIM	NÃO	1	0	SIMÉTRICO	RETILÍNEO	ASCENDENTE	PROGRESSIVO	101 m PLANÍCIE	15 m COLINA	SEGREGADO	Centro urbano. Localizado na acrópole, próximo de palácio e do templo Tayinat II.	HARRISON, 2007; 2009a; 2009b; 2010; 2012; 2014; HARRISON e OSBORNE, 2012.

CONTINUA NO

TOMO I – Página 381